



Universidade do Minho
Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Maria Constantino Meireles de Sousa Machado

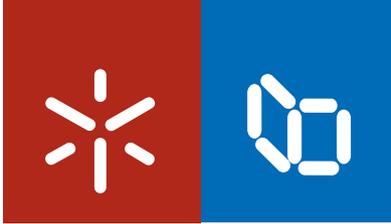
**"Pavorosa Ilusão da Eternidade":
o Libertinismo em Portugal no Século XVIII**

**"Pavorosa Ilusão da Eternidade":
o Libertinismo em Portugal no Século XVIII**

Maria Constantino Meireles de Sousa Machado

UMinho | 2023

dezembro de 2023



Universidade do Minho
Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Maria Constantino Meireles de Sousa Machado

**"Pavorosa Ilusão da Eternidade":
o Libertinismo em Portugal no Século XVIII**

Tese de Doutoramento
Doutoramento em Filosofia

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Pedro Miguel Páscoa Santos Martins

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial
CC BY-NC

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, Sr. Prof. Doutor Pedro Páscoa Martins pela abertura, tolerância e chegada a bom porto desta tese.

Agradeço, também, ao Sr. Prof. Doutor Fernando Augusto Machado pelo acolhimento do projeto na Universidade do Minho.

Agradeço aos funcionários da Torre do Tombo, aos funcionários da Biblioteca Nacional, da Biblioteca Municipal do Porto e do Arquivo Distrital de Braga pela disponibilidade e simpatia demonstrada.

Mais agradeço ao Sr. Prof. Doutor Anthony Mckenna, ao Sr. Prof. Doutor Olivier Bloch e ao Sr. Prof. Doutor Marc Fumaroli pelas conversas e trocas de ideias que me inspiraram e motivaram a conduzir a investigação nesta área.

Um agradecimento muito especial à Ana Margarida Noronha e um obrigada à Marta Dias Neves.

Aos meus queridos pais, Maria José e João.

Dedicatória

Ao João e ao Paulo companheiros e inspiração desta jornada.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

“Pavorosa Ilusão da Eternidade”: o Libertinismo em Portugal no Século XVIII

Resumo

A tese apresenta um estudo acerca do libertinismo setecentista em Portugal. O conceito de libertinismo inclui um espectro lato de sentidos, que abarca um livre-pensamento que se espraia desde textos filosóficos até à pornografia.

O livre-pensamento libertino, abjugava o Homem da sujeição da Religião, do pecado, do medo ou da promessa da Eternidade, minou os pilares da Monarquia Absoluta de Direito Divino e entregou ao Homem o seu destino, dando-lhe instrumentos para regular o seu estar no meio coletivo, na sociedade, e por isso é, também, político. Mas a noção de libertinismo, pensamento livre, heterodoxo e, por vezes, oposicionista, deve ser considerada no contexto do regime político do Absolutismo Monárquico e da imprescindível ortodoxia religiosa. Nem sempre os libertinos foram críticos do Absolutismo Monárquico, mas foram, outrossim, *deniaisés*¹ que perceberam o *modus faciendí*² absolutista da manipulação política das religiões.

Temos, por linhas motoras, o pensamento libertino francês de origem lucrécio-epicurista oriundo do primeiro quartel do século XVII para onde evoluiu, revigorado pelo humanismo renascentista. Contextualizamos, historicamente, o conceito de libertino, libertinismo e libertinagem. Procedemos à distinção, às similitudes, interceções, raiz e percurso comum entre libertinismo erudito e libertinismo hedonista.

Focados na realidade portuguesa setecentista, concentrámo-nos nos dois indubitáveis libertinos portugueses, francamente influenciados por este pensamento filosófico, José Anastácio da Cunha e Manuel Maria Barbosa du Bocage. Debruçamo-nos sobre o falso renomado libertino Francisco Xavier de Oliveira, Cavaleiro de Oliveira, a fim de explicar, porque, com base no conceito de libertinismo que exploramos, não o podemos qualificar como libertino.

Expusemos versos avulsos, que investigámos nos arquivos portugueses, cuja matriz se nos afigura libertina. Examinamos, também, o teor de vários processos da Inquisição e da Real Mesa Censória que investigavam e processavam libertinos.

Concluimos que, apesar de forma bem mais ténue do que em França, houve, entre nós, algum lampejo de libertinismo.

Palavras-chave: José Anastácio da Cunha, Libertinismo erudito, Manuel Maria Barbosa du Bocage, processos da Inquisição, versos obscenos.

¹ “Astutos, sagazes, perspicazes.”

² “Modo de fazer ou de proceder.”

“Effroyable Illusion de l’Éternité” : le libertinage au Portugal au XVIIIe siècle

Résumé

Cette thèse est une étude sur le libertinage, au XVIIIe siècle, au Portugal. Le concept de libertinage admet un large éventail de significations englobant une libre pensée qui s’étend des textes philosophiques à la pornographie.

La libre pensée libertine qui a libéré l’homme de la sujétion à la religion, au péché, à la peur et à la promesse de l’éternité, a miné les piliers de la Monarchie de Droit Divin et a rendu l’Homme à son destin, lui donnant des instruments pour s’épanouir dans l’environnement collectif et dans la société, et est donc, aussi, politique. Mais la notion de libertinage, libre-pensée hétérodoxe, est parfois paradoxale et doit être considérée dans le contexte du régime politique de l’Absolutisme Monarchique et de l’indispensable orthodoxie religieuse. Les libertins n’étaient pas toujours critiques de l’Absolutisme Monarchique, mais ils étaient surtout des déniaisés qui percevaient le *modus faciendi* absolutiste de la manipulation politique des religions.

Nous avons comme lignes directrices la pensée libertine française d’origine lucrétienne-épicurienne provenant du premier quart du XVII^e siècle qui a été influencée par l’humanisme de la Renaissance. On a contextualisé, historiquement, le concept de libertin, de libertinage érudit et de libertinage hédoniste. On a aussi établi les différences, les similitudes et les points communs à l’origine et au parcours de ces deux faces du libertinisme.

Axés sur la réalité portugaise du XVIII^e siècle, nous nous sommes concentrés sur les deux incontestables libertins portugais, assurément influencés par cette pensée philosophique, José Anastácio da Cunha et Manuel Maria Barbosa du Bocage. Nous avons, aussi, étudié le faux libertin Francisco Xavier de Oliveira, Cavaleiro de Oliveira, afin d’expliquer pourquoi, en fonction de notre concept de libertinage, on ne peut le qualifier de libertin.

On a, également, exposé des vers isolés, étudiées dans les archives portugaises, dont la matrice nous semble libertine. Nous avons, finalement, examiné le contenu de divers processus de l’Inquisition et de la Real Mesa Censória qui enquêtaient et poursuivaient les libertins.

Notre conclusion est que, quoique de façon bien plus modeste qu’en France, il y a eu, parmi nous, quelques vestiges de libertinage.

Mots clefs : José Anastácio da Cunha, Libertinage érudit, Manuel Maria Barbosa du Bocage, procédures de l’Inquisition, vers obscènes.

Conteúdo

Introdução	1
1. Sobre o libertinismo	1
2. Roteiro metodológico	4
3. O impacto do libertinismo em Portugal	6
4. A receção do libertinismo: razão <i>versus</i> religião	10
5. Plano da Tese	17
Parte I	19
Libertinismo: pensamento filosófico e forma de vida	19
Capítulo I - Acerca das interpretações de Libertinismo	20
1. Contextos históricos: “Libertino”, “libertinismo” e “libertinagem”	20
2. Libertino: consolidação de um significado	22
3. Libertinismo erudito ou hedonista?	28
3.1 O Libertinismo Erudito	29
3.2 O Libertinismo Hedonista	61
4. Libertinismo erudito e hedonista: duas faces da mesma moeda	69
Capítulo II - Cinco teses capitais para compreender o libertinismo em Portugal no século XVIII	76
1. Primeira tese heterodoxa: a desculpabilização da moral da carne	76
2. Segunda tese heterodoxa: a identidade de Deus e da Natureza	79
3. Terceira tese heterodoxa: as religiões são obra dos homens	80
4. Quarta tese heterodoxa: identidade da alma e do corpo	81
5. Quinta tese heterodoxa: a dissimulação como essência do Libertinismo	83
Parte II	84
O Libertinismo em Portugal no século XVIII	84
Capítulo III – A interpretação do libertinismo em Portugal	85

1. Interpretação do conceito nos documentos setecentistas	87
1.1 Nos dicionários portugueses da época	87
1.2 Nos dicionários e nas obras teológicas da época encontrados em bibliotecas portuguesas	90
2. Aceção da expressão em dicionários da atualidade	133
3. Breviário do (pre)conceito de libertinismo em Portugal	135
Capítulo IV - José Anastácio da Cunha: o Panteísta Naturalista	140
1. Um percurso da Praça à Academia	141
2. O livre-pensamento anastaciano	150
3. “A Voz da Razão”: entre Anastácio da Cunha e Bocage	181
Capítulo V - Manuel Maria Barbosa du Bocage: o Erotismo Epicurista	198
1. O percurso intelectual de Bocage	198
2. O livre-pensamento bocagiano	200
3. Versos e ideias políticas	242
Capítulo VI – Cavaleiro de Oliveira: o falso libertino	252
Parte III	261
Ecos libertinos	261
Capítulo VII - Versos licenciosos libertinos	262
1. O preço da liberdade	262
2. Caetano José da Silva de Souto Mayor	268
3. Tomás Pinto Brandão	272
4. Nicolau Tolentino de Almeida	276
5. António Lobo de Carvalho	276
6. João Maldonado	290
7. Clandestinos, anticristãos e obscenos	291
Capítulo VIII – Heterodoxos nos processos da Inquisição	293

1. A Inquisição	293
2. A Real Mesa Censória	296
3. Processos posteriores à criação da Real Mesa Censória	304
4. Real Comissão Geral sobre o Exame e Censura de Livros	308
5. Processos resultantes da devassa de Valença	310
6. O regresso da Inquisição	313
7. Ideários libertinos e heresias	315
Capítulo IX – Considerações finais	319
Bibliografia	325
1 Fontes	325
1.1 Fontes Manuscritas	325
1.2 Fontes Impressas	327
2 Bibliografia Passiva	334

Introdução

1. Sobre o libertinismo

O tema libertinismo está, no imaginário coletivo, associado a devassidão ou costumes ligeiros. Numa qualquer pesquisa no motor de busca Google, muito antes de se encontrar a definição de libertinismo, no sentido de pensamento filosófico, chegaremos à definição de “Viver sem regras, sem doutrina, ser libertino. Viver experimentando todos os prazeres da vida. Libertinismo é experimentar todos os prazeres da vida”.³ A componente religiosa, filosófica, política e epicurista só surge muitas entradas depois. Por outro lado, surgem-nos, de forma indistinta, as figuras do livre-pensador, do libertino ou daquele que exprime a sua liberdade de opinião como vozes do libertinismo, sendo, a maioria das vezes, este exercício da liberdade confundido com licenciosidade, e até pornografia.

Na realidade, foi só recentemente, no âmbito da filosofia e história das ideias que o movimento que René Pintard estudou e qualificou de Libertinagem Erudita⁴ deu origem ao qualificativo de Liberdade de Pensamento, que abrirá caminho à liberdade de opinião, conquista da Revolução Francesa.

Liberté de pensée,⁵ no final do século XVII, é, por vezes, usado com o mesmo sentido que *libertinage d'esprit*. Na verdade, quem defendeu essa liberdade nunca pensou numa caracterização específica para a qualificar, usando tão-só perífrases como “apoiantes da liberdade de pensamento”, “pessoas que pensam livremente”, “espíritos livres” ou “livre-pensamento”. Já mais tardiamente, surgirá o qualificativo “livre-pensador” e o seu uso raro permite que se entenda que é uma expressão marginal, podendo, inclusivamente, interpretar-se que esta imprecisão conceptual possa ter sido tática e propositada.

A frase “liberdade de pensamento (de algo)” converteu-se, sob a influência do deísmo inglês, particularmente após a tradução francesa do *Tratado de Collins*, em 1714, na “liberdade de pensamento” que cobre um campo semântico metafísico e anticlerical, mas só o filósofo, sobretudo a partir de 1743, se atreverá a pensar livremente e sem restrições.

³ s.a. “Libertinismo,” Dicionário InFormal, [acedido outubro 26, 2022]. <https://www.dicionarioinformal.com.br/libertinismo/>.

⁴ René Pintard, *Le Libertinage Érudit Dans La Première Moitié Du XVIIe Siècle*. Genève: Éditions Slatkine, 2000.

⁵ “Liberdade de pensamento”

⁶ “Libertinagem espiritual”

Pelo que, de aí em diante, o termo “livre-pensamento” patenteará as qualidades dos “defensores da liberdade de pensamento”. O “livre-pensador” heterodoxo racionalista suplantou, a partir do século XVIII, o *esprit fort*, o libertino, herdados do século XVII.⁸ Ou seja, o uso filosófico da expressão libertinagem diminuiu, crescentemente, ao longo do século XVIII, dando lugar às expressões mais características, tais como a “liberdade de pensamento” ou Filosofia.⁹

“Livre-Pensamento” tornou-se uma noção fundamental para designar um certo tipo de racionalismo arreligioso que é aplicado ao conjunto da história intelectual europeia. Os termos “livre-pensamento” e “livre-pensador”, influenciados pelo modelo inglês do *free-thinker*¹⁰ caracterizam os sujeitos que reivindicam o direito e o poder de pensar livremente. Trata-se de uma expressão que, praticamente, não existia na primeira metade do século XVIII e cuja utilização continuou muito rara, na segunda metade do século.

A edição Kehl da obra de Voltaire, no prefácio ao *Tratado de Tolerância*, refere: *On a dit dans quelques brochures que les “libre penseurs” étaient intolérants ce qui est absurde, puisque liberté de penser et tolérance sont synonymes*¹¹, pelo que atribui conotação positiva a “livre-pensador” que apresenta como “defensor da tolerância”, e aproxima-o do comum qualificativo de “filósofo”.

Esta expressão, diretamente associada às reivindicações do Iluminismo, vai, assim, adquirindo um significado diferente do termo originário “espírito forte” e algo distinto de “libertino” que já tende a ser relacionado com deboche. Comparado com o termo “filósofo”, “livre-pensador” tinha um uso marginal e raro. No entanto, com o eclodir da Revolução Francesa o termo “pensador livre” surge no título de um jornal anticonstitucional que apela à liberdade de expressão política. Verifica-se uma ressurreição daquela noção, inspirada nas origens da história do conceito e ligada à liberdade de pensamento religioso, que na Revolução Francesa se enriquece com a dimensão política, convertendo-se em “liberdade de opinião”.¹²

A presente tese pretende ser um estudo acerca do libertinismo setecentista, em Portugal. O conceito de libertinismo inclui um espectro lato de sentidos que abarca um livre-pensamento que se

⁷ Qualificavam-se, à época, como “espíritos fortes”, os pensadores com vocação irreligiosa.

⁸ Ferdinand Brunot, *Histoire de La Langue Française Des Origines à 1900. 6, 1-2, Le XVIIIe Siècle*. Paris: A. Colin, 1930. p. 20.

⁹ François Moureau. “Libertinage” In *Encyclopédie Philosophique Universelle. Les Notions Philosophiques*. Vol. II t. 1.. Paris: PUF, 1990. pp. 1481-1482

¹⁰ Livre-pensador.

¹¹ “Foi dito, em algumas brochuras, que os livres-pensadores eram intolerantes o que é um absurdo, já que a liberdade de pensar e a tolerância são sinónimos.” (Tradução nossa.) François Marie Arouet de Voltaire, “Traité Sur La Tolérance. Tome 25,” in *Œuvres Complètes*, Édition Ga, 1879, 13–18, https://fr.wikisource.org/wiki/Traité_sur_la_tolérance/Édition_Garnier_1879/Avertissement.

¹² Jens Häsel, “Liberté de Pensée’. Éléments d’Histoire et Rayonnement d’un Concept”, em *La Philosophie Clandestine à l’Âge Classique. Actes Du Colloque de l’Université Jean Monnet Saint-Étienne Du 29 Septembre Au 2 Octobre 1993*, ed. Antony McKenna e Alain Mothu. Paris-Oxford: Universitas et Voltaire Foundation, 1997. pp. 495–507.

espraia desde textos filosóficos até à pornografia. A noção teleológica, arqueológica e ontológica de libertinismo, pensamento livre, heterodoxo e, por vezes,¹³ oposicionista deve ser considerada no contexto do regime político do Absolutismo Monárquico e da imprescindível ortodoxia religiosa.

O livre-pensamento libertino, abjugando o homem da sujeição da religião, do pecado, do medo ou da promessa da Eternidade, minou os pilares da Monarquia Absoluta¹⁴ de Direito Divino e entregou ao Homem o seu destino, dando-lhe instrumentos para regular o seu estar no meio coletivo, na sociedade, e por isso é, também, político. Foi determinante para o encaminhamento do que Francis Fukuyama rotula de Liberalismo Clássico, ideologia viva, nascida no seguimento da Revolução Francesa¹⁵, no final do século XVIII.

Nunca é demais destacar o caráter polimórfico do libertinismo/libertinagem, nos séculos XVII e XVIII, porque esta ética abarca inúmeros pensamentos e inteligências que têm como vetor comum uma atitude de não acolhimento da postura ética, cultural e filosófica dominante. São traços predominantes o Materialismo, o Naturalismo filosófico¹⁶ e o Deísmo. Na constelação libertina está, sobretudo, patente a crítica da Religião como manipulação política. A religião é mesmo vista como um instrumento ao serviço do poder. Questiona-se a imortalidade da alma, defende-se, frequentemente, o Deísmo e também o Ateísmo. Na base do pensamento libertino está a conceção clássica de Epicuro expressa numa ligação constitutiva entre a libertação dos preconceitos, verdade e felicidade individuais e coletivas.¹⁷

Muitos libertinos alcançam, assim, uma crítica antiteológica que compreende que o poder tem alicerces religiosos, porque conhece a relatividade da moral em função da diversidade das religiões, da

¹³ Nem sempre os libertinos foram críticos do absolutismo monárquico. Foram, outrossim *deniaisés* que perceberam o *modus faciendi* absolutista.

¹⁴ “Portugal era desde a sua separação da coroa de Leão uma monarquia e o poder do rei só estava limitado pelas leis fundamentais do reino, que, no caso português, eram as chamadas 'Leis de Lamego', as quais estabeleciam as regras de sucessão na mesma coroa. Com essa única restrição, baseado no 'Doutíssimo De Real', Portugal era um 'Governo Monárquico, aquele em que o Supremo Poder reside todo inteiramente na Pessoa de um só Homem, o qual (Homem) ainda que se deve conduzir pela razão, não reconhece contudo outro superior (no Temporal) que não seja o mesmo Deus, o qual (Homem) deputa as pessoas que lhe parecem mais próprias para exercitarem os diferentes ministérios do Governo; e o qual (Homem, finalmente) faz as Leis, e as derroga, quando bem lhe parece”. Assim se afirmava sem margens para equívocos na Dedução Cronológica... Anos mais tarde, nas Observações Secretíssimas de 1775, Pombal explicitaria com transparência a forma como se concretizavam os referidos postulados. Enquanto na maior parte das cortes da Europa a consistência dos governos era enfraquecida por discórdias e divisões, “em todo o Portugal e seus domínios, não soam outras razões que não sejam as que baixam do real trono da sua Majestade, que deles são ouvidas com suma reverência, por se acharem os vassallos do mesmo senhor constituídos na firmíssima fé, que só ele determina o que é mais útil aos seus vassallos, e de que a todos ama e ampara como a filhos, e não como a súbditos. Por isso mesmo, como antes exuberantemente viu, a simples discordância de uma lei foi reiteradamente reputada de “crime de lesa-majestade”. Contrariamente ao que se possa eventualmente pensar, essa atuação, considerada despótica, implicava uma efetiva rutura como que era, até então, a prática corrente. (Nuno Gonçalo Monteiro, *D. José. Na Sombra de Pombal*. Mem Martins: Circulo de Leitores, 2006. p. 232).

¹⁵ Francis Fukuyama, *Liberalismo e Seus Descontentes*. Alfragide: Dom Quixote, 2022. p. 14..

¹⁶ Jean-Claude Bourdin, *Les Matérialistes Au XVIIIe Siècle. Textes Choisis et Présentés Par Jean-Bourdin*, ed. Petite Bibliothèque Payot. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1996. pp. 271-282.

¹⁷ Maria Constantino Meireles de Machado, “La Mort d'Agrippine, de Cyrano de Bergerac : Uma Tragédia Sem Eternidade” (Universidade do Porto, 2002), http://aleph.letras.up.pt/F?func=find-b&find_code=SYS&request=000135721.

lei e dos costumes. No polo extremo, alguns dos pensadores do libertinismo (que, nunca é demais destacar, é um movimento plural), defendem que Cristo é um impostor (é o caso do *Tratados dos Três Impostores*), que a Bíblia é uma fábula e que Deus é a Natureza. A religião é *reçeuë par mains & moyens humains*.¹⁸ Aliás, argumentam alguns, os crentes estão em desacordo sobre a natureza de Deus. Destaca-se, também, o elitismo libertino (os libertinos defendem que se trata de um pensamento só discernível aos *esprits forts*, aos *deiniaisés* e nunca *à sottie multitude*¹⁹).

Sabemos que é um livre-pensamento multifacetado cujos ecos chegaram até ao nosso país foram, essencialmente, emitidos em França. A sua configuração mais acabada, com as manifestações que analisaremos no século XVIII, em Portugal, teve aprofundamento na primeira metade do século XVII, em França, e foi disseminada por *esprits forts*, livres-pensadores, tais como Pierre Gassendi, François Le Motte Le Vayer, Gabriel Naudé, ou Cyrano de Bergerac. Estes, por sua vez, foram influenciados por pensadores e filósofos do precedente século XVI: o professor Cesare Cremonini, da Universidade de Pádua (crítico da escolástica), os renascentistas Michel de Montaigne, Nicolau Maquiavel, Jean Bodin e Pietro Pomponazzi; os pensadores da transição do século XVI para o XVII, Pierre Charron e Júlio César Vaninni e os já longínquos Epicuro e Lucrécio, dos quais deriva a ética libertina. A transição do pensamento libertino do século XVII para o século XVIII, em França, foi feita por intermédio de Pierre Bayle e François de Malherbe e deu, inclusive, indiretamente, origem ao libertinismo de Voltaire e ao enciclopedismo.

O libertinismo hedonista é crucial na manifestação libertina, já que sendo a forma mais conhecida e divulgada da realidade plural que estudamos, é, com muita frequência, percecionada como lugar-comum. Existe uma banalização, deturpação e incompreensão desse libertinismo, muitas vezes limitado a uma divulgação incauta e deturpada da obra do Marquês de Sade e das tão vulgarizadas *Liaison Dangereuses* de Pierre Choderlos de Laclos.

2. Roteiro metodológico

Propomos a análise do impacto em Portugal, e na cultura portuguesa, do livre-pensamento seiscentista e setecentista libertino. Por conhecermos a importância do Iluminismo para a evolução da humanidade, sabendo da influência decisiva do pensamento libertino para o Iluminismo e recordando que os séculos XVII e XVIII franceses foram rececionados, em simultâneo, no nosso país, no século XVIII,

¹⁸ "A religião é acatada por mãos e meios humanos." (Françoise Charles-Daubert, *Les Libertins Érudits En France Au XVII Siècle*. Paris: PUF, 1998. p. 115.)

¹⁹ A multidão tola.

procurámos encontrar ecos deste pensamento em arquivos e obras portuguesas relativos a este último século.

A fim de clarificar o conceito de libertinismo procuraremos analisar o seu posicionamento na forte ortodoxia e censura lusa. O nosso prisma é o adveniente de França, onde, desde o início do século XVII, a influência do pensamento é pungente. Apresentaremos o pensamento dos libertinos filósofos tentando discernir a sua postura no que à ordem civil, política e religiosa diz respeito.

Explanaremos a receção e difusão do Libertinismo em Portugal, quais os veículos e os recetores da corrente deste pensamento no território nacional, as universidades, os círculos militares e as tertúlias, entre outros.

Sondaremos, também, as presenças de obra de autores libertinos estrangeiros, com o objetivo de examinar o eventual impacto e legado desta corrente de pensamento no ambiente intelectual e instituições portuguesas do século XVIII.

A tese assenta numa pesquisa exaustiva e aprofundada de fontes primárias, tais como os Arquivos das Inquirições de Coimbra, Lisboa e Évora, procedendo a novas leituras de objetos já estudados e à recolha de novas informações em fontes ainda não destrinçadas. Logo numa primeira fase da investigação, debruçada sobre os Arquivos da Inquirição de Coimbra, verificámos a existência de inúmeros elementos característicos do multiforme pensamento libertino preexistente na França seiscentista.

Investigámos dicionários, enciclopédias e obras teológicas, da época que nos concerne, na Biblioteca Nacional, na Biblioteca Municipal do Porto e no Arquivo Distrital de Braga, no sentido de tentar apreender qual a essência e a compreensão da expressão Libertinagem/Libertinismo em Portugal na época que nos interessa. Resultou que, nos mesmos, fossem teológicos, fossem temporais, a expressão está sempre ligada a um sentido de tomada de liberdade em relação à Religião e de livre-pensamento político, ou seja, liberdade relativamente à autoridade.

Em busca dos protagonistas do libertinismo em Portugal, identificámos duas figuras maiores da época: José Anastácio da Cunha e Manuel Maria Barbosa du Bocage. Estudámos toda a sua obra, mas debruçámo-nos também sobre Francisco Xavier de Oliveira (conhecido como Cavaleiro de Oliveira), cujo renome de libertino em alguns autores e na opinião culta portuguesa, no nosso entender, não se enquadra na concreta aceção teológica, filosófica, cultural e política do libertinismo.

Considerámos, também, versos avulsos de autores setecentistas que exteriorizam laivos libertinos, mas cuja obra não é dotada de densidade suficiente para nos pronunciarmos acerca de algum pensamento libertino coerente e definitivo.

No plano internacional, o estudo do libertinismo também não é, ainda, de grande divulgação, todavia incidimos sobre a doutrina de autores de várias áreas dos estudos humanísticos europeus, como Jean Pierre Cavallé, Isabelle Moreau, Jean-Charles Darmon, Antony Mckenna, Alain Mothu, Olivier Bloch, Françoise Charles-Daubert, Tullio Gregory e Miguel Benitez, assim como dos norte-americanos Jonathan Israel e Robert Darnton. Noutro pólo, considerámos os pioneiros do estudo do libertinismo, menos restridentes quanto ao sentido do conceito, como Jacques Prevot, Frédéric Lachèvre, Antoine Adam e René Pintard.²⁰

3. O impacto do libertinismo em Portugal

Como refere Jean-Pierre Cavallé, libertinagem e libertinismo são vocábulos diferentes que exprimem a mesma realidade.²¹ Não interpretamos, necessariamente, como libertinismo, o exercício da mera, e gratuita, blasfémia porque compreendemos que as raízes do libertinismo, oriundas do afastado início do século XVII francês, emanam de uma erudição que as herdou do pensamento renascentista que, por sua vez, as foi buscar a Lucrécio e Epicuro.

Por outro lado, se existe uma propensão para qualificar de libertinos todos os leitores da literatura das Luzes e até os apoiantes da Revolução; todavia, libertinos serão os que reequacionam os fundamentos dos dogmas cristãos no sentido de compreender a hipocrisia da religião enquanto suporte da monarquia absoluta. Antony Mckenna aponta, mesmo, que se trata de um pensamento anticristão.

Acresce que confundir a crítica libertina com o pensamento anticlerical é incorreto. Os libertinos discerniram a importância da religião cristã para a manutenção e cristalização da monarquia, para o controle das massas.²² A sua postura tanto pode ser de crítica como pode ser de compreensão desta política barroca (caso dos libertinos do início do século XVII francês), todavia é, sempre, *deniaisé*²³: começou por ser cética e pirrónica no início da modernidade para culminar na razão do Iluminismo.

²⁰ Data de 2019, a tese de doutoramento defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que, a propósito de Luís Pacheco, também se debruça sobre o conceito de Libertinismo. Rui Daniel do Nascimento e Sousa, "Libertino: Revisões de Um Conceito Através Do Caso de Luiz Pacheco". Universidade de Lisboa, 2019. Data de 2019, de a tese de doutoramento defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que, a propósito de Luís Pacheco, também se debruça sobre o conceito de Libertinismo. Rui Daniel do Nascimento e Sousa, "Libertino: Revisões de Um Conceito Através Do Caso de Luiz Pacheco". Universidade de Lisboa, 2019.

²¹ Jean-Pierre Cavallé, "La polémique anti-libertine et anti-libertaire contemporaine : catholiques, libéraux, libertariens", Les dossiers de Jean-Pierre Cavallé Libertinage, athéisme, irrégion. Essais et bibliographie IV. <<https://journals.openedition.org/dossiersgrhl/3495>> [acedido 11 outubro 2022].

²² Tal como os ideólogos do nosso regime absolutista do século XVIII.

²³ Isabelle Moreau; Jean-Pierre Cavallé. "Les Déniaisés. Irrégion et libertinage au début de l'époque moderne", 4, 2016 <<https://journals.openedition.org/rhr/8521>> [acedido 23 dezembro 2018].

Se é inegável a acentuação do absolutismo monárquico, alicerçado na ortodoxia religiosa vigente,²⁴ contudo, e em paralelo outro movimento irá afirmar-se: na verdade, o ideário dos atores políticos próximos do centro da monarquia professavam, igualmente, ideias originárias dos movimentos filosóficos que se afirmaram em França ao longo dos séculos XVII e XVIII.

Na prática, a despeito do reforço e consolidação do regime absolutista no século XVIII português e o uso do Jusdivinismo como ideologia de sustento do aparelho ideológico do Estado (que vem justificar a proibição de obras do Edital de 1770), houve aspetos centrais da mundividência e filosofia iluminista que foram integrados no reformismo absolutista, inclusive na cultura e filosofia política. Como consequência, alguns paradigmas genuinamente iluministas deixaram sementes importantes que marcaram fortemente o período que estudamos.²⁵

Ana Cristina Araújo dispõe que:

“À margem do reformismo educativo de Pombal, os anos cinquenta e sessenta representam, como tentarei demonstrar, um ponto de viragem importante na recepção das diferentes correntes de pensamento europeu. Os efeitos desse insinuante movimento de abertura observam-se, com evidência, no decurso das décadas de setenta e oitenta do século XVIII, no rescaldo da reforma da Universidade de Coimbra e sob o impacte da propagação do enciclopedismo francês. Nesta fase, os confrontos de posição no seio dos sectores ilustrados sobem de tom e alcançam mesmo alguma notoriedade pública. Simultaneamente, criam-se condições mais eficazes para a disseminação social das proveitosas conquistas do progresso, sempre com a finalidade de manter viva a crença na perfectibilidade indefinida da espécie humana.”²⁶

²⁴ Neste sentido Nuno Gonçalo Monteiro dispõe que: “Desde há muito que os historiadores costumam incluir as políticas reformistas da generalidade das monarquias europeias a partir de meados do século XVIII debaixo do conceito, muito discutido e questionado, de “despotismo esclarecido” ou “absolutismo iluminado”. Tal associação não deixa de suscitar muitas reservas. Uma delas é, exatamente, a da conexão entre iluminismo e reformismo. Há quem chegue a sugerir que as relações entre os déspotas esclarecidos da segunda metade do século XVIII e os pensadores das Luzes, com os quais alguns se corresponderam e encontraram, eram sempre mais ou menos cinicas e que os “monarcas esclarecidos do século XVIII sonhavam ser (...) era uma imitação prática de Luís XIV”, ou seja, o que pretendiam era reforçar a sua autoridade e construir o Estado. (...) deve-se frisar que os reformismos de Setecentos nunca podem ser dissociados do processo de construção do Estado, no sentido de um poder vocacionado para o exercício do monopólio da autoridade legítima.” (Monteiro, Nuno Gonçalo. *D. José. Na Sombra de Pombal*. Mem Martins: Circulo de Leitores, 2006. p. 230).

²⁵ Como, por exemplo, na vertente epistemológica (o paradigma científico moderno, newtoniano, veio substituir o paradigma escolástico). Ainda que a ideologia usada como aparelho ideológico do estado tenha sido o jusdivinismo.

²⁶ Ana Cristina Araújo, *A Cultura Das Luzes Em Portugal, Temas e Problemas*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003. p. 19.

Em virtude das idiossincrasias da realidade lusa da época, acreditamos que, a par com os outros fenómenos políticos e culturais, entre nós, em setecentos, receberam-se os fenómenos do libertinismo francês dos séculos XVII e XVIII durante o século XVIII.²⁷

Refira-se que a evolução do espírito livre religioso e epicurista, que foi irrompendo no centro da Europa, desde a Renascença até ao início de seiscentos, como resposta às Guerras de Religião e aprofundamento do Humanismo e a eclosão da *Science Nouvelle*²⁸, também foi basilar para o surgimento do liberalismo. Francis Fukuyama, inclusivamente, coloca o início do liberalismo num momento histórico, perto do início do libertinismo.²⁹ Acreditamos que o libertinismo, na sua faceta de desoneração do homem do peso da religião, terá sido importante para o desenvolvimento do liberalismo.

Em sede de mestrado, defendido em 2002, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto³⁰, em que analisámos a obra do libertino francês epicurista e naturalista, do início do século XVII, Cyrano de Bergerac, investigámos o libertinismo do século XVII francês, sobretudo na sua vertente erudita. Consequentemente, verificámos que, como pensamento por si só e abstrato, o libertinismo ainda não foi considerado entre nós. Na verdade, frequentemente lemos ou ouvimos alusões ao libertinismo de algum autor, mas nunca vimos explanado em que consiste, exatamente, o seu libertinismo. Quais as razões

²⁷ “Por razões históricas e políticas que não podemos aprofundar aqui, a cultura francesa desempenhou durante muito tempo um papel importante na cultura literária portuguesa. O século XVIII assistiu ao aparecimento de uma nova sensibilidade na literatura portuguesa, desta vez importada da Cidade Luz. O apelo da literatura clássica a um público mais culto, graças ao contacto com certos estrangeirados, substituiu progressivamente os modelos da comédia e da ópera, fornecidos respetivamente por Espanha e Itália. Mas levaria tempo a impor-se, num processo lento e tripartido.

(...) A criação da Arcádia Lusitana, em 1756, contribuiu, durante quase vinte anos, para uma luta renhida entre os defensores da velha escola, marcada pelo gosto pelo teatro espanhol, e os adeptos do novo gosto clássico que soprava do reino de Luís XIV. (...) O Iluminismo em Portugal foi, sem dúvida, um momento de viragem do ponto de vista cultural e literário. As relações políticas e diplomáticas entre Portugal e França, intensificadas graças à aliança celebrada pelo casamento do futuro rei Afonso VI e Mlle de Nemours e d'Aumale em 1666, abriram as portas à circulação de agentes e bens culturais entre os dois reinos. A aproximação ideológica e política com a França não só dava a tranquilidade necessária a um Estado que acabava de conquistar a sua autonomia em relação ao reino de Castela, como também conferia a Portugal um novo prestígio, indissociável do prestígio de que gozava a corte de Luís XIV em toda a Europa. Era, pois, de esperar que a cultura portuguesa assumisse alguns dos tons de Paris. Se tal aconteceu noutros domínios da cultura, não tardou que o teatro fosse também sujeito a essa contaminação ideológica e estética.”(Tradução nossa.) (Ana Clara Santos, “Réception de La Comédie Française Au Portugal,” *Anales de Filologia Francesa*, N° 21, 2013, pp. 365–83.)

²⁸ Qualifica-se como *Science Nouvelle*, ou Ciência Moderna, a ciência que conjugou o método de observação e experimentação com o uso de instrumentos técnicos (sobretudo o telescópio e o microscópio) e se começou a desenvolver, na Europa do século XVI.

²⁹ “O argumento pragmático a favor do liberalismo deve ser compreendido no contexto histórico em que as ideias liberais surgiram pela primeira vez. A doutrina apareceu em meados do século XVII, perto das guerras religiosas na Europa, um período de 150 anos quase ininterruptos de violência desencadeada pela reforma protestante. Estima-se que perto de um terço da população centro-europeia tenha morrido no decurso da guerra dos Trinta Anos, senão diretamente em resultado da violência, então da fome e doença que se seguiram ao conflito militar. As guerras religiosas na Europa foram motivadas por factores económicos e sociais, como a ganância dos monarcas, ávidos por se apossarem da propriedade da igreja. Mas a sua ferocidade advinha do facto de que as partes em conflito representavam diferentes formas de cristianismo que queriam impor às populações as suas respectivas interpretações do dogma religioso. (...) Foi um período em que era frequente os hereges serem queimados na fogueira ou torturados por professarem crenças como a “transubstanciação”, num nível de crueldade que dificilmente pode ser compreendido como mera extensão de motivações económicas.” (Fukuyama, *Liberalismo e Seus Descontentes*. pp. 21, 22).

³⁰ Machado, “La Mort d'Agrippine, de Cyrano de Bergerac : Uma Tragédia Sem Eternidade,” 2002.

que levam a comunidade científica a qualificá-lo de libertino. Também não nos deparámos, ainda, com um acervo nacional de autores lusos, que possam ser considerados como efetivamente libertinos.

Achámos importante proceder a essa análise e compreender quais as efetivas manifestações desta realidade no nosso país. Questionávamo-nos até que ponto poderia um ideário tão subversivo nascer e sobreviver num ambiente ortodoxo, intolerante e de forte censura; num país periférico em relação aos centros do pensamento e da heterodoxia, em que, por razões histórico-religiosas, a malha da censura, apesar da sua relativa permeabilidade,³¹ se pretendia eficaz.

Interrogámo-nos acerca de que laivos deste ideário poderiam ter penetrado o nosso território, por que meios e quais os ambientes em que possa ter florescido.

Optámos por nos debruçar sobre a obra de vários autores epocais, por versos avulsos e pela pesquisa de processos movidos por libertinismo ou heresias que nos possam encaminhar para aquele pensamento. Quanto às obras e versos suprarreferidos, procurámos aqueles que se afigurem transmitir a mensagem (mais ou menos explícita) que patenteia a ligação estreita entre o pensamento filosófico clandestino e o libertino.³²

O libertino não é, necessariamente, agente de escândalo e, por vezes, conforma-se com a realidade social. Tal como os libertinos mascarados, do ortodoxo século XVII francês, também os poucos espíritos livres libertinos do nosso panorama setecentista nacional se, por vezes, foram ostensivos no sentido libertino e da apologia da religião natural, noutras optaram pela discrição e o alinhamento perante o *status quo*. Lemos, por exemplo, louvores que teceram aos governantes. A este título, é da maior relevância recordar a estratégia, pragmática, da dissimulação libertina, muito recorrente no seiscentos francês, que se poderá, também, configurar como uma estratégia de sobrevivência, em meio nacional adverso.

A compreensão da realidade não significa uma sua, necessária, rejeição. Assim, os dois autores que nos mereceram a reflexão e análise aprofundada, apesar de serem perseguidos pelo regime, não

³¹ Quanto a esta realidade, é explícita Ana Cristina Araújo em Meandros da leitura: permissões tácitas e transgressões ocultas. (Araújo, *A Cultura Das Luzes Em Portugal, Temas e Problemas*. pp. 85-91). Também Luís de Oliveira Ramos se pronuncia nesse sentido, clarificando, inclusivamente, que “Por vezes, o cadastro dos livros proibidos no Reino servia até para os interessados estabelecerem o teor das suas encomendas.” (Luís de Oliveira Ramos, *Sob o Signo Da Luzes*, ed. INCM. Lisboa, s.d.. p. 137).

³² É determinante que o pensamento que, no passado, na França seiscentista, foi uma tomada de consciência impossível de difundir e que só se partilhava entre iniciados (tal como Portugal setecentista), se tenha convertido, no século seguinte, num ponto de doutrina filosófica que passaria a ser importante difundir e cujo público-alvo, apesar de ainda algo timidamente, se deveria alargar. Também Silva Dias argumenta que “Se as ideias e os livros de fora circularam, durante muito tempo, em regime mais ou menos clandestino (...). Bastou-lhes, porém, a meia-luz dos cenáculos para conquistarem a inteligência de escol. A tolerância, quando não a proteção do governo, fez depois o resto.” (José Sebastião da Silva Dias, *Portugal e a Cultura Europeia (Sécs. XVI a XVIII)* Porto: Campo das Letras, 2006. pp. 299, 300).

deixaram de cantar o seu louvor quando necessário se revelou. Recordam-nos, nesse sentido, a *Tétrade*³³ seiscentista de França.

4. A receção do libertinismo: razão *versus* religião

O Naturalismo³⁴ que norteia o pensamento de Cyrano de Bergerac³⁵ e está patente no *Theophrastus Redivivus*, é recorrente na globalidade da cultura libertina. Verte, sobretudo, a regra da realidade comum a todos os animais.³⁶

O Naturalismo³⁷ no século XVIII é usado para designar um sistema filosófico no qual tudo se atribui à Natureza, como primeiro princípio. Diderot usa-o como sinónimo de “Religião Natural”.

“Comment prouve-t-on son insuffisance? (da Religião Natural) 1° parce que cette insuffisance a été reconnue de tous les autres religionnaires; 2° parce que la connaissance du vrai et la pratique du bon a manqué aux plus sages naturalistes. Fausses preuves. Quant à la première partie, si tous les religionnaires se sont accordés pour convenir de son insuffisance, apparemment que les naturalistes n’en sont pas. En ce cas le naturalisme retombe dans le cas de toutes les religions qui sont tenues pour les meilleures par chacun de ceux qui les professent et non par les autres. Quant à la seconde partie, il est constant que depuis la religion révélée nous n’en connaissons pas mieux Dieu ni nos devoirs. Dieu, parce que tous ses attributs intelligibles étaient découverts, et que les inintelligibles n’ajoutent rien à nos lumières ; nous-mêmes, puisque la connaissance de nous-mêmes se rapportant toute à notre nature et à nos devoirs, nos devoirs se trouvent tous exposés dans les écrits des philosophes païens ; et notre nature est toujours inintelligible, puisque ce qu’on prétend nous apprendre de plus que la philosophie est contenue dans des propositions ou inintelligibles, ou absurdes quand on les

³³ Pierre Gassendi (1592-1655), François de La Mothe Le Vayer (1588-1672), Gabriel Naudé (1600-1653), Élie Diodati (1576 – 1661).

³⁴ “O epicurismo inspirou o naturalismo dos filósofos italianos do final do século XVI e início do século XVII, Giordano Bruno (1548-1600), Tomaso Campanella (1568-1639) e Lucillion Vanini (1585-1619), e os que neles se inspiraram nas décadas seguintes, em particular, no final da primeira metade do século XVII, Cyrano de Bergerac (1619-1655), fiel discípulo de Gassendi, e, no início da segunda metade, o autor anónimo de *Theophrastus Redivivus* (1659). Esta posição de autossuficiência da natureza foi o ponto de partida para a corrente que conduziu às doutrinas materialistas do século XVII, ilustradas pelo *Système de la nature* (1770) de Holbach - incluindo quando, como Epicuro fez à sua maneira, os deuses são incluídos na natureza ou Deus é identificado com a natureza, como faz Spinoza, pelo menos na sua terminologia: Deus sive natura (“Deuses ou seja, a natureza”) ou como fazem os panteístas.” (Tradução nossa.) (Olivier Bloch, “L’Heritage Moderne de l’Epicurisme Antique,” in *Lire Epicure et Les Épicuriens*, ed. Alain Gigandet and Pierre-Marie Morel. Paris: PUF, 2007.)

³⁵ Maria Constantino Meireles de Sousa Machado. “La Mort d’Agrippine, de Cyrano de Bergerac : Uma Tragédia Sem Eternidade.” Universidade do Porto, 2002. http://aleph.letras.up.pt/F?func=find-b&find_code=SYS&request=000135721.

³⁶ Jean-Pierre Cavallé. “Imposture Politique Des Religions et Sagesse Libertine.” *Littératures Classiques*, Malakoff: Armand Colin, 2004. p. 35.

³⁷ Jean-Claude Bourdin, *Les Matérialistes Au XVIIIe Siècle. Textes Choisis et Présentés Par Jean-Bourdin*. Editado por Petite Bibliothèque Payot. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1996. pp. 271-282.

entend, et qu'on ne conclut rien contre le naturalisme de conduite des naturalistes. Il est aussi facile que la religion naturelle soit bonne et que ses préceptes aient été mal observés, qu'il l'est que la religion chrétienne soit vraie, quoiqu'il y ait une infinité de mauvais chrétiens."³⁸

Já o Deísmo equivale a uma crença em Deus que se mantém, voluntariamente, imprecisa pela recusa dos ensinamentos da Igreja ou das pretensões da metafísica.

O Libertinismo é uma aceção, com muitas conotações distorcidas. Oscila da doutrina moderna, classificada de libertinismo filosófico até à sua manifestação licenciosa e transgressora.

Apercebemo-nos que, entre nós, o libertinismo, como corrente de pensamento de *per si* nunca foi, aprofundadamente, analisado. As inúmeras aceções em que é entendido, das quais destacamos o anedotário de Bocage ou o seu entendimento como desregramento moral e sexual são, certamente, uma das manifestações desta corrente de pensamento e filosofia de vida. Todavia estão muito longe de a esgotar.

Por libertinismo referimo-nos à atitude filosófica que teve as suas primeiras manifestações na Renascença, com ocorrência das Guerras da Religião, a manifestação do Humanismo, o aparecimento dos manuscritos de Lucrecio.

Não acatamos a interpretação muito lata do conceito, o seu triplo aspeto filosófico, social e psicológico,³⁹ que nos poderia induzir a considerar libertino tudo o que se refere ao excesso de liberdade em matéria comportamental, moral, religiosa e política relativamente ao que definem e preconizam os dogmas religiosos, tradições, conveniências e poder político. Não nos interessa, assim, o libertinismo, no sentido usual de libertinagem, de mero descontrole dos sentidos, sem qualquer ideário que o norteie. Nunca descuramos a sua unidade e conteúdo filosófico e, também, não lhe conferimos um sentido estritamente materialista. Pelo contrário, o libertinismo que procurámos, na pegada dos autores a que

³⁸ "Como comprovamos sua insuficiência? (da Religião natural) 1º porque esta insuficiência foi reconhecida por todos os outros religionários; 2º porque faltou o conhecimento da verdade e a prática do bem entre os naturalistas mais sábios. Evidências falsas. Quanto à primeira parte, se todos os religionários concordam com a sua insuficiência, aparentemente os naturalistas não concordam. Neste caso, o naturalismo recai no habito de todas as religiões que são consideradas as melhores por cada um dos que as professam e não pelos outros. Quanto à segunda parte, é claro que desde a religião revelada não conhecemos melhor Deus ou os nossos deveres. A Deus, porque todos os seus atributos inteligíveis foram descobertos, e os ininteligíveis nada acrescentam ao nosso conhecimento luz; a nós porque o nosso conhecimento de nós mesmos se relaciona inteiramente com a nossa natureza e os nossos deveres e os nossos deveres estão todos expostos nos escritos dos filósofos pagãos; e a nossa natureza é sempre ininteligível: Pretendem ensinar-nos que a filosofia consta de proposições que são ininteligíveis ou absurdas quando se ouvem, mas nada se conclui contra o naturalismo do comportamento dos naturalistas. É tão fácil a religião natural ser boa e os seus preceitos terem sido mal observados, como o é que a religião cristã ser verdadeira, apesar de haver uma infinidade de maus cristãos." (D Diderot, *De La Suffisance de La Religion Naturelle*, 1875. https://fr.wikisource.org/wiki/De_la_suffisance_de_la_religion_naturelle. p. XV.)

³⁹ Pintard, *Le Libertinage Érudit Dans La Première Moitié Du XVIIe Siècle*. p. XIV.

fizemos referência, nomeadamente Antony McKenna⁴⁰, consubstancia-se num pensamento anticristão e epicurista, conforme a lição de Lucrécio que é, frequentemente, dissimulado.

Temos uma visão pluralista e harmonizadora do libertinismo que engloba uma interpretação política. O libertinismo do século XVIII é cobertura de um variado espetro de opiniões heterodoxas, mas frequentemente subtis, num ambiente sociológico de unidade ortodoxa, religiosa e autoritária em que o secular e o religioso se amalgamavam.

Trata-se de um ideário oposto a dogmas das igrejas cristãs e às opiniões, tendências ou comportamentos que se afastam das crenças ensinadas pelo magistério eclesiástico e aceites pelos fiéis comuns.

Entendemos, na verdade, que tanto pode ser libertinismo o ateísmo materialista, como o pode ser o deísmo. Interessa, sobretudo, à nossa perspetiva, a emancipação libertina do dogma da imortalidade da alma e as suas consequências emancipadoras. O libertino não subverte, necessariamente, a religião no sentido do ateísmo, mas abrange, também, a religiosidade, reformulada, da espiritualidade deísta.

Na senda do libertinismo na sua aceção de pensamento anticristão e epicurista conforme as lições de Lucrécio, na pegada dos ensinamentos de Antony McKenna, interessa-nos, particularmente, a visão pragmática da utilidade da religião para o controle político das massas. Essa doutrina da impostura política das religiões instituídas, segundo a qual as crenças e práticas se baseiam em fábulas, deliberadamente, forjadas com fins políticos ou ético-políticos (firmar, numa participação do divino, a legitimidade dos governantes e todos os seus atos e manter os povos em obediência pelo medo) é uma das componentes soberanas do libertinismo.

Apesar de não se confundir com libertinismo, a espiritualidade deísta é, frequentemente, integrante deste pensamento. Acompanhamos o ensinamento de Denis Diderot que clarificou que o pensamento teísta, está convicto da existência de Deus, da realidade do bem e do mal e da imortalidade da alma. Acredita nas penas e recompensas pós-morte e acata a revelação que lhe contam. Enquanto o deísta, pelo contrário, só concorda com a existência de Deus e a realidade do bem e do mal moral. Nega a Revelação, duvida da imortalidade da alma e das penas e recompensas futuras.

“(…) dans le nouvel usage, on n’attache point au théisme la même idée qu’au déisme.

Le théiste est celui qui est déjà convaincu de l’existence de Dieu, de la réalité du bien et du mal moral, de l’immortalité de l’âme, des peines et des récompenses à venir, mais qui attend, pour

⁴⁰ “(...) Sustento a tese de que Molière rejeita a fé cristã, que denuncia a impostura devota e que propõe uma filosofia coerente, um sistema de valores não só estranho ao cristianismo mas radicalmente oposto à doutrina da queda e da redenção. Eu diria mesmo que esta filosofia anti-cristã, baseada num sistema coerente de princípios e valores, constitui, aos olhos de Molière, a verdadeira libertinagem.” (Tradução nossa.) (Antony McKenna and Fabienne Vial-Bonacci, *Molière, Dramaturge Libertin* Paris: Champion Classiques Essais, 2005. p. 8).

admettre la révélation, qu'on la lui démontre ; il ne l'accorde ni ne la nie. Le déiste, au contraire, d'accord avec le théiste, seulement sur l'existence de Dieu et la réalité du bien et du mal moral, nie la révélation, doute de l'immortalité de l'âme, et des peines et des récompenses à venir. La dénomination de déiste se prend toujours en mauvaise part; celle de théiste peut se prendre en bonne. Le théisme, considéré par rapport à la personne, c'est l'état d'un homme qui cherche la vérité par rapport à la religion : c'en est le fondement.”⁴¹

Ao libertino interessa desmistificar a necessidade da manipulação política que as religiões fazem do medo ou da esperança da vida pós-morte. “Je veux que mon procureur, mon tailleur, mes valets croient en Dieu; et je m'imagine que j'en serai moins volé.”⁴² expôs Voltaire.⁴³

Por a religião ser entendida como fonte das pragas que assolam os contemporâneos (ignorância, superstição, fanatismo) e que descompõem a sociedade (guerras, tirania, escravatura), a tese da impostura das religiões é um tema central para a compreensão do fenómeno da clandestinidade filosófica e do seu lugar nos pensamentos dos séculos XVII e XVIII.⁴⁴

É nesta tese que o libertinismo encontra o seu expoente máximo, a par com a convicção da materialidade da alma e a eventual inexistência de Deus. A tese da impostura política das religiões, fundamenta-se na convicção da imposição de uma moral conforme à Lei Natural.⁴⁵ Corolário desta tese,

⁴¹ “(...) no novo uso, não atribuímos ao teísmo a mesma ideia que ao deísmo. O teísta é aquele que já está convencido da existência de Deus, da realidade do bem e do mal moral, da imortalidade da alma, dos castigos e recompensas que virão, mas que espera para admitir a revelação, que lhe seja demonstrada; não a concede, nem a nega. O deísta, pelo contrário, concorda com o teísta, apenas quanto à existência de Deus e quanto à realidade do bem e do mal moral, mas nega a revelação, duvida da imortalidade da alma e dos castigos e recompensas futuras. A denominação deísta é sempre mal interpretada; a do teísta pode ser aceite. O teísmo, considerado em relação à pessoa, é o estado de um homem que busca a verdade em relação à religião: é o seu fundamento”. (Denis Diderot, *Suite de l'Apologie de m. l'Abbé de Prades*. s.l.: Ligarán, 2015. p. 39.)

⁴² “Quero que o meu procurador, o meu alfaiate, os meus criados acreditem em Deus; e imagino que assim me roubarão menos.” (Tradução nossa.) (François Marie Arouet de Voltaire, “Tome Vingt-Septieme”, em *Oeuvres complètes de Voltaire*. Gotha: Charles-Guillaume Ettinger, 1785 p. 1514.<https://play.google.com/books/reader?id=0Am8u-3dwuoC&pg=GBS.PR16&hl=pt_PT> [Acedido 7 setembro 2022].)

⁴³ Antony McKenna, *Entre Descartes de Gassendi. La Première Édition Des Pensées de Pascal*. Oxford: Voltaire Foundation, 1993.

⁴⁴ Maria Susana Seguin. “Introduction.” *La Lettre Clandestine 29, no. L'Imposture et la littérature philosophique* (2021): p. 21. <https://doi.org/10.48611/isbn.978-2-406-11884-8.p.0021>.

⁴⁵ “Na sequência da Reforma do século XVI, a Europa Ocidental viu-se dividida do ponto de vista religioso, o que exacerbou as tensões políticas existentes. Foi também um período em que o comércio (já vibrante na Europa medieval) começou a acelerar e os europeus encontraram povos até então desconhecidos no Extremo Oriente e nas Américas. A tudo isto se sobrepôs a emergência do absolutismo monárquico como sistema de governo em grande parte da Europa continental. Esta evolução levantou questões imediatas e urgentes sobre a liberdade e os limites do poder do Estado. No meio de todas estas mudanças, dois grupos de pensadores escolásticos começaram a perguntar o que é que a razão exigia que as pessoas fizessem nestas condições. O primeiro eram os teólogos católicos e os canonistas (advogados da Igreja). Alguns estavam associados à já referida ordem dominicana. Outros pertenciam à mais proeminente ordem religiosa pós-Reforma, a Companhia de Jesus (os jesuítas). Localizados em Itália, na atual Bélgica e, sobretudo, em Espanha, muitos destes dominicanos e jesuítas estudaram e ensinaram na Universidade de Salamanca, em Espanha. Os escolásticos dominicanos e jesuítas concentraram grande parte da sua atenção em alguns problemas muito práticos. Por exemplo, Francisco de Vitoria (1483-1546) escreveu extensivamente sobre a aplicabilidade do direito natural à ideia de direito internacional, ao conceito de “guerras justas” e à liberdade de comércio dentro e fora das fronteiras soberanas. Da mesma

os dogmas e as práticas religiosas não têm uma origem divina, mas outrossim política: os governantes, os magistrados teriam imaginado fábulas que permitiam legitimar o seu poder por uma fonte alegadamente divina, para justificar o seu poder junto aos que pretendiam controlar. Esses “impostores” forjaram um conjunto de normas, de ritos e cerimónias (podendo ter inventado os próprios reis) destinados a manter os povos na ignorância e, sobretudo, a impor a obediência através do receio dos castigos que incidiriam sobre quem ousasse duvidar da sua autoridade.

Esta tese identifica-se não só nos textos que a sustentam, de forma ostensiva ou velada, mas também nos escritos apologéticos destinados a objetar aos acusados de libertinagem. Trata-se de uma tese que surgiu, na Antiguidade, relativamente às religiões pagãs, mas que, na modernidade, concerne os fundadores das três religiões monoteístas Moisés, Maomé e, sobretudo, Jesus.⁴⁶

As consequências da referenciada impostura são de tal monta, para a sociedade do início do século XVII, que se configura legítimo desenganar os leitores não só para os libertar do jugo da superstição, mas também para conceber estruturas sociais e políticas que respondam à natureza real dos indivíduos (acerca da qual convém, doravante, refletir para além de qualquer transcendência) e às aspirações filosóficas das luzes que germinam.

Por outro lado, se o libertinismo não se limita à sua manifestação de descontrolo dos sentidos ou sexualidade desbragada, esta não deixa de poder ser uma das suas manifestações. Contemplámos a vertente naturalista do libertinismo e a sua vocação para pensar o corpo humano como um elemento

forma, Suárez desenvolveu uma filosofia do direito que envolvia algumas modificações das posições de Aquino, mas que também tinha como objetivo a ideia do Direito Divino dos Reis, que os monarcas protestantes e católicos tinham adotado para consolidar o seu poder. Outros, como o teólogo Martín de Azpilcueta. (...) (1491-1586) e jesuitas como Juan de Mariana (1536-1624) e Luis de Molina (1535-1600), aprofundaram as questões económicas. Estas incluíam temas como a utilização correcta do dinheiro ou o que constituía um preço justo. O segundo grupo de pensadores do direito natural deste período relevante para o nosso debate são os académicos protestantes, especialmente Grotius, Pufendorf e Vattel. Estes filósofos são frequentemente apresentados como dissociando o direito natural da teologia. Isso não é bem verdade. Como já foi referido, Aquino considerava inteiramente possível e muitas vezes necessário argumentar com base apenas na razão natural. Além disso, Grotius, Pufendorf e Vattel acreditavam que a existência e a providência de Deus são racionalmente prováveis e empenharam-se alegremente na reflexão e na disputa teológica. Para o nosso objetivo, a sua importância reside no facto de, tal como os seus homólogos católicos do início da Idade Moderna, estes filósofos protestantes do direito natural terem explorado as implicações do direito natural. (...) para alguns dos desafios específicos do seu tempo. Estavam particularmente interessados em explorar os direitos e obrigações dos indivíduos uns para com os outros, bem como para com o Estado. Este facto levou-os a longas reflexões sobre a natureza e os limites dos direitos naturais e a estabelecer distinções importantes entre os direitos que podem ser aplicados pelo Estado e os que não o são. Com base em pensadores como Suárez, estes comentadores dedicaram especial atenção às relações internacionais. Para eles, questões como a de saber se um Estado podia proibir os seus membros de comerciar com pessoas sujeitas a outra soberania tinham de ser resolvidas com base no direito natural e, como derivado do direito natural, na ideia de direitos naturais. É importante notar que, embora os estudiosos do direito natural utilizassem a expressão "direitos naturais", estes direitos eram vistos como baseados no direito natural e não como reivindicações auto-suficientes que não necessitavam de qualquer outra justificação. Por outras palavras, os direitos naturais derivavam a sua força moral, jurídica e política da aplicação das exigências do direito natural. Na ausência desse fundamento, os direitos naturais seriam entendidos simplesmente como afirmações de vontade e, portanto, teriam pouco a ver com a razão." (Tradução nossa.) (Samuel Gregg, *The Essential Natural Law*. Vancouver: Fraser Institute, 2021. pp. 7, 8).

“Seguin, “Introduction”. p. 21.

natural da Natureza, de cuja função sexual não passa de uma manifestação.⁴⁷ A censura cristã e eclesiástica da função sexual do homem, a sua qualificação de imoral e pecaminosa foi percebida pelos libertinos como forma de controle político. O pecado imporia uma vida eterna num Inferno que existiria, caso o pensamento libertino acreditasse na imortalidade da alma. Na verdade, as manifestações da carne e do corpo na sua vertente sexual eram vinculadas ao pecado. O quadro dominante preconizava a renúncia ao sexo. Os prazeres corporais seriam o meio pelo qual o Diabo corromperia a alma. Na busca da salvação espiritual, haveria que combater o pecado, lutar contra os sentidos naturais e abdicar do sexo, que era um obstáculo a ser ultrapassado.⁴⁸ O objetivo da prática cristã era transcender a Natureza a fim de purificar a alma.⁴⁹ No mesmo sentido, uma vida de virtuosidade cristã prometeria uma eternidade abençoada e de bênção.

Alguns libertinos, na sua manifestação comportamental, contrariavam a moral sexual da Igreja que desrespeitava a Natureza. O Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563, com vista a assegurar a unidade da fé e a disciplina eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e da reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, havia reforçado os instrumentos da Igreja, a regulamentação intransigente do casamento e da família. Consequentemente, ao fiel e súbdito era imprescindível um zelo intransigente na identificação dos seus indícios do pecado. As penitências, as orações, e o ascetismo existiam para purificar o corpo e a alma da tentação. A tradição teológica apontava os perigos da carne e promovia a importância da abstinência.⁵⁰

Para a Igreja e seus ditames, o sexo era associado ao problema do controlo do desejo e a problemas generalizados de pecado e de doença. O sexo era considerado uma imperfeição, potencialmente perigosa, e o sujeito era um objeto frágil, exposto a doenças relacionadas com a atividade sexual. Teremos a oportunidade de verificar que se trata de uma temática fértil nos versos licenciosos que analisámos. No mesmo sentido, a mulher, a quem se acomete a função de procriação no seio do casamento, é acusada de ter vocação para a luxúria sexual e ser, por excelência, a portadora do vício.

Veremos, com José Anastácio da Cunha, que a vivência em concubinato e a prática de relações sexuais fora do casamento eram, entre nós, um pecado e uma heresia suscetível de ser sancionada pelo

⁴⁷ Atravessando a Antiguidade a ideia de da Natureza como um imenso ser vivo, inteligente, inspirará o naturalismo renascentista que influencia o pensamento e comportamento libertino "(...) "la *natura* désigne aussi les organes de la génération, principalement les organes féminins." (Robert Lenoble, *Histoire de l'Idée de Nature*. Paris: Albin Michel, 1969. p. 229).

⁴⁸ Stephen Garton, *História Da Sexualidade Da Antiguidade à Revolução Sexual*. Lisboa: Editorial Estampa, 2009. p. 106.

⁴⁹ Garton. p. 109.

⁵⁰ Garton. p. 107.

Santo Ofício. Se a Igreja tinha uma autoridade religiosa não equiparável, tinha, também, a supremacia no sancionamento das heresias.⁵¹

Hoje a receção do libertinismo deve muito a uma historiografia revisitada que enfatizou a importância do epicurismo para o desenvolvimento de várias premissas fundamentais do pensamento político moderno: a negação materialista da Providência e da imortalidade da alma permitiram suporte argumentativo para as teorias da autoridade política secular. As compreensões das diversas manifestações do Epicurismo aumentam o seu valor de categoria historiográfico-filosófica.⁵²

Consideramos o Naturalismo na sua faceta de sistema filosófico que destaca a Natureza como sendo o primeiro princípio da realidade. Esta corrente argumenta que a Natureza é formada pela totalidade das realidades físicas existentes e, por conseguinte, é o princípio único e absoluto do real. O naturalismo que nega a dualidade natureza *versus* espírito, entendendo o último como forma especial da primeira e redutível a ela.

Neste último sentido, interpretaremos os versos obscenos de Manuel Maria Barbosa du Bocage questionador, pensador, versejador multifacetado, mas sempre libertino no seu mais vasto espetro epicurista deísta ou materialista e os do não menos qualificado José Anastácio da Cunha.

Entre estes dois autores, de gerações sucessivas, surge o importantíssimo texto “A Voz da Razão”, reflexo incontestável do que defendemos:

“Mas se tudo, Amélio, fosse
Obra só da Natureza...
Porém não falte a razão
Nos espaços de incerteza.

Concluo só, que a substância,
Que é infinita em poder,
Se ama os entes que gerará
Todo o bem lhes há-de fazer...”⁵³

⁵¹ Garton. p. 105.

⁵² Jared Holley, “Rousseau’s Reception as an Epicurean: From Atheism to Aesthetics,” *History of European Ideas* 45, no. 4 (2019): 553–571, <https://doi.org/10.1080/01916599.2018.1563965>.

⁵³ Joze Anastácio da Cunha, *A Voz Da Razão*. Paris: P.N. Rougeron, 1832. p. 16. <https://purl.pt/26493>.

Ponderámos, também, o Cavaleiro de Oliveira, dada a sua generalizada e pública fama de ser o libertino português do século XVIII no imaginário nacional,⁵⁴ para concluir que apesar de tal qualificativo a sua expressão não revelava libertinismo, mas outras formas de pensamento.

5. Plano da Tese

Iremos, numa primeira parte, esclarecer o conceito de libertinismo. Num passo seguinte, explanaremos quais as interpretações de libertinismo nas tendências atuais da pesquisa académica, enquadrando os significados de “libertino”, “libertinismo” e “libertinagem”. Aclararemos a distinção entre o libertinismo erudito e o libertinismo/libertinagem hedonista.

Seguidamente, analisaremos a evolução do conceito de libertinismo, interpretando-o nos documentos setecentistas, momento em que nos debruçaremos sobre os dicionários e obras teológicas da época, portuguesas e francesas, existentes em bibliotecas portuguesas. Concluiremos este passo com a aferição da aceção da expressão em dicionários da atualidade.

Esclarecido o conceito de libertinismo, elucidaremos no capítulo IV, quais os vetores para investigação dos seus ecos, em Portugal, que permitem a distinção entre livre-pensador, libertino e agente de liberdade de opinião.

Os nossos vetores de análise são a base de raciocínio da filosofia libertina heterodoxa, mas não são, necessariamente, cumulativos. Temos, sempre, em conta que o Epicurismo é o sustentáculo do pensamento libertino e destacamos: a desculpabilização da moral da carne; a identidade de Deus e da Natureza; as religiões, obra dos homens; a identidade da alma e do corpo; e, finalmente, também a dissimulação, frequente no libertinismo.

Procederemos, numa segunda parte, à análise dos libertinos e falsos libertinos lusos setecentistas. Analisaremos a obra e o pensamento de José Anastácio da Cunha: o Panteísta Naturalista; de Manuel Maria Barbosa du Bocage: o Erotismo Epicurista.

Examinaremos, também, os escritos de Francisco Xavier de Oliveira, Cavaleiro de Oliveira, o falso libertino, para explicar porque não o consideramos libertino.

⁵⁴ Bastar-nos-á uma pesquisa do seu nome no fórum de pesquisa virtual Google para compreender essa realidade. Assim: s.a. “Cavaleiro de Oliveira Libertino,” [acedido março 14, 2023]. https://www.google.com/search?q=cavaleiro+de+oliveira+libertino&ei=QD0QZNubEoSMIQeAvZeYBw&ved=0ahUKEwjbu_nUjNv9AhUERuUKHYDeBXM4dUDCA8&uact=5&oq=cavaleiro+de+oliveira+libertino&gs_lcp=Cgxn3Mtd2l6LXNlcnAQAzlFCCEQoAEyBQghEKABOhAlhCxAxCDARDHARDRAxBDOgoIABC.

Numa terceira parte, analisaremos as fontes primárias em que pesquisámos, os ecos libertinos lusos setecentistas. Analisámos os versos licenciosos libertinos de Caetano José da Silva de Souto Mayor, Tomás Pinto Brandão, Nicolau Tolentino de Almeida, António Lobo de Carvalho, João Maldonado. Por fim, consideraremos os processos das Inquisições de Coimbra, Lisboa e Évora, do século XVIII. Avaliaremos, também, os processos da Real Mesa Censória e da “Real Comissão Geral sobre o Exame e Censura de Livros”.

Para concluir o nosso estudo, tecemos considerações finais sobre o impacto do libertinismo em Portugal, no século XVIII.

Parte I

Libertinismo: pensamento filosófico e forma de vida

Capítulo I - Acerca das interpretações de Libertinismo

1. Contextos históricos: “Libertino”, “libertinismo” e “libertinagem”

“A característica dos libertinos não foi tanto a adesão a uma filosofia comum, mas antes o facto de apresentarem a mesma atitude face ao problema das relações entre a religião e a ciência e entre a ciência e o estado.”⁵⁵

O “libertinismo” é uma corrente de pensamento que nasceu e se desenvolveu no século XVI, em Itália, com Girolamo Cardano⁵⁶, Paracelso⁵⁷ e Nicolau Maquiavel, que culminou e atingiu o seu auge, no século XVIII, com a noção de razão crítica dos filósofos, tendo participado no desenvolvimento do liberalismo⁵⁸.

Foi, essencialmente, uma corrente filosófica cujas raízes se fundaram na Antiguidade. O desenvolvimento das várias tendências e atitudes libertinas contribuiu, de forma determinante, para o nascimento do racionalismo enquanto movimento filosófico da burguesia: libertação do espírito e do corpo, em conformidade com a etimologia do vocábulo “libertino”.

⁵⁵ Leszek Kochakowicz. “Libertino.” In *Mytos/Logos Sagrado/Profano* Vol.12 EINAUDI. INCM, 1987. p. 338.

⁵⁶ “Médico, matemático, astrólogo, físico, “inventor” e filósofo, Gerolamo Cardano era uma mente brilhante, mas uma personalidade caótica, capaz de mostrar o espírito crítico mais agudo e a credulidade mais infantil; atento à cadeia de causa e efeito, estava no entanto convencido da intervenção irracional dos demónios. Nascido a 24 de setembro de 1501, em Pavia, é filho ilegítimo de Fazio Cardano (1445-1524), jurista de saber enciclopédico e bom matemático. A sua mãe, Chiara Micheri, viúva que tinha perdido os seus três filhos devido à peste, tinha tentado fazer um aborto, como o próprio Cardano contou nas suas confissões extraordinárias (*Liber de propria vita*), escritas pouco antes da sua morte (em Roma, 1576) e publicadas (por Guillaume Naudé) apenas em 1643”.(Tradução nossa.) (Jean-Claude Margolin, “Cardan Jérôme - (1501-1576),” in *Encyclopædia Universalis [En Ligne]*, [acedido novembro 14, 2022], <https://www.universalis.fr/encyclopedie/je-rome-cardan/%0ABIBLIOGRAPHIE>.)

⁵⁷ “O médico suíço Paracelso (cujo verdadeiro nome era Theophrast Bombast von Hohenheim) desempenhou um papel importante na história da medicina, da filosofia e da religião entre a Idade Média e a era moderna. Personificou as contradições, as implausibilidades e o génio do Renascimento. Ao mesmo tempo que abria novos caminhos para a ciência, era também alquimista e teólogo. Pensador que reflectia sobre a sua arte, foi, nas palavras de Giordano Bruno, “o primeiro a considerar de novo a medicina como uma filosofia”. Embora geralmente considerada como uma síntese médica, a obra de Paracelso merece ser considerada também como uma síntese filosófica.” (Tradução nossa.) (Bernard Gorceix, “Paracelse (1493-1541),” in *Encyclopædia Universalis [En Ligne]*, accessed November 14, 2022, <https://www.universalis.fr/encyclopedie/paracelse/>.)

⁵⁸ “Por Liberalismo refiro-me à doutrina nascida originalmente na segunda metade do século XVII que se bateu pela limitação dos poderes governamentais com base na lei e, em última instância, nas Constituições, criando instituições que protegessem os direitos dos indivíduos sob a sua jurisdição. (...) O liberalismo clássico é um amplo chapéu onde se abriga um largo espectro de opiniões políticas que, no entanto, concordam sobre a importância fundamental da igualdade de direitos individuais, do primado da lei e da Liberdade:” (Fukuyama, *Liberalismo e Seus Descontentes*. .p. 9).

“Libertinismo” e “libertinagem”, expressões indistintas no século XVII, abarcam uma multitude de ideias, opiniões e preceitos que se estendem da crítica, que desabrocha, aos dogmas cristãos (marcada pelo ceticismo) até à desconsideração, mais ou menos ostensiva, dos dogmas e preceitos da Igreja. O libertinismo foi, desde o século XV, um fator de importância relevante na luta da burguesia nascente contra o feudalismo.

É significativo que a seita herética dos “libertinos espirituais” tenha nascido e se tenha desenvolvido na Flandres, no Norte de França, e nas margens do Reno: nas zonas, economicamente mais desenvolvidas, do século XVI, e que tenha sido rejeitada tanto pela Inquisição como por Calvino, que apelidava esta corrente de “libertinismo espiritual”. Com base nessas acusações de Calvino, Quintin Thierry e os seus companheiros foram acusados de propagar um hedonismo livre de pecado e de constrangimentos civis e religiosos, mas, na verdade, o que verdadeiramente lhe repugnava era a liberdade de pensamento desta seita.

Começou a emergir uma tendência para a libertação das prescrições e proibições da sociedade regida pelas igrejas cristãs, não só do ponto de vista espiritual, mas também moral e mesmo sensual. Consequentemente, não é imperativo confundir o “libertinismo”, enquanto corrente filosófica e literária com o “libertinismo” comportamental, exposto em segunda instância.

Não se deverá, todavia, descurar que são facetas da mesma realidade que emergem da noção epicurista de imprescindibilidade da Natureza e da manipulação política das religiões, que promove uma renovada conceção da relação com o corpo fundada num ateísmo ou deísmo materialista. O diálogo entre as ideias filosóficas heterodoxas e a libertinagem comportamental e literária facilita a difusão daquelas.

O libertinismo do início do século XVII foi um dos fermentos ideológicos do absolutismo para cujo declínio, posteriormente, contribuiu. O ceticismo libertino seiscentista abriu vias para o racionalismo crítico setecentista: ambos contribuíram para a instauração de novos valores.

No século XVII surgiu a tendência e o círculo dos “libertinos eruditos” que Antoine Adam⁵⁹ e René Pintard⁶⁰, pelo seu ceticismo, pela pesquisa de uma moral laica e pelo esboço do materialismo, consideram precursores dos filósofos do século XVIII. Certos libertinos são materialistas e consideram que, no Universo, tudo resulta da matéria, o mundo só é compreensível através da razão.

Alguns negam a noção de criador e a ideia de Deus, mas existem diferenças substanciais de conteúdo entre a ideologia de Pierre Gassendi, Gabriel Naudé, La Mothe le Vayer e os seus companheiros

⁵⁹ Antoine Adam, *Les Libertins Au XVII Siècle*. Paris: Editions Buchet/Chastel, s.d.

⁶⁰ Pintard, *Le Libertinage Érudit Dans La Première Moitié Du XVIIe Siècle*.

e o otimismo revolucionário dos filósofos setecentistas. Enquanto os primeiros tinham uma visão aristocrática, cética e cíclica da História, os segundos entendiam que as luzes podiam ser divulgadas. A crítica racional destes à ordem material e espiritual da época, visava a sua substituição por um novo sistema.

Na Europa do século XVII, após o conturbado período das Guerras de Religião, verificou-se a restauração das hierarquias civis e eclesiásticas e os libertinos praticaram a liberdade de pensamento. O epíteto “libertino” aplica-se tanto a jovens debochados da aristocracia, que se recusavam a aderir à ordem moral, como a filósofos eruditos, que detestavam o escândalo, mas que prezavam a liberdade filosófica.

Retrospectivamente, poder-se-á esclarecer que ambos os grupos contribuíram, à sua maneira, e na sua época, para o progresso da História: a “libertinagem” ou o “libertinismo” foi a expressão intelectual de uma classe, de um movimento em desenvolvimento.

Assim, se o libertino foi livre-pensador, filósofo que equacionou os dogmas estabelecidos, e que se emancipou da metafísica e ética religiosas, na realidade, até à atualidade predominou o sentido referente aos costumes. Saliente-se que os textos de Marquês de Sade contribuíram para a divulgação desta compreensão contemporânea da vertente sensual e imoral do libertinismo.

Existem, no entanto, várias leituras da mesma realidade. Para uns, a filosofia libertina contribuiu, significativamente, para a rejeição de uma moral baseada na virtude, já que a ausência de um Deus legitimaria a vontade de gozar a vida terrena. Para outros, o libertinismo comportamental resultou de excessos, aproveitou o caminho traçado pelos libertinos livres-pensadores e filósofos e abusou da liberdade de pensamento, levando-a para a esfera comportamental, desrespeitando os limites morais. Postulam que, apesar de ser reivindicada uma origem comum ao “libertinismo filosófico”, os excessos do libertinismo comportamental (profanação de lugares sagrados, blasfémia, deboche, exploração, etc.) contribuíram para desacreditar o movimento libertino. Esta realidade contribuiu para que, na atualidade, a distinção entre estas duas vertentes do mesmo movimento não seja de grande divulgação.

2. Libertino: consolidação de um significado

O significado da palavra libertino evoluiu de uma forma significativa. O sentido de liberdade em matérias de religião que predominou na génese do conceito, praticamente desapareceu e, contemporaneamente, significa, essencialmente, uma vida sexual decadente. Entretanto, nos séculos XVII e XVIII coexistiram as duas aceções: a primeira, de uma forma mais vincada, em seiscentos, e a

segunda, mais marcadamente, em setecentos. No século XVII e início do século XVIII, libertino designava “espírito forte”. No século XVIII, os libertinos poderiam confundir-se com os livres-pensadores ou filósofos. É neste sentido que Leszek Kochakowicz argumenta que o libertinismo moral e filosófico é expressão de uma realidade francesa relativa às ideias e aos costumes dos séculos XVII e XVIII. Assim, os vocábulos libertinagem e libertinismo, sinónimos, evoluíram ao longo dos tempos.

Esta enunciação, “libertinos”, que identifica os antepassados dos racionais e dos filósofos das Luzes, evoluiu do século XVII para o XVIII. Expressava, inicialmente, a desenvoltura espiritual e ajuizamento das crenças religiosas, mas passou a ter, crescentemente, o significado pejorativo de incredulidade ligado à devassidão moral. Em termos gerais, libertino exprimia um depravado, um diletante mundano e incrédulo ou um filósofo cético; mas, residualmente, também lhe é dado o significado de “Espírito Forte”.⁶¹

Facto é que, “libertino” e “libertinagem” foram, durante muito tempo, expressões que designavam as opiniões e comportamentos que se desviavam da norma dominante, mas que só foram reivindicados na efervescência do século XVIII e só com a distância de vários séculos, se tornaram categorias da história das ideias e das letras.

Vimos, assim, que definir *libertinismo* não é tarefa isenta de problemas, residindo a dificuldade tanto na origem da palavra como na variedade do seu uso em função da época e do local. Segundo Didier Foucault, o contexto religioso marcado pelo confronto dos católicos e dos protestantes proporcionou aos libertinos, nos séculos XVI e XVII, a oportunidade de se insinuarem nos interstícios da cultura das sociedades da Europa Ocidental.

O desenvolvimento das seitas, que ocorreu após os reformadores terem destronado a autoridade romana em grande parte da cristandade ocidental, favoreceu o desenvolvimento do libertinismo. Calvino denunciou os “libertinos espirituais” e a verdade é que, em acordo com os adversários católicos, os protestantes se esforçaram por massacrar tantos anabatistas e libertinos espirituais (camponeses da Alemanha do Sul) quanto possível.⁶²

O Concílio de Trento falhou os seus objetivos e a leitura livre da Bíblia, resultante do impulso protestante foi, a longo prazo, devastadora. A saturação, que o povo sentia, das Guerras de Religião e a coragem de Henry IV permitiram aos políticos impor o compromisso do Édito de Nantes. Durante perto de vinte anos a França, pacificada, recuperou o gosto pela vida. A censura foi quase inexistente, os

⁶¹ Kochakowicz, p. 326.

⁶² Didier Foucault, “Le libertinage de la Renaissance à l'Âge Classique : un territoire pour l'historien ?”, Les Dossiers du Grihl [En ligne], Hors-série no 3, 2022 <<https://journals.openedition.org/dossiersgrihl/293>> [acedido 29 outubro 2022].

Jesuítas foram calados e os protestantes foram pacificados. Apesar de as figuras lusas que estudámos não se interessarem pelas divergências religiosas entre protestantes e católicos, certo é que foram essas divergências que proporcionaram o pensamento libertino.⁶³

A rejeição do fanatismo, o relativismo tolerante (preconizam uma sujeição meramente formal aos costumes do local e do tempo que não implica qualquer adesão espiritual) e a aversão ao dogmatismo resultaram da experiência dessas guerras e do estudo de Montaigne. Muito antes dos chistes de Voltaire, ao longo do século XVII, Júlio Cesare Vanini,⁶⁴ Thomas Hobbes, Baruch de Espinosa e outros foram

⁶³ Foucault, "Le libertinage de la Renaissance à l'Âge Classique : un territoire pour l'historien ?".

⁶⁴ Lucilio Vanini, que em suas obras se autodenominou Giulio Cesare Vanini (1585, Itália - 1619, França) "(...) inspirador da incredulidade, que encontra na "libertinagem erudita" a sua expressão acabada, foi o mediador entre esta e aquilo que do pensamento da Renascença, é oponível à teologia. Nega as virtudes cristãs da Fé, da Esperança e da Caridade e defende o prazer. Para este pensador, a vida humana é rigorosamente semelhante à vida animal e nega-lhe a imortalidade. Herdeiro do Naturalismo da Antiguidade e do Naturalismo Paduano, dessacraliza a Natureza e rejeita o antropocentrismo da Gênese. Sendo um dos principais canais da doutrina política da impostura das religiões, reduz os fenómenos religiosos a maquinações de espíritos doentes com melancolia ou a invenções de políticos. Na sua obra, surgem como temas recorrentes, o Racionalismo, o Cepticismo, o Deísmo e o Ateísmo. Em Dialogues, Vanini defende o essencial das teses naturalistas dos Paduanos, alegando que os milagres, os oráculos, as profecias e as possessões são fruto da imaginação, da influência dos astros ou da impostura dos padres ao serviço dos Príncipes. Em sintonia com Charron abre caminho para a compreensão das relações entre o povo e os políticos, para o entendimento da desconfiança destes últimos em relação aos savants e para a influência de Maquiavel na análise política. Vanini reduz as religiões a invenções políticas e criações humanas destinadas a responder à exigência humana de Governo e ao exercício do Poder, e entende que as manifestações sobrenaturais que o povo ignorante acredita ver na Natureza não passam de ficção e ilusão. De Admirandis é um texto irónico, matriz, modelo crítico e de escrita para a "libertinagem erudita" francesa em erupção. Vanini recorre, sistematicamente, como fará a "libertinagem", à Razão e esforça-se por purgar da Natureza a intervenção sobrenatural. Este autor é precursor do estilo dos "libertinos", que procedem mediante a selecção, síntese e colagem das fontes. Em Dialogues, através da selecção de textos da Antiguidade e da Renascença usa polemicamente a erudição. De entre estes textos, retém aqueles que abarcam argumentos de crítica de fenómenos religiosos, no sentido de opor razão natural à crença religiosa e à credulidade popular. Coloca todas as religiões no mesmo plano, inclusive as pagãs, entendendo que todas têm o mesmo desenvolvimento e nascem e morrem. Num pensamento análogo ao de Maquiavel, Vanini aplica a Moisés e a Mahomet as análises que os dos Antigos perfazem relativamente ao paganismo e estende a análise a Jesus Cristo que seria, no seu entender, um político hábil e um impostor. Pelo que o Cristianismo não passaria de uma impostura e de uma religião popular, repleta de superstições. Vanini concebe um Deus e uma religião puramente naturais, defendendo que os Deuses são criações humanas. Este pensador opera a classificação entre "espíritos fracos" ou crédulos e "espíritos fortes", que só acreditam na Razão. Justificando, portanto, a existência de uma política destinada ao povo e de uma política para o sage que obedece, apenas, às leis por virtude da razão. Este autor alega que existe uma religião natural para o sage e outra religião imbuída de superstições, destinada a ludibriar e controlar o povo, assim como uma moral independente para o sage que procura a virtude por si-própria e uma moral garantida por um constrangedor Deus polícia para o povo. Para ele a posição do filósofo é a de observar condenado ao silêncio, entre um povo hostil e embrutecido pelo poder vigente, e entre um poder instituído que teme a sua clarividência. Vanini retém, de Montaigne, o princípio da separação entre a esfera pública e a esfera privada que gera a atitude intelectual dos politicamente conservadores, "libertinos eruditos" que temem que as suas análises sejam difundidas. Concebe uma Natureza livre da Teologia, e, céptico quanto aos relatos da Gênese, nega o carácter divino das Escrituras. Este pensador, à semelhança de Cyrano de Bergerac e de Naudé, não crê em bruxaria e para ele, a magia e as possessões são, também, fenómenos naturais gerados pela melancolia, a histeria, a imaginação ou a impostura dos padres. Por fim, recusa a imortalidade da alma, negando redenção e o último juízo. A síntese crítica de Vanini reflecte os argumentos do Naturalismo de Pádua e o pensamento de Maquiavel que se completam para tecer críticas, no que concerne à superstição, às religiões e aos fenómenos sobrenaturais, culminando num anti-religiosismo radical e no Ateísmo." (Maria Constantino Meireles de Sousa Machado, "La Mort d'Agrippine, de Cyrano de Bergerac : Uma Tragédia Sem Eternidade" (Universidade do Porto, 2002), http://aleph.letras.up.pt/F?func=find-b&find_code=SYS&request=000135721.)

preparando o terreno⁶⁵. As *Frondes*⁶⁶ e as suas consequências devastadoras, também contribuíram para o pragmatismo libertino.

Mas, no século XVII, uma vez consolidada a monarquia de origem e a legitimidade divina, irrompeu a ofensiva anti-libertina, que foi motivada pela independência libertina relativamente às regras morais, religiosas, tradicionais ou temporais. Os libertinos passaram a ser uma ameaça, já que também apregoavam as vantagens duma hierarquia social baseada no mérito. Eclodiu, portanto, a reação com o processo de Théophile de Viau, autor de versos pornográficos e de Vanini o autor de *De Admirandis*. Louise Godard de Donville⁶⁷ refere que, com a publicação da *La Doctrine curieuse des beaux esprits de ce temps, ou prétendus tels*, o padre jesuíta François Garrasse⁶⁸ estabilizou, para sempre, o significado de *libertinage* que, doravante, passou a designar a realidade narrada pelo eclesiástico.

“Par le mot de libertin, je n’entends ni un huguenot, ni un athée, ni un catholique, ni un hérétique, ni un politique, mais un certain composé de toutes ces qualités. (...) J’appelle libertins nos ivrognes, mouchérons de tavernes, esprits insensibles à la piété, qui n’ont d’autre Dieu que le ventre, qui sont enrôlés en cette maudite confrérie que s’appelle la Confrérie des Bouteilles. Il est vrai que ces gens ne croient aucunement en Dieu, haïssent les huguenots et toutes sortes d’hérésies, ont quelquefois des intervalles luisants, et quelque petite clarté qui leur fait voir le misérable état de leur âme; craignent et appréhendent la mort, ne sont pas du tout abrutis dans

⁶⁵ Foucault, “Le Libertinage de La Renaissance à l’Âge Classique : Un Territoire Pour l’historien ?”.

⁶⁶ “A Fronda foi um período de agitação e de guerra civil que durou quatro anos, de 1648 a 1652, durante a menoridade de Luís XIV. A diversidade dos acontecimentos e a complexidade desta crise tornaram difícil a sua interpretação pelos historiadores. A Fronda: uma visão simplificada. Na realidade, houve várias Frondes. Como observou E.H. Kossmann, a Fronda não foi nem uma revolução parlamentar, nem uma revolução feudal, nem uma revolução popular, mas um pouco de tudo isso. O movimento contra o ministério, os intendentos, os traidores, as contradições do sistema e os encargos resultantes da guerra externa conduziram, no final de um período de revolta e agitação, a uma guerra civil declarada, que pôs fim aos infortúnios. Mas como nenhum grupo político ou social foi capaz de afirmar um programa ou empreender uma ação coordenada capaz de reunir a maioria do país ou de o subjugar, a monarquia tradicional recuperou o seu prestígio. Luís XIV aprendeu a lição: embora tenha permitido que Mazarin prosseguisse as negociações de guerra e de paz e restabelecesse os intendentos, resolveu nunca mais ter um primeiro-ministro, controlar os parlamentos, retirar a nobreza da vida política e transformar a monarquia absoluta de princípio numa monarquia pessoal, em que o rei, através do seu Conselho, administraria diretamente o reino e imporia a obediência aos seus súbditos.” (Tradução nossa.) (Victor-Lucien Tapié, “Fronde,” in *Encyclopædia Universalis [En Ligne]*, accessed October 29, 2022, <https://www.universalis.fr/encyclopedie/fronde/>. <https://www.universalis.fr/encyclopedie/fronde/>)

⁶⁷ Louise Godard de Donville. “Le Libertin Des Origines à 1665: Un Produit Des Apologètes.” In *Papers on French Seventeenth Century Literature*. Seattle, 1989. pp. 119-327.

⁶⁸ François Garrasse foi um jesuíta francês que ficou famoso pelo seu ardor de polemista. Inicialmente predicador, foi afastado da cátedra, pelos seus superiores, dada a sua extravagância e a violência dos seus sermões. Inicia, então, a redação de panfletos em que ataca com anátemas e calúnias os libertinos, os protestantes, os inimigos dos jesuítas e os seus adversários pessoais. As suas obras mais conhecidas são: *Doctrine curieuse des beaux esprits de ce temps, ou prétendus tels, contenant plusieurs maximes pernicieuses à la religion, à l’Estat et aux bonnes mœurs, combattue et renversée par le père F. Garassus (1623)*, em que se encarniça contra Théophile de Viau; a “*Somme théologique des vérités capitales de la religion chrestienne*” (1625). (François Garrasse. *La Doctrine Curieuse Des Beaux Esprits de Ce Temps Ou Prétendus Tels Contenant Plusieurs Maximes Pernicieuses à La Religion, à l’Estat, & Aux Bonnes Moeurs, Combattue et Renversée Par Le P. François Garassus*. Paris: Chez Sebastien..., 1624. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k109743b.image>. [acedido 28 fevereiro 2022])

le vice, s'imaginent qu'il y a un enfer, mais au reste ils vivent licencieusement, jetant la gourme comme jeunes poulains, jouissant du bénéfice de l'âge, s'imaginant que sur leurs vieux jours Dieu les recevra à miséricorde, et pour cela sont bien nommés quand on les appelle Libertins, c'est comme qui dirait apprentis de l'athéisme."⁶⁹

Os *beaux-esprits* (descrição de Garrasse) e os libertinos comportamentais aproveitaram a liberdade.

O mérito do Padre Garrasse terá consistido em, com o fito de atacar determinados escritores e as suas obras e comportamentos, transformar uma palavra banal, *libertin*, numa arma polémica. Desta forma, o movimento libertino terá sido criado pelos seus inimigos, que lhe conferiram uma identidade cultural e estrutural. Neste século XVII, havia libertinos em todos os estratos sociais, mas eram um número ínfimo. Apesar dos subtis laços de solidariedade entre eles, provocados pelo desinteresse pelas coisas sagradas e pelas regras da moral cristã, só muito raramente se quebravam as barreiras das ordens e das classes.

Mas a geração seguinte, de mil seiscentos e vinte e cinco, a mil seiscentos e quarenta e cinco, a dos libertinos eruditos foi mais prudente. Todavia, e a fim de denegrir a imagem destes libertinos eruditos, acusavam-nos, frequentemente, de luxúria, associando os desvios espirituais aos vícios da carne. Como refere Jeanneret, este fluxo semântico do vocábulo libertinagem é importante, porque implica que a licença sexual e a representação de eros passaram a ser, doravante, escolhas filosóficas graves, desafios à ordem estabelecida, questões de vida ou morte.⁷⁰

Porém, a evolução da ciência é inexorável e com a aproximação do século das luzes começaram a levantar-se vozes que advogavam a separação da religião e da moral. Pierre Bayle, nos seu *Eclaircissements sur certaines choses répandues dans ce dictionnaire*, adiantou ser possível existirem

⁶⁹ "Pela palavra libertino não quero dizer nem um huguenote, nem um ateu, nem um católico, nem um herege, nem um político, mas uma certa pessoa composta por todas essas qualidades. (...) Chamo de libertinos os nossos bêbados, mosquitos de taberna, espíritos insensíveis à piedade, que não têm outro Deus senão o estômago, que estão inscritos nesta maldita irmandade chamada Irmandade das Garrafas. É verdade que essas pessoas não acreditam em Deus, odeiam os huguenotes e todos os tipos de heresias, às vezes têm intervalos brilhantes e alguma pequena luz que os faz ver o estado miserável da sua alma; medo e pavor da morte, não ficam nem um pouco entorpecidos pelo vício, imaginam que existe um inferno, mas de resto vivem licenciosamente, jogando fora os estrangulamentos como potros jovens, aproveitando os benefícios da idade, imaginando que na velhice Deus receberá com misericórdia, e por isso são bem chamados quando os chamamos de Libertinos, é como se diriam aprendizes de ateísmo." (François Garasse. *Les Recherches Des Recherches et Autres Oeuvres de Me. Estienne Pasquier Pour La Defense de Nos Roys, Contre Les Outrages, Calomnies et Autres Impertinences Dudit Auteur*. Volume 3. Paris: Sebastien Chappellet, 1622. pp. 681-682. https://play.google.com/books/reader?id=ICxeAAAACAAJ&pg=GBS.PA681&hl=pt_PT.)

⁷⁰ Michel Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. Paris: Éditions du Seuil, 2003. p. 127.

ateus virtuosos ou, pelo contrário, viver-se criminosamente, no respeito pelas verdades da religião. Para Bayle, boas leis eram mais necessárias a uma sociedade do que uma religião verdadeira.⁷¹

Pouco a pouco, o “libertino” e a “libertinagem” prosseguem uma carreira autónoma: a libertinagem de costumes distancia-se dos *espíritos fortes*, dos filósofos, dos livres-pensadores: os devassos da Regência preferem entregar-se à depravação do que à contestação intelectual. Na “Enciclopédia”, o artigo *Libertinage* expõe:

“C'est l'habitude de céder à l'instinct qui nous porte aux plaisirs des sens; il ne respecte pas les mœurs, mais il n'affecte pas de les braver; il est sans délicatesse, et n'est justifié de ses choix que par son inconstance; il tient le milieu entre la volupté et la débauche; quand il est l'effet de l'âge ou du tempérament, il n'exclut ni les talents ni un beau caractère.”⁷²

Didier Foucault defende que após um fim de século temperado de devoção, por influência de Mme de Maintenon, quando o libertinismo ou a libertinagem irromperam, com a permissividade da Regência, paradoxalmente, perderam grande parte da sua conotação subversiva. A palavra suavizou-se e, na linguagem corrente, subsistiu, tão só, o significado de libertino dos costumes. O libertino de ideias passou a ser apanágio do sentido filosófico do vocábulo, perdeu-se grande parte da sua conotação subversiva; a palavra adocicou-se e, na linguagem corrente, subsistiu, tão-só, o sentido de libertino de costumes, tendo sido afastado o de libertino de ideias, que passou a ser apanágio do vocábulo filósofo.

No entanto, segundo Péter Nagy, o filósofo pode ser libertino. O libertino é que não é, necessariamente, filósofo. Refere que o traço que acerca o filósofo do libertino é o anticlericalismo ou a irreligiosidade. Defende que, apesar de terem uma armadura ideológica menos sólida que os filósofos, os libertinos padeciam dos mesmos tormentos de consciência que os filósofos: teísmo, deísmo, ateísmo, sendo certo que o espírito mais mundano e buliçoso do libertino lhe permitia divulgar essas ideias no seu meio.⁷³ Aliás, recordamos, com Claude Reichler a figura do *libertin honnête*, que se dava a prazeres e divertimentos já existentes desde o século XVII com Saint-Evremond e La Fontaine.⁷⁴

⁷¹ Daniel Vidal. “Pierre Bayle, Les «Éclaircissements». Édition Des «Éclaircissements» Du Dictionnaire Historique.” Archives de Sciences Sociales Des Religions, no. 152 (2010): 9–242. <https://doi.org/10.4000/assr.22631>.

⁷² “É o hábito de ceder ao instinto que leva aos prazeres dos sentidos; não respeita a moral, mas não pretende desafiá-la; não tem delicadeza e as suas escolhas só são justificadas pela sua inconstância; está entre a voluptuosidade e a devassidão; quando é resultado da idade ou do temperamento, não exclui talentos nem um bom caráter.” Jean le Rond d’Alembert; Denis Diderot. “Libertinage.” In Encyclopédie, Ou Dictionnaire Raisoné Des Sciences, Des Arts et Des Métiers. T 9. Vincent Giuntini Imprimeur, 1773. p. 476.

⁷³ Peter Nagy, *Libertinage et Révolution*. Paris: Gallimard, 1975. p. 23.

⁷⁴ Claude Reichler propõe uma caracterização de “libertino” a que não adere a maioria dos estudiosos do tema: o *Libertin Honnête*. Este é entendido como o agente da “libertinagem” disseminada e mascarada, que não expõe as suas convicções mais profundas. O *Libertin Honnête*, ao preservar a sua liberdade,

A integração da libertinagem no sistema social do século XVIII tornou a sua definição e delimitação difícil. Esta postura proliferou, essencialmente, nos meios aristocráticos e clericais. R. Mauzi advoga, inclusivamente, que o *Tiers État*⁷⁵, a burguesia,⁷⁶ não era propício à libertinagem. Na segunda metade do século XVIII, era já possível debater os males comuns pelo que, fixando-se a atenção nos constantes problemas do sexo, facilitava-se o desviar da atenção dos problemas temporais. Assim, apesar de o ser de forma atualizada, a originária ambiguidade da definição do conteúdo de libertinagem manteve-se. Na linguagem corrente do século XVIII, libertinagem e libertino são palavras que perderam a sua áurea: dissociaram-se dos filósofos. Contudo, os verdadeiros libertinos, os das altas esferas, patenteavam igualmente, ideias filosóficas, caso contrário, não passariam de depravados.

Nagy considera que, embora não subsistam na linguagem corrente as distinções subtis a que temos vindo a fazer referência, na literatura libertina, o libertino mantém-se próximo das suas origens de heterodoxia consciente e temerária e, no que toca ao pensamento, não se pode separar os filósofos dos libertinos, de um ponto de vista sincrónico global; são ambos ramos de descendência de Gassendi, Pierre Charron, Charles de Saint-Evremond nos novos combates do século XVIII.⁷⁷

3. Libertinismo erudito ou hedonista?

No sentido de destrinçar a essência do “libertinismo”, “libertinagem”, iremos, de seguida, estudar as suas manifestações esotérica e exotérica, compreendendo a tendência dissimulada e erudita da primeira e a hedonista e flamante⁷⁸ da segunda e tentar delimitar o lugar que ocupam no mundo ortodoxo luso setecentista. Para isso, iremos colocar a França no centro desta pesquisa, onde estes movimentos foram, especialmente, vivos e importantes, mas sem olvidar as contribuições significativas

ocupa um lugar no jogo social, contribuindo para o seu desenvolvimento. Este tipo de libertino que podemos associar não só ao libertino erudito, mas, também, aos libertinos *honnêtes gens*, epicuristas, sucedeu àquele tipo de libertinagem aberta e reivindicativa que foi condenada ao desaire pela sua conceção ingénua das funções das representações dos laços sociais e na *psyché* individual. (Claude Reichler. *L'âge Libertin*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1987.)

⁷⁵ No Antigo Regime, tratava-se grupo de pessoas que não pertenciam ao clero ou à nobreza e que constituíam a terceira ordem do Sous l'Ancien Régime, ensemble des personnes qui n'appartenaient ni au clergé ni à la noblesse et qui formaient le troisième ordre du royaume.

⁷⁶ “L'immobilité, la pesanteur de la morale bourgeoise interdisent toute évasion vers un autre style de vie, et le bourgeois libertin est irrévocablement un bourgeois déchu.” (Robert Mauzi, *L'Idée Du Bonheur Dans La Littérature et La Pensée Françaises Au XVIIIe Siècle*. Genève-Paris: Slatkine Reprints, 1979. p. 34.

⁷⁷ Nagy, *Libertinage et Révolution*. pp. 23-26.

⁷⁸ A distinção entre *libertinage érudit* e *libertinage flamboyant* é estabelecida, primeiramente, por René Pintard em *Le Libertinage Érudit Dans La Première Moitié Du XVIIe Siècle*.

da Inglaterra e da Itália. Exporemos, de forma aprofundada, o pensamento dos libertinos filósofos, tentando fixar a sua verdadeira posição face à ordem civil e à ortodoxia.

O século XVII foi, no conjunto da Europa, uma época de restauração das hierarquias civis e eclesiásticas e dos valores tradicionais do domínio da moral e da religião. Mas, por detrás deste retorno à ordem, os libertinos foram uma família de espíritos em desacordo com o seu século, para quem a independência de pensamento era fundamental. Já vimos, aliás, que o próprio vocábulo qualificativo é polémico. Pretendendo ser injurioso, é muito confuso. Aplica-se tanto a um grupo de jovens aristocratas debochados que se recusam a aderir à ordem moral, como a certos filósofos cuja preocupação de liberdade se associa a um imenso horror ao escândalo.⁷⁹

A expressão “Libertinagem Erudita” foi usada pela primeira vez por René Pintard e, doravante, é universalizada pelos estudiosos dessa realidade ao referirem-se aos livres-pensadores filosóficos que, então, apesar de ocuparem cargos de alguma responsabilidade social (mas nunca de primeiro plano) eram, não obstante, dotados de uma liberdade de pensamento que não podia ser ostentada, pois seria perigosa para o regime e, principalmente, para a sua liberdade.

Já *Libertinage Flamboyant* (libertinismo hedonista) foi usado por Pintard para se referir, conforme iremos, oportunamente, desenvolver, à ostentação da liberdade que, por circunstâncias históricas, livres-pensadores como Júlio Cesare Vanini, Théophile de Viau, ou Giordano Bruno e Galileu Galilei ousaram (uns libertinos, enquanto outros não) e que foi, fortemente, amainada pela reação desencadeada pelas autoridades. Bruno e Vanini foram condenados à fogueira em 1600 e 1619; o processo de Viau durou dois anos sem que fosse proferida acusação por falta de prova. Libertado em 1625, faleceu seguidamente, após doença provocada pelas masmorras (não sem, antes, se ter confessado). Galileu foi julgado em 1633, por sustentar o heliocentrismo, e mantido em prisão domiciliária até à sua morte em 1642.

3.1 O Libertinismo Erudito

Nos primeiros decénios do século XVII, o libertinismo tem mais relevância no âmbito da História das atitudes coletivas da sociedade do que propriamente na História das Ideias. Trata-se, acima de tudo,

⁷⁹ Charles-Daubert, Françoise. “Spinoza et Les Libertins - Le Traité Des Trois Imposteurs Ou L'Esprit de Spinoza.” Editado por Renée Bouveresse. *Spinoza, Science et Religion: De la Méthode Géométrique a l'Interprétation de l'écriture Sainte : Actes du Colloque*. Paris: Vrin, 1989. <http://hyperspinoza.caute.lautre.net/Spinoza-et-les-libertins-par-Francoise-Charles-Daubert>.

de um comportamento, uma atitude, uma postura, baseados na não adesão secreta ou manifestada às crenças do corpo social.

Anne Staquet⁸⁰ acredita que não se devem confundir os libertinos, (referindo-se aos pensadores eruditos) com os provocadores. Entende que, nessa época, a provocação, identificada como tal, não era uma atitude difícil de manifestar, nem sequer era, especialmente, mal vista. Muitos jovens nobres entretinham-se a chocar os bem-pensantes sem, no entanto, darem azo a qualquer represália, já que a sua falta de credibilidade não colocava em risco as instituições da época. Mas as constatações dos pensadores libertinos eram distintas das dos provocadores e a sua atitude diversa: *Intus ut libet, foris ut moris est*⁸¹ como veremos adiante.

Uma das diferenças capitais entre os libertinos eruditos seiscentistas e os livres-pensadores do século das Luzes consiste no facto de os libertinos eruditos não terem pretendido educar o povo. Interessava-lhes, outrossim, reunir entre pares e aproveitar uma companhia seleccionada a fim de cultivar o espírito. É, exactamente, por essa razão que se constituem em rede.

No entanto, a verdade é que ambos os grupos, independentemente da sua postura, deboche e rejeição da ordem moral ou preocupação filosófica discreta e dissimulada, cultivavam uma independência de pensamento que, nos espíritos elaborados dos pensadores eruditos, tende a assumir uma forma teórica, apoiando-se em sistemas intelectuais preexistentes.⁸²

Os libertinos “espíritos fortes” do século XVII criticavam as crenças estultas e denunciavam as superstições, sujeitando os dogmas à análise racional e opondo os dados da sua experiência às certezas herdadas da tradição.⁸³ Todavia, o libertinismo não era uma tomada de posição comum, era, sobretudo, uma contestação do pensamento comumente admitido nos domínios e questões sensíveis da época. Era um pensamento contestatário que se referia à escolástica, à ciência, à religião e à política. Poderia afirmar-se que as áreas em que havia consenso de aprovação social, eram alvos libertinos.⁸⁴

Os libertinos foram importantes para o aparecimento dos intelectuais enquanto grupo social com traços específicos, distinto dos clérigos e dos burocratas, como refere Leszek Kochakowicz.⁸⁵ Contudo, é à expressão de Didier Foucault que recorreremos para salientar que não se poderá falar senão de uma constelação libertina, já que seria de todo ilusório conceber o pensamento libertino como uma escola de

⁸⁰ Anne Staquet, “Internet et la formation des réseaux libertins” no site do coloquio *La Pensée, les Réseaux et l’Ordinateur* organizado pelo grupo “réseau-raison” no Quebec em 29 e 30 setembro 2005” <http://www.fp.ulaval.ca/rr/colloque2005_libertins.htm> [acedido 10 janeiro 2008].

⁸¹ “Em privado pense o que quiser, em público comporte-se conforme os costumes.”

⁸² Robert Abirached, “Libertins,” in *Encyclopædia Universalis [En Ligne]*, [acedido janeiro 9, 2008]. <https://www.universalis.fr/encyclopedie/libertins/>.

⁸³ Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l’Âge Classique*. p. 194.

⁸⁴ Staquet, “Internet et la formation des réseaux libertins”.

⁸⁵ Kochakowicz, “Libertino”. p. 338.

princípios bem estabelecidos.⁸⁶ A própria distinção clássica entre libertinagem de comportamento e libertinismo filosófico parece insuficiente, já que em ambos os planos se sobrepõem algumas determinações mais estritas.

No que ao comportamento diz respeito, existe um vasto leque de atitudes. Entre muitos outros, poderiam referir-se como parte de uma categoria cômoda, os sodomitas, os sedutores, os frequentadores de bordéis ou os simples apreciadores da boa mesa. Já relativamente às doutrinas, poderão referir-se, entre outros, ateus de inspiração aristotélico-averroísta, discípulos dos Epicuristas Antigos, mecanicistas modernos, céticos radicais e partidários de várias obediências deístas. Por outro lado, e agravando a dificuldade, nada obriga a que os indivíduos sejam de uma única filiação ideológica: podem ser de várias. Além de que, contrariamente à intolerância dominante entre os católicos e os protestantes, também as várias ideologias não são antagónicas entre si. Existem cumplicidades subtis e tolerantes que ligam aqueles ideários.

Anne Staquet concorda com este argumento e defende que a falta de doutrina positiva e a inexistência de posições teóricas comuns (as opiniões não são, necessariamente, partilhadas) torna difícil não só de identificar, mas também de caracterizar o libertinismo do século XVII: não é uma doutrina, nem mesmo uma forma literária comum. Mais do que qualquer ideologia, os libertinos partilhavam entre si a ausência ou o questionamento de preconceitos. Na verdade, mesmo entre eles, raciocinavam distintamente uns dos outros. O preconceito que ultrapassavam não era substituído por qualquer conceção conjunta. Ao invés, permitia o desenvolvimento de várias visões do mundo.⁸⁷

Segundo Staquet, o clérigo Marin Mersenne⁸⁸ esteve no centro da rede libertina. Apesar de ser insuspeito de libertinismo (conjuntamente com Garrasse, denunciou as atividades libertinas), durante a

⁸⁶ Foucault, "Le libertinage de la Renaissance à l'Âge Classique : un territoire pour l'historien ?".

⁸⁷ Staquet, "Internet et la formation des réseaux libertins".

⁸⁸ Marin Mersenne, filósofo religioso francês, foi um dos mais importantes protagonistas da revolução científica do século XVII. O seu papel nesse meio não foi tanto o de homem de ciência, quanto o de testemunha e animador. Membro da ordem dos Mínimos, em Paris, a sua célula do convento da Place Royale, foi um dos centros da atividade filosófica e científica europeia e onde se preparou a Academia das Ciências, fundada em 1666. Mersenne é conhecido por ter sido o "secrétaire de l'Europe savante", foi correspondente de Descartes, Galileu, Constantino e Christian Huygens, Fermat, Torricelli, Gassendi, Hobbes, Crusius. Traduziu e editou de forma parafrástica *Mécaniques de Galilée* e das *Nouvelles Pensées de Galilée*, também mandou imprimir a primeira edição das *Méditations de Descartes* e reuniu as *Objections* que aquele lhe pediu para anexar. Defendeu que o empirismo e o espírito positivo eram mais importantes que a metafísica. Mersenne foi também editor de várias obras dos seus amigos, tais como Roberval, Hobbes (*De Cive*), La Mothe Le Vayer, Fermat. Mersenne interessou-se por todas as questões filosóficas e científicas do seu tempo e, apesar de não se ter destacado enquanto filósofo: *Son intérêt allait à toutes les questions philosophiques et scientifiques de son temps et, s'il n'a pas été un philosophe de premier plan*. Robert Lenoble refere (in Robert Lenoble. *Mersenne Ou La Naissance Du Mécanisme*. Paris: J. Vrin, 1943.) que Mersenne é característico do meio culto da época: *Son itinéraire philosophique est celui de toute la génération qui quitte la scolastique pour le mécanisme*. Mersenne critica as ciências falsas (alquímica e bruxaria) e os pensadores naturalistas da Renascença que acreditaram na astrologia e na alma do mundo (os "panpsichistas" e os animistas) nomeadamente Pomponazzi, Cardano e Parecelso. Rejeita a associação entre a Natureza e o espírito, assim como a escolástica cuja física considera ultrapassada. Defende que só o mecanicismo permite uma

primeira metade do século XVII, em seu redor, giravam todas as redes de doutos da Europa, compostas por sábios, cultos, espíritos livres e, inclusive, libertinos. Quando se afastavam de Paris todos eles o mantinham a par das novidades e, frequentemente, enviavam-lhe os seus manuscritos para correção, (tinha a reputação de ser a “caixa de correio”). Surpreendentemente, é por causa da sua denúncia que a primeira geração de libertinos, a *Tétrade* (Gassendi, La Mothe le Vayer, Naudé e Diodatti), se conhece, se descobre e constrói a rede⁸⁹ que representa um percurso que foi, essencialmente, uma aventura intelectual discreta. Os Libertinos Eruditos, de elevada cultura eram juristas, médicos, por vezes, que se mantinham a par das grandes questões da sua época. Acolheram todas as novidades originadas na Europa e conheciam os ideais de Galileu, de Bacon, de Campanella, liam Descartes, Hobbes e Espinosa, seus contemporâneos. Liam-se também entre si e davam-se a conhecer através de publicações e manuscritos para iniciados,⁹⁰ ou através de pseudónimos: o recurso comum a uma linguagem que tanto servia para disfarçar ideias quanto para revelá-las mascaradas, de tal forma que só os iniciados as podiam desvendar, caracterizava estas redes que, apesar de não se constituírem, necessariamente, com base em ideias comuns partilhadas, estavam sempre ligadas pelo questionamento da *doxa* e dos poderes da época. Até 1630, enquanto a Inquisição não produziu a sua contraofensiva, os pensadores iam até Itália se *deniaiser*.⁹¹

Destes círculos “libertinos”, muito diversificados, como vimos, podemos destacar grupos e personagens díspares como a *Tétrade*⁹², o cristão Guy Patin, e os poetas Theophile de Viau, Claude de Chouigny, baron de Blot l'Église e Vauquelin des Yveteaux. Antoine Adam agrupou, em *Les Libertins au XVII Siècle*, trechos literários de vários “libertinos” do século XVII. Paradoxalmente, esta obra permite verificar a diversidade deste grupo,⁹³ que conta, tanto com “libertinos” hedonistas, companheiros de

distinção nítida e uma defesa contra os libertinos. Nesse sentido, o exposto nas suas duas obras principais: “*L'Impiété des déistes, athées et libertins de ce temps, combattue et renversée de point en point par des raisons tirées de la philosophie et de la théologie*” 1624; “*La Vérité des sciences contre les sceptiques et les pyrrhoniens*”, 1625. Mersenne acredita na *physique nouvelle* como ciência dos fenómenos. A tomada em consideração do princípio da inércia permite qualificar “*science ce qui est science, et âme ce qui est âme*”. Em 1634, Mersenne formula as regras da *Nouvelle Méthode* que rejeita o princípio de autoridade, recurso à experimentação, matematização da natureza, “*volonté de faire du monde une immense horloge sans intention propre et sans âme*”. Todavia, não aceita a metafísica cartesiana, entende que a ciência não tem necessidade de fundamento metafísico. O fenomenismo, o empirismo, e o pragmatismo (*cette science limitée suffit à nous guider dans nos actions*), do pensamento de Mersenne, surpreendem por ser um defensor de Descartes.

⁸⁹ Staquet, “Internet et la formation des réseaux libertins”.

⁹⁰ O “*Voyages dans la Lune et le Soleil*” de Cyrano de Bergerac só é publicado em versões expurgadas, a título póstumo e o autor do Theophrastus Redivivus” não é identificado.

⁹¹ Kochakowicz, “Libertino”. p. 329.

⁹² *Tétrade*, como eram conhecidos Pierre Gassendi, Elie Diodatti, Gabriel Naudé e François La Mothe le Vayer, que, frequentemente, conferenciavam.

⁹³ Lise Leibacher-Ouvrard, *Libertinage et Utopies Sous Le Regne de Louis XIV*. Genève - Paris: Droz, 1989. p. 104.

Gaston d'Orléans e Guy Patin⁹⁴, como com eruditos *déniaisés* da *Académie Puteane*⁹⁵, grupo de iniciados de número limitado, unido e discreto, nada vocacionado para o escândalo ou martírio; e por fim com escritores: Cyrano de Bergerac, Charles D'Assoucy, Tristan L'Hermite, Theophile de Viau e Charles Sorel.

Pierre Bayle⁹⁶, em *Pensées Diverses*, dissociou, irreversivelmente, *libre pensée* e *dissolution des mœurs*⁹⁷ e foi René Pintard quem, primeiramente, qualificou este grupo de sábios como “libertinos eruditos”. Pierre Gassendi, Gabriel Naudé, François de La Mothe le Vayer, Elie Diodatti, Guy Patin, entre outros, eram homens cultos de origem burguesa, ou da pequena aristocracia que tinham um estatuto que, por não ser, suficientemente, elevado para ocupar o primeiro plano, lhes permitia consagrar grande parte do tempo ao estudo e à manutenção de teias de correspondência nos meios cultos do Reino da França e da Europa.

Os livres-pensadores frequentavam os salões prestigiados dos *beaux esprits*⁹⁸ e, pela sua sapiência e talento, eram colaboradores de primeira qualidade dos poderosos. Tanto Nicolas Vauquelin des Yvetaux, como La Mothe le Vayer foram preceptores dos delfins de França. François de Boisrobert foi escrivão de Richelieu, Gabriel Naudé foi bibliotecário de Mazarin, Pierre Michon Bourdelot esteve ao serviço da rainha Cristina da Suécia⁹⁹.

Para que se compreendam as redes libertinas, há que ter em atenção que os seus membros procediam a uma seleção rigorosa dos seus pares, no espírito de um certo elitismo, que não se prendia

⁹⁴ Segundo Antoine Adam, “(...) ce chrétien (Guy Patin) était tout pénétré des idées qui régnaient dans le cercle des Dupuy, et l'on pourrait dans un certain sens parler à son propos de libertinage chrétien (...) On comprend en lisant Guy Patin, comment un chrétien sincère, mais soucieux de sa liberté ; pouvait se sentir plus proche de certains impies que des “moines” qui alors se rendaient maîtres de la vie des français.” Adam, *Les Libertins Au XVII Siècle*. p. 155.

⁹⁵ A *Académie Putéane* constitui-se em casa dos irmãos Dupuis, *les frères putéans*. Ai reúnem-se figuras que procuram conhecimento e desenvolver um espírito *déniaisé*. Segundo René Pintard, é o “santuário do saber”, o “seminário das vocações eruditas” onde, além dos libertinos eruditos, se cruzam outros eruditos *deniasés*. Pintard, *Le Libertinage Érudit Dans La Première Moitié Du XVIIe Siècle*. pp 93-95.

⁹⁶ “Nas gerações posteriores deve mencionar-se Pierre Bayle, que veio a ganhar uma reputação merecida de céptico por excelência e nessa capacidade exerceu, de facto, uma enorme influência sobre a filosofia do Iluminismo. Tanto entre os seus críticos como entre os seus seguidores as suas declarações fideístas eram normalmente ignoradas ou postas de lado como se se tratasse de uma pura máscara, apesar de agora termos boas razões para as tomar seriamente; parece que, na realidade, era um crente sincero que, sob o impacto da crítica racionalista, se refugiou numa “religião do coração”, como fizeram muitos nesse período. Se não se deu crédito a Bayle não foi porque tal solução fosse insólita, mas por aquilo em que ele punha a sua tónica: coligar e endossar vários argumentos cépticos que minavam ou destruíam as justificações racionais do cristianismo ortodoxo e atestar a sua própria fé com frases de ocasião era uma tática tipicamente libertina, e não é surpreendente que os leitores tendessem a não ligar a tais declarações, ainda que estas tivessem um carácter de seriedade. Como resultado, Bayle, que no seu íntimo era um cristão e crente, acabou por figurar na história das ideias como um expoente do cepticismo anticristão. Um dos seus contributos foi separar claramente o libertinismo moral da incredulidade filosófica: ele acentuou repetidas “vezes que um, ateu (Espinosa era o seu exemplo mais evidente a seguir vinha Vanini) podia alcançar os níveis mais altos da vida moral e que, portanto, a moralidade pessoal não dependia necessariamente das crenças religiosas.” Kochakowicz, “Libertino”. p. 330.

⁹⁷ Françoise Charles-Daubert. “La Critique Anti-Théologique Dans Les Dialogues De Vanini Et Le Libertinage Érudit.” In *Kairos, Revue de La Faculté de Philosophie de l'Université de Toulouse Le Mirail*, N.o 12, Vanini, editado por Didier Foucauld e Jean-Pierre Cavaillé, Vol. 12 Vanini. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1998. p. 277.

⁹⁸ *Beaux Esprits*: seres talentosos bem falantes que rodavam nos salões e tertúlias da sociedade do Antigo Regime.

⁹⁹ Staquet, “Internet et la formation des réseaux libertins”.

com questões de classe social ou cultural, já que os seus membros, pensadores, não procuram a companhia dos aristocratas ou dos doutos. O elitismo libertino é tanto moral e estético, quanto intelectual. A fim de poderem encarar as questões filosóficas, políticas e religiosas sem preconceitos e receios das consequências, os libertinos eruditos procuravam companhias dotadas de liberdade espiritual ao invés de posição social ou grau cultural.¹⁰⁰ De origem burguesa ou de pequena nobreza, estes eruditos tinham noção de que não podiam repousar sobre os louros de privilégios de berço¹⁰¹. Quando invocavam, pejorativamente, o conceito de povo, população ou plebe, os libertinos visavam, concretamente, aqueles que não estavam libertos dos preconceitos do seu tempo, independentemente de serem nobres ou plebeus, doutos ou analfabetos.

Apesar de se viver um clima de grande liberdade à volta de Marin Mersenne, nem tudo se podia exteriorizar. Era necessário recorrer a uma máscara, a uma estratégia de dissimulação. O ateísmo estava ainda longe de poder ser assumido. A Inquisição estava vigente e o século XVII encaminhava-se para um cercear dos costumes e para um policiamento da religiosidade: Luís XIV, amigo dos libertinos desde jovem, converteu-se num idoso devoto.¹⁰²

Guy Patin, um douto frequentador dos círculos libertinos, espírito moderado e aparentemente crente, a quem alguma doutrina contemporânea nega o libertinismo, recomenda ao seu filho que, numa sociedade infestada de beatos, é necessário manter-se silencioso e ser dissimulado:

“Si dans l’exercice externe de la Religion quelque chose vous desplaist, n’en dites mot, cachez vostre maltalent et n’en parlez point. Croyez en ce que vous devez, et laissez là le reste sans causer aucun scandale. *Intus ut libet, foris ut moris est*, pratiquez ce bon mot des Italiens.”¹⁰³

Esta última expressão *Intus ut libet, foris ut moris est*¹⁰⁴, usada por Cesare Cremonini,¹⁰⁵ é tomada como mote e filosofia de vida pelos libertinos eruditos da primeira metade do século XVII. À semelhança

¹⁰⁰ Staquet.

¹⁰¹ Foucault, “Le libertinage de la Renaissance à l’Âge Classique : un territoire pour l’historien ?”

¹⁰² Staquet, “Internet et la formation des réseaux libertins”.

¹⁰³ “Se no exercício externo da Religião algo lhe desagrade, não diga uma palavra sobre isso, esconda seu desagrado e não fale sobre isso. Acredite no que quiser e não se manifeste, sem causar qualquer escândalo. *Intus ut libet, foris ut moris est* pratique esta boa sentença italiana.” Carta publicada inicialmente por René Pintard e reproduzida em Adam, *Les Libertins Au XVII Siècle*. p. 156-157.

¹⁰⁴ Em privado pense o que quiser; em público, comporte-se conforme os costumes.

¹⁰⁵ Cesare Cremonini (1550-1631) é um dos representantes mais avalizados da Escola de Pádua em que, durante séculos, pensadores italianos convergiram no sentido de criar uma filosofia original, orientada para a experiência, oposta à corrente escolástica provinda de Tomas de Aquino, Cremonini, imbuído do espírito Averróis e de Aristóteles sintetizou o pensamento de Pádua no seu auge da sua trajetória. Era racionalista e professava que a filosofia não podia ter

de Michel de Montaigne, precursor e paradigma destes pensadores: “Il faut réserver une arriere-boutique toute nostre, toute franche, en laquelle nous établissons nostre vraye liberté et principale retraicte et solitude”¹⁰⁶. Ou de François de Malherbe que recomenda, perante a desgraça de Théophile de Viau:

“Soyez homme de bien à son exemple; et qu’il ne tienne pas à aller dévotement à la messe, que vous ne soyez appelé Monsieur par ceux de votre village.”¹⁰⁷

No mesmo sentido, a prudência de Descartes:

“Au momment de monter sur ce théâtre du monde où, jusqu’ici, je n’ai été que spectateur, je m’avance masqué [*larvatus prodeo*]”¹⁰⁸.

Nessa época, a liberdade de expressão é inexistente e as ideias heterodoxas só são expostas em círculos reservados. Dada a reação e repressão da Igreja, entre 1619 e 1625, os libertinos tornaram-se mais discretos. Os debochados tornam-se mais sóbrios e os eruditos recorreram à ironia e à alusão velada.

Anne Staquet¹⁰⁹ defende que os libertinos sobreviveram à investida repressiva contra a liberdade de expressão e conseguiram contorná-la e persistir no seu livre-pensamento usando o expediente da dupla verdade que sustentava uma das premissas que os pensadores partilhavam: a necessidade de uma verdade exotérica para as multidões sujeitas às leis comuns e uma lei esotérica, oculta, que só os

fundamento na teologia, por esta não ser compatível com a razão. Entrou em colisão com os Jesuítas que se tinham implantado em Veneza, por ter enaltecido os mestres laicos e foi acusado de ateísmo. Os Jesuítas desserviram-no em Roma, junto à Inquisição, todavia o estado de Veneza protegia, em Pádua, as liberdades da filosofia e foi-lhe possível manter a recusa de retratação, abrigando-se por detrás da autoridade de Aristóteles. Cremonini era um espírito pacífico e conciliador a quem repudiavam o dogmatismo e o fanatismo. Seguiu a moral prática de Descartes: a obediência aos costumes do seu país. Fez uma distinção clara entre certeza ética e certeza lógica. Não tendo sido um grande inovador, foi testemunha importante das controvérsias da sua época e teve, em vida, grande notoriedade. Correspondeu-se com príncipes e reis europeus que o consultavam acerca de questões públicas e privadas. Veneza atribuiu-lhe um salário que era o dobro do de Galileu. Apesar da sua obra escrita ficar ultrapassada, as suas lições ministradas em Pádua, foram levadas pelos seus múltiplos e entusiastas discípulos, muito além das fronteiras da Itália.

¹⁰⁶ “Devemos reservar um quarto nos fundos só nosso, todo franco, onde estabelecemos nossa verdadeira liberdade e principal retiro e solidão” (Michel Eyquem de Montaigne, *Essais I*, ed. Maurice Rat. Paris: Garnier Frères, 1962. p. 271.)

¹⁰⁷ “Seja um homem de bem, note o seu exemplo; que não dependa senão de ir à missa com devoção, para que seja qualificado de Senhor pelas pessoas da sua aldeia” (Tradução nossa.) (François de Malherbe. *Oeuvres de Malherbe Recueillies et Annotées Par M. L. Lalanne*. 4. Paris: Hachette et Cie, 1862. p. 11.)

¹⁰⁸ “No momento de entrar no teatro do mundo onde, até agora, fui apenas espetador, avanço mascarado [*larvatus prodeo*]”. Esta declaração de Descartes, no preâmbulo das *Cogitationes Privatae* (1619) (A.T. 213), confissão de jovem filósofo do início do século XVII, marca também uma estratégia segundo a qual a filosofia e a teologia deveriam ser separadas, tanto nas suas disciplinas quanto no seu corpus.

¹⁰⁹ Staquet, “Internet et la formation des réseaux libertins” no site do coloquio “La pensée, les réseaux et l’ordinateur” organizado pelo grupo “réseau-raison” no Quebec em 29 e 30 setembro 2005”.

norteia a eles. *Intus ut libet, Foris ut Moris est*¹¹⁰ é a máscara libertina que ocultava as suas concepções do universo, protegia os pensadores dos poderes instituídos e filtrava os leitores, ainda sujeitos aos preconceitos sociais, que não compreenderiam.

Estes independentes acreditavam na necessidade de uma Religião de Estado, obrigatória na vida pública, que deixava, a cada um, a sua liberdade interior.

O convívio dos filósofos organizava-se em cenáculos discretos, de que se destacam a *Académie Puteane* e o círculo do Padre Mersenne. A máscara, que lhes permitia uma existência mundana, apesar do seu livre-pensamento e sem o sacrifício da sua independência, obrigava-os à prática dos gestos correntes de piedade, assim se conformando aos imperativos do trono e do altar. Estes pensadores que recebiam represálias e se protegiam da censura através da criação de ilusões eram herdeiros da cultura renascentista¹¹¹ em que o epicurismo fora uma ética mais aceite.¹¹²

As motivações políticas libertinas estão entrelaçadas com as filosóficas e as religiosas.¹¹³ Gabriel Naudé, herdeiro de Lucilio Vanini e Nicolau Maquiavel, apurou a crítica da religião como invenção e impostura política, considerando que o desenvolvimento das religiões é perpetrado pelos políticos para controlarem a opinião pública. Em *Considérations Politiques sur les Coups d'État*,¹¹⁴ defende que os príncipes e os poderosos não deveriam estar sujeitos aos interditos morais: só a Razão de Estado importaria.

Esta análise objetiva do funcionamento do poder contribuiu para a propensão do libertinismo francês de seiscentos em aceitar o poder estabelecido. Estes sábios percebiam que a intolerância religiosa fora a grande causadora dos conflitos que nas Guerras de Religião, no século XVI, haviam dilacerado a França. Conheciam, também, a necessidade de controle da insubordinação dos súbditos nas *Frondes*. Eram pragmáticos quanto à imprescindibilidade de prevenir esses conflitos.

Didier Foucault argumenta que o pensamento dos filósofos eruditos perdurou, até ao século das Luzes, no espírito de muita da burguesia e sobreviveu durante a própria Revolução Francesa. Existiu a percepção de que as religiões são imposturas engendradas para a manipulação dos povos e que os povos são versáteis e alienados pelas superstições religiosas, mas admite-se, todavia, a necessidade de uma

¹¹⁰ "Em privado pense o que quiser, em público comporte-se conforme os costumes."

¹¹¹ Em Montaigne, a dissimulação não era um fim, mas uma estratégia para manter o alerta. A própria poética dos *Essays* baseia-se nesse princípio: porque fornecer ao leitor um texto saturado, reflexões acabadas, seria condená-lo ao tédio. Staquet.

¹¹² Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. p. 49.

¹¹³ Na verdade, no século XVII, muitos espíritos que pareciam cristãos eram, na realidade, políticos e duvidavam ou negavam os mistérios, reduzindo a religião à política, ou seja, a considerações de ordem pública.

¹¹⁴ Gabriel Naudé, *Considérations Politiques Sur Les Coups d'Etat. Précédé de Pour Une Théorie Baroque de l'action Politique Par Louis Marin*. Éditions de Paris.Paris, 1989.

religião que torne coesa a sociedade. Acredita-se na indispensabilidade de uma religião de estado, que os iniciados, *deniaisés*¹¹⁵, haviam desmascarado, mas que não deixa de controlar as multidões ignorantes, receosas das penas eternas ou ansiosas do bem eterno de uma alma imortal.¹¹⁶ A aceitação e o reconhecimento da necessidade de uma religião que cimente o estado e as relações sociais, não significa, todavia, a aceitação de uma religião que limite e molde a mente. A compreensão, racional, da necessidade da religião também não significa, necessariamente, a adesão ao ateísmo.

Este conformismo político dos libertinos seiscentistas franceses deveu-se à adesão a uma ordem social que se justificava na racionalidade, na busca de uma centralização administrativa que, pela sua coerência, permitiu controlar a anarquia e a insubordinação dos grandes da nação.¹¹⁷

Não obstante, os eruditos eram lúcidos quanto às disfunções do sistema absolutista e aos seus abusos. Os Cardeais de Richelieu e Mazarino eram, na opinião libertina, controversos. Apesar de alguns de entre estes os servirem, como já aludimos, outros criticavam-nos. A abertura e agilidade de espírito dos libertinos confirmava-lhes a necessidade da ordem política existente, mas também lhes facilitava a decifração e o questionamento das leis e da autoridade religiosa.¹¹⁸

Os libertinos eruditos tendiam, portanto, a apoiar o absolutismo porque as recordações das Guerras de Religião e das *Frondes* eram recentes e prementes e porque a Santa Sé tentava influenciar a coroa francesa e limitar a soberania do monarca.¹¹⁹ Leszek Kochakowicz refere, muito a propósito, que

¹¹⁵ *Deniaisé* é o qualificativo que os libertinos que estudamos usavam, especificamente, para se auto-qualificar. A expressão não tem tradução exata em português, abrange uma polissemia de “astutos, sagazes, perspicazes.”

¹¹⁶ O autor defende, aliás, que, em França, da Renascença ao Iluminismo, um número crescente de homens e mulheres (naturalmente ilustrados...) deixa de precisar de uma qualquer e hipotética divindade que os transcende para pensar o mundo e organizar parte das suas vidas.

¹¹⁷ Foucault expõe que alguma compaixão pelas desgraças dos mais fracos que possam ter sentido os libertinos do século XVII, não o terá sido por convicções democráticas. Foucault, “Le libertinage de la Renaissance à l'Âge Classique : un territoire pour l'historien ?”.

¹¹⁸ Abirached, “Libertins.”

¹¹⁹ Reporta-nos, também, ao regalismo do Marquês de Pombal que François Bluche menciona na sua obra sobre o despotismo esclarecido. “Nenhuma monarquia poderia tornar-se ou manter-se absoluta sem primeiro se impor à custa das pretensões políticas de Roma e das usurpações do clero local; é por isso que a questão dos jesuítas, o anti-curialismo, a defesa dos direitos régios, (...)

Os que estão em primeira linha (...) Pombal - são estranhos às ideias e aos preconceitos da Enciclopédia (...) Finalmente, em Itália, em Espanha e em Portugal, qualquer que seja o atraso da evolução social - e esse atraso retarda as reformas - encontramos-nos num país de velha civilização. Pombal deve ser analisado pelos seus actos, que foram os de um empirista. Estrangeirado, talvez, aberto a influências exteriores, o favorito de José I não estava de modo algum imbuído das ideias francesas contemporâneas; não era um homem do Iluminismo. Agia à maneira dos grandes soberanos ou ministros do século XVII (...) Garção, em 1759, ao falar do rei (traduzir: do seu ministro todo-poderoso), “comparava-o a Luís XIV e a Pedro, o Grande, ao mesmo tempo”. Tal como Mazarin e Colbert, Pombal tirava benefícios pessoais do poder para si e para a sua família, mas nenhum observador honesto poderá afirmar que o Marquês terá preferido a sua carreira ou o seu orgulho à preocupação imperiosa e constante com o Estado, o que o torna um “déspota esclarecido”, mas também explica os limites da obra que empreendeu. Pombal actuou como se fosse o rei de Portugal. Mas um monarca tradicional, apoiado no direito divino e seguro da lealdade dos seus súbditos, pode permitir-se muitas coisas (...). Um ministro, pelo contrário, por mais poderoso que pareça, está isolado (...). Na lei, nada o autoriza a personificar a autoridade soberana. (...) Esquece-se demasiadas vezes que a causa principal da Fronda foi a ditadura de Richelieu (...) Bom católico, mas de tendência abertamente “galicana”, o ministro era hostil às pretensões da cúria.” (Tradução nossa.) (François Bluche, *Le Despotisme Éclairé* Paris: Fayard, 1969. p. 214, 268-269.)

o desprezo dos libertinos pelas disputas dogmáticas e pelas lutas confessionais estava ligado à ideia de que uma espécie de Religião de Estado, sendo obrigatória para todos e protegida de qualquer ataque, seria uma condição necessária para manter a ordem social. A principal virtude desta religião não seria a veracidade da mesma, mas a sua unicidade, aliviando a sociedade de disputas infrutíferas e perigosas entre seitas e entre profetas.¹²⁰

O debate em volta da mortalidade ou imortalidade da alma é tópico crucial do pensamento libertino e argumento debatido desde o século XVI ao XVIII. A título de exemplo refiram-se o tratado de Pietro Pomponazzi *De immortalitate animae*, (1516) e o ensaio de David Hume sobre o mesmo assunto.¹²¹ Está no centro da controvérsia o raciocínio que Kochakowicz expõe da seguinte forma:

“Visto que a imortalidade da alma não pode ser sustentada por qualquer experiência ou raciocínio natural, deveríamos estar gratos à nossa religião por ter-nos dado neste assunto uma certeza baseada na revelação.”¹²²

O clérigo Pierre Gassendi foi um dos mais peculiares pensadores libertinos. Na verdade, alguns autores que defendem que o movimento libertino só pode ser anticristão, como Antony Mckenna e Olivier Bloch, recusam-lhe o rótulo de libertino e aceitam-no, tão-só, como um amigo do círculo libertino.

A propósito, também Didier Foucault, sem se pronunciar especificamente acerca desse assunto, argumenta que a física atomista epicurista é incontestavelmente ateia, no sentido de que não precisa da hipótese de Deus para definir os seus princípios e justificar o seu desenvolvimento.

Ora, Pierre Gassendi leu Epicuro e dele reapreciou a física e a moral, reinterpretando-as. A obra deste clérigo foi de recusa de dogmas e pesquisa do diverso. Muito erudita, redigida em latim, só foi divulgada num círculo muito restrito. O pensador discordava dos estoicos, para quem a virtude é um valor e um objetivo em si, e aceitava o hedonismo epicurista que implicava que as virtudes só são boas porque produzem e aumentam a felicidade.

Delphine Bellis defende que a doutrina de Gassendi acerca da alma humana só não é materialista porque admite a impossibilidade de atribuição de todas as operações mentais humanas ao suporte da alma material.¹²³

¹²⁰ Kochakowicz, “Libertino”. p. 331.

¹²¹ David Hume, *Essays on Suicide, and the Immortality of the Soul*. New Basileia: James Decker, 1799, <https://play.google.com/books/reader?id=uBGWba9t9zUC&pg=GBS.PA10&hl=pt-PT>.

¹²² Kochakowicz, “Libertino”. p. 330.

¹²³ Delphine Bellis, “Comment penser l’âme humaine et Dieu ? Gassendi et la redéfinition de la métaphysique”. p. 78.

Gassendi recupera a distinção de Lucrecio¹²⁴ mas subverte-a defendendo que apesar da *anima* (alma, princípio de vida e de sensibilidade) ser mortal, o *animus* (espírito, princípio do pensamento, das atividades intelectuais, da vontade), seria imortal. Defendeu, assim, que há, no ser humano, duas almas ou duas partes da alma: uma alma material que assegura as funções vitais, sensoriais e imaginativas, a *anima* que é como uma pequena flama “uma substância muito subtil, e como a flor da matéria” e uma alma imaterial, assegurando as intelectivas.¹²⁵

Pierre Gassendi, apesar de ser um religioso escrupuloso nos seus deveres de culto, crítica a indagação metafísica. Alicerçando-se nos ensinamentos de Epicuro, argumenta que o conhecimento humano é incerto e defende que não existem critérios absolutos de verdade. No que toca à ética e à filosofia, defende que as opiniões e os hábitos morais humanos são mutáveis e dependem de circunstâncias históricas e geográficas. Considera que o único ingrediente constante e universal é a busca de felicidade, ou seja, de prazer.¹²⁶ Entende que nenhuma verdade da religião revelada – em particular a existência de Deus e a imortalidade da alma – se pode provar, conclusivamente, dentro dos limites da experiência. Gassendi admite, ainda, que não há absoluta conformidade de opiniões acerca das crenças humanas na metafísica ou na moral, já que mudam com o tempo, a raça e o clima, e, caso o houvesse, não poderia ser tomado como critério de verdade.

Todavia, recorda Leszek Kochakowicz, o programa de Gassendi, sendo anti-escolástico, não é anticristão. Epicuro foi a sua fonte principal de sabedoria, no que respeita à filosofia natural e no que respeita à ética: clamou a separação da ética da fé e a crença numa moralidade do prazer hedonística.

Gassendi defendeu que os átomos são elementos primordiais e indivisíveis do mundo material e que a indivisibilidade é a propriedade inerente dos mesmos e não consequência de uma incapacidade humana para os dividir: Alegou que os movimentos dos átomos estão rigidamente determinados (rejeitou o *climanem* epicurista) e que a forma, a velocidade e o tamanho são suficientes para explicar toda a perceção das coisas. Justificou o surgimento dos organismos vivos com a noção de que Deus terá dado,

¹²⁴ Lucrecio, *Da Natureza Das Coisas*. Ed. Luís Manuel Gaspar Cerqueira. Lisboa: Relógio d'Água, 2015. p. 161.

¹²⁵ “Abordemos agora a forma como Gassendi pensa a alma humana no *Syntagma philosophicum*. (...)” (...) desde 1631 Gassendi incluiu uma secção sobre a imortalidade da alma no resumo detalhado da sua proposta de obra epicurista (...). O capítulo 10 da quarta parte da Física intitula-se *De animorum immortalitate*. A imortalidade em questão não é a da *anima* (a alma, o princípio da vida e da sensibilidade), mas a do *animus* (o espírito, o princípio do pensamento, da atividade intelectual e da vontade). Embora a distinção tenha tido origem em Lucrecio, Gassendi subverteu-a ao conferir imortalidade (e imaterialidade) ao *animus*. No *Syntagma philosophicum*, Gassendi estabelece que existem duas almas ou duas partes da alma no ser humano: uma alma material responsável pelas funções vitais, sensoriais e imaginativas, a *anima*, que é como uma pequena chama, “uma substância muito subtil, e como a flor da matéria.” (Gassendi, 1658, vol. II, p. 250b) e uma alma imaterial responsável pelas funções intelectivas.” (Tradução nossa.) (Delphine Bellis. “Comment Penser l’âme Humaine et Dieu ? Gassendi et La Redéfinition de La Métaphysique.” In *Libertinage et Philosophie à l’époque Classique. (XVIe-XVIIIe Siècle)*. L’usage de La Métaphysique Chez Les Matérialistes Des XVI , XVII et XVIII Siècles, Vol. 18. Classiques Garnier, 2021.) p. 77.

¹²⁶ Kochakowicz, “Libertino” .p 335.

desde o início, capacidade potencial aos átomos de sentir e de procriar, de modo que o princípio da vida é característica universal da matéria. Também defendeu a separação do conhecimento laico e da teologia. O clérigo foi, com Marin Mersenne, dos grandes divulgadores da física de Galileu.

Mersenne, amigo de Gassendi, não libertino, apreciava a liberdade de pensamento e tinha uma visão abrangente da religião, mas foi um defensor do catolicismo e crítico dos libertinos e ateus, o que decorre das suas obras, *L'Impiété des déistes, athées et libertins de ce temps, combattue et renversée de point en point par des raisons tirées de la philosophie et de la théologie* de 1624 e *La Vérité des sciences contre les sceptiques et les pyrrhoniens* de 1625.

Na mesma linha, o Padre Garrasse redigiu *Doctrina curieuse des beaux esprits de ce temps, ou prétendus tels, contenant plusieurs maximes pernicieuses à la religion, à l'Etat et aux bonnes mœurs, combattue et renversée par le père F. Garassus* em 1623¹²⁷. Ambos, ao condenarem o surto de libertinagem nestes termos, contribuiriam, grandemente, para a reação, imediatamente a seguir, da Igreja e das autoridades civis.

Para se protegerem das acusações e das perseguições desencadeadas pelos apologetas de que os julgamentos de Vanini e Théophile de Viau foram sintomáticos, os escritores libertinos procederam a frequentes declarações da sua lealdade religiosa e, em simultâneo, acentuavam a sua aproximação fideísta como mecanismo de defesa.¹²⁸ Foi o caso de François de la Mothe le Vayer, na primeira geração de libertinos e de Charles de Saint-Evremond, na segunda.

Apesar do ambiente adverso, os libertinos, influenciados pelos humanistas Pietro Pomponazzi, Girolamo Cardano, Giulio Cesare Vanini e Cesare Cremonini, questionaram muitos dogmas e repudiaram a representação do homem e do mundo veiculada pelo sistema cristão.

Neste sentido, atacam, principalmente, três verdades da fé: a autenticidade dos milagres e dos profetas, a imortalidade da alma e a Divina Providência. Assim, apesar de se pretender desmascarar toda e qualquer noção na sua generalidade, trata-se, muito concretamente, de um atentado aos dogmas que constituíam os pilares da religião cristã. Nem todos os libertinos recusam, liminarmente, a ideia de uma religião, mas alcançam que as religiões são, na sua generalidade, meios de coerção nas mãos dos poderes políticos e, ao expor este mecanismo, os libertinos desmistificaram não só a religião, como também a política.

¹²⁷ *Doutrina curiosa dos belos espíritos do nosso tempo, ou anteriores a eles, contendo várias máximas perniciosas para a religião, o Estado e os bons costumes, combatida e revertida pelo padre F. Garassus em 1623*, (Tradução nossa.)

¹²⁸ A compreensão é a de que as questões religiosas pertencem inteiramente ao domínio da fé e é inútil tentar penetrar os mistérios com os pobres recursos da razão humana.

Entenda-se, como defende Staquet, que as críticas libertinas da religião e da política se entrelaçam, frequentemente, e as críticas da religião culminam, constantemente, na demonstração da sua origem política. Esta consideração tem consequências políticas, uma vez que demonstra que a religião depende menos de um poder sobrenatural do que dos costumes: equivale à demonstração indireta de que as leis também não têm fundamento absoluto na ideia universal e transcendente de um Bem. Ou seja, pragmaticamente, as leis seriam um sistema concebido por legisladores.¹²⁹

Esta conceção tem um corolário importante: se as leis são criadas por homens, podem ser criticadas e modificadas por homens. Os libertinos arruinavam os argumentos do Cristianismo e, nesta matéria, primavam François de La Mothe Le Vayer e Gabriel Naudé.¹³⁰ O primeiro, sustentado na sua experiência de viagens, e ambos com base em leituras dos Clássicos. Opunham-se à apologética argumentando que se nem todos os homens creem em Deus, a crença em Deus não é inerente ao Homem. Por outro lado, discordavam do argumento de que os valores são comuns a todas as religiões, considerando que, pelo contrário, elas se contradiziam em muitos pontos. Por fim, recordavam, à semelhança do que fará Pierre Bayle, que a religião não é fundamento de moral, já que é frequente a existência de ateus virtuosos.¹³¹

A noção de que os homens foram criados à imagem e semelhança de Deus só poderia ser possível graças à fé cristã porque outra conceção implicaria uma ideia de Deus, dotado de atributos humanos, ou seria ininteligível. Pierre Gassendi admite a existência de uma alma humana imaterial e imortal, de par e acima da alma animal. Esta alma sublime aparece como um artigo de fé, e os argumentos de Descartes, para lhe dar fundamento racional, não se mostram válidos. Este clérigo era, tal como muitos outros libertinos, anti-cartesiano, já que os argumentos de Descartes para a prova da existência de Deus e da alma individual eram inaceitáveis para a mundividência libertina. Na verdade, na mente de Gassendi, as duas áreas de pensamento, filosofia/cristianismo, coexistiam, separadamente, e raras vezes interferiam uma com a outra. Gassendi era filósofo e cristão, mas não era um filósofo cristão.¹³²

¹²⁹ Staquet, "Internet et la formation des réseaux libertins" no site do coloquio "La pensée, les réseaux et l'ordinateur" organizado pelo grupo "réseau-raison" no Quebec em 29 e 30 setembro 2005".

¹³⁰ Abirached, "Libertins".

¹³¹ Aliás, e a este propósito, recordamos as considerações de Sylvia Giocanti, acerca da negação, frequente, da existência de ateísmo no século XVII. Considera que rejeitá-lo, sob pretexto de que não o encontramos em nenhum texto (sabendo-se, de antemão, que na época se tratava de um tema intocável) e, depois, defender que a hipótese dessa existência é um anacronismo. É, na verdade, a recusa, por convicção pessoal, de aceitar que sempre houve homens que procuraram viver e pensar sem Deus. Sylvia Giocanti, "Commentaire de Sylvia Giocanti à La Note Critique de J.-P. Cavaillé," Les Dossiers du Grihl (OpenEdition, June 28, 2007), <https://doi.org/10.4000/DOSSIERSGRIHL.447>.

¹³² Kochakowicz, "Libertino".

A teoria da impostura das religiões, a dúvida acerca da imortalidade da alma e a doutrina da dupla verdade são alguns dos temas chave que geraram conflitos com a Inquisição e as autoridades civis. Mas, apesar das considerações políticas, especificamente libertinas, os libertinos não discordavam da Igreja em alguns conceitos: criticavam a ciência hermética, a astrologia, o ocultismo, os oráculos antigos e as superstições populares. Todavia, criticavam, também, os milagres cristãos.

Todos os libertinos, por incrível que fosse a sua lealdade cristã, sabiam que a paz e ordem na sociedade não podiam ser asseguradas se as crenças religiosas básicas não se conservassem intactas na mente do povo: a pessoa comum necessitava dos antigos preconceitos por razões morais (conforme os ensinamentos de Gabriel Naudé, na pegada de Cesare Cremonini). A incredulidade e o ceticismo eram privilégio da elite intelectual, o seu conhecimento público não provocaria senão malefícios.¹³³

Na opinião de Leszek Kochakowicz, o pragmatismo libertino permitiria, inclusivamente, a alteração de filiação confessional quando se mudava de país, já que a religião organizada, mais do que propriamente um conjunto de dogmas, era uma parte integrante da estrutura política. Pertencer a uma igreja seria, assim, um dever de qualquer súbdito, não muito diferente de pagar impostos. O estudioso reforça que se tratava de uma atitude cética, de indiferença, fomentada tanto pelo horror das guerras e confrontos a que aludimos, consequência do fanatismo, como pelo desenvolvimento da ciência. Assim, no libertinismo, mais do que um sentimento propriamente antirreligioso, existe uma indiferença enganadora relativamente à religião.¹³⁴

Há, todavia, um ponto decisivo no pensamento libertino: a separação entre a fé religiosa e as discussões científicas e os argumentos racionais.¹³⁵ Para o libertinismo de Cyrano de Bergerac,¹³⁶ de

¹³³ Kochakowicz defende que os libertinos, agressivamente antirreligiosos, só deixaram sucessores entre os livres-pensadores, particularmente virulentos. As ideias libertinas, assumidamente antirreligiosas, só tiveram importância, enquanto a aspiração das Igrejas de influir na vida laica, de controlar as instituições sociais e a ciência, foi forte e bem-sucedida. (Kochakowicz, "Libertino". p. 336).

¹³⁴ Kochakowicz. p. 332.

¹³⁵ Kochakowicz. p. 337.

¹³⁶ Hector Savinien de Cyrano de Bergerac, 1619- 1655. Soldado, viveu em Paris e não se confunde com o protagonista da peça de Edmond Rostand. Foi discípulo de Pierre Gassendi e escreveu *Le Pédant Joué*, comédia que inspirou muitos autores, inclusivamente Molière. Cyrano foi admitido no colégio de Lisieux e no círculo de Pierre Gassendi, onde encontrou a companhia douta e ilustre de que destacamos Molière e La Mothe Le Vayer. Foi amigo de Tristan l'Hermite, *le seul philosophe et le seul homme libre que la France ait*. Admirava Charles Sorel e Descartes, apesar de ser discípulo de Pierre Gassendi. Ambas as suas qualidades humanas e literárias e humanas eram apreciadas, apesar de ser dotado de um humor fantasioso. Faz, nas *Lettres*, prova de uma veia filosófica digna de Montaigne ou dos posteriores filósofos das Luzes. Debruça-se, magistralmente, sobre a tragédia: *La Mort d'Agrippine*. Politicamente, foi bastante pirrónico e a *Mazarinades* sucederam panfletos contra os *frondeurs* mais conformes ao maquiavelismo dos círculos que frequentava. O *Autre Monde* foi a sua obra maior. À *Histoire comique des États et Empires de la Lune*, a primeira parte, juntou posteriormente, os *États et Empires du Soleil*, e por fim *L'Étincelle*. Foi leitor de Thomas Morus, leu a *Civitas Solis* de Tomasso Campanella e, certamente, de John Wilkins que circulava em traduções. Giordano Bruno, que morreu numa fogueira por acreditar na pluralidade dos mundos, mentor de todos os libertinos também o foi de Cyrano. Em 1610 a luneta astronómica permitira observar as montanhas da lua e as manchas do sol. Em 1636, Gassendi estabeleceu o primeiro mapa da Lua e, em 1648, um italiano experimentou uma máquina voadora. Cyrano era um materialista.

Théophile de Viau¹³⁷ ou do *Theophrastus Redivivus*¹³⁸ o mundo é eterno, a imortalidade da alma é uma fantasia e o homem é um animal igual aos outros. Para outros, deístas, a ideia de Deus é inata ao

¹³⁷ Théophile de Viau nasceu numa família protestante, frequentou a Universidade de Leyde onde assistiu às querelas dos teólogos e, por isso, perdeu a sua fé. Ficou com má reputação no mundo religioso onde se deplorou a sua influência junto a jovens parlamentares com quem convivia. Abjurou o protestantismo em 1622 e passou a frequentar prelados e religiosos. Por virtude de intriga montada por um jesuíta, o padre *Voisin*, incitado por *Garrasse*, Théophile é perseguido, acusado de ter publicado uma coletânea de versos obscenos, *Le Parnasse satyrique*, que, todavia, não é da sua autoria. Precedido pela sua má reputação Théophile foge. Vindo a ser capturado e enclausurado em Paris. O seu processo durou dois anos até que o Parlamento reconhecesse que os inimigos de Théophile não apresentaram qualquer prova incriminatória. Libertado em setembro de 1625, o seu estado de debilidade física, devida à detenção, provocou a sua morte, não sem antes se ter confessado e comungado.

As ideias de Théophile acerca da Natureza e do lugar que o Homem ocupa na mesma, coincidem com as que Vanini acabara de desenvolver no seu *De admirandis Naturae, reginae deaeque mortalium, arcanis*, publicado em Paris, em 1616. Tinham razão, os comissários que acusaram Théophile de ensinar *qu'il ne faut reconnoistre autre Dieu que la nature*. Tal como Vanini, ele não acreditava na Providência dos cristãos, mas no Destino, na matéria eterna, nos elementos que a alma do mundo encerra em efémeras formas e, caso se hesite sobre a significação materialista desta filosofia, bastaria, para fixar a convicção, de citar os versos imprudentes em que Théophile previne o homem que estaria errado ao *se flatter d'une divine essence*, que ele é um animal entre os outros animais, tão-só mais fraco e mais exposto que os outros a todas as intempéries.

Pela audácia das palavras tidas no círculo dos seus amigos, pelas insinuações dos seus versos, Théophile marcou o seu lugar na história do livre-pensamento do século XVII. A sua influência sobrevive-lhe, bem após a sua morte, no círculo de Gaston d'Orléans e nos salões elegantes de Paris. Nestes, o íntimo de Théophile, Jacques des Barreaux, pregava o ateísmo, sem grandes cautelas.

¹³⁸ “O *Theophrastus Redivivus* é um compêndio magistral do pensamento antigo, foi compilado em 1659. Trata-se de uma vasta coleção de manuscritos que apresenta a herança clássica sob a forma de peças selecionadas de autores antigos sobre os grandes temas: os deuses, o mundo, a religião, a alma, o inferno, a morte e a vida segundo a natureza. É uma antologia do ateísmo e do materialismo extraída dos antigos. (...)” (Antony Mckenna, “Les manuscrits philosophiques clandestins de l'Age Classique: bilan et perspectives de recherches”, XVIIe siècle. Publications de la Société d'Étude du XVIIe Siècle, 192, 1996. P. 526.) É o primeiro livro explicitamente ateu do pensamento moderno. Redigido em Latim em 1659 e é de autoria anónima, apontando a Razão como valor supremo: “Nous avons finalement mené à son terme l'ouvrage de la raison naturelle, et avons ramené à sa juste valeur l'ensemble de la science produite par l'homme et son habileté.” *Theophrastus Redivivus*, (...) Esta obra compila as teses da literatura libertina: o mundo é eterno e os astros regulam o seu destino; o homem é um animal como os outros, a imortalidade é uma ilusão, o sábio não teme a morte, todas as religiões são invenções políticas e não passam de imposturas destinadas a submeter os povos à autoridade dos legisladores e por isso mesmo, todas as religiões são válidas, desde que vistas sob o ponto de vista da utilidade para a ordem pública. Este compêndio que usa os argumentos dos autores da Antiguidade a que também recorrem os libertinos, atribui ao Cristianismo, ao Judaísmo e ao Islamismo o mesmo valor que às religiões pagãs. Françoise Charles-Daubert, “La Critique Anti-Théologique Dans Les Dialogues De Vanini Et Le Libertinage Érudit.” *In Kairos, Revue de La Faculté de Philosophie de l'Université de Toulouse Le Mirail*, N.o 12, Vanini, edited by Didier Foucauld and Jean-Pierre Cavailé, Vol. 12 Vanini. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1998. p. 283. O Frontispício do Théophraste ressuscitado está rodeado com os nomes dos seguintes autores: Pompanazzi, Cardano, Bodin e Vannini. Na coluna lateral direita estão expostos os nomes de Aristóteles, Lucrécio, Seneca, Lucien, Sextus Empiricus, e na da esquerda os de Platão, Epicuro, Cícero, Plínio o jovem, Galien. O título deste compêndio dispõe, “*Theophrastus redivivus* ou a história do que é dito acerca dos deuses, do mundo, religião, alma, submundo e demónios, desprezo pela morte, a vida segundo a natureza. Um trabalho composto pelas opiniões dos filósofos que visa derrotar os teólogos.” Na parte superior desta página de rosto está disposto: “Todos estes negaram o Senhor e disseram: Ele não existe.”. *Hi omnes negaverunt Dominum et dixerunt non est ipse*: trata-se de uma sentença de Jeremias. Citado por Gianni Paganini, (“Gianni Paganini. Le Theophrastus Redivivus et Vanini: une Lecture Selective”, em *Kairos Revue de la Faculté de Philosophie de L'Université de Toulouse-Le Mirail*, ed. Jean Pierre Cavailé e Didier Foucauld Presses Universitaires du Mirail, 1998. 12 VANINI. p. 255.) Esta obra recusa conferir qualquer valor de verdade à tese da existência de Deus, explicando a sua origem histórica e humana através de um conjunto de razões totalmente naturais, entre as quais se destacam as motivações políticas. É por estas razões, avesso à teologia e às representações dominantes. O centro da reflexão do *Theophrastus Redivivus* é a razão e estabelece-se distinção entre razão natural e razão humana. A primeira conduziria à verdade e a segunda, versátil, desencaminha “A razão humana (ratio humana) é totalmente falsa, uma vez que procede da opinião, que é geralmente seguida pela maioria dos homens (...) a sua natureza torna-a móvel, inconstante, mutável e perpetuamente agitada pelo fluxo e refluxo”, (...) Na crítica dos fenómenos dados como sobrenaturais e das superstições populares, o *Theophrastus* retira a fiabilidade às versáteis, opinião e razão humanas. (Traduções nossas.) (Hélène Ostrowiecki. “Entre Nature Stoïque et Nature Sceptique: La Place Des Passions Dans Le Theophrastus Redivivus.” *In Libertinage et Philosophie Au XVIIe*

homem, foi a própria Natureza que nele a marcou.¹³⁹ A prová-lo está o movimento regular dos astros e a sua disposição, assim como a finalidade que a anatomia humana revela.¹⁴⁰

A todos se afigura difícil conciliar as privações na terra e o ascetismo cristão com a noção de um Deus de bondade. Se foi o Deus supremo que criou o mundo, como justificar a presença do mal?¹⁴¹

O pensamento naturalista moderno,¹⁴² integrante de algum materialismo,¹⁴³ refletiu-se nas ideias de Espinosa, e era importante nas cogitações filosóficas e políticas dos libertinos. A reflexão naturalista concebia o mundo como um animal gigantesco, ser vivo e orgânico em que todas as formas tendiam para a perfeição no infinito do tempo e do espaço, pelo que o vocábulo Deus, a aparecer nesta filosofia, nunca poderia significar senão a Natureza, infinitamente fecunda, à qual o Universo se submeteria.¹⁴⁴ O materialismo acentuava essa ideia de Natureza.

“Eram comuns nas discussões materialistas do século XVIII, argumentos naturalísticos e monistas antigos de que o mundo e o universo são integralmente naturais, como o conceberam Epicuro, Lucrecio e Espinoza.”¹⁴⁵

Os epicuristas consideravam a ética baseada em princípios naturalistas. Lucrecio no seu tratado de naturalismo em forma de longo poema em verso, *De Rerum Natura*, expõe várias vezes o esplendor da visão naturalista do Cosmos: uma teia imensa e ordenada de causalidade que menoscaba a compreensão humana.

Siècle 4, "Gassendi et Les Gassendistes" et "Les Passions Libertines," edited by Antony McKenna and Jean François Moreau. Saint-Étienne: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 2000. pp. 175-176.)

¹³⁹ Abirached, "Libertins."

¹⁴⁰ "Deísmo. Outros libertinos, e provavelmente muitos mais do que os primeiros (os materialistas), não questionavam a existência de um Deus Sabedoria infinita. Mas viam uma contradição radical entre esse Deus dos filósofos e o Deus da Bíblia. Apoiam-se nos escritos da Antiguidade e, sobretudo, no *De natura deorum* de Cícero. Incluíam Juliano, o Apóstata, e outros pagãos, como Porfírio e Jâmblico, que outrora tinham lutado contra o cristianismo. Afirmavam que a ideia de Deus é inata no homem, que lhe foi impressa pela própria natureza. Além disso, encontravam provas disso no movimento regular dos astros, na sua ordem, na finalidade revelada pela anatomia humana. Mas como é que esta evidência pode ser conciliada com a ideia cristã de Deus? Como perguntou Celsus, se foi o Deus supremo que criou o mundo, como se justifica a presença do mal? Como pode Deus arrepender-se, como diz o Génesis, da ingratidão e da perversidade das suas criaturas? Porque é que ele amaldiçoa o que fez? Porfírio tinha também demonstrado que a história da queda era incompatível com a sabedoria e a bondade de Deus (...) Contrasta-o (o Ser Supremo) com o Deus dos 'supersticiosos'. Nestes quatrocentos e vinte e quatro versos, o deísmo, que foi rastreado ao longo do século, encontrou a afirmação definitiva dos seus princípios." (Tradução nossa.) Abirached.

¹⁴¹ Se Deus é a Natureza, a imortalidade da alma não tem qualquer significado, porque todos os seres passam de uma forma à outra através da duração infinita da Natureza, tal como expõe a teoria da metempsicose, de que Cyrano de Bergerac é adepto.

¹⁴² Bourdin, *Les Matérialistes Au XVIIIe Siècle. Textes Choisis et Présentés Par Jean-Bourdin*.

¹⁴³ A obra *La Croissance des Matérialistes* foi encontrada em 1698. Abirached, "Libertins."

¹⁴⁴ Abirached.

¹⁴⁵ "(...) existência de formas anteriores de naturalismo, como o Averroísmo. Considerar "naturalismo", no entanto, no sentido restrito, com uma ênfase frequentemente médica, como veremos, é diferente dos argumentos monistas anteriores de que o mundo ou o Universo são totalmente naturais, como em Epicuro, Lucrecio e Espinoza, apesar dos últimos também serem invocados nas discussões materialistas do século XVIII. (...)!" (Tradução nossa.) (Garrett, "Materialism". p. 112).

Três figuras centrais do Iluminismo francês, o Marquês de Condorcet, Julien Offray de La Mettrie e o Barão d'Holbach¹⁴⁶ escreveram obras nucleares para o pensamento naturalístico epocal. La Mettrie era médico e desenvolveu, em 1748, o conceito materialista e mecanicista do corpo e da alma do ser humano. O Barão d'Holbach, na sua obra famosa *Sistema da Natureza ou das Leis do Mundo Físico e do Mundo Moral* em 1770, expôs uma filosofia materialista que negava a existência de verdades que não pudessem ser comprovadas em causas naturais. A obra nega, explicitamente, a existência de Deus, expondo que a crença num ser superior é produto do medo e da falta de compreensão.

Condorcet, com a sua visão naturalista, complementar a polémica de d'Holbach e, acerca dos perigos da crença religiosa e da superstição, redigiu *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain*, em que defendia a “ideologia do progresso”.

Na comunidade libertina, eram mais numerosos os deístas do que os materialistas e não punham em causa a existência de um Deus, sabedoria infinita, distinto do Deus da Bíblia, que criara todo o visível e o invisível, o mundo físico e o espiritual, mas não seria providente. No final do século XVII, muita da classe instruída terá aderido a esta religião filosófica.¹⁴⁷

Por volta de 1620 surge o *Quatrains do Déiste*,¹⁴⁸ obra anónima que fixou a fisionomia intelectual e moral deísta para todo o século XVII. Não considerando a mediação da Universidade de Pádua, perfila, estritamente, com o ideário da sabedoria antiga epicurista.

O deísmo recrutou apoiantes também entre os clérigos. Pierre Charron é um exemplo, a sua obra *La Sagesse*⁴⁹ é exemplar pela denúncia da superstição, pelas suas suspeições sobre as revelações, aparições e milagres e pela condenação que faz das práticas cristãs e da monopolização do amor divino que tece.

René Pintard caracteriza o deísmo seiscentista da seguinte forma:

“Croire en Dieu, mais restreindre ou contester ses interventions dans les affaires humaines, insinuer l'égalité des “diverses créances”, faire de la pitié des dévots une comédie hypocrite, insulter à leurs prières et à leur désir du Paradis, prêcher un doux abandon aux

¹⁴⁶ Jean-Robert Armogathe, “Holbach Paulo Henri Dietrich Baron d' (1723- 1789),” in *Encyclopædia Universalis [En Ligne]*, s.d.

¹⁴⁷ Abirached, “Libertins.”

¹⁴⁸ “L'Antibigot, poema doutrinário de cento e seis quadras em alexandrino, apareceu em manuscrito no início da década de 1620 e, até ao início do século XX, só foi conhecido através das citações e paráfrases que acompanhavam a refutação de Mersenne, estrofe a estrofe, na primeira parte da sua *Impiété des Déistes* (1624). O religioso preferiu chamar-lhe “Poème des déistes” ou “Les Quatrains du Déiste”, mas não ignorava o verdadeiro título do poema. Os historiadores, após a redescoberta do texto, seriam mais razoáveis, mas por vezes tomariam a mesma opção do que Mersenne, chamando-lhe “Quatrains du déiste”. (Tradução nossa.) (Alain Mothu. “L'Antibigot ou les “Quatrains du Déiste.” In *La Lettre Clandestine. Déismes et Déistes à l'âge Classique*, Vol. 21. Classiques Garnier, 2013.)

¹⁴⁹ Pierre Charron. *La Sagesse*. Bordeaux, 1601. Esta edição é revista e parcialmente expugnada, em 1604. Pierre Charron. *De La Sagesse*. Paris: D. Douceur, 1604.

plaisirs d'ici-bas, et par-dessus tout nier ces peines éternelles qui altéreraient la sérénité d'un Dieu immuable et lointain, ils aboutissaient à tout cela. E leurs négations en impliquaient bien d'autres. Il n'était jamais question de Jésus –Christ dans les Quatrains (du deíste); et, en effet, que pouvaient signifier pour leur auteur Incarnation, Rédemption, Méditation? La religion simplifiée que définissaient les Déístes tendait à ruiner le christianisme en passant à côté du Christ lui-même.”¹⁵⁰

La Mothe Le Vayer, em *Dialogues Faits à l'Imitation des Anciens e Dialogue sur le Sujet de la Divinité*,¹⁵¹ transmitiu a mesma visão heterodoxa: opõe à pretensão cristã de ser a única e verdadeira religião, os ritos e os dogmas dos outros povos e a convicção de que a ideia de Deus não é inerente à condição humana, assim, arruinando o argumento do consentimento Universal. La Mothe Le Vayer também não defendia a supressão das religiões, já que entendia que eram úteis e mesmo indispensáveis ao povo.

Na mesma linha, Gabriel Naudé, em *Apologie Pour Tous les Grands Personnages qui ont été Faussement Soupçonnés de Magie*¹⁵², datado de 1625, confronta os crédulos, sujeitos aos preconceitos e os “espíritos fortes”, *deniaisés*, que veem e apreendem para lá das aparências. Estes defendem que a razão justifica os fenómenos que, geralmente, são do domínio da fé.

Assim, o libertinismo, cuja tolerância discordava da moralidade cristã, baseada no medo e apoiada em regras rígidas, teve um papel importante no alastramento da indiferença religiosa. Mas foi uma ética prudente que, apesar de autónoma da religião, respeitava os poderes estabelecidos, as crenças e as normas em vigor. Todavia, muito frequentemente, era uma respeito de mera fachada. O libertinismo erudito era imbuído de espírito de curiosidade e desconfiava dos sistemas filosóficos dogmáticos e abrangentes, rejeitando a certeza cognitiva. Se o pensamento libertino erudito cultivava distância intelectual das autoridades, também abarcava uma crítica cética, uma aproximação anti-metafísica.¹⁵³

¹⁵⁰ “Crer em Deus, mas restringir ou contestar as suas intervenções nos assuntos humanos, insinuar a igualdade das “crenças diversas”, parodiar a hipócrita piedade dos devotos, insultar as suas orações e o seu desejo pelo Paraíso, pregar o suave abandono aos prazeres deste mundo, e sobretudo, negar as dores eternas que afetariam a serenidade de um Deus imutável e distante, culminaria em tudo isto. E suas negações implicavam muitas outras. Nunca se coloca a questão de Jesus Cristo nas quadras (do deísta); e, de fato, o que poderiam a Encarnação, a Redenção, a Meditação poderiam significar para o seu autor? A religião simplificada definida pelos deístas tendia a arruinar o Cristianismo ao ignorar o próprio Cristo.” (Pintard, *Le Libertinage Érudit Dans La Première Moitié Du XVIIe Siècle*. p. 49.)

¹⁵¹ *Diálogos feitos à imitação dos antigos e Diálogo sobre o tema da divindade*. Obras cujas datas foram impossíveis de identificar.

¹⁵² *Apologia para todas as Grandes Personagens que Foram Falsamente Suspeitos de Magia*.

¹⁵³ Kochakowicz, “Libertino”.

Kochakowicz expõe que a filosofia libertina, tendo como uma das principais componentes a desconfiança de todos os sistemas fechados, universais e pretensamente holísticos, nunca poderia fechar-se num sistema. Mais do que uma escola, o libertinismo era um estado de espírito, que se afere dos variadíssimos graus de radicalismo dos agentes libertinos, na expressão de ideias. Vejam-se as tendências características do libertinismo filosófico seiscentista: a atitude empírica e anti-escolástica na interpretação do conhecimento humano, a aproximação anti-aristotélica e cética à metafísica, a física anti-cartesiana e atomística, a separação do conhecimento laico da teologia, a separação da ética da fé e a crença na moralidade do prazer hedonístico de Epicuro.¹⁵⁴

Na pegada de Patrick Dandrey, reiteramos que Epicuro e Lucrecio tanto foram os mentores dos materialistas dos séculos XVII e XVIII, como o foram dos deístas.¹⁵⁵ No tocante ao Epicurismo que, para Gassendi, foi a fonte primordial da sabedoria, no que respeita à filosofia natural e à ética remonta à Antiguidade grega (341–270 ADC), com Epicuro de Samos e foi, posteriormente, resgatado pelo poeta romano Tito Lucrecio Caro (94–50 ADC), cujo nome simbólico, veremos, Bocage adotou na Ordem Augusta Maçônica.

Epicuro fundou uma escola de pensamento que prosperou ao longo de centenas de anos, após Platão, durante os períodos helénico e romano. Resistiram poucos fragmentos dos seus escritos. O mais completo depoimento de Epicurismo que sobreviveu é um poema *Da Natureza das Coisas*, escrito por Lucrecio, que foi salvo da obscuridade em 1417 por Poggio Bracciolini (1380-1459), burocrata do Vaticano com interesses humanísticos e caçador de manuscritos.¹⁵⁶

Da Natureza das Coisas teve uma profunda influência nos pensadores da Renascença. A sua influência deve-se à beleza da poesia de Lucrecio e à filosofia subversiva de Epicuro. Epicuro, materialista, acreditava que tudo na Natureza era constituído por partículas fundamentais chamadas átomos. Os átomos existiam num vazio infinito, sendo infinitos em número, mas limitados em tamanho e forma. São eternos, não foram criados ou não terão fim. Epicuro acreditava que os átomos estão em constante movimento, colidindo uns com os outros, combinando-se e recombinao-se, para formar tudo no Universo, inclusivamente os seres humanos, que não são únicos, excepcionais, singulares ou exclusivos.

¹⁵⁴ Kochakowicz. p. 335.

¹⁵⁵ Patrick Dandrey, "Athéisme et libertinage : la postérité de Lucrèce au XVII^e siècle - Ép. 4/4 - Lucrèce, le poète philosophe" ("Les Chemins de La Philosophie" par Adèle Van Reeth) <<https://www.franceculture.fr/emissions/les-nouveaux-chemins-de-la-connaissance/lucrece-le-poete-philosophe-44-atheisme-et>> [acedido 28 maio 2021].

¹⁵⁶ No alvor do século XV, quando viajava pela Alemanha central, Poggio Bracciolini encontrou na Abadia Beneditina da Fulda, entre vários manuscritos, uma cópia *De Rerum Natura* do poeta e filósofo Tito Lucrecio Caro quase 14 mil versos, que viria a abalar a renascença. Poggio agia como outros humanistas italianos que procuravam livros e manuscritos antigos. Foram os mediadores entre sua época e a Antiguidade, procurando manuscritos, reproduzindo-os, e absorvendo a sua lição e filosofia. Stephen Greenblatt, *The Swerve : How the World Became Modern*. New York: WW Norton & Co, 2011.

Assim, ao invés de caírem sempre numa verticalidade perfeita, os átomos, por vezes, mudam, ligeiramente, de direção, o que gera infinitas cadeias de colisão, resultando em novas combinações de átomos. Lucrecio chamou-lhe *Clinamen*⁵⁷ e seria a causa de todas as coisas novas, sendo, também, a fonte do livre-arbítrio.

Ao sustentar o materialismo, Epicuro acreditava que não existe vida após a morte. Quando se morre os átomos seriam libertados para se recombinarem com outros átomos, para formarem coisas novas.

Epicuro opunha-se a todas as religiões, interpretando-as como ilusões que interferem com a felicidade humana. Para que os humanos pudessem atingir a felicidade, Epicuro sustentava que seria necessário liberar-nos de ilusões, delírios, paixões. Só então seria possível a emancipação dos desapontamentos e a busca do derradeiro objetivo: o prazer. Pelo que o materialismo de Epicuro é uma gravíssima heresia para o Cristianismo e, nessa medida, foi atacado pelos apologistas Cristãos.

O pensamento epicurista é crucial para os libertinos seiscentistas e setecentistas. Alguma tradição de livre-pensamento, na pisada da tradição racionalista que culmina no século XVIII, clarifica e compreende a importância do papel das religiões para as sociedades, segundo a qual a religião e, especificamente, o Cristianismo, é um aglomerado de superstições de que só os seres a quem faltam as luzes e a razão precisam. Assim, o pensamento elitista filosófico compreende que, se a religião desaparecer, as sociedades e os estados ficam, definitivamente, entregues a si próprios, ao domínio terreal, perdem-se os sistemas sociais de controle. Transmitindo esta representação de Deus, a Igreja contribui para atemorizar os homens e, conseqüentemente, manipulá-los.

O moto da filosofia libertina de origem epicurista, o seu objeto ético fundamental, é a existência em estado de prazer que só se alcança na tranquilidade da alma, através da ausência de medo e ansiedade. Como vimos explanando, o primordial temor humano, instigado e alimentado pela doutrina cristã, é o receio perante a morte que abre a porta a uma eternidade de castigos divinos aos que não vivem segundo a santa ortodoxia.

⁵⁷ O "desvio" – Uma introdução ao materialismo preexistente que Epicuro introduz é o "desvio". Para além da tendência habitual dos átomos para se mexerem para baixo, caírem, Epicuro acredita que, ocasional e aleatoriamente, os átomos desviam-se para os lados. Este desvio é necessário para explicar a razão pela qual existem colisões atômicas. A tendência natural dos átomos é para cair em linha reta a velocidade uniforme. Todavia, se só assim caíssem, os átomos nunca colidiriam e nunca formariam os corpos macroscópicos. Como expõe Lucrecio, "cairiam para baixo, como gotas de chuva, através do vazio profundo." outra razão para justificar o desvio dos átomos é que um movimento atômico, aleatório, é necessário para preservar a liberdade humana e "quebrar os laços do destino", como escreve Lucrecio. Se as leis do movimento atômico são determinísticas, então as posições passadas dos átomos no Universo, somadas a estas leis, determinam tudo o que virá a ocorrer, incluindo a ação humana. *Clinamen* derivado de e *clīnāre*, inclinar) é o nome latim que Lucrecio atribuiu à imprevisível inclinação dos átomos, a fim de expor a doutrina atomística de Epicuro.

Uma das críticas habituais a Epicuro é a de que apregoaria um hedonismo desenfreado. Todavia, Epicuro apregoava que se deveria viver modestamente, e buscar conhecimento na Natureza e na própria mente. Proclamava uma vida modesta e contemplativa que permitisse alcançar tranquilidade, a falta de medo e de dor física. Seria a combinação de tranquilidade e ausência de medo e dor que traria a felicidade.

Eis porque a descoberta de Bracciolini criou alguma celeuma e gerou reticências na sociedade quinhentista europeia. Todavia, a beleza da poesia de Lucrecio influenciou a sua divulgação e, a par, o materialismo de Epicuro influenciou a obra e pensamento dos filósofos humanistas da Renascença, com Nicolau Maquiavel (1469-1527), Michel de Montaigne (1533-1592) e, na transição para o século XVII, Francis Bacon (1561-1626), Giordano Bruno (1548-1600), Tomasso Campanella (1568-1639), Lucilio Vanini (1585-1619), Pierre Gassendi (1592-1655) e Cyrano de Bergerac (1619-1655).

O monismo, herdado de Lucrecio e Epicuro, adaptado ao Cristianismo por Pierre Gassendi, no início do século XVII, é traço essencial do pensamento libertino. Negando a eternidade da alma, atribui a sensibilidade à própria matéria e dela faz derivar a diversidade das formas, afirmando a unidade dos fenómenos corporais (alma e corpo são um), no que às leis da Natureza diz respeito, e a irreduzível unidade dos fenómenos corporais entre os três atributos da matéria, que são a extensão, o movimento e a sensibilidade.

Partindo da observação e da razão, Epicuro e Lucrecio, em *De Natura Rerum*, expõem o *clinamen*, movimento incessante dos átomos, intranquilidade da matéria, estado que culminaria na tranquilidade do espírito: a ataraxia (recusa da inquietação com a mudança, a morte e o desaparecimento porque é essa a essência da matéria que nos constitui). Estamos perante um monismo materialista.

Assim, para Epicuro e Lucrecio, existem o átomo, o vazio e a declinação (o já referenciado *clinamen*, desvio imprevisível dos átomos, causado por um pequeno movimento aleatório lateral). Nada sairia do nada ou voltaria ao nada. Se a matéria e o Universo são percíveis, os elementos constitutivos da matéria, os átomos, são eternos, o que redundaria na inutilidade dos deuses para a economia natural.

Lucrecio é, efetivamente, um racionalista crente num monismo materialista, muito crítico da religião. Nessa tradição, para o libertinismo, existe uma completa continuidade da alma ao corpo. A morte do segundo origina o fim da primeira.

“(…) Mas alguns, em oposição a isto, sem conhecerem a matéria,
Dizem que a natureza não pode, sem o desígnio dos deuses,
Fazer que se sucedam as estações do ano, nem criar os frutos
Tão esforçadamente de forma adequada às necessidades humanas

E todas as outras coisas às quais o divino prazer convida os homens,
Conduzindo-os ele próprio, guia da vida, e levando-os docemente,
pelas artes de Vénus, a propagarem a espécie,
para que não pereça a humana raça: Mas quando imaginam
que os deuses tudo organizam por causa dos homens,
quer-me parecer que se afastaram completamente do raciocínio correto.
Na verdade, mesmo que eu não soubesse o que são átomos,
eu ousaria, contudo, a partir da observação dos fenómenos celestes,
afirmar e corroborar com muitos outros argumentos que de maneira nenhuma o mundo
foi para nós criado por obra divina,
pois está cheio de defeitos muito grandes (...)" ¹⁵⁸

Testard afirma que, na sua obra, Lucrécio aceita a existência dos deuses quando invoca o espetáculo da ordem que lhe parece sem defeito, de um Universo que postula o equivalente a uma natureza providente. Apesar de jamais invocar a palavra, essa ideia não deixa de estar presente:

“Se tiveres um conhecimento seguro destas coisas,
verás de imediato a natureza, livre e privada de amos soberbos, operar
ela própria todas as coisas, por sua iniciativa, por si só, sem os deuses.
Na verdade, pelos sagrados corações dos deuses, que em tranquila paz
levam uma existência tranquila e uma vida serena,
quem poderia governar a totalidade do infinito, quem poderia
controlar com a sua mão de forma equilibrada as rédeas do imenso espaço,
quem poderia igualmente fazer girar todos os céus”
e nutrir todas as terras fecundas com fogos etéreos,
estar em qualquer lugar, a todo o momento...”¹⁵⁹.

À transcendência dos deuses, Lucrécio substitui uma natureza, quase personificada, autêntica providência, que os homens, artificialmente, atribuiriam aos deuses. A leitura destes textos permite pôr em dúvida a distinção entre deuses e natureza.¹⁶⁰

¹⁵⁸ Lucrécio, *Da Natureza Das Coisas*. p 87 vv 166-181.

¹⁵⁹ Lucrécio. Livro II v. 1090-1099” p. 133.

¹⁶⁰ Maurice Testard. “Les Idées Religieuses de Lucrèce.” *Bulletin de l'Association Guillaume Budé* 1, no. 3 (1976). p. 260

É qualidade característica do epicurismo tradicional o desinteresse das funções políticas ou públicas em favor da retirada no jardim, única situação em que o prudente pode evitar a fúria, a superstição e a ambição irracional. Trata-se de uma atitude comum aos epicuristas antigos e aos libertinos eruditos (discretos “*espíritos fortes*”), influenciados pelo epicurismo, no século XVII.

Já no século XVIII, o epicurismo torna-se uma ideologia revolucionária que procura transformar a sociedade humana através de uma campanha muito pública contra a superstição. A transformação do Epicurismo em doutrina revolucionária não é muito surpreendente, porque o Epicurismo é, das escolas da Antiguidade, aquela que mais parece uma religião, uma doutrina com vocação para ser ensinada ao grande público.

A visão que Lucrécio apregoa não exige grandes conhecimentos científicos nem raciocínios, particularmente, filosóficos. Abraham Anderson alega, inclusivamente, que se poderia considerar que o epicurismo não é propriamente uma filosofia, mas seria, outrossim, uma forma de salvação, uma antirreligião, mais comparável ao budismo que às outras escolas filosóficas.

Se o Epicurismo, dado o desprezo pelas massas ignorantes e as suas superstições (decorrentes do medo), pôde ocasionar o retiro para o Jardim e a rejeição de quaisquer tentativas de reformas; então, um Epicurismo aliado à esperança de vencer esse medo pode, perfeitamente, encontrar a saída do Jardim, ou, pelo menos, possibilitar a multiplicação de jardins privados à custa das vias públicas, ou seja: o individualismo moderno, a busca da felicidade. A promessa de uma conquista da Natureza oferece a possibilidade de libertar o plebeu do medo dos deuses, em favor de uma tentativa de busca de seu bem sem a ajuda do clero.¹⁶¹

O libertinismo filosófico, em termos gerais, foi o prolongamento do humanismo renascentista e do naturalismo italiano do período da Contrarreforma e do reavivamento do Catolicismo Panteísta da Universidade de Pádua com Pietro Pomponazzi e Cesare Cremonini, que haviam sido influenciados pelo Epicurismo de Lucrécio.

O libertinismo contribuiu para a destruição gradual da escolástica. O edifício escolástico, expõe Didier Foucault,¹⁶² pousava sobre uma cristianização de Aristóteles, no quadro da teologia, de forte pendor racionalista, sob a influência de São Tomás de Aquino. Apesar de não serem, unanimemente, aceites nas Universidades do fim da Idade Média, as oposições exaltavam uma superioridade da fé sobre a razão humana ou colocavam em dúvida a validade das categorias da metafísica aristotélica.

¹⁶¹ Abraham Anderson, “L’abolition Du Jardin : Le Statut Du Philosophe Comme Homme Caché Dans Le Traité Des Trois Imposteurs,” *Dix-Huitième Siècle* 35, no. 1 (2003): 297–308, <https://doi.org/10.3406/dhs.2003.2550>.

¹⁶² Foucault, “Le libertinage de la Renaissance à l’Âge Classique : un territoire pour l’historien ?”.

Os averroístas foram dissidentes e expulsos de Paris, no século XVI e alguns refugiaram-se na Universidade de Pádua. Estes aristotélicos de Pádua foram vivificados pela integração das ideias mais radicais de Alexandre de Afrodísias, entre 1500 e 1630, e revelaram-se os veículos mais corrosivos para as ideias religiosas na Renascença e na Idade Barroca. Na origem da Escola Naturalística de Pádua, influenciaram fortemente os libertinos. Mantendo-se fiéis a Aristóteles, fizeram uma interpretação inovadora da filosofia peripatética que permitia a imputação de proposições pagãs.

Os libertinos divergiram quanto a Aristóteles: uns deram seguimento ao raciocínio da escola de Pádua, outros opuseram-se pura e simplesmente a Aristóteles. Fizeram-no, frequentemente, em nome da própria Bíblia, mostrando que as teorias do pensador grego entram em contradição com o texto sagrado. Mas, como refere Anne Staquet, discordaram, sempre, do Aristóteles dos cristãos.¹⁶³

Com as fontes longínquas no pensamento da Antiguidade, nomeadamente em Demócrito e Epicuro, e as mais próximas nos filósofos renascentistas italianos, principalmente na escola aristotélica da Universidade de Pádua,¹⁶⁴ o pensamento libertino francês teve como protagonistas Gabriel Naudé e

¹⁶³ Staquet, "Internet et la formation des réseaux libertins" no site do colóquio "La pensée, les réseaux et l'ordinateur" organizado pelo grupo "réseau-raison" no Quebec em 29 e 30 setembro 2005".

¹⁶⁴ A Universidade de Pádua constituiu-se, em 1222, pela migração de professores e alunos de Bolonha, em conflito com a sua comuna. Impôs-se, verdadeiramente, a partir de 1260-1262, com a chegada de novos dissidentes de Bolonha. Protegida pelos Papas e pela comuna (posteriormente pelos senhores) de Pádua, a Universidade desenvolveu-se no século XIV, sendo, então, a sua atividade principal o ensino de Direito. A universidade não se limitou a assegurar a formação jurídica dos patrícios venezianos, destacou-se, também, nos séculos XV e XVI no domínio das humanidades, da filosofia e das ciências. Aí sobreviveu, com Pompanazzi (1462-1525), o averroísmo integral, proscrito em toda a parte. O humanismo também lá floresceu, tendo sido estudado desde o início do século XV, tal como a retórica latina e o grego. Até ao século XVIII, Pádua também foi um importante centro de estudos científicos e médicos em que ensinaram André Vésale e Galileu Galilei. Foi, também uma das primeiras universidades a ter um jardim botânico (1545), e um teatro anatómico.

referiu-se a Cesare Cremonini, a Pietro Pomponazzi¹⁶⁵ e a Giordano Bruno¹⁶⁶. Mersenne, em *L'Impiété des déistes, athées et libertins de ce temps (...)* refutou este último autor.¹⁶⁷

Na verdade, a filosofia e a ciência foram os dois domínios do pensamento que, na época moderna, suplantaram a teologia e colocaram em crise a autoridade intelectual dos paradigmas cristãos. Didier Foucault destaca que a redescoberta, nos séculos XV e XVI, de *pans* esquecidos ou pouco conhecidos da filosofia antiga (nomeadamente a de *De Rerum Natura* de Lucrécio por Poggio Bracciolini, em quinhentos) e a sua grande divulgação pela imprensa, influenciaram os discípulos modernos de Epicuro. As ideias epicuristas preponderaram em muitos autores que, na sua generalidade, eram pouco dados à devoção, tendo-se distinguido em várias disciplinas: a filosofia, a medicina, a linguística, a astronomia ou

¹⁶⁵ Pietro Pomponazzi, filósofo italiano, (1488-1509), foi muito influente na corrente do pensamento racionalista da Renascença. Tendo estudado medicina na Universidade de Pádua, aí estudou filosofia durante cerca de vinte anos, passando, seguidamente para a Universidade de Ferrara e posteriormente para a de Bolonha, onde lecionou até falecer. Na sua obra mais importante, *De immortalitate animae* (1516), parte da concepção aristotélica da alma como forma ou ato do corpo biológico e opõe-se à corrente averroista cristianizada que sustentava a imortalidade do intelecto ativo. Na pegada de Alexandre de Afrodísias Pompanazzi proclamava que a alma, sendo uma faculdade incorporal de reflexão e de compreensão, é inseparável do corpo e como ele, mortal. Afirmava, também, que o dogma da imortalidade é oportunista. Alega que foi o regulador que, conhecendo a tendência do homem para o mal e, tendo em vista o bem comum, decidiu que a alma é imortal, visando encaminhá-lo para a virtude. Esta negação de um dogma religioso fundamental provocou a ira da Igreja: a obra foi queimada em Veneza e seguiram-se numerosas polémicas. Pomponazzi, por espírito de conciliação e por prudência, aceitou a teoria averroista da dupla verdade: a da razão, com validade no plano filosófico e a da fé, válida no plano religioso. Na prática, a sua obra consagra a rutura entre a ciência e a fé, entre a razão e a autoridade. Nos seus outros tratados e cursos universitários, Pietro Pompanazzi nega o carácter sobrenatural dos milagres e dos prodígios, demonstrando que esses fenómenos, frutos da imaginação ou da esperança, são da ordem natural do Universo, cujo maior milagre é a sua própria perfeição que o homem está longe de apreender (*De naturalium effectuum admirandorum causis seu de incantationibus liber*, 1556). Pompanazzi contraria, também, a tese da arbitrariedade da intervenção divina, reduzindo o todo-poder de Deus à lei universal da Natureza (*De fato, libero arbitrio et de predestinatione*, 1520). Pomponazzi é o pensador aristotélico mais inovador do seu século, recolhe os frutos de uma longa tradição de exame crítico, oriunda das correntes de pensamento racionalista da Idade Média e do Humanismo. As suas teses materialistas provocaram grande polémica e tiveram uma influência prolongada até ao século XVII. São testemunho das mutações de pensamento e dos métodos filosóficos, que se orientam, durante a Renascença, para uma busca racional da verdade.

¹⁶⁶ Giordano Bruno (Naples, 1548 - Roma, 1600) Ingressou no convento dominicano de Nápoles, doutorou-se em teologia em 1572 e deixou a sua ordem em 1576. Em 1579, em Genebra, converteu-se ao Calvinismo e no mesmo ano, foi ensinar para Toulouse, seguindo para Paris em 1582, onde ensinou no collège de Cambrai. Henri III criou-lhe na Sorbonne uma cadeira "extraordinária" que o dispensava de assistir aos serviços religiosos. Em 1584, acompanhou o embaixador do Rei de França a Inglaterra e aí encontrou a rainha Elisabeth e os doutores de Oxford. Em Paris em 1586, envolveu-se numa violenta polémica com peripatéticos. Em 1587, deixou a França para durante seis anos correr os países germânicos. Em 1591, Zuane Mocenigo chamou-o a Veneza para aí ensinar a arte da memória e da geometria. Foi, no entanto, este rico patricio que o entregou à Inquisição em 23 de maio de 1592. Esteve encarcerado durante oito anos nos calabouços da Inquisição romana, sujeito a intermináveis interrogatórios e à tortura e foi condenado à morte em 8 de fevereiro de 1600, na qualidade de "herético impenitente e obstinado", em 17 de fevereiro, tendo-lhe sido arrancada a língua pelas "horríveis palavras que pronunciara" foi conduzido ao Campo dei Fiori e foi queimado vivo. A sua vida e obra foram incompreendidas pelos seus contemporâneos. Os seus escritos de grande diversidade e ousadia, abarcam uma profusão de questões. Abordou, em filosofia, temas relacionados com a cosmologia, nomeadamente com as relações entre a infinidade do Universo e a infinidade de Deus. O filósofo repensou de forma diferente o Universo, a Natureza, Deus, o Ser e a substância, o conhecimento. Apresentou-se, sempre, como um filósofo e esteve sempre ligado à racionalidade na sua pesquisa de numa incompreensível filosofia do infinito. Deus, que assegura a unidade do Ser, a uni-totalidade do Universo e a unidade do pensamento do filósofo, é indispensável à sua filosofia. Todavia, é acusado ateísmo ou materialismo.

¹⁶⁷ Marin Mersenne, *L'Impiété Des Deistes, Athees, et Libertins de Ce Temps, Combatuë, et Renversee de Point En Point Par Raisons Tires de La Philosophie, & de La Theologie. Ensemble La Refutation Du Poëme Des Deistes...* Paris: Pierre Blaine, 1624, https://play.google.com/books/reader?id=3glcAAAAQAAJ&pg=GBS.PP6&hl=pt_PT.

a poesia, no século XVII, foram preponderantes para Gassendi, Galileu, Cyrano de Bergerac, Saint-Evremond, Malpighi ou Spallanzani.

Foucault recorda que, na Idade Média, eram exceção os filósofos que se afastavam das autoridades consagradas pelo ensino escolástico, mas, a partir da Renascença, a situação alterou-se. O individualismo, decorrente do humanismo, com múltiplas manifestações que se refletiram na vida económica, artística e religiosa, chegou à filosofia. Daí resultou o desabamento progressivo da relação entre religião e filosofia que passou a afirmar-se como atividade intelectual liberta de constrangimentos apoloéticos. A ciência que, a título de filosofia natural, se havia mantido durante muito tempo como uma das ramificações da atividade filosófica, sofreu também essa evolução de emancipação.¹⁶⁸

É unânime em todos os estudiosos, nomeadamente Staquet¹⁶⁹, Foucault¹⁷⁰ e Kochakowicz¹⁷¹ que os libertinos eruditos foram grandes leitores. Leram os autores renascentistas, Montaigne, Charron, Maquiavel, Pompanazzi, e Cardano, e todos eles, independentemente das suas posições relativamente a Aristóteles, recorriam aos autores da Antiguidade e formulavam proposições heterodoxas, dissimulando-se por detrás destes. As correntes filosóficas antigas, Epicurismo e Ceticismo, foram influência importante da cultura libertina e foi dessas fontes que adveio, para o libertinismo, a vincadíssima influência epicurista e atomística.

Como refere Jeanneret,¹⁷² no início do século XVII, a técnica deixou de ser uma *bricolage* reservada às classes modestas. Os artesãos e os engenheiros adquiriram um novo prestígio e começaram a participar, em pleno, no desenvolvimento da ciência. O recurso progressivo à observação empírica e a necessidade decorrente de dispor de instrumentos de desempenho reforçaram o prestígio da técnica. Esta valorização do saber prático esteve no cerne da revolução científica do século XVII contra a herança escolástica que era uma filosofia especulativa, ensinada nas escolas e concebida por tecnocratas. Passou a privilegiar-se o conhecimento direto dos fenómenos, o testemunho dos sentidos e o trabalho das mãos, prolongado pelos instrumentos. Passou a tentar-se não só compreender, mas também transformar a Natureza, e a tentar captar as suas energias para as poder utilizar.

O progresso das ciências positivas, a Ciência Moderna e a perspetiva de que a ciência já não se pode basear na mera autoridade, contribuem para que o espírito libertino seja mais crítico do que

¹⁶⁸ Foucault, "Le libertinage de la Renaissance à l'Âge Classique : un territoire pour l'historien ?".

¹⁶⁹ Staquet, "Internet et la formation des réseaux libertins" no site do coloquio "La pensée, les réseaux et l'ordinateur" organizado pelo grupo "réseau-raison" no Quebec em 29 e 30 setembro 2005".

¹⁷⁰ Foucault, "Le libertinage de la Renaissance à l'Âge Classique : un territoire pour l'historien ?".

¹⁷¹ Kochakowicz, "Libertino".

¹⁷² Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. p. 176.

metafísico. Os libertinos seiscentistas recuperaram o método científico de Montaigne e Francis Bacon,¹⁷³ apartando as discussões científicas e os argumentos racionais da fé religiosa. Este interesse pela ciência moderna, a germinar, também deflete para a contestação libertina da escolástica.

A ciência não foi domínio de especialidade libertina, mas considerava-se que as posições de Galileu eram preferíveis às da Igreja. Anne Staquet¹⁷⁴ questiona se a adesão dos pensadores libertinos às teorias de Galileu não terá ocorrido, sobretudo, pelo facto de ele se ter oposto à Bíblia e por ter sido perseguido pela Inquisição, do que por terem estudado a sua obra. Salieta que é traço característico dos libertinos o interesse pelos perseguidos pela Inquisição. Tommaso Campanella, a título de exemplo, foi temporariamente acolhido pela rede libertina, apesar das suas teorias não se conciliarem com a rejeição libertina das superstições. Staquet indaga se o apoio libertino à ciência moderna se deverá à colisão desta com os escritos bíblicos ou se se tratará de uma verdadeira adesão aos novos métodos. Não se descure que os métodos da ciência moderna foram instrumentos muito poderosos contra a superstição e contra as diversas mistificações denunciadas pelos libertinos.¹⁷⁵

A difusão da Ciência Moderna no mundo dos filósofos foi revelada por John Locke e por *Christianity not Mysterious* de John Toland. No culminar deste desenvolvimento surgiu o *Dictionnaire Historique et Critique* de Bayle. Mas, como refere Foucault,¹⁷⁶ não se deve confundir mecanicismo e ateísmo. O mecanicismo pode conciliar-se com concepções do mundo não ateístas.¹⁷⁷

¹⁷³ "A filosofia de Bacon representa uma das grandes ruturas com a escolástica. Depois de Thomas More e Montaigne, que admirava, e antes de Descartes, que o leu e adotou muitas das suas ideias, Bacon procurou libertar o conhecimento humano da autoridade concedida a Aristóteles pelas universidades: "O conhecimento derivado de Aristóteles, se for retirado do livre exame, não se elevará mais alto do que o conhecimento que Aristóteles tinha. "Ele censura os homens da Escola por se terem fechado nas celas dos mosteiros e no estudo de um número muito reduzido de autores, em todo o caso, no conhecimento livresco, em vez de explorarem e estudarem a natureza." (Tradução nossa.) (Michèle le Doeuff, "Bacon chancelier Francis (1560 ou 1561-1626)", *Encyclopædia Universalis [en ligne]* <<https://www.universalis.fr/encyclopedie/bacon-chancelier-francis/>> [acedido 30 setembro 2022].)

¹⁷⁴ Staquet, "Internet et la formation des réseaux libertins" no site do coloquio "La pensée, les réseaux et l'ordinateur" organizado pelo grupo "réseau-raison" no Quebec em 29 e 30 setembro 2005".

¹⁷⁵ Robert Lenoble ensina que "Quer fossem pragmáticos como Mersenne ou metafísicos como Descartes, todos os cientistas mecanicistas conceberam a Natureza como um imenso brinquedo moldado por Deus para dar ao Homem a oportunidade de descobrir o seu funcionamento interno.." (Tradução nossa.) (Lenoble, *Histoire de l'Idée de Nature*. p 326.) Jeanneret acrescenta que se dessacralizou, desumanizou e coisificou a Natureza, passando-se a concebê-la como um sistema de forças autónomas que era preciso compreender para que melhor servissem. O dualismo cartesiano teve uma posição fulcral nesta revolução científica quando tudo fez para apartar o reino do espírito e o da matéria inanimada a alma, cuja propriedade seria o pensamento, e o corpo, cuja propriedade seria a sua extensão, seriam duas substâncias sem medida comum. A alma poderia agir sem o corpo e o corpo poderia agir, independentemente da alma. O animal, que não tem alma, obedece a impulsos exclusivamente fisiológicos e, portanto, deve ser assimilado a uma máquina. Mas Descartes é forçado a conceder que, apesar das substâncias do corpo e da alma serem fundamentalmente distintas, influenciam-se reciprocamente. (Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. Pp 172-175).

¹⁷⁶ Foucault, "Le Libertinage de La Renaissance à l'Âge Classique : Un Territoire Pour l'historien ?".

¹⁷⁷ Como acontece, de resto, em Portugal com o nosso "Iluminismo Católico", por exemplo a obra do padre Teodoro de Almeida.

As estratégias literárias e editoriais libertinas variavam.¹⁷⁸ La Fontaine assinou e publicou os seus contos abertamente, mas La Mothe Le Vayer publicou o *Hexámeron Rustique* anonimamente e sem referência tipográfica. Outros autores limitaram a circulação de textos perigosos a algumas cópias manuscritas.

Após o processo de Théophile de Viau, a provocação mudou de tática: em vez de afrontar diretamente os censores, reservou a distribuição a círculos de amigos. Não se manifestando publicamente, mantiveram-se ativos, trocando, discretamente, sinais de reconhecimento entre simpatizantes. A forma de expressão ambígua foi determinante para o reconhecimento mútuo dos libertinos e para a constituição da rede.¹⁷⁹

Um caso paradigmático de ambiguidade e escrita por dissimulação, com recurso à contradição, foram os *Dialogues à l'imitation des Anciens* de La Mothe Le Vayer em que o autor elogia Luís XIII. O pensamento libertino era, aliás, todo ele, repleto de processos de dissimulação. Não existia, todavia, qualquer código cifrado partilhado entre os filósofos libertinos que os identificasse. A escrita de dissimulação era um jogo de linhas e entrelinhas. Staquet defende, mesmo, que, entre si, os libertinos eruditos não falavam diretamente ou com completa transparência, expondo-se. Seriam, pelo contrário, ainda mais ambíguos, já que estavam perante um leitor, um auditor mais apto a desfrutar dos estratagemas que inventaram.¹⁸⁰

O pensamento libertino não era unísono. Apesar de alguns textos do século XVII, normalmente panfletos anónimos ou tratados manuscritos como o *Theophrastus Redivivus*, serem abertamente ateus, muita da literatura libertina estava imbuída de humanismo laico; era filosoficamente superficial para agradar ao senso comum, já que louvava a vida agradável; mostrava-se pouco interessada na ciência e ainda menos na Teologia e era cética quanto ao valor do conhecimento em geral.

Sylvia Giocanti considera que, apesar do ceticismo não poder ser utilizado como critério de identificação dos textos libertinos, facilita a distinção entre a libertinagem de costumes e o libertinismo intelectual, já que evidencia que a libertinagem se exprime, essencialmente, por práticas e que a prática da redação se traduz por costumes e, igualmente, que as práticas morais são suscetíveis de ser justificadas, posteriormente, nos textos.

¹⁷⁸ Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. p. 146.

¹⁷⁹ Staquet, "Internet et la formation des réseaux libertins" no site do coloquio "La pensée, les réseaux et l'ordinateur" organizado pelo grupo "réseau-raison" no Quebec em 29 e 30 setembro 2005".

¹⁸⁰ Staquet, "Internet et la formation des réseaux libertins" no site do coloquio *La pensée, les réseaux et l'ordinateur* organizado pelo grupo "réseau-raison" no Quebec em 29 e 30 setembro 2005".

Charles-Daubert¹⁸¹ evoca que as obras mais marcantes do libertinismo erudito são anteriores a 1659, data do *Theophrastus Redivivus*. Os *Dialogues* de La Mothe Le Vayer datam de 1630, as *Considérations Politiques sur les Coups d'Etat* de Gabriel Naudé datam de 1639, as obras de Cyrano de Bergerac só serão publicadas postumamente (morreu em 1655).

O *Theophrastus Redivivus* é um manuscrito erudito, abertamente ateu, verdadeira súpula do libertinismo erudito do pensamento moderno. Foi redigido em latim e é de autoria anónima, apontando a Razão como valor supremo:

“Nous avons finalement mené à son terme l'ouvrage de la raison naturelle, et avons ramené à sa juste valeur l'ensemble de la science produite par l'homme et son habileté.”¹⁸²

Esta obra compila as teses da literatura libertina: o mundo é eterno e os astros regulam o seu destino; o homem é um animal como os outros e não superior aos outros; a imortalidade é uma ilusão; o sábio não tem receio da morte; todas as religiões são invenções políticas e não passam de imposturas destinadas a submeter os povos à autoridade dos legisladores; todas as religiões são válidas, desde que vistas sob o ponto de vista da utilidade para a ordem pública.¹⁸³ Este compêndio, recorrendo aos argumentos dos autores da Antiguidade, a que também recorrem os políticos e os libertinos, atribui ao Cristianismo, ao Judaísmo e ao Islamismo o mesmo valor que às religiões pagãs.¹⁸⁴

O Frontispício do *Théophraste ressuscitado* está rodeado com os nomes dos seguintes autores: Pompanazzi, Cardano, Bodin e Vannini. Na coluna lateral direita estão expostos os nomes de Aristóteles, Lucrecio, Séneca, *Lucien*, *Sextus Empiricus*, e, na da esquerda, os de Platão, Epicuro, Cícero, Plínio o jovem, *Galien*. O título deste compêndio dispõe “*Theophrastus Redivivus ou a história do que é dito acerca dos deuses, do mundo, religião, alma, submundo e demónios, desprezo pela morte, a vida segundo a natureza. Um trabalho composto pelas opiniões dos filósofos que visa derrotar os teólogos.*”¹⁸⁵

¹⁸¹ Charles-Daubert, “Spinoza et les Libertins - Le Traité des Trois Imposteurs ou L'Esprit de Spinoza”.

¹⁸² “Completámos, finalmente, a tarefa da razão natural e restituimos ao seu verdadeiro valor toda a ciência produzida pelo homem e sua habilidade.” (s.a. *Theophrastus Redivivus*, ed. cit., p. 927. Citado por Ostrowiecki, “Entre Nature Stoïque et Nature Sceptique: la Place des Passions dans le *Theophrastus Redivivus*”. p. 175.)

¹⁸³ Adam, *Les Libertins Au XVII Siècle*. p. 17.

¹⁸⁴ Charles-Daubert, “La Critique Anti-théologique Dans Les Dialogues De Vanini Et Le Libertinage Érudit”. p. 283.

¹⁸⁵ *Theophrastus redivivus sive historia de iis quae dicuntur de iis, de mundo, de religione, de anima, inferis et daemonibus, de contemnenda morte, de vita secundum naturam. Opus ex philosophorum opinionibus constructum et doctissimis theologis ad diruendum propositum.* (Recapitulação de Théophrasto: obra construída a partir das opiniões dos filósofos e destinada a ser demolida pelos teólogos ou a história do que dos primeiros se diz, do mundo, da religião, da alma, do inferno e dos demónio, da morte inevitável e da vida em função da Natureza.” (Tradução nossa.). (Tullio Gregory. “Libertinisme Érudit in

Na parte superior desta página de rosto está disposto: “*Todos estes negaram o Senhor e disseram: Ele não existe.*”¹⁸⁶

“Compêndio da Libertinagem Erudita e das suas fontes antigas e renascentistas, o *Theophrastus Redivivus* concebe a história da filosofia, como a oposição à história da teologia, ou seja, como uma história do Ateísmo, inserindo-se o autor anónimo nesta tradição filosófica. As citações que faz são limitadas e revestem-se de carácter seletivo, a argumentação é de carácter radicalmente ateu, antirreligioso e fortemente desmistificador.”¹⁸⁷

A hermenêutica é livre e desenvolta e transmite a convicção de que, raramente, os filósofos puderam exprimir-se com toda a sinceridade porque receavam as reações do povo e do clero e compreendiam a necessidade de crenças úteis ao governo da cidade, mas também porque pretendiam manter o seu prestígio social. Esta obra recusa a existência de Deus e explica a sua origem histórica e humana por meio de razões naturais e de motivações políticas.¹⁸⁸

O centro da reflexão do *Theophrastus Redivivus* é a Razão¹⁸⁹ e distingue entre razão natural que conduz à verdade e razão humana que, dada a sua versatilidade, desencaminha a pesquisa:

“La raison humaine (ratio humana) est totalement fausse, elle qui procède de l’opinion, que suivent en général la majorité des hommes (...) sa nature la rend mobile, inconstante, changeante et perpétuellement agitée par le flux et le reflux.”¹⁹⁰

O *Theophrastus Redivivus*, ao criticar os fenómenos dados como sobrenaturais e as superstições populares, transmite que a opinião e a razão humanas absorvem a versatilidade, que retira a fiabilidade aos seus resultados.¹⁹¹

Seventeenth-Century France and Italy: The Critique of Ethics and Religion.” In *British Journal for the History of Philosophy*, Vol. 6, Number 3. Stafford s. London: Routledge, 1998. p. 324.)

¹⁸⁶ *Hi omnes negaverunt Dominum et dixerunt non est ipse.* (Todos estes negaram o Senhor e disseram que ele não existe.) (Tradução nossa.) Trata-se de uma sentença de Jeremias. Citado por “Gianni Paganini. Le Theophrastus Redivivus et Vanini: une Lecture Selective”. p. 255.

¹⁸⁷ Machado, “La Mort d’Agrippine, de Cyrano de Bergerac : Uma Tragédia sem Eternidade”. p. 37.

¹⁸⁸ Charles-Daubert, “La Critique Anti-théologique Dans Les Dialogues De Vanini Et Le Libertinage Érudit”. p. 283.

¹⁸⁹ Este compêndio é, assim, avesso à teologia e às representações dominantes. Não se acudindo de argumentos aristotélicos, não deixa de os usar de forma a privilegiar o aspeto estritamente “físico” desses conceitos, negando-lhes qualquer virtude Metafísica e Teológica Paganini, (“Gianni Paganini. Le Theophrastus Redivivus et Vanini: une Lecture Selective”. pp. 255-274).

¹⁹⁰ s.a. Theophrastus Redivivus, Firenze, La Nuova Italia Editrice, 1982, p. 927. Citado por Ostrowiecki, “Entre Nature Stoïque et Nature Sceptique: la Place des Passions dans le Theophrastus Redivivus”. p. 176.

¹⁹¹ Ostrowiecki. p. 176 e Charles-Daubert, “La Critique Anti-théologique Dans Les Dialogues De Vanini Et Le Libertinage Érudit”. p. 283.

Existem outras obras de relevo na literatura libertina. Se a obra de Pierre Gassendi é redigida em latim, densa e muitíssimo erudita, outras obras existem, que são de leitura e compreensão mais fácil. Destacamos, neste sentido, a obra de Cyrano de Bergerac: *Les Etats et Empires de la Lune, ou Les Etats et Empires du Soleil*, respetivamente datadas de 1657 e 1662; a obra de Tristan l'Hermite¹⁹²: *Le Page Disgracié* e *Les Aventures de M. Dassoucy*, datadas de 1642 e 1677; a de Gabriel de Foigny¹⁹³, *La Terre Australe connue*, 1676 ou a de Denis Veiras ¹⁹⁴ *l'Histoire des Sevarambes* datada de 1677.

As obras de Jean Baptiste Poquelin, dito Molière, que foi discípulo de Gassendi, *Tartuffe* (1664) e *Dom Juan* (1665) denunciam a atualidade da questão libertina. Não poderão ser consideradas, propriamente, obras características do pensamento libertino erudito, mas não deixam de ser cruciais pela acuidade com que tocam a temática e também pela notoriedade que adquiriram.

Destacamos, por fim, a obra de Pierre Bayle, apesar de não se poderem comparar as condições de escrita e a publicação na França na época de Richelieu a Luís XIV, com as da República Livre da Holanda, na passagem do século XVII para o XVIII. O *Dictionnaire Historique et Critique*, de 1696, revela um esforço do autor para alcançar a congregação de toda a erudição abraçada pelo pensamento libertino. Nesta composição, Bayle insere afirmações da história, discutidas por um jogo de artigos e de notas. Os artigos, consagrados a figuras escandalosas do século, permitem-lhe expor o pensamento libertino. Bayle

¹⁹² François l'Hermite, dramaturgo francês. (1601 –1655), Tristan l'Hermite, artista de registo extenso, sensível à beleza das formas e à da Natureza, atento à música dos versos, sabe variar estrofes e versos, criar imagens novas e sedutoras, encontrar expressões refinadas e subtis: os seus poemas ainda hoje tocam pela sua nobreza e cativam pela sua graça sonhadora e inquieta. A sua obra poética é pouco conhecida dos seus contemporâneos. Autor afastado dos círculos literários apesar de ser eleito para a *Académie Française* em 1649. *Le Page disgracié* (1642), Tristan l'Hermite, *Marianne*, *La Folie du Sage* (1642), uma tragi-comédias ; tragédias *La Mort de Sénèque* (1644), *La Mort de Crispe* (1644 ou 1645), *Osman* (1645 ou 1646), uma pastoral inspirada em Rotrou, *Amarillis* (1652); uma comédia, *Le Parasite* (1654). As compilações que publica: *Les Plaintes d'Acante* (1633), *Les Amours* (1638), *La Lyre* (1641) e, posteriormente, um volume de elogios aos Grandes do reino, *Les Vers héroïques* (1648) tornam-no num dos poetas líricos mais importantes do seu tempo.

¹⁹³ Gabriel de Foigny (1630 - 1692) francês, clérigo, reputado excelente predicador que abjura o catolicismo e em 1666 e se refugia na Suíça onde passa a lecionar. Entre outras obras, em 1676 publica o seu romance, *La Terre australe connue, c'est-à-dire la description de ce pays inconnu jusqu'ici, de ses mœurs et de ses coutumes, par M. Sadeur* (que, numa segunda edição, de 1692, se apelidará: *Les Aventures de Jacques Sadeur dans la découverte et le voyage de la terre australe*). Um dos romances utópicos mais destacados do fim do século XVII, nele descreve uma terra imaginária, *sans règles et sans préceptes*, que não conhece nem poder nem classes, onde a anarquia é sinónimo de harmonia, um país de bons selvagens comandados pela razão *qui les unit entre eux et les porte à tout ce qu'il y a de meilleur et de plus juste*. Esse país *peut passer pour une image parfaite de l'état de l'homme jouissant de la béatitude naturelle sur la Terre*. Incomodadas, as autoridades religiosas e as ortodoxias que Foigny parodiou na sua obra perseguem-no. E após idas e voltas entre França e Suíça vem a falecer na Savoie, num convento da sua ordem.

¹⁹⁴ Denis Veiras (1635/1640 – 1700), escritor francês, nascido no Languedoc, oriundo de uma família da pequena burguesia protestante, tornando-se, posteriormente, advogado. Aventureiro sem carreira literária, mas que se destacou por uma obra original e audaz. Em 1675 publica a primeira parte de um romance utópico, *The History of the Sevaramites* (possivelmente o primeiro livro escrito, em inglês, por um francês). Regressado a França de Inglaterra onde residia, sob poderosas proteções, será em francês que publicará, anonimamente a edição completa da *Histoire des Sévarambes* (1677-1679). Com a revogação do Édito de Nantes, muda-se para a Holanda e perde-se o seu rasto. A *Histoire des Sévarambes* conta uma viagem imaginária, à qual o autor dá grande verosimilhança. Trata-se da viagem do capitão Siden até às terras austrais, o *troisième continent*. Veiras descreve o estado ideal, organizado racionalmente. Pelo seu realismo, a *Histoire des Sévarambes* distingue-se das outras utopias narradas na época e ao mesmo se deve o seu sucesso e a sua importância.

faz, no *Dictionnaire*, a distinção entre fanfarrões viciosos e pensadores ímpios, entre libertinos de costumes e libertinos de pensamento. Apesar de não ser ateu, reconhece a existência de ateus virtuosos, abre caminho para o pensamento livre, emancipado dos imperativos religiosos que será o espírito das luzes nas próximas décadas.¹⁹⁵

Foucault¹⁹⁶ salienta que, neste mesmo século XVII, circula um manuscrito clandestino, o *Traité des Trois Imposteurs*¹⁹⁷, atribuído a Frederico II, mas a sua paternidade é, certamente, de Vanini ou de qualquer outro libertino seiscentista. O tratado apresenta Moisés, Jesus Cristo e Maomé, os fundadores dos três monoteísmos, como impostores hábeis.¹⁹⁸

Os paradigmas mecanicistas, que vão tomando conta do discurso científico a partir da génese da física moderna, no primeiro terço do século XVII, condicionam fortemente o pensamento religioso ferido pelo materialismo mecanicista que conhece o seu apogeu no século XVIII com Diderot, La Mettrie, d'Holbach e Helvétius.

Para os escritores cristãos ortodoxos, se, por um lado, o comportamento moralmente licencioso nas questões religiosas estava, indissociavelmente, ligado ao ateísmo; por outro, também as dúvidas sobre os ensinamentos da Igreja coincidiam forçosamente com a depravação moral. Mas esta dedução não se podia aplicar às figuras notáveis do movimento intelectual do Libertinismo Erudito.

¹⁹⁵ Abirached, "Libertins."

¹⁹⁶ Foucault, "Le libertinage de la Renaissance à l'Âge Classique : un territoire pour l'historien ?".

¹⁹⁷ "O "Tratado dos Três Impostores" é uma obra mítica. O título é expressivo: provocação suprema, blasfémia absoluta, desafio frontal às três grandes religiões monoteístas. Chamar impostores a Moisés, Jesus e Maomé é atacar, diretamente, a fé de milhões de crentes. Esta a razão para a subsistência virtual, durante séculos, deste título assustador, que só se sussurrava e cuja mera evocação aterrorizava. Do século XIII ao século XVII, ninguém o viu, ninguém o leu, mas quase todos acreditavam que existisse. A sua história é, de certa forma, semelhante à do deus que ele rejeita. Oriundo da imaginação humana, obceca de tal forma que se materializa: sai das prensas holandesas em 1719, multiplica-se e circula, clandestinamente, pela Europa, onde é adquirido a preço de ouro pelos livres-pensadores. Escandaliza por atacar os fundadores das três grandes religiões e os seus deuses, colocando-os ao mesmo nível, o dos enganados, fraudes, e ilusões que neutralizam a razão e desencadeiam massacres absurdos. Yahveh, Deus, Alá não passariam de palavras e vento e os seus profetas, Moisés, Jesus, Maomé, seriam meros impostores. Esta impostura, sustentada por rabinos, padres e imãs, causou a morte violenta de milhões de homens, que faleceram por, literalmente, nada. É o teor do Tratado dos Três Impostores, para adivinhar o seu conteúdo, nem existe necessidade de o ler. Tal a razão para que o livro tenha circulado, tanto tempo, sem sequer existir. Todos nele reviam os seus fantasmas. Sem jamais o ter visto, adivinhavam-se autores, desde o Imperador Frederico II até Spinoza, passando por todos os espíritos heterodoxos, hereges, ateus, céticos. Em muitos aspetos tratou-se, nesta fase, de uma psicose. Sem nunca ter visto o livro, ofereceram-se elevadas recompensas a quem encontrasse uma cópia. Até que, por fim, o famoso tratado se materializa. (...) As histórias do "Tratado dos Três Impostores", do ateísmo e do tema da impostura das religiões em geral, são inseparáveis. Os especialistas ainda debatem se o tratado é de inspiração deísta, panteísta ou ateia. A última qualificação parece ser a mais precisa para designar uma obra que nega, absolutamente, a existência de um deus pessoal, livre e inteligente, criador do mundo, intervindo nos assuntos humanos e atribuindo punições e recompensas após a morte. O livro é inegavelmente antirreligioso, e é, por isso, que colocamos a sua história num quadro mais amplo, essencial para a compreensão adequada da sua génese, a das correntes ateias ou assimiladas". (Tradução nossa.) (Georges Minois, *Le Traité Des Trois Imposteurs - Histoire d'un Livre Blasphématoire Qui n'existait Pas*. s.l.: Albin Michel, 2009. pp. 7-9.)

¹⁹⁸ Abirached, "Libertins."

O libertinismo erudito, como o qualifica René Pintard, composto por pensadores da primeira metade do século XVII, que se inspiraram no atomismo da Antiguidade, por via das hipóteses panteístas e renascentistas de Pádua, foi um movimento de pensamento e de sociabilidade social, emancipado dos dogmas religiosos que percecionou a religião como uma invenção e impostura política.¹⁹⁹ Exibiu, frequentemente, um respeito puramente formal para com os poderes estabelecidos e as crenças e normas em vigor e professava, relativamente à religião uma ética autónoma, mas prudente.²⁰⁰

Seria, todavia, um contrassenso reduzir o libertinismo à moderação por escrúpulos intelectuais e morais do grupo intelectual dos libertinos eruditos²⁰¹, já que o motor da atitude libertina é a luta persistente contra o excesso de escrúpulos e contra a patologia da culpabilidade que é sintomática da moral cristã.

Na verdade, os libertinos hedonistas associaram a liberdade de costumes à liberdade de espírito. E, apesar de ser verdade que alguns libertinos escapam a qualquer suspeita de luxúria e situam a sua crítica tão-somente no plano intelectual, já o mesmo não se pode dizer acerca dos libertinos hedonistas. Apesar de se verificar que o livre-pensamento pode expressar-se sem obscenidade; já a obscenidade exprime, muito provavelmente, livre-pensamento.

Tomar o partido da lascívia ou contá-la publicamente é desafiar a Igreja. Para os escritores cristãos ortodoxos, o comportamento moralmente licencioso nas questões religiosas estava, indissociavelmente, ligado ao ateísmo e as dúvidas sobre os ensinamentos da Igreja coincidiam, forçosamente, com a depravação moral. Os debochados ou, pelo menos, os intérpretes das obras que, por palavras sedutoras, exaltavam o libertinismo moral, eram, à semelhança dos doutos de gabinete, libertinos de pleno direito.

3.2 O Libertinismo Hedonista

Nas primeiras décadas do século XVII francês,²⁰² as autoridades eclesiásticas, seguidas pela jurisdição civil, assumiram que a literatura luxuriosa era uma ofensa grave, um delito frequentemente confundido com o livre-pensamento e punido como uma heresia.²⁰³

¹⁹⁹ Caracterizou-se, sobretudo, por manter a mesma atitude face às relações entre a Religião e a Ciência e entre a Igreja e o Estado, do que precisamente a adesão a uma política comum: a ciência é racionalidade enquanto a religião é irracionalidade.

²⁰⁰ Kochakowicz, "Libertino". p. 331.

²⁰¹ Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. p. 304 e Giocanti, "Commentaire de Sylvia Giocanti à la note critique de J.-P. Cavallé".

²⁰² Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. p. 19.

²⁰³ Jeanneret. p 16-17.

Naquela época em que, em nome da centralização política e da religião triunfante, as atividades espirituais foram estritamente fiscalizadas, a licenciosidade era liberdade, era o espaço em que os livres-pensadores afrontavam uma sociedade de ordem e disciplina.

Os apologistas cristãos proclamavam que as dúvidas sobre os ensinamentos da Igreja indiciavam, forçosamente, a depravação e o declínio dos valores morais, tais como a doutrina cristã os concebia. O comportamento sexual fora da norma da cartilha cristã estaria, necessariamente, ligado à incredulidade religiosa como uma relação de causa e efeito.²⁰⁴

Nagy menciona que a aspiração à libertação sensual e sentimental acompanha de perto a libertação da razão. Julgamos, todavia, que é essencial ao libertinismo a existência de alguma atividade consciente contra a ordem estabelecida, sob pena de não se tratar senão de mera licenciosidade. A libertinagem e a licenciosidade, na vida e na literatura, não são, necessariamente, fenômenos decadentes e negativos: são também indícios e métodos de libertação das consciências.²⁰⁵

Mikhail Bakhtine demonstrou, a propósito de Rabelais e da festa popular, que a explosão de obscenidades podia ser a expressão esporádica e codificada de uma liberdade necessária à manutenção da paz social.

“Nous avons expliqué le lien important qui unit les coups et les injures et le détronement: Chez Rabelais, les grossièretés ne sont jamais des invectives personnelles; elles sont universelles et, en définitive, visent toujours les choses élevées. Dans chaque individu rossé et injurié, Rabelais discerne le roi, un ex-roi ou un prétendant au trône. (...) Tous ces personnages sont tournés en dérision, injuriés et rossés parce qu'ils représentent individuellement le pouvoir et la vérité expirants: les idées, le droit, la foi, les vertus dominantes.”²⁰⁶

Peter Frei lembra-nos que François Garrasse acreditava que Rabelais fora o mentor dos libertinos seiscentistas.²⁰⁷ A partir do início do século XVII, a escolha do erotismo revelou-se um ato de

²⁰⁴ Kochakowicz, “Libertino”. p. 327.

²⁰⁵ Nagy, *Libertinage et Révolution*. pp. 29-30.

²⁰⁶ “Explicâmos a importante ligação entre golpes, insultos e destronamento: com Rabelais, a grosseria nunca é uma invetiva pessoal; eles são universais e, em última análise, sempre visam coisas elevadas. Em cada indivíduo espancado e insultado, Rabelais discerne o rei, um ex-rei ou um pretendente ao trono. (...) Todos esses personagens são ridicularizados, insultados e espancados porque representam individualmente o poder e a verdade que expiram: as ideias, a lei, a fé, as virtudes dominantes.” (Mikhail Bakhtine, *L'œuvre de François Rabelais et La Culture Populaire Au Moyen Âge et Sous La Renaissance*. Paris: Gallimard, 1970. p. 213.)

²⁰⁷ “Para os críticos desta literatura libertina, Rabelais, que já convidava a ler o seu texto “em benefício dos lombos”, sede da lascívia e de um “humor obsceno” (obscenus humor) aos olhos do seu tempo, seria o verdadeiro mestre deste renascimento do obsceno e o seu texto um verdadeiro “Enchiridion de Libertinage”, segundo a expressão de François Garrasse, que faria dele a sua besta negra “a peste e a gangrena da devoção.” (Tradução nossa.)” (Peter Frei, *François Rabelais Le Scandale de La Modernité. Pour Une Herméneutique de l'obscène Renaissance* Genève: DROZ, 2015. pp. 177-178.)

insubordinação, gesto de rebeldia intelectual e política, uma provocação contra o poder crescente do Trono e do Altar. O desejo de liberdade manifestou-se mais vincadamente no espaço do maior dos *tabous* sociais, o do comportamento sexual.²⁰⁸

A função de libertação das tensões interiores e dos interditos deixou de ser tolerada. A produção pornográfica emergente foi a causa da repressão, mas também foi a sua consequência. Se houve uma provocação da autoridade, também foi própria intolerância que alimentou essa provocação.²⁰⁹ Foi esta a escolha de Don Juan: a voz de rebeldia que proclamou os direitos do corpo e a força do desejo. A mundividência libertina de Molière (discípulo de Pierre Gassendi), de Charles de Saint-Évremond e de Jean de La Fontaine, foi potenciada, no século XVII francês, pela subida do absolutismo ao trono e progressiva rigidez da contrarreforma.

O movimento que, no século XVIII, colocou o libertinismo filosófico e o seu aliado, o romance pornográfico, ao serviço do materialismo e da desestabilização política, começou a tomar forma nas primeiras décadas do século XVII. Estava, ainda, difuso, disperso, intimidado pelas ameaças, mas destacava-se do conformismo que o rodeava.²¹⁰ Apesar do processo de Théophile de Viau, do escândalo de *L'École des Filles*, da *Querelle du Cid* e das campanhas contra Molière, o terror que inspiravam os guardiães da moral não conseguiu mitigar a sexualidade desbragada dos aristocratas e seus protegidos.²¹¹

No início do século XVII, a liberdade moral e a sensibilidade naturalista que, na Renascença, eram vastamente toleradas, passaram a colidir com a polícia dos costumes e das ideias²¹². A réplica erótica foi provocada pela imposição cristã da aspiração à santidade que não compreendia, no impulso espontâneo do prazer, senão pecado e opróbrio.²¹³ A obsessão da impureza, o medo do erro, a vergonha do genital e a repressão do instinto pesavam, permanentemente, nas consciências. A ética, abstermia, de civilidade mundana que, persistente e constantemente, tentava controlar e camuflar o ser biológico, provocou a insurreição dos espíritos livres que sugeriram a legitimidade do desejo aos fiéis dedicados à exegese.

²⁰⁸ Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. pp. 16-17.

²⁰⁹ Jeanneret. p. 157.

²¹⁰ Jeanneret. p. 18.

²¹¹ Neste período, esvaziando a Natureza da sua vitalidade, separando-a do reino do espírito e reduzindo-a a uma série de mecanismos mensuráveis, contrariou-se o equilíbrio do corpo e do espírito, a unidade psicossomática da pessoa, que fora legado da Renascença e da sua filosofia natural que ensinara ... que o mundo era um animal e que a matéria era viva e habitada pelo espírito: uma mistura difusa de animismo e magia. Os inovadores Galileu e Descartes foram duros críticos dessa noção e essa lógica foi levada ao extremo com a concepção cartesiana da animal máquina (Jeanneret. p. 19).

²¹² Jeanneret. p. 95.

²¹³ "O pecado é um transbordamento da natureza que deriva dos mecanismos dessa mesma natureza: é o desejo inesperado e irreprimível, o prazer descontrolado que ultrapassa os limites naturais, os movimentos do corpo que quebram o equilíbrio entre esse mesmo corpo e o seu guia racional. Paradoxalmente, o pecado torna-se "naturalidade não natural". (Tradução nossa.) (Arianna Sforzini, "L'autre Modernité Du Sujet. Foucault et La Confession de La Chair : Les Pratiques de Subjectivation à l'âge Des Réformes," *Revue de l'histoire Des Religions*, no. 235 (2018): 485-505. p. 491.)

Enquanto o erotismo rebelde dos séculos XVII e XVIII foi, frequentemente, excessivo e desagradável, repugnante na sua própria textura, o da Renascença, pré-contrarreforma, despertava o prazer, contava-o e incarnava-o: o amor governava um Universo animado e profundamente normal e sexualizado.

O Homem renascentista só podia viver no seu corpo e com o seu corpo. Aliás, de forma igual, a exaltação sem escrúpulos dos prazeres do corpo inscrevia-se na religiosidade naturalista da Renascença, já que, antes do endurecimento doutrinal do Concílio de Trento, a fé cristã coabitava com uma sensibilidade sincrética, penetrada de animismo e semi-pagã. Reconhecer o desejo sexual nada tinha de transgressão ou de provocador, era, simplesmente, testemunhar a participação nos grandes processos naturais e de solidariedade com todos os seres vivos: minerais, vegetais, animais ou humanos.²¹⁴

Na verdade, nessa época, até a majestade da arte clássica conferia ao hedonismo um semblante de legitimidade. Apesar da sensualidade explodir, não tinha, ainda, nada de subversivo nem de clandestino. O homem amante, segundo o ideal renascentista, fazia a síntese do eu e do mundo; associava o corpo e o espírito, o pensamento e o prazer e, pela integração das suas várias faculdades, atingia uma quase plenitude.

O amor e o espírito, ao invés de se oporem, geravam um ser unitário distante dos conflitos que os sistemas dualistas mais tarde geraram.²¹⁵ A noção de natureza, apesar de fluida, era fundamental e dominava o pensamento. Montaigne, por exemplo, opunha o erotismo à pornografia, interpretava as manifestações da vida sexual como sintomas de uma natureza versátil e soberana.²¹⁶

Ao longo da História, o Cristianismo apregoou a luta entre o corpo e a alma. Os germes da desunião surgem no Novo Testamento e não tardam a desenvolver-se: Cristo nasceu de um casamento sem relação carnal, é filho do espírito e também não conheceu mulher. Valoriza-se a castidade e a virgindade e o intelecto é colocado acima das faculdades humanas. Várias correntes consolidaram esta visão: o gnosticismo que prega o horror do corpo e do sexo; o neoplatonismo que ensina como libertar o espírito do peso da matéria; o estoicismo que invoca os poderes da razão para aniquilar o desejo e a paixão funesta.

²¹⁴ Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. pp. 50-53.

²¹⁵ Jeanneret. p. 65.

²¹⁶ Jeanneret. pp. 68-70.

A tendência manifesta-se, logo na época patrística²¹⁷, guiando a Igreja para um espiritualismo, frequentemente radical. Uma antropologia dualista acompanhará, doravante, a história do Cristianismo. A carne e a alma opõem-se. A Idade Média tende a reconciliar o Homem com o seu corpo, reserva o ascetismo a uma elite espiritual e aceita a sexualidade como uma componente normal da condição humana.

O início da Renascença atenua, ainda mais, o rigor da Igreja e, em nome da Natureza, reivindica a legitimidade dos prazeres sensoriais. Mas o princípio dualista mantém-se enraizado e, apesar de o homem, de carne e osso, ser parte integrante do mundo e movido pelo desejo, o homem real não se pode aceitar tal e qual: nem anjo nem demónio. Tenta abafar as fortes pulsações a que está sujeito e vive a sua encarnação no tormento, coabitando com um corpo que concebe como inimigo.²¹⁸

Desde a Renascença que a civilidade e as boas maneiras se tornaram condição de distinção social: na sua aparência pública, uma pessoa bem-nascida, ou hábil a ascender socialmente, devia camuflar a sua sensualidade. A luxúria, que sempre constou entre os pecados capitais, impôs-se, no século XVII, como um dos mais graves e perigosos vícios (talvez o mais grave). Para alcançar a salvação da alma, o homem ficou sujeito a uma cerradíssima vigilância.²¹⁹

A polícia do sexo organizou-se: as relações pré-nupciais foram proibidas e os jovens estreitamente vigiados, o adultério foi reprimido e, se necessário, denunciado, publicamente. E em simultâneo, os progressos da ciência, nomeadamente os da medicina, exigiam que o corpo fosse distanciado e tratado como um objeto. A obra de Descartes é disso exemplo. O dualismo epistemológico da Ciência Moderna reforçou o dualismo ontológico, herdado da tradição cristã.

²¹⁷ "O termo "patrística" pode referir-se, em primeiro lugar, a uma parte da teologia cristã que sistematiza os ensinamentos de certos escritores da antiguidade cristã, considerados Padres da Igreja por uma escolha da tradição eclesiástica e tidos, por isso, como autênticos garantes da fé ortodoxa. Pode também referir-se (em conjunto com o termo "patrologia") ao estudo literário das obras dos Padres da Igreja, e mesmo, sob a influência das exigências da crítica histórica, ao estudo literário de todos os escritores da antiguidade cristã. Sob esta mesma influência, a teologia patrística deu lugar à história do dogma, cujo objeto é a evolução das crenças cristãs tal como foram reconstruídas através do testemunho dos escritores cristãos. O adjetivo "patrística" pode, portanto, ter um sentido estritamente teológico, designando a doutrina dos Padres da Igreja do ponto de vista da teologia; pode também ter um sentido mais amplo, designando todos os escritores cristãos da Antiguidade, ou do período (do século I ao século VII e VIII) que é geralmente considerado como a Antiguidade cristã. Neste artigo, o termo Pai da Igreja será frequentemente utilizado para designar os escritores cristãos que não figuram na lista canónica de Padres utilizada pelos teólogos. O estudo da patrística tem várias vantagens. Em primeiro lugar, permite-nos seguir a evolução do cristianismo desde o seu estado primitivo até à forma que assumiu no início da Idade Média. Esta evolução deve-se, em parte, à ação de personalidades fortes que foram alguns Padres da Igreja. Em segundo lugar, permite vislumbrar o nascimento de um novo universo espiritual, no seio do qual se desenvolveram o pensamento e a literatura, não só da Idade Média, mas também do mundo moderno." (Tradução nossa.) (Pierre Hadot, "Patristique", *Encyclopædia Universalis [en ligne]* <<https://www.universalis.fr/encyclopedie/patristique/>> [acedido 3 setembro 2022].)

²¹⁸ Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. pp. 97 – 99.

²¹⁹ Jeanneret. p. 101.

Jean Delumeau clarifica que, a partir do século XVII, deu-se a viragem que culminou na “nevrose coletiva de culpabilidade”. A Igreja tradicional distanciou-se de um humanismo demasiado voltado para a Antiguidade pagã e a Reforma impôs às comunidades protestantes uma visão ainda mais sombria com uma moral rigorosa que se fundava na desvalorização radical do Homem e do Mundo. Inicia-se, então, um movimento em espiral: a resposta do Concílio de Trento ao puritanismo protestante é de um agravamento de disciplina. De ambos os lados, a abstinência e a contrição são o mote.

Para Jean Delumeau, o século XVII é o cume da humilhação da criatura e do medo do falhanço. O pico da culpabilização no Ocidente é atingido nos séculos XVI e XVII. O Renascimento Católico ocasiona, no seio da Igreja, uma febre religiosa intensa. Perante o inelutável progresso do livre-pensamento, a Igreja, defensiva, para enfrentar esse desafio, reage com um reforço de afirmação. A imagem do Cristo redentor é, frequentemente, suplantada pela representação de um Deus vingativo, que abandona os pecadores às sevícias do Diabo.

Jeanneret invoca que, se o erotismo renascentista foi festivo, já a pornografia, que emergiu a partir do século XVII, foi desagradável, crispada e provocadora. Opina que a Ciência Moderna contribuiu para esse estado das coisas: afastou a sensibilidade naturalista, modificou a relação dos homens com as realidades e trouxe uma teoria do corpo que cruza o imaginário mecanicista dos pornógrafos.²²⁰

Passou-se da alegria ao desafio, da doçura ao tom mais duro e agressivo, como se o erotismo devesse, a partir de então, servir de arma para provocar uma ordem que endureceu. O desafio moral e social passou a prevalecer sobre o prazer ou conduziu a um prazer diferente: a satisfação do espírito que, vigiado e controlado, lutava pela sua independência. Apresentou-se um novo projeto, mais intelectual, que canalizou o discurso sobre o amor para fins ideológicos: entramos no movimento dos libertinos, terreno em que se preparava, para breve, a chegada de Dom Juan.²²¹

A primazia soberana da Natureza é um tema essencial para os filósofos libertinos, um princípio que, independentemente do maior ou menor entendimento, noutros campos, é comum a estes pensadores. Péter Nagy advoga que o naturalismo é uma exigência fundamental do racionalismo crítico e do materialismo em gènesese no domínio do pensamento e do governo.²²²

Para os autores libertinos é-o, também, no domínio das relações humanas e no que às relações sexuais diz respeito, já que defendiam uma moral natural que, ao invés de se basear na opressão dos instintos vitais do homem, se baseava no seu desenvolvimento. O naturalismo justifica a permissividade

²²⁰ Jeanneret. p. 171.

²²¹ Jeanneret. pp. 75-76.

²²² Nagy, *Libertinage et Révolution*. p. 31.

sexual: se a Natureza é boa e benevolente, não pode ser errado seguir os impulsos com que ela nos dotou.

No libertinismo do século XVIII, estes elos foram frequentemente enaltecidos. Elogiou-se, frequentemente, a liberdade sexual, apresentando-a como uma aplicação de regra geral do “seguir a natureza”, ou seja, os seus próprios desejos. O homem pertence ao reino da matéria e não tem responsabilidades escatológicas. Foi uma manifestação da mundividência que se disseminou que combinava a indiferença religiosa com algum indiferentismo e niilismo moral.²²³

Os humanistas aceitaram o insólito e o estranho como manifestações de uma criação da qual não pretendiam conhecer os limites. Mas os protagonistas da Ciência Moderna distinguiram a ordem da desordem, o normal do anormal e imputavam o desconhecido à Natureza ou à psique que ainda não conheciam integralmente.²²⁴

A laicização da ciência deve muito à teoria atomista adotada por cientistas emancipados a partir do fim do século XVI: tudo é composto por átomos, tanto os objetos inanimados como os fenómenos biológicos. Até as operações da imaginação e as faculdades habitualmente atribuídas ao espírito se explicam pelo movimento dos corpúsculos, pelo seu encontro e pela sua separação. Foi fácil, a partir desta física generalizada, chegar-se ao materialismo: os átomos que não têm alma, nem qualidade, nem causa final, são a matéria bruta, em que tudo depende do seu jogo.²²⁵

Jeanneret aponta que, provavelmente, o fascínio pela maquinação do humano, a redução da pessoa aos órgãos do prazer e à mecânica sexual terá sido inédita e desproporcionada no domínio da pornografia do início do século XVII, em França, uma vez que o sexo, melhor que qualquer outra experiência, oferecia um modelo privilegiado para explorar a reificação da Natureza.²²⁶

A desumanização do humano e a reificação do vivo têm uma atração específica. A vontade de aviltamento pode ter sido um sintoma da crise do humanismo que se refletiu nas desordens políticas, na barbárie dos tumultos civis, no espetáculo quotidiano da violência. Mas foi, também, consequência do surgimento da Ciência Moderna.²²⁷ A verdade é que, partindo de horizontes totalmente distintos, a Ciência Moderna e a Igreja convergem numa representação dualista do ser humano.

²²³ Kochakowicz, “Libertino”. p. 328.

²²⁴ Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. p. 237.

²²⁵ Jeanneret. p. 172.

²²⁶ Jeanneret. p. 177.

²²⁷ Jeanneret. p. 166.

Para a libertinagem *flamboyante* ou hedonista, o prazer era um direito absoluto. Assim, o Dom Juan da autoria de Molière, sente um desejo sensual insaciável, que denuncia uma vontade de transgressão. Procura mais a liberdade do amor transgressivo do que as próprias mulheres.

Os impulsos destes libertinos não se limitavam ao sexo, prendiam-se com a rejeição de todas as inibições, com a plena realização do ser e a transgressão de todos os interditos. Egoisticamente e hedonisticamente, só existia a moral individual.²²⁸ Poderosas pela pena ou pela palavra, pela espada ou pelo dinheiro, as pessoas influentes compraziam-se em alardear a sua emancipação. Marin Mersenne, em 1623, denunciou a subida da “abominável multidão de ateus”: mais de cinquenta mil, só em Paris, professavam, entre outras heresias, que o espírito morre com o corpo, gozando ainda com as ameaças do inferno. Do topo da escala social, à classe média, a contaminação do livre-pensamento espalhou-se.²²⁹

Os Libertinos seiscentistas não tinham todos a mesma atitude relativamente à religião: uns, como Cyrano e Vanini, eram ateus convictos; outros, como denuncia Mersenne,²³⁰ são deístas, outros, ainda, como Gassendi, tentavam conciliar o Cristianismo com Epicurismo e Atomismo.²³¹ Contudo, para os escritores cristãos ortodoxos, o comportamento moralmente licencioso nas questões religiosas e o ateísmo declarado eram incindíveis. Não deixavam, todavia, de ter alguma razão. Já tivemos ocasião de analisar, com Jeanneret, que ambas as reivindicações de liberdade intelectual e de liberdade sexual podiam esconder a impiedade e minar as bases da religião, pois *deniaiser* o espírito e os costumes também era desmistificar a fé.²³²

Confessar o desejo era, não só atentar à decência, mas também contaminar o desejo da procriação pelo risco da luxúria. Os libertinos rejeitaram a cabala da repressão do Eros e da censura pudica. A punição de Théophile de Viau foi desmesurada porque o erotismo era associado à heresia. Moral e religião eram incindíveis e hedonismo e ateísmo eram manifestações do mesmo vício: a libertinagem. A liberdade sexual é associada aos maiores crimes. O facto de Théophile de Viau ter-se comportado como ébrio e sodomita ou ter infringido a ortodoxia era, exactamente, a mesma coisa.

²²⁸ Jeanneret. p. 82.

²²⁹ Mas a chegada ao poder de Richelieu, em 1624, veio facilitar o endurecimento do controle ideológico. Imediatamente, a partir de 1625, a dissidência das ideias e a licenciosidade de comportamento tornaram-se clandestinas. O momento do julgamento de Théophile de Viau, em 1623-1625, foi decisivo. Apesar das intervenções, a favor de Théophile, dos nobres que frequentavam a corte e protagonizavam e protegiam a libertinagem e das interferências no mesmo sentido, dos inimigos dos Jesuítas inquietos pelo progresso do integrisimo, pela primeira vez, a censura eclesiástica deu primazia à justiça secular. O procurador denunciou que existia nos versos de Théophile, um pensamento materialista e epicurista, descortinou uma confusão entre Deus e a Natureza ou entre Deus e a mulher amada e imputou-lhes a doutrina de Platão. (Jeanneret. pp. 124–126).

²³⁰ Mersenne, *L'Impiété Des Deistes, Athees, et Libertins de Ce Temps, Combatué, et Renversee de Point En Point Par Raisons Tirees de La Philosophie, & de La Theologie. Ensemble La Refutation Du Poème Des Deistes...*

²³¹ Kochakowicz, “Libertino”. p. 329.

²³² Jeanneret, *Eros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. p. 155.

O século XVII francês banuiu o sexo para a clandestinidade, recalcou-o e, pelo mecanismo perverso da censura, fez dele um objeto fascinante e assustador. A libertinagem quebrou os laços que subjogavam o indivíduo a constrangimentos humilhantes. A provocação e a insubordinação eram ritos de passagem que consagravam os espíritos superiores, vejam-se os atos do protótipo libertino: o Dom Juan, de Molière. Num espírito elitista, o cúmulo da volúpia estaria reservado aos que associassem a maior das sensualidades à maior das sensibilidades. Por oposição, ao povo, vulgar e grosseiro, só interessaria a satisfação do apetite estúpido e só fazia amor com o corpo, enquanto os libertinos faziam amor com o corpo e com a alma.

Na continuidade dos paradigmas libertinos (por exemplo, de Montaigne, que citou passagens licenciosas de textos antigos em textos como o *Sur des Vers de Virgile*, Théophile de Viau desenvolveu ideias morais com colorido de naturalismo antigo e teve descendentes cuja maioria, (apesar de alguns se terem exposto publicamente), escondeu o seu jogo e o erotismo entrou numa semiclandestinidade.²³³

Dom Juan, personagem ficcional, é o epítome do libertinismo de costumes, mas existiram vários libertinos notórios, contemporâneos de Théophile de Viau e de Saint Pavin, de reputação duvidosa que deixaram versos e biografias epicuristas, dedicadas ao prazer, e escandalizaram as pessoas de bem. Assim como ocorrerá, no século seguinte português, com Manuel Maria Barbosa du Bocage.

4. Libertinismo erudito e hedonista: duas faces da mesma moeda

Concordamos com Giocanti²³⁴ quando afirma que é fundamental associar libertinismo de costumes e libertinismo erudito. As duas manifestações do pensamento são norteadas pelo princípio basilar da Natureza. O libertinismo erudito manifesta que a Natureza procura o prazer porque é boa, e que abster-se desse prazer é contranatura e mau.

Apesar de não existir no movimento libertino polimórfico um plano de subversão organizada, entre as vozes que se elevam nos primórdios de seiscentos, já algumas mobilizam as hostes para um debate mais generalizado contra a repressão dos espíritos e a dos corpos. Pressagiam o materialismo hedonista das Luzes e anunciam o uso do livro clandestino como instrumento da crítica filosófica e da desestabilização política.²³⁵

²³³ Houve autores que não puderam fugir, como Théophile de Viau. Já Vanini, italiano, ateu, foi queimado vivo em Toulouse, em 1619. Giordano Bruno, foi perseguido pela Inquisição e queimado vivo. Campanella, visionário heterodoxo, foi encarcerado e sujeito a tortura durante trinta anos. Foram exemplos de bravura que influenciaram os libertinos. (Jeanneret. pp. 130-131).

²³⁴ Giocanti, "Commentaire de Sylvia Giocanti à la note critique de J.-P. Cavallé".

²³⁵ Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. pp. 303-304.

Para Sylvia Giocanti, libertinismo define-se a partir da impiedade e da sua subversão moral na forma como é expressa nos procedimentos criptados da escrita.²³⁶ Outros autores, como Anne Staquet, entendem não existirem dúvidas acerca da posição dos libertinos em questões religiosas. Considerando que, ao ser a contestação mais generalizada e marcada das suas fileiras, trata-se, no entanto, de uma contestação graduada. Gassendi, por exemplo, é clérigo e nunca renunciou à religião cristã, apesar de, mesmo nele, a contestação religiosa não estar ausente.²³⁷

Péter Nagy, por sua vez, defende que os libertinos não podiam descurar a moral e a ética por ser o terreno privilegiado dos eclesiásticos e ser o seu instrumento para pressionar as massas. Como refere, existe uma conceção social da moral que explica o rigor relativamente à sexualidade. A abstinência, salvaguarda de desordem na sociedade, é considerada o comportamento razoável, é o comportamento da razão. O amor é inimigo de toda a reflexão sensata, de todo o pensamento razoável. A felicidade pública é o bem supremo e está sempre estreitamente ligada à bondade de comportamento. Como explica, no século XVIII, o Barão d'Holbach, a moralidade da conduta afere-se em função da sua utilidade social e o mérito dos sábios e dos escritores é determinado pela utilidade social da sua atividade.²³⁸

Na mesma linha do raciocínio, Robert Abirached argumenta que a preocupação primordial dos pensadores libertinos, mais importante do que, propriamente, aderir a uma filosofia materialista ou racionalista, era criticar as religiões positivas.²³⁹

Já Leszek Kochakowicz considera que o espectro do pensamento libertino, no que à religião diz respeito, variava entre uma incredulidade desabrida e uma piedade fideísta e que, no tocante às tradições religiosas, as atitudes libertinas diferiam: alguns eram ateus convictos, como Lucilio Vanini e Cyrano de Bergerac, enquanto outros, como Pierre Gassendi (protagonista atípico do pensamento libertino), não se interessando especialmente por disputas teológicas, lutas confessionais sobre a Santíssima Trindade, nem pelo mistério da Eucaristia ou o problema da Graça, tentando adaptar o Epicurismo, sua fonte principal de sabedoria, ao Cristianismo, acredita em Deus e admite a existência de uma alma humana imaterial e imortal, ao lado e acima da alma animal.²⁴⁰

Na pegada destes autores, somos do entendimento de que o libertinismo se afere pela compreensão da utilidade da Religião para fins políticos. As manifestações desta postura, pensamento

²³⁶ Sylvia Giocanti, "Commentaire de Sylvia Giocanti à la note critique de J.-P. Cavallé".

²³⁷ Staquet, "Internet et la formation des réseaux libertins" no site do coloquio "La pensée, les réseaux et l'ordinateur" organizado pelo grupo "réseau-raison" no Quebec em 29 e 30 setembro 2005".

²³⁸ Nagy, *Libertinage et Révolution*. p. 40.

²³⁹ Abirached, "Libertins".

²⁴⁰ Kochakowicz, "Libertino". p. 335.

ou filosofia, serão sempre aferidas em função dessa mesma religião. Para a religiosidade cristã, a imortalidade da alma é um dado adquirido. É a imortalidade da alma que permite o policiamento do sujeito e para um sucesso inabalável desse preceito, o legislador concebeu um inferno e um paraíso em que todo o incumprimento ou cumprimento das regras seria castigado ou remunerado.

Para o efeito, a Religião munuiu-se da noção de pecado que, interiorizado pelo homem, o obrigaria a um autopolicamento dos seus ímpetos, inclusivamente o mais irreprimível impulso que a Natureza lhe atribuiu, o desejo sexual. É por esta mesma razão que o libertino comportamental se rebela contra a religião, quando se comporta e verseja de forma obscena: atenta contra o ascetismo cristão.

No tocante à transição do fenómeno libertino para o século da Revolução Francesa e como elemento determinante de uma nova aurora, Kochakowicz²⁴¹ refere que o libertinismo²⁴², enquanto corrente filosófica, foi um fenómeno transitório que transmitiu o legado do espírito laico e cético do século XVI ao livre-pensamento iluminista. Foi através deste libertinismo/libertinagem que a onda de choque da Renascença conservou o seu ritmo no período da Contrarreforma.

Como conjunto de comportamentos e corrente de pensamento que se afastava das normas impostas pelo Cristianismo na Europa moderna, o libertinismo minou, em relação às gerações seguintes,

²⁴¹ Kochakowicz, "Libertino". p. 336.

²⁴² "É sempre necessário lidar com a polissemia da terminologia - libertinagem pode significar incredulidade, irreligiosidade ou comportamento imoral (e, muitas vezes, as duas coisas juntas), ou mesmo uma simples negligência das regras de versificação -, mas sobretudo com a pluralidade dos referentes; tantos grupos, como dissemos, tantos indivíduos tão diferentes e distantes no tempo e no espaço foram visados por estas palavras comprometedoras. É assim que tentámos distinguir entre uma libertinagem inicial baseada na heresiologia cristã e uma libertinagem fundamentalmente irreligiosa de inspiração filosófica, e que tentámos descrever a difícil transição de uma para a outra nos discursos acusatórios e na realidade cultural a que se referiam. Assim, julgou-se necessário contrastar os libertinos da moral e os libertinos eruditos, a libertinagem extravagante dos poetas e aristocratas licenciosos e blasfemos e a libertinagem discreta e intelectualizada dos filósofos, a libertinagem de uma nobreza revoltada contra o Estado absolutista e a libertinagem de uma burguesia racionalista em rápida ascensão social, mas sem reconhecimento político, etc. (...) A periodização da libertinagem da burguesia e a periodização da libertinagem dos aristocratas foi objeto de grande debate. (...) A periodização, em relação às especialidades académicas, também desempenha um papel importante, uma vez que os estudos tendem a ser divididos cronologicamente em séculos: Grosso modo, teríamos a libertinagem herética do século XVI, um domínio mais ou menos reservado aos especialistas da história da Reforma, a libertinagem impia e erudita dos historiadores literários do século XVII (os dix-septièmistes, como gostam de se chamar), que tem agora um lugar na história intelectual e na história cultural, e a libertinagem moral do século XVIII, prerrogativa dos estudos literários. No entanto, esta divisão secular do campo de estudo não corresponde à utilização dos termos na literatura: a partir do século XVI, como demonstraram Gerhard Schneider, Jean Wirth e, mais recentemente, Jeremie Barthas, os libertinos são considerados não só desviantes em matéria de religião, mas também ímpios e imorais; a utilização do termo para designar indivíduos e grupos dissidentes no mundo protestante é constante até ao século XVIII. Durante o Iluminismo, nada era mais comum do que referir-se àqueles que desafiavam os princípios e dogmas religiosos com argumentos filosóficos, ou pelo menos com raciocínio. Mas tudo se passava como se a compartimentação das obras fosse acompanhada de uma definição pré-estabelecida que justificasse os limites temporais impostos aos estudos: cada século tem o seu libertarianismo. A ilegitimidade destes limites, em termos de fontes, torna-se ainda mais evidente quando tentamos ter em conta o conjunto da Europa." (Tradução nossa) (Jean-Pierre Cavallé. "Libérer Le Libertinage. Une Catégorie à l'épreuve Des Sources." In *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 64:45–78, 2009. <https://doi.org/10.1017/s0395264900028572>. ". pp. 49–53).

a influência do cartesianismo, depurando-o dos elementos que ofendiam o senso comum: o automatismo animal, a identificação da matéria com a extensão e o argumento psicológico para a existência de Deus.²⁴³

Todavia, após a morte de Luís XIV, o libertinismo tornou-se mais prático do que especulativo. A licenciosidade assumiu preponderância relativamente à irreligiosidade, a expressão libertinagem/libertinismo tornou-se crescentemente fluida e passou a designar toda a frivolidade e liberdade de comportamento.²⁴⁴

Pierre Bayle, no virar do século XVII, granjeou reputação de cético e, nessa capacidade, exerceu grande influência sobre a filosofia do Iluminismo.²⁴⁵ A tônica de Bayle consistiu em coligir e endossar vários argumentos céticos que minavam ou destruíam as justificações racionais do Cristianismo ortodoxo. Kochakowicz acredita que, no seu íntimo, Bayle era cristão e crente, mas acabou, contudo, por figurar na história das ideias como o expoente do ceticismo anticristão. Bayle contribuiu, de forma decisiva, para que a distinção entre libertinagem moral e debochada e incredulidade filosófica ficasse definida, já que defendeu que um ateu²⁴⁶ podia alcançar o auge da vida moral. A moralidade pessoal não dependeria, necessariamente, das crenças religiosas.

“[M]e dira-t-on, ce seroit une étrange chose, qu'un Athée qui vivroit vertueusement. C'est un monstre qui surpasse les forces de la nature. Je repons, qu'il n'est pas plus étrange qu'un Athée vive vertueusement, qu'il est étrange qu'un Chretien se porte à toute sorte de crime.”²⁴⁷

Recorrendo a esta distinção de Bayle entre ateus virtuosos e libertinos debochados, Nagy²⁴⁸, faz o elo entre filósofo oitocentista e o libertino: em contradição com Jeanneret e Giocanti, com os quais tendemos a concordar, defende que o filósofo pode ser um libertino no sentido de muito livre nos costumes, mas que um libertino não era, necessariamente, um filósofo. Já coincidimos, todavia, com Nagy, quando refere, baseando-se nos mesmos argumentos de Bayle, que ser ateu virtuoso é possível, libertino (outra vez na aceção de debochado) piedoso e beato será sempre impossível e contraditório.

²⁴³ Foucault, “Le libertinage de la Renaissance à l'Âge Classique : un territoire pour l'historien ?”.

²⁴⁴ Abirached, “Libertins”.

²⁴⁵ Note-se que as declarações fideistas de Pierre Bayle eram sempre minimizadas, como se de uma máscara se tratasse. Na realidade, parece que era um crente sincero que, sob o impacto da crítica racionalista, se refugiou numa religião do coração. (Kochakowicz, “Libertino”. p. 330).

²⁴⁶ Espinosa era o seu exemplo mais evidente, seguido de Vanini.

²⁴⁷ “Dir-me-ão que seria estranho para um ateu viver virtuosamente. Que é um monstro que supera as forças da natureza. Eu respondo que não é mais estranho para um ateu viver virtuosamente do que é estranho para um cristão cometer qualquer tipo de crime.” (Pierre Bayle, *Oeuvres Diverses de M. Pierre Bayle*. Ed. Pierre des Maizeaux, vol. III. La Haye: Compagnie des Libraires, 1737. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k116985h/f6.item#>. p. 110.)

²⁴⁸ Em forte contradição com a posição de Jeanneret a que já tivemos ocasião de nos referir. (Nagy, *Libertinage et Révolution*. p. 23).

Aproveitamos o ensejo para recordar que Gassendi, sendo clérigo, foi um clérigo atípico e crítico, que buscou parte da sua crença numa nova leitura de Epicuro.

Facto é que o termo libertino vai, crescentemente, ser identificado com debochado e, no século XVIII, esta aceção moral da palavra fica praticamente estabelecida. A distinção que Bayle fez entre fanfarrões viciosos e pensadores ímpios, entre libertinos de comportamento e libertinos de pensamento, teve a virtude de abrir o espaço à reflexão das Luzes, das décadas seguintes, reflexão livre e isenta de imperativos religiosos. O libertino de pensamento, desdenhoso do popular, torna-se filósofo à medida que o pessimismo antropológico dá lugar à reabilitação do homem.²⁴⁹

Para a opinião pública, todavia, irreligião, filosofia e libertinagem, são indissociáveis. A opinião pública e o poder coincidem na identificação de que os teóricos, militantes da liberdade de pensamento, e os ativistas da liberdade de sentidos lutam contra o mesmo inimigo. Os primeiros atacam, diretamente, o altar fazendo vacilar o trono. Os segundos atacam, diretamente, os interditos e os tabus sexuais e morais fragilizando, indiretamente, o altar. A estrutura social que parecera intocável vacila sob os golpes da razão e do instinto²⁵⁰.

Em meio século, como diz Nagy²⁵¹, da passagem do fim do reinado de Luís XIV até Luís XV, o pequeno número de libertinos do século XVII aumenta e torna-se parte considerável do grupo dos filósofos que modificaram o pensamento dos letrados. As ideias libertinas podiam não possuir o mesmo nome, mas tinham, nos pontos essenciais, semelhanças com os aspetos do fenomenalismo radical que, no século XVIII, estariam e ficariam associados ao desenvolvimento do positivismo e do cientismo modernos²⁵².

Além de Pierre Bayle, outros autores destacaram-se na herança do libertinismo seiscentista francês. Trata-se de filósofos de expressão hedonista libertina que, porventura, divergindo acerca de questões concretas, não deixam de evoluir em paralelo ao longo do século XVIII. Destacam-se Diderot e Voltaire, manifestamente libertinos, mas também o Barão d'Holbach que, apesar de ser defensor da virtude, da moral social e bons costumes e impor a ideia do ateu virtuoso, não hostilizará os paladinos da libertação sexual.²⁵³ La Mettrie, materialista mais convicto e radical da sua geração, acredita na unidade do corpo e da alma e na subordinação da alma às influências físicas.²⁵⁴ Acredita, como os libertinos

²⁴⁹ Abirached, "Libertins".

²⁵⁰ Nagy, *Libertinage et Révolution*. pp. 42-43.

²⁵¹ Nagy. p. 27.

²⁵² Kochakowicz, "Libertino".

²⁵³ Nagy, *Libertinage et Révolution*. pp. 30-31.

²⁵⁴ Jean-Robert Armogathe. "La Mettrie Julien Ofroy de (1709-1751)." In *Encyclopædia Universalis* [En Ligne].

naturalistas seiscentistas, que o princípio soberano é a Natureza e que a Natureza é a mãe da filosofia. Já a moral, oriunda da política, seria antinatural. A defesa de que a Natureza tem a sua própria moral é, em meados do século XVIII, o paradigma da moral sensual, sexual e sentimental dos materialistas.

La Mettrie defendeu que a moral só se pode basear na felicidade individual e esta felicidade ancora-se no instinto do indivíduo. Já Diderot e d'Holbach, pelo contrário, centrados nas necessidades da sociedade, estão dispostos a sacrificar-lhe os indivíduos. D'Holbach era, como La Mettrie, materialista, mas, apesar de ambos pretenderem substituir a moral cheia de superstição por uma moral da Razão ou da Natureza, atingem conclusões distintas. La Mettrie defendeu que a moral é resultado da política que está condicionada pela época em que se insere. La Mettrie, que morreu em mil setecentos e cinquenta e um, viveu e experienciou a primeira metade do século XVIII. Nessa época, a sua conceção de felicidade não podia passar da esfera do indivíduo e, conseqüentemente, orientou-se para a anarquia, exaltando o indivíduo. A sua visão permitia, mais eficazmente, contribuir para o desmoronar das estruturas e dos valores estabelecidos. Já na segunda metade do século e, sobretudo, no último terço, quando a atividade e a influência de d'Holbach e Diderot são mais importantes, as condições são totalmente distintas: a Revolução Francesa está já iminente e na *avant-garde* ideológica da revolução que se prepara, as condições sociais, de ordem geral, assumem preponderância sobre as tendências individualistas.

O sistema de d'Holbach, *La Morale Universelle*, tem pontos de partida parecidos com os de La Mettrie. Por exemplo, ambos rejeitam as considerações religiosas e metafísicas, ambos se baseiam na natureza humana e na natureza da sociedade e ambos reconhecem que a felicidade é o móbil supremo do interesse e a finalidade da existência.²⁵⁵ A diferença fundamental entre La Mettrie e d'Holbach é que o primeiro só concebe a moral e o seu objetivo, o prazer, relativamente ao indivíduo; enquanto o segundo subordina a felicidade individual à felicidade da coletividade, ao programa social. Todas as regras que codificam as relações humanas, política, legislação e direito das gentes, são subordinadas a esta conceção de moral, permitindo que o autor critique a Igreja e os seus mandamentos e desaprove os soberanos e os ricos, responsáveis pela depravação.²⁵⁶

Percebemos que, na sua origem, a libertinagem foi um desregramento do espírito que rejeitava as crenças religiosas, podendo considerar-se que os libertinos do século XVII franquearam o caminho aos racionais e aos filósofos das Luzes. A libertinagem aristocrática espalhou-se para os prazeres da libido. Foi perdendo parte da sua conotação subversiva, tomando aceções, crescentemente, imprecisas e

²⁵⁵ Nagy, *Libertinage et Révolution*. p. 39.

²⁵⁶ Nagy. pp. 39-40.

acabou, no imaginário geral, por designar a frivolidade ou liberdade de comportamento. Na linguagem corrente, o sentido de libertino de costumes sobrepôs-se ao libertino de ideias.²⁵⁷

Os libertinos seiscentistas foram mal conhecidos e negligenciados durante muito tempo, mas as suas obras são, verdadeiramente, um preliminar essencial para a compreensão da lenta e subterrânea gestação das ideias que explodiram no século das Luzes. Na verdade, ao longo do período que mediou a Renascença e as Luzes, foi crescendo o número de homens e mulheres que deixaram de precisar de uma qualquer e hipotética divindade que os transcendesse para poder pensar o mundo e organizar parte da sua vida.²⁵⁸ Os libertinos, leitores de Maquiavel e de Bodin e conhecedores dos escritos de Hobbes e Espinosa, estavam perfeitamente cientes da ficção de direito divino que legitimava os príncipes aceitando, exclusivamente, esta *impostura* de forma aparente, por saberem que era uma garantia necessária para o controle do povo.

Segundo Péter Nagy, os libertinos eruditos e os filósofos das Luzes propuseram-se ao mesmo objetivo, por vias diferentes: a definição de uma moral natural baseada na satisfação dos instintos vitais humanos e não na sua opressão. Nesta lide, os filósofos preferiram a realidade científica, consideraram a geologia, a matemática e a química prioritárias e mais importantes do que a moral, mas não puderam, todavia, descurar a moral ou a ética, porque esta era o terreno privilegiado dos eclesiásticos e o melhor instrumento para alcançar as multidões.²⁵⁹ Pode concluir-se que uma das maiores distinções entre o filósofo e o libertino erudito é o facto de o primeiro apostar na educação e no progresso, pretender difundir a instrução e o espírito crítico para construir uma opinião de contrapoder para a construção de um espírito crítico, enquanto o libertino erudito isola-se para se defender dos preconceitos e da perseguição.²⁶⁰

Por outro lado, Françoise Charles-Daubert defende que há que relativizar a distância de quarenta anos que media as primeiras publicações dos libertinos e o *Tratado Teológico-Político* (1670), de Baruch Espinoza, já que os libertinos seiscentistas foram lidos até ao século seguinte. O Iluminismo explorou, sistematicamente, a temática libertina, que constituiu um fundo comum de teorias e argumentos, em que os filósofos vasculharão, frequentemente.

²⁵⁷ Foucault, “Le libertinage de la Renaissance à l'Âge Classique : un territoire pour l'historien ?” Todavia, Portugal continua, como a França seiscentista, a chamar libertinismo ao que já é filosofismo e a condenar a sensualidade e a sexualidade que já são toleradas e mesmo “moda” em França.

²⁵⁸ Foucault, “Le libertinage de la Renaissance à l'Âge Classique : un territoire pour l'historien ?”.

²⁵⁹ Nagy, *Libertinage et Révolution*. p. 31.

²⁶⁰ Abirached, “Libertins”.

Capítulo II - Cinco teses capitais para compreender o libertinismo em Portugal no século XVIII

Na base do pensamento libertino está a conceção clássica de Epicuro expressa numa dialética entre a libertação dos preconceitos, a verdade e a felicidade individuais e coletivas.

O materialismo de Epicuro influenciou a obra e pensamento dos filósofos humanistas da Renascença que foram inspiração decisiva do pensamento libertino. Lucrecio e Epicuro preconizavam um monismo materialista e atomista que permitiu justificar uma autonomia da religião. Identificámos requisitos não cumulativos que nos permitirão aferir do libertinismo de um agente através dos seus versos.

No âmbito do Epicurismo libertinista destacámos cinco linhas de pensamento que, não sendo, necessariamente, cumulativas, nos permitem identificar o libertinismo. A desculpabilização da moral da carne, que desonera o relacionamento sexual do tabu e pecado; a identidade de Deus e da Natureza, que identifica Deus com a Natureza; a noção de que as religiões são obras dos homens, que divulga a teoria da impostura das religiões; a identidade da alma e do corpo, que advém do monismo materialista ou deísta e a noção de que a dissimulação também pode ser uma característica, de defesa e sobrevivência libertina.

Só identificámos dois autores cuja proliferação de versos e forma de vida nos permitem qualificar de libertinos, são eles José Anastácio da Cunha e Bocage e estudámo-los nos capítulos IV e V. Tivemos, por outro lado, a oportunidade de analisar alguns versos que reputámos de libertinos e aos mesmos referir-nos-emos no capítulo VII. Finalmente, analisámos processos da Inquisição que, a acreditar nos autos, nos ajudaram a identificar réus libertinos.

1. Primeira tese heterodoxa: a desculpabilização da moral da carne

O libertino tem um ideal de conduta honesta e racional, baseada no respeito pela ordem universal. Não tece, necessariamente, uma análise puramente materialista e atea da proveniência do homem. Pode acreditar num Deus que se identifica com a ordem da Natureza em que não há liberdade ou pecado, mas também pode acreditar num Deus justificado pela razão e pela necessidade de

compreensão da gênese do universo e da sua estrutura complexa. A articulação do erotismo e da filosofia vem, por um lado, promover este trabalho de difusão de ideias filosóficas heterodoxas, mas também mostrar narrativamente o que é definido conceptualmente: uma nova conceção da relação com o corpo e com os outros fundada numa metafísica deísta ou num ateísmo materialista.²⁶¹

O Libertino desmistifica as noções de pecado²⁶² ou vício, que comprometeriam a liberdade humana, e defende que são ficções de padres. A necessidade é natural e a sua satisfação, se não for prejudicial para si mesmo ou outrem, não é repreensível. As “necessidades temperamentais” são “tão naturais como as da fome e da sede”. Por conseguinte, a sua satisfação é necessária e, portanto, fora de qualquer eventual condenação moral. Existe a memória da tradição epicurista. Os epicuristas distinguem as necessidades naturais necessárias, como a fome e a sede, necessidades naturais inesquecíveis, como o desejo sexual, e desejos não naturais e não necessários (riqueza, poder, honras...), que nos fazem infelizes pela sua natureza ilimitada.

É entendimento libertino que as consequências morais da tese metafísica da falta de liberdade do homem sejam perniciosas: se, realmente, o Homem não for mestre das suas paixões, se estas lhe provierem de Deus, então o homem nunca poderá ser culpado.

O libertinismo, escola de liberdade, também é padrão de método.²⁶³ Os libertinos perceberam que nada seria mais provocador e perturbador do que as representações de sexo. Pela devassidão, não

²⁶¹ Colas Duffo, “Aspects philosophiques du roman libertin. Thérèse philosophe”, *Archives de Philosophie*, 78.3 (2015), P. 433–50. <<https://doi.org/10.3917/aphi.783.0433>>.

²⁶² “Em particular, Foucault delinea a transição de uma codificação legal e relacional de faltas relativas a atos cometidos por indivíduos para uma grelha de exploração do pecado que desce à interioridade mais profunda do sujeito confessor, que procura a verdade da sua falta nas dobras dos seus desejos, no ímpeto dos seus prazeres, nos movimentos do seu corpo e da sua consciência nos limites do voluntário e do involuntário. (...) As novas técnicas confessionais pós-tridentinas aplicavam-se mais ao próprio corpo do confessado - ou melhor, à “subjetividade” do seu corpo, que Foucault identifica com a “carne”: nomeadamente, “os seus gestos, os seus sentidos, os seus prazeres, os seus pensamentos, os seus desejos, a intensidade e a natureza do que ele próprio experimenta”. (...) A concupiscência torna-se uma palavra para este território conturbado no limite da vontade, onde a natureza e os seus limites, a racionalidade e as suas tentações, e a luta entre Deus e o Diabo se misturam e determinam um campo múltiplo de combate para a vontade livre. O que está em jogo já não é o conjunto das leis e as suas transgressões, nem o simples ato do corpo ou da vontade. É precisamente a carne, no sentido de “subjetividade do corpo”, concupiscente, desejando e resistindo, com os seus impulsos rebeldes e desejos desviantes, ao domínio da vontade ou da consciência. “A carne é a própria subjetividade do corpo; a carne cristã é a sexualidade presa nessa subjetividade, nessa sujeição do indivíduo a si mesmo”. O homem sexual da modernidade é construído e entendido como um sujeito da concupiscência: um sujeito incitado a procurar incessantemente a verdade - a sua própria verdade como sujeito - nas dobras da sua carne, nos seus afectos e movimentos involuntários, numa luta incessante com o que, dentro dele, se esconde de si próprio” (Tradução nossa.) (Arianna Sforzini, “L’autre modernité du sujet. Foucault et la confession de la chair: les pratiques de subjectivation à l’âge des Réformes”, *Revue de l’Histoire des Religions*, 2018, pp. 490-493.)

²⁶³ À questão metafísica, que é a da liberdade versus determinismo. Se não há liberdade visto que é tudo determinado pelas leis da natureza (necessidade) então em que sentido o libertinismo é uma escola de liberdade? Respondemos com Wolfe que, apesar de não ser comum o estudo do determinismo no âmbito dos pensadores do libertinismo, nem a característica do polimorfismo libertino permitir uma conclusão estanque acerca de se os libertinos defendem o livre-arbitrio humano ou se são deterministas, destacamos, que segundo Charles T. Wolfe, o libertino Diderot preconiza um determinismo inteiro e radical.

procuram tão-só a satisfação carnal, mas também e sobretudo, procuram o livre arbítrio dos primórdios históricos da libertinagem. Consequentemente, o libertinismo, na procura de se libertar do tédio, de reagir aos dogmas e à inércia social, opõe-se ao preconceito e, concomitantemente, a sua evolução afronta sempre a opinião comum e é interpretada como deboche.

Os textos libertinos desmontam a noção de pecado da carne, expondo-o, minuciosamente, e contando-o nos seus mínimos detalhes, comprometendo assim a lei religiosa. Rejeitam, também, o dogma de que a alma humana é eterna, já que no seu entendimento, a animalidade humana logra, sempre, emergir. Para os libertinos, o instinto de sobrevivência é, com a necessidade sexual, um dos alicerces da humanidade. Pelo que moralidade libertina é exibicionista do corpo humano, feita de instinto,

Diderot, segundo o professor, elabora uma forma herética de determinismo a partir de uma reflexão tipicamente libertina inspirada por Lucrecio, Hobbes, Espinoza, entre outros.

Todavia, na opinião de Wolfe, o determinismo que se procuraria encontrar, e que se oporia ao determinismo ortodoxo, ligar-se-ia à relação entre o corpo, a vida mental e as ações. Esta afirmação, pouco ortodoxa, deixa em aberto a questão de como aplicar o qualificativo de determinismo a uma doutrina que permite o acaso ou acontecimentos mentais, já que, o que é fundamental na noção de acaso é a ideia de independência, da inexistência de solidariedade, entre diversas séries de causas.

Existe, alega Wolfe, uma diferença entre um determinismo, com eixo na calculabilidade dos estados do Universo, e assim a sua previsibilidade é um determinismo que deixa espaço, não à liberdade, mas ao aleatório.

O determinismo ocasional (à semelhança do materialismo aleatório) aparece em Diderot, na pegada da tradição libertina e na sua releitura dos motivos atomistas, e por virtude de um processo de complexificação do esquema causal que reconhece a especificidade da ação e da atividade mental.

Diderot *biologise* (expressão de Wolf) o determinismo. Próximo de La Mettrie no seu *Abrégé des Systèmes*, entre epicuristas antigos e epicuristas modernos (os segundos representados por Gassendi, entre outros), em ambas as situações trata-se da movimentação de uma ontologia fisicista para uma biologia ou uma metafísica fundada biologicamente.

Este determinismo não nega a especificidade do espírito (dos atos mentais), não se define pela oposição ao acaso, tem algo de subterrâneo ou de heterodoxo na história da filosofia, como o materialismo aleatório.

Ao determinismo cego, mecanista, fisicista de Hobbes, Espinoza e outros, opõem-se a “vida da alma” e as “observações exteriores que produzem as sensações corporais”, preconizadas pelos epicuristas e os ateus que reduzem o pensamento a um conjunto de movimentos locais no cérebro.

A figura mutante, de inspiração em Lucrecio, cuja articulação mais acabada é Diderot, procura encaixar na sua visão explicativa os fenômenos aleatórios, apesar de não livres, em que consistem o espírito e a ação, no sentido de um Universo fundamentalmente caótico, o que toca o oxímoro. Este determinismo de Diderot, “epicuro-lucreciano-moderno” é um determinismo mais subtil, mitigado, minoritário, subterrâneo e parcialmente clandestino.

Contrariamente a um epicurista ou espinozista antigo, um epicurista ou espinozista moderno raciocina em termos de átomos vivos (ou de “corpos animados”) ou, ainda de epigênese. O determinismo “fisiologia-se”, “medicaliza-se”, “biologia-se” (expressões de Wolf). O desejo é determinado por causas especificamente orgânicas. Diderot concebe-as como um prolongamento materialista, mais materialista (ou mais encarnado) do encadeamento puramente psicológico e afetivo. Recusa qualquer distinção de categoria entre a sensação e a razão. Diderot expõe que só existe uma operação no homem: é sentir.

Determinismo e acaso juntam-se. Como afirma Jean La Placette em 1709, “estou convencido de que o que Epicuro chamava de acaso e o que Espinoza chama necessidade são a mesma coisa”.

Mas é preciso perceber que a “desordem” é do Universo vivendo na sua imprevisibilidade, monstruosa e transformista. O que Wolf qualificou de “biologização” do princípio de causalidade em Diderot, o seu “não-eliminativismo” explica talvez porque, como lucreciano moderno acredita mais na irredutibilidade do acaso do que da afirmação de que “o acaso é um vocábulo sem sentido”. Estaria em acordo com o fascínio que este pensamento sente por obras nucleares como *De Rerum Natura* até ao *Rêve de D'Alembert*.

O determinismo existiu de forma distinta e significativa no seio das Luzes Radicais “épico-lucrecio-espinozistas”. É um determinismo “biologisante”, que reconhece as particularidades das cadeias de ação e reação corporais e psicológicas e que é qualificado de lucreciano e clandestino. Em Diderot, é ocasional e imprevisível. (Charles T Wolfe, “Diderot et l'approche Déterministe de l'esprit : Un Autre Déterminisme?,” *Dix- Huitième Siècle* 46 (2014): 132–46, <https://hal.science/hal-01232652>.)

sangue e excrementos. Sabem que a humanidade está sempre no ser humano, aconteça o que acontecer ou sujeitem-no ao que o sujeitem. Rejeitando os dogmas religiosos, os libertinos são amantes incansáveis do Ser Humano em todas as suas facetas e estados. A independência de espírito, seja cética, seja epicurista, acompanha a par e passo a liberdade de costumes, a forma como se concebe e organiza a vida.²⁶⁴

Concebe-se a sexualidade direcionada ao prazer e não à procriação. Tratando-se de além da mera rejeição dos dogmas católicos, de definir um novo ideal do homem honesto, o filósofo, o cidadão responsável, livre de preconceitos, numa relação de benevolência com os seus semelhantes seres humanos.

O Materialismo é a filosofia que melhor corresponde a esta concepção de relações carnis. Ao definir o corpo humano como uma máquina, as necessidades sexuais deixam de ser tão-só toleradas, como se revelam irreprimíveis. Acresce que, reduzindo o Homem à materialidade, o aspeto físico da existência assume uma imensa importância. Libertado de toda a preocupação para a salvação de uma alma eterna, o Homem é, praticamente, obrigado a tomar extremo cuidado com o seu corpo e a fornecer-lhe o máximo bem-estar: inverte-se o tabu que pesa sobre a sexualidade não geradora: torna-se um dever para si-próprio, como já o *De Rerum Natura* de Lucrecio apregoava.

Percebemos que os aspetos filosóficos da literatura erótica visam minar os tabus e permitir a crescente assunção da libido. A noção de felicidade e Natureza são-lhes intrínsecas. Na época, os libertinos são percebidos pelo prisma da sua atitude em relação à sexualidade. Para eles, o mundo do sexo é um conjunto coerente, onde podem testar a sua capacidade de agir livremente em total impunidade. A estratégia libertina poderá revelar-se mais abertamente se se manifestar por via do humor com nuances de provocação e de malícia.

2. Segunda tese heterodoxa: a identidade de Deus e da Natureza

A Natureza é a justificação essencial para o amor físico. Desde a Idade Média, passando pela Renascença de Montaigne, a Natureza tem apelado à união carnal, e faz sentido que assim continue. Contesta-se o facto de que apesar de, desde sempre, se acalentarem as necessidades e as consequências naturais da procriação ao ato sexual, em simultâneo não se lhe tenha reconhecido qualquer mérito erótico.

²⁶⁴ Isabelle Rabineau, *Modernes Libertins - Un Art de La Résistance*. Montreuil: Le Castor Astral, 1994. pp. 22-23.

A Natureza é divindade e potência soberana no mundo. Em tudo, o Homem deverá contentá-la, sem negar ao nosso corpo e aos sentidos, tudo o que desejam no exercício das suas potências e faculdades naturais. O significado desta realidade é de envergadura porque o aspeto anticlerical torna-se virulento, atacando dogmas, minando os próprios alicerces da religião cristã porque a Natureza serve como justificação para um ato sexual totalmente separado da sua função biológica reprodutora.²⁶⁵ Os homens são em relação a Deus a mesma coisa que os eclipses ou outros fenómenos naturais. São consequências igualmente previsíveis das leis naturais.²⁶⁶

3. Terceira tese heterodoxa: as religiões são obra dos homens

O libertinismo não é revolucionário ou reacionário é, outrossim, uma forma crítica e lúcida, que lisonjeia os poderes, enquanto desafia em grande parte os seus jugos, dispõe Rabineau.²⁶⁷

Os homens são consequências das leis da Natureza, mas a punição pela violação das leis penais resultantes da impostura religiosa dos legisladores faz sentido porque existe o interesse da regulamentação da sociedade.

O acervo de manuscritos clandestinos inclui, frequentemente, discursos antirreligiosos. Resultam da observação, num prisma cético, de que as religiões, na sua multiplicidade, se auto-qualificam como únicas e verdadeiras, menosprezando as outras.

De acordo com uma tradição crítica que remonta a Lucrecio, as religiões têm a sua origem no medo dos homens face aos fenómenos naturais. As primeiras superstições terão sido mantidas e desenvolvidas por políticos qualificados a fim de, eficazmente, subjugarem os homens. A crítica das religiões destaca que as sociedades precisam de religiões para se sustentarem. Sem as religiões, e a

²⁶⁵ Caroline Fischer, "Aspects Philosophiques de La Littérature Érotique." In *La Philosophie Clandestine à L'âge Classique*, editado por Voltaire Foundation. Oxford: Voltaire foundation, 1997. pp. 405–412.

²⁶⁶ Para o "fatalismo" no século XVIII toda a essência do Homem vem de Deus, a começar pelas nossas paixões e desejos que se impõem à nossa vontade pelo que a moralidade religiosa se opõe à vida e rejeita que a máquina humana possa desempenhar as suas várias funções, interferindo na harmonia dessa mesma máquina. Os teólogos, inventores arbitrários dos crimes relacionados com o desejo sexual natural, em última análise, ao obstarem ao trato da máquina humana, tornam o homem homicida de si mesmo.

Apesar de tudo, o Homem é determinado por causas que nem sempre vê, mas que, necessariamente, o comandam. Nunca há plena liberdade nem indiferença porque nada há de indiferente na Natureza. Somos sempre condicionados por algo em nós ou no objeto do desejo.

²⁶⁷ Rabineau, *Modernes Libertins - Un Art de La Résistance*. p. 26.

concomitante esperança de recompensas ou castigos pós-morte, os súbditos, sujeitos à supressão de muitos dos seus desejos imediatos, não vergariam e não seriam pacificados.²⁶⁸

Sabe-se que Voltaire também acreditava que a multidão precisaria da religião para manter o respeito pelas leis. Muita da preocupação dos pensadores libertinos deístas passa por garantir o respeito da ordem social. É a figura do deísta virtuoso preocupado com a ordem pública ao ponto de ocultar as suas certezas.

Todavia, outros libertinos, materialistas, são criticados por esta revelação da impostura das religiões cristãs, cuja divulgação pode acarretar a insubordinação das massas populares e, concomitante desrespeito pelas autoridades políticas.

4. Quarta tese heterodoxa: identidade da alma e do corpo

Existe, para o libertinismo, uma continuidade entre o corpo e a alma. A morte do corpo conduz ao fim da alma. O libertinismo contesta o conceito da imortalidade da alma. Para os libertinos, a experiência mostra que a alma não é diferente do corpo. Os pensamentos humanos relacionam-se com o estado do nosso corpo, que é determinante para as nossas representações, as nossas ideias, as nossas ações e, mais profundamente, para a nossa felicidade ou infortúnio. É, por conseguinte, necessário (numa linha de pensamento materialista e hedonista) a fim de cuidar do espírito, e cuidar do corpo, seu substrato.

Para a filosofia heterodoxa do monismo materialista, dada a subordinação do Homem à Natureza, todos os nossos pensamentos são determinados pelas nossas sensações, pelas nossas faculdades, pelo estado do nosso corpo, razão pela qual é impossível conceber uma substância espiritual, independente do corpo, cuja localização e essência desconhecemos.

Para o libertinismo, legitimam-se os prazeres corporais e relativizam-se o bem e o mal, dado existirem, somente, na relação dos homens com a sociedade, e não em si próprios. A compreensão desta realidade obriga ao discernimento de que sempre haverá que respeitar as leis e as hierarquias sociais: não porque estejam fundadas em Deus, mas porque asseguram a tranquilidade geral, que é o bem primordial.

²⁶⁸ A crítica às religiões reveladas conclui com um desenvolvimento deísta que afirma a existência de um Deus que cria um todo organizado de acordo com as leis necessárias de que fazemos parte, em que não pode haver qualquer hipótese ou liberdade, uma vez que cada movimento, bem como cada ação, é sempre o resultado de uma série de movimentos ou ações anteriores. É acompanhado por uma reafirmação da necessidade de manter a ordem social e de respeitar as leis e maneiras do país em que se está, não em virtude de uma moralidade transcendente, mas sim por uma necessidade imanente. Este conservadorismo político baseia-se na ideia de que a sociedade precisa de uma ordem, que deve ser amada por si mesma. O deísmo heterodoxo e a crítica às religiões buscam a virtude social.

O pensamento libertino, na pegada do epicurismo de Lucrecio plasmado em *De Rerum Natura*, acredita na impossibilidade da imortalidade da alma, assim clarificando a impossibilidade epicurista do castigo eterno. Lucrecio põe termo ao terror sagrado da indagação ansiosa sobre a origem do céu e da terra.²⁶⁹ Na morte, nada há a temer. A dor seria o único contratempo, mas, para sofrer, seria necessário sentir. Como viver e sentir são a mesma coisa, só haveria que temer a morte se a alma vivesse e sentisse após a morte do corpo. Mas ela morre com ele.²⁷⁰ “A morte, portanto, nada é e nada tem a ver conosco” pelo que não é ameaça. Saber que nada há para além da morte, liberta. A morte não deve apavorar.

Somos, por estes versos, reportados à noção libertina da mortalidade da alma, para materialistas a alma morre com a matéria do corpo, para os cristãos, sendo matéria diferente, morre o corpo, mas sobrevive eternamente, a alma.²⁷¹

²⁶⁹ Certos de que o mundo não é divino e que nele tudo se explica pela Natureza cega e o acaso. Todavia, a morte mantém-se uma incógnita. Acerca deste ponto, o libertinismo aporta uma libertação mais radical ainda. Por exemplo, reconhece que, apesar da certeza de que os raios são manifestações da Natureza e não expressão da cólera divina, ainda poderia subsistir o receio das consequências desses efeitos naturais.

²⁷⁰ Lucrecio escreve: “A morte, portanto, nada é e nada tem a ver conosco, / porque a natureza do espírito é por nós considerada mortal. / E, tal como não sentimos nenhuma aflição no tempo pretérito, / quando os Cartagineses acorriam de todos os lados para o combate, / quando tudo treme eriçado de horror e abalado pelo trépido tumulto da Guerra, / sob as altas plagas do éter, e esteve incerto, em terra e no mar, / para todos os homens em qual dos reinos iriam ficar, assim também, / quando já não existirmos, quando se der a separação do corpo e do espírito / de que somos formados numa unidade, sem dúvida que absolutamente / nada nos poderá acontecer quando já não existirmos; ou impressionar os nossos sentidos, / ainda que a terra se misturasse com o mar e o mar com o céu. / E se a natureza do espírito e a capacidade da alma ainda sente, / depois de 'ter sido separada do nosso corpo, isso, porém, em nada nos importa, / pois somos formados pela união e junção do corpo e da alma. / E ainda que depois da morte o tempo tomasse a nossa matéria / e de novo a recompusesse tal como agora está disposta / e novamente nos fosse dada a luz da vida, / nada teria a ver conosco que isto tivesse sucedido, / por ter sido interrompida a consciência da nossa identidade. / E agora também nada tem a ver conosco o que antes fomos, / nem nos afeta já a angústia dessas coisas. / Na verdade, ao contemplarmos todo o espaço passado do tempo imenso, / e quão variados são os movimentos da matéria, facilmente se acreditará / que estes mesmos átomos, de que somos formados, existiram já antes muitas vezes, / dispostos na mesma ordem em que se encontram agora, / contudo não nos é possível recordá-lo com a memória da nossa mente. / Com efeito, foi interposta uma pausa na existência e, vagamente, / deambulam por todo o lado todos os movimentos, longe dos sentidos. / Com efeito, se porventura alguém vai existir de forma infeliz e doentia, / é necessário que essa pessoa exista, ela mesma, naquele momento, / de forma que lhe possa acontecer esse mal. / Ora, porque a morte elimina esta possibilidade e impede / que exista aquele a quem os incómodos possam ser conferidos, / é-nos possível saber que não pode haver nada a temer na morte, / nem suceder que alguém que não existe possa de maneira nenhuma / ser infeliz e que não importa se nasceu ou não em algum tempo / aquele a quem a morte imortal retirou da vida mortal. / Por isso, quando vires um homem queixar-se de que / existirá depois da morte e há-de apodrecer, uma vez enterrado, / ou ser consumido pelas chamas ou desaparecer nas mandíbulas das feras, / podes pensar que não fala com verdade e que tem alguma angústia / escondida no coração, embora ele próprio diga que não acredita / que vai ter sensibilidade na morte.” (III 830 – 875) (Lucrecio, *Da Natureza Das Coisas*. pp. 181-185).

²⁷¹ “Digo, porém: Andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne. / Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes opõem-se um ao outro, para que não façais o que quereis. / Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei. / Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: adultério, fornicção, impureza, lascívia, / Idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, / Invejas, homicídios, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus. / Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. / Contra estas coisas não há lei. / E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências. / Se vivemos em Espírito, andemos também em Espírito.” Antigo Testamento, *Gálatas* 5:16-25.

5. Quinta tese heterodoxa: a dissimulação como essência do Libertinismo

O segredo foi essência do libertinismo que passou a ser “livre-pensamento” e abriu caminho à “Filosofia” quando deixou de ser mascarado, secreto e, sobretudo, perseguido.

De acordo com uma tradição enraizada no libertinismo erudito, a discrição e o sigilo são de grande importância porque a divulgação das ideias libertinas poderia perturbar mentes não preparadas e criar na sociedade uma desordem danosa. Tal é afirmação da forma de elitismo libertino. “Contentons-nous d’être une petite troupe choisie [...] et ne divulguons pas nos mystères dans le peuple.”²⁷²

²⁷² “Sejamos apenas uma pequena tropa escolhida [...] e não divulguemos nossos mistérios ao povo.”(Bernard Le Bouye de Fontenelle, *Oeuvres de Fontenelle : Études Sur Sa Vie et Son Esprit*, ed. Voltaire et al. Paris: Eugène Didier, Éditeur, 1852. p. 135.)

Parte II

O Libertinismo em Portugal no século XVIII

Capítulo III – A interpretação do libertinismo em Portugal

Na França de seiscentos, até ao julgamento de Théophile de Viau, a pornografia visual e verbal existia, mas era reservada a privilegiados. As compilações de poemas, versos eróticos e satíricos²⁷³ elogiavam o amor carnal e os prazeres sensuais.²⁷⁴ Os autores dos *Recueils Collectifs* depravavam os costumes e ridicularizavam as crenças das *honnêtes gens*²⁷⁵, falam de sexo para livrar Eros dos tabus, dissociá-lo da procriação e ofender os bem-pensantes, proferindo blasfémias, sempre que possível.²⁷⁶

Reconhece-se, na produção dos *Recueils Collectifs*²⁷⁷ satíricos e eróticos um gesto político e ideológico. O objetivo dos autores não era versejar elegantemente, pretendiam, outrossim, proteger uma liberdade ameaçada e reivindicar o direito à insubordinação. Não primavam pelo bom gosto, mas apesar disso, analisados como sintomas de uma cultura em crise, estes versos merecem ser lidos.

Trata-se de uma literatura livre que se manifesta em textos ousados e triviais que, sob vestes polémicas e burlescas, reivindica a liberdade de costumes e pensamento e, deliberadamente, confunde-os. Os *Recueils Collectifs* dirigiam-se a um público mais alargado. Tipografias, mais ou menos clandestinas, produziam livros afrontosos, baratos e em francês, cuja difusão era difícil de controlar.²⁷⁸ Quando a difusão, efetivamente, alcançou este público, impôs-se uma maior vigilância. Roma inventou o Índice, Paris confiou as interdições à Sorbonne e as tipografias de Genebra passaram a ser controladas pelos Pastores. Os censores preocupavam-se com a transgressão religiosa, com as obras blasfemadoras ou heréticas e as políticas, críticas do poder. Nesses séculos XVII e XVIII, os intelectuais começaram a exercer, de forma mais ou menos visível, um contrapoder que a autoridade tentou controlar e asfixiar, reconhecendo, implicitamente, a sua eficácia. Até Luís XIII, a fiscalização da produção impressa era

²⁷³ O adjetivo satírico sugere o desrespeito e a desenvoltura cáustica.

²⁷⁴ François Maynard, Saint Amand e Théophile de Viau. Abirached, “Libertins”.

²⁷⁵ Expressão irónica que contemporaneamente se poderia traduzir por “bons burgueses”.

²⁷⁶ : Nicolas Chorier, Claude le Petit, Bouchard, Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. pp. 303-304.

²⁷⁷ Antologias, coletâneas.

²⁷⁸ Tais como os íntimos dos príncipes italianos, os aristocratas recebidos na corte dos Valois ou na de Henri IV ou aos humanistas com capacidade para apreciar os textos lascivos, habitualmente, em latim. Nesse início do século XVII, a libertinagem de costumes era apanágio da alta aristocracia e dos protegidos do irmão de Luís XIII, Gaston d'Orleans, e dos cortesãos do seu séquito que entendiam que o seu estatuto estava acima das leis e de *chansons a boire* datam dessa época: “La Muse folâtre” é de 1600; “Le Cabinet Satyrique” é de 1618; “Le Parnasse des Poetes Satyriques” é de 1622 e “La Quintessence Satyrique” é de 1623. (Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. pp. 26-27, p. 127).

variável e errática; a partir de então, iniciou-se o movimento que vigorou ao longo do século XVII: a responsabilidade da perseguição e da repressão passou aos poucos da Igreja para a justiça temporal.²⁷⁹

O mesmo ocorreu em Portugal com a constituição da Real Mesa Censória sob a égide do Marquês de Pombal que, suprimida a imprensa periódica, reprimiu ao mesmo tempo a difusão de livros pró-jesuíticos e ultramontanos e os reputados “iluminados” e “libertinos”, tornando-se o centro de produção de algo parecido com uma cultura oficial do regime, com propensão para patrocinar obras de teor esteticamente classicista, associadas à cultura francesa do reinado de Luís XIV. Houve um declínio da importação legal de livros estrangeiros.²⁸⁰

A repressão foi o catalisador da libertinagem. A censura do desejo criou a necessidade de escape. O erotismo que a sociedade reprimia e abafava foi assumido pela poesia e pela ficção.²⁸¹ A literatura erótica restabeleceu um equilíbrio: libertou o objeto tabu, permitiu sonhar com prazeres interditos e imaginar uma sexualidade livre. À falta de liberdade corresponde a necessidade de a fantasiar, para criar a ilusão da sua existência.²⁸²

Apurámos que Fernando Guimarães, também, concluiu que José Anastácio da Cunha e Manuel Maria Barbosa du Bocage são, ambos, intérpretes do libertinismo setecentista português²⁸³. A este propósito, o autor faz uma breve introdução ao movimento libertino que, em tudo, coincide com a nossa conceção do mesmo.²⁸⁴ Ainda em sintonia connosco, compreende que a reputação de Francisco Xavier de Oliveira (Cavaleiro de Oliveira) não passa de uma fama associada à sua volatilidade sexual.

²⁷⁹ Jeanneret. pp. 14-15.

²⁸⁰ “Em síntese, se houve uma redefinição dos parâmetros de atuação da atividade censória durante o reinado (de D. José) de modo algum se pode falar do seu abrandamento.” (Monteiro, *D. José. Na Sombra de Pombal*, p. 234).

²⁸¹ Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. p. 128.

²⁸² Jeanneret. p. 120.

²⁸³ “Tanto Anastácio da Cunha como Bocage, devido às suas ideias libertinas, foram detidos e julgados. Bocage, acusado ao Santo Ofício de “herético perigoso e dissoluto de costumes”, foi inculcado pela autoria da epístola – *Pavorosa ilusão da Eternidade*, sendo-lhe passada ordem de prisão pelo intendente Pina Manique. Permanecerá os cárceres da Inquisição e, depois, no Hospício das Necessidades. Anastácio da Cunha será também denunciado à Inquisição por “fazer poesias deístas e ler livros ímpios de filósofos”. Foi condenado à reclusão na casa dos Oratorianos e, depois, degredado para Évora. (Fernando Guimarães, *Linguagem e Ideologia*. Porto: Editorial Inova, 1972. p. 77.) O autor discorda da possibilidade de se concluir por um libertinismo dos poemas *O Roubo das Sabinas* e *O Retrato de Vénus* de Almeida Garrett. Nesse sentido, clarifica acerca de alguns versos que transcreve:

“Mas isto é muito pouco para alargar o sentido dos referidos poemas ao ponto de neles se adivinhar uma linguagem que torne patente a expressão de um libertinismo que ultrapasse o deslumbramento sensual que, dele, apenas o aspeto” p. 87.

²⁸⁴ Guimarães. pp 73-76.

Abrimos o nosso estudo com a interpretação, contemporânea, do fenómeno libertino francês, base da nossa interpretação de libertinismo. No sentido de completarmos o alcance do conceito no Portugal setecentista, procederemos à análise da receção do fenómeno no Portugal setecentista.

1. Interpretação do conceito nos documentos setecentistas

Para cumprir esse objetivo, considerámos pertinente focar a nossa atenção em alguns dicionários e enciclopédias existentes nas nossas bibliotecas e analisar certas obras teológicas, voz oficial ou autorizada e incentivada, do poder instituído.

1.1 Nos dicionários portugueses da época

Na cultura civil setecentista, libertino e libertinagem parecem ter um significado semelhante ao que iremos, posteriormente, apurar pela análise pormenorizada de algumas obras teológicas que se nos depararam.

*A História e Memórias da Academia R. das Sciencias de Lisboa*²⁸⁵, informa que:

“Libertino e Libertinagem são vocábulos trazidos do francês. O uso geral, porém, os tem adotado, e não sem causa, se com elles significarmos a idéa complexa de *licenciosidade com irrelição: homem devasso em costumes, com erradas opiniões religiosas*; a qual idéa se não poderia exprimir por outro modo em Portuguez, sem circumloquio.”

Os dicionários portugueses da época permitiram-nos chegar às seguintes conclusões:

O *Diccionario da Lingua Portugueza Composto Pelo Padre D. Rafael Bluteau (...)*, na sua edição de 1789,²⁸⁶ dispõe que libertinagem é o “vicio de ser libertino, incrédulo, mal morigerado. Edit. Censório de 21 Dezembro 1768”. Já Libertino era “*entre os Romanos, o mesmo que liberto. O que sacudio o jogo*

²⁸⁵ “História e Memórias da Academia Real das Sciências de Lisboa Tomo IV. Parte II.” p. 84. https://play.google.com/books/reader?id=piBMAAAcAAJ&pg=GBS.RA1-PA84&hl=pt_PT

²⁸⁶ D. Rafael Bluteau and Antonio de Moraes Silva, *Diccionario da Lingua Portugueza Composto Pelo Padre D. Rafael Bluteau. Reformado, e Acrescentado Por Antonio de Moraes Silva Natural Do Rio de Janeiro. Tomo Segundo L=Z*, ed. Antonio de Moraes Silva (1789). Consultámos, também, o quinto tomo do *Vocabulario Portuguez, e Latino* de Rafael Bluteau, edição de 1716, para verificar que não contempla os vocábulos libertino, libertinismo ou libertinagem: à entrada “libertar-se” segue-se diretamente a entrada “liberto”. (Bluteau. *Vocabulario Portuguez e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, Etymologico, Economico, Florifero, Forense, Fructifero... V*. Lisboa: Coimbra : Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1716. p. 113). O suplemento também não tem entradas para os mesmo vocábulos, passando de “liberdade” para “licenciado”. (Bluteau. *Supplemento Ao Vocabulario Portuguez e Latino. IX*. Lisboa: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1727. Rafael Bluteau, *Supplemento Ao Vocabulario Portuguez e Latino, IX* Lisboa: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1727. p. 558.)

da Revelação, e presume, que a razão só palavras e frases da pode guiar com certeza no que respeita a Deos, à vida futura, (...) e o que he licencioso na vida, neste sentido he moderno”.

O *Dictionnaire François, & Portugais*, de 1769, define Libertin como (...) “Libertino, depravado, licencioso e Libertinage como (...) Desordem, vida licenciosa, e viciosa”.²⁸⁷

O *Diccionario Portuguez, e Latino*, de 1771, explica Libertinage, como (...) “Desordem de costumes, de vida”, *Libertinage, dérèglement de mœurs, de vie.* (Licentia immoderata, ou liberior. Mores perdit. Cic.) e Libertino, como aquele (...) “Que usa de grande liberdade”. *Libertin, ine, qui aime trop sa liberté, indépendance, qui se dispense aisement de ses devoirs, qui hait toute sorte de sujétion de contrainte.* (Perditas ac dissolutus, *Aequo liberior, (...)* “Incrédulo, ímpio.” *Libertin, impie, qui n’a aucun sentiment de religion, qui n’a point de piété, qui ne veut s’assujettir aux Loix de la Religion.* (Impius. a u. Religionis contemtor. Oris. Circ.) (Também se usa como substantivo.)”.²⁸⁸

O *Diccionario Italiano, e Portuguez*, de 1773, refere “*Libertinaggio.* (...) como Restituição da liberdade do cativo; a acção de dar, de pôr em liberdade hum escravo. Libetinàggie é identificada como: Libertinagem, licença, irregularidade dos costumes, intemperança conducta de vida libertina, desenfreamento. Libertino é traduzido como (...) Libertino, escravo já forro, posto em liberdade. Por fim Libertino. (...) também se traduz por (...) Libertino, que vive com libertinagem, que se dá inteiramente à dissolução, desenfreado, mal procedido, licencioso.”²⁸⁹

O *Petri Josephi A Fonseca Olisoponensis Rhetoroices Atque Poetices Professoris Regii Parvum Lexicon Latinum*, de 1788 explana Libertina “(...) como Escrava já forra; Libertinitas (...) como Condição dos escravos forros”; *Libertinus*, (...) como “Pertencente ao escravo forro, finalmente, Libertinus, (...) Escravo já forro. Suet. Filho de escravo forro.”²⁹⁰

²⁸⁷ s.a. *Dictionnaire François, & Portugais, Plus Complet Que Tous Ceux Qui Ont Paru Jusqu’a Present Pour L’instruction de La Jeunesse Portugaise.* Ed. Libraires ao Poço Novo Chez George Rey, & Compagnie. Lisbonne: l’Imprimerie de Michel Manescal da Costa, Imprimeur du S.t Office, 1769. p. 811.

²⁸⁸ Pedro José da Fonseca, *Diccionario Portuguez, e Latino, Impresso Por Ordem Del Rei Fidelissimo Dom José I. Nosso Senhor Para Uso Das Escolas de Todos Os Seus Reinos, e Senhorios.* Lisboa: Regia Officina Typografica, 1771. p. 443.

²⁸⁹ Joaquim José da Costa e Sá, ‘Diccionario Italiano, e Portuguez; Extrahido Dos Melhores Lexicógrafos, Como de Antonini, de Veneroni, de Facciolati, de Franciosini, Do Diccionario Da Crusca, e Do Da Universidade de Turim, e Dividido Em Duas Partes.’, in Tomo Primeiro. Lisboa: Regia Officina Typografica; 1773. p. 811.

²⁹⁰ Petri Josephi A Fonseca, *Petri Josephi A Fonseca Olisoponensis Rhetoroices Atque Poetices Professoris Regii Parvum Lexicon Latinum; Lusitana Interpretatione Adjecta As Usum Lusitanorum Adolescentium in Lucem Editum Jussu Josephi I. Regis Fidelissimi.* Olisopone: Typographia Regalis Academiae Scientiarum Olisiponensis, 1788. p. 416.

O mesmo *Petri Josephi A Fonseca Olisoponensis Rhetoroices Atque Poetices Professoris Regii Parvum Lexicon Latinum*, na sua edição de 1819, confere aos mesmos vocábulos, exatamente as mesmas definições, tão-só atualiza a sua ortografia.²⁹¹

Por sua vez, o *Diccionario Portuguez, e Latino*, de 1791, qualifica Libertinage, como “desordem de costumes. *Licentia immoderata, l. liberior. Cic. – em matéria de religião. Religionis contempus (...)*”; e libertino (...): “que usa de grande liberdade. *Liberior. Licentior. Justo folutior. Æquo liberior, m.f. ius, n. oris. Cic. – tocante aos costumes. Homo dissolutus. Cic. – em matéria de Religião, i. e. ímpio. Religionis contemptor*”²⁹²

Já o *Diccionario Portuguez-Frances e Latino*, de 1794, designa, desta forma, Libertinage: “desordem de costumes. *Licentia immoderata, l. liberior. Cic. – em matéria de religião. Religionis contemptus, (...)*”; e, desta, Libertino (...): que usa de grande liberdade. *Liberior: Licentior, Justo folutior. Æquo liberior, m. f. ius, n. oris. Cic. – tocante aos costumes. Homo dissolutus. Cic. – em matéria de Religião, i.e. ímpio. Religionis contemptor*”.²⁹³

Por fim, *O Diccionario da Língua Portuguesa*²⁹⁴, de 1848, qualifica Libertinagem (...) como: “desenfreado em obras ou palavras; licenciosidade com irreligião” e Libertino (...) como: “o que obra com libertinagem, devasso em costumes. s filho de liberto entre os Romanos.”

Confirma-se que nos dicionários setecentistas portugueses a aceção setecentista portuguesa predominante de libertino, libertinagem e libertinismo vai de encontro a irreligiosidade e devassidão de costumes. Reflete, assim, a visão estereotipada de libertino como alguém desenfreado nos costumes e antirreligioso.

²⁹¹ Petri Josephi A Fonseca, *Petri Josephi A Fonseca Olisoponensis Rhetoroices Atque Poetices Professoris Regii Parvum Lexicon Latinum; Lusitana Interpretatione Adjecta As Usum Lusitanorum Adolescentium in Lucem Editum Jussu Josephi I. Regis Fidelissimi*. Olisopone: Michaelis Le Bourdic ex Typografia Rollandiana, 1819. p. 413.

²⁹² Pedro José da Fonseca, *Diccionario Portuguez, e Latino; Impresso Por Ordem Del Rei Fidelissimo Dom José I. de Gloriosa Memoria Para Uso Das Escolas De Todos Os Reinos, E Senhorios De Portugal*, 2. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1791. 1791 p. 393.

²⁹³ Joaquim José Da Costa e Sá, *Diccionario Portuguez-Francez-e-Latino; Novamente Compilado Que Á Augustissima Senhora D. Carlota Joaquina, Princeza Do Brasil, Offerece, e Consagra Joaquim José Da Costa e Sá*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1794. 1787 p. 108.

²⁹⁴ J.-I. Roquette, *Diccionario Da Língua Portuguesa; de Fonseca, Feito Inteiramente de Novo, e Consideravelmente Augmentado*. Paris: J.-P. Aillaud, Quai Voltaire, N° 11, 1848. 1848 p. 641.

1.2 Nos dicionários e nas obras teológicas da época encontrados em bibliotecas portuguesas

*O Dictionnaire Anti-Philosophique*²⁹⁵, de 1774 argumenta que “ (*Le Dictionnaire Philosophique*. C'est un autel élevé au libertinage & une école ouverte au Matérialisme. (VII) ”e augura :

“ (...) Malheur aux maisons & aux familles, (dit M. Massillon, Paraphrase du Pseaume XIII.) qui donnent accès chez elles aux esprits forts. Les troubles, les calamités, les dissensions domestiques y entrent bientôt. Prevê que esses lares Elles deviennent bientôt des Ecoles où les maximes du libertinage sont enseignées. L'Épouse fidèle regarde bientôt la fidélité d'un lien sacré comme un vain scrupule, que la tyrannie des hommes sur son sexe a établi sur la terre. (...) L'enfant se croit autorisé à sécouer l'autorité paternelle; le Père croit que laisser agir le penchant de la nature, c'est toute l'éducation qu'il doit donner à ses enfants; l'Épouse se persuade, que son goût doit décider de son devoir. Quelle paix & quelle union peut-il y avoir dans un lieu où le libertinage seul & le mépris de tout joug lie ceux qui l'habitent? Quel cahos!”²⁹⁶

Conclui que:

“Quel théâtre d'horreur & de confusion deviendrait la société générale des hommes, si les maximes du libertinage prévalaient parmi eux s'étoient érigées en Loix Publiques? Quelle

²⁹⁵ Antoine Aubanel, *Dictionnaire Anti-Philosophique*, 2 Tomos. Avignon: Veuve Girard & François Seguin, 1774. Segundo o *Dictionnaire des Ouvrages Anonymes et Pseudonymes*, 1774 p. 919. (...) "La première édition de cet ouvrage [Anti-Dictionnaire philosophique, pour servir de commentaire et de correctif au Dictionnaire philosophique (de Voltaire), et d'autres livres qui ont paru de nos jours contre le christianisme, quatrième édition, entièrement refondue sur les Mémoires de divers théologiens (par Chaudon). Paris, Saillant et Nyron (Avignon), 1775, 2 vol. in-8] parut en 1767, sous le titre Dictionnaire anti-philosophique. Voyez ces mots. Je l'avais d'abord attribué à l'abbé Nonnotte; de nouvelles recherches me persuadent que M. Chaudon en est le principal auteur: Il m'a fait l'aveu dans sa correspondance, mais en me déclarant que les jésuites d'Avignon avaient fait à l'ouvrage des additions qu'il ne pouvait pas avouer. (...)" (Antoine-Alexandre Barbier, *Dictionnaires Des Ouvrages Anonymes et Pseudonymes, Composés, Traduits Ou Publiés En Français et En Latin, Avec Les Noms Des Auteurs, Traducteurs et Éditeurs; Accompagné de Notes Historiques et Critiques. Seconde Edition, Tome Premier*. Paris: Chez Barrois L'Ainé, Libraire, 1822.)

²⁹⁶ “É um altar elevado à libertinagem e uma escola aberta ao materialismo. (VII)” e augurava: “(...) Ai das casas e das famílias (diz M. Massillon, Paráfrase do Salmo XIII.) que dão acesso às suas casas aos espíritos fortes. Problemas, calamidades e dissensões domésticas logo aparecem. Prevê que essas lares Logo se tornam Escolas onde se ensinam as máximas da libertinagem. A Esposa fiel logo considera a fidelidade de um vínculo sagrado como um vão escrúpulo, que a tirania dos homens sobre o seu sexo estabeleceu na terra. (...) A criança acredita que está autorizada a abalar a autoridade paterna; o Pai acredita que deixar agir a inclinação da natureza é toda a educação que deve dar aos seus filhos; a Esposa se convence de que seu gosto deve decidir seu dever. Que paz e que união pode haver num lugar onde só a libertinagem e o desprezo por todo jugo prendem aqueles que o habitam? Que caos!” (Aubanel, *Dictionnaire Anti-Philosophique*, 2 Tomos.. pp. xi xii.)

afreuse République, s'il pouvoit jamais s'en former une dans l'Univers toute composée d'impies, & où les hommes ne pussent mériter que par l'impiété, le titre de Citoyen!²⁹⁷

Associa Libertinagem de coração a incredulidade de espírito:

“Elle (la fausse Philosophie) lève le front por paroître ce qu'elle est; qu'elle prosère hautement l'iniquié, ouvre la bouche contre le Ciel, & veuille répandre avec plus de facilité par toute la terre le poison de l'incredulité de son esprit & du libertinage de son cœur.”²⁹⁸

Fazendo referência ao Marquis d'Argens:

“Arg., * (Le Marquis d') Ses attentats contre la Religion (...) Voici une des plus fermes colonnes de l'impiété. (...) il dépêcha divers ambassadeurs de la boutique d'un Libraire, qui payoit chèrement ses dépêches. (...) Il envoya d'abord un Juif, puis un Chinois, & ensuite un Cabaliste; & c'est ce qui produites Lettres Juves, les Chinoises, & les Cabalistiques. Ces trois enfans ont un air de famille, auquel on ne peut pas se tromper. Ils détruisent tous les dogmes du Christianisme, & s'ils laissent subsister l'existence de Dieu, c'est à condition qu'on pourra se conduires comme s'il n'y en avoit point; ce qui revient au même pour les libertins. Ces différentes Lettres eurent beaucoup de cours dans leur naissance; mais comme tout s'use, on les lit moins aujourd'hui.”²⁹⁹

Qualifica, na prática, de libertinos aqueles que só aceitam que Deus exista se lhes for possível agir como se Ele não existisse. Por sua vez, define também o que são *ateus*:

“Athées. Réflexions sur l'existence de Dieu & sur ceux qui la nient. Les insensés qui nient l'existence d'un Dieu, & par conséquent toute Religion, (...) o mesmo dicionário define indirectamente les libertins qui, admettant cette vérité, la détruisent par des conséquences

²⁹⁷ “Que teatro de horror e confusão seria da sociedade geral dos homens, se as máximas da libertinagem prevalecentes entre eles tivessem sido estabelecidas como Leis Públicas? Que República terrível, se alguma vez se pudesse formar num Universo inteiramente composto por pessoas ímpias, e onde os homens só pudessem merecer o título de Cidadão pela impiedade!” (Aubanel, pp. xi xii.)

²⁹⁸ “Ela (a falsa Filosofia) levanta a cabeça para mostrar o que é; Que ela pronuncie altamente os ímpios, abra a boca contra o Céu e deseje espalhar com maior facilidade por toda a terra o veneno da incredulidade de sua mente e da libertinagem de seu coração. (Aubanel. vol.1. pp. xix, xx.)

²⁹⁹ “Arg., * (O Marquês de) Seus ataques contra a Religião (...) Aqui está um dos mais firmes pilares da impiedade. (...) despachou vários embaixadores da loja de um livreiro, que pagou caro pelos seus despachos. (...) Enviou primeiro um judeu, depois um chinês e depois um cabalista; e é isso que produz as Cartas Judaicas, as Chinesas e a Cabalística. Esses três filhos têm uma semelhança familiar que não pode ser confundida. Eles destroem todos os dogmas do Cristianismo, e se permitem que a existência de Deus exista, é com a condição de que possamos nos comportar como se não existisse; o que equivale à mesma coisa para os libertinos. Estas diferentes Letras tiveram muitos cursos em seu nascimento; mas à medida que tudo se desgasta, hoje os lemos menos.” (Aubanel. Vol 1, p. 38.)

tirées de leurs principes. (Todavia qualifica, também, os libertinos de ateus): Nous n'entrerons pas dans de longs détails sur ces deux espèces différentes d'Athées, l'une & l'autre également dangereuses³⁰⁰. Pourquoi ne fait-on pas comme à Rome, une loi du mariage, pour punir et humilier une multitude immense de libertins qui, par mode ou plutôt par un dérèglement licencieux, ne se chargent pas des chaînes de l'hymen?"³⁰¹

O mesmo dicionário, ou anti-dicionário, associa libertinagem a celibato:

“ (...) en joignant au célibat qui ne peuple point, le libertinage qui dépeuple; en abymant dans le gouffre du luxe & de la débauche³⁰². (...) Depuis quand le célibat sera-t-il permis à ceux qui s'y dévouent par intérêt ou par libertinage (...).”³⁰³

Qualificando deístas, refere-os como: “Déistes (...) J'ai vu quelquefois des libertins beaux esprits, aux prises sur la Religion avec des savants Théologiens; (...)”³⁰⁴

Por intermédio do Dicionário de Bayle, temos a referência a Jacques Vallée Des Barreaux, figura de primeira importância do libertinismo seiscentista francês, sustentando duas hipóteses quanto ao seu libertinismo: a primeira seria que rejeitava todos os dogmas específicos das religiões positivas, a segunda seria que as suas convicções de ateu seriam inconsistentes e que seria um fútil como os outros libertinos.

“Des-Barreaux. Aveu remarquable de Bayle au sujet des Esprits forts. (...) L'inclination à la volupté lui faisoit reprendre son premier train, son premier langage, lorsque sa santé étoit revenue. Cela ne prouve point qu'en effet il fut Athée: cela prouve seulement, ou qu'il rejettoit presque tous les dogmes particuliers des Religions positives, ou que, par un principe d'orgueil, il craignoit qu'on ne le raillât d'être déchu de la qualité d'esprit fort, s'il ne continuoit pas à parler en libertin. (...) Voilà ce que sont les Incrédules de système; ceux que la débauche ni la vanité n'ont point gâtés..... Cela porte à croire que les libertins semblables à Des-Barreaux, ne sont guère persuadés de ce qu'ils disent: Ils n'ont guère examiné, ils ont appris quelques objections,

³⁰⁰ Aubanel. Vol 1, p. 42.

³⁰¹ “Ateus. Reflexões sobre a existência de Deus e sobre aqueles que a negam. Os loucos que negam a existência de um Deus, e conseqüentemente de toda a Religião, (...) ou mesmo dicionário definem indiretamente os libertinos que, admitindo esta verdade, a destroem por conseqüências extraídas dos seus princípios. (Todavia qualifica, também, os libertinos de ateus): Não entraremos em grandes detalhes sobre estas duas espécies diferentes de ateus, ambas igualmente perigosas. Por que não fazemos, como em Roma, uma lei do casamento, para punir e humilhar uma imensa multidão de libertinos que, por moda ou melhor, por desordem licenciosa, não se encarregam das cadeias do hímen?” (Aubanel. Vol. 1, p. 74.)

³⁰² “(...) ao aderir ao celibato que não povoa, à libertinagem que despovoa; afundando no abismo do luxo e da libertinagem”. (Aubanel. Vol. 1, p. 75.)

³⁰³ “Desde quando será permitido o celibato àqueles que a ele se dedicam por interesse próprio ou por libertinagem” (Aubanel. Vol. 1, p. 76.)

³⁰⁴ “Deístas (...) às vezes tenho visto libertinos com mentes excelentes, lutando pela Religião com Teólogos eruditos” (Aubanel. Vol. 1, p. 124.)

ils en étourdissent le monde, ils en parlent par un principe de fanfaronnerie, & ils se démentent dans le péril.”³⁰⁵

Fazendo referência aos dois cientistas Blaise Pascal e René Descartes, o dicionário explica que não são libertinos, porque são crentes e piedosos:

“Descartes. (...) il est remarquable que deux philosophes aussi sublimes que M. Descartes & M. Pascal, ont été en même-temps infiniment éloignés de l’esprit libertin qui a depuis animé tant de prétendus Philosophes. Descartes a toujours été très-soumis aux lumières de la révélation : pour M. Pascal, sa piété fut encore plus sublime que son génie.”³⁰⁶

O Dicionário equipara, também, os libertinos a judeus, pagãos, e infiéis, por não lerem o evangelho com honestidade:

“Évangile. (...) De la morale de l’Évangile. (...). Si l’Ecriture sainte du N.T. étoit lue dans l’esprit de droiture qui est nécessaire pour en profiter, on ose assurer qu’il n’y a ni Juif, non Païen, ni Infidèle, ni libertin, qui ne trouvât qu’elle est aussi propre à manifester les vertus de l’Être des Êtres ; qu’a remplir tous les besoins des hommes. (...)”³⁰⁷

Ao definir Fé, a obra classifica como libertinos os corruptos de coração e dissolutos de costumes, os impiedosos, os ímpios, os profanadores:

“Foi. (...) VI. (...) Il est bien glorieux à la Religion Chrétienne, que tout ce qu’il y a de libertins qui l’attaquent, soient des gens corrompus dans le cœur & dérégés dans leurs mœurs. (...) VIII. L’incrédulité de l’impie & du libertin s’accorde avec le désordre & la corruption de sa vie; donc elle ne vaut rien. En deux mots, voilà sa condamnation. IX. (...) Il s’élève tous les jours

³⁰⁵ “Des-Barreaux. Notável confissão de Bayle sobre a questão das mentes fortes. (...) A inclinação para a volúpia fê-lo retomar o seu primeiro comboio, a sua primeira língua, quando recuperou a saúde. Isto não prova que ele era de facto ateu: prova apenas que ele rejeitava quase todos os dogmas particulares das religiões positivas, ou que, por um princípio de orgulho, temia ser ridicularizado por ter sido despojado do título de mente forte, se não continuasse a falar como um libertino. (...) É isto que são os incrédulos sistémicos; aqueles que a devassidão e a vaidade não desvirtuaram.... Isto leva-nos a crer que libertinos como Des-Barreaux dificilmente se convencem do que dizem: mal examinaram o assunto, aprenderam algumas objecções, estupearam o mundo com elas, falam delas por um princípio de vanglória, e negam-se a si próprios em perigo.” (Aubanel. Vol. 1, pp. 127-128.)

³⁰⁶ “Descartes (...) é notável que dois filósofos tão sublimes como M. Descartes e M. Pascal, estivessem ao mesmo tempo infinitamente afastados do espírito libertino que desde então animou tantos pretensos filósofos. Descartes foi sempre muito submisso às luzes da revelação: para M. Pascal, a sua piedade era ainda mais sublime do que o seu génio.” (Aubanel. Vol. 1, p. 129.)

³⁰⁷ “Evangelho (...) Sobre a moral do Evangelho (...). Se a Sagrada Escritura do Novo Testamento fosse lida com o espírito de retidão que é necessário para tirar proveito dela, ousamos assegurar-vos que não há judeu, nem pagão, nem infiel, nem libertino, que não achasse que ela é tão adequada para manifestar as virtudes do Ser dos Seres como para satisfazer todas as necessidades dos homens (...).” (Aubanel. Vol. 1, pp. 162-163.)

dans le Christianisme des sociétés de libertins, qui par leurs impiétés & leurs railleries, profanent les choses les plus saintes, & décréditent, autant qu'ils peuvent, le service de Dieu.”³⁰⁸

Mas aborda, igualmente, o tema da hipocrisia das religiões, muito libertino:

“qui s’attaquent à Dieu même, à ce Dieu que nous adorons, & voudroient en effacer toute idée de notre esprit; qui lui disputent jusqu’à son être, & s’efforcent de le faire passer pour une Divinité imaginaire; qui ne tiennent nul compte, ni de ses commandements, no de son culte, & regardent comme des superstitions tous les hommages dont on l’honore; qui chechent à lui enlever ses plus fidèles serviteurs & à les retirer de ses Autels, se jouant de leurs pieuses pratiques, & les accusant ou d’hypocrisie ou de simplicité. Il y a, dis-je, des impies de cette sorte; il y en a plus que jamais; leur nombre croit sans cesse & parmi les Chrétiens, parmi des Catholiques, parmi même des âmes dévotes, on les écoute, on les souffre! (...) X. On propose à un libertin les révélations de la Foi, c’est-à-dire ; des révélations fondées sur la tradition la plus ancienne & la plus constante, confirmées par un nombre infini de miracles, & de miracles éclatans signés du sang d’un million de Martyrs, autorisées par les témoignages des plus savants hommes & par la créance de tous les peuples; mais tout cela ne fait sur lui aucune impression, & il n’en tient nul compte.”³⁰⁹

O livro faz, também, referência à Ciência Moderna:

“On lui propose d’ailleurs les rêveries, & les vaines imaginations d’un nouveau Philosophe, qui veut régler le monde selon son gré, qui raisonne sur toutes les parties de ce grand Univers, sur la nature sur l’arrangement de tous les êtres qui le composent, avec autant d’assurance que si c’étoit l’ouvrage de ses mains: qui les fait naître, agir, mouvoir, comme il lui plait, & voilà ce que ce grand génie admire, ce qu’il médite profondément, ce qu’il soutient

³⁰⁸ “Fé. (...) VI. (...) É muito glorioso para a religião cristã que todos os libertinos que a atacam sejam pessoas de coração corrupto e mente desregulada. (...) VIII. A incredulidade do impio e do libertino anda de mãos dadas com a desordem e a corrupção da sua vida; portanto, não tem valor. Em duas palavras, esta é a sua condenação. IX (...) Todos os dias surgem na cristandade sociedades de libertinos, que com a sua impiedade e o seu escárnio profanam as coisas mais santas e desacreditam, tanto quanto podem, o serviço de Deus” (Aubanel. Vol. 1. p. 173.)

³⁰⁹ “que atacam o próprio Deus, este Deus que adoramos, e gostariam de apagar toda a ideia dele das nossas mentes; que contestam o seu próprio ser, e tentam fazê-lo passar por uma Divindade imaginária; que não têm em conta nem os seus mandamentos nem o seu culto, e consideram como superstições todas as homenagens com que é honrado; que procuram privá-lo dos seus servos mais fiéis e afastá-los dos seus altares, escarnecendo das suas práticas piedosas e acusando-os de hipocrisia ou de simplicidade. Há, digo eu, ímpios deste género; são mais numerosos do que nunca; o seu número não pára de aumentar & entre os cristãos, entre os católicos, mesmo entre as almas piedosas, são ouvidos, são sofridos! (...) X. A um libertino são oferecidas as revelações da Fé, isto é; revelações fundadas na mais antiga e constante tradição, confirmadas por um número infinito de milagres, e milagres deslumbrantes assinados com o sangue de um milhão de Mártires, autorizados pelos testemunhos dos homens mais eruditos e pela credibilidade de todos os povos; mas tudo isso não o impressiona, e ele não leva em conta.”

opiniãtrem, à quoi il s'attache & de quoi il se feroit presque martyr.³¹⁰ (...) XI. Quand j'entends des libertins railler de la Religion, & prétendre l'avoit bien combattue, lorsqu'ils ont ri de quelques pratiques particulières & de quelques dévotions populaires; qu'ils traitent d'abus & de superstitions; ou leur ignorance me fait pitié, ou leur malignité me donne de l'indignation. (...) Si dans ces pratiques & dévotions, il se glisse quelque chose de superstitieux, l'Eglise le condamne elle-même(...) Voilà ce que nos libertins doivent savoir, & à quoi ils devroient faire attention. S'ils ne le savent pas, c'est dans ces grands génies & ces esprits-forts du siècle une ignorance pitoyable. S'ils le savent, c'est dans eux une malignité encore moins supportable, de s'attaquer vainement & si opiniãtrem à l'accessoire de la Religion, & de n'en vouloir pas considérer l'essentiel & le principal".³¹¹

Nesta obra, o t3pico crucial da nossa temãtica, a liberdade de pensamento 3, tamb3m, debatida na sua rela33o com a libertinagem:

"Libert3 de Penser: (...) On ne veut donc pas g3ner les Sciences, mais on veut que la Religion soit respect3e. L'abandonnera-t-on à la langue des impies? La libert3 de penser, ira-t-elle jusqu'a autoriser a'Ath3isme & le Libertinage? Les Philosophes les plus mod3r3s ne pourront nier, que, si un savant faisoit un usage aussi d3testable de ses talents, il faudroit r3primer son audace, & lui arracher la plume, comme on arrache l'3p3e de la main d'un furieux. (...)"³¹²

Acerca dos mist3rios crist3os rejeitados pelos libertinos, refere o dicionãrio:

"Mysteres. (...) que ce grand Mystere, y que tous les mysteres particuliers qui ont rapport & qui font le corps de la Religion, aient 3t3 pr3ch3s aux Gentils, & surtout qu'en vertu de cette pr3dication ils aient 3t3 crus dans le monde, je ne pense pas que ni lui (P. Bourdaloue), ni tout

³¹⁰ Tamb3m lhe s3o apresentados os devaneios e as v3s imagina33es de um novo Fil3sofo, que quer regular o mundo como lhe apetece, que raciocina sobre todas as partes deste grande Universo, sobre a natureza e a disposi33o de todos os seres que o comp3em, com tanta seguran3a como se fosse obra das suas m3os: 3 isto que este grande g3nio admira, que pondera profundamente, que apoia obstinadamente, ao qual 3st3 ligado e pelo qual se faria quase um m3rtir. (Aubanel, *Dictionnaire Anti-Philosophique*, 2 Tomos. Vol. 1. p. 176.)

³¹¹ "XI. Quando ou3o os libertinos zombarem da religi3o e afirmarem que a combateram bem, quando se riram de certas prãticas particulares e devo33es populares, que eles chamam de abusos e supersti33es, ou a sua ignorãncia me faz ter pena deles ou a sua malignidade me deixa indignado. (...) Se algo de supersticioso se insinua nessas prãticas e devo33es, a pr3pria Igreja condena-o (...) 3 isto que os nossos libertinos devem saber e a que devem prestar aten33o. Se n3o o sabem, 3 uma ignorãncia lamentãvel da parte desses grandes g3nios e mentes fortes do s3culo. Se o sabem, 3 uma malignidade ainda menos tolerãvel da parte deles atacar em v3o e t3o obstinadamente os aspectos incidentais da religi3o, e n3o querer considerar os seus aspectos essenciais e principais." (Aubanel. Vol. 1, pp 176–177.)

³¹² Aubanel. Vol. 1, p. 256.

autre libertin comme lui, soit assez aveugle & assez dépourvu de connoissance, pour former sur cela le moindre doute.³¹³ (...) Que ces mystères, qu'il (P. Bourdaloue) prétend incroyables, ont été crus d'une foi si constante, (...) Equiparando, neste contexto: La superstition & le libertinage l'ont (la foi) combattue de toutes leurs forces; mais de même que nous voyons les flots de la mer furieux & courroucés se briser à un rocher où ils viennent fondre de toutes parts (...)."³¹⁴

Acerca de um dos temas mais importantes do pensamento libertino, que é a perseguição, o dicionário expõe o seguinte:

“Persécution. Doit-on punir les Impies dogmatisants? (...) Il est donc question de savoir, s'il est permis de réprimer par des châtimens exemplaires les Auteurs de ces sortes d'ouvrages, qui troublent la Société, en détruisant les principes d'une morale qui font les fondemens de cette Société. Il me semble qu'il n'y aura qu'une réponse à ce sujet; & si la glaive, le feu, s& le gibet paroissent une punition très violente, qu'on prenne des moyens aussi efficaces m quoique moins effrayans, pour les empêcher de dogmatiser. Qu'on les enferme & qu'on les dérobe aux yeux de ce monde, qu'ils voudroient bouleverser par leurs écrits. Refere, com certeza, referindo-se a Théophile de Viau e aux filósofos: C'est une contradiction singulière qu'on condamne au bucher de jeunes libertins qui, séduits par des écrits impies, auront outragé publiquement la Religion; tandis que les Auteurs des ouvrages qui les ont séduits, ont la liberté de semer de nouveaux poisons, qui peut-être fermenteront encore dans des cerveaux foibles.”³¹⁵

No que respeita aos Filósofos, expõe e questiona a visão de Voltaire sobre a realidade libertina:

“Philosophe. Examen du portrait que M. de V. fait du Philosophe. Le Philosophe, tel que le peint M. de V. est un homme admirable. Il enseigne la morale & il la pratique, mais comment

³¹³ “Mistérios... (...) que este grande Mistério, e todos os mistérios particulares que se relacionam e compõem o corpo da Religião, foram pregados aos gentios, e especialmente que em virtude desta pregação eles foram acreditados no mundo, eu não acho que ele (Padre Bourdaloue), ou qualquer outro libertino como ele, seja cego o suficiente ou não tenha conhecimento suficiente para formar a menor dúvida sobre isso...” (Aubanel. Vol 2, p. 44.)

³¹⁴ “(...) Que estes mistérios, que ele (P. Bourdaloue) diz serem incríveis, tenham sido acreditados com uma fé tão constante, (...) Equiparando, neste contexto: A superstição e a libertinagem lutaram contra ela (a fé) com todas as suas forças; mas da mesma forma que vemos as ondas furiosas e iradas do mar a quebrarem-se contra uma rocha onde se vêm derreter de todos os lados (...).” (Aubanel. Vol. 2, pp. 47, 48)

³¹⁵ “Perseguição. (...) A questão é, pois, a de saber se é lícito reprimir com castigos exemplares os autores deste género de obras, que perturbam a sociedade destruindo os princípios de moralidade que constituem os fundamentos dessa sociedade. Parece-me que só há uma resposta para esta questão; e se a espada, o fogo e a força parecem ser punições muito violentas, que se utilizem meios igualmente eficazes mas menos assustadores para os impedir de dogmatizar. Prendam-nos e escondam-nos dos olhos do mundo, que eles gostariam de perturbar com os seus escritos. É uma contradição singular que jovens libertinos que, seduzidos por escritos ímpios, insultaram publicamente a religião devam ser condenados à fogueira; enquanto os autores das obras que os seduziram são livres para semear novas sementes, que ainda podem fermentar em mentes fracas.” (Aubanel. Vol. 2, pp 60-61.)

le prouve-t-il? par l'exemple d'un homme qui vivoit il y a deux mille ans; par celui de Confucius; mais pour un Philosophe sage & modéré, tel que celui-là, combien trouve-t-on de libertins, de débauchés, de séditieux, de sujets rebelles."³¹⁶

A alusão do dicionário à libertinagem de *mœurs* permite compreender que estabelece uma distinção entre aquela e o libertinismo filosófico:

“On ferait assurément un très-gros livre des querelles, des friponneries, des violences de ceux qui prirent en divers temps de nom de Philosophe & cachèrent leurs vices & leur inutilité sous le manteau de la sagesse: On n'oublieroit ni Diogène, qui mordait quand on n'avoit rien à lui donner; ni Sénèque, qui écrivit une satire contre son Prince, & qui de plus fut concussionnaire & usurier en prêchant le mépris des richesses; ni ces Philosophes dont parle Tatien, lesqueles se haïssoient les uns les autres, se déchiroient mutuellement, s'arrachent les postes de faveur, &c. Nous ne parlerons point du libertinage de *mœurs*,³¹⁷ qui feroit un chapitre très-long dans l'histoire de ces graves personnages.”³¹⁸

No que concerne à Razão, o dicionário explana que esta não é antagônica à Fé. Ao equiparar a Fé a *esprit*, o dicionário distingue-a de *bel-esprit*, enquanto a confronta. Neste sentido pode concluir-se que para este dicionário, a libertinagem é para o sofista dissoluto o que a razão é para o filósofo virtuoso:

“Raison. (...) Plus on aura d'abondance d'esprit, avec la foi, plus la foi sera facile. Ce n'est pas l'esprit qui est à craindre pour elle ; c'est la mauvaise foi du bel esprit. Ce n'est pas la raison di philosophe vertueux; c'est le libertinage d'un Sophiste dissolu.”³¹⁹

No tocante à Religião, a obra defende que é do interesse dos libertinos que ela seja falsa e alega que o próprio D'Alembert teria anuído que o ateísmo se baseia na libertinagem de coração. Argumenta, igualmente, que é necessário ter precauções quando se trata de acusar de impiedade escritores célebres,

³¹⁶ “Filósofo”. Exame do retrato de M. de V. do Filósofo. O Filósofo, tal como foi pintado por M. de V., é um homem admirável. Ensina a moral e pratica-a, mas como é que a prova? com o exemplo de um homem que viveu há dois mil anos; com o de Confúcio; mas para um filósofo sábio e moderado como aquele, quantos libertinos, devassos, sediciosos, súbditos rebeldes encontramos.” (Aubanel. Vol. 2, p. 66.)

³¹⁷ Alusão a libertinagem de *mœurs* (costumes), distinguindo-a da de pensamento.

³¹⁸ “Certamente que se faria um livro muito grande com as querelas, as frivolidades, as violências daqueles que, em diversas épocas, tomaram o nome de Filósofo e esconderam os seus vícios e as suas inutilidades sob o manto da sabedoria: Não esqueceremos Diógenes, que morde quando ninguém tinha nada para lhe dar; nem Séneco, que escreveu uma sátira contra o seu Príncipe, e que, além disso, era um concussionista e usurário ao pregar o desprezo pelas riquezas; nem aqueles Filósofos de que fala Taciano, que se odiavam uns aos outros, se despedaçavam uns aos outros, roubavam uns aos outros posições favorecidas, etc. Não falaremos da libertinagem dos costumes, que daria um capítulo muito longo na história desses personagens graves.”

³¹⁹ Aubanel, *Dictionnaire Anti-Philosophique*, 2 Tomos. Vol. 2, p. 105.

pois poderá por essa via autorizar-se a incredulidade dos comezinhos. Conclui que a incredulidade é uma espécie de fé para os ímpios.

“Religion. (...) Quand les Apologistes de la Religion disent, que la source la plus ordinaire de l’incrédulité est dans l’intérêt que les libertins ont que la Religion soit fausse, les Incrédules crient à l’injustice. (...) M. d’Alembert ajoute plus bas (em de l’abus de la critique en matière de Religion) “Quand on ne se contentera de dire à un Athée, qu’il n’est pas d’Athée de bonne foi, & que l’Athéisme a sa source dans le libertinage du cœur, on aura sans doute raison en général.” M. d’Alembert remarque ensuite, & son observation est également juste & importante, qu’il faut être d’autant plus réservé à accuser d’impiété des Ecrivain célèbres, qu’on fournit par là une autorité au vulgaire des Incrédules.” L’autorité, ajoute-t-il, est le grand argument de la multitude, & l’incrédulité, disoit un homme d’esprit, est une espèce de foi pour la plupart des Impies.”³²⁰

Ainda na mesma obra, na entrada sobre John Toland, é feita referência a outro ponto essencial da mundividência libertina que é a máscara. Menciona-se que a idade terá agravado os princípios abomináveis do autor, levando-o a redigir uma obra em que levanta a máscara e se expõe.

“Toland. (...) Toland eut encore cette ressemblance avec le chef de nos Mécréants à la mode; c’est que l’âge, loin de le corriger, ne fit que l’enfoncer davantage dans ses abominables principes. Il leva entièrement le masque³²¹ dans son *Pantheisticon, sive formula celebrandæ fodalitatis Socraticæ 1720*, in 8°. Cosmopoli, c’est-à-dire, à Londres.”

Na continuação deste artigo, fica, plenamente, clarificado o que se pode considerar a religião dos filósofos libertinos: são panteístas, pessoas que só conhecem o Universo como divindade.

“Ce formulaire (a obra referida no parágrafo anterior) d’une Société de Disciples de Socrate, est en forme de Dialogue entre le Président & les Membres de la Société: Le Président recommande l’amour de la vérité, de la liberté & de la santé, & les encourage à être de bonne humeur, sobres, tempérants, & dégagés des superstitions populaires: Il leur lit des passages

³²⁰ “A religião. (...) Quando os Apologistas da Religião dizem que a fonte mais comum de incredulidade é o interesse dos libertinos em que a religião seja falsa, os incrédulos gritam. (...) M. d’Alembert acrescenta mais abaixo (em de l’abus de la critique en matière de Religion) “Quand on ne se contentera de dire à un Athée, qu’il n’est pas d’Athée de bonne foi, & que l’Athéisme a sa source dans le libertinage du cœur, on aura sans doute raison en général.” M. d’Alembert então observa, e sua observação é igualmente justa e importante, que se deve ser tanto mais reservado ao acusar Escritores famosos de impiedade, que se fornece assim uma autoridade para os descrentes vulgares.” A autoridade, acrescenta ele, é o grande argumento da multidão, e a incredulidade, diz um homem espirituoso, é uma espécie de fé para a maioria dos Ímpios.” (Aubanel. Vol. 2, p. 114.)

³²¹ Referência expressa à dissimulação/máscara libertina.

de Ciceron & de Sénèque, & quelquefois il chante des Vers tirés des anciens Poètes, & convenables à leurs maximes: les odes d'Horace sont leurs Hymnes. A l'égard de la Religion de ces Philosophes libertins, leur nom la fait assez connoître: Ce sont des Pathéistes, des gens qui ne reconnoissent d'autre Divinité que l'Univers. Cette pièce singulière est composé d'antiennes, de Leçons, de Litanies, & etc. Le but de l'Auteur étoit à la fois de tourner en ridicule les Liturgies Chrétiennes & de répandre son libertinage. Il semble qu'il sentit lui-même qu'il s'étoit trop livré à son imagination dérégée ; car il la fit imprimer secrètement à ses dépens, & n'en fit tirer qu'un petit nombre d'exemplaires."³²²

Também Vanini, autor chave do libertinismo do século XVII, é mencionado no dicionário, sendo feita referência à sua libertinagem:

“Vanini. (...) Son inconstance & sa légèreté le conduisirent dans un grand nombre de pays de l'Europe. Il changeoit de nom à mesure qu'il changeoit de contrée. Il fut Pompeio en Gascogne, Julio Sésare en Hollande, Vanino à Paris; Taurisano à Lyon, Lucilio à Toulouse: Son goût pour les voyages fut plutôt la source de ses différentes courses, que l'envie de faire des prosélystes. Cependant le Père Mersenne assure (dans son Commentaire sur la Genese) qu'il avoua devant le Parlement assemblé, qu'il avoit conçu à Naples l'étrange dessein d'aller répandre l'Athéisme dans le monde, avec douze compagnons de son libertinage, & que la France lui étoit échoué par le sort. Il est difficile de concevoir que Vanini, cherchant à se justifier, eut fait un pareil aveu devant une Cour Souveraine, qui pouvoit aggraver son supplice, (...).”³²³

³²² “Este formulário (a obra referida no parágrafo anterior) de uma Sociedade de Discipulos de Sócrates, tem a forma de um Diálogo entre o Presidente e os Membros da Sociedade: O Presidente recomenda o amor à verdade, à liberdade e à saúde, e encoraja-os a serem de bom humor, sóbrios, moderados e livres de superstições populares: Lê-lhes passagens de Cícero e Séneca, e por vezes canta versos dos poetas antigos, apropriados às suas máximas: as odes de Horácio são os seus hinos. No que respeita à religião destes filósofos libertinos, o seu nome é suficientemente claro: são Panteístas, pessoas que não reconhecem outra Divindade para além do Universo. Esta peça singular é composta por antifonas, lições, ladainhas, etc. O objetivo do autor era, ao mesmo tempo, ridicularizar as liturgias cristãs e difundir a sua libertinagem. Parece que ele próprio sentiu que tinha dado demasiada liberdade à sua imaginação desenfreada, pois mandou imprimir secretamente, a expensas suas, e só imprimiu um pequeno número de exemplares.” (Aubanel, *Dictionnaire Anti-Philosophique*, 2 Tomos. Vol. 2 p. 181.)

³²³ “Vanini (...) A sua inconstância e leveza levaram-no a um grande número de países europeus. Mudou de nome à medida que se deslocava de um país para outro. Foi Pompeio na Gasconha, Julio Sésare na Holanda, Vanino em Paris; Taurisano em Lyon, Lucilio em Toulouse: o seu gosto pelas viagens foi antes a fonte das suas várias andanças, do que o desejo de fazer proselitismo. No entanto, o Padre Mersenne assegura-nos (no seu Comentário ao Génesis) que ele confessou perante o Parlamento reunido que tinha concebido em Nápoles o estranho plano de ir espalhar o Ateísmo pelo mundo, com doze companheiros da sua libertinagem, e que a França lhe tinha falhado por destino. É difícil imaginar que Vanini, procurando justificar-se, tivesse feito tal confissão perante um tribunal soberano, o que poderia ter agravado o seu tormento (...).” (Aubanel. Vol. 2, pp. 209, 210.)

A última entrada sobre a qual nos debruçamos é a de Voltaire. É feita uma resenha histórica da sua vida e da sua postura, associando-o aos libertinos e à incredulidade. Faz-se referência às suas reflexões no *Dictionnaire* em que, em VII, se coteja a diferença entre os grandes homens que defenderam a religião cristã e os libertinos que a combateram. Neste contexto é salientado o momento em que Voltaire cita Diocles, expressando o seu espanto e agrado por ver Epicuro reconhecer e homenagear os Deuses. Esperando que de forma análoga os contemporâneos do dicionário pudessem, um dia, ter exclamação semelhante perante o reconhecimento e as honrarias que os grandes homens da história fariam à religião cristã:

“Vol.** §. i. Idée de sa vie & de ses Ouvrages. (...) Le Collège de Louis-Le Grand, cette Ecole de l’esprit & du cœur, fut pour lui l’écueil de le plus funeste. Ce n’est que ses Professeurs de lui donassent de bonnes leçons, & des exemples encore meilleurs; mais plus flatté de l’aplaudissement des jeunes Libertins du Colège (...). E des remontrances de ses Maître, il lâcha la bride à son orgueilleuse témérité. Tout le monde sait que le Père de Jay, son Professeur de Rhétorique, lui prédit dès lors qu’il feroit l’étendard de l’Incrédulité.”³²⁴

Résultat Des Réflexions répandues dans ce Dictionnaire. (...) VII: Différence entre les grands Hommes qui ont défendu la Religion Chrétienne & les libertins qui l’ont combattue. S’il y a des Incrédules d’Esprit & qui la plupart ne soient point des Incrédules de cœur, qu’ils fassent réflexion à la soumission aveugle que tant de grands Hommes ont eue pour les vérités du Christianisme. (...) Dioclès, Philosophe Païen, voyant un jour Epicure entrer dans un temple s’écria; “Quelle fête! Quel spectacle pour moi de voir Epicure reconnoître les Dieux & leur rendre hommage!” Tous ceux qui doutent encore de la Religion & même ceux qui en sont convaincus, ne pourroient-ils pas dire, quoique dans un sens différent, à l’égard de la comparaison, “quel spectacle! Quel exemple, quelle autorité pour nous de voir tant de grands Hommes & reconnus pour tels dans tous les siècles, professer si autement da Religion Chrétienne, en défendre la verité, consacrer leurs talens & leurs plumes pour la soutenir, & vivre conformément aux préceptes qu’elle enseigne!”³²⁵

³²⁴ Aubanel. Vol.2, p. 217.

³²⁵ “Vol.** §. i. Síntese da sua vida e da sua obra. (...) O Collège de Louis-Le Grand, essa escola do espírito e do coração, foi para ele a mais funesta das armadilhas. Os seus professores deram-lhe boas lições e ainda melhores exemplos, mas ele sentiu-se mais lisonjeado com os aplausos dos jovens libertinos do Colégio (...). E apesar das admoestações dos seus Mestres, deu azo à sua orgulhosa temeridade. Todos sabem que o Padre de Jay, seu professor de retórica, previu que ele se tornaria o porta-estandarte da incredulidade.

Resultado das reflexões deste Dicionário. (...) VII: Diferença entre os grandes homens que defenderam a religião cristã e os libertinos que a combateram. Se há incrédulos de espírito e que, em sua maioria, não são incrédulos de coração, que reflitam sobre a submissão cega que tantos grandes homens tiveram

O *Dictionnaire d'Antiphilosophisme, ou réfutation des erreurs du 18^o siècle, d'après Nonnotte³²⁶ et Chaudon,³²⁷* cuja versão, publicada em 1856, consultámos, faz inúmeras referências à libertinagem e a conceitos que são caros à nossa investigação.

Já no seu prefácio, acusa o *Dictionnaire Philosophique* de fazer louvor à libertinagem e de esta ser uma escola aberta ao materialismo, associando-a diretamente aos “espíritos-fortes”, considerando-os como os mentores das máximas libertinas, e, mais uma vez, fazendo referência à libertinagem como a recusa de todo o jugo:

“De tous les ouvrages que la fureur de l'irréligion a lancés dans le monde, il n'y en a peut-être aucun qui soit marqué à des traits plus noirs que le “Dictionnaire philosophique. C'est un autel élevé au libertinage et une école ouverte au matérialisme.³²⁸ Malheur aux maisons et aux familles (dit...) qui donnent accès chez elles aux esprits forts! Les troubles, les calamités, les dissensions domestiques y entrent bientôt. Elles deviennent bientôt des écoles où les maximes du libertinage sont enseignées. (...) Quelle paix et quelle union peu-t-il y avoir dans un lieu où le libertinage seul et le mépris de tout joug lient ceux que l'habitent? Quel chaos! Quel théâtre d'horreur et de confusion deviendrait la société générale des hommes, si les maximes du libertinage prévalaient parmi eux et étaient érigées en lois publiques! Quelle affreuse

às verdades do cristianismo. (...) Diocles, um filósofo pagão, viu uma vez Epicuro entrar num templo e exclamou: “Que festa! Que espetáculo para mim ver Epicuro reconhecer os Deuses e prestar-lhes homenagem!” Não poderiam todos aqueles que ainda duvidam da Religião e mesmo aqueles que estão convencidos dela, dizer, embora num sentido diferente, em relação à comparação, “que espetáculo! Que exemplo, que autoridade para nós vermos tantos grandes Homens e reconhecidos como tais em todos os séculos, professando tão fervorosamente a Religião Cristã, defendendo a sua verdade, dedicando os seus talentos e as suas penas para a apoiar, e vivendo de acordo com os preceitos que ela ensina!” (Aubanel. Vol. 2 pp. 236–237.)

³²⁶ Claude-Adrien Nonnotte, Besançon (1711-1793). Controversialista francês, conhecido pelos seus escritos contra Voltaire. Jesuíta, Nonnotte, refutou, anonimamente o *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations* de Voltaire (1756) com o *Examen Critique ou Réfutation du Livre des Moeurs* (1762). Nonnotte alega existirem erros históricos e doutrinários na obra de Voltaire. Voltaire respondeu em *Eclaircissements historiques, e*, durante vinte anos, resistiu às investidas a Nonnotte. Após a extinção da Companhia de Jesus (1767), Nonnotte recolheu-se em Besançon e, em 1779, acrescentou um terceiro volume *L'esprit de Voltaire dans ses écrits*, às *Erreurs de Voltaire*, que não obteve a aprovação do censor de Paris. Contra o *Dictionnaire Philosophique*, Nonnotte publicou o *Dictionnaire Philosophique de la Religion* (1772). No fim da vida, Nonnotte publicou *Philosophes des Trois Premiers Siècles de l'Eglise - ou Portraits Historiques des Philosophes Payens qui Ayant Embrassé le Christianisme en Sont Sevenus les Défenseurs par Leurs Écrits*. (1789), em que estabeleceu comparação entre os filósofos antigos e os modernos. Também redigiu *Lettre à un Ami sur les Honnêtetés Littéraires* (1766), e *Réponse aux Éclaircissements Historiques et aux Additions de Voltaire* (1774). Foi, também, autor de *L'Amplioi de l'Argent* (1787) e *Le gouvernement des Paroisses* (postúmo, 1802). A Coletânea da totalidade da sua obra foi publicados sob o título *Oeuvres de Nonnotte* (Besançon, 1819).

³²⁷ Nonnotte, “Dictionnaire d'Antiphilosophisme, Ou Réfutation Des Erreurs Du 18^e Siècle, d'après Nonnotte et Chaudon”.

³²⁸ Nonnotte. p. 24.

république, s'il pouvait jamais s'en former une dans l'univers toute composée d'impies, et où les hommes ne pussent mériter que par l'impiété le titre de citoyen!"³²⁹

Este dicionário refere, expressamente, que o objetivo do seu autor é proteger a Religião, rejeitando todos os ataques dos libertinos e incrédulos. Defende que existem questões, tais como a matéria, a alma, a alma dos animais, a certeza, o bem soberano, o destino, etc., que podem interessar à razão, mas que são, facilmente, deturpadas; e que os filósofos se debruçaram sobre todas estas questões a fim de enfraquecer a fé e favorecer a libertinagem:

“Avertissement de l'Abbé Nonotte, sur la fin que s'est proposé l'auteur du Dictionnaire antiphilosophique, et sur l'usage que l'on peut en faire. Le but de l'auteur de cet ouvrage a été de se rendre utile à tous les membres de la société chrétienne par une défense complète de la religion. Non seulement il repousse tous les traits lancés contre elle par les incrédules et les libertins; mais il présente encore toutes les preuves qui en mettent la vérité et la sainteté dans le plus grand jour.”³³⁰

Il est des questions philosophiques qui tiennent nécessairement à la religion, sur lesquelles la raison peut bien s'exercer, mais sur lesquelles aussi on peut donner dans de grands écarts: Telles sont les questions sur la matière, sur l'âme, sur l'âme des bêtes, sur la certitude, sur le souverain bien, sur le destin, etc. Il n'est aucune de ces questions sur laquelle les philosophes ne se soient efforcés de répandre des nuages, pour affaiblir la foi et favoriser le libertinage.”³³¹

Define o que é a alma, referindo que os libertinos gostam de questionar tal matéria:

³²⁹ “De todas as obras que a fúria da irreligião desencadeou no mundo, não há talvez nenhuma mais negra do que o “Dictionnaire philosophique”. É um altar erguido à libertinagem e uma escola aberta ao materialismo. Ai das casas e das famílias (diz...) que dão acesso a espíritos fortes nos seus lares! Os problemas, as calamidades e as dissensões domésticas não tardam a entrar nelas. Logo se tornam escolas onde se ensinam as máximas da libertinagem. (...) Que paz e que união pode haver num lugar onde só a libertinagem e o desprezo por qualquer jugo prendem os que lá vivem? Que caos! Que teatro de horror e confusão se tornaria a sociedade geral dos homens se as máximas da libertinagem prevalecessem entre eles e fossem estabelecidas como leis públicas! Que república terrível, se alguma vez se pudesse formar no universo, composta inteiramente de ímpios, e onde os homens só poderiam merecer o título de cidadão pela sua impiedade!” (Nonotte. pp. 27, 28.)

³³⁰ “Advertência do Abade Nonotte, sobre o final proposto pelo autor dicionário Antifilosófico, e sobre o uso que dele se pode fazer. O objeto de autoria deste objeto será útil a todos os membros da sociedade cristã que tenham uma derrota completa da religião. Ela não rejeita nada que seja lançado contra ela por incrédulos e libertinos; Mas aqui apresentamos todas as coisas que aprendemos sobre a verdade e a verdade à luz do dia.” (Nonotte. pp. 33, 34.)

³³¹ “Há questões filosóficas que estão necessariamente ligadas à religião, sobre as quais a razão pode ser exercida, mas sobre as quais também pode haver grandes desvios: são as questões sobre a matéria, sobre a alma, sobre a alma dos animais, sobre a certeza, sobre o bem supremo, sobre o destino, etc. Não há uma única destas questões sobre a qual os filósofos não tenham tentado espalhar nuvens, a fim de enfraquecer a fé e encorajar a libertinagem. Não há uma só destas questões sobre a qual os filósofos não tenham tentado lançar uma nuvem, a fim de enfraquecer a fé e encorajar a libertinagem.” (Nonotte. pp. 35, 36.)

“Ame – Qu’est que l’âme? Grande question que les libertins font avec plaisir, que les raisonneurs sont bien embarrassés de résoudre, et à laquelle il n’y a qu’une raison droite et la religion qui nous puissent mettre en état de répondre.³³²

Proposition. – L’âme est une substance spirituelle et immortelle, laquelle est dans l’homme le principe de toutes ses pensées, connaissances et sentiments.³³³ (...) Dire de l’âme, c’est ce qui anime: c’est la tout ce qu’en sait notre petite intelligence. Nous venons de voir que l’intelligence des Platon, des Aristote, des Cicéron, etc., est allée beaucoup plus loin: nous savons que les docteurs hébreux qui ont écrit plus de 600 ans avant qu’il y eût des philosophes dans la Grèce, sont allés encore plus loin. Ce nombre si prodigieux de grands génies que le christianisme a produits, s’est également prononcé de la manière la plus formelle.”

Refere que os epicuristas, os libertinos, os que teriam de temer outra vida, não poderiam querer qualificá-la de espiritual e imortal, avaliando como filósofos ociosos e libertinos os primeiros que duvidaram da imortalidade da alma: Demócrito, Dicéarque, discípulo de Aristóteles, Epicuro, Aristóxenes, e uma população filosófica depreciada por Cícero:

“Mais les épicuriens, les libertins, ceux qui craignent une autre vie, voudraient ne pas aller si loin.³³⁴ (...) Qui sont ceux qui ont été les premiers à douter de l’immatérialité de l’âme, et à dogmatiser sur ce sujet? Ce sont quelques philosophes oisifs ou libertins: Les plus anciens qu’on connaisse sont Démocrite: Dicéarque, disciple d’Aristote; Epicure, Arixtoxène le musicien, après lesquels vient une certaine populace philosophique, “*plebei philosophi*”, dont Cicéron, qui en parle, fait assez peu de cas.”³³⁵

³³² Uma das premissas libertinas: a mortalidade da alma.

³³³ “Alma - O que é a alma? Uma grande questão que os libertinos gostam de colocar, que os raciocinadores têm muita dificuldade em responder, e à qual só a reta razão e a religião podem dar resposta.

Proposição. - A alma é uma substância espiritual e imortal, que é no homem o princípio de todos os seus pensamentos, conhecimentos e sentimentos. (...) Falar da alma é falar do que a anima: é tudo o que a nossa pequena inteligência sabe a seu respeito. Acabámos de ver que a inteligência de Platão, Aristóteles, Cícero, etc., foi muito mais longe: sabemos que os doutores hebreus, que escreveram mais de 600 anos antes de haver filósofos na Grécia, foram ainda mais longe. Este número tão prodigioso de grandes génios que o cristianismo produziu, também se pronunciou da maneira mais formal.” (Nonnotte, “Dictionnaire d’Antiphilosophisme, Ou Réfutation Des Erreurs Du 18^e Siecle, d’après Nonnotte et Chaudon.” p. 59.)

³³⁴ “Mas os epicuristas, os libertinos, os que temem outra vida, não quereriam ir tão longe...” Nonnotte. p. 64.

³³⁵ “(...) Quem foram os primeiros a duvidar da imaterialidade da alma e a dogmatizar sobre este assunto? Foram alguns filósofos ociosos ou libertinos: os mais antigos que se conhecem são Demócrito; Diceu, discípulo de Aristóteles; Epicuro, Arixtoxen, o músico, depois dos quais vem uma certa ralé filosófica, “*plebei philosophi*”, à qual Cícero, que fala deles, presta pouca atenção.” (Nonnotte. p. 66.)

Sobre os ateus, esta obra faz referência à premissa libertina do temor³³⁶. diz tratar-se de uma questão defendida pelos sábios epicuristas modernos e alega que só os libertinos a recordam, refere o mesmo quanto à crença de que Deus seria fruto da política e, por fim, salienta que é óbvio que todos os ímpios, libertinos, debochados e homens injustos, devem desejar que Deus não exista:

“Athée – (...) Vous ajoutez que l’idée d’un Dieu pourrait bien être venue de la crainte, “*Primus in orbe deos facit timor*”: Il est très-probable que le premier qui a dit cela n’était pas le plus honnête homme du monde. Si un coquin pense à Dieu, il le redoute et le craint: si un homme de bien y pense, il espère en lui et il l’aime: Il serait bon de remonter quelquefois à l’origine de certains axiomes. Mais laissons cela, et tranchons la difficulté d’un seul mot.

Si c’est un fait que la crainte a fait imaginer des Dieux, nous prions les savants épicuriens modernes de nous apprendre en quel temps, en quel siècle, chez quelle nation cette nouvelle idée fut enfantée, comment elle se communiqua aux autres peuples, comment ensuite elle s’est effacée presque entièrement, et n’est plus restée que dans quelques cerveaux libertins. Nous pouvons faire les mêmes demandes à ceux qui disent que l’idée de Dieu est un fruit de la politique.³³⁷ (...) cette idée d’une Divinité est très-redoutable et très-onéreuse à quiconque se livre avec fureur à ses passions : Il est donc évident que tous les impies, les libertins, les hommes de débauche, les hommes injustes; que tous ceux qui font aujourd’hui si peu de cas de la justice, de l’honnêteté, de la religion, de la décence dans les mœurs, doivent désirer qu’il n’y ait point de Dieu; (...)

Il y a trois mille ans qu’un grand roi disait: Le libertin a consulté son cœur, et son cœur lui a dit: De quoi te mets-tu en peine, il n’y a point de Dieu: “Dixit insipiens in corde suo, non est Deus (Psal. XIII, 1.) Cela s’est bien répété depuis lors; mais le cœur d’un libertin est un mauvais conseiller: Voilà tout l’athéisme développé ou expliqué.”³³⁸

³³⁶ A premissa libertina do temor prende-se com a noção libertina, herdada de Epicuro de que o homem vive subjugado pela expectativa temerosa do julgamento de Deus que teria o registro dos pecados praticados ou não, para condenação ou remuneração eterna das almas. O indivíduo, crente na imortalidade da alma e sujeito ao constante temor, manter-se-á em constante estado de autocensura e evitará cometer atos que o legislador haja prescrito como heréticos e pecaminosos. As suas conseqüências eternas dos seus atos e, mesmo, pensamentos norteavam a vida terrestre dos sujeitos. Se o homem estiver ciente da mortalidade da alma e da finitude do ser, livrar-se-á do fardo do julgamento divino, do inferno e da onipotência de Deus e poderá participar na dinâmica da Natureza.

³³⁷ Terceira premissa libertina: hipocrisia política.

³³⁸ “Ateu - (...) Acrescenta que a ideia de um Deus pode muito bem ter surgido do medo, “*Primus in orbe deos facit timor*”: é muito provável que a primeira pessoa a dizer isto não tenha sido o homem mais honesto do mundo. Se um patife pensa em Deus, teme-o e recebe-o; se um homem de bem pensa nele, espera-o e ama-o: seria bom voltar de vez em quando à origem de certos axiomas. Mas deixemos isso e resolvamos a dificuldade com uma única palavra.

Nonnotte considera que os ímpios e os libertinos reduzem a religiosidade ao fanatismo:

“Les Impies et les libertins présentent toujours ce grand mot de fanatisme comme le plus horrible épouvantail de la vertu et de la raison. C’est leur cri de guerre, c’est leur mot favori, et qu’ils emploient à tout propos : Tout ce qui est religion aux yeux de l’homme sage est fanatisme à ceux du libertin.³³⁹

Mais s’il y a un zèle outré et aveugle, il peut y avoir aussi un zèle modéré, sage et éclairé, un zèle qui soit aussi nécessaire pour maintenir les justes droits de la religion que les lois civiles le sont pour maintenir les droits de la société, un zèle qui puisse servir contre les impies et le libertins, comme les lois civiles sévissent contre les malfaiteurs et les perturbateurs de l’ordre et de la paix dans la société. Cependant ces messieurs les philosophes se gardent bien de faire cette distinction nécessaire ; ils enveloppent généralement sous le nom de fanatisme tout ce qui est zèle de religion. Mais s’il est permis de donner ce nom odieux à tout exercice d’autorité dans la religion, pourquoi ne pas le donner également à tout exercice d’autorité dans la société civile? Oh! Les libertins ont de bonnes raisons pour n’en rien faire: Ils peuvent sans danger crier au fanatisme des prêtres. Ils risqueraient d’en faire autant pour les magistrats.³⁴⁰

Ni l’homme de bien, ni le libertin, n’ont besoin qu’on leur prouve qu’il y a un ciel, c’est-à-dire un lieu destiné aux récompenses de la vertu. L’homme de bien en est assuré par l’idée

Se é um facto que o medo fez com que as pessoas imaginassem deuses, pedimos aos doutos epicuristas modernos que nos digam em que época, em que século, em que nação nasceu esta nova ideia, como se espalhou por outros povos e como depois se desvaneceu quase totalmente, permanecendo apenas em algumas mentes libertinas. Podemos fazer as mesmas exigências àqueles que dizem que a ideia de Deus é um produto da política. (...) esta ideia de uma Divindade é muito desejável e muito venenosa para quem se entrega furiosamente às suas paixões: é, pois, evidente que todos os ímpios, os libertinos, os homens de devassidão, os homens injustos; que todos aqueles que hoje tão pouco se preocupam com a justiça, a honestidade, a religião, a decência dos costumes, devem desejar que não haja Deus; (...)

Há três mil anos, um grande rei dizia: O libertino consultou o seu coração, e o seu coração disse-lhe: Para que te preocupas, não há Deus: "Dixit insipiens in corde suo, non est Deus (Salmo XIII, 1.) Isto tem sido repetido desde então; mas o coração de um libertino é um mau conselheiro: aqui está todo o ateísmo desenvolvido ou explicado." (Claude-François Nonnotte; Chaudon. Dictionnaire d'Antiphilosophisme, Ou Réfutation Des Erreurs Du 18o Siecle, d'après Nonnotte et Chaudon. In Troisième et Dernière Encyclopédie Théologique, 18, edited by Editeur aux Ateliers Catholiques M. l'abbé Migne. Paris: M. J.-P. Migne, Éditeur, 1856. p. 110.)

³³⁹ “Os ímpios e os libertinos apresentam sempre esta grande palavra fanatismo como o mais horrível espantalho da virtude e da razão. É o seu grito de guerra, a sua palavra preferida, que utilizam em todas as ocasiões: tudo o que é religião aos olhos do sábio é fanatismo aos olhos do libertino.” (Nonnotte. p. 122.)

³⁴⁰ “Mas se há um zelo excessivo e cego, também pode haver um zelo moderado, sábio e esclarecido, um zelo que é tão necessário para manter os justos direitos da religião como as leis civis o são para manter os direitos da sociedade, um zelo que pode servir contra os ímpios e os libertinos, como as leis civis reprimem os malfaitores e aqueles que perturbam a ordem e a paz da sociedade. No entanto, estes senhores filósofos têm o cuidado de não fazer esta distinção necessária; geralmente juntam tudo o que é zelo religioso sob o nome de fanatismo. Mas se é permitido dar esse nome odioso a qualquer exercício de autoridade na religião, por que não dá-lo igualmente a qualquer exercício de autoridade na sociedade civil? Oh, os libertinos têm boas razões para não o fazer: podem afirmar com segurança que os padres são fanáticos. Arriscam-se a fazer o mesmo com os magistrados.” (Nonnotte. p. 123.)

de la justice, de la sainteté et de la sagesse de Dieu ; le libertin sait bien qu'il n'a rien à y prétendre.³⁴¹

Chinois – Pour donner un air plus triomphant aux déistes, Voltaire nous vante beaucoup les lettrés chinois, et il fait des déistes de tous les lettrés chinois. Il suppose que le déisme est une espèce de confraternité établie entre tous les gens de lettres depuis Paris jusqu'à Pékin: que c'est la religion des hommes raisonnables et philosophes, et qu'on n'est jamais chrétien et lettré tout à la fois. C'est en conséquence de ces belles idées que les petits suffisants superficiels, déistes par ignorance et par libertinage parlent si hardiment, d'après leur grand oracle, des lettrés chinois et de la religion des lettrés chinois."³⁴²

Nonnotte menciona que o Cristianismo jamais sofreu ataques tão graves como os perpetrados pela libertinagem e pela incredulidade:

“Christianisme – Elle (cette religion) ne s'est établie sur la terre, qu'en passant par les plus redoutables épreuves que l'on puisse imaginer: Pendant trois cents ans les maîtres du monde et toutes les puissances de la terre se sont armées contre elle, et elle en a triomphé: (...). Mais, en parcourant les fastes du monde, on ne trouve pas qu'elle ait jamais eu à soutenir de plus redoutables attaques que celles qu'elle éprouve de nos jours de la part du libertinage et de l'incrédulité.”³⁴³

Menciona, expressamente, a oposição dos libertinos ao dogma da criação:

“Création – (...) ART. II – Absurdités qu'opposent les libertins à l'histoire et sur le dogme de la création. (...) Nous ferons seulement un mot de réponse à ce que le Dictionnaire Philosophique présente au mot Genèse.”³⁴⁴

³⁴¹ “Nem o homem de bem nem o libertino precisam de provar que existe um céu, isto é, um lugar destinado às recompensas da virtude. O homem de bem está seguro disso pela ideia da justiça, da santidade e da sabedoria de Deus; o libertino sabe muito bem que não tem direito a isso.” (Nonnotte. p. 306.)

³⁴² “Chinês - Para dar aos deístas um ar mais triunfante, Voltaire exalta os literatos chineses e faz de todos os literatos chineses deístas. Parte do princípio de que o deísmo é uma espécie de confraria estabelecida entre todos os literatos, de Paris a Pequim: que é a religião dos homens razoáveis e filosóficos, e que nunca se pode ser cristão e erudito ao mesmo tempo. É em consequência destas belas ideias que os presunçosos superficiais, deístas por ignorância e libertinagem, falam com tanta ousadia, segundo o seu grande oráculo, dos literatos chineses e da religião dos literatos chineses.” (Nonnotte. p. 220.)

³⁴³ “Cristianismo – Ela (esta religião) só foi estabelecida na terra passando pelas provações mais formidáveis que se possam imaginar: Durante trezentos anos os senhores do mundo e todos os poderes da terra estiveram armados contra ela, e ela triunfou: (...). Mas, viajando pelos esplendores do mundo, não descobrimos que ele alguma vez tenha tido de suportar ataques mais formidáveis do que aqueles que sofre hoje devido à libertinagem e à incredulidade.” (Nonnotte. p. 226.)

³⁴⁴ “Criação - (...) ART. II - Absurdos opostos pelos libertinos à história e ao dogma da criação. (...) Responderemos apenas ao que o Dicionário Filosófico tem a dizer sobre o Génesis.” (Nonnotte. p. 374.)

O autor do dicionário, refere-se, mais uma vez, aos libertinos como inimigos do culto, quando reporta que estes usam a epístola de João, a qual se deve adorar em espírito e verdade, e quando alega que estes ao referirem-se ao culto usam os termos de superstições absurdas, que pertencem à esfera das ocupações do povo:

“Culte – (...) Artº 1^{er}. - Nécessité du culte de religion. (...) Voilà des idées très-simples et très-claires. C’est la plus pure raison qui nous les présente elle-même. C’est Dieu qui les a gravés lui-même dans le cœur de l’homme en le créant. On sait très bien que le libertinage et les passions peuvent les affaiblir et les obscurcir; mais elles ne peuvent jamais les effacer entièrement. Or, c’est sur ces idées et ces vérités qu’est fondé le culte de religion.

Ce serait en vain que les libertins, philosophes et autres ennemis du culte, nous opposeraient cette parole du Fils de Dieu, qu’il “faut adorer en esprit et en vérité” (Jean IV, 23.)

Il est donc vrai que le culte est établi par une autorité divine, et qu’il n’a pour fin que la gloire de l’Etre suprême et la sanctification des créatures. Or, ces deux titres en démontrent incontestablement la sainteté. Que des libertins, lorsqu’ils en parlent, prodiguent, à leur ordinaire, leurs termes chéris de superstitions, d’absurdités, d’occupations bonnes pour le peuple ; (...) on ne doit pas en être surpris.

(...) Nous n’avons point parlé dans ces articles de plusieurs usages et pratiques de dévotion particulières que l’Eglise permet. Cette permission suffit pour les rendre respectables, parce que l’Eglise ne peut rien permettre qui ne soit selon le véritable esprit de la religion. Les railleries que font quelquefois sur ces sujets quelques libertins, ne sont que le fruit de la malignité; ce ne sont pas des objections, et elles ne méritent point une réponse.”³⁴⁵

Para definir deístas, o dicionário retoma as palavras de o *Dictionnaire Anti-Philosophique* de 1774:

³⁴⁵ “Culto - (...) Artº 1. - Necessidade do culto religioso. (...) São ideias muito simples e muito claras. É a razão mais pura que no-las apresenta. Foi o próprio Deus que as gravou no coração do homem ao criá-lo. Sabemos muito bem que a libertinagem e as paixões podem enfraquecê-las e obscurecê-las, mas nunca podem apagá-las completamente. É sobre estas ideias e estas verdades que se funda o culto da religião.

Seria em vão que os libertinos, os filósofos e os outros inimigos do culto nos opusessem às palavras do Filho de Deus, segundo as quais “devemos adorar em espírito e em verdade” (João IV, 23).

É, pois, verdade que o culto é estabelecido por uma autoridade divina e que seu único fim é a glória do Ser Supremo e a santificação das criaturas. Ora, estes dois títulos demonstram inquestionavelmente a sua santidade. Quando os libertinos falam dele, costumam prodigalizar os seus termos queridos às superstições, aos absurdos e às ocupações que fazem bem ao povo; (...) não nos devemos admirar.

(...) Não falámos nestes artigos de vários costumes e práticas de devoção particular que a Igreja permite. Esta permissão é suficiente para os tornar respeitáveis, porque a Igreja não pode permitir nada que não esteja de acordo com o verdadeiro espírito da religião. As zombarias que alguns libertinos às vezes fazem sobre esses assuntos são apenas o fruto da malignidade; não são objeções e não merecem resposta.” (Nonnotte. p. 396.)

“Déistes. Faibles fondement de leur probité: leur mauvaise foi, leur inconséquence. (...) J’ai vu quelquefois des libertins, beaux esprits, aux prises sur la religion avec de savants théologiens; et si un mouvement de compassion ne m’avait arrêté, j’aurais été tenté de rire. Il me semblait entendre une femme nier les antipodes à un géographe.”³⁴⁶

Usando da mesma estratégia no que a Desbarreaux diz respeito:

“Desbarreaux. – (...) Cela ne prouve point qu’en effet il fût athée: cela prouve seulement, ou qu’il rejetait presque tous les dogmes particuliers des religions positives, ou que, par un principe d’orgueil, il craignait qu’on ne le raillât d’être déchu de la qualité d’esprit fort, s’il ne continuait pas à parler en libertin: Il est assez apparent que ceux qui affectent dans les compagnies, de combattre les vérités les plus communes de la religion, en disant plus qu’ils n’en pensent: la vanité a plus de part à leurs disputes que la conscience.”³⁴⁷

Quanto a Descartes e a Pascal, ocorre a mesma situação:

“(…) Il est remarquable que deux philosophes aussi sublimes que Descartes et Pascal ont été en même temps infiniment éloignés de l’esprit libertin qui a, depuis, animé tant de philosophes. Descartes a toujours été très-soumis aux lumières de la révélation. Pour Pascal, sa piété fut encore plus sublime que son génie.”³⁴⁸

No mesmo dicionário rejeita-se que o autor do versículo Eclesiastes seja materialista, negando que partilhe com os libertinos do seu tempo as mesmas teorias do fim último do homem e de ausência de eternidade da alma:

“Écclesiaste. L’auteur de ce livre n’était point matérialiste. (...) Il n’y a pas moins de témérité à dire que ce livre sacré est l’ouvrage d’un “philosophe épicurien, qui répète à chaque page que le juste et l’impie et sont sujets aux mêmes accidents, que l’homme n’a rien de plus

³⁴⁶ “Deistas. Fundamentos fracos da sua probidade: a sua má fé, a sua inconsistência. (...) Vi, por vezes, libertinos, espíritos finos, em desacordo sobre religião com teólogos eruditos; e se um movimento de compaixão não me tivesse detido, teria sido tentado a rir. Parecia-me ouvir uma mulher negar os antípodas a um geógrafo.” (Nonnotte. p. 406.)

³⁴⁷ “Desbarreaux. - (...) Isto não prova que ele era de facto ateu: prova apenas que rejeitava quase todos os dogmas particulares das religiões positivas, ou que, por um princípio de orgulho, temia ser ridicularizado por ser despojado do título de mente forte, se não continuasse a falar como um libertino: É bastante evidente que aqueles que pretendem combater as verdades mais comuns da religião, ao dizerem mais do que pensam: a vaidade tem mais parte em suas disputas do que a consciência.” (Nonnotte. p. 424.)

³⁴⁸ “(...) Il est remarquable que deux philosophes aussi sublimes que Descartes et Pascal ont été en même temps infiniment éloignés de l’esprit libertin qui a, depuis, animé tant de philosophes. Descartes a toujours été très-soumis aux lumières de la révélation. Pour Pascal, sa piété fut encore plus sublime que son génie. (Nonnotte. p. 425.)

que la bête, qu'il veut mieux n'être pas né que d'exister, qu'il n'y a point d'autre vie, et qu'il n'y a rien de bon de raisonnable que de jouir en paix du fruit de ses travaux avec la femme qu'on aime.”

Voltaire aurait dû faire deux réflexions, avant que de taxer Salomon d'épicurisme³⁴⁹ (...).

Pour savoir quel parti prend l'Ecclésiaste dans la controverse sur la fin de l'homme, qu'il traite avec lui-même revenu de ses égarements, ou avec les libertins de son siècle, il n'y a qu'à lire sa conclusion. La voici : “Écoutez tous ensemble la fin de ce discours. Craignez Dieu et observez ses commandements, car là tout de l'homme, et Dieu fera rendre compte en son jugement de toutes les fautes et de tout le bien et mal qu'on aura fait”. (Eccle. XII, 13, 14)”³⁵⁰

Quanto à questão da eternidade das penas, alegam os autores que nenhum tema consegue indispor mais os libertinos, já que a impunidade seria o maior dos atrativos para os criminosos, e o medo das penas, o maior dos freios. Destacam, inclusive, Rousseau, considerando que, sendo instruído, deveria ter menos razões para duvidar da eternidade dos tormentos dos celerados:

“Eternité des Peines³⁵¹ – De tous les dogmes de la religion, il n'en est point contre lequel l'intérêt de l'homme l'indispose davantage que contre celui des peines éternelles. Les passions en sont effrayées, le libertinage irrité, la raison interdite, la vertu même ne peut y penser sans trembler. C'est contre ce dogme redoutable que l'impiété se soulève .se soulève avec le plus de fureur et fait les plus grands efforts (...).³⁵²

Enfin, il (Jean-Jaques Rousseau) dit “qu'il ignore si les tourments des méchants seront éternels, et qu'il a de la peine à le croire.” Tous les méchants ont la même peine que Rousseau. Mais son ignorance ou son infidélité sont elles excusables, s'il a pu s'instruire, s'il a dû s'instruire, ou s'il n'a pas apporté à l'instruction la bonne foi, la candeur, la docilité? Ce dogme

³⁴⁹ “Eclesiastes. O autor deste livro não era materialista. (...) Não é menos temerário dizer que este livro sagrado é obra de um “filósofo epicurista, que repete em todas as páginas que o justo e o ímpio estão sujeitos aos mesmos acidentes, que o homem não tem nada mais do que a besta, que é melhor não nascer do que existir, que não há outra vida, e que não há nada de melhor ou mais razoável do que gozar em paz o fruto do seu trabalho com a mulher que se ama” Voltaire deveria ter considerado duas coisas antes de acusar Salomon de epicurismo” (Nonnotte. pp. 472-474.)

³⁵⁰ “Para saber de que lado está o Eclesiastes na controvérsia sobre o fim do homem, se se trata dele próprio, que regressou dos seus erros, ou dos libertinos do seu século, basta ler a sua conclusão. Aqui está ela: “Escutemos todos juntos o fim deste discurso. Temei a Deus e guardai os seus mandamentos, porque há de tudo no homem, e Deus dará conta, no seu julgamento, de todas as faltas e de todo o bem e mal que se fez” (Ecle. XII, 13, 14).” (Nonnotte. p. 483.)

³⁵¹ Outra premissa libertina: negação da eternidade da alma e, do conseqüentemente, dos castigos eternos.

³⁵² “Eternidade das penas - De todos os dogmas da religião, não há nenhum contra o qual os interesses do homem o indisponham mais do que contra o das penas eternas. As paixões assustam-se, a libertinagem irrita-se, a razão proíbe-a, a própria virtude não pode pensar nisso sem tremer. É contra este dogma temível que a impiedade se levanta com mais fúria e faz os maiores esforços (...). (Claude-François Nonnotte; Chaudon. *Dictionnaire d'Antiphilosophisme, Ou Réfutation Des Erreurs Du 18o Siecle, d'après Nonnotte et Chaudon*. In *Troisième et Dernière Encyclopédie Théologique, 18*, edited by Editeur aux Ateliers Catholiques M. l'abbé Migne. Paris: M. J.-P. Migne, Éditeur, 1856. p. 335.)

a toujours été l'épouvantail des libertins, parce que l'impunité, comme dit Cicéron (Offic., I,1), étant le plus doux attrait du crime: "Impunitas, peccandi, maxima illecebra", la crainte des peines³⁵³ en est aussi le frein la plus puissant. Ce que Cicéron sentait si bien, nos philosophes modernes le sentent également."³⁵⁴

Acerca do Evangelho este dicionário tece as mesmas conclusões já analisadas no *Dictionnaire Anti-Philosophique* de 1774:

"Evangile – (...) § II. – De la morale de l'Evangile. L'obscurité que la souveraine sagesse a voulu répandre sur certains endroits des livres saints n'est souvent qu'un prétexte pour rejeter la morale dont le cœur s'accommode encore moins que la raison ne s'accommode des mystères. Si l'Ecriture Sainte du Nouveau Testament était lue dans l'esprit de droiture qui est nécessaire pour en profiter, on ose assurer qu'il n'y a ni Juif, ni païen, ni infidèle, ni libertin, qui ne trouvât qu'elle est aussi propre à manifester les vertus de l'Etre des êtres qu'a remplir tous les besoins des hommes."³⁵⁵

O mesmo dicionário qualifica os incrédulos, os libertinos e os filósofos de inimigos do Cristianismo:

"Avec cette distinction, que la nature des choses que nous expliquons exige nécessairement, nous donnons le défi à tous les incrédulos, libertins, philosophes, et d'autres ennemis du christianisme, d'opposer quelque chose à notre démonstration."³⁵⁶

Congratula-se por os libertinos, que atacam a religião cristã, serem seres corruptos no coração e desregulados nos costumes:

³⁵³ Premissa libertina: manipulação política das religiões.

³⁵⁴ "Finalmente, ele (Jean-Jaques Rousseau) diz "que não sabe se os tormentos dos ímpios serão eternos, e que lhe custa a acreditar". "Todos os maus têm a mesma dor que Rousseau. Mas será que a sua ignorância ou a sua infidelidade podem ser desculpadas, se ele pôde aprender, se teve de aprender, ou se não trouxe boa fé, candura e docilidade para a sua aprendizagem? Este dogma foi sempre o espantinho dos libertinos, porque a impunidade, como diz Cícero (Offic., I,1), sendo a mais doce sedução do crime: "Impunitas, peccandi, maxima illecebra", o medo do castigo é também o seu mais poderoso freio. O que Cícero sentia tão bem, os nossos filósofos modernos também sentem." (Claude-François Nonnotte; Chaudon. Dictionnaire d'Antiphilosophisme, Ou Réfutation Des Erreurs Du 18o Siecle, d'après Nonnotte et Chaudon. In Troisième et Dernière Encyclopédie Théologique, 18, edited by Editeur aux Ateliers Catholiques M. l'abbé Migne. Paris: M. J.-P. Migne, Éditeur, 1856. p. 546.)

³⁵⁵ "Evangelho - (...) § II - Sobre a moral do Evangelho. A obscuridade que a soberana sabedoria quis espalhar sobre certas partes dos livros sagrados não passa, muitas vezes, de um pretexto para rejeitar a moral que o coração acomoda menos ainda do que a razão acomoda os mistérios. Se as Sagradas Escrituras do Novo Testamento fossem lidas com o espírito de retidão que é necessário para tirar proveito delas, ousamos assegurar-vos que não há judeu, pagão, infiel ou libertino que não ache que elas são tão adequadas para manifestar as virtudes do Ser dos seres como para satisfazer todas as necessidades dos homens." (Nonnotte. p. 573.)

³⁵⁶ "Com esta distinção, que a natureza das coisas que explicamos necessariamente exige, lançamos o desafio a todos os incrédulos, libertinos, filósofos e outros inimigos do cristianismo, para que oponham qualquer coisa à nossa demonstração." (Nonnotte. p. 609.)

“Il est bien glorieux à la religion chrétienne que tout ce qu’il y a des libertins qui l’attaquent soient des gens corrompus dans le cœur et dérégés dans les mœurs.”³⁵⁷

Refere que se criam, constantemente, sociedades de libertinos que pelas suas impiedades e pelas suas zombarias profanam o sagrado e Deus:

“(…) Il s’élève tous les jours, dans le christianisme, des sociétés de libertins qui, par leurs impiétés et leurs railleries, profanent les choses les plus saintes, et décréditent, autant qu’ils peuvent, le service de Dieu; qui s’attaquent à Dieu même, à ce Dieu que nous adorons et voudraient en effacer toute l’idée de notre esprit; qui lui disputent jusqu’à son être, et s’efforcent de le faire passer pour une divinité imaginaire; qui ne tiennent nul compte de ses commandements, ni de son culte, et regardent comme des superstitions tous les hommages dont l’honneur; qui cherchent à lui enlever ses plus fidèles serviteurs et à les retirer de ses autels, se jouant de leurs pieuses pratiques, et les accusant ou d’hypocrisie ou de simplicité.”³⁵⁸

Continuando a argumentar sobre a Fé, o dicionário usa exatamente a mesma argumentação que havia usado o *Dictionnaire Anti-Philosophique*, de 1774, concluindo numa excelente caracterização das premissas da libertinagem:

“X. On propose à un libertin les révélations de la foi, c’est-à-dire des révélations fondées sur la tradition la plus ancienne et la plus constante, confirmées par un nombre infini de miracles et de miracles éclatants, signées d’un million de martyrs, autorisées par le témoignage des plus savants hommes et par la créance de tous les peuples; mais tout cela ne fait sur lui aucune impression, et il n’en tient nul compte. On lui propose d’ailleurs les rêveries et les vaines imaginations d’un nouveau philosophe, qui veut régler le monde selon son gré, qui raisonne sur toutes les parties de ce grand univers, sur la nature et l’arrangement de tous les êtres qui le composent, avec autant d’assurance que si c’était l’ouvrage de ses mains, qui les fait naître, agir, mouvoir, comme il lui plaît, et voilà ce que ce grand génie admire, ce qu’il

³⁵⁷ “É glorioso para a religião cristã o facto de todos os libertinos que a atacam serem pessoas de coração corrupto e de moral perturbada.” (Nonnotte. p. 621.)

³⁵⁸ “(…) Todos os dias surgem, na cristandade, sociedades de libertinos que, com a sua impiedade e o seu escárnio, profanam as coisas mais sagradas e desacreditam, tanto quanto podem, o serviço de Deus; que atacam o próprio Deus, esse Deus que adoramos, e que gostariam de apagar da nossa mente toda a ideia dele; que contestam até o seu próprio ser, e tentam fazê-lo passar por uma divindade imaginária; que não levam em conta os seus mandamentos nem o seu culto, e consideram como superstições todos os tributos que ele honra; que procuram tirar os seus servos mais fiéis e removê-los dos seus altares, zombando das suas práticas piedosas e acusando-os de hipocrisia ou de simplicidade.” (Nonnotte. p. 622.)

médite profondément, ce qu'il soutient opiniâtrément, à qui il s'attache et de quoi il se ferait presque martyr."³⁵⁹

Quanto à Liberdade de Pensamento o dicionário volta a recorrer à argumentação do *Dictionnaire Anti-Philosophique*, de 1774

“Liberté de Penser. La liberté de penser est un privilège de l'homme. Ses opinions dépendent de son esprit ; personne n'a le droit de le gêner. Mais les philosophes de ce siècle donnent un sens bien plus étendu à ce privilège.³⁶⁰ (...) La liberté de penser ira-t-elle jusqu'à autoriser l'athéisme et le libertinage ? Les philosophes les plus modérés ne pourront nier que, si un savant faisait un usage aussi détestable de ses talents, il faudrait réprimer son audace, et lui arracher la plume. (...) Voltaire pense autrement, c'est qu'apparemment il a ses raisons. Mais, dit-il, vous êtes sûrs que votre religion est divine et vous n'avez rien à craindre pour elle.”³⁶¹

O Dicionário, refere também que os libertinos objetam à prova de religião tirada do combate dos mártires: *Martyrs (...) Objections des libertins contre la preuve de la religion, tirée des combats des martyrs.*³⁶²

A obra alvitra que os libertinos seriam materialistas:

“Matérialisme – (...) Comme il n'y a jamais eu de nation ou de société chez qui les lumières de la raison aient été entièrement obscurcies, aussi n'y en a-t-il jamais eu chez qui le matérialisme ait été adopté On n'en trouve pas la moindre trace dans aucune législation, ni ancienne ni moderne. Mais comme chez toutes les nations il y a toujours eu quelques libertins,

³⁵⁹ “X. Oferecem-se ao libertino as revelações da fé, isto é, revelações fundadas na tradição mais antiga e mais constante, confirmadas por uma infinidade de milagres e de prodígios deslumbrantes, assinadas por um milhão de mártires, autorizadas pelo testemunho dos homens mais doutos e pela credibilidade de todos os povos; mas tudo isso não o impressiona e não lhe faz caso. Em contrapartida, são-lhe oferecidos os devaneios e as vãs imaginações de um novo filósofo, que quer regular o mundo a seu bel-prazer, que raciocina sobre todas as partes deste grande universo, sobre a natureza e a disposição de todos os seres que o compõem, com tanta segurança como se fosse obra das suas mãos, que os faz existir, agir e mover-se como lhe apetece, e é isto que este grande génio admira, que pondera profundamente, que apoia obstinadamente, a que está ligado e pelo qual se faria quase um mártir.” (Nonnotte. p. 624.)

³⁶⁰ Nonnotte. p. 752.

³⁶¹ “Liberdade de pensamento. A liberdade de pensamento é um privilégio do ser humano. As suas opiniões dependem da sua mente; ninguém tem o direito de interferir com ela. Mas os filósofos deste século dão um significado muito mais amplo a este privilégio. (...) A liberdade de pensamento irá ao ponto de autorizar o ateísmo e a libertinagem? Os filósofos mais moderados não poderão negar que, se um sábio fizesse um uso tão detestável dos seus talentos, a sua audácia teria de ser suprimida e a sua pena arrancada da boca. (...) Voltaire pensa o contrário, aparentemente porque tem as suas razões. Mas, diz ele, tens a certeza de que a tua religião é divina e não tens nada a temer por ela.” (Nonnotte. p. 754.)

³⁶² “Mártires (...) Objecções dos libertinos contra a prova da religião, tiradas dos combates dos mártires.” (Nonnotte. p. 768.)

il y a toujours eu aussi quelques hommes qui ont eu goût pour cette extravagante opinion, sans pouvoir se la persuader ou se la prouver.”³⁶³

Em referência aos mistérios divinos, esclarecendo do que se trata, destaca que os libertinos os negam:

“Mystères – Nous appelons Mystères (...) des vérités, incompréhensibles que la religion nous oblige de croire, et que nous ne connaissons que par la révélation³⁶⁴. (...)”

Qu’un homme s’instruise avec soin sur tous les points que nous venons de proposer : Plus il les étudiera, plus il se verra environné de lumières et saisi d’admiration; plus il sera frappé, pénétré et convaincu. Tout ce que disent les libertins contre les mystères, ne lui paraîtra plus que des déclamations vagues, destitués de preuves, et très souvent contraires aux faits et aux vérités évidentes.”³⁶⁵

Quando aborda a origem do mal, o dicionário esclarece que o libertino só encontra um benefício a mais, a liberdade, um jugo a mais, o da lei divina; um dever a mais, a repressão das paixões:

“Origine du mal – (...) Dieu a donné aux hommes tout ce qui était nécessaire pour que ses bienfaits les rendissent heureux, sa loi, la raison, la conscience, les grâces, etc. Le libertin ne trouve qu’un bienfait de trop, c’est la liberté ; un joug de trop, c’est celui de la loi; un devoir de trop, c’est celui de réprimer les passions.”³⁶⁶

A propósito de perseguição, o dicionário argumenta que os filósofos conferem, indiferentemente, essa qualificação ao exercício da autoridade legítima e ao seu abuso. Alega que, logo que se faz uma tentativa de limitar o mais perigoso dos libertinismos (o de espírito) ou de aparar as tentativas de golpes

³⁶³ “Materialismo - (...) Como nunca houve uma nação ou uma sociedade em que as luzes da razão tivessem sido inteiramente obscurecidas, também nunca houve uma em que o materialismo tivesse sido adotado. Não há o menor vestígio dele em qualquer legislação, antiga ou moderna. Mas como em todas as nações sempre houve alguns libertinos, também sempre houve alguns homens que tiveram gosto por essa opinião extravagante, sem poderem persuadir ou provar isso a si mesmos.” (Nonnotte. p. 799.)

³⁶⁴ “Mistérios - Chamamos Mistérios (...) às verdades incompreensíveis que a religião nos obriga a acreditar e que só conhecemos por revelação.” (Nonnotte. p. 899.)

³⁶⁵ “Que um homem estude cuidadosamente todos os pontos que acabamos de propor: Quanto mais ele os estudar, mais se verá cercado de luz e tomado de admiração; mais ficará impressionado, penetrado e convencido. Tudo o que os libertinos dizem contra os mistérios não lhe parecerá mais do que vagas declamações, desprovidas de provas, e muitas vezes contrárias aos factos e às verdades evidentes.” Nonnotte. p. 908.

³⁶⁶ “A origem do mal - (...) Deus deu aos homens tudo o que é necessário para que os seus benefícios os tornem felizes, a sua lei, a sua razão, a sua consciência, as suas graças, etc. O libertino só encontra um benefício a mais, que é a liberdade; um jugo a mais, que é a lei; um dever a mais, que é o de reprimir as paixões. O libertino só encontra um benefício a mais, que é a liberdade; um jugo a mais, que é a lei; um dever a mais, que é o de reprimir as paixões.” (Nonnotte. pp. 945–946.)

dos libertinos à religião e aos costumes, entre outros, os libertinos prontificam-se a exclamar, logo de seguida, perseguição. E como tal qualificam inclusive, a condenação de Galileu:

“Persécutions – (...) ART. II. – Que les philosophes donnent indifféremment le nom de persécution à l’exercice de l’autorité la plus légitime, et aux abus qu’on peut faire de cette autorité. Dès qu’on prétend arrêter de libertinage d’esprit, le plus dangereux, ou parer aux atteintes que les libertins s’efforcent de donner à la religion et aux mœurs : dès qu’une autorité légitime veut protéger et assurer la religion par des lois justes e vigoureuses, aussitôt les philosophes crient à la persécution. (...) Ainsi ils vous mettent la condamnation de Galilée (...), et ils crient à la persécution Ils portent le même jugement de ces accès de fureurs et de vengeances particulières durant ces funestes divisions qui ont quelquefois ébranlé les Etats³⁶⁷ et des ordonnances les plus sages et les plus nécessaires pour arrêter les rébellions ou l’irreligion, et ils crient à la persécution.”³⁶⁸

Sobre os Padres, refere o dicionário que o libertino e o ímpio os abandonaram desde a infância:

“Prêtres – (...) Chose remarquable et qui doit complètement fermer la bouche aux néo-voltairiens ! L’homme qui approche du prêtre, qui écoute ses leçons, et qui emplie son ministère, ne s’avise jamais de mettre en question l’utilité du sacerdoce catholique. Il en est convaincu surabondamment par la conscience, par les vertus de la famille, et par tout ce qu’il voit de bien et de bonnes œuvres autour de lui. Mais le libertin et l’impie qui ont quitté le prêtre depuis leur enfance, et qui ne font que rouler chaque jour plus avant dans la fange du désordre ; les hommes qui n’ont plus, selon l’adage vulgaire, ni foi, ni loi, et qui bouleverseraient le monde s’ils avaient été les maîtres, voilà ceux qui ne peuvent plus supporter le prêtre (...).”³⁶⁹

³⁶⁷ Exatamente a razão que os académicos atribuem às origens do libertinismo de seiscentos.

³⁶⁸ “Persecuções - (...) ART. II. - Que os filósofos dão indiferentemente o nome de perseguição ao exercício da autoridade mais legítima, e aos abusos que podem ser feitos desta autoridade. Assim que se afirma que a libertinagem do espirito, que é a mais perigosa, deve ser detida, ou que os ataques que os libertinos estão a tentar fazer à religião e à moral devem ser combatidos: assim que uma autoridade legítima quer proteger e assegurar a religião através de leis justas e vigorosas, os filósofos imediatamente exclamam perseguição. (...) Assim vos trazem a condenação de Galileu (...), e exclamam perseguição; fazem o mesmo julgamento dessas explosões de cólera e de vingança particular durante essas divisões desastrosas que por vezes abalaram os Estados, e das ordenações mais sábias e mais necessárias para deter as rebeliões ou a irreligião, e exclamam perseguição.” Claude-François Nonnotte; Chaudon. Dictionnaire d’Antiphilosophisme, Ou Réfutation Des Erreurs Du 18o Siecle, d’après Nonnotte et Chaudon. In Troisième et Dernière Encyclopédie Théologique, 18, edited by Editeur aux Ateliers Catholiques M. l’abbé Migne. Paris: M. J.-P. Migne, Éditeur, 1856. p. 1000.

³⁶⁹ “Sacerdotes - (...) Uma coisa notável, que deveria calar completamente a boca dos neo-voltairianos! O homem que se aproxima do padre, que ouve as suas lições e que preenche o seu ministério, nunca se aventura a pôr em causa a utilidade do sacerdócio católico. Ele está abundantemente convencido disso pela sua consciência, pelas virtudes da família e por todas as boas obras que vê à sua volta. Mas os libertinos e os ímpios que abandonaram o padre desde a sua infância, e que não fazem senão rebolar cada dia mais no lodaçal da desordem; homens que já não têm, segundo o adágio vulgar, nem a fé nem a lei, e que virariam o mundo do avesso se fossem eles os senhores, esses são os que já não suportam o padre (...).” Nonnotte. p 1090.

A propósito da Razão, este dicionário reproduz os propósitos daquele outro a que nos temos vindo a referir:

“Raison. – (...) Plus on aura d’abondance d’esprit avec la foi, plus la foi sera facile. Ce n’est pas l’esprit qui est à craindre pour elle ; c’est la mauvaise foi du bel esprit. Ce n’est pas la raison d’un philosophe vertueux, c’est le libertinage d’un sophiste dissolu.”³⁷⁰

No tocante à Religião, o dicionário desafia toda a filosofia e o libertinismo, com todos os seus desvios e artimanhas, a obscurecer as noções que o próprio confere:

“Religion. – In n’est rien de plus intéressant pour l’homme et pour la société que la religion (...)

ART. II. – De la nécessité d’une religion.

Première Proposition. – La première et la plus essentielle des obligations de l’Homme, c’est d’avoir une religion. (...) La nécessité d’une religion est invinciblement démontrée : 1° – Par l’idée que nous avons de l’Etre suprême; 2° Par celle que nous avons de l’homme; 3° Par celle que nous devons nous faire de la société. Preuve de la première partie. – Nécessité d’une religion, prouvée par l’idée que nous avons de l’Etre suprême. (...) Je défie toute la philosophie, et le libertinage, avec tous leurs détours et leurs sophismes les plus artificieux, d’obscurcir ces notions si simples, d’affaiblir ces sentiments si naturels, d’ébranler des vérités si évidentes et si intéressantes.³⁷¹”

A propósito das objeções dos filósofos à religião cristã, o dicionário menciona, também, que esta não é o que os filósofos, os incrédulos e os libertinos vituperam, já que, à mesma, sempre se referem como inimigos, indo buscar a antigos adversários (recordamos que se trata de um traço da erudição libertina), tudo o que outrora se lhe objetou:

³⁷⁰ “Razão. - (...) Quanto mais abundante for o espírito de fé, tanto mais fácil será a fé. Não é o espírito que deve ser temido por ela; é a má fé do belo espírito. Não é a razão de um filósofo virtuoso, mas a libertinagem de um sofista dissoluto.” (Nonnotte. p. 1144.)

³⁷¹ “A religião. - Não há nada mais interessante para o homem e para a sociedade do que a religião (...)

ART II - Sobre a necessidade da religião.

Primeira proposição. - A primeira e mais essencial obrigação do Homem é ter uma religião. (...) A necessidade de uma religião está invencivelmente demonstrada: 1° - Pela ideia que temos do Ser Supremo; 2° Pela ideia que temos do homem; 3° Pela ideia que devemos ter da sociedade. Prova da primeira parte. - Necessidade de uma religião, provada pela ideia que temos do Ser Supremo. (...) Desafio toda a filosofia, e a libertinagem, com todos os seus desvios e seus sofismas mais artificiais, a obscurecer noções tão simples, a enfraquecer sentimentos tão naturais, a abalar verdades tão óbvias e interessantes.” (Nonnotte. pp 1160–1161.)

“Objections des philosophes contre la religion chrétienne. (...) 1^o La religion chrétienne n’est point celle que nous peignent les philosophes, les incroyants, les libertins. Ils n’en parlent jamais qu’en hommes ennemis; ils vont fouiller³⁷² chez tous les ses anciens adversaires tout ce qu’on lui a autrefois objecté; chez tous les historiens les traits qui sont au désavantage de quelques-uns de ses ministres ou de ses sectateurs ; chez tous les sectaires, tout ce que la haine ou la jalousie ont pu inspirer; et, en réunissant tous ces traits odieux, et en les chargeant, en les grossissant, en y ajoutant tout ce qu’une imagination échauffée par la passion peut suggérer, ils vous présentent cela comme le vrai tableau de la religion chrétienne. (...) Après avoir écarté toutes ces fausses idées que les hommes libertins, ou irréligieux, ou brouillons, s’efforcent de donner à la religion chrétienne (...).”³⁷³

Existe, também, a referência à noção libertina de que todas as religiões são iguais:

“On demande, pour juger entre les religions,³⁷⁴ un homme raisonnable et dépouillé des préjugés de la naissance. Mais vous, ó Dumarsais, êtes-vous bien libre de tout préjugé, et surtout de tout préjugé d’orgueil, d’incrédulité et de libertinage, sinon de cœur, du moins d’esprit ? Vous voulez faire entendre qu’il n’y a que le défaut de raisonnement et la servitude du préjugé, qui fasse donner la préférence à la religion des Chrétiens.”³⁷⁵

Toca-se, à semelhança do outro dicionário, no facto de d’Alembert ter aceiteado que o ateísmo poderá ter a sua fonte na libertinagem de coração:

³⁷² Efetivamente, é um traço da erudição libertina.

³⁷³ “Objeções dos filósofos contra a religião cristã. (...) 1^o A religião cristã não é a que os filósofos, os incrédulos e os libertinos apresentam. Eles só falam dela como inimigos; procuram em todos os seus antigos adversários tudo o que outrora lhes foi objetado; procuram em todos os historiadores os traços que são desvantajosos para alguns dos seus ministros ou seguidores; em todos os sectários, tudo o que o ódio ou o ciúme possam ter inspirado; e, reunindo todos estes traços odiosos, e carregando-os, engrandecendo-os, e acrescentando-lhes tudo o que uma imaginação aquecida pela paixão possa sugerir, eles apresentam-vos isto como a verdadeira imagem da religião cristã. (...) Depois de ter descartado todas essas falsas ideias que os homens libertinos, irreligiosos ou desordenados tentam dar à religião cristã (...).” (Nonnotte, *Dictionnaire d’Antiphilosophisme, ou Réfutation des erreurs du 18^e siècle, d’après, avec des notes additionnelles et un grand nombre d’articles supplémentaires pour la réfutation des erreurs contemporaines*. In *Encyclopédie Théologique*, ou troisième et De”. p. 1191.)

³⁷⁴ Outra premissa libertina, já que todas são politicamente manipuladas.

³⁷⁵ “Para julgar entre religiões, precisamos de um homem razoável, livre dos preconceitos de nascença. Mas tu, ó Dumarsais, estás realmente livre de todos os preconceitos, e especialmente de todos os preconceitos de orgulho, incredulidade e libertinagem, se não do coração, pelo menos da mente? Quereis dar a entender que é apenas a falta de raciocínio e a servidão do preconceito que levam as pessoas a dar preferência à religião dos cristãos.” (Claude-François Nonnotte; Chaudon. *Dictionnaire d’Antiphilosophisme, Ou Réfutation Des Erreurs Du 18^e Siecle, d’après Nonnotte et Chaudon*. In *Troisième et Dernière Encyclopédie Théologique*, 18, edited by Editeur aux Ateliers Catholiques M. l’abbé Migne. Paris: M. J.-P. Migne, Éditeur, 1856. p. 1197.)

“D’Alembert ajoute plus bas : “Quand on se contentera de dire à un athée, qu’il n’est pas d’athée de bonne foi, et que l’athéisme a sa source dans le libertinage du cœur, on aura sans doute raison en général.”³⁷⁶

Volta-se a falar de libertinos e libertinagem, quando, a propósito de superstição, se refere que o pior tribunal para o ímpio e o libertino é o tribunal das suas consciências. Por outro lado, alega-se que os ritos da religião podem ser o tema do regozijo dos libertinos, mas que tal não é surpreendente, já que é sempre uma forma de impiedade tratar das coisas da superstição. Afirma-se que os verdadeiros princípios da tolerância dos filósofos não passam de uma orgulhosa libertinagem de espírito e de coração, que não aceita contestação. No que diz respeito à tolerância dos filósofos, a tolerância civil de Rousseau só interessaria ao comportamento dos particulares e não impede que os magistrados e os poderes não pretendam a manutenção da boa ordem e das leis, e que estas não permitam o ataque da religião do Estado, a menos que uma missão divina o autorize. Ora, não parece que os incrédulos, os libertinos e os filósofos tenham a ousadia de se apresentarem como enviados de Deus:

“Superstition. – (...) Si on examine la religion suivant ce qu’elle prescrit (...). Ce qu’elle prescrit est quelquefois pénible, et coûte à la nature. Mais l’honneur y est attaché, la paix de l’âme en est la suite nécessaire ; et la plus douce satisfaction pour l’homme, c’est de pouvoir paraître en sûreté, et avec la fermeté au tribunal de sa propre conscience, le tribunal le plus formidable pour l’impie et pour le libertin: (...).³⁷⁷ (...) Des libertins peuvent en (usages et observances qui, ou sont prescrites para la religion, ou dérivent de la religion, ou n’ont rien que de conforme à l’esprit de religion) faire le sujet de leurs railleries, mais on ne doit pas être surpris que des libertins parlent en libertins. (...) c’est toujours une espèce d’impiété de traiter (ces choses) de superstition. Cette méchanceté et cette impiété des libertins paraîtra encore plus à découvert par ce que nous allons rapporter de leurs objections.³⁷⁸

³⁷⁶ “D’Alembert acrescenta mais abaixo: “Quando alguém se contenta em dizer a um ateu que não existe ateu de boa fé e que o ateísmo tem a sua fonte na libertinagem do coração, terá sem dúvida razão em geral.” Nonnotte. p. 1104.

³⁷⁷ “Superstição. - (...) Se examinarmos a religião de acordo com o que ela prescreve (...). O que ela prescreve é por vezes doloroso e dispendioso para a natureza. Mas a honra está ligada a isso, a paz de espírito é a consequência necessária; e a mais doce satisfação para o homem é poder comparecer em segurança e com firmeza perante o tribunal de sua própria consciência, o tribunal mais formidável para o ímpio e o libertino: (...)” Nonnotte. p. 1363.

³⁷⁸ “(...) Os libertinos podem fazer deles (usos e observâncias que ou são prescritos pela religião, ou derivam da religião, ou não têm nada em comum com o espírito da religião) o assunto de sua zombaria, mas não devemos nos surpreender que os libertinos falem como libertinos. (...) é sempre uma espécie de impiedade chamar (essas coisas) de superstição. Esta maldade e impiedade dos libertinos tornar-se-á ainda mais evidente pelo que relatarmos das suas objecções.” (Nonnotte. p. 1366.)

ART. 1^{er}. - Où l'on recherche quels sont les vrais principes de la tolérance demandée par les philosophes. (...) un orgueilleux libertinage d'esprit et de cœur qui ne peut souffrir d'être ni contredit, ni remontré (...).³⁷⁹

ART. V. – Réponses à tout ce que disent les philosophes, en faveur de la tolérance. (...) Mais cette tolérance civile (de M. Rousseau) ne regarde que la conduite des particuliers, et n'empêche pas que les magistrats et les puissances ne veuillent à la manutention du bon ordre et des lois. Or le bon ordre et les lois ne permettent pas d'attaquer la religion de l'Etat, à moins qu'il n'y soit autorisé par une mission divine, et qu'on ne prouve à divinité de sa mission par des œuvres surnaturelles, telles que furent les miracles et les vertus des apôtres.

On ne pense pas que les incrédules, libertins, philosophes, osent se donner pour les envoyés de Dieu, ni qu'ils s'offrent à fournir les mêmes preuves qu'ont fourni les apôtres envoyés de Dieu.”³⁸⁰

Destacamos, finalmente, várias outras equiparações de libertinos e libertinagem a ímpios e a impiedade:

“Le libertin, l'impie, le philosophe (...)”³⁸¹ “Au libertinage et à l'impiété”³⁸²; “les libertins et les incrédules”³⁸³; “libertinage et incredulité”³⁸⁴ “Les libertins, les impies, les mécréants”;³⁸⁵ “Qu'on mette donc en parallèle l'autorité de quelques hommes voués à l'irreligion et au libertinage, qui ne savent que nier.”³⁸⁶

Na segunda metade do século XVIII, os apologistas cristãos recorreram, frequentemente, às mesmas armas dos seus adversários. Os jesuítas, principalmente, usaram dessa estratégia. O Padre

³⁷⁹ “ART. 1. - Em que investigamos os verdadeiros princípios da tolerância exigida pelos filósofos. (...) uma orgulhosa libertinagem de espírito e coração que não pode sofrer contradição ou reprovação (...).” (Nonnotte. p. 1387.)

³⁸⁰ “ART. V. - Respostas a tudo o que os filósofos dizem a favor da tolerância. (...) Mas esta tolerância civil (do Sr. Rousseau) só diz respeito à conduta dos indivíduos, e não impede que os magistrados e os poderes queiram manter a boa ordem e as leis. Ora, a boa ordem e as leis não permitem que a religião do Estado seja atacada, a não ser que seja autorizada a fazê-lo por uma missão divina, e que a divindade da sua missão seja provada por obras sobrenaturais, como os milagres e as virtudes dos apóstolos.

Não pensamos que os incrédulos, os libertinos, os filósofos, ousem intitular-se enviados de Deus, nem que se ofereçam para dar as mesmas provas que deram os apóstolos enviados por Deus.” (Nonnotte. p. 1401.)

³⁸¹ “O libertino, o ímpio, o filósofo (...).” (Nonnotte. p. 137.)

³⁸² “À libertinagem e à impiedade” (Nonnotte. p. 183.)

³⁸³ “os libertinos e os incrédulos” (Nonnotte. p. 256.)

³⁸⁴ “libertinage e incredulidade” (Nonnotte. p. 256.)

³⁸⁵ “Os libertinos, os ímpios, os incrédulos” (Nonnotte. p. 373.)

³⁸⁶ “Compare-se, então, a autoridade de alguns homens dedicados à irreligião e à libertinagem, que só sabem negar”. (Nonnotte. p. 1251.)

Nonnotte, em *Erreurs de Voltaire*, obra várias vezes reeditada e publicada em 1762, criticou, sistematicamente, o que defende serem os erros históricos de Voltaire: *Erreurs de Voltaire, Esprit de Voltaire dans ses Ecrits*.³⁸⁷ Defende que o glorioso reinado de Luís XIV, na sua ligação estreita com as autoridades eclesiásticas, é exemplo suficiente de que Voltaire, quando afirmou que essa ligação é nefasta para os direitos dos soberanos e para a felicidade dos povos, errou. Nonnotte alega que, apesar do disfarce filosófico com que se apresentava, na sua época, a libertinagem e a impiedade, eram posturas que, ainda assim, se mostravam de forma muito mais manifesta do que sob o reinado de Luís XIV:

“A tout ce que le fanatisme lui fait dire et répéter sans cesse, que la puissance ecclésiastique est contraire aux droits des souverains et au bonheur des peuples, on n’opposera que le règne de Louis XIV, c’est-à-dire, le règne de plus vigoureux et le plus ferme, le règne le plus glorieux et le plus avantageux à la nation, et en même temps le plus favorable à la religion. Sous ce règne, le libertinage et l’impiété, malgré l’enveloppe philosophique dont on se couvre aujourd’hui, ne se seroient para présentés ni montrés impunément.”³⁸⁸

Nesta mesma obra, existem referências a *Libertinage/incrédulité/impiété; impiété/libertinage; incredulité/libertinage/passions effrénés*.³⁸⁹

O *Dictionnaire Ecclesiastique et Canonique -portatif ou Abregé Méthodique*, de 1765, refere que os libertinos foram uma seita de Anabatistas do século XVI:

“Libertins, Secte d’Anabatistes qui eurent pour Chef un extravagant nommé Quintin, qui fut brulé à Tournai em 1530. Il avançoit avec impiété, que Jesus-Christ étoit Satan, que tout l’Evangile étoit faux, qu’il n’y avoit dans l’Univers qu’un seul Esprit qui étoit Dieu, qu’on ne doit point punir les méchants, qu’il est libre de professer toutes sortes de Religions, enfin qu’on peut, sans péché, se laisser aller à toutes ses passions.”³⁹⁰

³⁸⁷ Claude François Nonnotte, *Erreurs de Voltaire: L’Esprit de Voltaire Dans Ses Ecrits. Tome 3* Besançon: Chez Gauthier Frères et C.° Libraires, 1823.

³⁸⁸ “A tudo o que o fanatismo o faz dizer e repetir incessantemente, que o poder eclesiástico é contrário aos direitos dos soberanos e à felicidade dos povos, basta opor o reinado de Luís XIV, isto é, o reinado mais vigoroso e firme, o reinado mais glorioso e vantajoso para a nação, e ao mesmo tempo o mais favorável à religião. Sob esse reinado, a libertinagem e a impiedade, apesar do manto filosófico com que hoje se cobrem, não teriam aparecido nem sido vistas impunemente.” (Nonnotte. p. 300.)

³⁸⁹ “Libertinagem/crença/impiedade; impiedade/libertinagem; descrença/libertinagem/paixões desenfreadas.” (Nonnotte. pp. 342, 345, 349.)

³⁹⁰ “Libertinos, seita de anabatistas cujo líder era um homem extravagante chamado Quintin, que foi queimado em Tournai em 1530. Defendia impiamente que Jesus Cristo era Satanás, que todo o Evangelho era falso, que só havia um Espírito no Universo, que era Deus, que os ímpios não deviam ser punidos, que as pessoas eram livres de professar todo o tipo de religiões e, finalmente, que se podia, sem pecado, ceder a todas as paixões”. (Jean François Brezillac and Honoré-Clément Dehansy, *Dictionnaire Ecclesiastique et Canonique -Portatif Ou Abregé Méthodique, 2 Tomes*. Paris: Chez Dehansy, 1765.)

Por sua vez, o *Dictionnaire Philosopho-Théologique Portatif*,³⁹¹ de 1770, apesar de não definir exatamente *Libertinage* ou *Libertin*, contém artigos sobre temas relacionados com essa realidade, referindo que há objeções ateias que são importadas dos sistemas de Epicuro e Espinoza e remete para as palavras átomo, causalidade, epicurismo e espinosismo

“(…) Les autres objections des Athées sont tirées des systèmes impies d’Epicure & de Spinoza; voyez-en la solution dans les articles qui commencent par les mots, Atome, Hazard, Epicurisme, Spinosisme.”³⁹²

O autor do dicionário equipara libertino a filósofo, usando um ou outro, indiscriminadamente. Destaque-se que esta equiparação surge num contexto fundamental para o pensamento libertino: a equação da mortalidade ou imortalidade da alma: *Libertin*:

“(…) l’argument le plus captieux que le libertin puisse proposer contre l’éternité des peines de l’enfer. Mais écoutons un peu notre raison, & nous verrons que ces prétendus Philosophes s’égarent dans le principe même de leur raisonnement (…).”³⁹³

Neste dicionário, Epicuro é associado a Espinosa, defendendo que, os materialistas, que negam a existência do Ser Supremo, são discípulos do infame Epicuro e do ímpio Espinosa:

“Les Matérialistes se contentent dans leurs principes. Les uns, disciples de l’infame Epicure & de l’impie Spinoza, nient absolument d’existence de l’Être Suprême, pour n’admettre que des atomes imaginaires dirigés par le hazard, ou par une substance universelle (…).”³⁹⁴
(Neste encadeamento, o autor conclui que o materialista não passa de um ateu com a capa do deísmo:) Aussi le Matérialiste n’est-il dans le fond qu’un Athée couvert du voile du déisme, plus dangereux sans doute qu’un Athée public et connu de tout le monde.”³⁹⁵

³⁹¹ Paulian, *Dictionnaire Philosopho-Théologique Portatif*. Nismes: Gaude, 1770.

³⁹² “(…) As outras objeções dos ateus são retiradas dos sistemas ímpios de Epicuro e Espinoza; veja a sua solução nos artigos que começam com as palavras, Átomo, Perigo, Epicurismo, Espinosismo.” (Paulian. p. 19.)

³⁹³ “(…) o argumento mais capcioso que o libertino pode propor contra a eternidade das penas do inferno. Mas ouçamos um pouco a nossa razão, e veremos que esses pretensos filósofos se desviam no próprio princípio do seu raciocínio (…).” (Paulian. p. 84.)

³⁹⁴ “Os materialistas são constantes nos seus princípios. Alguns, discípulos do infame Epicuro e do ímpio Espinosa, negam absolutamente a existência do Ser Supremo, e admitem apenas átomos imaginários dirigidos pelo acaso, ou por uma substância universal (…).” (Paulian. p. 178.)

³⁹⁵ “Assim, o materialista é basicamente um ateu encoberto pela capa do deísmo, provavelmente mais perigoso do que um ateu público, conhecido por todos”. (Paulian. p. 180.)

O dicionário faz uma referência expressa ao elitismo libertino quando menciona que se qualificam de *esprits forts*, de seres pensadores, de filósofos, e quando qualificam os espiritualistas de supersticiosos.

“de esprits faibles e de petits génies : Matérialisme et Matérialistes (...) les Matérialistes se regardent comme des esprits forts, des êtres pensants, des Philosophes, et qu’ils traitent les Spiritualistes de superstitieux, d’esprits foibles, de petits génies.”³⁹⁶

O autor do dicionário continua no mesmo registo do elitismo libertino, quando expressa que “eles desprezam quem não pense como eles”. Seguidamente, enumera todos os sistemas a que os libertinos, no seu polimorfismo, aderiam: ateus, deistas, materialistas, epicuristas, pirrónicos, socinianeus, espinosistas, etc. Também refere a teoria da mortalidade da alma. Destaca ainda outro que, apesar da variedade, uma coisa liga todos os libertinos: o ódio a Deus, à Sua lei, à Sua verdade, à Sua doutrina, às Suas promessas e ameaças, à Sua verdade. O objetivo comum a todos os libertinos seria o de livrarem a Humanidade do jugo do temor a Deus e o de serem qualificados de libertadores do género humano:

“Quiconque ne pense pas comme eux, est vulgaire à leurs yeux, digne de tout mépris & de toute haine. Le flambeau de la raison n’a commencé á luire que pour eux; & tout le reste du genre humain n’aura de cette précieuse lumière ce qu’ils voudront bien leur communiquer: (...) Comme rien n’est si monstrueux, rien aussi n’est si varié que leurs sistêmes. Ils sont Athées, Déistes, Matérialistes, Epicuriens, Pirroniens, Socinieus, Spinosistes. Ceux-ci nient la Divinité; ceux-là forcés de la reconnoitre, en font une espèce d’automate qui ne se mêle de rien; là c’est le monde qui est Dieu; ici c’est le hazard qui a fait le monde, ou peut-être le monde n’existe-t-il pas; ils doutent s’ils existent eux-mêmes; ils ne savent pas s’ils ont une âme; ils la font matérielle & corruptible; ils la font mourir; & comme pour se rapprocher des brutes par le sentiment et par les opérations, els mettent en principe qu’ils leur ressemblent par leur nature: (...)....Cependant au milieu de cette prodigieuse variété, de cette bizarrerie d’opinions & de sentiments, ils ont un centre de réunion qui les rapproche tous; c’est la haine de Dieu, de sa loi, de sa vérité, de sa doctrine, de ses promesses & de ses menaces (...) leur but commun est

³⁹⁶ “de mentes fracas e pequenos génios: Materialismo e Materialistas (...) os Materialistas consideram-se mentes fortes, seres pensantes, Filósofos, e tratam os Espiritualistas como supersticiosos, mentes fracas, pequenos génios.” (Paulian. p. 485.)

d'atteindre par une infinité de routes différentes à la gloire d'être appelés les libérateurs du genre humain, pour l'avoir délivré du joug de la crainte de Dieu."³⁹⁷

Também, a propósito da alma, existem referências que admitem que os *esprits forts* equiparam a alma humana à alma animal: "Ame. (...) avant que de prouver aux prétendus esprits forts qu'on ne peut pas sans imbécilité tirer de l'âme des bêtes aucune conséquence défavorable à l'âme de l'homme."³⁹⁸

No tocante ao conceito de inferno, os comentários deste dicionário são de grande interesse, pois enumeram as objeções dos incrédulos à eternidade das penas no inferno: em primeiro lugar o incrédulo alegaria a impossibilidade da conciliação da bondade infinita de Deus com a severidade de um castigo eterno; seguidamente, consideraria inconciliável com a justiça divina, uma pena eterna para um pecado momentâneo; por fim, sustentaria que a infração das leis soberanas de Deus não significa ultrajá-Lo, pessoalmente:

"Enfer. (...) nous avons réfuté les trois grandes objections des incrédules contre l'éternité des peines de l'enfer. L'incrédule prétend d'abord qu'il est impossible de concilier la bonté infinie de Dieu avec une sévérité capable de rendre ses créatures éternellement malheureuses. Il dit ensuite qu'il est contraire à la justice essentielle à Dieu, de imposer à l'homme qu'il réprouve, une éternité de peines pour un péché d'un moment. Il soutient enfin que l'on peut enfreindre les lois souveraines de Dieu, sans l'outrager personnellement lui-même."³⁹⁹

Na Rubrica filósofo, questiona-se se os *esprits forts* merecem aquele qualificativo e, seguidamente, discorre-se sobre Bayle, Espinosa e Voltaire:

³⁹⁷ P"Qualquer pessoa que não pense como eles é vulgar aos seus olhos, digna de todo o desprezo e ódio. A tocha da razão começou a brilhar apenas para eles; & todo o resto da raça humana terá desta preciosa luz apenas o que eles estiverem dispostos a comunicar-lhes: (...) Como nada é tão monstruoso, nada é também tão variado como os próprios. São ateus, deístas, materialistas, epicureus, pirrônicos, socinianos, espinosistas. Estes negam a Divindade; aqueles, forçados a reconhecê-la, transformam-na numa espécie de autômato que não interfere em nada; ali é o mundo que é Deus; aqui é o acaso que fez o mundo, ou talvez o mundo não exista; duvidam que eles próprios existam; Não sabem se têm uma alma; fazem-na material e corruptível; fazem-na morrer; e como que para se aproximarem dos brutos no sentimento e nas operações, põem em princípio que se lhes assemelham pela sua natureza: (...).... No entanto, no meio desta prodigiosa variedade, desta estranheza de opiniões e de sentimentos, eles têm um centro de união que os une a todos; é o ódio a Deus, à sua lei, à sua verdade, à sua doutrina, às suas promessas e às suas ameaças (...) o seu objetivo comum é atingir, por um número infinito de vias diferentes, a glória de serem chamados os libertadores do gênero humano, por o terem libertado do jugo do temor de Deus". (Paulian. pp 182, 183.)

³⁹⁸ "Alma. (...) antes de provar aos chamados espíritos fortes que não se pode, sem imbecilidade, tirar da alma dos animais qualquer consequência desfavorável à alma do homem." (Paulian. p. 473.)

³⁹⁹ "O inferno... (...) refutámos as três principais objeções dos incrédulos contra a eternidade das penas do inferno. O incrédulo afirma, em primeiro lugar, que é impossível conciliar a bondade infinita de Deus com uma severidade capaz de tornar as suas criaturas eternamente infelizes. Depois, diz que é contrário à justiça essencial de Deus impor ao homem que ele reprova uma eternidade de castigo por um pecado de um momento. Finalmente, sustenta que é possível violar as leis soberanas de Deus sem o ofender pessoalmente." (Paulian. p. 479.)

“Philosophe. (...) On y examine d’abord si nos prétendus esprits forts méritent le nom de Philosophes, & on y prouve qu’ils ne méritent pas même le nom d’hommes. On y fait ensuite le caractère de Bayle, de Spinoza, de l’auteur du Dictionnaire Philosophique (...).”⁴⁰⁰

A propósito de volúpia, defende que, nesta matéria, a moral obscena de Epicuro é parecida com a que os *esprits forts* do século XVIII debitam:

“Volupté. (...) ressemblance qu’il y a sur cette matière entre la morale de l’obscène Epicure & celle que débitent dans leurs écrits les prétendus esprits forts de ce siècle.”⁴⁰¹.

O *Dictionnaire Théologique Portatif*, datado de 1771, classifica a libertinagem, que assimila a impiedade, a um pecado oposto à fé:

“Foi : (...) Les péchés opposés à la Foi, sont 1°. L’ignorance des choses nécessaires au salut, l’Apostasie, l’Hérésie, l’Impiété ou Libertinage, l’amour dominant des plaisirs des sens et des Choses de la terre.”⁴⁰²

Qualifica também de libertinagem o “trato criminal” (entenda-se relações sexuais) entre as pessoas dos estratos sociais elevados com as “moças do povo”.

“Rapt: (...) Rapt de Séduction (...) 6° Lorsque cette action a été commise en vûe du Mariage; & de-là il suit que le commerce criminel des gens d’une condition relevée dans le monde, ou par la naissance, la dignité, ou les richesses avec les Filles du Peuple, n’est pas regardé comme rapt de séduction, mais comme vrai libertinage. Le concile de Trente excommunie les Ravisseurs, et tous ceux qui leur prêtent la main, et cette excommunication s’encourt ipso facto : il veut que le Ravisseur, et dote la personne enlevée lorsqu’il ne l’épouse pas. L’Ordonnance des Blois, l’Edit de 1639, prononcent la peine de mort contre eux :

⁴⁰⁰ “Philosophe (...) Começa por examinar se os nossos espiritos ditos fortes merecem o nome de Filósofos, e prova que nem sequer merecem o nome de homens. Em seguida, descreve o carácter de Bayle, Spinoza e do autor do Dicionário Filosófico (...).” (Paulian. p. 496.)

⁴⁰¹ “Volúpia. (...) há uma semelhança neste assunto entre a moralidade do obsceno Epicuro e a que as chamadas mentes fortes deste século divulgam nos seus escritos.” (Paulian. p. 501.)

⁴⁰² “Fé: (...) Os pecados opostos à Fé são 1°. A ignorância das coisas necessárias à salvação, a apostasia, a heresia, a impiedade ou a libertinagem, o amor predominante dos prazeres dos sentidos e das coisas da terra.” (s.a. *Dictionnaire Théologique Portatif: Contenant L’Exposition Et Les Preuves De La Révélation: De Tous Les Dogmes De La Foi Et De La Morale: Les Points De Controverse, Les Hérésies Les Plus Célèbres... T1* Paris: Dameronville, Didot, Nyon, Savoye, 1771. p. 260.)

cependant les Parlemens font grace au Ravisseur, quand ils le jugent à propos, pour l'honneur de la Fille ou de la Famille.”⁴⁰³

O mesmo dicionário informa que os objetivos de Espinosa, ao redigir o *Tractatus Theologico-politicus*, e, ao alegar que as religiões foram fabricadas em virtude da sua utilidade para o público, terão sido os de destruir todas as religiões, em particular a judaica e a cristã, e de introduzir o ateísmo, a libertinagem e a liberdade de todas as religiões:

“Spinosisistes. (les) Sectateurs des sentimens impies de Spinosa, Juif d'origine, qui vivoit en Hollande, dans le siècle dernier. Son livre le plus pernicieux est celui qui a pour titre Tractatus Theologico-politicus, imprimé à Hambourg em 1670, et qui a été traduit et imprimé en françois, avec ce titre : Réflexions curieuses d'un esprit désintéressé, sur les matières les plus importantes au salut, tant public qua particulier. Il paroît par ce Livre, que le but principal de Spinosa a été de détruire toutes les Religions, particulièrement la Judaïque et la Chrétienne, & introduite l'Athéisme, le libertinage & la liberté de toutes les Religions. Il soutient qu'elles ont toutes été inventées pour l'utilité que le Public en reçoit, afin que tous les Citoyens vivent honnêtement, & obéissent à leurs magistrats, non pour l'espérance d'aucune récompense après la mort, mais pour l'excellence de l'avertir en elle-même : il ne dit pas ouvertement dans ce Livre quel est son sentiment sur la Divinité, mais il ne laisse pas de l'insinuer et de le découvrir.”⁴⁰⁴

O abade Nicolas Sylvestre Bergier⁴⁰⁵ começou a sua carreira de apologista em 1765 ao publicar *Le Déisme Réfuté par Lui-même ou Examen en Forme de Lettres des Principes d'Incrédulité Répandus par*

⁴⁰³ “Rapto: (...) Rapto de Sedução (...) 6º Quando esta ação foi cometida com vista ao Matrimônio; & daqui se deduz que o comércio criminoso de pessoas de alta condição no mundo, ou por nascimento, dignidade, ou riquezas com as Filhas do Povo, não é considerado como rapto de sedução, mas como verdadeira libertinagem. O Concilio de Trento excomunga os raptores e todos os que lhes prestam ajuda, e esta excomunhão incorre ipso facto: obriga o raptor a dotar a raptada se não casar com ela. A Ordenação de Blois, o Édito de 1639, pronuncia a pena de morte contra eles: no entanto, os Parlametos perdoam ao Raptor, quando o consideram oportuno, pela honra da Filha ou da Família.” (s.a. p. 544.)

⁴⁰⁴ “Espinosisistas. (Sectários dos sentimentos ímpios de Spinosa, judeu de origem, que viveu na Holanda no século passado. O seu livro mais pernicioso intitula-se Tractatus Theologico-politicus, impresso em Hamburgo em 1670, e que foi traduzido e impresso em francês, com este título: Réflexions curieuses d'un esprit désintéressé, sur les matières les plus importantes au salut, tant public qua particulier. Neste livro, Spinosa parece ter como objetivo principal a destruição de todas as religiões, nomeadamente do judaísmo e do cristianismo, e a introdução do ateísmo, da libertinagem e da liberdade de todas as religiões. Sustenta que todas elas foram inventadas pela utilidade que o Público recebe delas, para que todos os Cidadãos vivam honestamente, e obedeçam aos seus magistrados, não pela esperança de qualquer recompensa após a morte, mas pela excelência da advertência em si mesma: não diz abertamente neste Livro qual é o seu sentimento sobre a Divindade, mas não o deixa ser insinuado e descoberto.” (s.a. p. 615.)

⁴⁰⁵ Nicolas-Sylvestre Bergier, teólogo francês, (1715-1790). Doutor em teologia pela Universidade de Besancon e religioso jesuíta que, a partir de 1769, tornou-se cónego da catedral de Paris. Pio e estudante enérgico, dedicou-se grandemente à redação de obras apologéticas. Apesar de ter participado na correção de alguns artigos da *Encyclopedie*, viu-se, também, na contingência de redigir artigos inteiramente originais que constituíram o *Dictionnaire de Theologie*,

Rousseau. A obra, que teve um sucesso considerável, foi editada cinco vezes em três anos. Em Portugal, foi traduzida por Silva, Francisco Coelho, em 1787, sob o título *O Deísmo Refutado por si Mesmo, ou Exame dos Princípios de Incredulidade, Espalhadas nas Diferentes obras de João Jacques Rosseau em Forma de Cartas*.⁴⁰⁶ Seguidamente, Bergier tentou repetir o sucesso com a refutação das obras de Fréret, de Voltaire e também, a pedido do procurador Séguier, de d'Holbach, cujo *Système de la Nature* fora considerado a obra mais destrutiva do século. Em junho 1770, o abade tinha atingido um prestígio tal, que lhe foi encomendada a redação de "l' Avis aux Fidèles sur les Dangers de l'Incrédulité", para envio para todas as dioceses.

O *Dictionnaire de Théologie, Nouvelle Edition*⁴⁰⁷ de Bergier, (edições datadas de 1826,⁴⁰⁸ 1846,⁴⁰⁹ 1852,⁴¹⁰ 1854⁴¹¹ e 1863⁴¹²); o *Dictionnaire de Theologie Dogmatique*,⁴¹³ (edição de 1850-51) e o *Dictionnaire de Théologie* de 1863⁴¹⁴ descrevem o movimento libertino do século XVI a que já nos referimos. No entanto, de forma interessante, imputa-lhes também a teoria da impostura das religiões ou da manipulação política das religiões, destacando, igualmente, que as teorias desse grupo tinham pontos em comum com as dos incrédulos dele contemporâneos:

“Libertins, fanatiques que s'élevèrent en Flandre vers l'an 1547. Ils se répandirent en France: Il y en eut à Genève, à Paris, mais surtout à Rouen, où un cordelier infecté du calvinisme enseigne leur doctrine: Ils soutenaient qu'il n'y a qu'un seul esprit de Dieu répandu partout, qui est et qui vit dans toutes les créatures; que notre âme n'est autre chose que cet esprit de Dieu, et qu'elle meurt avec le corps; que le péché n'est rien, et qu'il ne consiste que dans l'opinion, puisque c'est Dieu qui fait tout le bien et tout le mal; que le paradis est une illusion, et l'enfer

parte da *Encyclopedie*. As suas obras são de apologia e teologia, excepto *Les Elements Primitifs des Langues* (1764) e *L'Origine des Dieux du Paganisme* (1767). As suas obras apologéticas e teológicas maiores são *Le Deisme Refute par Lui-même* (1765); *La Certitude des Preuves du Christianisme* (1767), também editou nas *Reponses aux Conseils Raisonnables de Voltaire* (1771); *Apologie de la Religion Chrétienne* (1769); em resposta ao "Christianisme Dévoilé de d'Holbach" *Refutation des principaux articles du dictionnaire philosophique*; *Examen du Materialisme* (1771); *Traité historique et dogmatique de la Vraie Religion* (1780, e 1820).

⁴⁰⁶ Nicolas-Sylvestre Bergier, *O Deísmo Refutado Por Si Mesmo, Ou Exame Dos Princípios de Incredulidade, Espalhadas Nas Diferentes Obras de João Jacques Rosseau Em Forma de Cartas. Tradução de Francisco Coelho Da Silva*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1787. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=njp.32101071964330&seq=43>.

⁴⁰⁷ Nicolas Sylvestre Bergier, *Dictionnaire de Théologie, Nouvelle Edition, Oito Volumes*. Besançon: Imp-Libr. Chalondré Fils, s.d.

⁴⁰⁸ L'Abbé Bergier, *Dictionnaire de Théologie Tome Quatrième*. Besançon: Chalandre Fils, 1826. pp 524, 525.

⁴⁰⁹ Nicolas-Sylvestre Bergier and Cardeal Gousset, *Dictionnaire de Theologie, Edition... Por Mgr. Gousset*. Besançon: Onthenin Chalandre fils, 1846. pp 58, 59.

⁴¹⁰ Nicolas-Sylvestre Bergier, *Dictionnaire de Théologie, Edition Precedée de L'Eloge Historique Ce L'Auteur, Par Le Baron de Saint-Croix, Du Plan de La Theologie*. Lille: Libr. E Imp de L. Lefort, 1852. pp. 50, 51.

⁴¹¹ Nicolas-Sylvestre Bergier, *Dictionnaire de Théologie*. Paris: J. Leroux et Jouby: Gaume Frères, 1854. pp 58, 59.

⁴¹² Nicolas-Sylvestre Bergier, *Dictionnaire de Théologie, Anot. Mgr. Giusset; Ver... Mgr. Doney*. Paris: A. Jouby, 1863. pp. 58, 59.

⁴¹³ Nicolas-Sylvestre Bergier, *Dictionnaire de Theologie Dogmatique*. Paris: Petit-Montrouge, J.P. Migne ed, 1851. pp 298, 299.

⁴¹⁴ Bergier, *Dictionnaire de Théologie, Anot. Mgr. Giusset; Ver... Mgr. Doney*. pp. 58, 59.

un fantôme inventé par les théologiens: Ils soutenaient que les politiques ont forgé la Religion pour contenir les peuples dans l'obéissance, que la régénération spirituelle ne consiste qu'à étouffer les remords de la conscience; la pénitence, qu'à soutenir que l'on n'a fait aucun mal; qu'il est permis et même expédient de feindre en matière de religion, et de s'accommoder à toutes les sectes.

Ils ajoutaient à tout cela des blasphèmes Contre Jésus-Christ, en disant que ce personnage étoit un je ne sais quoi, composé de l'esprit de Dieu et de l'opinion des hommes. Ces principes impies leur firent donner le nom de libertins, que l'on a toujours pris depuis dans un mauvais sens : ils se répandirent aussi en Hollande et dans le Brabant. Leurs chefs furent un tailleur de Picardie, nommé Quintin, et un nommé Coppin ou Choppin, qui s'associa à lui et se fit son disciple.

On voit que leur doctrine est en plusieurs articles la même que celle des incrédules d'aujourd'hui ; le libertinage d'esprit qui se répandit à la naissance du protestantisme, devoit naturellement conduire à ces excès tous ceux dont les mœurs étoient corrompues. (...)

On dit qu'un des plus grands obstacles que Calvin trouva lorsqu'il voulut s'établir à Genève sa reformation, fut un nombreux parti des libertins, qui ne pouvoient souffrir la sévérité de sa discipline ; et l'on conclut de là que le libertinage étoit le caractère dominant de l'Eglise romaine, Mais ne s'est-il plus trouvé de libertins dans aucun des lieux où la prétendue reforme étoit bien établie et le papisme profondément oublié? Jamais le nombre d'hommes pervers, perdus de mœurs et de réputation, n'a été plus grand que depuis l'établissement du protestantisme : on pourroit le prouver par l'aveu même de ses plus zélés défenseurs. Il est évident que les principes des libertins n'étoient que l'extension de ceux de Calvin. Ce réformateur le comprit très bien, lorsqu'il écrivit contre ces fanatiques ; mais il ne put réparer le mal dont il étoit le premier auteur. Hist. De l'Eglise gallicane, t. 18, an.1549.”⁴¹⁵

⁴¹⁵ “Libertinos, fanáticos que surgiram na Flandres por volta de 1547. Espalharam-se por França: havia alguns em Genebra e Paris, mas sobretudo em Rouen, onde um cordelista infetado pelo calvinismo ensinava a sua doutrina: Defendiam que existe um único espírito de Deus espalhado por todo o lado, que está e que vive em todas as criaturas; que a nossa alma não é mais do que esse espírito de Deus e que morre com o corpo; que o pecado não é nada e que consiste apenas numa opinião, pois é Deus que faz todo o bem e todo o mal; que o paraíso é uma ilusão e o inferno um fantasma inventado pelos teólogos: Defendiam que os políticos forjaram a religião para manter o povo na obediência, que a regeneração espiritual consiste apenas em abafar os remorsos da consciência; que a penitência consiste apenas em afirmar que não se fez nada de mal; que é permitido e até conveniente fingir em matéria de religião e acomodar-se a todas as seitas.

A tudo isso acrescentaram blasfêmias contra Jesus Cristo, dizendo que ele era um *je ne sais quoi* feito do espírito de Deus e da opinião dos homens. Estes princípios ímpios deram-lhes o nome de libertinos, que sempre foi tomado no sentido errado: espalharam-se também pela Holanda e Brabante. Os seus chefes eram um alfaiate da Picardia, chamado Quintino, e um homem chamado Coppin ou Choppin, que se juntou a ele e se tornou seu discípulo.

Mas o *Dictionnaire de Theologie Dogmatique de 1851*,⁴¹⁶ o *Dictionnaire de Théologie*, edição de 1852⁴¹⁷ e a *Encyclopédie Théologique*, edição de 1863,⁴¹⁸ a propósito de *Libre*, referem livres-pensadores, salientando que sempre existiram, que sempre houve *esprits forts* que desprezaram a via geral. Alegam que se trata de uma postura de orgulho, recordando o mal que os livres-pensadores do século XV e do século XVIII fizeram à religião, destacam também o quanto eles prejudicam a sociedade e os governos estabelecidos. Ensinam ter existido e existir ainda, contemporaneamente ao dicionário, uma seita de livres-pensadores em Inglaterra que não reconheciam a divindade de Jesus Cristo, nem o pecado original, nem o batismo; reuniam-se em banquetes e o Evangelho era o seu único livro sagrado e eles explicavam-no de forma muito humana.

“Libre. (...) *Libres Penseurs, Il y a eu de tout temps des libres penseurs, des esprits forts, qui on dédaigné les routes battues et se sont frayé des sentiers inconnus du vulgaire, La maladie d’innover est aussi ancienne que l’homme ; elle a son fondement dans l’orgueil de notre nature. Quoi de plus agréable que de se dire : “Le monde avant moi marchait dans les ténèbres, j’ai fait luire la lumière ?”. Il s’en faut cependant que les effets répondent à de telles prétentions : Que toutes les inventions religieuses, philosophiques, politiques, sociales, qui s’étalent chaque matin sous nos yeux, sinon de vieilles idées condamnées par l’expérience et flétries par l’histoire ? Nous avons vu le mal que les libres penseurs du XV^e et du XVIII^e siècle ont fait à la religion. Nous voyons le tort que les libres penseurs font à la société et aux gouvernements établis. Leurs belles théories amoncellent des ruines et rien que des ruines. Il y a eu en Angleterre une société religieuse connue sous le nom de Libres Penseurs. Ils ne reconnaissaient ni divinité de Jésus-Christ, ni péché originel, no baptême, ni cène, ni chant. Leurs réunions consistaient en banquets fraternels qui rappelaient ceux des premiers chrétiens : Ils n’avaient d’autre livres sacrés que l’Évangile qu’ils expliquaient d’une manière tout

Podemos ver que a sua doutrina é, em muitos aspetos, a mesma que a dos incrédulos de hoje; o espírito libertino que se espalhou no nascimento do protestantismo estava destinado a levar a estes excessos todos aqueles cuja moral estava corrompida. (...)

Diz-se que um dos maiores obstáculos que Calvino encontrou quando quis estabelecer a sua reforma em Genebra foi um grande partido de libertinos, que não podiam tolerar a severidade da sua disciplina; e conclui-se daí que a libertinagem era o caráter dominante da Igreja Romana. Nunca o número de homens perversos, perdidos em moral e reputação, foi maior do que desde o estabelecimento do Protestantismo: isto poderia ser provado pela própria admissão de seus defensores mais zelosos. É óbvio que os princípios dos libertinos eram apenas uma extensão dos de Calvino. Este reformador compreendeu-o muito bem quando escreveu contra estes fanáticos; mas não conseguiu reparar o mal de que foi o primeiro autor. Hist. de l'Eglise gallicane, vol. 18, 1549. ”

⁴¹⁶ Bergier, *Dictionnaire de Theologie Dogmatique*. pp. 229, 300.

⁴¹⁷ Bergier, *Dictionnaire de Théologie, Edition Precedée de L'Eloge Historique Ce L'Auteur, Par Le Baron de Saint-Croix, Du Plan de La Theologie*. p. 33.

⁴¹⁸ Nicolas-Sylvestre Bergier, *Encyclopédie Théologique, Ou Première Série de Dictionnaires Sur Toutes Les Parties de La Science Religieuse*. 1863: J.P. Migne, 1863.

humaine. On voit que ce n'étaient des chrétiens que de nom, et en réalité, de ces prétendus philosophes qui se sont multipliés pour le malheur du monde. Les libres penseurs existent encore en Angleterre comme association religieuse."⁴¹⁹

Na *Apologie de la Religion Chrétienne*, do mesmo abade Bergier, composta em 1770, como resposta ao *Christiannisme Devoilé* de d'Holbach, cuja edição de 1842 consultámos, deparamo-nos, logo de início, com uma missiva do Papa Clemente XIII que, ao referir-se à libertinagem e aos escritos dos libertinos, os classifica sempre de irreligiosos e irreligiosidade, mais, refere que, ao acusar alguns filósofos de libertinagem, os está a acusar de ensinar uma moral falsa e perniciosa. Refere que os apóstolos da irreligião confirmaram na incredulidade espíritos já pervertidos, nos quais a libertinagem há muito havia apagado os princípios da religião. Declara também que as obras dos filósofos apóstolos da irreligião não passam de despojos de Hobbes, Espinosa, Bayle ou de qualquer livro inglês.

“Bref de N.S.P. Le Pape Clément XIII.

Notre Cher Fils, Salut et Benidiction Apostolique.

On Nous a remis de votre part un Livre en deux volumes, par lequel vous avez pris la défense de da Religion Chrétienne, contre les pernecieux Ecrits des Libertins⁴²⁰ de nos jours. Nous n'eussions jamais cru que l'impiété dût en venir au point de fureur ou elle est parvenue, et que vous faites connoitre par votre Livre, au commencement duquel vous exposez les principaux articles de la doctrine insensée, que le malheureux Auteur dont vous entreprenez la réfutation, semble avoir soutenue le premier. (a iv) (...). Donné à Rome à Sainte Marie Majeure, sous l'anneau du Pêcheur, le 31 Janvier 1769, la onzième année de notre Pontificat. M. A. Arch. De Chalcédoine.

A Dieu ne plaise qu'en donnant aux incrédules le nom de philosophes, on cherche à décréditer la vraie philosophie : elle est également utile a la religion et a la société : Ce n'est

⁴¹⁹ “Livre(...) *Livre-pensadores, sempre existiram livres-pensadores, espíritos fortes, que desdenharam o caminho batido e desbravaram trilhos desconhecidos do vulgar. A doença da inovação é tão antiga como o homem; tem o seu fundamento no orgulho da nossa natureza. Que há de mais agradável do que dizer a si próprio: "O mundo antes de mim andava nas trevas, eu fiz brilhar a luz? O que são todas as invenções religiosas, filosóficas, políticas e sociais que se desdobram diante dos nossos olhos todas as manhãs, senão velhas idéias condenadas pela experiência e definidas pela História? Vimos os danos causados à religião pelos livres-pensadores dos séculos XV e XVIII. Vemos o mal que os livres-pensadores fazem à sociedade e aos governos estabelecidos. As suas belas teorias acumulam ruína sobre ruína. Havia uma sociedade religiosa em Inglaterra conhecida como os livre-pensadores. Eles não reconheciam a divindade de Jesus Cristo, nem o pecado original, nem o batismo, nem a Ceia do Senhor, nem o canto. As suas reuniões consistiam em banquetes fraternos que lembravam os dos primeiros cristãos: não tinham outros livros sagrados para além do Evangelho, que explicavam de uma forma muito humana. Vê-se que eram cristãos só de nome e que, na realidade, faziam parte dos chamados filósofos que se multiplicaram para desgraça do mundo. Os livres-pensadores ainda existem em Inglaterra como associação religiosa.”

⁴²⁰ Destacamos o uso do vocábulo libertino, pelo Papa, no sentido de irreligiosidade.

point décrier l'art de guérir, que de démasquer les empiriques. Lorsque nous accusons les philosophes de libertinage, ou d'enseigner une morale fausse et pernicieuse, nous ne prétendons pas étendre ce reproche a tous sans exception : nous reconnaissons avec plaisir qu'il en est plusieurs dont la conduite est irréprochable, qui font profession d'une exacte probité, qui désapprouvent même les excès et les égarements des autres.⁴²¹

(...); ils (les apôtres de l'irreligion) ont confirmé dans l'incrédulité des esprits déjà pervers, en qui le libertinage avait effacé depuis longtemps les principes de religion.⁴²²

Leurs ouvrages (des critiques de la religion) (...) ne sont dans le fond que des redites. Ce sont les dépouilles de Hobbes, de Spinoza, de Bayle, ou les extraits de quelques livres anglais.⁴²³

Mais tant de philosophes qui ont demandé pardon à Dieu en mourant, d'avoir attaqué la religion par le libertinage, qui, après avoir vécu en impies, ont voulu mourir en Chrétiens, ne forment-ils pas un violent préjugé contre la sincérité des autres ? Ils sont intrépides en bonne santé ; un accès de fièvre suffit pour renverser toutes leurs démonstrations : Bayle, qui devait les connaître, en a plaisanté le premier.⁴²⁴

La religion chrétienne, singulièrement attentive aux besoins de l'homme, a prescrit a ses sectateurs, non seulement les symboles les plus énergiques, pour élever l'esprit et le cœur vers la Divinité ; les pratiques les plus innocentes et les moins susceptibles de dégénérer en

⁴²¹ Breve N.S.P. Papa Clemente XIII.

Nosso Querido Filho, Salvação e Bênção Apostólica.

Foi-nos entregue, da sua parte, um seu livro em dois volumes, pelo qual assumiu a defesa da Religião Cristã, contra os Escritos perniciosos dos Libertinos de nossos dias. Jamais teriamos acreditado que a impiedade chegasse ao ponto de fúria onde chegou, que nos é dado a conhecer pelo seu Livro, no início do qual expõe os principais artigos da doutrina insana, que o infeliz autor de quem refuta, parece ter sido o primeiro a argumentar. (aiv) (...). Conferido em Roma em Santa Maria Maior, com o Anel dos Pescadores, no dia 31 de janeiro de 1769, décimo primeiro ano do nosso Pontificado. M.A.Arch. Da Calcedônia. Que Deus não permita que, ao qualificamos de filósofos, estejamos a desacreditar a verdadeira filosofia, que é útil para a religião e para a sociedade: não se trata de condenar a arte de curar, mas, sim, de desmascarar as empíricas. Quando acusamos os filósofos de libertinagem, ou de ensinar uma moralidade falsa e perniciosa, não pretendemos estender esta censura a todos, sem exceção: reconhecemos com prazer que há vários cuja conduta é irrepreensível, que professam ser "uma exata probidade, que desaprova até os excessos e erros dos outros." (M. Bergier, *Apologie de La Religion Chrétienne, Contre l'Auteur Du Christianisme Dévoilé, et Contre Quelques Autres Critiques. Nouvelle Edition, Revue, Corrigée et Augmentée. Tome Premier*. Lion, Paris: Librairie Catholique de Perisse Frères, 1842. p. 24.)

⁴²² "(...); eles (os apóstolos da irreligião) confirmaram na descrença das mentes já perversas, em que a libertinagem, há muito apagou, os princípios da religião." (Bergier. p. 26.)

⁴²³ "Suas obras (críticas à religião) (...) não passam de repetições, São os restos mortais de Hobbes, Spinoza, Bayle ou trechos de alguns livros ingleses." (Bergier. p. 27.)

⁴²⁴ "Haver tantos filósofos que pediram perdão a Deus ao morrer, por terem atacado a religião através da libertinagem, e que, depois de terem vivido como impios, quiseram morrer como cristãos, não constituirão um forte preconceito contra a sinceridade dos outros? São destemidos quando de boa saúde, mas basta um ataque de febre para derrubar todas as suas manifestações: Bayle, que deve tê-los conhecido, foi o primeiro a gozar acerca disso" (Bergier. pp. 28-29.)

libertinagem⁴²⁵, mais encore les signes les plus propres a établir une étroite union entre les fidèles: tous ses rites sont presque autant de nouveaux liens de sociabilité.⁴²⁶

Le Divin législateur des chrétiens n'est point allé chercher ce symbole (l'Eucharistie) dans les Indes ou en Amérique ; il l'a puisé dans la nature, et il en a sagement écarté tout ce qui pouvait dégénérer en abus ou en libertinage."⁴²⁷

De autoria lusa, "O Triunfo da Religião, Poema épico-polémico; que a' santidade do papa Benedicto XIV. dedica Francisco de Pina e de Mello",⁴²⁸ da autoria do poeta, crítico e moralista, Francisco de Pina e de Melo, datado de 1756, faz várias referências a libertino e libertinagem.

No "Livro V. Contra o Libertinismo Cirenaico.*", explana em nota de rodapé que o libertinismo:

"é a seita dos que negam a imortalidade da alma; tomando este conceito da Escola Cyrenaica, da qual foi fundador Aristipo, que punha nos deleites sensíveis toda a felicidade do homem."⁴²⁹

"Muitos homens doutos informaram o seu juízo e os seus estudos com negação da imortalidade da alma: (...) Os Epicureos, (...) a tiveram por mortal.

Os Epicureos, ou Cirenaicos modernos por negarem a imortalidade das almas racionais (...)⁴³⁰

Que um ente cogitante não é corpo;
E a não sê-lo, por mais que se forceja,
Se espírito não é, não há que seja
Inda que possa ser, O libertino
Torna a instar; pode ser uma substância
Dessas, que o Perípato tem jactancia

⁴²⁵ Crítica dos ritos pelos libertinos.

⁴²⁶ "A religião cristã, singularmente atenta às necessidades do homem, prescreveu aos seus seguidores, não apenas os símbolos mais enérgicos para elevar a mente e o coração à Divindade, as práticas mais inocentes e menos suscetíveis de degenerar em libertinagem, mas também os sinais mais suscetíveis de estabelecer uma união estreita entre os fiéis: todos os seus ritos são quase tantos novos elos de sociabilidade." (Bergier, *Apologie de La Religion Chrétienne, Contre l'Auteur Du Christianisme Dévoilé, et Contre Quelques Autres Critiques. Nouvelle Edition, Revue, Corrigée et Augmentée. Tome Premier.* p. 251.)

⁴²⁷ "O divino legislador dos cristãos não procurou este símbolo (a Eucaristia) na Índia ou na América, extraiu-o da natureza e, sabiamente, excluiu qualquer elemento que pudesse degenerar em abuso ou libertinagem." (Bergier. p. 258.)

⁴²⁸ Francisco de Pina e de Mello, *Triunfo Da Religião. Poema Epico-Polemico; Que a' Santidade Do Papa Benedicto XIV. Dedica Francisco de Pina e de Mello.* Coimbra: Na Officina de A. S. Ferreira, impressor da Universidade, 1756. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015062930626&view=1up&seq=5>.

⁴²⁹ Mello. p. 149.

⁴³⁰ Mello. p. 152.

De produzir na escola, ando aos entes
Com elas as espécies diferentes:
Formas substâncias é que apelida
Estas prontas imagens: não duvida
O negar-lhe a matéria; nem tão pouco
Haverá nas escolas algum louco,
Que imortais as conceba;⁴³¹

O moralista lusitano descreve as características de quem discute religião, nos termos seguintes:

“Os costumes das personagens, que entram nas disputas da Religião cuida que também senão apartam da propriedade: Fala o Ateu com ignorância: o Polytheo com cegueira: o Deísta, e Libertino; com descuido: o Hebreu com obstinação: o Luterano, e Calvinista com deslumbramento.”⁴³²

Absurdo é grande presumir que a ruda,
Substância material de hum corpo extenso,
Por mais que apure o ardor n'hum fogo intenso,
Possa fazer hum ente vigilante,
Discreto, judicioso, cogitante:
Logo é mais do que corpo esta substância:
E te é mais do que corpo, que ignorância
Negará que é espírito, advertindo
Que em tão diversos, naturais portentos
Não há mais que estes dois predicamentos.

Notai (o Libertino; lhe retorna)
Que se a matéria, bem que o intenso apure,
Nunca pode fazer que se procure
Na sua intensidade o raciocínio,
Também por mais que a extenuação se exalte,
Sempre será preciso que lhe falte

⁴³¹ Mello. p. 163.

⁴³² Mello. p. XLIX.

Aquela sensação, que não se nega”⁴³³

Verificámos que em nada se aparta a opinião do moralista daquelas proferidas pelos célebres moralistas franceses, seus contemporâneos. Refere-se, no poema, à negação epicurista da imortalidade da alma; aos epicuristas que tiveram a alma por morta; aos libertinos que refutam que esta pode ser uma substância; a certeza libertina de que a alma é matéria; a convicção libertina de que nenhuma escola de entes, mentalmente, saudáveis, possa conceber a imortalidade da alma.

Destacamos, finalmente, as *Cartas Filosóficas a Attico*,⁴³⁴ de José Agostinho de Macedo, na edição de 1815, que, falando dos soldados da libertinagem filosófica, menciona os nomes de Sócrates, mas sobretudo, de Montaigne e Espinosa:

“Estais reduzidos a ver e a sentir as coisas quasi sempre às avessas do que ellas são! À maior turba dos que são chamados ignorantes, chamarei eu turba de Sábios, porque seguem, e sentem o bom, e a verdade. Quando os motivos pelos quaes o homem deve naturalmente obrar, nascem, e rompem da mesma natureza das coisas, não tem necessidade da autoridade alheia. Quem poderá negar que a maior sciencia da vida exista entre os poucos versos do Êxodo, da Sapiência, e do Ecclesiastico? Pois todos estes divinos princípios são contrários ao muito saber, e por consequência, ao muito reflectir. Rião quanto quizerem os soldados da libertinagem Filosófica, quem escreveo aquelles Livros sabia muito mais de Moral que todos os Sócrates, que todos os Montagnes, e que o mesmíssimo Espinosa com toda a sua Ethica.”

Finalizamos esta exposição com o *Sermão contra o Filosofismo do Século XIX, de 1811*,⁴³⁵ do mesmo Macedo, que declara que a libertinagem levanta a voz contra a religião, ridicularizando a erudição desses agentes da libertinagem:

“Advertência (...) Ora como até nos doirados domicílios da crápula, e ociosidade, onde a libertinagem ousa levantar a voz contra a Religião, torpíssimos ignorantes fallão de Sermões, e dos meus Sermões, saibão estes Gazetaes eruditos, que para compor este gravíssimo Discurso eu li, e estudei.”

⁴³³ Mello. p. 161.

⁴³⁴ José Agostinho de Macedo, *Cartas Filosóficas a Attico*. Lisboa: Na Impressão Regia, 1815. p. 113.

⁴³⁵ José Agostinho de Macedo, *Sermão Contra o Filosofismo Do Século XIX. Pregado Na Igreja de S. Julião de Lisboa, Na Quinta Domingo Da Quaresma No Ano de M.DCCC.XI*. Lisboa: Impressão Regia, 1811. p. 5.

2. Aceção da expressão em dicionários da atualidade

Nesta busca do sentido da corrente libertina, da qualificação deste pensamento e da apreensão da sua realidade, afigurou-se-nos necessário perceber qual o significado dado aos vocábulos na língua portuguesa, nossa contemporânea. Assim, em primeira instância, analisámos a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*⁴³⁶ que define Libertinagem como o costume de mostrar irreverência pelas coisas da religião; o desregramento de costumes; a devassidão; a leviandade, a inconstância nas ideias que faz com que a pessoa se não sujeite a quaisquer regras, e passe, continuamente, de uma coisa para outra: *libertinagem* de espírito. Quanto a libertinismo, define-o como: carácter do que é incrédulo em matéria de religião, o mesmo que *libertinagem*. Já libertino, significa, para esta obra: livre de toda e qualquer disciplina religiosa, incrédulo, ímpio, livre-pensador. Desregrado nos costumes, devasso, dissoluto; licencioso, depravado, devasso.

A *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*⁴³⁷ explica, relativamente a Libertinos, que, historicamente, o termo foi aplicado a diversos grupos: tendo Calvino, no começo da Reforma, alcunhado de Libertinos os membros de uma seita protestante francesa, panteísta (os “Libertinos de França”) e, anos mais tarde, o grupo de adversários genebrinos, que o levou ao exílio de 1541 (“Libertinos de Genebra”: Castellion, Servet, etc.). Usualmente, o termo designa os *esprits forts* do séc. XVII francês, emancipados da autoridade religiosa, tanto no domínio da crença, como no da prática dos costumes, cétricos e epicuristas, podendo considerar-se os imediatos precursores dos Livres-Pensadores. Fenómeno de elite, *corrente* mais do que doutrina, o libertinismo pode subdividir-se (iniciativa de René Pintard) em *erudito* (sobretudo em torno de P. Gassendi: E. Diodati, Gabriel Naudé, F. de la Mothe le Vayer; e ainda, des Barreaux e Cyrano de Bergerac) e em *mundano* e diletante, cuja figura principal seria o *chevalier* de Méré, Antoine Gombaud, no qual Pascal encontrou o *esprit de finesse*.

O *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*⁴³⁸ define que libertinismo, “é o carácter do que é incrédulo em matéria de religião”, é o mesmo que *libertinagem*. Libertino, por sua vez, é qualificado como “livre de toda e qualquer disciplina religiosa; incrédulo, ímpio, livre-pensador”. Ou então, é desregrado nos costumes, devasso, dissoluto, licencioso, depravado, devasso.

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* atribui à libertinagem várias propriedades: a licenciosidade de costumes, conduta de pessoa que se entrega, imoderadamente, a prazeres sexuais: a

⁴³⁶ s.a. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Volume XV.* Lisboa- Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada, s.d. p. 38.

⁴³⁷ s.a. *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. 12*, 6ª edição. Lisboa: Editorial Verbo, 1990. p. 55.

⁴³⁸ s.a. *Grande Dicionário Da Língua Portuguesa, Coordenação José Pedro Machado, Vol. III EXAN • MALV Sociedade Da Língua Portuguesa*, ed. Edição para o Círculo de Leitores. Lisboa: Publicações Alfa, s.a., s.d. p 573.

prática do libertino: pode ser (...) a irreverência em relação a dogmas e crenças oficialmente aceites no que diz respeito à religião e às suas práticas ritualísticas, finalmente remete para insubmissão, indisciplina. O libertino é aquele que leva uma vida dissoluta, que se entrega imoderadamente aos prazeres do sexo; ou aquele que revela irreverência a regras e dogmas estabelecidos, relativamente, à religião e à prática desta. Por fim, pode ser o que não tem disciplina, que negligencia deveres e obrigações.⁴³⁹

O *Dicionário da Língua Portuguesa*⁴⁴⁰ esclarece libertinagem como a vida de libertino, desregramento de costumes; a devassidão; os libertinos e o Libertino como um dissoluto; devasso; crapuloso; ímpio, livre-pensador.

Já o dicionário *Lexilello* refere Libertinagem, como vindo de *libertino* e enumera desregramento de costumes, devassidão, conjunto dos libertinos, incredulidade religiosa. O libertino, oriundo do latim *libertinu*, é aquele cujos costumes são desregrados; é um devasso, um dissoluto. Ou então, é aquele que não obedece à disciplina da fé religiosa; um ímpio, um livre-pensador.⁴⁴¹

O *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* faz referência à libertinagem como sendo um vocábulo oriundo do francês, *Libertinage*. Argumenta que, historicamente, é a atitude do que se emancipou da autoridade religiosa, quer no domínio da crença, quer no da prática de costumes. Refere que a atitude do libertino, é a incredulidade. Seguidamente, pode ser o desregramento de costumes, a devassidão, a licenciosidade. Por fim, menciona ser, também, a leviandade, a inconstância de ideias. O libertinismo, por sua vez, é, historicamente, a conduta e a convicção daquele que se pretende liberto de quaisquer proibições ou deveres de ordem moral ou religiosa; é o modo de pensar e de agir do libertino. O Libertino, segundo este dicionário é oriundo do latim *Libertinus*, liberto e historicamente, era o que não se subordinava a qualquer crença ou prática religiosa, que pensava apenas segundo a razão. Era o ímpio, o incrédulo, o irreligioso. Era o contrário do devoto, do religioso.⁴⁴²

Também pode significar, por outro lado, o que leva uma vida dissoluta, que se entrega desregradamente aos prazeres sexuais e que tem costumes muito livres: debochado, devasso, licencioso. Finalmente, pode ser quem revela ausência de normas morais, desregramento, intemperança. O libertino também podia ser o membro de uma seita protestante francesa, panteísta. Historicamente, é a pessoa que, em França, no século XVII, se emancipou da autoridade religiosa, tanto no domínio da crença como

⁴³⁹ António Houaiss, *Dicionário Houaiss Da Língua Portuguesa, Tomo II D-MRE*. Lisboa: Temas e Debates, 2003. p 2271.

⁴⁴⁰ J. Almeida Costa and A. Sampaio e Melo, *Dicionário Da Língua Portuguesa*, 6ª edição. Porto: Porto Editora, Lda, 1990. p 1012.

⁴⁴¹ s.a. *Lexilello, Novo Dicionário de Língua Portuguesa (...)*, Volume III F-MENEÁVEL. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1992. p. 477.

⁴⁴² s.a. *Dicionário Da Língua Portuguesa Contemporânea Da Academia Das Ciências de Lisboa. II Volume G-Z*. s.l.: Verbo, s.d. p 2261.

no da prática de costumes, procurando viver segundo um princípio epicurista. Pode também ser a pessoa devassa, dissoluta ou licenciosa.

O *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa* determina que a Libertinagem é a vida de libertino, a devassidão, significando antigamente incredulidade religiosa. E que libertino é o devasso, o dissoluto e que antigamente significava ímpio.⁴⁴³

O *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo esclarece que Libertinagem é a vida de libertino, devassidão, e que libertinismo é a qualidade do libertino, é a impiedade, a incredulidade em matéria de religião e finalmente que libertino é o devasso; dissoluto, o ímpio.⁴⁴⁴

A *Lexicoteca. Moderna Enciclopédia Universal* refere libertinos como um termo aplicado, desde o séc. XVI, a diversos grupos extremistas que no séc. XVI⁴⁴⁵ designou, em França, certos *esprits forts*, precursores dos livres-pensadores: céticos e epicuristas que faziam tábua rasa tanto da autoridade religiosa como da prática dos costumes (...).⁴⁴⁶

O *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* define libertinagem como devassidão, desregramento, licenciosidade, crápula. E define libertino como livre de qualquer peia moral; devasso, dissoluto, depravado, licencioso. Antigamente: Incrédulo, ímpio.⁴⁴⁷

No *Dicionário de Sinónimos* encontramos para sinónimos de libertinagem, entre vários outros já expetáveis, o de irreligião. E quanto a libertino, tecemos a mesma consideração e destacamos, além de ímpio, incrédulo; irreligioso; livre-pensador, também o de epicureu e de epicúrio.⁴⁴⁸

3. Breviário do (pre)conceito de libertinismo em Portugal

Após a indagação sobre o sentido do adjetivo “libertino” e do substantivo “libertinagem” que, atualmente, estão ligados a um sentido depreciativo, conclui-se que significam “dissoluto”, “viciado”, “depravado” e que exprimem um comportamento ou uma atitude que sob o ponto de vista moral é reprovável. Verificámos, também, que os libertinos tiveram, por antecedentes, as seitas do livre espírito dos séculos XIII e XIV.

⁴⁴³ António de Morais Silva, *Novo Dicionário Compacto Da Língua Portuguesa, Edição Compacta Do Texto Fundamental Do Grande Dicionário Da Língua Portuguesa. António de Morais Silva. Volume III (F a MONACANTO)*, 8ª. Editorial Confluência, Lda, 1994. p. 360.

⁴⁴⁴ Cândido de Figueiredo. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Direção de edição Rui Guedes Volume II. 25ª edição. 1996. Venda Nova. Bertrand Editora. p. 1549.

⁴⁴⁵ Nota nossa: está escrito séc. XVI e não XVII.

⁴⁴⁶ Lexicoteca. *Moderna Enciclopédia Universal*. Volume 12 Li-Mau. 1994. Buraca. Lexicultural. p 14.

⁴⁴⁷ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Novo Dicionário Da Língua Portuguesa*, 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1996. p 1028.

⁴⁴⁸ s.a. *Dicionário de Sinónimos*, 2ª edição. Porto: Porto Editora, s.d. p 776.

Aliás, no que concerne à apologia do materialismo e do epicurismo, os libertinos remontam à Antiguidade, a Demócrito e Epicuro. Tivemos a confirmação de que o entendimento era o mesmo no nosso século XVIII, já que nos deparámos com afirmações de que os filósofos libertinos seriam panteístas, pessoas que só conhecem o Universo como divindade.

O pensamento dos libertinos seiscentistas e setecentistas configurava-se, sobretudo, como uma não adesão e não se assumia ou ostentava como uma atitude ou posicionamento ideológico, fora pela negativa ou pela afirmativa. Nos dicionários e obras teológicas da época, que tivemos a ocasião de consultar, encontrámos vários significados para as expressões, todavia, todos eles são conciliáveis entre si e todos são concordantes com as teorias académicas que expusemos no início deste nosso trabalho.

Entre as várias informações que retirámos desta abordagem, algumas destacam-se: é-nos permitido concluir que, no espectro cultural, o libertinismo pode surgir com a aceção de “desprezo de todo o jugo”, que levaria os homens a agir segundo os seus impulsos. Neste sentido, existem referências aos jovens libertinos que ultrajaram publicamente a religião e também aos libertinos filósofos que redigiam obras que os influenciavam, mas que, no entanto, ficavam impunes. No que a estes diz respeito, alega-se que, se alguns podem ser sábios, prudentes ou homens admiráveis, muitos outros são libertinos sediciosos, rebeldes e debochados. A libertinagem chega a ser classificada como uma convivência criminosa, a tomada de “liberdades sexuais” entre os homens da alta sociedade com as moças do povo.

Algumas das obras consultadas defendem que os filósofos confundem persecução com o exercício da autoridade legítima e do seu abuso. Lê-se que os libertinos afirmam serem alvo de perseguição sempre que existe alguma tentativa de limitar a ação do tipo de libertinismo mais perigoso: o de espírito; ou então sempre que a religião e os costumes se defendem dos golpes dos libertinos. Verificámos, igualmente, nas obras consultadas, a propósito de liberdade de pensamento, que, para os autores teológicos da época, a reivindicação da tolerância era é um dos fundamentos do pensamento libertino. Em algumas dessas obras, inclusive, afirma-se que os verdadeiros princípios da tolerância dos filósofos não passam de uma orgulhosa libertinagem de espírito e de coração que não aceita contestação.

Aliás, no que à tolerância libertina diz respeito, deparámo-nos, nessas mesmas obras, com a afirmação de que quando essa indulgência se via reclamada pelos filósofos, ou quando estes reclamavam a liberdade de pensamento, pretendiam promover um sistema de fraqueza, negligência e libertinagem, no campo político e religioso, em que só eles teriam um papel, após terem disseminado a confusão mental, visando retirar-lhe todas as crenças, todas as tradições, a ordem, o respeito, todos os costumes e legislação. A partir desta plataforma poderiam desenvolver as suas paixões, a sua ambição, a sua desobediência e promoveriam as suas máximas desagregadoras.

Os autores, dos quais destacamos Nonnotte, defendem que o ímpeto do filosofismo naquela época não passou de uma instrução perpétua e perene de insubordinação, de complacência e de libertinagem. Argumenta-se, nesse sentido, em algumas obras, que ao instaurar-se a máxima da liberdade de consciência, sinónimo da liberdade de pensamento, está-se a fomentar a faculdade de ir buscar ao “santuário da consciência e do pensamento pessoais” formas de estimular opiniões e ideias contra a religião, contra as autoridades, contra os governos e contra as máximas tradicionais do género humano. Dessa forma, a consciência e o pensamento converter-se-ão, rapidamente, em escritos e em palavras contra os reis e os sacerdotes; em investidas contra o governo, em burlas, em sarcasmos injuriosos, em impiedades, desacatos e em impudências.

Confirmam esses autores que são tais ideias licenciosas que engendram a insubordinação e a anarquia. Defendem que a libertinagem no falar e na redação induz à corrupção de costumes. Argumentam que o libertinismo do entendimento e do coração conduz ao aviltamento das famílias, ao escândalo da sociedade e ao descalabro dos impérios mais magníficos. Recordámos a expressão de que uma república regida por libertinos, “seria uma República horrorosa composta por ímpios e em que o título de cidadão só poderia ser merecido por impiedade, que a uma incredulidade de espírito corresponde uma libertinagem de coração”.

A premissa libertina da manipulação política das religiões é, vastamente, referenciada nas obras consultadas. Assim, neste sentido, os autores apologistas cristãos referem-se a esse vetor do pensamento, esclarecendo que se trata da alegação de que as religiões só existem para fins políticos, para que se logrem dominar as massas, e também que se trata da alegação de que Deus é uma maquinação política. Fazem, ainda, mesmos autores alusão à dúvida libertina acerca do dogma da criação.

Nestas obras, aparecem apreciações dos libertinos como sendo inimigos do culto, e existem menções expressas da afirmação libertina de que tal culto não passa de superstição absurda, de uma ocupação para o povo. Esclarece-se, também, que os libertinos negam os mistérios divinos. Menciona-se, similarmente, a noção libertina de que todas as religiões são iguais, e surgem passagens que equiparam libertinagem a impiedade, caracterizando-a como um pecado oposto à fé.

O *Dictionnaire Théologique Portatif* imputou a Espinosa a teoria da impostura das religiões ou da manipulação política das religiões, relatando que o filósofo, quando escreveu o *Tractatus Theologico-politicus* e alegou que as religiões haviam sido fabricadas por causa da sua utilidade para o público, visou destruí-las todas, particularmente a judaica e a cristã e cravar o ateísmo, a libertinagem e a liberdade em todas as religiões; todavia, recordamos que se trata, também, de uma reflexão libertina.

Sabendo, de antemão, que os libertinos reclamavam o direito de não aderir a *verdades reveladas*, exigindo, desta forma também, apesar de não só, o direito à incredulidade, abrindo caminho a um epicurismo preponderantemente especulativo e às doutrinas irmãs do ateísmo, do materialismo, ou do deísmo. Verificámos existir, numa das peças de Nonnotte, um prefácio redigido pelo próprio Papa Clemente XIII, que se refere à libertinagem e aos escritos dos libertinos como irreligiosos, culpando alguns filósofos de libertinagem.

Em determinada obra expõe-se que enquanto os ateus negam a existência de Deus e, por conseguinte, toda a religião, os libertinos admitem essa verdade, mas arruinam-na por consequências que retiram dos seus princípios. Porém, a mesma obra referencia que, apesar de se tratar de dois tipos diferentes de ateus, são ambos equitativamente perigosos.

Nonnotte qualificou o *Dictionnaire Philosophique* de “altar erguido à libertinagem” e de “escola aberta ao materialismo”. Noutra obra é referido que os materialistas negam a existência do Ser Supremo e são discípulos do infame Epicuro e do ímpio Espinosa, concluindo-se que o materialista não passa de um ateu disfarçado de deísta.

Sabemos que os libertinos herdaram de Epicuro a noção de que a alma é mortal e perecível e as obras reiteram esta percepção. Argumentam que as questões da matéria, da alma, da alma dos animais (admitindo-se que os “espíritos fortes” equiparam a alma humana à alma animal), da certeza, do bem soberano e do destino são deturpadas pelos filósofos libertinos. Vincam que estes se debruçaram sobre elas a fim de enfraquecer a fé e favorecer a libertinagem. Explicam, também, que os epicuristas e os libertinos, porque temem outra vida e a eternidade das penas, não querem qualificar a alma de espiritual e imortal, já que a impunidade é o maior dos atrativos para os criminosos e o medo das penas o maior dos freios. Destacam, estas obras, inclusivamente, que os Antigos foram os primeiros a duvidar da imortalidade da alma: Demócrito, Dicéarque, discípulo de Aristóteles, Epicuro, Aristóxenes e outros desconhecidos que Cícero depreciou.

Encontrámos, igualmente, considerações acerca do elitismo libertino. Os teólogos referem que os libertinos se qualificam de *esprits forts*, de seres pensadores, de filósofos e que qualificam os espiritualistas como supersticiosos, de *esprits faibles* e de *génios parcos*, depreciando-os. Chega-se a alegar que os filósofos desprezam quem não pense como eles. Esses livres-pensadores, refere a obra em causa, “espíritos fortes”, Bayle, Espinosa, ou Voltaire que sempre existiram através da sua postura orgulhosa, menosprezavam a via comum, contribuindo para prejudicar a sociedade e os governos estabelecidos!

Outras obras defendem que a libertinagem é gerada pelo espírito de rebelião e soberba que leva o homem a dissolver os vínculos que o unem a Deus e a romper as relações da criatura com o criador. Questiona-se, também, se a religião deverá ser abandonada ao linguarejo dos ímpios e se a liberdade de pensamento poderá ir até à autorização do ateísmo e da libertinagem. Os libertinos são classificados de corruptos de coração e dissolutos de costumes, de impiedosos, de ímpios e de profanadores.

Encontrámos, do mesmo modo e nas mesmas obras, referências à Ciência Moderna. Destacamos aquele texto a propósito da liberdade de pensamento que dispõe que não se pretende contrariar a Ciência, mas pretende-se, todavia, que aquela respeite a Religião.

Aferimos que o libertinismo se manifesta na componente religiosa, filosófica epicurista e política do conceito, com a afirmação da liberdade religiosa herdada da Renascença e da Antiguidade Clássica com Epicuro e Lucrecio. As posições religiosas libertinas são diversas: tanto podem ser epicuristas quanto naturalistas ou deístas ou mesmo ateístas. Todavia é central ao libertinismo erudito a noção de que as religiões cristãs são obras humanas e têm origem no medo dos homens face aos fenómenos naturais e na instrumentalização religioso-política desse medo. É essa mesma noção que justifica a discrição destes libertinos, a convicção de que é necessário um regulador social que imponha o respeito pelas leis e as hierarquias sociais, porque asseguram a tranquilidade social.

Entendemos que a vertente, a libertinagem escandalosa está, também, indelevelmente, ligada ao anticristianismo e que se manifesta de forma a enfrentar o pecado que permitia ao legislador controlar as massas: o pecado da concupiscência.

O Libertinismo é um pensamento que se situa especificamente no período histórico de prevalência da Monarquia Absoluta. Por um lado, usando da sua discrição, apesar de a desvendar, compreende a necessidade de regulador social; por outro lado, na sua vertente escandalosa, afronta o instrumento de controle social deste sistema político.

Por fim, é com o nosso José Agostinho de Macedo que recordamos que os teólogos daquele período fizeram referência expressa à erudição libertina. Este considerou Sócrates, Montaigne e Espinosa como os soldados da libertinagem filosófica e ridicularizou a erudição libertina, defendendo que a libertinagem levanta a voz contra a religião.⁴⁴⁹

⁴⁴⁹ Macedo, *Cartas Filosóficas a Attico*. p. 113.

Capítulo IV - José Anastácio da Cunha: o Panteísta Naturalista

Decidimos iniciar o capítulo com a epístola de James Ferrier a José Anastácio da Cunha, datada de 7 de agosto do provável ano de 1778, enviada, certamente, de Inglaterra, em que o convida a ir visitá-lo. James Ferrier, nestas curtas linhas, condensa o que nos propomos desenvolver nas páginas seguintes.

“Hes um anso José; hes hum delicado composto das maiores contrariedades que se achão no mundo. Mavioso, teimoso, resignado, desesperado, Phylosopho, Geómetra, Poeta amigo sizudo, Libertinno. Desprezador do pedantismo estabelecido, te abrsites huma nova e intrincada verêda por onde vays chotando, com toda a seriedade daquele sabio Animal que a conselho a Balãam, sem jamais te desviar para a direita ou para esquerda, trazendo os teus Ins(tin)tos por antolhos.”⁴⁵⁰

José Anastácio da Cunha é um libertino luminoso, erudito, naturalista e panteísta que justifica o prazer racionalmente e cultiva a sensualidade natural. A leitura de livros proibidos e o convívio com espíritos livres vindos da Europa Iluminada ajudaram-no a aprofundar a sua essência, eminentemente libertina e naturalista⁴⁵¹. É comumente considerado, a par com o Padre Monteiro da Rocha, o nosso maior matemático do século XVIII.⁴⁵²

Poeta e matemático foi avaliado pela sua poesia de índole sensualista, até então inédita, como um dos pré-românticos. Foi, todavia, a sua obra matemática, mormente os seus *Princípios Mathematicos*, que originaram a maior atenção da comunidade científica e histórica, nacional e internacional.

Aquilino Ribeiro qualificou de gema rara o soneto de inspiração panteística e naturalística.

“Copado, alto, gentil Pinheiro Manso;
Debaixo cujos ramos debruçados;
Do sol ou lua nunca penetrados,
Já gozei, já gozei mais que descanso.”

⁴⁵⁰ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fls 33-38v.

⁴⁵¹ Gabriel Loureiro De Lima; Maria Elfrida Ralha; Ângela Maria dos Santos. “José Anastácio Da Cunha (1744-1787): Professor de Matemática José Anastácio Da Cunha (1744-1787): Teacher of Mathematics.” *Revista de Matemática, Ensino e Cultura - REMATEC* 27 (2018). <https://hdl.handle.net/1822/58316>.

⁴⁵² Carlos Fiolhais, “De Rerum Natura: “da Cunha, Matemático, Poeta y Herege”, 2008. <<https://dererummundi.blogspot.com/2008/06/da-cunha-matemtico-poeta-y-hereje.html>> [acedido 26 abril 2020].

A vida e a obra de José Anastácio são, particularmente, emblemáticas de existências oprimidas pelo dogmatismo religioso, pela opressão e violência que uma sociedade fechada pode exercer sobre a ousadia de pensar e sonhar além da ortodoxia.

1. Um percurso da Praça à Academia

Acredita-se que José Anastácio da Cunha seja oriundo de uma família simples.⁴⁵³ Nasceu a 11 março de 1744, a sua mãe terá sido criada de servir e teve formação cristã. Há dúvidas quanto ao seu pai, Lourenço da Cunha. Uns alegam que era um simples pintor que, todavia, o poderia ter instruído em rudimentos de matemática e geometria. Todavia, Hernâni Cidade, sustentando-se na *Coleção de Memórias* de Cirilo Volkmar Machado insiste que:

“Foi (Lourenço da Cunha) o maior pintor português que temos tido no género de arquitetura e perspectiva; igualou talvez Baccarelli na prática, excedendo-o na teórica; vingando-se com a sua perícia na prática, excedendo-o na teórica; vingando-se com a sua perícia em Arte tão liberal da sem razão da sorte, que o havia condenado à condição servil. Foi a Roma com uma pessoa da família de seus patrões e ali avançou muito. Quando voltou, que seria pelos anos de 1744” como não era conhecido, foi pedir que fazer a Inácio de Oliveira, que regia o teatro dos Congregados do Espírito Santo. Fez o teatro do Bairro Alto. Foi mestre de Matemática de seu filho José Anastácio da Cunha, lente de Geometria da Universidade de Coimbra. Morreu em 1760.”⁴⁵⁴

⁴⁵³ Os seus trabalhos científicos tiveram o melhor acolhimento e interesse de instituições estrangeiras e, após a prisão, acabou sendo nomeado professor de Matemática da Real Casa Pia. Silvestre Pinheiro Ferreira teceu em Silvestre Pinheiro Ferreira, *Notas Ao Ensayo Sobre Os Principios de Mechanica* (Amsterdam: Officina de Belifante e Comp, 1808). comentários críticos a um seu *Ensaio sobre os Principios de Mecânica* (1807), em que testemunha o apreço pelos trabalhos do autor. A maioria dos textos que, depois, foram escritos sobre Anastácio da Cunha é parcial e preconceituosa, a favor ou contra Anastácio da Cunha. Muitos aproveitam para atacar as ideias da época, a Igreja que supostamente Anastácio da Cunha criticara, os jesuítas ou o ensino universitário em geral. Inocêncio Francisco da Silva refere (sem documentar) convites e instâncias que algumas universidades da Europa lhe dirigiram, por vezes, oferecendo-lhe vantajosos partidos, no intuito de “*atrahirem a si um homem tao benemerito, cuja sciencia era mais acatada entre os estranhos, que entre os seus compatriotas*” (Inocêncio Francisco da Silva, “Dicionário Bibliográfico Português, vol. IV”, em *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860. <https://play.google.com/books/reader?id=zD4ENhJ_wVIC&pg=GBS.PA220&hl=pt_PT> [acedido 8 março 2022]. p. 226.)

João Manuel de Abreu, discípulo e amigo de Anastácio da Cunha, pretendia publicar em França uma “*Notice sur la vie de J.A. da Cunha*” (cf. *prefácio da tradução francesa dos Principios Mathematicos e texto Escritos posthumos.*) e (Maria de Lurdes Ferraz. *Anastácio Da Cunha 1744-1787, o Matemático e o Poeta* Lisboa: INCM, 1990. p. 354.)

⁴⁵⁴ José Anastácio da Cunha, *A Obra Poética Do Dr. José Anastácio Da Cunha, Com Um Estudo Sôbre o Anglo-Germanismo Nos Proto-Românticos Portugueses, Por Hernani Cidade*, ed. Hernani Cidade.Coimbra: Imprensa da Universidade, 1933.

Lourenço da Cunha terá falecido em 1760, deixando a José Anastácio, de 16 anos, as responsabilidades familiares. É então que este compõe o que se tem por seu primeiro poema, materializando a mágoa sentida.⁴⁵⁵

“Se alguém o corpo de um Pai amado
Com olhos viu enxutos
Exposto ao ar, dos pássaros picado,
E os membros já em parte diminutos
Pelos ferozes Brutos (...).”

Ingressou, em 1762, com 19 anos, na Congregação do Oratório do Convento da Nossa Senhora das Necessidades, onde o ensino era de índole humanística e vocacionado para a filosofia moderna. Segundo o seu testemunho à Inquisição, os Oratorianos ensinaram-lhe gramática, retórica e lógica até aos 19 anos. Clama-se autodidata no que à física e à matemática diz respeito.⁴⁵⁶ Assume já conhecer francês antes de chegar a Valença⁴⁵⁷, depreende-se que seja fruto da sua passagem pelos Oratorianos.⁴⁵⁸

Com 20 anos, em 25 de junho de 1764, Anastácio da Cunha foi nomeado primeiro-tenente do Regimento de Artilharia do Porto e colocado na praça de Valença do Minho. O regimento era constituído por uma maioria de oficiais estrangeiros, soldados mercenários, estrangeiros, trazidos pelo Conde de Lippe com o fito de reorganizar o exército, frequentemente protestantes, que o influenciaram. Graças a eles, terá absorvido os ideais da tolerância, deísmo e racionalismo, que foram essenciais à sua produção científica e poética.⁴⁵⁹ Arrebatado e particularmente dotado, em termos científicos, linguísticos e literários teve, na Praça de Valença, a oportunidade de se dedicar aos estudos de matemática, à história, às línguas e às belas artes.

Parte da sua personalidade intelectual ter-se-á formado pelo contacto que manteve com esses oficiais de culturas de países iluminados. Foi no convívio com oficiais ingleses que aprendeu a falar inglês fluentemente, o que, a par com os seus conhecimentos de outras línguas, como o francês, latim, grego e italiano, lhe permitiu traduzir autores como Voltaire, Pope, Thomas Otway, Horácio, Rousseau, Holbach,

⁴⁵⁵ José Anastácio da Cunha, *José Anastácio Da Cunha. Obra Literária. Volume I, Poesia. (Com Inéditos Do Autor)*. Ed. Maria Luisa Malato Borralho and Cristina Alexandra de Marinho. Porto: Campo das Letras, 2001. pp. 17-18.

⁴⁵⁶ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”.

⁴⁵⁷ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fl. 70.

⁴⁵⁸ Cunha, *José Anastácio Da Cunha. Obra Literária. Volume I, Poesia. (Com Inéditos Do Autor)*. Fl. 18.

⁴⁵⁹ Cunha. p. 15.

Helvetius e outros. Levanta-se a hipótese de, persuadido pelos colegas, ter neste período aderido à maçonaria.

Seguidor de Isaac Newton, entre outros, antecipou-se na formulação de importantes conceitos matemáticos. A 5 de fevereiro de 1767, foi nomeado tenente-coronel. Aos 25 anos estava em Valença e foi destacado para a praça de Almeida.

No meio minhoto onde esteve aquartelado, os amores do tenente de vinte anos foram muito além do autorizado pela ortodoxia epocal. As relações com a Margarida de Ponte da Barca (Marfida de muitos versos) adivinham-se ardentes e carnisais, muito para lá de lampejos platónicos. Adivinham-se amplexos apertados e estonteantes, percebem-se recordações dos instantes que marcaram o corpo e que perduram em saudade. Margarida viveu em concubinato com o tenente. A audácia da juventude, em sintonia com as convicções e impulsos naturalistas, conferia-lhe braveza para afrontar os recatos católicos do burgo, onde não faltariam familiares da Inquisição.⁴⁶⁰

Em 1775, o tenente terá ponderado casar-se, em Lisboa, com uma senhora de posição social elevada que o terá rejeitado, caracterizando-o de filósofo naturalista: “quem sabe defender tão bem os direitos da natureza” e atiza-o referindo: “(...) será certo o que me disse Dom Rodrigo? Um filósofo... um Filósofo traça um casamento? Eis aqui a meu ver uma contradição da Filosofia.”

José Anastácio confessa, ao tribunal, a sua inclinação sensual. Afigura-se-nos, todavia, diferentemente de outros libertinos, também naturalistas, que foi um libertino propenso ao idilismo e sentimentalidade. Os versos seguintes também poderão ser lidos nesse sentido:

“Por que razão não fizestes
Justos Céus!, porque razão
Menos áspera a virtude
ou mais forte o coração (...).”⁴⁶¹

A sua inteligência e curiosidade tiveram, na Praça de Valença, o privilégio de cotejar e absorver o espírito, ideário e a vivência da Europa Iluminada.

A pedido do Major Simon Fraser, elaborou uma memória sobre balística, intitulada “Carta Físico-matemática sobre a Teoria da Pólvora em geral e a determinação do melhor comprimento das peças em particular”, onde apontava os erros e falta de precisão que encontrou em alguns trabalhos sobre

⁴⁶⁰ Cunha, *A Obra Poética Do Dr. José Anastácio Da Cunha, Com Um Estudo Sôbre o Anglo-Germanismo Nos Proto-Românticos Portugueses, Por Hernani Cidade*. pp XXXVIII.

⁴⁶¹ Cunha, *José Anastácio Da Cunha. Obra Literária. Volume I, Poesia. (Com Inéditos Do Autor)*. p. 38.

artilharia. A exposição foi apresentada ao Conde Lippe, que ficou convencido das fortes aptidões do jovem militar⁴⁶². Acresce que Francisco Maclean (antigo governador de Almeida e comandante da Escolta que, em agosto de 1772, acompanha o Marquês de Pombal na entrada em Coimbra, para a inauguração da nova Universidade) já teria dado muito boas referências de José Anastácio:

“he tão emminente na Sciencia Mathematica que tendo-o eu destinado para hir à Alemanha aperfeiçoar-se com o Marechal General, que me tinha pedido dous ou três moços portuguezes para os fazer completos, me requereo o Tenente General Francisco Maclean, que não o mandasse; porque el le sabia mais que a maior parte dos Marechaes dos Exercitas de França, de Inglaterra, e da Alemanha: E que he hum daqueles homens raros, que nas Nações cultas costumam aparecer.”⁴⁶³

Em 1773, o Marquês de Pombal, que instituiu a reforma da Universidade de Coimbra em 1772, nomeou-o lente de geometria na Faculdade de Matemática daquela universidade. José Anastácio da Cunha declara que a sugestão do nome terá sido dada pelo Conde de Lippe.

“Ainda quando o Marquez de Pombal me mandou para a Universidade, chegou urna carta em que o marechal lhe recomendava, com a maior eficácia, o meu adiantamento, ocupando nisso um paragrapho inteiro.”⁴⁶⁴

José Anastácio tinha vinte e nove anos e durante os cinco anos seguintes lecionou em Coimbra onde não encontrou um ambiente propício ao desenvolvimento e aplicação das suas capacidades e deparou-se com fortes entraves por parte dos seus colegas e alunos. Os primeiros, como Francisco

⁴⁶² “Em volta deste correio me remetesse hu extrato das suas obras – Arithmetica universal-Ensaio das Minas ou a sua Dizertação- Ensaios Sobre a Pyrotecniã etc com toda aquella intimativa que faça bem conhecer o espirito de cada obra Eu fui perguntado ou para melhor dizer encarregado para escrever hũ curso de Mathematica, e eu não pude perder esta occasião de lizongear a minha amizade respondi que bem podia satisfazer a idea que se me propunha, mas que não devia roubar à Nação a gloria que justamente adqueria sendo esta obra trabalhada pelas mãos do maior homem (VMce) que em Portugal devia ser o modelo de todas as aulas etc etc etc emfim disse o que devia dizer ainda sem ser dominado pelo meu afeto etc por fim fiquei de dar hũ extrato dos seus Projetos e com o temor de não desfigurar inteiramente o valor de cada hũ tenho hido diletando VM chamado pera escrever e por em branco atendendo tão bem a que VM ahi pouco tempo pode aproveitar, e aqui pode ser mais útil a todos o mesmo tempo que Lá não póde empregar em utilidade publica ainda que queira. Não he preciso encomendar-lhe o segredo. So lhe peço que queime Logo esta. E digame quando pode ter a carta que VM ahi escreveu ao Frazer sobre o comprimento das pessos, e Theoria da Polvora que queria fazela imprimir offerecendo-a ao Conde de Soure Inspetor Artilharia. Emfim mande e não perca tempo para que o não Leve o demo, Deme Lembranças a Margarida e Regalese e não seja tão serio comigo quizerao menos serimoniatico. *Amigo do Coração João Batista Lxa 15 de maio de 1771*“(ANTT, Tribunal do Santo Officio - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. fls 43-44.)

⁴⁶³ Officio de 5 de outubro de 1773, do Marquês de Pombal a Francisco de Lemos, Reitor da Universidade, no Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra, Alvarás, Avisos e Officios, 1773, IV, S, 1”E-12.

⁴⁶⁴ Cunha, *José Anastácio Da Cunha. Obra Literária. Volume I, Poesia. (Com Inéditos Do Autor)*. p. 36.

António Ciera,⁴⁶⁵ Marino Miguel Franzini⁴⁶⁶ e José Monteiro da Rocha,⁴⁶⁷ desaprovavam o seu método de ensino e as suas teorias livres. À época, o ensino de geometria era feito através da tradução dos *Elementos de Trigonometria e Álgebra* deste último. José Anastácio da Cunha terá entendido que essa tradução era demasiado longa e complicada e optou por outra, elaborada por si, e que tinha a particularidade de ter apenas uma única folha.

Todavia, a generalidade dos estudantes que, na Universidade de Coimbra, frequentava a Faculdade de Matemática não era da licenciatura em matemática e reclamaram. José Anastácio explicou:

“O meu modo de ensino era o que a minha consciência e inteligência perfeitamente conformes n'esse ponto com o que os Estatutos mandam, me ditavam. Expunha o objeto das proposições, a sua conexão e dependência; o artifício com que Euclides consegue quase sempre unir a facilidade ao rigor geométrico; e deste procurava dar aos estudantes o conhecimento necessário. (...) Não me demorava em ler ou repetir literalmente (como os meus companheiros costumavam) as proposições que por fáceis nem carecem de explicação, nem a admitem, só para poder empregar tempo suficiente em indicar aos estudantes as verdadeiras

⁴⁶⁵ Francisco António Ciera (Lisboa, 1763-1814) matemático e cartógrafo português, professor de matemática no Colégio dos Nobres, responsável pela cadeira de Astronomia na Universidade de Coimbra e pelos estudos preparatórios para a elaboração da primeira Carta Geral do Reino e pela introdução da telegrafia visual terrestre em Portugal. Doutor em Matemática, foi lente de Astronomia da antiga Academia Real de Marinha e sócio da Real Academia de Ciências. Foi o último cosmógrafo-mor do Reino de Portugal. Entre 1778 e 1786 procedeu a observações astronómicas na casa da Régia Oficina Tipográfica que foram publicadas nas Memórias da Real Academia de Ciências de Lisboa. Escreveu, na qualidade de astrónomo, várias memórias publicadas nos Anais da Academia das Ciências de Lisboa. Membro fundador da Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica para o Desenho, Gravura e Impressão das Cartas Hidrográficas, Geográficas e Militares. Foi encarregue de formar a "Triangulação Geral do Reino", estudos que visavam a medição do grau de meridiano, na sequência dos trabalhos franceses para o estudo da forma da Terra. Em 1790 iniciou o reconhecimento geral do território português. Em 1803; publicou nesse ano a Carta dos principais triângulos das operações geodésicas em Portugal, em cujas margens lançou reflexões que mostram os seus vastos conhecimentos em matéria de geodesia.

⁴⁶⁶ Marino Miguel Franzini (Lisboa 1779—Lisboa 1861), Conte de Tarmassia, Fidalgo da Casa Real, militar da Armada Portuguesa, político. Pioneiro da meteorologia e da estatística em Portugal, sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa. Efetuou, a partir de 1816, as primeiras observações meteorológicas sistemáticas feitas em Portugal com intuito científico.

⁴⁶⁷ José Monteiro da Rocha (1734-1819) Matemático e astrónomo ordenado jesuíta em 1752, tendo abandonado a ordem quando aqueles foram expulsos do Reino. Formou-se em Cânones em Coimbra. Recomendado ao Marquês de Pombal, colaborou na redação dos estatutos da Universidade reformada, na parte respeitante às Ciências Naturais e à Matemática. Ficou encarregue das cadeiras de Ciências Físico-Matemáticas e, posteriormente, passou a reger a cadeira de Astronomia, sendo, em 1795, nomeado diretor do Observatório Astronómico. Em 1804 deixou Coimbra e fixou-se em Lisboa, onde passou a frequentar a corte, como tutor do filho de D. João até à saída da corte para o Brasil. Faleceu em Carnaxide, Lisboa. Deixou escritos múltiplos trabalhos sobre matemática e astronomia. Em 1782 Monteiro da Rocha concorreu a um prémio proposto pela Academia de Lisboa, competindo com José Anastácio da Cunha e ganhando o prémio. Em 1785 concorreu de novo e ganhou um prémio com um trabalho que, segundo Anastácio da Cunha, era a cópia de um outro trabalho que Cunha tinha entregado à Academia em 1780. Esta situação veio a provocar atritos entre estes dois matemáticos, tendo Cunha acusado Monteiro de plágio. A questão da existência de um conflito aberto entre os dois matemáticos, que viria já de tempos anteriores, quando Cunha ainda era lente da Universidade de Coimbra, não está ainda hoje totalmente esclarecida. Embora por força dos estatutos da Universidade devesse escrever manuais em língua portuguesa, nunca chegou a produzir nenhum.

dificuldades da lição, e facilitar-lhas quanto as minhas ténues forças o permitiam. (...) Porém queria que também os estudantes trabalhassem e os obrigava a resolver problemas.”⁴⁶⁸

Alegou que os restantes lentes repetiam pelo livro ou de cor, literalmente, as proposições da lição e, no dia seguinte, cada estudante satisfazia repetindo de cor a proposição que lhe perguntavam, incumprindo os Estatutos da Universidade.

Todavia, os discentes persuadiram o reitor e diretor da Faculdade de Matemática e Anastácio da Cunha foi forçado a adotar o método a que os alunos já estavam habituados. Anastácio da Cunha, sarcasticamente, explica por que razão o método dos *Estatutos* não era seguido: “(...) semelhantes lições dão trabalho aos mestres e luzes aos estudantes; e isso é justamente o que não convém.”

Lecionava vestido com a sua farda militar, para o que obteve autorização superior, o que a par com o anticatolicismo com que era conotado, contribuíam para a desaprovação dos lentes e alunos, conforme relata António José Teixeira:⁴⁶⁹

“viveu sempre inquieto, não obstante o seu reconhecido engenho, e certamente por causa da superioridade incontestável, que tinha sobre os seus três colegas Ciera, Franzini e Monteiro da Rocha. Um das vezes era o método de ensino, que se lhe combatia; outras acusava-se-lhe o seu génio brusco e intratável; outras falava-se com horror das suas ideias livres, e do seu anticatolicismo; e por fim até se lhe lançava em rosto não usar capa e batina e preferir o uniforme militar.”⁴⁷⁰

Em 1777, com o falecimento de D. José I e o afastamento do Marquês de Pombal, o fado do lente de geometria agrava-se.⁴⁷¹ Procuram-se libertinos, hereges, tolerantistas, deístas, ímpios, iluminados, filósofos, indiferentistas, leitores de Voltaire, de Rousseau e Hobbes. O cerco cerra-se e José Anastácio da Cunha foi um dos principais visados.⁴⁷²

Segundo Aquilino Ribeiro, o ex-jesuíta José Monteiro da Rocha, rival académico de José Anastácio da Cunha, que, prolongadamente, urdira a queda do tenente, conferiu-lhe o golpe de graça e logrou que lhe fosse levantado o libelo de voltairiano e libertino.⁴⁷³

⁴⁶⁸ “O Instituto : Jornal Científico e Litterario. - vol. 38”, p. 659 <<https://digitalis.uc.pt/?q=node/73952>> [acedido 9 março 2022].

⁴⁶⁹ António José Teixeira, “Questão entre José Anastácio da Cunha e José Monteiro Rocha”, in *O Instituto*, Coimbra, vol. XXXVIII, p. 21.

⁴⁷⁰ Cunha, *Notícias Literárias de Portugal 1780. “Tradução e Prefácio e Notas de Joel Serrão”*. pp. 15-18.

⁴⁷¹ Cunha. pp. 15-18.

⁴⁷² Cunha, *José Anastácio Da Cunha. Obra Literária. Volume I, Poesia. (Com Inéditos Do Autor)*. p. 43.

⁴⁷³ Aquilino Ribeiro, *Anastácio Da Cunha - O Lente Penitenciado*, 2nd ed. Lisboa: Bertrand, s.d. pp. 153-155.

Teófilo Braga⁴⁷⁴ refere que junho de 1778, “um estudante do segundo ano de leis, José Jacinto de Sousa, denunciando José Anastácio da Cunha: “elle testemunha presenciou na Igreja santa Clara, d’esta cidade, em sexta feira santa, d’este anno, entrar o delato e sair d’ella sem ajoelhar...” denuncia o lente á Inquisição coimbrã.⁴⁷⁵ O Conselho Geral da Inquisição, habilitado com as declarações dos oficiais de Valença que delataram José Anastácio da Cunha e com esta denúncia do estudante, determinou que se procedesse contra o lente de geometria, que daria entrada nos cárceres da Sofia, calabouço do Canto baixo, a 1 de julho de 1778.⁴⁷⁶

É acusado de ter convivido, em Valença do Minho, com camaradas militares protestantes ingleses, que defendiam as doutrinas referenciadas e liam autores perigosos e de traduzir para português vernáculo prosas e versos desses autores franceses e ingleses heterodoxos. Incriminam-no de corromper as gerações mais novas através da sua eloquência, tendo emprestado a uma sua discípula livros impregnados de filosofismo.⁴⁷⁷ Também foi acusado de comer carne em dias proibidos, de manter em sua casa uma manceba, de assistir, com pouca reverência à missa e de dispensar os preceitos da Igreja.

José Anastácio confessou tudo e em 15 setembro desse ano, é lavrada a sentença condenatória em Coimbra:

“ao réu pela prova de justiça e suas confissões estava legitimamente no crime de heresia, e apostasia, por se persuadir dos erros do Deísmo, tolerantismo e Indiferentismo,

⁴⁷⁴ Braga, *História Da Universidade de Coimbra nas Suas Relações Com a Instrução Publica Portuguesa. Tomo III.* p. 611.

⁴⁷⁵ “A 21 de junho de 1777, é preso o primeiro militar do Regimento do Porto, Henrique Leitão de Sousa. A 12 de dezembro seguinte, Margarida avisa José Anastácio da Cunha de que lhe perguntaram coisas sobre ele, referindo, em código, que é certo virem a ser presos dois ou três soldados do Regimento. A 7 de janeiro de 1778, confirma-se a prisão de três elementos: José Leandro Miliani da Cruz, José Madeira Monteiro e Henrique Leitão de Sousa. janeiro de 1778, José Madeira Monteiro denuncia os maus costumes e heresias de José Anastácio da Cunha. No dia 21 de janeiro de 1778, José Leandro denuncia as leituras e traduções ímpias do autor. 28 de janeiro de 1778, Henrique Leitão faz denúncias semelhantes. No mesmo dia 28, é preso um quarto elemento do Regimento, Alexis Vache, que, de imediato, denuncia a libertinagem e abandono com que José Anastácio da Cunha tratava a religião católica. Era Aleixo Vache, de ascendência francesa que frequentemente, emprestava a José Anastácio os exemplares de Voltaire e de Rousseau.

A 5 de fevereiro de 1778, a Universidade recebe carta régia: confirma se tinham espalhado muitos livros de duvidosa doutrina, contrários aos bons costumes, à religião católica e ao sossego público. Ordena a sua apreensão, sem exceção da pessoa em quem forem encontrados.

Alguns camaradas de armas desertam, outros encontram justificações para partir. Partem Bernard O’Kennedy, João Paulo Bezerra de Seixas, Rodrigo de Sousa Coutinho e James Ferrier, que insiste para que José Anastácio o acompanhe. Mas este fica. E a 1 de abril de 1778, em Valença, inicia-se o inquérito inquirir da veracidade das acusações recebidas sobre o tenente. Testemunham José António Ramos, Nicomede José de Figueiredo, José Maria Freire, José Miguel Pereira d’Eça e Carlos Alvares da Ponte. José António Ramos e José Jacinto de Sousa denunciarão José Anastácio a 22 de junho. (Cunha, *José Anastácio Da Cunha. Obra Literária. Volume I, Poesia. (Com Inéditos Do Autor)*. p. 49.)

⁴⁷⁶ “(...) Valença era pior que uma sinagoga; blasfemava-se ali de Deus e dos anjos; pregavam-se doutrinas ímpias; torava-se de tempos a tempos a sua camoeca; ouviam-se versos traduzidos ou imitados de Arouet ou de Pope por José Anastácio que era um rouxinol, mormente com grão na asa, e volta e meia aqueles diabos de ingleses pegavam-se de disputar acerca da origem e fins do homem, natureza do mal e outras rebarbativas congeminências. Isto e muito mais, não falando na vida licenciosa deste José Anastácio que levava para casa uma rapariga da ralé, fora de toda a lei e santidade. Também um estudante do segundo ano de leis, José Jacinto de Sousa, aparece a denunciar o lente de geometria como tendo entrado na igreja de Santa Clara, na sexta-feira santa, sem fazer a devida genuflexão. (...)” (Ribeiro. pp. 163-168).

⁴⁷⁷ Cunha, *Notícias Literárias de Portugal 1780. “Tradução e Prefácio e Notas de Joel Serrão”*. pp. 27.

tendo para si e crendo que se salvaria na observância da lei natural, como disse a sua razão e a sua consciência lha ditasse.”⁴⁷⁸

A sentença ditou o afastamento do seu cargo na Universidade, a retirada dos seus títulos e o confisco dos seus bens. Também foi condenado a participar num auto-de-fé, à reclusão por três anos na Congregação do Oratório, em Lisboa, e ao degredo posterior na cidade de Évora durante quatro anos. Proibiram-no de regressar a Valença e a Coimbra. No Inventário dos bens confiscados, todavia,⁴⁷⁹ como referem Borralho e Marinho, não são discriminados os papéis miúdos, em que se incluem alguns manuscritos. Poucos são acoplados ao processo, tão-só cartas, alguns poemas como a tradução da oração de Pope ou uma semelhante de Voltaire. Levanta-se a hipótese de José Anastácio da Cunha ter distribuído os seus trabalhos poéticos e científicos.⁴⁸⁰

O auto-da-fé ocorre a 11 de outubro de 1778 e José Anastácio ingressa na casa dos Oratorianos onde só ficará durante dois anos. A pena foi reduzida e, em janeiro de 1781, é-lhe perdoado o desterro em Évora. Durante a estadia nos oratorianos redige, em 1780, as *Notícias Literárias de Portugal*:

“Vous me demandez quels grands hommes les portugais peuvent nommer à côté de ceux que les sciences et les beaux-arts doivent à l’Italie, à la France, à l’Angleterre et à l’Allemagne: le catalogue ne sera pas bien long. Notre poète, l’immortel Camoes, mérite certainement d’être compté parmi les plus grands poètes du monde, anciens et modernes – Et voilà tout, car je ne veux point parier des vivants.”⁴⁸¹

Continuando impedido de regressar a Coimbra, o Intendente Geral Pina Manique, que já lhe tinha confiado a educação da filha (entre 1778 e 1781, o tenente, para sua subsistência, tinha-se dedicado ao ensino privado), convidou-o para regente de estudos e professor substituto do curso matemático do Colégio de S. Lucas da Casa Pia de Lisboa.⁴⁸²

⁴⁷⁸ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fls. 153-156v.

⁴⁷⁹ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fls. 59-64.

⁴⁸⁰ Cunha, *José Anastácio Da Cunha. Obra Literária. Volume I, Poesia. (Com Inéditos Do Autor)*. p. 49.

⁴⁸¹ Cunha, *Notícias Literárias de Portugal 1780. “Tradução e Prefácio e Notas de Joel Serrão”*. p. 36.

⁴⁸² Cunha, *José Anastácio Da Cunha. Obra Literária. Volume I, Poesia. (Com Inéditos Do Autor)*. pp. 53-54.

Perdeu a sua posição na Casa Pia por volta 1785-86.⁴⁸³ Continuou a frequentar alguns saraus literários no palácio da família Freire de Andrade. Faleceu amargurado, revoltado e atormentado, no dia um de 1787, com 43 anos de idade. Suas últimas palavras terão sido.

“Je craindrais de ne pas mépriser assez la vie.- Some dreams of humanity qui me déchirent plutôt qu'ils me consolent.”⁴⁸⁴

Como responsável pelo plano de estudos da Casa Pia, José Anastácio da Cunha deixou impressos os *Princípios Matemáticos para instrução dos alunos do Colégio de São Lucas, da Real Casa Pia do Castelo de São Jorge*, publicados em 1790,⁴⁸⁵ o *Ensaio sobre as Minas*,⁴⁸⁶ que foi destinado à instrução de oficiais do Regimento de Artilharia do Porto aquartelado na Praça de Valença do Minho; a *Carta Físico-Mathematica sobre a Theorica da Polvora em Geral e a Determinação do Melhor Comprimento das Peças em Particular*⁴⁸⁷. Deixou também o *Ensaio sobre os Princípios de Mechanica*, de que não se conhecem exemplares, mas que terá sido publicado por Domingos de Sousa Coutinho em Londres em 1807.⁴⁸⁸

Até ao primeiro quartel do século XIX, a obra de José Anastácio da Cunha foi, sobretudo, consultada em ambientes liberais de expatriados, de que se destacam Sismondi, em 1813, a quem agradara uma rara compilação de poemas do autor:

“de leur douce rêverie, de leur sensibilité, et surtout de cet accent mélancolique qui semble propre à la poésie portugaise, entre toutes les poésies du midi.”⁴⁸⁹

Não publicou nada em vida e foi editado por Inocêncio Francisco da Silva em 1839. A inclusão de “A Voz da Razão” nos exemplares, à venda, do livro *Composições poéticas, contendo algumas poesias de Anastácio da Cunha*, provocou a sua apreensão pela censura por “abuso de liberdade de imprensa

⁴⁸³ Tendo perdido o emprego que tinha no Colégio de S. Lucas, especula-se que Anastácio da Cunha poderia ter tentado outras hipóteses (cf. prefácio de João Manuel de Abreu na tradução francesa dos *Princípios Matemáticos*) que não teria concretizado para não abandonar a sua mãe, que lhe sobreviveu e a quem foi atribuída uma pensão devido aos serviços prestados pelo filho.

⁴⁸⁴ “Receio não desprezar a vida o suficiente - Alguns sonhos de humanidade que me destroem em vez de me confortarem.” João Pedro Ferro, “José Anastácio da”, *Rebeldia*, 1 (1988) <http://members.tripod.com/~gremio_fenix/trabalhos/trab_reb020288.html> [acedido 9 dezembro 2020].

⁴⁸⁵ José Anastácio da Cunha, *Princípios Matemáticos Para Instrução Dos Alunos Do Collegio de São Lucas, Da Real Casa Pia Do Castello de São Jorge*. Lisboa: offic. de Antonio Rodrigues Galhardo, 1790.

⁴⁸⁶ Manuscrito inédito existente no Arquivo Distrital de Braga e publicado em 1994 numa iniciativa conjunta do Arquivo Distrital de Braga e do Departamento de Matemática da Universidade do Minho.

⁴⁸⁷ José Anastácio da Cunha, *Carta Físico-Mathematica Sobre a Theorica Da Polvora Em Geral e a Determinação Do Melhor Comprimento Das Peças Em Particular*. Porto: Typographia Commercial Portuense, 1838.

⁴⁸⁸ Cunha, *A Obra Poética Do Dr. José Anastácio Da Cunha, Com Um Estudo Sôbre o Anglo-Germanismo Nos Proto-Românticos Portugueses, Por Hernani Cidade*.

⁴⁸⁹ J.C.L. Simonde de Sismondi, *De La Littérature Du Midi de l'Europe. Tome IV*. Paris: Trettel et Wurtz, 1813. p. 551.

em matéria religiosa".⁴⁹⁰ As referências explícitas a temas religiosos, cuja autoria se questiona ser de Anastácio da Cunha ou Barbosa du Bocage, ressaltaram.⁴⁹¹

Finalmente, em 1930, Hernâni Cidade reeditaria estas poesias acrescentando-lhes outras, entretanto, descobertas. É *A obra poética do Dr. José Anastácio da Cunha: com um estudo sobre o anglo-germanismo nos protorromânticos portugueses*, em que o académico advoga que a obra poética de Anastácio da Cunha é precursora do romantismo.

O manuscrito *Notícias Literárias de Portugal 1780* encontra-se no Arquivo nacional do Rio de Janeiro, na Coleção Memórias, vol. VIII, códice 807, onde Joel Serrão o encontrou em 1964.⁴⁹² Em 2005 um conjunto de manuscritos inéditos de Anastácio da Cunha foi descoberto no Arquivo Distrital de Braga.

O carácter e a vida do poeta poderão ter suscitado a ousadia de fazer circular em seu nome obras tidas por provocadoramente íntimas ou hereges, de autoria alheia, como se questiona se será "A Voz da Razão" e, o são, sem dúvida, as "Cartas de Heloísa, a Abelardo".

José Anastácio da Cunha redigiu, em 1780, ainda detido na Congregação do Oratório, a reflexão amarga *Notícias Literárias de Portugal* que nos leva a duvidar do remorso que demonstrou junto ao Tribunal do Santo Ofício, já que é patente, no escrito, a indignação pela injustiça que sofreu.⁴⁹³

2. O livre-pensamento anastaciano

Como refere Aquilino Ribeiro, se a poesia de José Anastácio ainda é parte do ideário clássico e é escrita em moldes arcádicos, já a temática da contraposição das leis naturais às leis sociais, da inquietação religiosa, da linguagem da sensualidade como sublimação do instinto amoroso, aproximam-na do perfil poético do pré-romântico que caracteriza, também, Bocage. A obra destes autores, por vezes, cruza-se. Acerca da autoria de "A Voz da Razão", levantam-se dúvidas, ora imputando-se ao primeiro, ora ao segundo.

⁴⁹⁰ "A Voz da Razão", publicada, em Paris, em 1826.

⁴⁹¹ Silva, "Jaime Vicente Gonçalves e a História da Matemática em Portugal". Segundo este autor, o trabalho de Aquilino Ribeiro não é isento de erros e exageros ao querer provar a todo o custo a culpa de Monteiro da Rocha. Já Vicente Gonçalves pecaria em sentido contrário ao querer provar que Anastácio da Cunha não era boa pessoa.

⁴⁹² Cunha, *Notícias Literárias de Portugal 1780*. p. 31.

⁴⁹³ "A mim parece-me muito interessante que, durante a sua vida, Anastácio da Cunha tenha estado sucessivamente em contacto com três dos principais fatores que desempenharam um papel na introdução em Portugal das ideias modernas" do século: os métodos pedagógicos dos Oratorianos, que, pondo grande ênfase no valor da experiência, contrastavam com os métodos tradicionais dos Jesuítas; as forças armadas do Conde de Lippe, com os seus numerosos oficiais estrangeiros, muitos deles maçons; naturalmente a Universidade de Coimbra reformada pelo Marquês de Pombal." (Queiró, "Jose Anastacio da Cunha : Um Matematico a Recordar, 200 Anos Depois". p. 15.)

Em plena sintonia com Aquilino Ribeiro, observamos na obra de José Anastácio um destacado pensamento panteísta a par com várias filosofias que, com este último pensamento, perfeitamente se conjugam sem se contradizerem. Muito pelo contrário, convergem e entroncam-se, no sentido de nos permitirem afirmar, que se trata de manifestação de um livre-pensamento libertino. Os versos abaixo são sintomáticos de um libertinismo que também sabe ser subtil e doce, declama o amor que se quer livre, mas que se vê acorrentado pelo obscurantismo da ortodoxia religiosa.

“Pergunte o mundo vão que amor jurámos;
Que fé; demos as mãos e suspirámos.
Querer prender do instante a liberdade
Com promessas, ridícula vaidade!
Os loucos juramentos dos humanos
São cruéis, mas fraquíssimos tiranos.

Mortos, que ou da fortuna os grossos mares
Com risco vosso e alheio mal cortais,
Ou do vão fanatismo nos altares
Ensanguentado incenso vil queimais...”⁴⁹⁴

José Maria Freire, testemunha do processo que a Inquisição moveu a José Anastácio, além de declarar que o tenente vivia libertinamente na Praça de Valença, declarou, também, que este lia livros de língua estrangeira “José Anastácio só fazia convivência com protestantes Ingleses e Franceses e continuamente estava lendo por livros também ingleses e franceses (...).”⁴⁹⁵

O tenente lia e traduzia e, nesta dinâmica, dialogava com poetas e pensadores contemporâneos ou antigos. A inclinação que revela nas escolhas dos textos e autores permitem discernir o seu pensamento, convicções e ideário. As peças escolhidas podem ser interpretadas como manifestação da sua própria arte e da sua ideologia.

Como referem Maria Luísa Malato Borralho e Cristina Alexandra de Marinho,

“a poética vigente na segunda metade do século XVIII é favorável à imitação e para o demonstrar, lá estão as traduções de Aristóteles, reduzido à frase feita de que “toda a Poesia

⁴⁹⁴ Ribeiro, *Anastácio Da Cunha - O Lente Penitenciado*. pp. 93, 94.

⁴⁹⁵ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. fl. 28.

é imitação”, os estatutos das academias, as recomendações de Garção, as alusões às leituras dos clássicos.”⁴⁹⁶

Brunello De Cusatis explica que num procedimento de tradução, vide no processo imitativo, existe uma intervenção ideológica instrumental ativa, quando o tradutor se arroga a pretensão de forçar a versão traduzida à demonstração de uma tese própria. Não é significativo, somente, o que se lê, mas também como se lê. Não são as alusões, mas o contexto das alusões, não são os modelos que nos influenciam, mas aqueles que escolhemos para nos influenciarem. Não é o mestre que escolhe os discípulos: são os discípulos que escolhem os seus mestres. Deste modo, “cada tradução representa a visão do tradutor, parcial, diferente, expressa na língua de chegada, uma visão que também subjetivamente muda com o tempo”⁴⁹⁷ que acaba por condicionar, inevitavelmente, o seu trabalho de tradução. Foram os seguidores que escolheram os modelos. Se os recolhem, citam, interpretam e acomodam é porque pretendem que os mestres validem o seu pré-entendimento, validem as respostas que adivinham e desejam.

Cusatis também defende, com Wolfenstein,⁴⁹⁸ que o tradutor tem a responsabilidade de um leitor peculiar. O tradutor tem um duplo encargo: o do leitor que interpreta o texto de partida e que realiza um verdadeiro ato crítico, e o do autor do texto na língua de chegada. Assim, as traduções de José Anastácio nunca poderiam ser percebidas como um desempenho inferior. Ultrapassam o texto inicial em que o poeta se esforça por adequar o que é ponto de partida para, num processo de esmero, criar uma obra própria. Ademais de imitador é um criador. Consequentemente, a arte da tradução de José Anastácio assume, também, a missão ética de lançar pontes entre culturas estrangeiras, diferentes e distantes, entre povos, “porque a obra poética e, mais em geral, a obra literária são a expressão autêntica de um povo, nunca reprimível nem no decorrer de períodos turbulentos”.

A tradução não é, senão, propor aos nossos a cultura alheia⁴⁹⁹, além de que a obra de José Anastácio, própria ou traduzida, é uma aproximação à Natureza tanto influenciada pela contemplação de uma paisagem como por uma leitura de Locke ou Voltaire.

⁴⁹⁶ José Anastácio da Cunha, *José Anastácio Da Cunha. Obra Literária. Volume II (Com Inéditos Do Autor)*, ed. Cristina Alexandra de Borralho, Maria Luísa Malato e Marinho. Porto: Campo das Letras, 2006. p. 24.

⁴⁹⁷ Cusatis, “A Tradução Literária: uma Arte Conflitual”. pp 30-31.

⁴⁹⁸ Cusatis. pp 30-31.

⁴⁹⁹ “No processo imitativo, o que se torna significativo não é o que se lê, mas como se lê, não são as alusões, mas o contexto das alusões, não são os modelos que nos influenciam, mas aqueles que escolhemos para nos influenciarem. O mestre não escolhe os discípulos: são os discípulos que escolhemos seus mestres. Os modelos clássicos não escolhem os seguidores, são estes que os escolhem, os recolhem, os citam, os acomodam, os interpretam, para que eles validem o que antecipadamente neles se procura.” (Cunha, *José Anastácio Da Cunha. Obra Literária. Volume II (Com Inéditos Do Autor)*. p. 30.)

Entre outras obras que para o nosso escopo não são aqui chamadas, Maria Luísa Borralho e Cristina Marinho discutem se a *Nova tragédia intitulada Mafoma ou Fanatismo e a Oração Universal, traduzido do inglês de Mr. Pope*, seriam traduções da autoria de José Anastácio da Cunha. No entanto, as autoras defendem que a “Oração Universal” de Pope, frequentemente traduzida na época, foi, praticamente, refeita por José Anastácio.⁵⁰⁰

Já quanto à “A Voz da Razão”,⁵⁰¹ sem nos podermos pronunciar em definitivo, tendemos a julgá-la muito próxima de Bocage, quiçá, também poderia ter sido fruto de um José Anastácio já amargurado e desiludido, em fim de vida.

Apesar de Cristina Marinho e Maria Luísa Malato Borralho⁵⁰² duvidarem da autoria da glosa que invadiu à época as tertúlias “(...) Por que razão não fizestes, Justos Céus, por que razão, Menos áspera a virtude, ou mais forte o coração”, sempre é certo que a crítica generalizada a atribuíu a José Anastácio e a lia como um desabafo perante a falta de autonomia que a sua vontade racional tinha perante sua intrínseca propensão natural, por a fatalidade da sua essência e natureza não lhe permitirem ser, racionalmente, livre e independente da sua inclinação sensual para o apelo da Natureza.

É possível, também, identificar esse raciocínio nos versos de “O Presságio” em que, igualmente, muito bem se vislumbra a propensão deísta de José Anastácio no que ao princípio que rege o Universo se refere. Ele lamenta a falta de autonomia perante o fatalismo em que se encontra, escravo que é do seu fado. Apela à Filosofia e, explicitamente, menciona o Relógio que é o Universo.

“Bárbara Ausência, e Céus inda mais bárbaros!

Contigo, sim, contigo; que o Destino,

Essa escondida causa, esse Princípio

Que, ou activo ou inerte, não somente

Se opõe ao bem, mas é do mal origem,

Origem dos gemidos do Universo,”

.....

Sem ver que deles quasi sempre escravo!

Dize: és tu quem no pejo o Rosto cora,

E no Pavor o deixas descorado?

⁵⁰⁰ Cunha. p. 12.

⁵⁰¹ Cunha, *A Voz Da Razão*.

⁵⁰² Cunha, *José Anastácio Da Cunha. Obra Literária. Volume II (Com Inéditos Do Autor)*. pp. 12-18.

Regulas tu do sangue o Movimento?
Oh!, dize: és tu quem ama? És tu quem sente
Do puro amor os inefáveis Êxtases?
Tu quizeras dizer-me (oh, quem te crera!)
Que quiméricos são estes Presságios,
Estes Presságios que a Alma me trespassam?
Porquê? Que sabes tu? Oh, sê modesta,
Tu, que chamar-te queres Filosofia!
Todas as rodas viste, as molas todas
Deste imenso Relógio do Universo?
Vê, vê do fogo Elétrico os Milagres,
Em paz, por Compaixão, chorar me deixa.”⁵⁰³

O último verso do poema, refere-se ao relógio do universo, comentário de natureza deísta, levando em consideração a ordem harmoniosa do mundo, tal como a ciência mecânica ou a biologia identificam em todo o Universo e em todos os organismos vivos.⁵⁰⁴

Lemos a primeira tese heterodoxa, a desculpabilização da moral da carne, no idílico, naturalista, erótico, mas não pornógrafo, José Anastácio canta o sexo recorrendo a poéticas e efabulações apaixonadas ou a realidades insinuadas. Alarde o amor livre, vivendo-o e versejando-o, apesar dos preceitos epocais de uma sociedade sujeita à rigidez inquisitorial. Assim clama em “Os amores de Montano e de Euzélia”, história pastoril:

“Que amor é livre vontade
Em nossa alma produzida;
Paixão que interessa a todos,
Única glória da vida.
Qual o mísero inocente,
Entre ferros oprimido,
Por feios crimes supostos
Em dura prisão metido;
Que sofrendo mil tormentos

⁵⁰³ Cunha, José Anastácio Da Cunha. *Obra Literária. Volume I, Poesia. (Com Inéditos Do Autor)*. pp. 154-158.

⁵⁰⁴ Jacqueline Lagrée, *La Religion Naturelle*. Paris: PUF, 1991. p. 72

Passa a vida miserável,
E depois de longo tempo
É tido por inculpável:
(...)
Mais tempo não quer o tempo
Que passemos juntamente
Sigamos a natureza em seus preceitos patente (...)."⁵⁰⁵

E é, também, nestes versos que se sujeita o amor aos preceitos da Natureza. A Natureza, força maior, e mais forte do que nós, impõe a vontade que exige a liberdade de viver, sem ter tido a liberdade de escolher ou produzir. O amor seria a maior realização da vida, causa incomensurável de felicidade ou terrível mágoa até, um dia, se volatilizar.

Devoto do amor e Natureza entrega-se-lhes, plenamente, na sua vida pessoal, nos seus comportamentos e convicções. A sua postura perante o mundo é de afrontamento da tradição. O sentimento e o prazer, que o rito não abençoou, são vividos sem culpabilização de pecado.

Destacamos, também, uns versos escritos a pedido de um amigo, possivelmente inglês, em que, desafiador, clamando o amor, tece forte crítica social e religiosa ao fanatismo e ao Santo Ofício:

“To a Friend’s Mistress Being in a Dungeon in her Birthday, the 14th May 1769”

Objecto idolatrado, único objecto
Do mais ardente e do mais profundo Afecto,
Tu, numa prisão bárbara encerrada,
Tu, de cruéis algozes rodeada,
Perseguida de lobos carneiros
Disfarçados com peles de Cordeiros,
Tu, que apesar dos seus latidos feros,
Apesar dos tormentos mais severos,
No coração guardas o amor primeiro
Que um ao outro juramos inda inteiro!
Da minha voz – se o Eco venturoso
Penetra esse Silêncio horroroso,

⁵⁰⁵ Cunha, José Anastácio Da Cunha. *Obra Literária. Volume I, Poesia. (Com Inéditos Do Autor)*. pp. 201-208.

Sepultura inumana de viventes,
Que de um mal sem remédio impacientes
Do Fanatismo mordem as correntes! –
Se algum lugar te dão os teus tiranos,
(...)
Monstros de Fanatismo detestáveis,
Tigres à sua dor inexoráveis,
Que as leis atropelando a Equidade,
A ousais privar da sua liberdade,
Vós que um poder despótico usurpando
A estais continuamente atormentando.
Pouco tarda o castigo da Insolência
Com que estais perseguindo a inocência:
Sobre vossas cabeças já pendente
Vejo a tormenta que há-de de repente
Reduzir-vos a pó. Tremei... E em tanto
Tu, desta alma amorosa doce encanto,
Serena os belos olhos, seca o pranto.
Da inclinação mais pura e mais perfeita
Mil desejos vivíssimos aceita,
Aceita um coração que novamente
Promete ser teu eternamente.”⁵⁰⁶

O amor é, para José Anastácio da Cunha, uma das formas de manifestação da Religião Natural⁵⁰⁷. Confessa-se, aliás, ao Santo Ofício propenso à sensualidade. Não teria, aliás, como o esconder, dado o teor da grande parte dos seus versos e o seu comportamento.

A sua obra, própria ou traduzida, versa sobre os grandes temas da Humanidade, mas também se dedica, afincadamente, ao erotismo. Geralmente, pleno de amor idealizado, versa sobre várias pastoras fantasiadas ou de carne e osso. Neeras, Nises, Flis, Jónias, Alfizas, Cesifas, Armindas, Márcias, Lídias, Euzélias, que não identificamos.

⁵⁰⁶ Cunha. pp. 256, 257.

⁵⁰⁷ Cunha. p. 209 nota rodapé 380.

Em grande parte da sua obra lê-se o apelo da Natureza, defendendo, inclusivamente a subordinação do homem à Natureza e à moral natural:

“Triste humana geração!
Das obras da natureza
Se tens a mesma beleza,
Tens a pior condição (...)”⁵⁰⁸

Tanta é a sensibilidade e predisposição de José Anastácio da Cunha para o amor e o desejo, que logram comover Hernâni Cidade:

“(...) desejos de uma vida moral com um pouco mais de calor emotivo, certa margem de liberdade aos impulsos do sentimento e do instinto, aquela artificiosa, desnaturada secura da vida aristocrática do século XVII e primeira metade do século XVIII. A hegemonia exclusiva da razão, tudo dissecando numa análise glacial as conveniências da sociedade, minuciosas e absorventes, permanentemente recalçando o homem natural, ansioso, sempre de se realizar, tudo incitaria à libertação do que dentro do homem as convenções, mais do que as eternas leis morais, sufocavam, quando não estiolavam, naturalmente, a reação foi exagerada ...É da natureza humana. Não proceder por outra forma. Para nos arrancar a um extremo, dir-se-ia ser sempre necessária a força que de entrada nos projeta para o extremo oposto... (...)”⁵⁰⁹

A liberdade no amor, realizou-se para além da lírica e dos versos. Conhecemos M. (de Margarida), jovem de origem humilde que foi sua companheira na plena aceção da expressão. Segundo os versos do sargento, encontravam-se a qualquer momento do dia, fora da vila, ao abrigo duma árvore e nas matas, embalados pelo som dos pássaros. Margarida aparenta independência e liberdade, como se depreende dos versos que lhe dedica José Anastácio. Relatam, como cenário dos seus amores, o campo e o bosque, conforme agradava ao pré-romantismo, que já se fazia sentir e ao espírito naturalista, que a filosofia pretendia imprimir à literatura e à vida.

Margarida e José Anastácio passaram, ostensivamente, a coabitar e as testemunhas, chamadas ao processo de José Anastácio, denunciaram esse amor assumido sem sacramentos. Jozé Madeira Monteiro, soldado de Artilharia do Regimento do Porto, aquartelado em Valença, também detido por

⁵⁰⁸ Cunha. p. 209.

⁵⁰⁹ Cunha, *A Obra Poética Do Dr. José Anastácio Da Cunha, Com Um Estudo Sobre o Anglo-Germanismo Nos Proto-Românticos Portugueses, Por Hernani Cidade*. pp. XIX-XXII.

libertinismo, refere que o sargento “em sua casa conservava uma manceba a quem não deixava ir à missa”.⁵¹⁰

José Maria Freire, sargento do mesmo regimento, expõe:

“Que êle estava publicamente amancebado com uma moça chamada Margarida, e, tendo-a em sua casa permanentemente, na véspera de satisfazer ao preceito quadragesimal, confessando-se deitava-a hoje fora para chamá-la logo amanhã. Em poesias de vária ordem muitas vezes aludia à sua Margarida, pelo que se mostra bem claramente que fazia gala de tal pecado.”⁵¹¹

Mr. Nicomede José de Figueiredo, cónego da Colegiada de Santo Estêvão, de Valença refere-se a José Anastácio como

“infamado de ler livros proibidos ingleses e franceses, principalmente Vultor (sic) e viver nesta praça com muita dissolução, tendo uma mulher vários tempos fechada em casa por concubina, e fazendo-lhe elogios nas obras poéticas que compunha, gloriando-se assim da sua culpa; portava-se nas igrejas com pouca ou nenhuma reverência, as poucas vezes que a elas ia, e várias vezes o viu, ele testemunha, bêbado...”⁵¹²

O testemunho de José Manuel Pereira de Eça, morador em Valença, também não é abonatório para o poeta:

“ele andou publicamente amancebado com uma moça chamada Margarida que se dizia ser de Vila da Barca e a tinha em sua casa publicamente, e se gloriava tanto do seu pecado que quem a obsequiava a ela lhe fazia também obséquio, e em todos os versos, e poesias que ele fazia sempre se lembrava da sua Margarida.”⁵¹³

José Anastácio confessou tudo aos inquisidores: “em Valença teve trato ilícito com uma moça que tinha em casa, e não a deixava ir à missa, nem ela se atrevia a ir com receio que a prendessem”.⁵¹⁴

Sem se lhe conhecer a obscenidade ou brusquidão de outros versejadores libertinos, por vezes, com o expediente de não usar versos da sua autoria, José Anastácio ousava traduzir palavras mais audaciosas, tal como ocorre com os versos traduzidos de J. Armstrong, “The Economy of Love”:

⁵¹⁰ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fl 7v.

⁵¹¹ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fl 28v

⁵¹² “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fl 26v.

⁵¹³ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fl 30v.

⁵¹⁴ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fl 110v.

“Os brandos pelos
A guarnecer então é que começam
Do domínio de Vénus venturoso
A sacra entrada. Estes sinais se observam
Num sexo e noutro. A próvida Natura,
Vendo-os ambos iguais para o combate,
Deste engraçado arnês agora os arma,
Porque, se assim não fosse, muitas vezes,
Dilacerada a cútis correriam
Estas mimosas partes a arrostar-se?”⁵¹⁵

“A próvida Natura”: realçamos o forte pendor naturalista destes últimos versos traduzidos pelo sargento.

O desejo e a ação sexual, união celebrada, são representação, especialmente, interessante para a exploração de filosofia naturalista. Novamente, nos versos abaixo transcritos, no poema “A noite Sem Sono”, sem qualquer manifestação de obscenidade, bem pelo contrário, sob vestes sentimentais, o sargento plasma esta alusão aos seus amores carnais.

“Pode esquecer-nos nunca aquele dia
Em que, por mais que humana simpatia,
Sentimos nossas almas atraídas
E para sempre, para sempre, unidas?
Tosca, estreita palhoça afortunada,
Em que a nossa união foi celebrada!”⁵¹⁶

Uma ode ao clímax simultâneo descrito por José Anastácio foi publicada, primeiramente, por Hernâni Cidade.⁵¹⁷ Antecipando vários séculos de abertura de espírito, indica a extrema sensibilidade do autor que, em nada, correspondia aos costumes e valores epocais e que, para mais respeitam as questões de género que só atualmente parecemos ir tendo por adquiridas.

“Já quasi até morria

⁵¹⁵ Cunha, *José Anastácio Da Cunha. Obra Literária. Volume II (Com Inéditos Do Autor)*. pp. 175-185.

⁵¹⁶ Ribeiro, *Anastacio Da Cunha - O Lente Penitenciado*. p. 119.

⁵¹⁷ Cunha, *A Obra Poética Do Dr. José Anastácio Da Cunha, Com Um Estudo Sôbre o Anglo-Germanismo Nos Proto-Românticos Portugueses, Por Hernani Cidade*.

C'os olhos nos da amada.
E ela que se sentia
Não menos abrasada:
– “Ai, caro Atfes! – dizia –
Não morras inda, espera
Que eu contigo morrer também quisera”
A ânsia com que acabava
A vida, Atfes, refreia,
E, enquanto a dilatava,
Morte maior o anseia.
Os olhos não tirava
Dos do ídolo querido,
Nos quais bebia o Néctar diluído.
Quando a gentil Pastora,
Sentindo já chegada
Do doce gôsto a hora,
Com a vista perturbada
Disse, tremendo: – “Agora
Morre, que eu morro, amor”
– “E eu – disse ele – contigo”
Viram-se desta sorte
Os dois finos amantes
Mortos ambos de um tal corte;
E os golpes penetrantes
Desta casta de morte
Tanto lhe agradaram,
Que para mais morrer ressuscitaram.”

Para dissipar quaisquer dúvidas, transcrevemos as suas palavras, na peça processual dos autos da inquirição do processo que lhe foi movido pelo Santo Ofício:

“E que ele nunca fez sistema, nem sabe que fosse dos filósofos viverem no celibato

E que era verdade que ele também esteve persuadido que a fornicção simples era mais fraqueza do que pecado, e que Deus a não castigaria como se dizia (...).⁵¹⁸

Ao analisar a obra poética de José Anastácio, também verificamos a possibilidade da segunda tese heterodoxa da identificação de Deus com a Natureza. Percebe-se um diletantismo que procura uma espiritualidade na Natureza, nesta mescla, libertina, de doutrinas, montada em diversos ideários e filosofias, que não se contrariam, mas outrossim, se completam. Destaca-se, grandemente, o pensamento panteísta.

“Ah, primeiro que eu te deixe,
Tornarão atrás os rios,
Pescar-se-á nos montes peixe
E andará pascendo gado
No mar líquido e salgado.”

José Anastácio não acreditava no Deus em nome do qual o haviam encarcerado. O Deus em que acreditava era o magnífico arquiteto do céu e da terra, pai de todos, cheio de amor pelas criaturas, bondoso e patriarcal, não providente e que a todos permitia viver em conformidade com a sua natureza e com a Natureza em geral. Um Deus não remunerador ou castigador. Um Deus que não garantia ou regia costumes, leis ou a vida dos seres.

Um Deus, entidade divina, poder invisível que todos reconhecem, entendida por muitos nomes diferentes, tais como: Deus, Espírito, Ser Supremo, Inteligência, Mente, Energia ou Natureza. A Natureza que o poeta tanto louva e exalta.⁵¹⁹ Como se depreende dos versos que (alegadamente a pedido do comandante James Ferrier) traduziu de Alexander Pope e que testemunhas indicaram terem sido, frequentemente, decorados e declamados na Praça de Valença.

“Pai de tudo a quem sempre, em toda a parte tributa os cultos seus o Santo, ou o Savage, ou o Filozof, Jehovah, loves ou Deos: (...)

“Distinguir o bem do mal me permite, contudo, a faculdade, liga ao fado a natura; porem deixa do Homem livre a vontade: (...)

⁵¹⁸ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fl 107v.

⁵¹⁹ Ribeiro, *Anastacio Da Cunha - O Lente Penitenciado*. p. 170.

A minha alma ensina qual he a boa entrada a ti de quem o espaço todo he tempo, terra, mar, Ceos o Altar, cantem todos os Entes, e a Natura toda haja de incessar. (...)⁵²⁰

A ligação à Natureza de José Anastácio da Cunha reflete-se tanto no seu comportamento como na sua obra, seja esta da sua autoria ou tradução, *imitatio* da obra de algum dos mentores que o dispuseram ao naturalismo. O seu poema, verdadeiro tratado de libertinismo, *Veritati Sacrum* é um hino à Natureza:

“Ó Bosques! Ó lugares solitários,
Onde criado fui longe da corte,
Longe do seu tumulto e seus enganos
Sentado à vossa verde, fresca sombra,
Respirei sempre um ar sereno e puro,
Nunca de maus vapores carregado.
A Preocupação fera e potente
Nunca imprimir se viu na vossa areia
O imperioso pé; nunca me lembra
Que a sombra do seu corpo agigantado
Roubar-nos fosse as luzes da verdade.
Ó Bosques, Santos Bosques! O caminho
Para o eterno templo dessa Deusa
Em vós achei; a pura Natureza⁵²¹
Em vós somente se dignou mostrar-mo.
Depois Sócrates, Túlio, depois Locke,
Apesar.....
.....mo ensinaram.”

A confirmar este entendimento, lembramos que, no processo movido pelo Santo Ofício, os inquisidores confrontaram-no com uma carta de D. Joana Isabel Forjaz (Freire de Andrade), incentivando-o a glosar os direitos da Natureza: “Quem sabe defender tão bem os direitos da Natureza glosará muito bem este quarteto.”⁵²²

⁵²⁰ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Declarações retiradas do processo de José Meliani da Cruz, fls. 5 v.-6, transcrita como se prosa se tratasse.

⁵²¹ O deus Natureza, recordamos.

⁵²² Cunha, *José Anastácio Da Cunha. Obra Literária. Volume II (Com Inéditos Do Autor)*. pp. 12-18.

Acreditamos poder defender-se que, no poema ao pai amado, se poderá proceder a uma interpretação panteística, naturalista e até materialista⁵²³: o homem é matéria da Natureza:

“Se alguém o corpo já de um Pai amado
Com os olhos viu enxutos
Exposto ao ar, dos pássaros picado,
E os membros já em parte diminutos
Pelos ferozes brutos”

Veja também sem dó, ir, ó Neera,
A púrpura fugindo
Do teu rosto trocado em branca cera;
Veja o lânguido olhar, e do pé lindo
O sangue estar saindo (...)⁵²⁴

Em Coimbra, durante o período de 1774 a 1777, os colegas e os discentes sempre minaram, com mais ou menos sucesso, a obra do lente que tentava impor métodos de estudo que entendia mais adequados. A sua liberdade, o seu fato de tenente, os seus versos e os autores vilipendiados que lia, incomodavam a comunidade. Isolado e incompreendido⁵²⁵ foi perseguido e assediado pelo colega José Monteiro da Rocha que denunciava a sua laicidade e coerência de vida com os princípios professados (talvez, também, as atitudes de pedreiro livre), conforme parece expor o “Fragmento de uma carta”.⁵²⁶ A saudade da vida de soldado é indubitável, assim como o são o apelo à ciência e o Naturalismo:

“Ao menos se eu tivesse
Um amigo fiel, Sábio e prudente,
Com que aqui vivesse
Que aos meus males sentisse, e que eloquente
A mostrar me ensinasse

⁵²³ “a) O ateísmo deísta. Essa expressão parece paradoxal, mas é profundamente verdadeira. Com efeito, a lógica do deísmo ou da chamada “religião natural” conduz inelutavelmente ao ateísmo.” (H C Lima Vaz, “Religião e Sociedade nos Últimos Vinte Anos”, Síntese, 42 (1988), p. 28).

⁵²⁴ Cunha, *A Obra Poética Do Dr. José Anastácio Da Cunha, Com Um Estudo Sobre o Anglo-Germanismo Nos Proto-Românticos Portugueses, Por Hernani Cidade*. pp. 1-3.

⁵²⁵ Ribeiro, *Anastácio Da Cunha - O Lente Penitenciado*. pp. 130-131.

⁵²⁶ Cunha, *José Anastácio Da Cunha. Obra Literária. Volume I, Poesia. (Com Inéditos Do Autor)*. p. 254.

Ao negro fado com rosto indiferente...
Com que aqui passasse
A ardente sesta, a fria madrugada,
Sem que o fado o estorvasse...
Ou do Sereno Minho a prateada
Corrente contemplando
Ou debaixo de uma árvore copada,
Por bosques passeando
Em que não entra o sol, e o doce Canto
De aves escutando...
E se nem Tempo houvesse para tanto,
Se ao menos o tivéssemos
Quando a noite estendesse o negro Manto...
Se então gozar pudéssemos
De conversações douradas e selectas
Com que à noite entretéssemos
No curso das plantas,
De Copérnico, de Newton praticando,
De Halley, dos seus cometas
As causas os efeitos ponderando....
Dos homens a loucura
Os defeitos, os crimes detestando... (...) ⁵²⁷”

O sujeito incontornável e preferencial da arte de José Anastácio é o amor. Pleno, é espiritual e carnal. É Deus e o seu templo e confunde-se com a Natureza⁵²⁸: esta lógica deísta, na exaltação da Natureza, sobressai no “Hino ao Sol” que compôs.

“Astro brilhante, que dás luz ao dia,
Luminoso Titão, que por teu resplendor
És da terra igualmente e dos céus alegria,
Dos mortais igualmente e dos Deuses o amor

⁵²⁷ Cunha. pp. 254-255.

⁵²⁸ Cunha. p. 15.

Por um pouco a brilhante cabeça
Tal favor te mereça
Um amante Pastor,
Que chega humilde a pedir-te um favor.
Ó Sol, eu reconheço a tua termosura,
Nem negar ousará humana criatura
Que a tudo quanto em si o Universo contém,
Toda a graça e esplendor de ti só é que vem.”

Os dois poemas acima, conjuntamente com o hino que segue, são duas muito fortes manifestações de epicurismo anastaciano com que nos deparámos na nossa pesquisa. “Hino ao Sol”:⁵²⁹

“(…) Tudo de ver-te está contente.
Mas assim que te veem partir
Tudo logo outra vez se torna a submergir
Num silêncio profundo,
Que deixa ver quando sabe sentir
A tua ausência todo o Mundo.
Mas, como seres tão grato aos Deuses imortais
E aos olhos dos mortais
Tão brilhante e tão belo,
Perdoa-me que qu’enfim, enfim, hei-de dizê-lo:
Mais me agrada da noite o tenebroso horror
Do que o teu resplendor
Claro Titã, não te irrite o que digo,
Não movas contra mim tuas mãos invencíveis
Nem vibres as setas terríveis
De que se arma o teu furor.
Não te quero por inimigo,
Tu és um Deus, e eu um Pastor.”

⁵²⁹ Cunha. pp 105-107.

Aos autos do processo de José Anastácio da Cunha, Michel Leandro Meliani da Cruz declara que José Anastácio conhece, traduz e declama a obra de Alexandre Pope.⁵³⁰ E o próprio confessa que traduziu “The Universal Prayer”⁵³¹ e reconhece que só então (mas não quando traduziu...) compreender a sua extensão. Reconhece que no mesmo, agora percebe a rejeição, à semelhança de Voltaire do dogma da Revelação.

Todavia, ainda no decurso do mesmo interrogatório, José Anastácio tinha sido sujeito à dissecação da “Oração” de Voltaire e também assumira a sua culpa, alegando que havia compreendido toda a extensão dos textos traduzidos.

“Lembra-se ter confessado que em Valença, no tempo dos seus erros, se fez a tradução da “Oração” de Voltaire, foi por lhe parecer que nada tinha de dissonante em artigos de fé, mas que mais tarde reconheceu que podia ter o seu veneno...

– Sim, senhor.

E diga-me: antes de. Fazer a dita tradução, leu o poema de que a Oração é complemento e se chama Lei Natural?

– Li.

Depois de a ler não ficou a fazer nenhum juízo a respeito do espírito que se coa desse ator em matéria de religião...?

– Passou-se isso há tanto tempo que não posso precisar. Mas sempre me inclinei a que o autor se apartava da verdadeira doutrina.

-bis não é verdade que o dito poema impregnado de deísmo de ponta a ponta, que quem diz deísmo diz irreligiosidade...

(...)

– Também não é certo que, no citado poema, rotundamente se negam os dogmas da Santa Madre Igreja, caindo o autor no precipício dos que buscam a origem da verdade fora da Revelação e sua respetiva inteligência...?

Assim será, mas não conservo memória “dos erros particulares que Voltaire cometeu neste poema, salvo o da tolerância e o do deísmo. Concordo que em outras obras de Voltaire se notam todos esses defeitos.”⁵³²

⁵³⁰ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fl 137v-138.

⁵³¹ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fl.94v.

⁵³² “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fls 91-95.

Defesa pusilânime, mas compreensível, se produzira a tradução de Pope foi porque:

“quando a vira lhe não percebera logo o veneno, que em si continha”. Se traduzira a oração de Voltaire, “depois considerou e refletiu que ela também podia ter sentido muito mau”.⁵³³

Nos versos seguintes, da lavra de José Anastácio, discernimos o mesmo naturalismo que, apesar de não aparecer divulgado como a autêntica abordagem científica materialista que acreditamos ser, sempre se disfarça sob um manto de lirismo melancólico que respeita a máxima de Gassendi:

“La loy de nature est la vraie règle d’un honnête homme pourveu qu’il en pratique le premier point, *ne fais pas à autrui ce que tu ne veux pas qu’on te fasse.*”⁵³⁴

“A Bela” - Epístola

“(....) Nós, que além da natureza

Temos de mais a razão,

Um’alma disposta a amar

Um sensível coração;

Que sabemos dar valor

A um’extremada beleza,

E conhecer’harmonia

Da razão e Natureza;

.....

Nós, que tudo enfim vencemos

Aves, Feras, Vegetais,

E temos por superiores

Tão somente os imortais”

Note-se a referência a deuses no plural onde se poderia ler algum paganismo: culto e respeito pelas forças da Natureza viva e sagrada.

“Havemos o doce instinto

⁵³³ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fl. 74.

⁵³⁴ “A lei da natureza é a verdadeira regra do homem honesto, desde que se pratique o primeiro ponto: não faças a outrem o que não queres que te façam”. Paganini, “Le tournant du siècle”. p. 35.

Da paixão d'amor calcar?
Impulsos da Natureza
Deveremos sufocar?
(...)
Porventura ações que são
Ao homem naturais
Eis-nos perante uma clara manifestação de Naturalismo.
Hão-de tornar este homem
Credor de culpas mortais?"

Saliente-se, nestas últimas linhas, a irreligião crítica de um Deus castigador e remunerador.

"Acaso devemos crer
Que o Céu as ações reprová,
A que a Natureza obriga,
E a são razão aprova?"

Destaque para o primado da Razão

(...)
Essas construções são filhas
Da fanática dureza,
A quem apraz, mais do que tudo,
Ver consternada a beleza.

Para saber a verdade
Escuta só a razão,
A Natureza consulta,
Consulta o teu coração.
Nas vozes da são razão
Não pode haver falsidade,
Aos ditames da natureza

Anda ligada a verdade.”

Novamente uma manifestação, óbvia, de naturalismo

Finalmente, quem pensar

Com madureza reflexão,

Jamais verá discordar

Natureza e Razão.”

Expressão de uma mui libertina moral natural e humana, uma sabedoria e sensatez humana e racional.

Anastácio da Cunha está bem ciente da premissa libertina de que as religiões são obras dos homens. Assim, aos autos da Inquisição, confessou José Anastácio da Cunha:

“Disse que era verdade que ele esteve por muitas vezes persuadido que o Estado de Celibato era prejudicial aos Estados por lhe serem mais interessantes os Matrimónios para a propagação, mas que ignorava que o dito Estado fosse aconselhado por Cristo, como mais perfeito, ainda que sabia que todas as pessoas pias o consideravam como tal.

E que ele nunca fez sistema, nem sabe que fosse dos filósofos viverem no celibato.”⁵³⁵

Nestas palavras, o agora lente de Coimbra, réu da Inquisição, sintomatiza uma das teses libertinas: a religião é instrumento do poder e é professada, divulgada e imposta por mãos e meios humanos.

Ainda muito jovem, em Valença, acompanhado por espíritos livres, inserido num meio profundamente heterodoxo, terá perdido a cautela e o medo dos poderes religioso e temporal que subjugavam a sociedade da época. Durante os dez anos que esteve destacado, com breves ausências, na praça de Valença, só se relacionou com os elementos do seu regimento ou as famílias dos oficiais. O comandante do corpo James Ferrier, nascido a 1734 na Escócia, era-lhe próximo.⁵³⁶

A praça de Valença era um perigo para a ortodoxia nacional e, após o afastamento de Sebastião de Carvalho e Melo, foi tomada a decisão de extinguir a heterodoxia aí prevaiente. Era um universo de livre-pensamento e libertinismo onde homens que tinham visto mundo, falavam e conheciam idiomas universais e tinham lido os filósofos proibidos, exprimiam-se com à-vontade e liberdade. Em Valença, o

⁵³⁵ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fl 107v.

⁵³⁶ Ribeiro, *Anastacio Da Cunha - O Lente Penitenciado*. pp. 38-43.

Santo Ofício deteve Aleixo Vache, José Madeira Monteiro, José Leandro Miliani da Cruz, Henrique Leitão de Sousa, José Jacinto de Sousa, José Joaquim Vaz Pinto por terem lido os livros proibidos.

Os estrangeiros tinham vindo para Portugal como elementos da nova organização militar. Não vieram para pregar o Iluminismo ou o libertinismo, mas, entre si, discutiam as ideologias em voga na Europa Iluminada de onde provinham. Debatiam os grandes temas da filosofia e satirizavam os costumes eclesiásticos, peculiares a Portugal, castiços e obscuros. Tinham cultura literária, conheciam os poetas da nova ideologia e traziam os livros proibidos. José Anastácio só poderia deixar-se influenciar.

O Tenente já sabia francês e com os militares estrangeiros⁵³⁷ aprendeu inglês. Conhecía os idiomas principais e estava familiarizado com o latim e com o grego, de cujo texto original traduziu Anacreonte.⁵³⁸ O conhecimento dos idiomas, assim como do italiano permitiu-lhe traduzir e aprender as doutrinas dos autores modernos e oferecia trechos dessas traduções aos seus amigos estrangeiros.

O Estado Português, contratando os oficiais da guarnição de Valença, conferia direitos de hospitalidade às suas ideias e crenças, fossem elas de natureza religiosa ou social. Como os debates se passavam à porta fechada, o Santo Ofício não podia interferir. Todavia, a propagação do ideário e filosofia a alguns portugueses que com eles se relacionavam era do conhecimento do Santo Ofício. Não foi possível processar os ateus estrangeiros, apesar de James (Diogo) Ferrier proferir impiedades⁵³⁹ e Ricardo Müller parodiar o ritual católico, no enterro do cão.⁵⁴⁰ A Inquisição limitou-se a deter os oficiais portugueses.

Anastácio da Cunha lia os livros da biblioteca de James Ferrier, entre os quais os poemas de Pope, as exaltações de Voltaire, os dramas de Otway e declamava Shakespeare. O tenente confessa aos autos:

⁵³⁷ “Como toda a política externa de Portugal andava à volta da antiga aliança com a Grã-Bretanha, foi a ela que o Conde de Oeiras solicitou ajuda para a defesa do território e organização do exército. (...) O pedido dirigido ao governo da Grã-Bretanha era explícito na necessidade de um “mestre-de-campo-general” para além de uma vasta quantidade de equipamentos e tropa. A escolha desse general ficou ao critério da coroa britânica. Foi na pessoa de Guilherme Schaumburg-Lippe, conde reinante do pequeno condado Schaumburg-Lippe desde os seus vinte e quatro anos, que recaiu a escolha de Jorge II. O Conde de Lippe tinha nessa altura trinta e oito anos e uma carreira militar de elevada reputação. “As razões para este convite encontram-se tanto nas qualidades profissionais de Lippe como na estima de que ele, quase membro da família real inglesa, gozara na Grã-Bretanha”. A escolha de um estrangeiro para o lugar cimeiro do exército parecia apresentar, a despeito das diferenças evidentes – língua, cultura, religião –, vantagens tanto para a Grã-Bretanha como para o governo português. “Os ingleses talvez tivessem também desejado entregar o comando em Portugal a uma pessoa de outra nacionalidade e, portanto, considerada mais neutra. (...) “O Conde de Lippe, que ostenta o seu título de conde reinante de Schaumburg-Lippe e que verá consagrado o seu tratamento por Alteza, ocupará o lugar cimeiro da hierarquia militar e debate os problemas directamente com o Conde de Oeiras (...)” (Miguel Freire. “Um Olhar Actual Sobre a ‘Transformação’ Do Conde de Lippe.” *Nação e Defesa*, no. 112 (2005): 137–66. pp 144-146).

⁵³⁸ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Do rol de bens concretizado pelo tribunal só consta, em grego, um Euclides enquanto constam várias obras em latim. pp. 59-64.

⁵³⁹ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fl 5v.

⁵⁴⁰ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fl 135.

“tem por certo que em Valença, no dito tempo dos seus erros, além de os manifestar como tem declarado aos ditos seus mais íntimos amigos, Ferrrier, Moller, Heymental, e Frezer em algumas outras práticas, e conversações com outras pessoas, muito principalmente nas ocasiões em que estivesse preocupado com o vinho o que muito frequentemente lhe sucedia, daria alguma noção dos seus sentimentos contrários à Religião Católica”.⁵⁴¹

Vivia livremente. Várias testemunhas o acusaram de heresia e libertinismo. Manoel Correa Xavier, também detido por libertinagem, declarou que o José Anastácio da Cunha

“geralmente era tido, e havido na dita Praça por herege, e hum dos mais impios, e depravados libertinos. (...) que morrendo um cão o sobredito José Anastácio lhe fizera umas Exéquias, e enterro solene com cerimónias e ritos da igreja Católica, sendo o dito José Anastácio Oficiante”.⁵⁴²

No processo, também por libertinagem, de Aleixo Vache, cirurgião da Artilharia do Porto, lê-se que José Anastácio da Cunha ter-lhe-á dito, uma vez: “Senhor Vachi vamos à Missa, porque eu tenho espias para observarem se a ouço, ou não, e se faltar a ela receio que me acusem.”⁵⁴³

Também José Jacinto de Souza, estudante de Direito Natural na Universidade de Coimbra depõe acerca do desrespeito religioso de lente de geometria

“a respeito da falta de ações religiosas tão somente tem ouvido dizer em fama vaga, que hum José Anastácio da Cunha Lente de Geometria nesta Universidade, é tido por Libertino entrando nas Igrejas sem veneração, e faz o mesmo ainda quando nelas está exposto o Santissimo Sacramento. (...) presenciou na Igreja de Santa Clara desta Cidade, em Sexta-feira Santa deste ano entrar o Delato, e sair dela sem ajoelhar.”⁵⁴⁴

Todas as testemunhas são unânimes em defender irreligiosidade ou pelo menos a falta do devido respeito pela sagrada Instituição, Jozé Antonio Ramos depõe que o tenente

“estava cheio de hum Espirito Herético, e Libertino, mostrando fastio a todas as coisas sagradas, e funções da Igreja” pois quando alguma vez se lhe dizia, *verbi gratia*, tal dia há alguma festa, ou procissão de tal Santo, respondia enfasiado (...) mostrava dar pouco credito

⁵⁴¹ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fl.77 v.

⁵⁴² “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fl. 7 v.

⁵⁴³ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fl. 11v.

⁵⁴⁴ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fls 13, 13v.

à verdade das Escrituras Santas, (...) se podia persuadir que ele tem por falsas as verdades revê dos preceitos da lei de Deus e da Igreja, como era não ouvir Missa nos dias santos, pois viu ele testemunha muitas vezes que quando o Regimento ia ouvir Missa ele entrava na Igreja com a sua companhia, e logo saia para fora, e a porta mesma Igreja (...) e também ouviu ele testemunha dizer que ele comia carne nos dias proibidos”.⁵⁴⁵

O reverendo cónego Nicomede José de Figueiredo declara

“José Anastácio da Cunha lhe perguntou este em que se divertia, e respondendo-lhe que com a lição do Padre Calmede, e lhe tornou a perguntar em que ponto ia, e respondendo-lhe que sobre o Paraíso Terreal e a sua existência, lhe disse o dito José Anastácio da Cunha, (e quem sabe se o houve) e elle testemunha lhe disse que constava dos Egenisis (sic), ao que ele respondeu friamente; pois esta feito, como consta da Escritura, sem mais dizer coza alguma, de que elle testemunha ficou entendendo que elle duvidava deste”⁵⁴⁶.

Jozé Maria Freire declara que

“José Anastácio tinha por desnecessária e inútil a observância dos preceitos de Deus e da Igreja porque em todas as funções, e cerimónias da Vareja das poucas vezes, que nelas entrava assistia com pouca reverencia, e respeito e quando ia acompanhar o regimento para a missa deixava entrar os soldados para dentro e se ficava a porta passeando, e conversando com outros oficiais protestantes.”⁵⁴⁷

Também Jozé Miguel Pereira Eça incrimina o tenente e depõe acerca da abstinência de carne:

“José Anastácio lhe disseram que podia comer carne que o deixar de comer naqueles dias era abuso, em que se mostrou que ele dito José Anastácio duvidava deste preceito e tinha por desnecessária a sua observância,”⁵⁴⁸

Em sede de confissão, nos autos do processo que lhe é movido, José Anastácio da Cunha confessa, efetivamente, a sua dúvida acerca da doutrina cristã:

⁵⁴⁵ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fls 23, 24.

⁵⁴⁶ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fls 26, 27v.

⁵⁴⁷ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fls 28v, 29.

⁵⁴⁸ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fls 49, 50.

“Dice mais que pelos sobreditos motivos e pela liberdade de consciência com que desejava já’ viver veio a estar em algum tempo em diversas ocasiones dúbio, indiferente, e até a cair, e assentir em alguns erros contrários à sã e ortodoxa doutrina (...)

Dice mais que estando neste erro se persuadia também não serem justas as leis da Igreja obrigavam a todos a cativar os seus entendimentos, e sujeitar os seus discursos a crer sem hesitação, nem duvida alguma as verdades de Fé; que a mesma Igreja propunha para se crerem (...)

Dice mais que da mesma sorte se persuadiu do erro de que não era justo o apoio que a mesma igreja fazia da Tradição, para inculcar muitas verdades da Fé que se fundavam só neste princípio, ainda que lhe parece que a respeito deste ponto só teve duvidas vagas entendendo que as coisas que tinham por fundamento a Tradição seriam por isso mesmo sujeitas a muitas contradições [sic], e incertezas.”⁵⁴⁹

As estrofes da poesia *Veritati Sacrum* são profundamente heréticas, nas quais lemos a alusão muito libertina a uma população ignorante e manipulável. Discernimos também a referência ao abalar das certezas absolutas.⁵⁵⁰ Desvenda-se sua, tão libertina, hostilidade ao fanatismo dos religiosos e à superstição do povo. Entende-se a alusão a António José da Silva que desmente a autoria pelos dois estrangeiros, assim como o desmente o panegírico, em prol do Marquês de Pombal. Apreende-se o libertinismo panteísta-naturalista do autor para quem Deus é Natureza ou a Natureza é Deus e é a ela que o homem pertence, não a uma divindade inventada pelo homem para afirmar e concretizar o seu poder.

O próprio declara que o poema *Veritati Sacrum* tinha “exclamações em que chamava aos homens bárbaros por perseguirem outros homens, sem com efeito se falar nomeadamente no Santo Ofício”.⁵⁵¹

“Filha dos Céus! Verdade augusta e santa!

(...)

Eu vejo a maior parte dos humanos

⁵⁴⁹ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. pp. 4.

⁵⁵⁰ “François de La Mothe Le Vayer, em *Dialogues faits à l'imitation des anciens par Oratius Tubero* (duas colectâneas de 4 e 5 diálogos publicados, sem o nome do autor, entre 1630 e 1633, com falsos locais e datas de publicação), utilizando a técnica da enumeração de opiniões diferentes e contraditórias, põe em evidência a multiplicidade e a enorme variedade das crenças religiosas e a sua dependência das paixões humanas. Observa que, nas suas primeiras crenças religiosas, os homens eram fortemente motivados pelas paixões e, sobretudo, pelo espanto perante os grandes fenómenos naturais; esse espanto era reforçado pela imaginação que, durante o sono, nos dá visões prodigiosas.” (Anna Lisa Schino, “La Critique Libertine de La Religion : Mécanismes de Formation Des Croyances et Psychologie Des Masses,” *ThéoRèmes - Penser le Religieux*, 2016, <https://doi.org/10.4000/theoremes.880>.)

⁵⁵¹ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. FI 74.

Que ou vegeta ou delira. Sim, vegeta
Dos míseros mortais a maior parte.
À mesa, ao baile, à ópera, à assembleia,
Atrás dos outros vai como as ovelhas.
(...)
Ao menos na loucura que os agita
Mais pacíficos são e mais humanos
Os que a gente vulgar chama filósofos:
Inda que os vês com furioso aspeto
E lançando dos olhos vivo fogo,
Quais do bom tempo andantes cavaleiros,
Bravo mantenedor, bravo padrinho,
E venham da outra parte os que vierem:
Não te assustes, que a guerra é de palavras
Somente; e o mais que fazem os bons homens
E c'os seus gritos atroar a abóbada
De uma classe, e, a poder de feros murros
E sonoras palmadas espantosas,
Quebrar banco, cadeira e tudo quanto
Ao pé deles se achou, e a mais não passam.
Ah! de tão estrondosos e altos feitos
Produza a Natureza um cantor digno
E também para vós haja um Cervantes
.....
..... cabalistas e mil outras
Diferentes espécies de fanáticos,
Cuja imensa e vã turba flutuando
Vejo no vasto mar de tantos séculos...
.....
Tu que foste o primeiro que pisaste
Com mais regular soco a cena lusa,
O povo de Lisboa mais sensível

Foi na plateia aos teus jocosos ditos

Que.....

.....

Ó Bosques! Ó lugares solitários,

Onde criado fui longe da corte,

Longe do seu tumulto e seus enganos

Sentado à vossa verde, fresca sombra,

Respirei sempre um ar sereno e puro,

(...)

Ó Bosques, Santos Bosques! O caminho

Para o eterno templo dessa Deusa

Em vós achei; a pura Natureza

Em vós somente se dignou mostrar-mo.

Depois Sócrates, Túlio, depois Locke,

Apesar.....

.....mo ensinaram.

.....

.....enquanto

O Divino Carvalho, o Pai da Pátria,

Acompanhado das ciências e artes

E da Virtude, a dissipar se aplica

Da ignorância as espessas negras nuvens

Em que jaz Portugal. – Ó tu, recebe,

Santa verdade, de um coração puro

Uma pura oblação! Desde os primeiros

Anos te dediquei meus pensamentos.

Renovo hoje a oblação! permite que hoje

Torne plenamente a consagrar-tos.

Permite que te of'reça o sangue e a vida

Quando preciso for, e aceita, em tanto,

De um coração que a ti também consagro,

Certamente, tendo noção da hereticidade dos versos, tê-los-á atribuído ao brigadeiro Ferrier que, apesar de ainda à frente do regimento, em Valença, era inacessível à Inquisição e a Simon Frazer que já não estava em território nacional.⁵⁵³

“haverá treze anos fizera o dito Brigadeiro Ferrier uma composição em verso solto português, que tinha por objeto expor varias loucuras dos homens com o titulo Veritati Sacrum, e nela louvara os Filósofos modernos como Neuton (Newton), Vultaire (Voltaire), e Rousseau, e outros por terem pensado, e escrito bem ainda nas matérias tocantes a religião, e na dita composição apoiava o dito Ferrier não haver coisa mais justa que o Tolerantismo, e o pensar-se livremente, e como cada hum quisesse em matéria de Religião, e que era impiedade, e tirania obrigar os homens a cativar os seus entendimentos, e discursos a algumas regras, Leis, e preceitos, e que ele lhe emendou muitos versos desta composição e lhe acrescentou outros, todos concebidos nesse espírito, e neste sistema pelo que respeita ao seu fundo ainda que muitos foram indiferentes, e que se dirigido a ridicularizar o método escolástico, forma Silogística antiga, e outros sobre a de Descartes, e outros Filósofos a quem criticava”. Mais tarde, estando em Valença, e pouco tempo depois, “cortou muitos versos e com especialidade os que mais tratavam da Religião deixando só ficar os que tratavam do modo Silogístico, a crítica a Descartes, e outros Filósofos, e o Elogio a Vultayre (Voltaire). Disse mais que sempre na dita obra ficarão algumas expressões gerais, e vagas, Segundo lhe parece, em que criticava os procedimentos do Santo Ofício (...).”⁵⁵⁴

Como já referimos, acerca das traduções, na sua tradução de *Mahomet* de Voltaire, tragédia comprometida, proibida em França e que denuncia a instrumentalização do sentimento religioso

⁵⁵² Referência a *Gerusalemme Liberata* épico do poeta italiano Torquato Tasso (1544–1595), em que descreve os combates imaginários entre cristãos e muçulmanos, no fim da Primeira Cruzada, durante o cerco de Jerusalém de 1099. Torcato padecia de doença mental e faleceu poucos dias antes da sua prevista coroação como o rei dos poetas pelo Papa. Foi dos poetas mais lidos, na Europa, até ao início do século XIX e um dos clássicos renascentistas. *Gerusalemme Liberata* suscitou polémica. Tasso plagiou caracteres do *Orlando Furioso* de Ludovico Ariosto (1474-1533) e inspirou-se em elementos de obras de Virgílio e Homero. O poema tem uma base histórica factual, elaborando sobre um episódio ocorrido em 1099. Teve grande repercussão na sua época porque o Império Otomano estava em expansão e representava uma ameaça para a Europa. Uma das características mais marcantes no texto é o perene conflito entre os impulsos do coração e as demandas do dever. Acreditamos ser esta última leitura que terá levado José Anastácio da Cunha a fazer esta citação no seu *Veritati Sacrum*.

⁵⁵³ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fols 74, 75.

⁵⁵⁴ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fols 49, 50 73v-74v.

colocado ao serviço da ânsia de poder de um manipulador perverso, ele debruça-se sobre o muito libertino tema do aproveitamento político do fanatismo e da manipulação política das religiões⁵⁵⁵.

Acatamos a convicção de Malato Borralho e Marinho de que a tradução – *Tradução do ‘Mafoma’ de Mr. Voltaire*, Lisboa, Oficina da Academia Real das Sciencias, 1785 – seja da autoria de José Anastácio da Cunha, apesar de não ter a indicação do seu tradutor.⁵⁵⁶

Não fora o comportamento livre de inibições do tenente, sempre teríamos os seus comportamentos e versos além dos testemunhos alheios, acerca da sua convicção de que há identidade entre a alma e o corpo (a quarta tese heterodoxa⁵⁵⁷). De facto, José Joaquim Vaz Pinto denuncia, nos autos do processo contra José Anastácio da Cunha:

“Testemunha certo em ouvir dizer a uns, a Padres Capuchos, que o conheciam de Valença que o sobredito era Libertino; (...) a Mãe do sobredito muitas vezes o tem repreendido do Sistema da vida de Filósofo, que seguia. (...) e ouviu dizer mais que ele não cria no Inferno e tinha dito que se a sua Mãe falecesse lhe não havia de mandar fazer Sufrágios, talvez por entender que a Alma acabava com o corpo (...).”⁵⁵⁸

⁵⁵⁵ *Mahomet* é uma tragédia militante que denuncia a instrumentalização do sentimento religioso, colocado ao serviço da vontade de poder de um manipulador perverso. Foi publicada em Paris, em 1742, e conta as peripécias de um jovem fanático comete parricídio a quem Voltaire define como um “*esprit amoureux de son propre esclavage*”. O profeta que o manipulou virá a triunfar graças à credulidade do povo que se deixa ludibriar por um falso “juízo de deus”. A peça foi proibida em Paris após três representações e, a partir de 1742, circulou clandestinamente. Voltaire pretendeu retratar o fanatismo em toda a sua envergadura. Na verdade, trata-se de um ataque ao Cristianismo que Voltaire associa ao fanatismo, todavia, Voltaire, tentando proteger-se das críticas, dedica-a ao papa Bento XIV.

⁵⁵⁶ Cunha, José Anastácio Da Cunha. *Obra Literária. Volume II (Com Inéditos Do Autor)*. pp. 22-24.

⁵⁵⁷ D’Elmotte defende, sumária, mas claramente, em forma de vulgarização filosófica, as ideias de Condillac e Locke. Defende aquele da acusação de tortuoso, pois, “partindo dum princípio simples, verdadeiro, universalmente reconhecido, dele deduz progressivamente as mais luminosas verdades que demonstram à última evidência que todos os nossos pensamentos começaram por uma sensação.” Ri da definição de alma, pois a ideia de substância que nela entra é, tal qual, por seu turno, define-se, igual a nada; ri da definição de ideia, pois nela entram termos ainda não definidos, como imagem espiritual, natureza representativa; finalmente, assenta o princípio basilar: “nós sabemos apenas que recebemos impressões por ocasião dos sentidos; chamo-lhes *sensações*. Tenho consciência destas sensações. Chamo a esta consciência *percepção*.” Responde, por fim, às objeções: De onde vem a ideia de anjo? E a ideia de Deus?

“Vem-nos da consideração de nós mesmos e do que infalivelmente achamos na nossa própria natureza. Veio-nos da nossa reflexão sobre as operações do nosso espírito, dando nós uma extensão ilimitada às qualidades de ‘sabedoria e beneficência que em nós mesmos. Adiantai – diz Hume – este exame o mais que puderdes, achareis sempre que cada ideia vem de uma impressão correspondente.” Não alargámos esta citação, senão para que fique em evidência como nos fins do século XVIII a crise mental alastra o espírito crítico às ideias que a tradição mais julgava imovelmente estabelecidas e como, direta ou indiretamente, o pensamento inglês, por Bacon, Newton, Locke, para isso poderosamente contribuiu.” (Cunha, *A Obra Poética Do Dr. José Anastácio Da Cunha, Com Um Estudo Sobre o Anglo-Germanismo Nos Proto-Românticos Portugueses, Por Hernani Cidade*. p XL1.)

⁵⁵⁸ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. fl 15v.

A mortalidade da alma é uma temática essencial ao libertinismo que participou na construção do pensamento das Luzes. Neste tocante, a mensagem de José Anastácio da Cunha não é distinta da de Cyrano de Bergerac, em *La Mort d'Agripine*, no século anterior:

“Sejanus
De ma mortalité je suis fort convaicu;
Hé! Bien, je dois mourir, parce que j’ai vécu: (...)
Agrippine
(...)
La nature epouvante une ame qui s’enfuit?
Voila de ton destin le terme epouvantable.

Sejanus
Puisqu’il e est le terme il n’a rien d’effroyable,
La mort rend insensible à ses propres horreurs;
(...)
Une heure après la mort notre âme evanouie,
Sera ce qu’elle etait une heure avant la vie. (...)⁵⁵⁹”

Alguns livres-pensadores libertinos, como referem certos apologistas,⁵⁶⁰ levantam, partindo do postulado da alma mortal, as condições de um materialismo ateu. Mas, para os cristãos, a mortalidade da alma é inconcebível. Rejeitam a possibilidade da união da alma e do corpo. Justificam-se defendendo que a substância espiritual da alma e a substância corporal são de género diferente e incompatível.

Certamente influenciado, também José Anastácio da Cunha, em terras lusas, se vai subtilmente pronunciando sobre a impossibilidade da eternidade da alma. Paradoxo que libertinos franceses haviam levantado, com alegações de que aquela eternidade seria instrumento de um Deus castigador que os cristãos propunham:

“O Deus, a quem tão mal o Homem conhece!
Ó Deus, a quem todo o Universo aclama!

⁵⁵⁹ “Sejano/ Estou convencido da minha mortalidade;/ Pois, tenho de morrer, porque vivi: (...)

Agripina (...) A natureza assusta uma alma que foge?/ Aqui está o termo terrível do teu destino.

Sejano/ Uma vez que é o fim, nada há de terrível nele,/ A morte torna insensíveis os seus próprios horrores;/ (...)/ Uma hora depois da morte, a nossa alma desmaiada,/ Será o que foi uma hora antes da vida. (...)

⁵⁶⁰ Mello, *Triumpho Da Religião. Poema Epico-Polemico; Que a’ Santidade Do Papa Benedicto XIV. Dedicou Francisco de Pina e de Mello.*

As palavras escuta derradeiras
Que a minha boca forma: se enganado
Vivi, foi tua Santa Lei buscando.
Pode o meu Coração da boa estrada
Perder-se, mas de ti sempre está cheio.
Sem me assustar, diante dos meus olhos.
A Eternidade vejo; e crer não posso
Que um Deus que o ser me deu, que um Deus que tantas
Bênçãos lançado tem sobre os meus dias,
Agora extintos estes finalmente,
Me haja de atormentar eternamente.”⁵⁶¹

Recordámos que José Joaquim Vaz Pinto testemunhara, junto ao processo de Anastácio da Cunha, que “ouviu dizer mais que ele não cria no inferno, e tinha dito que se a sua mãe falecesse lhe não havia de mandar fazer sufrágios, talvez por entender que a alma acabava com o corpo (...).”⁵⁶²

Também nos versos que escolheu traduzir, José Anastácio informa-nos ou deixa transparecer a sua opção deísta, panteísta e epicurista que os libertinos foram buscar aos versos de Lucrecio, leia-se este trecho da tradução de “Essay on Man”:

Todas as partes são de um raro todo,
Cujo corpo é Natura, Deus a alma,
Que, diverso por tudo, é em tudo o mesmo;
Grande tanto nos céus como na terra;
Arde no sol nas auras refrigera,
Nos astros luz, nas árvores floresce;
Em todo o vivo e extenso, vive e estende
Difunde-se no indivíduo, obra no inconsumpto,
Vive em nós e a mortal parte nos forma.

⁵⁶¹ Cunha, *José Anastácio Da Cunha. Obra Literária. Volume II (Com Inéditos Do Autor)*. p. 107.

⁵⁶² “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. p 15v.

O pensamento libertino, na pegada do epicurismo de Lucrecio plasmado em *De Rerum Natura*, acredita na impossibilidade da imortalidade da alma, assim clarificando a impossibilidade epicurista do castigo eterno.

Destacamos o testemunho de Dom Rodrigo da Cunha, Manoel Henriques Mello e Castro:

“Disse mais que em outras ocasiões tratou as ditas matérias com o Doutor leal, outras vezes com José Anastácio, e João Paulo Bezerra, e outras mais Pessoas, que lhe não lembram, junto a Santo António dos Olivais; e em uma delas esta certo ele testemunha que defendeu acerrimamente a parte de nossa Santa Religião, dizendo, que seria infeliz uma Republica de Ateus // E não poderia subsistir por lhe faltar o temor do Inferno, e a esperança de hum premio eterno; pois estes eram os dois princípios de se coibirem os Vícios dos homens; e por isso amavam a virtude; e que sem Religião não estavam seguros os Príncipes no Trono:

José Anastácio então defendeu o contrário, o que talvez faria por disputar

Disse mais, que estas, e em outras semelhantes palestras falava ele Testemunha em Hobbes, Helvécio, e outros livros ímpios, que nunca lera (...).”⁵⁶³

Segundo o livre-pensamento libertino, a religião subsiste porque a morte atemoriza. A religião carece da ameaça do castigo que intimida e assenta na crença da probabilidade de a alma ser imortal e do inferno existir. Mas, afirmam os libertinos, a imortalidade é impossível porque a alma é material.

José Anastácio da Cunha tanto se nos afigura como deísta, como naturalista materialista, consoante os versos que lemos ou os testemunhos e confissões junto ao Tribunal do Santo Ofício de que tomámos conhecimento. Na verdade, poderia, também, afigurar-se nos pandeísta⁵⁶⁴. O que é certo e não deixa qualquer margem para dúvida, é que é libertino na plenitude da aceção que estudamos.

⁵⁶³ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”. Fls. 143v.-145.

⁵⁶⁴ “O pandeísmo é a crença de que Deus escolheu tornar-se totalmente o nosso Universo, impondo princípios neste Tornar-se que promoveram a evolução legal de estruturas multifacetadas, incluindo a vida e a consciência. Este artigo descreve e defende uma forma particular de pandeísmo: o pandeísmo do Deus vivo (LGP). Na LGP, o nosso Universo herda todos os atributos insuperáveis de Deus - realidade, unidade, consciência, conhecimento, inteligência e efetividade - e inclui tanta realidade, consciente e inconsciente, quanto possível, de forma consistente com a manutenção desses atributos. Deus e o Universo, juntos "Deus e o Universo", também são eternos no futuro e no passado. O artigo deriva hipóteses testáveis destas afirmações e mostra que as provas até à data confirmam algumas delas e não falsificam nenhuma. O teísmo não pode ser testado da mesma forma.” William C. Lane, “Living God Pandeism: Evidential Support,” *Zygon* 56, no. 3 (2021): 566–90, <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/zygo.12704>.

3. “A Voz da Razão”: entre Anastácio da Cunha e Bocage

A “A Voz da Razão” que é peça fulcral da manifestação de libertinismo setecentista entre nós, foi, sucessivamente, atribuída a José Anastácio da Cunha ou a José Maria Barbosa du Bocage.

Foi hábito imputar todas as manifestações heréticas e libertinas ao poeta, pelo que também se lhe atribuiu a autoria de “A Voz da Razão”, claramente identificada pelo texto impresso e pelo prefácio do editor que precedia a impressão das numerosas cópias ou versões, que se conheciam.⁵⁶⁵ Era de José Anastácio da Cunha, herege, julgado pela Inquisição e reconhecido pela sua heterodoxia legível na peça: deísmo, rebeldia face aos dogmas religiosos, louvores à Natureza, afronta às instituições religiosas epocais.⁵⁶⁶

No entanto, referem Malato e Marinho, esta atribuição parece ser posterior à edição de 1822, e é certo que não há referências de que a “A Voz da Razão” tenha chegado ao conhecimento dos Inquisidores do Santo Ofício. Da mesma, não há, também, sinal nas compilações dos copistas que conviveram com o autor. As autoras questionam se a peça não lhe terá sido atribuída pelas razões já referidas.⁵⁶⁷

Todavia, as opiniões dividem-se: segundo Aquilino Ribeiro, foi Teófilo Braga quem atribuiu a Bocage “A Voz da Razão”,⁵⁶⁸ a fim de minorar a pena de Bocage.

Certo é que sucessivos estudiosos, com as mais variadas e credíveis explicações, alternadamente, atribuem o poema a um ou a outro dos dois poetas. José Agostinho de Macedo, Hernâni Cidade e Aquilino

⁵⁶⁵ Autoria refutada por Francisco de Arantes, *Refutação de A Voz da Razão do Doutor José Anastácio da Cunha. Lente de Mathemáticas da universidade de Coimbra: Ou Verdadeira Voz da Razão por Francisco de Arantes, Lente de Theologia da Mesma Universidade* (Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1824) <https://play.google.com/books/reader?id=jN11RuREQyUC&hl=pt_PT&pg=GBS.PA1> [acedido 10 maio 2020]. Ou “*A Voz da Razão Esclarecida contra as Argucias irreligiosas Voz da Razão do Doutor José Anastacio da Cunha*”, Ann. In Silva, “Dicionário Bibliográfico Português, vol. IV”. p. 411.

⁵⁶⁶ Cunha, *José Anastácio Da Cunha. Obra Literária. Volume II (Com Inéditos Do Autor)*. pp. 12-18.

⁵⁶⁷ Cunha. p. 18.

⁵⁶⁸ “A Pavorosa, que andou sempre em versões manuscritas, apareceu publicada nas Eróticas de Bocage, sendo aliás digna de figurar nas obras do poeta; é uma manifestação do filosofismo criticista da geração da Enciclopédia, não com a franqueza do ateísmo dum Diderot, mas da transação capciosa desse deísmo de Rousseau que dá no campo de ação os Robespierre.” (Ribeiro, *Anastacio Da Cunha - O Lente Penitenciado*. pp 98-99).

Ribeiro⁵⁶⁹ reclamam a autoria para José Anastácio da Cunha. Já Teófilo Braga⁵⁷⁰, Borralho e Marinho acreditam que deverá ser da autoria de José Maria Barbosa du Bocage.⁵⁷¹

“A Voz da Razão”

“O EDITOR

Prostituiu-se o homem na infância do Universo: quasi setenta séculos de avexações e de crimes não têm podido acordá-lo da sua aviltadora apatia. Este ente sempre miserável não oporá nunca à opressão mais que um sofrimento mudo? Mas ele já começa a erguer-se; é preciso animá-lo: ele parece disposto a romper a cadeia de seus males; cumpre mostrar-lhe que os seus prejuízos são a origem deles, e que a sua ignorância tem sido o seu algoz. É este o dever que faz publicar este escrito: o homem bom aqui achará o erro e a espada da verdade para debelá-lo; e o malvado que o quiser dissimular, ou perpetuá-lo, vendo-o em todo o horror, só ganhará o remorso. Não direi nada de seu Autor: seus escritos, e a Europa que os conhece, falam de sobejo. Honrou a Pátria, e foi vítima do opróbrio! Perseguido pelo Tribunal da iniquidade e execração, ele definhou de penúria e de mágoa! Génio, se te é mãe desvelada a Natureza, sempre te é madrasta, madrasta a Fortuna! Os ímpios lhe cavaram a sepultura, os amigos dos homens lhe fizeram a apoteosis: e a despeito da inveja, a Pátria dirá com saudade o que a França disse de um homem que a honrou:”rien ne manque à sa gloire, mais il manque à la nôtre”. Talvez haverá quem me condene por publicar um escrito irreligioso; oxalá eu vivesse num século em que devesse lançá-lo ao fogo! Compatriotas, aceitai esta oferta; não a julgueis pelo volume: ela é um antídoto heróico contra o veneno sagrado. Salvando vossos direitos, tendes enchido de assombro o mundo, de confusão os tiranos; mas ainda existem entre vós os impostores que vos têm fascinado. Acabai-os duma vez: desapareça a superstição, essa alavanca terrível que, fazendo o seu ponto de apoio no Céu, tem revolvido a terra, quebre-se em pedaços: e as maldições dos homens cairão sobre o perverso que tentar soldá-los. A fábrica

⁵⁶⁹ Dispõe Aquilino Ribeiro.: “A edição da Voz da Razão de 1826, com o seu frontispício e lema em inglês, tão ao gosto de José Anastácio, parece não duvidar do seu legítimo ator.” (Ribeiro. pp. 100-103) E também nós, não deixámos de concordar com o raciocínio tão convincente de Hernâni Cidade; “Não está averiguado se *A Voz da Razão* é ou não de José Anastácio da Cunha. Todavia, o Padre José Agostinho de Macedo atribuí-lha sem hesitação. Se bem que o juízo do panfletário não seja o melhor guia, creio que neste caso não nos levará errado. Naqueles quartetos não há uma ideia que o poeta desdenhasse de subscrever. E, depois, a articulação da lógica discursiva, como principalmente, a clara concisão dos argumentos, parece denunciarem hábitos mentais de quem expunha geometria...”. (Cunha, *A Obra Poética Do Dr. José Anastácio Da Cunha, Com Um Estudo Sobre o Anglo-Germanismo Nos Proto-Românticos Portugueses, Por Hernani Cidade*. p. CXXIV).

⁵⁷⁰ “Mas voltando ao problema da paternidade de tão discutido folheto: Teófilo tira um argumento dos pseudónimos que se leem nele. A nosso ver gratuitamente o faz.” (...) “No Dicionário Bibliográfico escreve Inocêncio constar-lhe que *A Voz da Razão* é da autoria de Luís Torquato de Lemos e Figueiredo, oficial da Secretaria do Estado dos Negócios da Fazenda; mas não diz por que bulas.” (Ribeiro, *Anastácio Da Cunha - O Lente Penitenciado*. pp. 103-104).

⁵⁷¹ Cunha, *José Anastácio Da Cunha. Obra Literária. Volume II (Com Inéditos Do Autor)*. pp. 14, 15.

do fanatismo fende e estala por todas as partes: cumpre dar-lhe o último abalo e ela desabará sobre a raça hipócrita que a alevantou.

B. F. B. M. ⁵⁷²

Começa, o editor, por confessar que se tratará de um escrito irreligioso, em que se apela ao despertar do homem, da apatia a que a religião o condena e a que a ignorância, em que convém mantê-lo, o obriga. Refere que a Europa conhece os escritos do autor (o que é verdade no que a José Anastácio da Cunha diz respeito); dispõe que o mesmo honrou a pátria e foi vítima de opróbrio, perseguido pelo Tribunal que julgamos ser da Inquisição, (certo quanto à vida e fatalidade do militar de Valença, posterior professor da Universidade de Coimbra). Mais, refere que terá sido a inveja a cavar-lhe a sepultura (temos também conhecimento da perseguição que lhe foi movida pelo colega, docente de Matemática, o jesuíta José Monteiro da Rocha). Reclama o editor publicar “A Voz da Razão” a fim de contribuir para o fim da superstição e fanatismo. Esta introdução ao poema convida-nos a acreditar ser o mesmo da autoria do tenente.

O Prólogo prepara para considerações libertinas, antirreligiosas e apologistas da Natureza. Condena o prejuízo que subjuga o homem e o mantém apático, promete oferecer uma compreensão contra o veneno sagrado. Faz referência a impostores que têm fascinado o homem, que deverão remeter para as imposturas políticas apreendidas pelos pensadores libertinos.

Epístola Primeira

“(…) Se a razão que do Céu veio,
Enganasse o triste humano,
Não era a razão autora,
Era deus autor do engano.
(…)
Se num ente limitado
Não cabe uma acção imensa,
Como pode a culpa humana
Tornar-se infinita ofensa?

⁵⁷² Recorremos à versão transcrita em Cunha. pp. 337-362.

Se o gozo que um Deus disfruta
Não pode ser perturbado,
Porque tais consequências
Consigo traz o pecado?

Estes versos revelam uma incompreensão do pecado, já que se ao homem não é reconhecida razão autónoma, também não se lhe poderá imputar culpabilidade. Assume-se, também, a recusa da Divina Providência. Prosseguindo:

Se ofende as leis sociais,
Evite-os a sociedade;
Não tenham culpas ligeiras
Castigos d' eternidade.

Nestes últimos versos, recusa-se que Deus seja o garante dos bons costumes, das leis ou da vida civil, mostrando-se perplexidade por, perante culpas efémeras de ordem civil, poder a divindade atribuir castigos eternos.

Se o mal que produz a culpa
Ao homem só prejudica,
Quando faz o delito,
Punida a culpa não fica?

Quando mesmo um Deus devesse
Com dura mão castigar-nos,
Na intensidade da pena
Não poderia expiar-nos?
(...)
Mas se a glória sua
O mortal pode manchar,
Este Deus foi imprudente,
Infeliz em nos criar”

Focam, estes últimos versos, uma temática muito libertina: a rejeição de um Deus vingativo, remunerador e castigador.

(...)

Por que razão a virtude
Borrifaste de amargura,
E pelo contrário ao vício
Uniste tanta doçura?
Os atrativos que deste
À tocante formosura,
Não fora melhor ligá-los
A essa virtude pura?

Estas últimas estrofes centram-se na também tão libertina, desculpabilização da moral que culpabiliza o desejo e a sexualidade.

(...)

Se a Providência previa
Dos homens o precipício,
Porque lhe não deu, podendo,
Mais forças que ao torpe vício?

Estas estrofes soam-nos semelhantes ao verso (“Por que razão não fizestes, Justos Céus, por que razão, Menos áspera a virtude, Ou mais forte o coração?”) o que pode ser mais outro argumento para imputar a autoria deste poema a Anastácio da Cunha. Parece-nos, inclusivamente, que todo este poema tem uma glosa e uma sonoridade, parecida.

E se acaso as nossas forças
Às do vício são iguais,
Criados em puro estado
Como pecam os mortais?
Foi-nos dada a liberdade,
Para podermos merecer;
(porém nós dela abusando

Quão funesta vem a ser!)
De que me aproveita o ser livre,
Se oculto motivo forte
Sempre, oh céus!, me determina
A obra desta ou d'outra sorte?
Oh! Tirana faculdade
Inimiga dos humanos,
Se és mãe de algumas virtudes
És fonte de imensos danos.”

Lemos esta última estrofe como a constatação do autor de que a liberdade metafísica é uma quimera e o homem é sujeito e prisioneiro da sua Natureza e da natureza em geral. A Deusa Natureza, na leitura panteísta naturalista de Anastácio da Cunha.

(...)
Se um só culto a Deus agrada;
Se a nossa alma é imortal
Se é justo que abranja ao filho
Do pai, a culpa fatal;

Poderá fazer-se uma interpretação deísta destes últimos versos.

(...)
Seria menos possível
Fazer do nada a matéria,
E que enormes globos voem
Por essa região etérea?
Tantas mecânicas leis
Prescrever a cada peça
E que sendo rude o barro,
Fiel às leis obedeça!
Desse espírito e matéria,

Coligir as faculdades,
Fazer que mutuas se influam
Tão opostas entidades?

Uma referência ao atomismo mecanicismo da época moderna, com apelo à conjugação de vontades espiritual e material que se conciliam durante a vida humana.

Somos, por estes versos, reportados à noção libertina da mortalidade da alma.

(...)
Ou tu, virtude, ou tu, vício,
Não são mais que vãs ficções,
D'atroz política invento
Para enfrear as paixões

Lemos uma invocação explícita ao tema libertino, nuclear, da manipulação política das religiões. Ou das religiões ao serviço do poder, domesticando e subjugando as massas ou população ignorante.

Ou o Deus, que eu reconheço
Por humana autoridade,
Rindo ao som de nossos males,
Gemer deixa a autoridade

Eis outra manifestação contra a existência de um Deus remunerador e vingador.

Ou talvez que, sendo eterna
Dos homens a geração,
Não possa inverter-se a ordem,
Mudar nossa condição

Novamente se declama contra o dogma da eternidade da alma que condena o homem ao eterno suplício e à expiação eterna dos pecados.

Mas se tudo, Anélio, fosse
Obra só da Natureza!...
Porém não falte a razão
Nos espaços de incerteza.

Concluo só que a substância,
Que é infinita em Poder,
Se ama os entes que gerara,
Todo o bem lhe há-de fazer...

Menção da substância, Deusa Natureza, é uma manifestação naturalista.

(...)

Epístola Segunda

(...)

Se um Deus, que é autor de tudo,
Tudo perfeito criou,
Quem trouxe o pecado ao mundo
Que a criatura manchou?

Se foi Lúcifer soberbo,
Além d'um Deus o criar,
Como podia a soberba
No seio da glória entrar?

E como permitiu Deus
Grassasse a culpa no Céu?
Como, engolfado na glória,
O anjo atenção lhe deu?

Há tão poucos atrativos
Acaso no Sumo bem

Que os anjos, na sua posse,
A nutrir a culpa vêm?
(...)
Esta devorante harpia,
Que do seio verminoso
Cuspiu o fatal veneno,
Criou-a o TODO-PODEROSO.
Se em consequência da culpa
Desse primeiro mortal
A geração dos viventes
Ficou tão sujeita ao mal,

Para os libertinos, o idealismo e os constrangimentos que a moral e a religião impõem em matéria amorosa são ilusões ineficazes que não impedem o indivíduo de responder ao poder irreprímível dos seus desejos e que, por consequência e acréscimo, lhe aumentam o peso insuportável da culpabilidade.⁵⁷³

(...)
Se tanto bem nos traziam
Os segredos revelados,
Como por tempos tão longos
Um Deus os teve ocultados?

O autor, nestes versos, tece a mui libertina e deísta crítica à Revelação.

Se a revelação continha
Mistérios interessantes,
Porque delas as nações todas
Não foram participantes?

Os libertinos acreditam na multiplicidade das leis, costumes, religiões humanas e não reveladas.

⁵⁷³ Tricoche-Rauline, "Les libertins érudits ou la morale des corrompus." [acedido 14 março 2022].

(...)
Ao Alcorão obedecem
Os turcos, mui piamente;
Também da razão se apartam,
Têm fé, como nós ardente;
Têm jejuns mais rigorosos,
Mais duras macerações,
Nas mesquitas mais respeito,
Mais fervor nas devoções.
Por um, que chamam Deus Grande
D'alguns prazeres se esquecem;
Por defender suas leis
Ao martírio se oferecem:
Dizem-lhes ser só divino
O livro que reverenciam;
Com milagres lho confirmam,
Para que só neles creiam.
Se da razão usar querem
Para analisar-lhe a essência,
A tantos absurdos chamam
Mistérios d'alta excelência,
Seus intérpretes lhe afirmam
Serem seus Dogmas sagrados,
Que por Deus ao seu profeta
Foram todos revelados

Estes versos poderiam ser tidos como prova da autoria, pelo forte apelo que à temática faz, da tradução da tragédia *Maíoma* de Voltaire. Materializam, também, uma forte referência à noção libertina da multiplicidade de leis, costumes, religiões humanas e não reveladas.

Não será em nós absurdo,
Antes conforme à razão,

Crer que Deus é realmente
Certas espécies de pão?
(...)
E quando destas espécies
Ao mesmo tempo mil comem,
Direi que um só e que todos
Um só Deus real consomem?

Acima se lê uma crítica dos rituais religiosos católicos.

(...)
Direi mais...– Mas aonde, Anélio,
Quer levar-me esta razão,
Parece em tudo oposta
À nossa Religião?

Referência ao primado da Razão, incontornavelmente iluminista, mas, também, muito libertina.

(...)
Condenar há-de este Turco,
Que um Deus sincero adorava,
Por não ouvir essa Igreja,
Que ele falsa reputava?
Porque exterior culto
Ele seguia diferente,
Há-de um Deus piedoso e justo,
Condena-lo eternamente?

Voltamos a ler a alusão à multiplicidade de leis, costumes, religiões humanas e não reveladas e a conseqüente relativização da moral cristã. Mais, volta-se a repudiar o Inferno e os castigos eternos, assim como a rejeição da existência de um Deus remunerador e castigador.

Se os livros, se o povo e pais,

Se os mestres e a educação,
Tudo por força lhe apaga
A fraca luz da razão;
A quem devo perguntar?
Justo céu!, tu me respondes:
É a virtude que sigo?
Quem a verdade me esconde?
Se por fraqueza a não vejo,
Porque fraco me criaste?
Se a verdade me era útil,
Porque ma dificultaste?...
Mas o Céu fica em silêncio,
E a minha alma aflita gira
Por entre mornas ideias
Onde confusão respira.
Porém, já meigo descanso,
Bafejando a minha lira,
Docemente às lansas cordas
A séria mudez inspira.

O autor indica que não encontra Deus já que este também não lhe responde.

Epístola Terceira

Agora que o bafo escalda
D'um abrasado Suão,
Cujas asas pouco a pouco
A relva crescendo vão;
Que as fendas da viva rocha
A clara linfa goteiam,
E nos álamos crescidos
Os passarinhos gorjeiam;
Agora que o Sol picante

A verde espiga enloirece,
E que na serrada mata
Berrando o corvo aparece;
Na cava deste rochedo,
De meiga sombra abrigado
Outra vez a voz levanto,
Somente à razão ligado.

Versos que em tudo revivem o naturalismo, já sobejamente conhecido, de José Anastácio da Cunha.

Tu vês, Anélio, em Britânia
Chamarem ímpio ao Papista,
E ímpio n'Ásia o Cristão,
E na Gália o calvinista
Não julgará refletindo
Um espírito profundo,
Ou serem todos piedosos,
Ou ser ímpio todo o mundo?

Novamente nos deparamos com a noção da multiplicidade de leis, costumes, religiões humanas e não reveladas, e o relativismo da moral.

(...)
Se um tribunal infalível
Acaso no mundo existe,
O sinal que o caracteriza,
Qual é ele?, em que consiste?

Deu-lhe acaso esta excelência
A que chamam escritura
(que só parece divina
Porque a Igreja o assegura)?

Nos versos acima, o autor, libertino empedernido, nega a divindade de Cristo e das Escrituras.

Mas como posso julgar
Ser infalível a Igreja,
Sem que da Bíblia mostrada
A divindade nos seja?

E quem guiou na escolha
De tantas cópias dif'rentes,
Que não concordam nas eras,
Nos factos, nos acidentes?

Com que fundamento damos
A tal cópia a preferência?
Se todas são diferentes,
Qual é a sua excelência?

Os versos acima remetem-nos para a máxima "...la religion est reçue par mains et moyens humains"⁵⁷⁴, "Elles sont, quoi qu'on en dise, tenues par mains et moyens humains"⁵⁷⁵ que pode ter chegado às mãos de Anastácio da Cunha através da leitura de Rousseau, *Emile et de l'Éducation*, numa nota rodapé remetendo para *La Sagesse*, de Charron⁵⁷⁶:

"Tous, dit un bon et sage prêtre, disent qu'ils la tiennent et la croient (et tous usent de ce jargon), que non des hommes, ni d'aucune créature, mais de Dieu. "Mais, à dire vrai sans

⁵⁷⁴ "Na senda de Montaigne e Charron: "... a religião é recebida por mãos e meios humanos", e não está muito longe da Teoria da origem política das religiões ilustrada por Vanini e Naudé, que desenvolve o tema "Três Impostores". (Charles-Daubert, "Le "Libertinage Erudit" et Le Problème du Conservatisme Politique." p. 187.)

⁵⁷⁵ "Independentemente do que se possa dizer, são mantidos por mãos e recursos humanos." (Pierre Charron, *De La Sagesse*. Paris: D. Douceur, 1604. Livre II Chapitre V, p. 384.)

⁵⁷⁶ "Todos - diz um bom e sábio sacerdote - dizem que a possuem e acreditam nela (e todos usam este jargão), não dos homens, não de qualquer criatura, mas de Deus. "Mas, para dizer a verdade, sem lisonjear nem disfarçar nada, não é assim: são, diga-se, mantidas por mãos e meios humanos. Veja-se, em primeiro lugar, a maneira como as religiões foram recebidas no mundo e continuam a sê-lo todos os dias pelos indivíduos: a nação, o país, o lugar dá a religião: cada qual é do lugar onde nasceu e cresceu mantém: Somos circuncidados, batizados, judeus, maometanos, cristãos, antes de sabermos que somos homens: a religião não é da nossa escolha e eleição; prova, depois, a vida e os modos tão inconsistentes com a religião; a prova é que em ocasiões humanas e muito ligeiras, vamos contra o conteúdo da sua religião." (Jean-Jacques Rousseau, *Émile Ou l'Éducation. Tome Troisième* [Amsterdam: Jean Neaulme, 1762], <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8614596p>. p. 85.) Nota de rodapé que remete para Charron, *De La Sagesse*.

rien flatter ni déguiser, il n'en est rien, elles sont, quoi qu'on dise, tenues par mains et moyens humains; témoin premièrement la manière que les religions ont été reçues au monde et sont encore tous les jours par les particuliers: la nation, le pays, le lieu donne la religion: l'on est de celle que le lieu auquel on est né et élevé tient: nous sommes circoncis, baptisés, juifs, mahométans, chrétiens, avant que nous sachions que nous sommes hommes: la religion n'est pas de notre choix et élection; témoin, après, la vie et les mœurs si mal accordantes avec la religion; témoin que par occasions humaines et bien légères, l'on va contre la teneur de sa religion"

Os versos remetem, também, para o *Traité des trois imposteurs*.⁵⁷⁷

(...)

Se, pois, deve haver escolha
Quando a lei analisamos,
Porque nossos bens confiscam
Se de um Dogma disputamos?

Porque um tribunal nos prende,
Onde nos dão mil tormentos,
Onde a dor e a violência
São os comuns argumentos?

O autor critica, abertamente, a Inquisição e o Tribunal do Santo Ofício.

(...)

Dá o poder às paixões
D'arrastarem a razão,
E quando a razão fraqueja
Condena os filhos de Adão?
Por que razão me não salva
A virtude de um Francisco,
E o pecado de Adão

⁵⁷⁷ s.a. *L'Esprit de Spinoza. Traité Des Trois Imposteurs, Moise, Jésus, Mahomet*. Paris: Max Milo Editions, 2002. p. 107.

Põe minha alma em tanto risco?
Não pode mesquinha gente
Colher a graça perdida,
Por estar por um só homem
A divindade ofendida.
Por esta ser infinita,
A culpa se torna imensa,
E por isso se precisa
Infinita recompensa.

O humano vive subjugado sob o medo do pecado, evitando sofrer pena eterna e buscando a eterna recompensa.

(...)
Que sérieis, Providência,
Que sondais do tempo os giros,
Se um Deus, co'a mira no alvo,
Errasse os ligeiros tiros!

Novamente se invoca o repudio, tão deísta e libertino, da noção da Divina Providência.

Se esta lei, que pela pátria
E pela razão protesto,
Ofende a vossa pureza,
Aqui mesmo a detesto
É esta a fé que professo;
E se ofende o vosso amor,
Aos justos Céus é que peço
Que me ensinem lei melhor.”

Não temos qualquer dúvida acerca do teor profundamente libertino dos versos que acabámos de analisar.

Entendemos que poderão ser da lavra de José Anastácio da Cunha, já que muito se aproximam dos argumentos patentes na tragédia de *Maomet*, que traduziu de Voltaire.

Destacámos que o seu versejar melódico muito se assemelha a outros versos, inquestionavelmente, anastacianos e que a introdução do editor se parece referir, expressamente, ao nosso infeliz poeta, matemático e tenente.

Conforme confessou ao Santo Ofício, José Anastácio da Cunha foi adepto da Lei natural⁵⁷⁸ e pautou a sua vida pelos preceitos dessa doutrina. Leu, estudou, discutiu e, inclusivamente, traduziu alguns filósofos como Voltaire, Espinosa, Hobbes, Bayle, Collins e Rousseau. Contagiado pelas suas doutrinas, foi um livre-pensador libertino cujo pensamento envolveu a tolerância religiosa, a reflexão política, o pensamento científico, o questionamento dos dogmas da Igreja, a leitura de livros proibidos, a composição de versos eróticos e uma sexualidade livre das restrições do catolicismo. Muito jovem, ainda no período de Valença, envolveu-se em alguns desacatos, como embriagar-se e fazer as exéquias de um cão. Esta última zombaria foi interpretada como uma ofensa de monta contra a Igreja e a Religião Católica e foi considerada uma transgressão digna de atenção pelo Tribunal do Santo Ofício.

O tenente/lente foi um naturalista panteísta luminoso que identificou Deus ou a divindade a coisas concretas como a Natureza e a substância do Universo. Partindo desta perspetiva, como libertino que entendemos que foi, terá concebido Deus como o conjunto de todos os fenómenos naturais unificados. Tratou-se de uma heresia grave. Não foi pura e simplesmente ateu. Todavia ser ateu, panteísta ou deísta ou libertino, aos olhos da ortodoxia cristã, era crime de gravidade semelhante porque todos rejeitam os fundamentos principais da religião cristã: a transcendência de Deus e o dualismo do ser.

Para o libertinismo panteístico e naturalista de Anastácio da Cunha, o Deus Natureza é poder ativo e infinito que se manifesta pela Natureza e é, também, pensamento e reflexão.

Conforme a tradição libertina, a Anastácio da Cunha é imprescindível a liberdade no uso complementar da Razão e Erudição. Esta erudição é polémica porque visa pensar o mundo e o lugar do homem, sem referência à autoridade e ortodoxia religiosa. Numa época em que os comportamentos, o pensamento, os modos de vida e ritmo da vida quotidiana são, inteiramente, subordinados à Igreja; a erudição libertina refere-se aos Clássicos e à cultura humanista da Renascença, ofuscando a ética cristã.

⁵⁷⁸ Lei da razão, lei da sensatez. Jusnaturalismo. Corresponde a uma fonte ou corrente do pensamento jurídico que apregoa a existência de uma lei natural não escrita que supera uma lei positiva.

Capítulo V - Manuel Maria Barbosa du Bocage: o Erotismo Epicurista

1. O percurso intelectual de Bocage

O libertinismo, francês⁵⁷⁹ ou português, do século XVIII, de que José Anastácio da Cunha é um reflexo mais suave, assume em Bocage uma representação mais agressiva, envolvendo sempre uma noção de impiedade. Uma indevoção cuja manifestação vai desde a tímida blasfémia de que transparece um pensamento naturalista, apologista da sexualidade aberta e livre; até ao franco deboche que, passando pelo erótico, pode configurar-se pornográfico.

José Anastácio é sentimental e afetuoso, Bocage sabe sê-lo, mas, frequentemente, franqueia as fronteiras entre estas duas expressões do naturalismo libertino e atinge cruezas que lhe conhecemos, em alguns poemas, e nos recordam outros poetas obscenos, satíricos e pornográficos⁵⁸⁰ que, em sede própria, analisaremos.

O libertino Bocage não aceita nem se conforma com a noção de remuneração ou punição no além, por via da imposição do dogma da imortalidade da alma. Veremos que, apesar de se revelar cauteloso em alguns dos seus versos, noutros não nos deixa margem para dúvidas. A “Epístola a Marília - Pavorosa Ilusão da Eternidade” é paradigmática: Bocage pretende viver para o momento e não em função do além. É o mundo do agora que merece ser experimentado em toda a sua extensão e a sua extensão passa, também, pela sexualidade, expressão última da Natureza e do indomável impulso humano, que o

⁵⁷⁹ Num percurso que nos recorda o de Bocage, destacam-se, em França, no século precedente, Jacques Vallée des Barreaux, ilustre debochado e Jean-Jacques Bouchard que, movido por uma incansável curiosidade intelectual, oscilava entre a sexologia e a filologia, entre a frequência dos livres-pensadores em Paris e em Roma, e o início de uma carreira eclesiástica. Saint-Pavin procurou, acima de tudo, destacar-se na multidão. A sua obra de poeta foi menor do que a sua atividade e a sua imagem. Cultivou a excentricidade, para se destacar e alimentar os rumores e não oscilar na mediocridade. Aliás, muitos escritores aventureiros do século XVII, criaram uma vida lendária que, por si só, é uma obra: por vezes a sua melhor obra (Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. p. 147-151).

⁵⁸⁰ Cumpre-nos, nesta sede, recordar as considerações de Goulemot a propósito de literatura pornográfica. “O termo pornográfico não era utilizado na época clássica. (...) Licencioso e obsceno implicam essencialmente um juízo moral. A Encyclopédie (de Diderot e d'Alembert) refere que obsceno “diz-se de tudo o que é contrário ao pudor. Um discurso obsceno, um quadro obsceno, um livro obsceno” (...) O dicionário Furetière diz de licencioso: “Aquilo que toma demasiada liberdade e licença: Este jovem é licencioso nas palavras, diz coisas muito ousadas, sujas ou impiedosas, demasiado licenciosas. Leva uma vida libertina e licenciosa”. Vemos assim que licencioso designa também a libertinagem de espírito, tanto quanto a moral, e recuperamos assim a confusão em que se baseia a denúncia dos libertinos. (...) Se o ponto de vista é religioso, usamos “concupiscência”: Cobiça, paixão desvairada de possuir alguma coisa. É proibido pelo décimo mandamento da lei de Deus ter concupiscência para o bem do próximo (...) Isto é dito particularmente das paixões que tendem ao amor desonesto, que São Paulo chama concupiscência dos olhos, da carne...” (Tradução nossa.) (Jean Marie Goulemont, *Ces Livres Qu'on Ne Lit Que d'une Main. Lecture et Lecteurs de Livres Pornographiques Au XVIIIe Siècle*. Aix-en-Provence: Alinea, 1991.)

Cristianismo, contranatura, pretende regular, cadenciar, proibir e punir. Os libertinos tanto se permitem entregar a esse prazer físico, como viver este deleite sob o domínio da expressão, sob o desejo da poesia e a importância das palavras.

O movimento libertino, que se foi desenvolvendo, ao longo dos séculos, como movimento de emancipação do jugo religioso e compreensão da manipulação política das religiões e a consequente impostura das mesmas, com vista a manter a população subjugada e manietada, (noção que parece existir desde o século XII, como leva a crer a obra mítica *Tratado dos três Impostores* passou, entre nós, a ser inclementemente perseguido, sob a intendência Geral de Polícia de Pina Manique. Receava-se a contaminação dos ideais revolucionários franceses que agudizaram a repressão, desde sempre, existente em Portugal.

Se, em seiscentos, os libertinos eruditos franceses, haviam sido os *denaisés*, comprometidos com o poder, que guardaram segredo sobre o estratagema político-religioso que permitia a manutenção do absolutismo monárquico, no fim do século XVIII, o libertino Manuel Maria Barbosa du Bocage, também esclarecido, foi perseguido por razões políticas e seriam as acusações de heresia que o livraram de pior fado.

Segundo Daniel Pires, a literatura era o mote da sua vida, o seu interesse, vocação e a sua parca e única fonte de rendimentos. No quotidiano, lia os clássicos greco-latinos (Ovídio era seu poeta dileto, Lucrécio o seu nome simbólico maçom), os clássicos portugueses (Camões seria o seu alter ego), os autores franceses iluministas, Voltaire, Dora, Madame du Bocage, Rousseau, Diderot, d'Alembert e Montesquieu, e terá, inclusivamente, tido acesso a *Le Parnasse Libertin, ou Recueil de Poésies Librés*.⁵⁸¹ As obras estrangeiras e libertinas, por maioria de razão, estavam interditas em Portugal.⁵⁸²

À semelhança dos libertinos de todas as épocas, Bocage tem contacto próximo e é inspirador das novas ideias e da liberdade, imbuindo-se, no século XVIII em que vivia, de um ideal oriundo da Europa

⁵⁸¹ AA.VV. *Le Parnasse Libertin, Ou Recueil de Poésies Librés*. Amsterdam: Cazals & Ferrand, Libraires, 1769. A coletânea abre com uma epígrafe da quarta elegia de Ovídio – “*Wititur in vetitum sempre... quod licet ingratum est*” (esforçamo-nos por conseguir o que é proibido, e desejamos sempre o que nos é negado. “*Avertissement de L'Éditeur. – Des Pièces qui composent ce petit recueil, les unes voient le jour pour la première fois, les autres avoient déjà été imprimées, mais dans des ouvrages séparés. On a donc cru rendre service aux personnes qui aiment à s’amuser par la lecture des Poésies libres en publiant dans un seul volume ce que nous avons de mieux en ce genre*”. (Aviso do editor. - Das peças que compõem esta pequena coleção, algumas aparecem pela primeira vez, outras já tinham sido impressas, mas em obras separadas. Pensámos, pois, prestar um serviço àqueles que gostam de se divertir com a leitura das Poésies libres, publicando num único volume o que de melhor temos neste género.) Deste constam produções, de Voltaire, Jean-Baptiste Rousseau, Perrault, La Fontaine, Abbé Chaulieu, Aleris Piron, M. Thémiseuil, Abbé Grécourt, Dulard, Malzac, Vergier, Chevallier de Cailly, Cavaliers, outras anónimas todas críticas audaciosas à realidade epocal bem como versos erótico-pornográficos. Sonetos, contos em verso, canções e epigramas veiculam sátiras ferozes a alguns dos alvos preferenciais do Iluminismo, bem como a reiterada afirmação do corpo, na esteira dos libertinos, que despontaram, em França, no século XVII, e que adquiriram particular expressão no século seguinte.

⁵⁸² Daniel Pires, *Bocage Ou o Elogio Da Inquietude*. Lisboa: INCM, 2019. pp. 413- 424.

Iluminada, que já ambiciona democracia. Apesar da discussão filosófica e científica, em Portugal,⁵⁸³ não estar tão evoluída como no resto da Europa, Bocage, libertino de costumes e pensamento, nunca temeu a transgressão. A sua superioridade intelectual colide com a realidade lusa do término do século XVIII. Livre-pensador, libertino, vive ciente de todas as noções de opressão do século XVIII português e tenta enfrentar as proibições, reivindicando a sua liberdade. O poeta recorreu, frequentemente, à clandestinidade, tendo sido grandemente apoiado pela agremiação maçónica que permitiu a sua sobrevivência material e intelectual e facilitou a circulação dos seus panfletos satíricos.

2. O livre-pensamento bocagiano

Seguimos, na nossa análise, a edição das Obras completas de Bocage, editadas por Daniel Pires, entre 2017 e 2018, e publicadas pela Imprensa Nacional Casa da Moeda.⁵⁸⁴

Na perspetiva do nosso prisma de análise que definimos como a desculpabilização libertina da moral da carne, recordámos os versos que tanto foram atribuídos a Bocage, como a José Anastácio da Cunha ou a Salomon Gessner⁵⁸⁵.

“Por que razão não fizestes
Justos Céus, por que razão
Menos áspera a virtude
Ou mais forte o coração.”⁵⁸⁶

Não nos cabe disputar ou aprofundar esta questão da atribuição da autoria dos mesmos. É, sobretudo, um fio condutor entre o paralelismo, senão similitude, de pensamento neste campo, dos dois

⁵⁸³ Apesar da atividade da Real Academia das Ciências, fundada em 1779, da influência dos Estrangeirados, em França, Inglaterra, Prússia e na Rússia. Tal facto deve-se, possivelmente, à situação geográfica, remota, de Portugal e à natureza do Antigo Regime, fatores adversos ao desenvolvimento cultural, económico e científico nacional. Compreende-se, deste modo, a forma como Ribeiro Sanches -o único português que colaborou na redação da Enciclopédia caracterizou Portugal: “Um país pobre, ignorante, supersticioso, tirano, inimigo da Humanidade” (Carlota Boto. “O Enciclopedismo de Ribeiro Sanches : Pedagogia e Medicina Na Confeção Do Estado.” Revista Da História Da Educação, no. 4 (1998): 107–17.) <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30692>. p. 1.

⁵⁸⁴ Bocage, “Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas. (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. José Maria Manuel Barbosa do Bocage, *Obras Completas de Bocage - Traduções*, ed. Daniel Pires. Lisboa: INCM, 2018. Bocage, “Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas, Idílios, Apólogos, Cantatas, e Elegias. tomo I (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. Bocage, “Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas, Idílios, Apólogos, Cantatas e Elegias. tomo II (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. p. 277.

⁵⁸⁵ Poderá ter herdado a veia poética da família, Madame Fiquet du Bocage, tia-avó poetisa era ilustre, na época, e havia vertido para português a obra do poeta suíço pré-romântico Salomon Gessner (1730-1788).

⁵⁸⁶ Composição divulgada por Heitor Martins na obra Bocage e Minas. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1966, pp. 57-59. Consta, igualmente, de uma obra manuscrita intitulada Miscelânea curiosa de vários autores para recreio dos eruditos, datada de 1819, que fazia parte do acervo da biblioteca de R. B. Rosenthal Bocage, “Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas, Idílios, Apólogos, Cantatas, e Elegias. tomo I (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”.

libertinos. A serem de autoria alheia, a sua atribuição aos nossos poetas vinca as suas justas reputações de espíritos livres libertinos. Noutros versos de autoria indiscutível, que analisaremos, sobressai essa mesma percepção. Como em tudo o que à Natureza se refere, o desejo, como as outras causas que determinam o comportamento humano e o condicionam, não é irrelevante. Existe, sempre, um condicionamento nosso ou do objeto do nosso desejo. Este monismo materialista heterodoxo compreende a carestia de liberdade do homem perante a Natureza: os pensamentos são determinados pelas nossas sensações, pelas nossas faculdades, pelo estado do nosso corpo e é impossível conceber uma substância espiritual independente do corpo, cuja localização e essência desconhecemos.

Assim se legitimam os prazeres carnavais e se relativizam o bem e o mal, pois existem, apenas, na relação dos homens com a sociedade e não em si próprios.⁵⁸⁷

Glosa

“(…)
O homem por si somente,
Por mais e mais qu’ele insiste,
Não tem forças, não resiste
Aos toques que n’alma sente
Vós, que deste frágil ente
Conheceis a condição,
E vedes sua razão
Ceder mil vezes ao crime,
Ou lha fazei mais sublime
Ou mais forte o coração.”⁵⁸⁸

Lemos, nestes versos, a exclamação de que o Homem não é livre da sua natureza e se revolta contra um Deus castigador.

O poeta é libertino e livre, sim. É livre de um Deus castigador e remunerador e providencial, mas, todavia, não necessariamente livre da sua essência e natureza humana, nem da sua inclinação erótica e vertente sexual acossada pela doutrina cristã. Não está, na essência do Homem, a resistência à sua

⁵⁸⁷ Trata-se de um saber, de uma compreensão que os libertinos eruditos reservavam aos *deniaisés*. Porque a sua compreensão pelas grandes massas, a população, poria em causa a paz social, geraria a imoralidade no sentido de caos social. Compreender esta realidade, obriga, também a que se entenda que sempre haverá que respeitar as leis e as hierarquias sociais. Não porque estejam fundados em Deus, mas porque asseguram a tranquilidade geral, que é o bem primordial.

⁵⁸⁸ Bocage, “Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas, Idílios, Apólogos, Cantatas e Elegias. tomo II (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. p. 277.

natureza. Impor a sua contínua contenção é um castigo pouco digno do Deus de bondade, que louvam e forçam os cristãos e a sua Igreja.

Na realidade, recorda-nos Jean Pierre Cavaillé,⁵⁸⁹ as palavras libertino e libertinagem designam, inicialmente, uma estigmatização da reivindicação de liberdades indevidas: a liberdade de consciência; a liberdade de pensamento (a reivindicação da *libertas philosophandi* foi compreendida no século XVII francês como típica dos filósofos libertinos); a liberdade de *mœurs* (cunhada como licenciosidade) e a liberdade política, apesar de, no que a esta última diz respeito, existir uma tendência, entre os estudiosos, para canalizar o libertinismo para compreensão teórica do absolutismo.⁵⁹⁰

A liberdade dos *beaux esprits*, que só acreditam na Natureza, releva de um espírito libertino. Portanto, o libertinismo consiste, primeiramente, em libertar-se do jugo da Igreja que é entendido como uma tirania insuportável.

Constata-se a existência antiga, sobre fundamentos filosóficos e teológicos muito diferentes e certamente incompatíveis, de múltiplas formas de promoção de uma noção de liberdade ligada aos pensamentos e ações individuais, todos suscetíveis de serem denunciados como formas de libertinagem.

O ato de denúncia da libertinagem - a prática de liberdades indevidas - indica a admissão da realidade como fenómeno social, a existência dos comportamentos estigmatizados como próprios dos libertinos torna-se indubitável.

A título de exemplo, os dicionários epocais fornecem exemplos probatórios, testemunham não tanto o aparecimento de comportamentos novos (já que sempre houve blasfémias e críticas ao clero, entre outros comportamentos heréticos), mas, sobretudo, apresentam uma nova forma de compreendê-los na sua condenação como nas suas reivindicações, precisamente como manifestações de liberdade individual, exercício de liberdades subjetivas desoneradas de escrúpulos ou seja, do sentido do pecado.⁵⁹¹ Neste contexto, a rejeição da noção de pecado é a manifestação, por excelência, do exercício da liberdade libertina.⁵⁹²

Para Bocage, como para o pensamento libertino, na sua generalidade, as consequências morais da falta de liberdade do Homem perante a sua inclinação natural são perniciosas. Ao Homem só pode faltar liberdade perante a sua inclinação natural. Por outro lado, acresce que, se esta inclinação lhe proviesse de Deus, jamais poderia o Homem ser responsabilizado pela incapacidade de resistir. Se,

⁵⁸⁹ Jean-Pierre Cavaillé, *Les Déniaisés. Irreligion et Libertinage Au Début de l'époque Moderne*. Paris: Classiques Garnier, 2013. pp 399-400

⁵⁹⁰ Cavaillé. p. 400

⁵⁹¹ Cavaillé. p. 409.

⁵⁹² Cavaillé. p. 412

efetivamente, Deus não quisesse que o homem usufruísse da vida, escreve Bocage: “Se não queria que eu fosse/ das paixões infausta presa/ porque deste à beleza/ Um atrativo tão doce?”

Bocage, libertino, desmistifica as noções de pecado e vício, que comprometem a liberdade humana e defende que são ficções da Igreja:

“Sagradas leis não pretendo
Profanar vosso respeito, (...)
Mas se a Maga Elmira vendo
a quem meigos risos destes,
Hei-de achar um tanto agrestes
De sã virtude os avisos.”

A necessidade é natural e a sua satisfação, se não for prejudicial para o próprio e para os outros, não é repreensível. As necessidades temperamentais são tão naturais como as da fome e da sede e, por conseguinte, a sua satisfação é necessária, portanto, fora de qualquer eventual condenação moral.

É clara a memória da tradição epicurista e forte o simbolismo do nome maçom de Bocage: Lucrécio. Os epicuristas, ao distinguirem as necessidades naturais necessárias inesquecíveis das não necessárias, consideram, nas primeiras, a fome, a sede e o desejo sexual; já das segundas constam a riqueza, o poder e as honras, de natureza limitada, que só induzem infelicidade.

Assim, ponderada, a religião apresenta-se a Bocage e a José Anastácio da Cunha como o bastião da tirania e despotismo que pretender obrigar o ser humano a viver contra a sua essência natural, a sua natureza. A religião cristã e a Igreja reputam de criminosas as atividades naturais e essenciais do homem, inspiradas pela Natureza. São algumas vozes diferentes com “um supremo grau de lucidez”, como lhes chama Klossowsky (essa lucidez é a base de mundividência de uma categoria de homens que, superior, medrou um espírito crítico que desmontou os alicerces e fundamentos da legitimação do poder político-religioso).⁵⁹³ Bocage é a infeliz vítima do seu próprio excesso de lucidez libertina.⁵⁹⁴

Do ideário libertino advém um modo de pensamento e um modo de vida. É paradigmático que dos bens de Bocage, encontrados aquando da sua detenção e conseqüente devassa à casa de André da Ponte, onde residia, se encontrasse *Le Parasite Libertin, ou Recueil de Poésies Libres*.⁵⁹⁵ Só há uma certeza quanto à vida sentimental do poeta: a sua manifesta inconstância. São numerosas, como soia

⁵⁹³ Pierre Klossowski, *Sade, Meu Próximo*. s.l: Moraes editores, 1968.

⁵⁹⁴ Jorge, “Sade ou a Vertigem da Natureza”. p. 10.

⁵⁹⁵ Bocage, “Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas. (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”.

na poesia epocal, as amadas dos seus versos. Possivelmente, serão, também, meramente convencionais e, inclusivamente, simbólicas.⁵⁹⁶ Realmente, esclarece Daniel Pires, só são, verdadeiramente, identificáveis Gertrúria, Ana Perpétua, Ana Vicência e Marília.

Tal como em muita da obra libertina do século XVIII e alguma do século XVII (recordamos os libertinos qualificados de *flamboyants* por René Pintard⁵⁹⁷) Bocage é profícuo em representações sexuais. Se considerarmos a opinião comum, tentaria, desta forma, iludir o mal-estar psicológico ou mesmo a depressão. O poeta atenta contra os dogmas e a passividade e tacanhez social, contraria o preconceito e, obviamente, no país da Inquisição, escandaliza e afronta o decoro e o conceito extremista e ortodoxo de decência. É um debochado herético que, pela prática e escrita da devassidão, não busca somente a satisfação carnal. Pleiteia, sobretudo, pelo livre-arbítrio, pela desmistificação do pecado e da heresia, pela liberdade sexual.

De facto, a tradição libertino-epicurista defende que a alma interfere no estar físico, que, por sua vez, é determinante para as representações, ideias, ações e, mais visceralmente, felicidade ou infortúnio do ser humano. Por conseguinte, é necessário cuidar do substrato, o corpo, a fim de cuidar do espírito. Todavia, para o pensamento cristão, toda a essência do Homem vem de Deus, e a moralidade religiosa opõe-se à vida e rejeita que a máquina humana possa desempenhar as suas várias funções, interferindo na harmonia dessa mesma máquina. Os teólogos, inventores arbitrários dos crimes relacionados com o desejo sexual natural, em última análise, ao obstarem ao trato da máquina humana, tornam o homem homicida de si-próprio.

São significativos os últimos versos do poema, aqui transcritos, em que, subtil, José Maria dribla a censura:⁵⁹⁸

“Põe-lhe os olhos, meu bem, suavemente,
Põe-lhe os mimosos dedos na ferida,
Palpa de Amor a vítima inocente;
E por milagre deles, ó querida,
Verás cerrar-se o golpe, e de repente
Em ondas de prazer tomar-lhe a vida.”⁵⁹⁹

⁵⁹⁶ Não podemos deixar de reparar que muitos dos poemas abertamente ou veladamente libertinos são destinados a Marília.

⁵⁹⁷ Pintard, *Le Libertinage Érudit Dans La Première Moitié Du XVIIe Siècle*. pp. 36-37.

⁵⁹⁸ A censura permitiu a sua publicação. Publicado no primeiro tomo das Rimas, nas edições de 1791, 1794 e 1800.

⁵⁹⁹ Bocage, “Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas, Idílios, Apólogos, Cantatas, e Elegias. tomo I (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. p. 45.

Ligeiramente menos subtis, mas, todavia, impercetíveis quanto baste para não alarmarem a censura, os versos de “Oferenda a Nice”:⁶⁰⁰

“Do arbusto, ó Nise, a Vénus consagrado,
Envisquei hoje um trémulo raminho;
Pousou nele este incauto passarinho,
E pelos tenros pés ficou pegado;
Então, depois de o ter na mão fechado,
Corri, dizendo alegre: eu adivinho
Que há de Nise estimar que o meu carinho
Lhe dedique este músico do Prado.
(...)
Ah! Por ser tua, entendo que dizia
Que a prisão mais gostosa e mais suave
Que a própria liberdade encontraria.”

Os versos seguintes interessam-nos, particularmente, porque encontramos várias temáticas libertinas de maior importância. Lemos a sugestão de um orgasmo, tal como sucedeu noutros de José Anastácio da Cunha, e tal ousadia e atipicidade leva-nos a que, desde já, aos mesmos nos referíamos. Lemos, também, uma alusão à Natureza deusa, pelo que vincamos a sua índole naturalista. Nestes mesmos versos, existe menção à importantíssima temática libertina da rejeição da existência de um Deus castigador e remunerador. Por fim, aborda a tese libertina e epicurista da negação da imortalidade da alma e, conseqüentemente, o medo da imortalidade por motivo do pecado e do inferno eterno. Eis, então, “Fragmento de Alceu, poeta grego/ traduzido da imitação francesa de mr. Parny”:⁶⁰¹

“Imaginas, meu bem, supões, ó Lília,
Que os benéficos Céus, os Céus piedosos
Exigem nossos ais, nossos suspiros
Em vez de adorações, em vez d’incensos?
Crédula, branda amiga, é falso, é falso:
Se os doces lábios teus entre meus lábios
Fervendo, grata Lília, me espargissem

⁶⁰⁰ Bocage. P. 75. Publicado no primeiro tomo das Rimas, nas edições de 1791, 1794 e 1800.

⁶⁰¹ Bocage, “Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas. (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. pp. 105-107

Vivíssimo calor nas fibras todas;
Se pelo excesso de inefáveis gostos
Morrêssemos, meu bem, numa só morte ⁶⁰²
E se Amor outra vez nos desse a vida
Para expirar de novo, em que pecara,
Em que afrontara aos céus prazer tão puro?”

Mencionando o tópico iluminista da Razão, volta ao quesito libertino da negação de um Deus vingador e remunerador e faz referência à identidade de Deus e Natureza:

“Não é réu quem te segue, ó Natureza; **
Esse Jove, esse deus, que os homens pintam ***
Soberbo, vingador, cruel, terrível,
Em perpétuas delícias engolfado,
Submerso em perenal tranquilidade,
Co’as ações humanas não se embaraça:
Fitos seus olhos no universo todo,
Em todos os mortais, num só não param
As vozes da razão profiro, oh Lília!
Viver na insipidez é erro, é crime,
Quando amigo prazer se nos franqueia.”

Por fim, é explícito quanto à impostura da manipulação política das religiões que servem para, através do conceito de alma imortal, sujeitar as massas ao poder, através do medo. Para tanto, invocando pecados:

“Deixemos-lhe entranhar por vãs quimeras,
Pela imortalidade os olhos ledos, ****
E do seu frenesi, meu bem, zombemos.
Esse abismo sem fundo, ou mar sem praia
Onde a morte nos lança, e nos arroja,
Guarda perpetuamente tudo, ó Lília,
Tudo quanto lhe cai no bojo imenso.

⁶⁰² Descreve à semelhança do que fizera José Anastácio da Cunha um *climax* sexual mútuo.

Enquanto dura a vida, ah, sejam, sejam
Nossos os prazeres, os Elísios nossos!
Os outros não são mais que um sonho alegre,
Uma invenção dos reis, ou dos tiranos, *****
Para curvar ao jugo os brutos povos,
E o que a superstição nomeia Averno
E à multidão fanática horroriza;
As fúrias, os dragões e as chamas fazem
Mais medo aos vivos do que mal aos mortos.”

Bocage percebeu a lição libertina de que, com humor e subtileza, recorrendo a duplos sentidos, tudo se deveria poder dizer, inclusivamente, mencionar o pecado de fornicção, tão perseguido pelo fanatismo da moral cristã. Não acompanhamos juízos de alguns nossos contemporâneos que interpretam que estes versos apelariam ao engodo de um espírito inocente. Parece-nos que, apesar de manifestar algum donjuanismo,⁶⁰³ Bocage pretende evidenciar que o amor venal é concretização de um amor sentido:

“Amar dentro do peito uma donzela;
Jurar-lhe pelos céus a fé mais pura;
(...)
Fazê-la vir abaixo, e com cautela
Sentir abrir a porta, que murmura;
Entrar pé ante pé, e com ternura
Apertá-la nos braços casta e bela;
(...)
Apalpar-lhe de neve os dois pimpolhos;
Vê-la rendida enfim a Amor fecundo;
Ditoso levantar-lhe os brancos folhos:
É este o maior gosto que há no mundo.”⁶⁰⁴

⁶⁰³ Donjuanismo em *Don Juan ou Le Festin de Pierre* de Molière e os ardis manhosos e materialistas para enganar inocentes. (Machado, “La Mort d’Agrippine, de Cyrano de Bergerac : Uma Tragédia sem Eternidade”. p. 130).

⁶⁰⁴ Bocage, “Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas. (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. p. 110.

Os versos do poema que circulava clandestinamente, nos finais do século XVIII, a par da “Pavorosa Ilusão da Eternidade”, só vem acentuar a nossa convicção no mesmo sentido dos acima transcritos:

“(…)

Marília, mais gentil, e até mais pura
Que as ledas Graças, que as mimosas flores,
Velando às mudas horas dos Amores,
Receia o casto pejo, que murmura

Em deleitoso e tácito retiro,
Suspensa entre o temor, entre o desejo,
Flutua a bela, a cuja posse aspiro;

Ah! Já nos braços meus a aperto e beijo!
Já, desprendendo um lânguido suspiro,
No seio do prazer se absorve o pejo.”⁶⁰⁵

Seguidamente, realçamos outros versos, cujo manuscrito aparece, por vezes, sem atribuição de autor,⁶⁰⁶ mas que se supõem de Bocage. Mais crus, menos subtis, o traço humorístico libertino revela-se menos, mas destaca-se, sobremaneira, a provocação ao repúdio cristão da sexualidade natural e essencial ao homem, muito próprios do Bocage que o imaginário popular foi recordando ou inventando. Versos, sem sombra de dúvida, libertinos, na apologia que fazem do membro viril que emana a vida e no qual a natureza se reflete:

“É pau e rei dos paus, não marmeleiros
Bem que duas gamboas lhe lobrigo;
Dá leite, sem ser árvore de figo,
Da glande o fruto tem, sem ser sobreiro;
Verga, e não quebra, como o zambujeiro;
Oco, qual sabugueiro, tem o umbigo;
Brando às vezes, qual vime, está consigo;
Outras vezes mais rijo que um pinheiro;

⁶⁰⁵ Bocage. p. 112.

⁶⁰⁶ Bocage. p. 119.

À roda da raiz produz carqueja;
Todo o resto do tronco é calvo e nu;
Nem cedro, nem pau-santo mais negreja!
Para carvalho ser falta-lhe um u:
Adivinhem agora que pau seja,
E quem adivinhar meta-o no cu.”

A maioria dos poemas ora destacados, constam da edição, clandestina até ao século XX, das *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*.

Conforme referimos, o ideário de Bocage recusa a religião punitiva. Os libertinos entendem que o homem não vive dualisticamente: de um lado o corpo, do outro a alma. O ser humano seria uma unidade corpóreo-espiritual em tensão. Discordam do extremismo cristão que, num dualismo radical de alma e corpo, matéria e espírito, interpreta o corpo tão-só como uma espécie de recetáculo da alma⁶⁰⁷ que merece ser mortificado: necessário, mas sempre inferior e indesejável.

A moral ortodoxa, contemporânea de Bocage, não admitia que o corpo e o prazer que proporciona, fossem, sequer, afirmados e, menos ainda, festejados e rimados. Bocage, como os libertinos seus contemporâneos, defende que o erotismo está em consonância com a natureza humana, sendo, conseqüentemente, um imperativo categórico respeitá-lo. Deus deveria proteger os beijos, os amplexos e os impulsos sexuais humanos. O corpo, criação perfeita da Natureza, deve ser festejado e agraciado ao invés de mortificado, como impunha a prática cristã da época. A culpa, advinda do pecado, que a Igreja e a doutrina cristã tentam inculcar no homem, a fim de o inibir e melhor controlar, diminui o humano como ser natural que é. Tal como o prazer de comer serve para que, alimentando-se, o Homem seja saudável, o prazer sexual existe para tornar o amor mais belo e garantir a continuação da espécie.

Em alguns versos mais rudes e crus de Bocage, todavia, pode ler-se a valorização do ato sexual como mera busca de prazer e não, necessariamente, como um culto ao amor. Na verdade, os libertinos também defendiam que o ser humano, na sua qualidade de ser da Natureza, igual aos animais, pode e deve procurar o prazer. O que diferenciaria o erotismo da atividade sexual simples é a satisfação de uma necessidade física e até uma busca psicológica de catarse. Trata-se do respeito pela doutrina epicurista transmitida por Lucrecio. A busca do prazer sem sentimento poderá ser o segredo para a felicidade: a ataraxia.

⁶⁰⁷ Borges, “Os prazeres da comida e do sexo: “divinos “ “.

As “Cartas de Olinda e Alzira”⁶⁰⁸ são um romance epistolar em verso, texto iluminista e libertino, que evidencia o mesmo ideário que a “Pavorosa ilusão da Eternidade”, e que circulou, clandestinamente, pelo país. O texto é confessional e a proposta ética até pode ser entendida como feminista, *avant la lettre*, como defende Daniel Pires.⁶⁰⁹ Talvez feminista porque, para as mulheres, reivindica o direito ao prazer e se rebela contra o jugo do casamento, mas também e, sobretudo, libertina e em rebelião contra a imposição cristã e o uso da mesma, para fins sociais e políticos. Montaigne, em quinhentos, escreveu :

“C’est toujours à l’homme que nous avons affaire, duquel la condition est merveilleusement corporelle. Que ceux qui nous ont voulu bâtir, ces années passées, un exercice de religion si contemplatif et immatériel, ne s’étonnent point s’il s’en trouve qui pensent qu’elle fut échappée et fondue entre leurs doigts, si elle ne tenait parmi nous comme marque, titre et instrument de division et de part plus que par soi-même.”⁶¹⁰

Mais, dispôs Montaigne que as mulheres são naturalmente sensuais, mas que os homens lhes impunham uma virtude e uma fidelidade que só as mais heroicas logravam atingir.

“C’est donc folie, d’essayer à brider aux femmes un désir qui leur est si cuisant et si naturel. Et quand je les oy se vanter d’avoir leur volonté si vierge et si froide, je me moque d’elles. Elles se reculent trop arrière... (...)”

Nous ne Saurions leur circonscrire précisément les actions que nous leur défendons. Il faut concevoir notre loi sous paroles générales et incertaines. L’idée mesme que nous forçons à leur chasteté est ridicule (...).”⁶¹¹

Recorda-nos Ninon de Lenclos (1616-1706),⁶¹² cortesã mundana que fez vacilar todos os preconceitos da época sobre a sexualidade da mulher, que foi libertina ao mostrar que o amor pode ser

⁶⁰⁸ Bocage, “Poesias Eróticas, Burlas e Satíricas. (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. pp. 51-88.

⁶⁰⁹ Pires, *Bocage Ou o Elogio Da Inquietude*. p. 274.

⁶¹⁰ “É sempre do homem que estamos a tratar, cuja condição é maravilhosamente corpórea. Que aqueles que procuraram construir para nós, ao longo dos últimos anos, um tal exercício contemplativo e imaterial da religião, não se surpreendam se houver quem pense que ela se deixou cair e derreteu entre os seus dedos, se ela não se manteve entre nós como marca, título e instrumento de divisão e de parte mais do que por si mesma.” (Tradução nossa) (Michel Eyquem de Montaigne, *Essais II*, ed. Marice Rat. Paris: Garnier Frères, 1962. III, VIII, p. 365, 366.)

⁶¹¹ “Por isso, é uma loucura tentar refrear nas mulheres um desejo que lhes é tão ardente e tão natural. E quando as vejo gabarem-se de ter uma vontade tão fria e virgem, rio-me delas. Mantêm-se demasiado afastadas... (...) Não podemos circunscrever-lhe com precisão as acções que lhes proibimos. A nossa lei deve ser concebida em termos gerais e incertos. A própria ideia de que forjamos a sua castidade é ridícula (...).” (Tradução nossa.) Montaigne. III, V. pp. 293, 294.

⁶¹² “(...) ocupa, nas história das ideias, um espaço não despreciando: Foi, como já foi dito, um poderoso agente de ligação entre os séculos XVII e XVIII, não só porque aprendeu as lições de Montaigne e encorajou os inícios de Voltaire, mas também porque se encontrava na encruzilhada de todas as correntes de

vivido fora do casamento; que é independente da moral e que não depende só da escolha dos homens.⁶¹³ Mulher douta, Ninon transgrediu os limites naturais sendo considerada extravagante, numa época em que o mérito feminino era a modéstia e o pudor, era a submissão e a limitação que dissimulassem o impulso do desejo; limitando as qualidades femininas à boa conjugalidade, boa maternidade e boa cristandade.⁶¹⁴ A castidade abria o caminho do céu e a perda da virgindade, antes do casamento, além de pecado, era uma catástrofe económica e social.

Nos versos de Bocage, duas senhoras, inconformadas, correspondem-se e trocam opiniões acerca do casamento, da sua posição na sociedade e da sua vida íntima. Reivindicam o direito à sua sexualidade e à afirmação plena da sua natureza feminina, tecem crítica social, política e moral. Bocage questiona, novamente, a religião punitiva, o matrimónio por conveniência e reivindica o direito à plena disposição, sem a intimidação do pecado, da sexualidade. As mulheres, e por maioria de razão, o ser humano, não podem prescindir do seu corpo, para a plena realização da sua humanidade. Numa clara tergiversação da moral da carne, assevera que a Natureza é imperiosa.⁶¹⁵

“(…)

Não se aquieta o coração no peito,
Não cabe nele, e viva chama no íntimo
Das entranhas ardente me devora,
Que eu possa atinar a causa, a origem.

(…)

Quando, da mesma idade que hoje contas,
Provida, a Natureza começara
A preencher em mim seus fins sagrados

(…)

Assim a sábia mão da Natureza,
A passos insensíveis caminhando,

libertinagem - libertinagem mundana, libertinagem erudita, libertinagem política - que preparavam o século dos Filósofos.” (Bernard Croquette, “Lenclos Anne Dite Ninon de - (1616-1706),” in *Encyclopædia Universalis [En Ligne]*, s.d. <https://www.universalis.fr/encyclopedie/lenclos-anne-dite-ninon-de/>)

⁶¹³ Tallemant de Réaux, nas suas *Historiettes* refere que ela *faisait profession de rien croire*, confessando que acreditava que as religiões não eram senão imaginações e que nada havia de verdadeiro em tudo isso. Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. pp. 180-183.

⁶¹⁴ Tema recorrente nos processos da Inquisição que consultámos.

⁶¹⁵ Edição de Inocêncio Francisco da Silva, in *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*. Bruxelas: s.n. 1854, p. 63. Datam de 1831 e de 1836 as primeiras edições clandestinas das “*Cartas de Olinda e Alzira*; conhece-se uma quarta edição, do final do século XIX; do início do século XX, uma quarta; durante o período republicano, registaram-se, com a chancela da Guimarães, duas novas edições, estas, tal como a anterior, legais (Bocage, “*Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*. (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. pp. 51-88).

Maravilhas em nós produz, que assombram

Somos na infância apenas um bosquejo

Do que nos cumpre ser anos mais tarde.

(...)

Eu não experimentava o que experimento:

Os meus sentidos todos alterados

Uma viva emoção põe em desordem;

Cala-me ativo fogo nas entranhas;

O coração no peito turbulento

Pula, bate com ânsia estranhamente;

O sangue, pelas veias abrasado,

Parece que me queima as carnes todas;

(...)

A triste educação que ambas tivemos,

Mais desenvolve os ternos sentimentos

Dos que amar só procuram, e não podem

Na solidão senão atormentar-se.

Do recato das filhas temerosos

Pensam os rudes pais que em sopeá-las

Alcançam extinguir o voraz fogo

Que sopra a Natureza e que ela ateia.

(...)

Benignas emoções chamam flagícios,

Que infernais penas castigar costumam,

Sem que atinem o modo por que devam

Tomá-las puras e do crime alheias,

Porque do crime o amor não diferenciam

Amor e crime o mesmo lhes figuram.

Ah! Que de um pai o emprego não tolera

Máximas impostoras, vis ideias

Que religião não sofre, e que forcejam

Para co'a religião autorizá-las.

Saiba-se pois 'té onde o culto, a honra
De um Deus se estende, e quais limites devem
Marcar-se às impressões da Natureza:

(...)

A Natureza em ti o germe lança
Que a ajudá-la te incita: Amor te inflama,

(...)

Que mal provém aos homens de que unidos
Dois amantes se jurem fé, constância?

Que um ao outro se entreguem e obedeçam

Da' Natureza às impressões sagradas?

(...)

Virtude austera hipócritas infames:

(...)

Se os deleites de amor são só delitos

(...)

Mil vezes refletia que dos homens,

Ou de um tirano Deus, era ludíbrio.

Conceber não podia que existisse

Para experimentar contínua luta

Entre impressões da própria Natureza

E princípios chamados da virtude

(...)

Propício Amor abriu-me os seus tesouros

A Natureza seus tesouros me abre.

(...)

Pretendes tu, querida, dar-me a glória?

Não, não fui eu; somente a Natureza

Sabe fazer tão súbitos prodígios:

(...)

Venha a ranços, vá teologia

Fingir, criar eternos fogos;

Eu desafio os seus sequazes todos,
Eu desafio o Deus que eles trovejam...
(...)
Longe do Fanatismo, a turma odiosa
Que infames leis, infames prejuízos,
(...)
Não há para os cristãos um Deus diferente
Do que os gentios têm, e os muçulmanos;
Dogmas de bonzos são condignos filhos
Da fraude vil, da estúpida ignorância,
Da opressora política produtos.
O que a Razão desnega, não existe.
Se existe um Deus, a Natureza o ofrece
Tudo o que é contra ela, é ofendê-lo.
A sólida moral não necessita
De apoios vãos: seu trono assenta em bases
Que firmam a Razão e a Natureza.
Outra vez eu farei que estes ditames,
Com seguros princípios sustentados,
Destruam tua crédula imperícia,
Abafando ilusões que desde a infância
Te lançaram na mente inculta e frouxa,
(...)
As emoções da própria Natureza:
Sé religiosa e firme em praticá-las.
(...)
Às piedosas leis da Natureza:
(...)
Instintos naturais, se não são crimes,
Como crime será narrar seus gozos? .
(...)
Devo eu seguir o culto que me apontam

As impressões da própria natureza?
Tenho uma religião em praticá-las?
Que mundo é este, pois, prezada Alzira?
Tem os homens levado o seu arrojo
'Té forjarem um Deus na ousada mente,
Traçar-lhe cultos, levanta-lhe templos, atribuir-lhe leis, que a ferro e fogo
Estranhos povos a adorar constrangem,
Imolando milhões à glória sua?
Nos lábios tem, doçura e probidade,
No coração o fel, a raiva: os monstros
São maus por condição, ou mais por erro (...)?”

As “Cartas de Olinda e Alzira” afiguram-se-nos essenciais para provarem a nossa tese, não só pelo vanguardismo que refletem, tratando-se de duas mulheres, alegadamente feministas *avant la letre*, a exporem os conceitos libertinos, mas também, pela forte crítica social que contêm contra o casamento forçado, sem amor, e ainda, sobretudo, pelos tópicos libertinos que nelas estão tão presentes.

Menciona-se, sem margem para dúvidas, a impostura política das religiões, refere-se a imprescindibilidade de Deus ser Natureza e dos preceitos cristãos não deverem atentar contra a Natureza. Tece-se, também, o comentário de que o Deus das várias religiões é um e único.

As descrições de Bocage são explícitas, nem tentando exprimir, de forma velada, os vários momentos da relação sexual que descreve. Não obstante, não é rude ou grosseiro. Não concordamos, todavia, com autores como Daniel Pires ou Olavo Bilac que rejeitam que Bocage possa ser autor de escritos pornográficos ou mais rudes. Está na essência do espírito libertino hedonista escandalizar e descrever o ato como uma imposição da Natureza, rejeitando a mera função de reprodução para que a Igreja o quis limitar. Existem, efetivamente, na coletânea de Daniel Pires,⁶¹⁶ outros versos que este crítico, na senda de Olavo Bilac,⁶¹⁷ entende não poderem ser da pluma de Bocage porque são puramente

⁶¹⁶ Daniel Pires expõe: “(...) escreve igualmente poesia pornográfica? Quem reivindica o direito ao prazer -quer da mulher quer do homem, numa sociedade que obliterava o corpo, poderá subscrever poemas brutais como “A Ribeirada”? Poderá ser o autor de escritos nos quais a sexualidade é unilateral - em função do homem - e tantas vezes primária, circunscrita ao meramente instintivo? Poderá ainda redigir poemas em que as prostitutas são humilhadas e encaradas como seres infra-humanos? “(Bocage. pp. 31-34).

⁶¹⁷ “Abri o livreco, e folhee-o. Entre alguns versos autênticos de Bocage, e ainda assim errados, cheios de aleijões, cobria as páginas uma germinação de pântano, anedotas insulsas, quadrinhas obscenas motes e glosas de repugnante facécia, tudo isso flagrantemente de gosto plebeu, de metro cambado, de gramática mascavada, revoltantemente atribuído ao talento de um dos melhores vernaculistas, do melhor metrificador da poesia portuguesa, de quem Teófilo

pornográficos. Faltaria, defendem os estudiosos, a fineza de escrito, meramente, erótico. Não somos do mesmo entendimento.

É que os preceitos epicuristas, que são o cerne do pensamento libertino recomendam que o homem proceda à inseminação, evitando envolvimento espiritual. Recomendam, inclusivamente, que ao ato sexual se proceda com grande frequência, a fim de evitar a obsessão que gera a espera e a paixão que pode derivar da obtenção do objeto tão desejado. Epicuro, como transmite Lucrecio em *De Rerum Natura*, apregoa a paz de espírito e a ataraxia.

Na verdade, a instrumentalização do sexo é, também, um conceito materialista. Os homens são aglomerados de átomos e em nada diferem dos outros seres animais, vegetais ou minerais. É preferível cultivar a Vénus vagabunda e colocar a semente num qualquer objeto do que deixá-lo no ser amado, a fim de evitar a paixão e a sua desordem.⁶¹⁸

Quanto mais próximo da Natureza, melhor viverá o Homem. Segundo Epicuro e Lucrecio, o epítome da felicidade são os animais e as crianças porque vivem perto do estado natural. Deve evitar-se que de uma única pessoa dependa a felicidade porque, no amor apaixonado, passional e possessivo nunca existe certeza de retribuição. A melhor forma de amor é a amizade.

É que a libertinagem já advinda do século XVII (e até do XVI, se em alguns filósofos humanistas e a Pietro Arentino quisermos atentar), tanto pode ser a libertinagem erudita, referente aos pensadores, que se entendiam livres do jugo cristão, mas que mantinham os seus raciocínios secretos, com receio de criar distúrbios sociais. Como também podia ser a outra conceção de libertinagem, a que associava pensamento libertino a costumes e comportamentos indecorosos.

Este último movimento libertino refere-se a sujeitos munidos da mesma bagagem intelectual e filosófica que os libertinos eruditos do primeiro quartel do século XVII francês: a filosofia e os pensamentos herdados de Epicuro e Lucrecio. Todavia, os libertinos flamejantes não mantinham secretas as suas convicções. Pelo contrário, expunham-se com escândalo, sujeitando-se à perseguição.

Braga escreve 'que é, depois de Camões, o único poeta de quem o povo português verdadeiramente se lembra' (Olavo Bilac, *Bocage. Conferência Realizada No Teatro Municipal de S. Paulo Em 19 de Março de 1917*. Ed. Paulo Franchetti. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2001. p. 22).

⁶¹⁸ "Apesar de uma promessa de comunicação baseada na realidade de uma lei natural, o amor resolve-se numa luta da carne, sem saída e sem alegria, onde o desejo inicial se transforma num assalto de crueldade e sofrimento, através do qual a realidade trágica do fracasso se exprime no falso fingimento do abraço. Os casais, a quem uma natureza irónica prometeu falsamente a união, acabam por conhecer apenas "a tortura das suas cadeias comuns". ("Os dois sexos morrerão separadamente", disse Vigny; sabemos o que Giraudoux extraiu deste tema em Sodoma e Gomorra, e Jean-Paul Sartre em O Ser e o Nada). O único recurso que resta é um sensualismo desesperado, um culto da "Vénus vagabunda", que é exatamente o oposto do amor. O homem é assim "emparedado" no universo, para usar as palavras de Kierkegaard, confinado à "existência", a única realidade da consciência e a única certeza oferecida ao vivo, para quem não existe nenhum mundo, nem antes, nem depois, nem noutra lugar, para além daquele em que se encontra neste instante da duração." (Barthélemy A. Taladoire, "Lucrece (env. 98-55 av. J.-C.)", Encyclopædia Universalis [en ligne] <<https://www.universalis.fr/encyclopedie/lucrece/>> [acedido 11 outubro 2022].)

Trata-se da libertinagem de costumes que não se limitava a estudar, analisar e compreender o ideário, mas, que também avaliava, criticamente, a noção de moralidade, reproduzindo as suas ideias nos seus comportamentos e escritos.

Bocage balançou-se entre estas duas faces da mesma moeda e exibiu o seu pensamento libertino no seu desregramento e escritos. Acusado, frequentemente, de obscenidade, pois a fama do anedotário tende a prejudicar a sua característica de pensador libertino, Bocage não foi apenas um devasso, um poeta ou um pensador, com um estilo que alternava entre o vulgar e o sofisticado. Dono de um grande talento e erudição, Bocage é a personificação dos três. Bocage é um libertino.

No tocante à segunda tese de heterodoxia libertina, que identificámos como a identidade de Deus e da natureza, recordamos que é comumente aceite que Bocage terá advogado o deísmo, mas também deciframos, na sua obra, um certo materialismo epicurista, o que se nos afigura possível e provável. Uma das provas de que essas doutrinas não sofrem da mesma da ortodoxia e rigidez que o cristianismo inquisitorial é discernível no pensamento e obra de Pierre Gassendi, clérigo, que logrou adequar o Epicurismo ao Cristianismo e que é uma voz respeitada e de referência nos estudos filosóficos e culturais.

É verdade que o epicurismo de Lucrecio não rejeitava liminarmente os deuses: pura e simplesmente não lhes conferia quaisquer qualidades de Providência ou criação do mundo. Nesse sentido, através de seus escritos, Bocage inspirava questionamentos e ideais de subversão do cristianismo. Refutava a autoridade das verdades eternas cristãs e reivindicava o direito à livre determinação religiosa. Somos da opinião que aceitava o deus Natureza, apregoado por Lucrecio,

Os versos que, seguidamente, transcrevemos são, de entre os pornográficos ou eróticos (se assim os quisermos edulcorar), aqueles que mais ligam a Natureza à atividade sexual ou a descrições explícitas de cariz sexual.

“Erraste em produzir-me, ó Natureza,
Num país onde todos fodem tudo,
Onde leis não conhece a porra tesa!
(...)
Cioso afeto, afeto carrancudo!
Zelar moças na Europa é árdua empresa;
Entre nós ser amante é ser cornudo.”⁶¹⁹

⁶¹⁹ Inocêncio Francisco da Silva considera que este soneto é de autoria duvidosa. (Bocage, “Poesias Eróticas, Burlas e Satíricas. (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. p. 147).

Nos versos que se seguem, a referência à Natureza é explícita e a sua ligação ao mundo máquina. O poeta contesta, reiteradamente, a índole contranatura do pecado da carne, invenção político-religiosa para amestrar os súbditos religiosos como tão bem compreenderam e explicaram Epicuro, Lucrecio e os libertinos franceses do início do século XVII.

“(…)
Perguntei à Natureza
No seu alcácer sublime,
Qual era o mais torpe crime
Que infetava a redondeza.
Ela, que meus cultos preza
E me franqueia o altar,
Respondeu-me a prantear,
Exalando um ai ansioso:
“Ah! É o mais criminoso
Quem pode deixar de amar.”

Mandou o Supremo Autor
Ao mundo esta paixão doce,
Para que alimento fosse
Da térrea máquina Amor.
De tudo se fez senhor,
Em tudo erigiu altar;
Quem a Amor pretende obstar
Transgride uma lei divina,
E o fim do mundo máquina
Quem pode deixar de amar.”⁶²⁰

Detetamos, nestes versos, referências naturalistas e deístas ao amor, que muito se aproximam das que já notámos em José Anastácio da Cunha.

“És gloria da Natureza
Jove, o soberano Jove,

⁶²⁰ Bocage, “Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas, Idílios, Apólogos, Cantatas e Elegias. tomo II (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. pp. 214-215.

(...)
És íman das divindades
És glória da Natureza.
(...)
És exemplo da dureza,
Modelo de um peito ingrato,
E inda em tal desacato
És glória da Natureza.”⁶²¹

São inúmeros os versos que nos permitem inferir do ideário panteísta e naturalista de Bocage. Novamente refere, nos versos “Amor depende de nós”, que se seguem, que Deus é Natureza:

“Amor tem suma grandeza,
Goza inúmero troféu,
Tanto brinca com o Céu,
Como coa vil redondeza;
A Deidade e a Natureza
Jamais a ele se opôs;
Tudo escuta a sua voz,
Tudo a seu jugo é ligado;
Mas, para ser adorado,
Amor depende de nós.”⁶²²

Nesta glosa defende-se que o amor é protegido por Deus e pela Natureza, pelo que qualquer iniciativa de limitação do mesmo é obra da Igreja. Deus é bondade e não castigo.

Viver conforme a natureza equivale a viver em conformidade com a experiência das causas naturais. A natureza humana é parte da natureza Universal. Importa adequar as nossas ações às suas leis: “A Natureza premeia, Quem as sua lei adora.”

“Quanto o fanatismo odeia
Co’a voz, que altera e que engrossa,
Tanto a Natureza adoça,

⁶²¹ Bocage. p. 218.

⁶²² Bocage. p. 221.

A Natureza premeia.
Não quer alma fofa e cheia
D'uma ambição, que a devora;
Quer o amante, que a implora,
Que em pranto as faces alaga,
Acarinha, ameiga, afaga
Quem as suas leis adora.”⁶²³

O ser humano está em plano de paridade com todas as outras criaturas da Natureza. Como já fomos referindo, pela abordagem epicurista de Lucrecio e Epicuro, trazida até ao século XVIII, o ser humano é, como os outros seres da Natureza, consequência das leis naturais e às mesmas está sujeito.

Uma das integrantes essenciais do libertinismo é a terceira tese heterodoxa: as religiões são obra dos homens. Ou, se preferirmos, a doutrina da impostura política das religiões instituídas, segundo a qual as crenças e as práticas religiosas se baseiam em ficções, deliberadamente forjadas, com fitos políticos ou ético-políticos, consiste, primeiramente, em fundamentar, numa participação do divino, a legitimidade dos governantes e todos os seus atos e, depois, de manter os povos em obediência pelo temor dos castigos e a esperança das recompensas no além.

Entre a doutrina, que os apologistas denunciam com virulência, e o ideário dos textos dos escritores e filósofos que eles qualificam de libertinos, ateus, *beaux esprits*, etc., existe, realmente, uma coincidência perfeita. Entre nós, destacamos o poema apologético o “Triumpho da Religião: Poema Épico-Polemico de Francisco Pina e Mello”.⁶²⁴

Apesar de cientes de que as ações dos homens não passam de circunstâncias da Natureza, cuja lei deve ser respeitada, os libertinos compreendem que é imprescindível à paz social a punição das violações das leis que regem a sociedade. Admitindo-se que, do ponto de vista natural, o criminoso não agiu livremente, existe, todavia, a imprescindibilidade de ordenar a sociedade, prevenindo e inibindo os atos capazes de a perturbar. O benefício das leis, dos cultos e das crenças, em geral, não consiste nos seus conteúdos, mas na sua capacidade de sedimentar a paz civil e isso, defendem os libertinos, foi perfeitamente compreendido pelos homens políticos e pelos religiosos que manipulam a religião para fins políticos.

⁶²³ Bocage. p. 241.

⁶²⁴ Mello, *Triumpho Da Religião. Poema Epico-Polemico; Que a' Santidade Do Papa Benedicto XIV. Dedita Francisco de Pina e de Mello.*

Se os libertinos eruditos franceses, *deniaisés*, acreditam na necessidade de deixar esse conhecimento entre pares, a fim de permitir a paz social, outros optam por esclarecê-lo. Bocage tomou a segunda via e dedicou vários poemas a essa temática.

Os versos que se seguem opõem a ansiedade do deprimido Bocage às ânsias de outros, mais bem-fadados, que desejem uma vida como a do mítico Nestor que, por quatro gerações, se foi arrastando. Já o autor imagina o horror de não poder pôr termo à sua vida porque a alma subsistiria ao desaparecimento da matéria corpórea e o sujeito ver-se-ia perante uma eternidade penosa:

“Aquele a quem mil bens outorga o Fado,
Deseje, com razão da vida amigo,
Nos anos igualar Nestor, o antigo,
De trezentos Invernos carregado.

Porém eu, sempre triste, eu desgraçado,
Que só nesta caverna encontro abrigo,
Porque não busco as sombras do jazigo,
Refúgio perdurável e sagrado?

Ah! Bebe o sangue meu, tosca morada;
Alma, quebra as prisões da Humanidade,
Despe o vil manto que pertence ao Nada;

Mas eu tremo... Que escuto!... É a Verdade,
É ela, é ela, que do Céu me brada!
Oh terrível pregão da Eternidade!”⁶²⁵

Os versos acima são, verdadeiramente, interessantes. Foram escritos cedo, na vida do poeta, constando da sua primeira coletânea impressa e não censurada, possivelmente antes das frequentações estrangeiradas, iluminadas e maçônicas. O escritor reflete o temor da eternidade que voltaremos a ler, nos últimos versos da sua curta existência, em que se arrepende de ter sido como Aretino e apela a que se acredite na eternidade. “(...) Outro Aretino fui... A santidade Manchei!... Oh! Se me creste, gente ímpia, Rasga meus versos, crê na eternidade!”. Arrependimento frequente nos libertinos do século XVII

⁶²⁵ Bocage, “Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas, Idílios, Apólogos, Cantatas, e Elegias. tomo I (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. p. 406.

e XVII.⁶²⁶ Mas é também certo que os versos; primeiramente referidos, poderão ser uma crítica precoce aos ensinamentos da Igreja.

Semelhantermente, o soneto publicado em 1799, no segundo tomo das Rimas, que apela a conceitos maçônicos, *artífice de máquina estrelada*, recorda um deus mecanicista e recorda que o mais poderoso dos homens não passa de uma conjugação de átomos, o que releva do pensamento de Epicuro e Lucrecio,⁶²⁷ retomado pelos libertinos franceses dos primórdios do século XVII, nomeadamente Pierre Gassendi, numa sùmula com aparência atomística e que também condenaria a noção de inferno e de horror eterno. Deus mecanicista omnipresente no mundo físico e espiritual, mas que nele não interfere de modo evidente: não seria um deus providencialista. Estes versos não tomam, também, posição sobre o que é esse ser criador, e nem têm, como principio, encontrá-lo:

“Aquele que domina os céus brilhantes,
Artífice da máquina estrelada,
Ante cuja grandeza os reis são nada,
Átomo a Terra, os séculos instantes;

O Deus que, contra os vícios negrejantes,
Pela voz dos trovões ao Homem brada,
Da mísera virtude atropelada
Vinga os tristes suspiros penetrantes.

Sem que o mortal com lágrimas o peça,
Juiz imparcial, Juiz supremo
Na causa do inocente se interessa;

Manda-te ressurgir do horror eterno,
Devorante Remorso: em ti começa

⁶²⁶ Tal como ocorreu com o próprio Théophile de Viau, no seu leito de morte.

⁶²⁷ O que a imaginação cria ou idealiza não passa de um entendimento ou uma interpretação. Como preconizava a antiga teoria epicurista reproduzida por Lucrecio, em *De Rerum Natura*, a alma é um corpo constituído por átomos que possui qualidades que são acidentes dos corpos compostos. Tratar-se-ia de um sopro quente e subtil em que se encontram o pensamento e os afetos. A sua ligação ao corpo permitiria as sensações. Quando essa ligação desvanece (pela morte do corpo) a alma não sente mais nada e dissipa-se. A alma, por ser um corpo, é mortal. Esta conceção epicurista da alma coloca-se ao serviço da felicidade, removendo os mitos do destino após a morte que perturbam e atemorizam os humanos. Lucrecio aprofundará, a filosofia de epicúrio sob a forma de um materialismo antigo.

O suplício dos maus, dos maus o Inferno.”⁶²⁸

Novamente, os sonetos que se seguem,⁶²⁹ publicados por Inocêncio Francisco da Silva após a morte de Bocage, são inquestionavelmente libertinos no que de revolta contêm contra a noção imposta de um Deus remunerador, vingativo, providente. Contrapõem-lhe um Deus que protege a Natureza, quiçá o Deus Natureza. Versos naturalistas, deístas e, certamente, libertinos pela conjugação de fatores e repúdio de uma imagem de um Deus tirano que abrangeria Terra, Céus e a Eternidade, O Deus do fanatismo ou da impostura das religiões.

“Um Ente, dos mais entes soberano,
Que abrange a Terra, os Céus, a Eternidade;
Que difunde anual fertilidade,
E aplanas as altas serras do oceano;

Um nume só terrível ao tirano,
Não à triste mortal fragilidade;
Eis o Deus que consola a Humanidade,
Eis o Deus da Razão, o Deus d’Elmano.
Um déspota de enorme fortaleza,
Pronto sempre o rigor para a ternura,
Raio sempre na mão para a fraqueza,

Um criador funesto à criatura:
Eis o Deus que horroriza a Natureza,
O Deus do fanatismo, ou da impostura.”

A opinião de Bocage acerca da impostura e manipulação política das religiões que visa regulamentar a sociedade e impor a paz social, amedrontando as massas (o pecado, o inferno e os eternos tormentos cuja ameaça pende sobre o pecador), encontra-se, de novo, muito claramente, expressa nos seguintes versos:

“Tu, que, em torpes desejos atolado,
Vergonhosos prostíbulos frequentas;

⁶²⁸ Bocage, “Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas, Idílios, Apólogos, Cantatas, e Elegias. tomo I (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. p. 356.

⁶²⁹ Bocage. p. 359.

Tu, que os olhos famintos alimentas
No cofre de tesouros atulhado;

Tu, que do ouro e da púrpura adornado
Quase de igual a Júpiter ostentas,
Bebendo as frases vis e peçonhentas
Do bando adulator, que tens ao lado:
Monstros que desonrais a Humanidade,
Desprezando a pobreza atribulada,
E transgredindo a lei da caridade

O Desengano ouvi, que assim vos brada:
“Tremei da pavorosa Eternidade,
Tremei, filhos do pó, filhos do nada.”⁶³⁰

A mesma visão transmite-se seguidamente: Bocage expõe o tolhimento de liberdades a que a Igreja, para fins políticos, sujeita os crentes:

“Vós, crédulos mortais, alucinados
De sonhos, de quimeras, de aparências,
Colheis por uso erradas consequências
Dos acontecimentos desastrados.

Se à perdição correis, precipitados
Por cegas, por fogosas impaciências,
Indo a cair, gritais que são violências
E inexoráveis Céus, de negros Fados.

Se um celeste Poder, tirano e duro
As vezes extorquisse as liberdades,
Que prestava, ó Razão, teu lume puro?

⁶³⁰ Bocage. p. 153.

Não forcem corações as divindades,
Fado amigo não há, nem Fado escuro:
Fados são as paixões, são as vontades.”⁶³¹

O anti fanatismo é um combate das Luzes, não é só libertino. Mas é libertina a crítica da manipulação política das massas pela religião para fins políticos. Podemos, nos versos seguintes, ler tanto uma como outra. Voltaire aceitou, possivelmente, na peugada dos libertinos eruditos, a imposição da noção de uma divindade concebida sobre o modelo de um juiz regulador da ordem social essencial para regular a sociedade e amestrar os civis, manipular as massas: “Ôtez aux hommes l'opinion d'un Dieu vengeur et rémunérateur, Sylla et Marius se baignent alors avec délices dans le sang de leurs concitoyens.”⁶³²

Bocage compreendeu, também, como demonstra o “Soneto da Beata Esperta” que transcrevemos:

“Não te crimino a ti, plebe insensata,
A vã superstição não te crimino;
Foi natural, que o frade era ladino,
É esperta em macaquices a beata:
Só crimino esse herói de bola chata,
Que na escola de Marte inda é menino,
E ao falso pastor, pastor sem tino,
Que tão mal das ovelhas cura, e trata:

Ítem, crimino o respeitável Cunha,
Que a frias petas crédito não dera,
A ser filósofo, como supunha:

Coitado! Protestou com voz sincera
Fazer geral, contrita caramunha,
Porém ficou pior que d'antes era!”⁶³³

⁶³¹ Bocage. p. 184

⁶³² “Retirem aos homens a opinião de um Deus vingador e remunerador, Sylla e Marius banhar-se-ão, então, de prazer no sangue dos seus concidadãos.” (Tradução nossa.) Marcus Tullius Cicero, *Oeuvres Complètes de Cicéron - Des Lois - Discours Au Peuple* (Paris: C.L.F. Panckouckre, 1835). p. 210.

⁶³³ Bocage, “Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas. (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. p. 125.

Os versos que seguidamente reproduzimos revelam um idilismo a que não nos habituou Bocage e quase nos recordariam José Anastácio da Cunha:

“Lá quando a Tua voz deu ser ao nada,
Frágil criaste, ó Deus, a Natureza,
Quiseste que aos encantos da beleza
Amorosa paixão fosse ligada (...).”⁶³⁴

A “Epístola a Marília ou Pavorosa Ilusão da Eternidade” (da qual seguimos a lição publicada por Daniel Pires⁶³⁵) merece-nos especial cuidado por ser um tratado de libertinagem na sua mais interessante vertente. Na pegada de Epicuro, transmite que a religião é uma ilusão que interfere com a felicidade humana. Seria necessário, para atingir a felicidade, como apregoa Epicuro, emancipar-se de ilusões, delírios, paixões. Só assim se podendo atingir a libertação dos desapontamentos e a procura do objetivo final: o prazer.

Bocage, libertino iluminado, também percebeu sobremaneira o pensamento e a prática da manipulação política das religiões e, à semelhança de Lucrecio, desmascara-o, com ênfase, no poema que agora contemplaremos:

“I
Pavorosa ilusão da Eternidade,
Terror dos vivos, cárcere dos mortos,
D’almas⁶³⁶ vãs sonho vão, chamado Inferno;
Sistema da política opressora,
Freio que a mão dos déspotas, dos bonzos
Forjou para a boçal credulidade;
Dogma funesto, que o remorso arraigas

⁶³⁴ Bocage, “Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas, Idílios, Apólogos, Cantatas, e Elegias. tomo I (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. p. 358.

⁶³⁵ Bocage, “Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas. (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. pp. 43-49.

Bruxelas: s. n. 1854, p. 34. Mencionar Bruxelas em vez de Lisboa como local de edição constituiu uma forma de iludir a Censura.

⁶³⁶ Lucrecio distingue entre o espírito e a alma, adotando uma concepção tripartida do homem que se manteve, não só na filosofia grega, até muito tarde. Para Lucrecio, existe um espírito “*animus*” que é, também, pensamento/mente “*mens*” e a alma “*anima*”. Ao espírito, situado num ponto, o meio do peito, poder-se-ia, simplificando grosseiramente, fazer um paralelismo com o coração. Já a alma estaria dispersa por todo o corpo. Em termos contemporâneos, o espírito de Lucrecio corresponderia à noção de alma e a alma, à noção de fluido ou princípio vital de algumas escolas de pensamento. Tanto o espírito como a alma seriam de natureza material e a sua grande justificação reside na impossibilidade de explicar de outra forma o contacto entre o corpo, e o espírito e alma. Dificuldade dos sistemas dualistas, o materialismo de Epicuro, adotado por Lucrecio encontra uma solução. Lucrecio fala da influência do espírito e da alma sobre o corpo e da influência do corpo sobre o espírito e alma; mas não esquece também a ligação entre espírito e alma.

Nós temos corações, e a paz lhe arrancas;
Dogma funesto, detestável crença,
Que envenenas delícias inocentes,

O tema é o objeto ético fundamental da filosofia libertina de origem epicurista; nomeadamente, a existência em condição de contentamento que só se alcança com a tranquilidade da alma, sem vestígios de medo ou ansiedade. O principal receio humano, incentivado e nutrido pela doutrina cristã, é o pavor perante a morte que dá acesso, a quem não viva segundo a santa ortodoxia, a uma eternidade de punições divinas. É o medo que um Deus vingador inspira:

Tais como aquelas que no Céu se fingem;
Fúrias?, Cerastas?, Dragos', Centímanos,
Perpétua escuridão, perpétua chama,
Incompatíveis produções do engano,
Do sempiterno horror terrível quadro
(Só terrível aos olhos da ignorância),
Não, não me assombram tuas negras cores,
Dos homens o pincel e a mão conheço.
Treme de ouvir sacrílego ameaço
Quem dum Deus, quando quer, faz um tirano;
Treme a superstição; lágrimas, preces,
Votos, suspiros arquejando espalhe,
Cosa as faces co'a terra, os peitos fira,
Vergonhosa piedade, inútil vénia

O Epicurismo era, recorrentemente, censurado porque, alegadamente, proclamaria um hedonismo desaforado. Todavia, a lição de Epicuro preconizava uma vida modesta e a busca de conhecimento na Natureza e na própria mente. Recomendava uma vida contemplativa e modesta que possibilitasse a tranquilidade, a ausência de medo e de dor física. A felicidade seria proporcionada pela combinação de tranquilidade, ausência de medo e dor.

Espere às plantas de impostor sagrado,

Que ora os infernos abre, ora os ferrolha;
Que às leis, que às propensões da natureza
Eternas, imutáveis, necessárias,
Chama espantosos, voluntários crimes;
Que as ávidas paixões, que em si fomenta,
Aborrece nos mais, nos mais fulmina;
Que molesto jejum, roaz cilício
Despótica voz à carne arbitra,
E, nos ares lançando a fútil bênção,
Vai do grão tribunal desfadar-se
Em sórdido prazer, venais delícias,
Escândalo de Amor, que dá, não vende.

Na verdade, existiria uma hierarquia na manipulação religioso-política. Poder-se-ia compreender que, primeiramente, o Papa manipula o Rei que, seguidamente, manipula os seus sujeitos. Por outras palavras: o Papa define o que é pecado e o Rei torna-o crime. O medo do Inferno e a ânsia do Paraíso a experimentar numa vida infinita. A passagem do homem pela terra, sempre espartilhada por proibições ou obrigações que impedem o gozo pleno da Natureza, não passaria do prelúdio à Eternidade que se avizinhava, cruenta no Inferno ou deliciosa no Paraíso. Eis o melhor meio de imposição de regras e de controle social.

II
Oh Deus, não opressor, não vingativo,
Não vibrando coa dextra o raio ardente
Contra o suave instinto que nos deste;
Não carrancudo, ríspido arrojando
Sobre os mortais a rígida sentença,
A punição cruel, que excede o crime,
Até na opinião do cego escravo,
Que te adora, te incensa e crê que és duro!
Monstros de vis paixões, danados peitos
Regidos pelo sôfrego interesse

(Alto, impassivo Nume!) te atribuem
A cólera, a vingança, os vícios todos,
Negros enxames, que lhe fervem n'alma!
Qual sanhudo ministro dos altares
Dourar o horror das bárbaras cruezas,
Cobrir com véu compacto e venerando
A atroz satisfação de antigos ódios,
Que a mira põe no estrago da inocência,
Ou quer manter aspérrimo domínio,
Que os vaivéns da razão franqueiam e nutrem:
Ei-lo, em santo furor todo abrasado,
Hirto o cabelo, os olhos cor de fogo,
A maldição na boca, o fel, a espuma;
Ei-lo, cheio de um Deus tão mau como ele,
Ei-lo citando os hórridos exemplos
Em que aterrada observe a fantasia
Um Deus o algoz, a vítima o seu povo:
No sobrolho o pavor, nas mãos a morte,
Envolto em nuvens, em trovões, em raios,
De Israel o tirano onnipotente
Lá brama do Sinai, lá treme a terra!
O torvo executor dos seus decretos,
Hipócrita feroz, Moisés astuto,
Ouve o terrível Deus, que assim troveja:
"Vai, ministro fiel dos meus furores!
Corre, voa a vingar-me: seja a raiva
De esfaimados leões menor que a tua;
Meu poder, minhas forças te confio,
Minha tocha invisível te precede;
Dos ímpios, dos ingratos que me ofendem,
Na rebelde cerviz o ferro ensopa;
Extermina, destrói, reduz a cinzas

As sacrílegas mãos que os meus incensos
Dão a frágeis metais, a deuses surdos;
Sepulta as minhas vítimas no Inferno,
E treme, se a vingança me retarda!...”
Não lha retarda o rábido profeta;

É essencial ter em conta, como já referimos, para compreender o ponto de vista libertino, uma antropologia negativa, fortemente polarizada. Por um lado, os espíritos fortes *déniaisés*, curados da tolice; por outro, os espíritos fracos, multidão, vulgares, população. Os primeiros são poucos, os outros são a multidão. Os primeiros obedecem à razão, os outros são dominados pelas paixões.

Os libertinos acreditam existir uma grande distância entre os espíritos fortes que usam processos racionais e os espíritos fracos, submersos por impulsões irracionais. A razão é um instrumento que se aperfeiçoa ao longo de um processo de instrução destinado a polir o julgamento; é um instrumento que só está à disposição de poucos. Serve-lhes para destrinçar as confusões entre natural e sobrenatural e combater a superstição, a impostura e o fanatismo.

Já corre, já vozeia, já difunde,
Pelos brutos, atónitos sequazes,
A Peste do implacável fanatismo:
Armam-se, investem, rugem, ferem, matam.
Que sanha! Que furor! Que atrocidade!
Foge dos corações a natureza;
Os consortes, os pais, as mães, os filhos,
Em honra do seu Deus, consagram, tingem
Abominosas mãos no parricídio:
Os campos de cadáveres se alastram,
Sussurra pela terra o sangue em rios,
Troam no polo altíssimos clamores.
Ah! Bárbaro impostor, monstro sedento
De crimes, de ais, de lágrimas, d'estragos,
Serena o frenesi, reprime as garras
E a torrente de horrores que derramas,
Para fundar o império dos tiranos,

Para deixar-lhe o feio, o duro exemplo
De oprimir seus iguais com férreo jugo;
Não profanes, sacrílego, não manches
Da eterna Divindade o nome augusto!
Esse de quem te ostentas tão valido
É Deus do teu furor, Deus do teu génio,
Deus criado por ti, Deus necessário
Aos tiranos da terra, aos que te imitam,
E àqueles que não creem que Deus existe.

Repetimos que existe, no libertinismo, uma rejeição radical da crença no Deus remunerador e vingador das Religiões Cristãs. Existe a negação da Providência, ou de qualquer entidade como princípio de causalidade.

III
(...)
Há Deus, mas Deus de paz, Deus de piedade,
Deus de amor, pai dos homens, não flagelo;
Deus que às nossas paixões deu ser, deu fogo,
Que só não leva a bem o abuso delas,
Porque à nossa existência não se ajusta,
Porque ainda encurta mais a curta vida.
Amor é lei do Eterno, é lei suave;
As mais são invenções, são quase todas
Contrárias à Razão e à Natureza,
Próprias ao bem de alguns, e ao mal de muitos.
Natureza e Razão jamais diferem.

O Epicurismo ressuscitado pela Renascença, preponderante e adaptado ao pensamento libertino seiscentista e setecentista, esclarece a impostura da Religião Cristã para a qual todos os prazeres naturais, toda a vida no seio da Natureza, é um problema. Epicuro é claro: o Homem não é mais do que

um ser da Natureza como qualquer outro, fruto de uma combinação aleatória dos átomos e do *Clinamen* e é na Natureza que se deve realizar, como ser natural que é. A doutrina cristã vem combater essa realidade, a fim de sujeitar o homem a normas religiosas e sociais que disciplinam a vivência, em franca oposição ao ser sexual que é o homem. Epicuro defende que a sexualidade deverá ser vivida naturalmente, a fim de se desinibir de excesso de paixão, já que, para o epicurismo, o amor em excesso (aquele potenciado pela não consumação carnal e erótica) é fonte de distúrbio, tal como o é a paixão exacerbada que advém dessa frustração e o são o medo da religião e da morte. O homem deve poder viver na tranquilidade da alma e da vida.

Natureza e Razão movem, conduzem
A dar socorro ao pálido indigente,
A pôr limite às lágrimas do aflito,
E a remir a inocência consternada,
Quando nos débeis, magoados pulsos
Lhe roxeia o vergão de vis algemas.
Natureza e Razão jamais aproam
O abuso das paixões, aquela insânia
Que, pondo os homens ao nível dos brutos,
Os infama, os deslustra, os desacorda.
Quando aos nossos iguais, quando uns aos outros
Traçamos ferro dano, injustos males,
Em nossos corações, em nossas mentes,
És, ó remorso, o precursor do crime,
O castigo nos dás antes da culpa,
Que só na execução do crime existe,
Pois não pode evitar-se o pensamento,
E é inocente a mão que se arrepende.
Não vêm só dum princípio ações opostas:
Tais dimanam de um Deus, tais do exemplo,

Nesta peugada, Daniel Pires, compreendendo que Bocage critica a educação destinada a formatar pessoa passivas, realça, numa perspectiva mais pragmática, que o poeta incentivava à rebelião contra o

casamento celebrado à revelia dos afetos, que constituía um contrato social com a intenção exclusiva de concentrar riqueza. Mais, refere o investigador, Bocage apela, também, ao erotismo, componente nobre da Natureza. Entendemos que mais do que ao erotismo, Bocage apela à sexualidade, componente imprescindível da Natureza, que coloca o ser humano ao mesmo nível dos animais e que a religião cristã decidiu domesticar, delimitar e punir.

Michel Jeanneret expõe que os germes da separação estão no Novo Testamento e daí se desenvolveram. Cristo nasceu de um casamento sem relação carnal, é filho do espírito e também não conheceu mulher. Já, então, foram valorizadas a castidade e a virgindade. A conceção de amor como um ímpeto espiritual, o desinteresse pelos valores materiais, o exercício da Fé como atividade basicamente mental, impõem uma hierarquia que, na piedade, situa o intelecto na cúpula das faculdades humanas. Uma antropologia dualista acompanha, doravante, a história do Cristianismo. A carne e a alma opõem-se tal como a terra e o céu, o prazer e abstinência, o tempo e a eternidade, o múltiplo e o uno.⁶³⁷

À época de Bocage, os valores vigentes ditam que o corpo seja mortificado e desvalorizado. Nesta verdade que é “Pavorosa Ilusão da Eternidade”, o poeta propõe a Marília a celebração da mais antiga cerimónia do mundo, independentemente da aquiescência da sociedade, que não deveria poder interferir no direito inalienável que é a liberdade (neste específico contexto, encontramos similitudes com a mensagem de as “Cartas de Olinda e Alzira”⁶³⁸).

IV

Crê, pois, meu doce bem, meu doce encanto,
Que te anseiam fantásticos terrores,
Pregados pelo arдил, pelo interesse.
Só de infestos mortais na voz, na astúcia,
A bem da tirania está o Inferno.
Esse, que pintam báratro de angústias,
Seria o galardão, seria o prémio
Das suas vexações, dos seus embustes,
E não pena de amor, se Inferno houvesse.
Escuta o coração, Marília bela,
Escuta o coração, que te não mente:

⁶³⁷ Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. pp. 98-99.

⁶³⁸ Pires, *Bocage Ou o Elogio Da Inquietude*. pp. 273-274.

Mil vezes te dirá: Se a rigorosa,
Carrancuda opressão de um pai severo,
Te não deixa chegar ao caro amante
Pelo perpétuo nó, que chamam sacro,
Que o bonzo enganador teceu na ideia
Para também no amor dar leis ao mundo;
Se obter não podes a união solene
Que alucina os mortais, porque te esquivas
Da natural prisão, do terno laço
Que com lágrimas e ais te estou pedindo?
Reclama o teu poder, os teus direitos,
Da justiça despótica extorquidos:
Não chega aos corações o jus paterno,
Se a chama da ternura os afogueia;
De amor há precisão, há liberdade;
Ela, pois, do temor sacode o jugo,
Acanhada donzela, e do teu pejo
Destra iludindo as vigilantes guardas,
Pelas sombras da noite, a amor propícias,
Demanda os braços do ansioso Elmano,
Ao risonho prazer franqueia os lares.
Consista o laço na união das almas;
Do ditoso Himeneu as venerandas,
Caladas trevas testemunhas sejam;
Seja ministro o Amor, e a Terra templo,
Pois que o templo do Eterno é toda a Terra.

Se Deus é Natureza ou, se preferirmos, o conjunto de todos os seres, de todas as propriedades e energias, ele é necessariamente a causa imanente e não distinta dos seus efeitos. Não pode ser considerado bom ou mau, justo, misericordioso ou invejoso, já que são atributos humanos e, por conseguinte, não seriam aptidões de Deus. A noção de punição e de recompensa só atemoriza ou seduz ignorantes, que ideiam um ser a que denominam Deus, com uma imagética desacertada.

Entrega-te depois aos teus transportes,
Os opressos desejos desafoga,
Mata o pejo importuno; incita, incita
O que só de prazer merece o nome.
Verás como, envolvendo-se as vontades,
Gostos iguais se dão e se recebem.
Do júbilo há de a força amortecer-te,
Do júbilo há de a força aviventar-te.
Sentirás suspirar, morrer o amante,
Hás de morrer e reviver com ele.
De tão alta ventura, ah, não te prives,
Ah, não prives, insana, a quem te adora!”

Nesse grito de revolta, o eu poético apela à celebração dos rituais de Eros, à entrega recíproca, sem amarras nem sujeições num exercício de liberdade individual, inusitado, à época, em Portugal.

Ah! Faze-me ditoso, e sê ditosa.
Amar é um dever, além de um gosto,
Uma necessidade, não um crime,
Qual a impostura horrísona apregoa.
Céus não existem, não existe Inferno:
O prémio da virtude é a virtude,
É castigo do vício o próprio vício?”

A “Pavorosa ilusão da Eternidade” foi determinante na história da heterodoxia portuguesa. Circulou ampla e clandestinamente por todo o reino e foi decisiva para o encarceramento de Bocage, no Limoeiro, em 1797.

Sumariamente: na senda dos libertinos de que faz parte, Bocage desmascara um sistema que apregoa o temor da morte. Podendo-se fazer uma leitura meramente hedonista, esta revelar-se-ia simplista, pois o poeta vai ao encontro de Lucrecio na recusa de uma ética do sofrimento. Esta última moral é uma das bases do Cristianismo que não é considerado um regime de amor: é uma religião de repressão e castigo redentor e educador. A crítica libertina vai no sentido de denunciar que o Cristianismo

fomenta o receio da morte por medo do castigo eterno, ao invés de amenizar a tristeza da perda da vida, pelo prazer que dela se pode tirar.

“La raison humaine est si peu capable de démontrer par elle-même l’immortalité de l’âme que la religion a été obligée de nous la révéler.”, escreveu Voltaire.⁶³⁹

O monismo de Epicuro e Lucrécio, quarta tese heterodoxa: a identidade da alma e do corpo, que os libertinos seiscentistas e setecentistas recuperaram (com a exceção de Gassendi que a adaptou, no sentido de evitar a sua conflitualidade com o Cristianismo) é crucial para o pensamento libertino. Rejeita-se a eternidade da alma e atribui-se sensibilidade à matéria de que se faz derivar a diversidade das formas. Defende que a alma e o corpo são um, assim vincando a unidade dos fenómenos corporais.

Para o epicurismo divulgado por Lucrécio, existem o átomo, o vazio e a declinação. Apesar da perecibilidade da matéria, os elementos constitutivos da matéria, os átomos, são eternos, o que causa a inutilidade dos deuses para a economia natural.

Lucrécio crê num monismo materialista e critica, fortemente, a religião. Na sua pegada, o libertinismo acredita numa completa continuidade da alma ao corpo. A morte do corpo provoca o fim da alma.

Este Lucrécio maçom⁶⁴⁰ não pode ter deixado de interiorizar o *De Rerum Natura* daquele outro da Antiguidade, de quem tomou o nome e que expusera a indiferença da Natureza perante os deuses e a impossibilidade do mundo ter sido concebido pelos mesmos.

De salientar, conforme a lição de Patrick Dandrey, que Lucrécio tanto foi mentor dos materialistas dos séculos XVII e XVIII, como precursor dos deístas.⁶⁴¹ Se Bocage, muito significativamente, escolheu o nome de Lucrécio como nome simbólico maçónico, também não nos deixa sombra de dúvida quanto à sua opinião em vários dos seus versos. Destacamos a seguinte reflexão sobre a credulidade cristã, acerca da imortalidade da alma:

“Sobre o degrau terrível assomava

⁶³⁹ "Se eu me atrevesse a falar depois de M. Locke sobre um assunto tão delicado, diria: Os homens discutem há muito tempo sobre a natureza e a imortalidade da alma: no que diz respeito à sua imortalidade, é impossível demonstrá-la, uma vez que ainda estamos a discutir sobre a sua natureza, e é certamente necessário conhecer profundamente um ser criado para decidir se ele é imortal ou não. A razão humana é tão incapaz de demonstrar por si mesma a imortalidade da alma que a religião foi obrigada a revelá-la a nós. O bem comum de todos os homens exige que acreditemos que a alma é imortal: a fé nos ordena que o façamos; nada mais é necessário, e a questão está quase decidida. O mesmo não acontece com a sua natureza: pouco importa à religião a substância da alma, desde que ela seja virtuosa. Foi-nos dado um relógio para governar; mas o operário não nos disse de que é feita a mola desse relógio." (Tradução nossa.) (Voltaire, *Lettres Philosophiques* s.l.: Les Échos du Maquis, 2011), <https://philosophie.cegeptr.qc.ca/wp-content/documents/Lettres-philosophiques-1734.pdf>.)

⁶⁴⁰ Jorge Morais, *Bocage Maçon*. s.l.: Occidentalis, 2007. p. 27.

⁶⁴¹ Dandrey, "Athéisme et libertinage : la postérité de Lucrèce au XVII^e siècle - Ép. 4/4 - Lucrèce, le poète philosophe".

O réu, cingido de funéreo manto;
Avezada ao terror, aos ais, ao pranto,
Da intrepidez a Morte se assombrava;

No firme coração não palpitava
O precursor da Parca, o mudo espanto,
E, ufana de subir no esforço a tanto,
Um ai a Humanidade apenas da

Mortal, que foste herói no extremo dia,
De ideias carrancudas e opressoras
Não sofreste o pavor na fantasia.
Cos vozes divinais, consoladoras,
Só a religião te embrandecia:
Foras de fero se cristão não foras!"⁶⁴²

Os versos seguintes tanto contêm alusão à manipulação política da religião, como à convicção da imortalidade da alma. Estamos bem cientes de que, no entendimento libertino, uma é instrumento da outra: meio de conter os comportamentos e dominar os súbditos cristãos. Encontramos, também, vários traços naturalistas. Assim, na pegada epicurista de Lucrécio,⁶⁴³ a Natureza seria a génese e parecer-se-ia, frequente e estranhamente, com o Olimpo dos deuses.⁶⁴⁴

"(...)
Os prazeres sobre a Terra
Estão de angústias cercados;
Só no Olimpo se desfrutam
Instantes afortunados.
Alma, voemos da Terra

⁶⁴² Bocage, "Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas, Idílios, Apólogos, Cantatas, e Elegias. tomo I (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)". p. 233.

⁶⁴³ "Se não repelires para longe do teu espírito essas coisas, / indignas dos deuses e estranhas à sua paz, os sagrados desígnios dos deuses, por ti diminuídos, a ti muitas vezes te incomodarão, não porque o excelso poder dos deuses/ possa ser ofendido a ponto de, por causa da ira, aplicar terríveis castigos, /mas porque, estando em segurança, com plácida paz, /imaginas que nos seus ânimos rolam grandes vagas de iras e não te dirigirás aos santuários dos deuses com coração sereno,/ nem serás capaz de receber com tranquila paz de espírito /os simulacros que são emitidos do corpo sagrado, mensageiros da forma divina para as mentes dos homens. / Depois, está-se mesmo a ver qual seja a vida que se segue." (Lucrécio. Livro VI v. 68- 79. p. 347).

⁶⁴⁴ Testard, "Les idées religieuses de Lucrèce". p. 267.

(...)

Mortais, ide à Natureza,
Fugi dos tetos dourados;
Demandai nos livres campos
Instantes afortunados.

Ali o rápido tempo
Sobre peitos não manchados
Sacode das asas de ouro
Instantes afortunados.

Ali prazeres celestes
Sobre a terra são gostados;
Convertem-se em natureza
Instantes afortunados.

(...)

A morte negros momentos
Traz à mente dos malvados;
Dos justos conduz à mente
Instantes afortunados.

(...)

Quando no horror da desgraça
Vates estão sepultados,
Fabricam na fantasia
Instantes afortunados.

(...)

Aquele que Céus e Terra
Do nada tirou formados
Foi maior quando criou
Instantes afortunados ⁶⁴⁵

⁶⁴⁵ Bocage, "Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas, Idílios, Apólogos, Cantatas e Elegias. tomo II (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)". pp. 207-211.

Por fim, se alguma dúvida sobejasse, fica-nos o último poema de Bocage, o clássico arrependimento perante a morte, tão habitual nos libertinos, registado pelo seu companheiro de boémia Francisco de Paula Cardoso d'Almeida, morgado d'Assentis:

“Já Bocage não sou!... A cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura.
Conheço agora já quão vã figura
Em prosa e verso fez meu louco intento.
Musa!... Tivera algum merecimento
Se um raio a razão seguisse pura!
E me arrependo; a língua quase fria
Brade em alto pregão à mocidade,
Que atrás do som fantástico corria:
Outro Aretino fui ... A santidade
Manchei!... Oh! Se me creste, gente ímpia,
Rasga me versos, crê na Eternidade!”⁶⁴⁶

Bocage, à semelhança de Théophile de Viau, no seu último momento, não escapou à tradição do arrependimento libertino, *in extremis*, de que o monarca absoluto Luís XIV foi um exemplo acabado, apesar da sua mais prolongada contrição.

O poeta refere-se ao panfletário renascentista Pietro Aretino devasso de pena corrosiva,⁶⁴⁷ cujos *Ragionamenti* constituíram uma fonte fértil para os libertinos dos séculos XVII e XVIII e terão sido levados em linha de conta na composição das “Cartas de Olinda e Alzira”.

⁶⁴⁶ Pires, *Bocage Ou o Elogio Da Inquietude*. p. 454.

⁶⁴⁷ Pietro Aretino (1492-1556), contador de histórias polémico. A sua proficuidade de pasquinadas, e a sua agressividade conferem-lhe a fama de colportor de boatos – frequentemente verdadeiros – e interprete das recriminações populares. Escreve, por provocação, “*Sonetti Lussuriosi*”, explicitos eroticamente, ilustrados por Giulio Romano e gravados por Marcantonio Raimondi, publicados, em Veneza, c.1527. No início 1525 escreve a sua primeira comédia, a *Cortigiana*, um ataque aos grandes da corte e defesa dos autores das pasquinadas contra a censura. Aos trinta e cinco anos, instalado em Veneza, frequenta a alta sociedade e intriguista e temido. Doravante será conhecido como o “Flagelo dos Príncipes”. Protegido, o Arétino retoma a redação dos panfletos que lhe trarão fortuna. Nas suas poesias satíricas e nos seus *Pronostici* (paródia burlesca dos “prognósticos” da época), destrata os príncipes e soberanos que não compram o seu silêncio e rapidamente colhe o fruto das suas diatribes. Concedem-lhe pensões e valiosos presentes. Corresponde-se, doravante, com gente de todos os estratos acerca de todos os temas, políticos, literários e outros e reclama-se “redentor da virtude”, “detentor dos segredos do mundo” tornando-se o árbitro das reputações, ganhando e gastando mais que a maioria dos príncipes do seu tempo. A casa “do divino Aretino” converte-se no

Não referiu, todavia, Ovídio,⁶⁴⁸ seu poeta clássico dileto, autor de obras de teor erótico como a *Amores*, *Medicamina faciei femineae*, *Ars Amatoria*, *Remedia Amoris*, caído em desgraça e vetado ao degredo.

Nos versos abaixo, Bocage volta a duvidar da imortalidade da alma, tema que já desenvolvemos sobejamente. Daniel Pires duvida da autoria dos mesmos, alegando que não podem ser atribuídos ao poeta Bocage por o mesmo nunca ter duvidado da existência de Deus.⁶⁴⁹ Trata-se de um argumento que não entendemos como conclusivo e acompanhamos a opinião do estudioso José Leite de Vasconcelos.

“Nume que tens do mundo o regimento,
Se amas o bem e odeias a maldade,
Como vejo eu como prêmio a iniquidade
E desprezado o são merecimento?

Como hei de crer que um imortal tormento
Castigue uma mortal leviandade,

ponto de encontro das celebridades de Veneza e da Europa e dos menos afortunados. A sua obra é diversificada escritos religiosos alternam com comédias e diálogos obscenos de crítica social. Entre os escritos religiosos contam-se a *Paráfrase dos Salmos da Penitencia de David* (1534), *A Humanidade de Jesus Cristo* (1535), a *Génese* (1538), a *Vida da Virgem Maria* (1539), a *Vida da santa Catarina* (1540) e a *Vida de santo Tomas d'Aquino* (1543). Entre os outros estilos estão as cinco comédias a *Cortigiana*, (1525), *Marescalco* (1533), *Talanta* (1542), *Ipcrito* (1542), e *Filósofo* (1546). Todavia, a reputação do autor baseia-se desde nos *Ragionamenti* (1534- 1536), diálogos coloridos, frequentemente obscenos, em que pinta a imoralidade da época. Em 1539 o *Dialogo tra corsi e* 1543, *Le carte parlanti*. Finalmente dois romances cavaleirescos inacabados *Marfisa e Angelica*, duas parodias de romances também inacabados, *L'Orlandino*, de atribuição duvidosa, e *L'Astolfeida*. Muita poesia pomposa e bajuladora, estrofes amorosas sérias ou burlescas, alguns irreverentes *Capitoli* burlescos: uma tragédia inspirada em Tito-Lívio, *L'Orazia*, e, sobretudo, seis volumes de *Cartas*, verdadeiros diários, dirigidos a perto de um milhar de destinatários. A sua obra é colocada no index em 1558, o que contribui para acentuar a sua reputação de escritor maldito. A raridade dos seus livros contribuiu para que se criasse a lenda do Aretino associado à luxúria. Paul Larivaille, “Arétin L' (1492-1556),” in *Encyclopædia Universalis [En Ligne]*, 2021, <https://www.universalis.fr/encyclopedie/l-aretin/>.

⁶⁴⁸ Públio Ovídio Naso (43 a.c. 17 d.c.) foi um poeta entre dois mundos: vida na província, vida em Roma, vida de exílio. Vastamente estudado postumamente desde Sêneca, o Orador, a Picasso, que ilustrou alguns episódios das *Metamorfoses*, muitos artistas e pensadores trabalharam Ovídio. Nasceu em Sulmone, estudou em Roma, aluno de célebres retóricos e aproveitou tudo o que esta tinha para oferecer: distrações, círculos literários e sistemas de pensamento. Casou três vezes. Foi exilado por Augusto em Tomes uma década depois da publicação da *Arte de Amar*, possivelmente por razões político-religiosas, onde faleceu isolado e deprimido. Poeta erótico, escreveu os *Amores*. Define uma escrita pessoal e trata com à-vontade irónico os temas conhecidos que renova com um certo distanciamento: a espera perante a porta fechada, a doença da mulher amada, a *coquetterie*, a felicidade do primeiro triunfo, o ciúme, as torpitudes, a amizade. O amor é como uma milícia. Ovídio também se lança na parodia das artes na moda escrevendo *Ars Amatoria* e *Remedia Amoris*. Declama em tom falsamente doutoral, onde procurar conquistas, como agradar, e paradoxalmente, também o ensina às mulheres, sem jamais ser, verdadeiramente, grosseiro. As *Metamorfoses* são a epopeia do mito greco-latim e do amor e, sobretudo, do devir. Deixou inacabado *Fasti*, poema do calendário romano que se debruça, também, sobre o seu interesse maior, o amor. A sua poesia de exílio interioriza-se: as *Tristia* e as *Epistulae ex Ponto* são epístolas elegíacas dirigidas a Auguste, à sua mulher do poeta e aos seus amigos. (Simone Viarre, “Ovide [43 Av. J.-C. 17 Apr. J.-C.],” in *Encyclopædia Universalis [En Ligne]*, s.d., <https://www.universalis.fr/encyclopedie/ovide/>.)

⁶⁴⁹ “José Leite de Vasconcelos publicou na revista Pantheon (Porto), n.º 23, 1881, p 371, um poema que, na sua opinião, poderá ser de Bocage. Porém, não nos parece que o seja, porquanto o poeta nunca pôs em causa a existência de Deus”. (Bocage, “Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas, Idílios, Apólogos, Cantatas e Elegias. tomo II (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. p. 463).

E que seja alta ciência, amor, piedade,
Expor-me ao mal, sem meu consentimento?

Guerras cruéis, fanáticos tiranos,
Mortes, terrores e moléstias tristes
Enchem o curso dos pesados anos.

Se és Deus, e isto prevês, e assim persistes,
Ou não fazes apreço dos humanos,
Qual te dizem não és, ou não existes.”

Na base do pensamento libertino está a concepção clássica de Epicuro expressa numa ligação constitutiva entre a libertação dos preconceitos, verdade e felicidade individuais e coletivas.

Já pouco podemos acrescentar sobre a temática do recurso de Bocage, tal qual os restantes *esprits forts* libertinos, às filosofias da Antiguidade, retomadas pelos filósofos da Renascença por via da descoberta de Poggio Bracciolini numa abadia alemã, no início do século XV, do manuscrito do *De Rerum Natura*.

“A rígidas lições do férreo Zeno
Se torce o coração, se enruga o rosto:
Falaz sistema, e de aridez composto,
Que às fecundas paixões seca o terreno!

Por timbre em metro de ouro o doura Oleno,
E à doce Natureza o nunca oposto
(Rindo entre flores, vicejando em gosto)
Génio desliza de Epicuro ameno.

Ele (bem que o difame o vulgo rude),
D'almos prazeres pela mão nevada,
De espinhos despe o trilho à sã virtude;

Veste de rosas a macia estrada,
A moral formoseia, e não me ilude

Querendo quede rum Deus ostente um Nade.”⁶⁵⁰

Todavia, nunca será demais reiterar que Bocage escolheu Lucrecio como nome maçônico (na Maçonaria a adoção de um nome simbólico não é gratuita, não visa, exclusivamente, proteger a identidade do maçom, mas também deve representar o seu pensamento ou postura na vida, escolhendo-se o nome de uma figura que se admira muito ou com impacto na vida do maçom), o que vem acentuar toda a nossa interpretação do seu pensamento enquanto pensamento libertino, libertino-ideológico e libertino-erótico ou pornográfico, apesar de não se tratar de opinião unânime.

Vem, ainda, atestar a nossa tese, a apreciação de Testard que assevera que Lucrecio, apesar de jamais a invocar, expressamente, no seu tratado em verso, anui à existência dos deuses quando menciona a organização perfeita de um Universo que pareceria fruto de uma natureza providente.⁶⁵¹

A leitura de “Da Natureza das Coisas” de Lucrecio permite considerar que o autor substitui a transcendência dos deuses, criados pelos homens, por uma Natureza, quase personificada, autêntica providência, conferindo-lhe divindade.⁶⁵²

No século XVII, os libertinos eruditos (“espíritos fortes” discretos), influenciados pelo epicurismo antigo, preteriram o protagonismo público em prol da retirada no jardim, como forma de se protegerem da fúria, da superstição e da ambição irracional. Já no século XVIII, o Epicurismo torna-se uma ideologia revolucionária que divulga os ideais contra a superstição para modificar a sociedade humana.

3. Versos e ideias políticas

Não podemos deixar de fazer referência ao drama “A Virtude Laureada”, em que Bocage descreve a libertinagem em termos pouco elogiosos. Sabemos que Bocage estava sujeito a forte censura e sob a atenção de Pina Manique. Sabemos, também, que tinha poucos meios de subsistência. Poderia, assim, este texto ser um recurso à técnica dos libertinos eruditos seiscentistas franceses que tentaram e lograram, passar despercebidos. Qualificaríamos, essencialmente, esta excelente descrição da libertinagem enquanto pensamento anticristão escrito em clara intenção de bajulação do auditório, como uma manifestação de autocensura *a contrário*, numa tentativa de iludir o interlocutor. Com este

⁶⁵⁰ Notas de Bocage: “Chefe da seita dos Estoicos.”, “Moniz”, ou seja, Pato Moniz, “Em nossos bons autores ‘deslizar’ é não tocar, omitir.” Bocage, “Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas, Idílios, Apólogos, Cantatas, e Elegias. tomo I (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. p. 348.

⁶⁵¹ Lucrecio, *Da Natureza Das Coisas*. Livro II v. 1090-1099” p. 133.

⁶⁵²Testard, “Les idées religieuses de Lucrèce”. p. 260.

subterfúgio, poderia Bocage alegar que sempre se devem criar personagens repelentes para exaltar as virtudes de quem serve de exemplo.

“IV A VIRTUDE LAUREADA

Actores: A Ciência – A Hospitalidade – A indigência – A Polícia

A Libertinagem O Génio Lusitano

(...)

CENA III

(Nota do autor: “Aparecem baixel, donde pouco depois desembarca a Libertinagem com séquito numeroso.”)

LIBERTINAGEM

Orgão não sou do Averno, o Averno é sonho*

Para mim, para os meus; não sofro o jugo,

Que sobre corações tão férreo pesa.

Fantásticos deveres não me iludem;

O sensível me atrai, do ideal não curo,

Só de palpáveis bens fecundo a mente;

O bando, que alicio, e que prospero,

Vive em prazeres, em prazeres morre.

Compleição dos Catões, moral de ferro,

Fúria, Libertinagem me nomeia;

Mas o carácter meu destrói meu nome.

Delícias ao teu seio, ó Lísia, trago,

Não cruas opressões, nem agros males,

Que o fantasma Razão produz, máquina;

Eu sou a Natureza: ela não manda

Que o gosto oprimas, que os desejos torças;

As paixões contentar, não é loucura.
Prestar-lhes atenção, vontade, assenso,
É lei, necessidade e jus dos entes.
Olha: com cetro de ouro impero, ó Lísia;
Franqueia o pensamento a meu sistema,
Despe imagens quiméricas e aprova
Que a posse do Universo em ti remate.

*(Nota do autor: "Sentimentos abominosos da Libertinagem, refutados vigorosamente pelo Génio da Nação.")

GÉNIO

Enganas-te, perversa, os Céus a escudam;
De Lísia puro incenso aos numes sobe,
Arde em virtude, inflama-se na glória;
Moral, religião, saudável jugo,
Que pesa aos ímpios, que aos iníquos pesa,
Nunca foi grave a Lísia; herói supremo,
Que é na terra o que é Júpiter no Olimpo,
Aqui, não com violência, e não com arte,
Mas pelo exemplo morigera os Lusos,
Só menos que as deidades venturosas.
Não manches estes Céus, tartáreo monstro,
Não corrompam teus pés o são terreno,
Onde jaz da virtude o trilho impresso.
Eco da majestade, a voz te aterre
Do zeloso ministro infatigável,
Luceno, ao trono, às leis, aos deuses curvo,
Que, em vínculo fraterno atando os povos,
Os vê curvos ao trono, às leis, aos deuses.
Negreja, a teu pesar, o horror, que douras,
O Inferno, que não crês, de ti fumega,

E o remorso tenaz te rói por dentro.
Este povo de heróis, de irmãos, de justos
Teu caráter maldiz, teu nome odeia.
Aparta-te daqui... mas tu repugnas!
Guerreiros da virtude e flor da Pátria, *
Que limpais a Moral de intrusa escória,
Eia, apurai o ardor contra esse monstro;
A vosso invicto esforço a Fúria ceda,
Do grémio da Inocência o Vício fuja.”⁶⁵³

Bocage cultivava não só a poesia lírica, mas também a de intervenção, em que manifestava as suas opções de caráter sociopolítico. Opiniões que vieram a ser, também, paradigmas dos revolucionários liberais de 1820, dos Vintistas, e dos Republicanos, que puseram fim ao regime monárquico, no dia 5 de outubro de 1910. Justas e progressistas, as suas propostas sociais e políticas asseguraram-lhe a fama de que, num Universo esclarecido, goza na atualidade. A sua cosmovisão no que à sexualidade e religião diz respeito, nunca poderia ser aceite pela mentalidade dominante e obviamente que, se até agosto de 1797, a sua poesia foi passando entre as malhas da censura, é nessa data, que Bocage foi detido.

Aquela impunidade causa estranheza a Daniel Pires porquanto defende que muitos dos poemas publicados antes de 1790 eram impublicáveis. Destaca, todavia, que, daí em diante, a censura examinou, pormenorizadamente, todas as obras bocagianas, inclusivamente aquelas que apresentavam a chancela da Imprensa Régia, passando o poeta a constar da sua lista negra. Para difundir a sua poesia transgressora, passou à clandestinidade e a Maçonaria desempenhou um papel importante na distribuição da sua obra.

Já introduzimos e explicámos a temática sobre a qual agora nos debruçaremos: as ideias políticas de Bocage, um libertino maçom iluminado pelos ideais progressistas da época. Nuns versos parodia a sociedade epocal:

“Nos campos o vilão sem sustos passa,
Inquieto na corte o nobre mora:

⁶⁵³ *A Virtude Laureada, Drama Recitado no Teatro do Salitre, Composto e Dirigido ao Reverendíssimo Padre Mestre Fr. José Mariano da Conceição Veloso.* Lisboa: na Imprensa Régia, 1805. Bocage, “Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas, Idílios, Apólogos, Cantatas e Elegias. tomo II (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. pp. 573-588.

O que é ser infeliz aquele ignora,
Este encontra nas pompas a desgraça;

Aquele canta e ri, não se embaraça
Com essas 'coisas' vãs; que o mundo adora;
Este (oh cega ambição!) mil vezes chora,
Porque não acha bem que o satisfaça.

Aquele dorme em paz, no chão deitado,
Este no ebúrneo leito precioso,
Nutre, exaspera velador cuidado.

Triste! Sai do palácio majestoso!
Se hás de ser cortesão, mas desgraçado,
Antes ser camponês e venturoso."⁶⁵⁴

Noutros, revolta-se contra o despotismo que se acentuava, entre nós, por reação aos ímpetos revolucionários franceses:

“Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
Porque (triste de mim!) porque não raia
Já na esfera de Lísia a tua aurora?

Da santa redenção é vinda a hora
A esta parte do mundo, que desmaia.
Despotismo feroz, que nos devora!

Eia! Acode ao mortal, que frio e mudo
Oculta o pátrio amor, torce a vontade,
E em fingir, por temor, empenha estudo.

⁶⁵⁴ Bocage, “Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas, Idílios, Apólogos, Cantatas, e Elegias. tomo I (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)” p. 189.

Movam nossos grilhões tua piedade;
Nosso nume tu és, e glória, e tudo,
Mãe do gênio e prazer, ó Liberdade.”⁶⁵⁵

Note-se que cultor do respeito humano, libertino, livre de pensamento e fanatismo, apologista da libertação do homem da tirania religiosa, não poderia ser apreciador desta nova tirania e do terror e abolição de liberdade que, apesar das boas intenções, se viveu em França, no período revolucionário. Eis os versos de “Contra o despotismo praticado em França a título de liberdade” em que, apesar de tudo, Bocage não nos surge tão crítico como aparenta ser relativamente ao despotismo absolutista, fechando o poema com “Reinas’ só no ext’rior, não tiranizas / Do livre coração a independência.”

“Sanhudo, inexorável Despotismo,
Monstro que em pranto, em sangue a fúria cevas,
Que em mil quadros horríficos te enlevas,
Obra da Iniquidade e do Ateísmo;

Assanhas o danado Fanatismo,
Por que te escore o trono onde te enlevas;
Por que o sol da Verdade envolva em trevas
E sepulte a Razão num denso abismo.

Da sagrada virtude o colo pisas,
E aos satélites vis da prepotência
De crimes infernais o plano gizas;
Mas, apesar da bárbara insolência,
Reinas’ só no ext’rior, não tiranizas
Do livre coração a independência.”⁶⁵⁶

A fábula “Os cães domésticos e o cão montanhês” é um manifesto de livre-pensamento antirracista notável e de coragem inequívoca no império colonial, dependente das riquezas advindas das colónias,

⁶⁵⁵ Bocage. p. 190.

⁶⁵⁶ Bocage. p. 191.

onde a mão-de-obra escrava era *conditio sine qua non* para cultivo e extração dos recursos naturais que permitiam o fausto do continente.

“Afirma escritor antigo
Que lá num grande sertão
Três cães perdidos na caça
Viram sozinho outro cão.

Este era cor de azeviche,
Aqueloutros cor de neve
(Porque isto faz muito ao caso)
Primeiro notar-se deve.

Nascera de lãs forrado
O tal cão, e era montês;
Tinham pelo muito fino,
E eram da cidade os três.

Um deles, o mais disposto
A fazer qualquer agravo,
Disse para o bom campónio:
“Ó amigo, és nosso escravo”

Ao som do termo afrontoso
Que os ouvidos lhe ofendeu,
O rústico alçou a orelha,
Rosnou, e se enfureceu.

Queria lançar-se a eles,
Mas tinha ouvido uma vez:
“Nem Hércules contra dois,
E inda menos contra três.”

Enfim co'um ar espantado
Lhes disse o pobre lapuz:
“Eu, cativo! Por que crime?
Vis, senhores' Com que jus?”

O valentão já citado
Dá um pulo, e de repente
Ao miserável responde,
Arreganhando-lhe o dente:

“O nosso jus é a força,
O teu delito é a cor
De homens pretos e homens brancos
Cuido que fala este autor.”⁶⁵⁷

Quanto ao livre-pensamento religioso de Bocage, ao seu posicionamento anticlerical, devido à promiscuidade e ao descomedimento de muitos, que contrariavam o recado do púlpito, eis o testemunho, quanto à impostura do clero, a que Voltaire denominava de “infame”:

“Bojudo fradalhão de larga venta.
Abismo imundo de tabaco esturro,
Doutor na asneira, na ciência burro,
Com barba hirsuta que no peito assenta:

No púlpito um domingo se apresenta,
Prega nas grades espantoso murro
E, acalmado do povo o grã sussurro,
O dique das asneiras arrebenta:

Quatro putas mofavam de seus brados,
Não querendo que gritasse contra as modas
Um pecador dos mais desaforados:

⁶⁵⁷ Bocage. p. 445.

“Não (diz uma) tu, padre, não me engodas:
Sempre me há de lembrar, por meus pecados,
A noite em que me deste nove fodas!”⁶⁵⁸

O poeta foi um leitor e tradutor de Voltaire e La Fontaine, libertinos renomados e terá tido acesso à Enciclopédia⁶⁵⁹ e à obra de outros tantos iluministas que o influenciaram.

Como tivemos oportunidade de referir, existem traços na forma de vida libertina de Bocage que nos recordam Théophile de Viau, a sua ideologia, a sua incandescência e desbragamento, o seu julgamento e até o seu súbito arrependimento e retratação perante a morte.

Seguimos a qualificação de Isabelle Rabineau⁶⁶⁰ e defendemos que a experiência de libertino conferiu a Manuel Maria Barbosa du Bocage um olhar frio e metódico que explora a infraestrutura social, até à culpa, sem passar pelo teste de bons sentimentos. O poeta aborda, ao invés, o mais íntimo e o mais infinitamente entrincheirado: as paixões.

Encontramos em Bocage, tal como já havíamos encontrado em José Anastácio da Cunha, características essenciais do pensamento libertino. Para ambos, se o culto do prazer é sensual, a sua justificação é racional.

Do amplo espetro de atividades, atitudes e comportamentos que diferenciam os libertinos, agentes ambivalentes, singulares e algo paradoxais, muitas se encontram em Bocage. Cosmopolita intelectual, autor maldito, livre-pensador, epicurista, desordeiro sexual, próximo da esfera da alta cultura e com a clara noção da ameaça latente que representam as massas anónimas que o poder político visa controlar através da religião.

O clamor por liberdade de Bocage ainda é atual, apesar da sua obra ter sido proibida e o autor preso, julgado, condenado e censurado há mais de dois séculos. Parte da sua obra, nomeadamente as *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas* foi publicada clandestinamente, estando sujeita a censura até 25 de abril 1974. Há autores que causam alguma celeuma quando lançam livros imbuídos de ideias heterodoxas, mas é comum que a passagem do tempo as vete ao esquecimento.

⁶⁵⁸ Bocage, “Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas. (Organização, fixação do texto e notas Daniel Pires)”. p. 129.

⁶⁵⁹ Enciclopédia que, apesar de não se encontrar à venda em Portugal, integrava as bibliotecas de alguns intelectuais que beneficiavam da cumplicidade dos livreiros franceses estabelecidos em Lisboa (João José Bertrand, José Dubié, Jorge Rey, Diogo Borel, Rolland, Reycend e Pedro Lo), de diplomatas nacionais e estrangeiros, e de militares ingleses, prussianos e franceses que, ao longo do século XVIII, se encontravam em Portugal.

⁶⁶⁰ Rabineau, *Modernes Libertins - Un Art de La Résistance*. p. 50.

Porém, Bocage foi um dos autores portugueses que resistiu a esse destino. Entre nós foi, provavelmente, o autor cujos escritos e comportamento mais controvérsia geraram, desde sempre, de tal forma que entrou para o anedotário nacional, como personagem extravagante e desbragada.

Capítulo VI – Cavaleiro de Oliveira: o falso libertino

Pela fama que granjeou como “o libertino português”, não podíamos deixar de contemplar a obra de Francisco Xavier de Oliveira, o Cavaleiro de Oliveira. No entanto, aparentando algum progressismo face ao pensamento nacional, não encontramos no seu trabalho reflexão ou ideologia que nos permita classificá-lo como livre-pensador, ou, mais especificamente, como libertino. Apurámos que Fernando Guimarães⁶⁶¹ teve o mesmo entendimento que nós.⁶⁶²

O Cavaleiro de Oliveira ostenta, sobretudo, o comportamento de “baronete” dotado de algum pensamento racional, vagamente cético, com um sentido de humor corrosivo, frequentador do belo sexo, como era timbre comum na aristocracia europeia da época. Olha para Portugal com os olhos do estrangeirado português, que não deixou de ser luso, apesar das décadas de ausência do país. As suas críticas à Inquisição portuguesa, muito pertinentes, eram, todavia, comuns naquela época. Entre o *Discours Pathétique au Sujet des Calamités Présentes Arrivées au Portugal*,⁶⁶³ que muito questiona a Inquisição portuguesa, e o *Candide* de Voltaire, só medeiam dois anos.

Francisco Xavier de Oliveira redige tanto em português como em francês ou italiano. Nas questões que aventa na sua correspondência e na sua prosa concilia talento e originalidade. Denuncia, com a visão racionalista do século XVIII, o culteranismo mental do século XVII e dos primórdios do XVIII e outras futilidades que, ainda jovem, presenciou em Portugal. Narra-as, amplificando-as e vivificando-as com o

⁶⁶¹ “O libertinismo passa a ser visto com maus olhos e a ser julgado como libertinagem: É o que acontece por exemplo, com o próprio Cavaleiro de Oliveira, o qual, apesar de nos seus “verdes anos, no período de loucura”, se entregar à volubilidade e à inconstância – “muitas vezes, no amor, na variaçãozinha é grata”, como dirá depois, já mais velho –, não deixa de antepor à vida amorosa um critério que a cooneste, justificando com a maior veemência o casamento.” (Guimarães, *Linguagem e Ideologia*. p. 79).

⁶⁶² Também ponderámos trabalhar Filinto Elísio (Pe. Francisco Manuel do Nascimento, 1734-1819) e a sua obra. Mas, após análise, afigurou-se-nos tratar-se de uma autor de reivindicação anticlerical, contestatário de relevância para as mudanças políticas sofridas na sua época e até sujeito a inquérito pela Inquisição de Lisboa com o n.º 14048, por denúncia de “Libertinages” - Conforme expõe Fernando Alberto Torres Moreira, *Processo Inquisitorial de Filinto Elísio Braga*: Edições APPACDM de Braga, 2000). p. 3. que não foi conclusivo. - Todavia, após análise da sua obra e do processo que lhe foi movido, verificámos que as ilegalidades de Filinto eram de outra ordem e que não cumpriam os critérios que se nos afiguram imprescindíveis, e acerca dos quais já discorreremos sobejamente, para o poder qualificar de pensador libertino, no sentido do libertinismo que investigámos de forma aprofundada e, portanto, não nos mereceu, para já, demais consideração. “A pretensa heresia de Francisco Manuel está, portanto, ligada ao conhecimento/adesão às ideias dos filósofos enciclopedistas franceses que o autor também traduzia”. O processo da inquisição acusa o poeta de proferir proposições heréticas, de ser filósofo. Herético e filósofo eram para o santo Ofício faces de uma mesma moeda e, se é verdade que a heresia provinha, fundamentalmente, da absorção das ideias dos ditos filósofos, não é menos verdadeiro que, ser filósofo, no século XVIII, era mais do que ser um simples herege, isto é, filósofo e herege não eram necessariamente sinónimos.”(Fernando Alberto Torres Moreira, *Filinto Elísio: O Exílio Ou o Regresso Impossível*. Braga: Edições APPACDM de Braga, s.d. p. 239).

⁶⁶³ Francisco Xavier de Oliveira, *Discours Pathétique Au Sujet Des Calamités Présentes, Arrivées En Portugal*, ed. Imprensa da Universidade, Biblioteca Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922.

seu veio interpretativo. Não foi original no seu apontamento de problemas políticos, económicos, sociais ou filosóficos reproduziu, tão-só, a linha de pensamento em voga nas grandes metrópoles europeias, Viena, Haia ou Londres, onde esteve. Alinharia, assim, também, com o pensamento luso epocal se, na sua pátria, tivesse logrado ser influente.⁶⁶⁴

O Cavaleiro de Oliveira, Cavaleiro da Ordem de Cristo, foi nomeado embaixador de Portugal em Viena, em 1725, a fim de ocupar o lugar do secretário do ministro, Conde de Tarouca. Roda no seio da alta sociedade e vive uma vida algo dissoluta e incompatibiliza-se com o conde que reprova o seu *modus vivendi*. Em 1740, muda-se para a Holanda. A sua obra prolifera e, frequentemente, crítica da realidade portuguesa e da Inquisição, serve-lhe de sustento. Em 1741 e 1742, a Inquisição proíbe a divulgação das suas obras em Portugal. Em 1744 viaja para Londres procurando, em vão, obter apoio e reconhecimento de Sebastião José de Carvalho e Melo. Aí escreveu uma obra de ataque aos jesuítas, que só publicará em 1767, sob o anagrama de Félix Vieira Corvina dos Arcos. Em 1744 abjura oficialmente o catolicismo e converte-se ao protestantismo. As suas reflexões acerca do terramoto, plasmadas em *Discours pathétique au sujet des calamités* e *Suite du discours pathétique*, levarão à sua condenação, à revelia, pela Inquisição. A sua efigie será queimada em auto-de-fé, em setembro de 1761.

O Cavaleiro de Oliveira é justo e iluminado na sua crítica à realidade do Santo Ofício e a muitas das práticas em vigor em Portugal. Assim como o é na sua crítica ao domínio da Inquisição, até então, sobre a justiça secular. A Igreja, obviamente, não lhe perdoa, assim como não lhe perdoa a Coroa. Tentará agradar ao Marquês de Pombal, ainda Conde Oeiras, embaixador em Londres, provavelmente intuindo-lhe o futuro poderio, todavia não terá qualquer credibilidade. A prová-lo existem as observações de Carvalho e Melo, absolutamente contrastantes com as cartas de Xavier de Oliveira sobre o assunto.

Defini-lo como libertino, tão-só pela prática de alguma leviandade emocional ou sexual, seria um excesso, porque essa era a prática corrente na Europa da época, comportamento que não absorve toda a riqueza do pensamento libertino. Apesar da sua pungente crítica à superstição e de censuras ao clero, não encontramos em Cavaleiro de Oliveira um pensamento coerente de crítica cristã, naturalista ou deísta, muito menos materialista. Na verdade as suas conversões nunca lhe mudam o estatuto religioso de cristão.

Senão, analisemos os vetores essenciais da reflexão de Francisco Xavier. Tendo abjurado, desde 1746, o catolicismo e, depois, convertido ao protestantismo, as suas observações em *Reflexoens de Felix Vieyra Corvina de Arcos... Sobre a Tentativa Theologica Composta Pello Reverendo e Douto Padre António Pereyra, Da Congregaçam Do Oratorio de Lisboa* de 1767, são distintamente influenciadas pela nova

⁶⁶⁴ Fidelino de Figueiredo, *História Da Literatura Clássica. 2. Época (158-1756). Vol. 2* (Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1921). pp. 324-331.

prática religiosa que abraçou, também denotando um vívido regalismo, no que se opõe à autoridade do Papa sobre o Rei e sugere a interferência deste último na estrutura, decisões e atuação da Igreja lusa.

Em nada se nos afigura ser naturalista ou materialista. E aventar que pudesse ser deísta, argumentando que a mudança do catolicismo para o protestantismo, seria indício suficiente, não nos parece razoável, seria um jogo de especulação abusivo. Não duvidamos do teocentrismo do Cavaleiro de Oliveira e parece-nos, sobretudo, existir, nos seus propósitos, uma mera crítica à Instituição Eclesiástica. O que nos impede, como veremos, de o aceitar como verdadeiro livre-pensador libertino.

Apologista da Razão (não, necessariamente a justeza, como refere, Portela), Francisco Xavier concebe a razão como instrumento e escreve “é preciso dar crédito e autoridade à razão para que o acaso se não constitua soberano.”⁶⁶⁵ É muito provável que Voltaire tenha exercido influência sobre o nosso autor, este, todavia, nunca foi dotado do seu pensamento filosófico sistemático. Foi, apenas, nas suas cartas e nas suas reflexões, um discursista prolífero, relatando ou denunciando, com humor e crítica relativamente moderada, assuntos que presenciava, pessoas que frequentava e ideias que bebia nos autores iluministas. Ideias que, todavia, não eram grandemente originais, já que eram do seu tempo e comuns nos locais em que se movia.

Foram, todavia, instrutivas porque Cavaleiro de Oliveira possuiu a ciência epocal, com seu racionalismo explicativo e crítica à superstição com ironia sistemática, como aprendeu com os enciclopedistas. O seu ceticismo é, ainda assim, moderado. Os retratos da comunidade cosmopolita em que roda, nomeadamente em Viena, são esclarecedores pelas informações que dão da sociedade polida do seu tempo, do seu convívio, das suas tertúlias e preocupações, e da mania dissertativa dessas gentes evoluídas.

Escrever epístolas era parte integrante da personalidade de Francisco Xavier e a vida que teve em Viena, apesar de galante, permitiu-lhe tempo para escrever. A produção literária, aspeto característico do grupo sociocultural em que se integra o Cavaleiro Oliveira, é instrumento vivencial, apetrecho mundano, meio de ascensão social, antecâmara sentimental. A galanteria diz-se e escreve-se. A epístola é uma produção literária irreverente.⁶⁶⁶ Artur Portela destaca:

“O Cavaleiro é desse encontro entre uma cultura barroca, teocêntrica e escolástica, e uma aristocracia com traços marialvas: Encontro perturbado, contestado pelo “iluminismo de importação”. Depois, em Francisco Xavier, florescido o rococó vienense que se ilumina, e aristocraticamente se libertiniza. O Cavaleiro, o que é, pelo menos até à sua fase holandesa,

⁶⁶⁵ Artur Portela, *Cavaleiro de Oliveira: Aventureiro Do Século XVIII*. Maia: INCM, 1982. p. 58.

⁶⁶⁶ Portela. p. 27.

só o pode ser no domínio libertino, porque esse era o seu tempo, a sua aula pática de Viena, toda a sua Europa.⁶⁶⁷

Mas, se entendemos que do ponto de vista comportamental o Cavaleiro se poderá ter *libertinizado*, como menciona Portela, nunca poderemos assentir que o seu seja um livre-pensamento libertino, na completude e total abrangência do singular pensamento.

Assim, Francisco Xavier de Oliveira, além de um apreciador do “sexo frágil”, *courreur*, como diríamos, foi também um cosmopolita. Urbanista de várias cidades, analisa com a clareza da visão dos que, ao longe, logram ser mais clarividentes até porque não temem o furor do Santo Ofício. Das capitais da Europa o Cavaleiro pode clamar, em 1741, que ⁶⁶⁸

“O mundo é a pátria natural, universal de todos os homens. O desterro não é mais do que uma passagem feita duma província para a outra. Esta outra província onde se acha um desterrado é o país de todos aqueles que nasceram nele e também o pode ser do desgraçado, se ele tiver entendimento para se acomodar com a sua sorte. A mesma pátria pode algumas vezes servir de lugar de desterro àqueles a quem não consta onde nasceram como sucedeu a Édipo, que, banido do lugar onde se criou, viveu como desterrado no mesmo lugar onde tinha nascido. Quando se levam as crianças das casas das suas amas para as de seus pais, consideram estas as ditas moradas como desterro, e por isso choram. É uma fraqueza de ânimo considerar-se o homem perdido quando se vê em um lugar onde nunca esteve. O homem deve imaginar que em todo o mundo tem a mesma natureza, que em todo está debaixo do mesmo céu, e que em toda a parte se encontram homens da mesma espécie.”⁶⁶⁹

Além de que, como realça Portela, o Iluminismo do Cavaleiro nem é um pensamento promotor dos ideais revolucionários que começam a germinar. O seu arrojo também não é libertinismo; não se confunde com a liberdade, a ousadia, o livre-pensamento intelectual, religioso e anti-cristão com que os pensadores *deniaisés* abrem o caminho ao iluminismo.

Também não é no período londrino que o protestantismo altera a sua mundivisão, a sua conceção de edifício social. Iluminista *ma non tropo*, orgulhoso dos seus pequenos pergaminhos, invariavelmente alerta para a diferença de berço, de sangue, de privilégio. Alguns autores, numa visão algo redutora do libertinismo alegam que “o Cavaleiro de Oliveira não assumirá, sobretudo, o pendor burguês do

⁶⁶⁷ Portela, pp. 37-38.

⁶⁶⁸ Portela. p. 42.

⁶⁶⁹ “Carta A Senhora Condessa de Roccaberti sobre o Desterro” Francisco José de Oliveira, *Cartas Familiares, Históricas, Políticas, e Críticas. Discursos Serios e Jocosos. Dedicados à Excelentíssima Senhora Condessa de Vimioso. Tomo I.* Lisboa: Typografia de Silva, 1855.

iluminismo, mas um libertinismo de traço aristocrático” já que entendem que “a burguesia não é libertina, é virtuosa. Liberdade iluminista quere-a a burguesia para outra coisa: para seu interesse, a sua promoção, o seu negócio.” Pensamos poder ir mais além na caracterização do libertinismo.⁶⁷⁰

Não neguemos, todavia, ao Cavaleiro, temeridade quando critica a superstição. Refere, por exemplo:

“Esta anedota e outras de igual jaez, que expõem a velhacaria, favorecida pela ignorância ou a má-fé de pessoas que complacientemente se prestam ao jogo, simulando demoníacos, estas anedotas – dizia eu – veem demonstrar o crédito que é legítimo atribuir a tais fenómenos. Muita gente não acredita; eu não sou absolutamente incrédulo: a minha crença funda-se na Sagrada Escritura que está de endemoninhados.”⁶⁷¹

O Regalismo pombalino, consubstanciado na tendência para valorizar a autoridade do príncipe e restringir a do romano pontífice nas coisas sagradas, deu ocasião a contínuas intervenções do Estado na ambiência eclesiástica.⁶⁷² Também as tensões entre a Igreja e o Estado, cujo expoente máximo foi a expulsão dos Jesuítas e a reforma, em 1774, do Tribunal do Santo Ofício e a criação da Real Mesa Censória em 1768,⁶⁷³ são omnipresentes. Na verdade, foi o culminar do confronto entre o poder papal e o poder régio, que tinha sido, durante séculos, uma constante na Europa, com vicissitudes diferentes para cada um dos poderes, que deu origem a doutrinas e práticas regalistas, e à supremacia do poder civil sobre o poder eclesiástico, decorrente da alteração de uma prática jurisdicional comumente seguida ou de princípios geralmente aceites. Acreditamos que a posição de Francisco Xavier de Oliveira não se deve, somente, à mudança de credo, tendo-se convertido ao protestantismo, mas também a uma adesão ao regalismo predominante na política pombalina:

“Parando aqui com a Lina de tão escandalosos factos, permita-se por amor de deus, e em reverência da verdade, que os Leitores sejam bem informados de duas circunstâncias: Serviriam elas de os curar da cegueira com que adoram o Papa, fazendo que todo o seu respeito, afeição e fidelidade se volte unicamente para o seu legitimo e augusto soberano, e para os supremos e para supremos e legítimos pastores da Igreja lusitana. A primeira destas

⁶⁷⁰ Portela, *Cavaleiro de Oliveira: Aventureiro Do Século XVIII*. p. 58.

⁶⁷¹ Aquilino Ribeiro. *Cavaleiro de Oliveira O Galante Século XVII*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1900. p. 291. *Recreação periódica 2 – Endemoninhados e Almas Penadas. Esconjuros. A Mãe de Joana Vitoria. Uma História de Fingida Possessão. Refere Flávio Josefo...* (Cavaleiro de Oliveira, *Recreação Periodica II* Lisboa: Publicações da Biblioteca Nacional, 1922).

⁶⁷² Francisco Adegildo Férrer, “O Regalismo Pombalino,” *Educação Em Debate* 37 (1999): 88–95. pp. 88–95.

⁶⁷³ Criação que visava substituir a censura tripartida, até então a cargo da Inquisição, Ordinário e Desembargo do Paço.

circunstâncias he, que o lascivo e vergonhoso estado dos Papas de que falei, e de outros muitos de que nem falo, e tirado das obras dos melhores autores católicos romanos, entre os quais se constam alguns cardeais, alguns arcebispos muitos bispos, e muitos outros prelados, e pessoas religiosas de grande distinção. A Segunda circunstância é que, que em todos os ditos celebrados escritores, se acham narrados os crimes de outros papas, que sendo menos luxuriosos foram, porém, feiticeiros, traidores, homicidas, simoníacos, hereges e ímpios.”⁶⁷⁴

A compatibilidade na crítica que existia no protestantismo e no livre-pensamento libertino sobre algumas das práticas do catolicismo epocal acentua a nossa negação acerca de um juízo de livre-pensador libertino nos propósitos de Xavier de Oliveira, acreditando que se tratava de críticas que a religião protestante tecia ao catolicismo. Mais provavelmente estaremos perante a crítica comum protestante do que perante a crítica libertina do obscurantismo.

“Autrefois d'accord, et dans l'erreur, avec mes Compatriotes, je vantaient hautement la grandeur et la Magnificence du culte qu'ils appellent Divin. Par la seule miséricorde de Dieu, qui m'a délivré de l'esclavage de mes préjugés, et qui m'a retiré de l'abomination de mon Idolâtrie, je vois clairement et distinctement á présent, que ce Culte diabolique, insensé, ou ridicule dans toutes ses parties, et digne d'être exercé seulement par des hommes inconsidérés, aveugle, et séduits par les ruses du Démon, mises en œuvre par ses suppôts, et par ses émissaires, lesquels ne sont pas moins les ennemis de dieu qui lui: Le culte que l'on rend en Portugal aux images des Saints, ne diffère en rien de celui que les païen offraient a leurs idoles. Ceux-ci ne furent jamais plus idolâtres que les portugais de le sont encore aujourd'hui ; La seule différence qui se remarque entre les uns et les autres, c'est que l'Idolâtrie portugaise est beaucoup plus criminelle que celle des païens: Ils ont vécu longtemps dans l'erreur, manquant de la connaissance du vrai dieu et destitués de la prédication de l'évangile.”⁶⁷⁵

⁶⁷⁴ Cavaleiro de Oliveira, *Reflexões de Felix Vieyra Corvina de Arcos... Sobre a Tentativa Theologica Composta Pello Reverendo e Douto Padre António Pereyra, Da Congregaçom Do Oratorio de Lisboa*. Londres: Oficina de Jacob Lister, 1767. p. 87.

⁶⁷⁵ “Antigamente, erroneamente e de acordo e em erro com os meus compatriotas, exaltei a grandeza e a magnificência do culto a que chamam Divino. Só pela misericórdia de Deus, que me libertou da escravidão dos meus preconceitos, e que me retirou da abominação da minha Idolatria, vejo hoje clara e distintamente, que este Culto diabólico, insensato, ou ridículo em todas as suas partes, e digno de ser exercido apenas por homens irrefletidos, cegos, e seduzidos pelas artimanhas do Diabo, postas em ação pelos seus sequazes, e pelos seus emissários, que não são menos inimigos de Deus do que ele: O culto prestado em Portugal às imagens dos Santos não difere em nada do que os pagãos prestavam aos seus ídolos. Os pagãos nunca foram mais idólatras do que os portugueses, ainda hoje, o são; a única diferença entre eles é que a idolatria portuguesa é muito mais criminosa do que a dos pagãos: há muito que vivem no erro, sem o conhecimento do verdadeiro Deus e privados da pregação do Evangelho.” (Francisco Xavier de Oliveira. *Discours Pathétique Au Sujet Des Calamités Présentes, Arrivées En Portugal*. Biblioteca. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922. pp. 20-21.)

O protestantismo rejeita parte das doutrinas que caracterizam o catolicismo, tais como o purgatório, a supremacia papal, as orações pelos mortos, a Assunção de Maria, a sua virgindade perpétua, a transubstanciação, o sacrifício da missa, o culto das imagens, e invocamos esta realidade porque algumas das reflexões de Xavier Oliveira poder-se-iam interpretar como protestos contra a superstição ou credences obscuras e retrógradas, muito patentes no livre-pensamento libertino, mas, no entanto, afiguram-se, também, influência direta do credo protestante a que aderiu, assim:

“(…) La folie superstitieuse et Idolâtre de l’adoration des images, qui a cours en Portugal, les préjugés qui y portent les hommes á donner tête baissée dans cette abomination, et qui s’opposeront aux efforts que vous pourriez faire pour les tirer d’erreur; tout ce mal, des-je, a sa source et son origine dans le principe qui fait horreur.⁶⁷⁶

Vous auriez tort assurément de me regarder comme votre ennemi : Par ma naissance je suis étroitement lié de parenté avec plusieurs d’entre vous, et ma qualité de votre compatriote m’inspire pour vous des sentiments de la plus inviolable affection : Il est vrai qu’ayant abjuré la communion de l’église romaine, pour embrasser la religion Protestante, vos préjugés doivent naturellement vous indisposer contre moi, et me rendre odieux a vos yeux.”⁶⁷⁷

O próprio Cavaleiro faz referência a superstições, certamente associando-as à Religião Católica, no seu renomado *Discours Pathétique Au Sujet Des Calamités Présentes, Arrivées En Portugal*”, no título *XXXII Superstições que vêm de longe*

“(…) abundam estes painelinhos nas igrejas católicas, a recordar um milagre, ou útil intercessão de Virgem ou de santo. Mas nisto, ainda, é imitado o paganismo de outras religiões idólatras, como se lê nos antigos e descrevem os viajantes.

Neste capítulo e noutros, as superstições andam a par. Assim os católicos portugueses consagraram o rosmaninho a Nossa Senhora a pretexto de que era com esta planta odorífera que a virgem perfumava os cueiros do Menino-Jesus. Os pagãos votavam o mirto a Vénus. (…)⁶⁷⁸

⁶⁷⁶ “(…) A loucura supersticiosa e idólatra do culto das imagens, que grassa em Portugal, os preconceitos que levam os homens a mergulharem de cabeça nesta abominação e que se opõem a todos os esforços que você possa fazer para os fazer mudar de ideias; todo este mal, des-je, tem a sua fonte e a sua origem no princípio que a todos é tão abominável.” (Tradução nossa.) (Oliveira. pp. 22-23.)

⁶⁷⁷ “Certamente que se enganaria se me considerasse vosso inimigo: por nascimento, sou parente próximo de vários de vós e a minha condição de vosso compatriota inspira-me sentimentos da mais inviolável afeição por vós: é verdade que, tendo abjurado a comunhão da Igreja Romana para abraçar a religião protestante, os vossos preconceitos devem naturalmente indispor-vos contra mim e tornar-me odioso aos vossos olhos.” (Tradução nossa.) (Oliveira. p. 36.)

⁶⁷⁸ Cavaleiro de Oliveira, *Recreação Periodica I*. Lisboa: Publicações da Biblioteca Nacional, 1922. pp. 158, 159.

Já a crítica de outras realidades da religiosidade lusa, poder-nos-ia deixar em maior dúvida. Será a crítica do quebranto uma censura à prática católica setecentista ou o realce libertino-iluminista de uma superstição?

“III Acerca do Quebranto e seus antídotos”

“As benzedeadas tão fácil libertam um homem de quebranto, como um animal, cão ou cavalo por exemplo. Há, apenas, uma leve diferença; às pessoas exigem que pronunciem três vezes: glória seja ao padre, glória seja ao filho, glória ao Espírito-Santo, enquanto aos animais não os obrigam a coisa nenhuma e ficam curados.

Gracejo à parte, esta prática parece de loucos ou de crianças. Pode-se lá acreditar que tais factos se cometam em plena Europa, numa cidade como Lisboa, onde há colégios, academias, universidades? Era para duvidar da minha palavra se se tratasse dum país longínquo. Mas não, é de Portugal, e há mil maneiras de os incrédulos verificarem a exatidão da narrativa.

Em matéria de mau olhado, sou céptico: Já assisti, todavia, a uma experiência tão extraordinária que muito me teria abalado, se não ficasse de pé atrás com a ideia de ter sido vítima de logro.”⁶⁷⁹

Os Libertinos Eruditos, oponentes de superstição e fanatismo, têm sido descritos como duvidando de tudo com o propósito de destruir os velhos costumes. Para seu divertimento, Cavaleiro de Oliveira faz, também, escárnio com as relíquias dos santos; todavia, fiamo-nos de que não se trata de uma crítica libertina, mas tão-só se prende com a sua nova religião e a sua contestação dos santos.

“Relíquias de Santos XXXII

Um dos negócios mais rendosos dos eclesiásticos católicos consiste na venda de relíquias, indulgências e nómias. As relíquias, mormente, são objeto de uma veneração extrema, e mediante elas se operam grandes milagres, ao que possa ocorrer.

Se alguma pessoa morre em cheiro de santidade, logo em volta do cadáver, como moscas, correm os devotos a beijar-lhe as mãos e os pés e a despojá-lo das vestes. Cada um corta ou arranca um farrapinho. Muitas vezes tem de vestir ao defunto várias mortalhas a fio antes de darem à terra.” (...)

⁶⁷⁹ Oliveira, *Recreação Periodica II*. p. 31

Anos decorridos se se abre o túmulo do bem-aventurado, os ossos e as cinzas são pilhados. Pilham-no os amigos e partidários do morto, à caça das tais relíquias, de grande préstimo para os males do corpo e as aflições da vida.

(...) Devo notar que sobre mim, se me palpassem, seriam encontrados documentos análogos de credence. Ao pescoço e no bolso trazia infinitos escapulários e bentinhos que me deviam preservar dos perigos e maus encontros tão fortuitos nas grandes jornadas. Hoje, muitas graças dou aos Senhor por me permitir sua misericórdia ter-me safado do atascadeiro, de tanta ignorância e superstição!”⁶⁸⁰

Por fim, e a encerrar esta exposição sobre o Cavaleiro de Oliveira, destacamos que, conforme o próprio confessa, deverá ter tido o comportamento habitual da aristocracia do século, de leviandade e diletantismo amoroso. No fim de vida reconhece a sua passada vocação.

“(…) Já lá vão dez anos que renunciei deveras à estroinice amorosa, entregue corpo e alma ao afeto conjugal. (...) Hoje, estou em considerar criminosa qualquer afeição que não seja pautada pelos termos da minha. Os libertinos arguirão o contrário sob o falso argumento de que sendo o amor uma paixão natural não carece do estado de matrimónio para se coonestar. (...) Estou a ver não somente os libertinos de profissão, mas os próprios rapazes assisados revoltarem-se contra mim, sob o pretexto que olho como criminosas galanterias que não deitam além do vão e fútil entretenimento.”⁶⁸¹

Se é verdade que uma vez trasladado para meios estrangeiros, Francisco Xavier de Oliveira, o “Cavaleiro”, indubitavelmente, reformou a sua cultura espiritual; todavia, não podemos de algum ponto da sua obra aferir que ponha em causa a base cristã da sua opção religiosa que nos interessaria para o poder qualificar como livre-pensador libertino, parece-nos mais tratar-se da adoção da teologia que melhor convém ao seu estatuto social, no meio e no momento em que se encontra.

⁶⁸⁰ Oliveira. pp. 200-203.

⁶⁸¹ Aquilino Ribeiro. *Cavaleiro de Oliveira O Galante Século XVIII*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1900. p. 6.

Parte III
Ecos libertinos

Capítulo VII - Versos licenciosos libertinos

No século XVIII, o livre-pensamento religioso anda a par com o libertinismo sexual no desrespeito pela religião revelada e na crítica implacável contra a Igreja Católica.⁶⁸²

A combinação, aparentemente incongruente, do pornográfico e do filosófico numa mesma obra explica-se, em parte, porque os livros proibidos que circulavam no Antigo Regime passavam pelos mesmos canais e provavelmente chegavam aos mesmos leitores. As encomendas feitas aos editores de livros proibidos misturavam, na mesma lista, obras filosóficas e peças pornográficas. Este facto também pode contribuir para que os dois tipos de discursos se combinem em certos textos, o que ocorre com o panfleto político e a descrição obscena.

São as leituras interpretativas concretizadas a par com as leituras efetivas (quanto maior for a ofensa à moral cristã, superior será o prazer: à excitação física junta-se a êxtase da transgressão).

Parafraseando Pierre Flottes: “Numa sociedade em que o príncipe se apresenta ao culto público como investido por Deus, o poder religioso e o poder político apoiam-se mutuamente.”⁶⁸³

1. O preço da liberdade

No século XVII francês, conjugaram-se dois vetores que tornam a sexualidade difícil de viver: o rigor da moral eclesiástica e a interpretação radical das regras de civilidade. A noção, outrora defendida por grupos puritanos e marginais, condenados pela autoridade romana, de que o corpo é impuro, impôs-se no século XVII como norma.⁶⁸⁴ Aliás, apesar do excesso de regras induzir à transgressão, a verdade é que também o preço da liberdade é elevado: medo da sanção social, da doença ou da condenação divina.⁶⁸⁵

Neste sentido, os poetas obscenos, com intenção de aviltar o sagrado, associam o sexo e o divino à luxúria e à Igreja, provando que não se emanciparam do religioso e eram, pelo contrário, obcecados

⁶⁸² Determinada pornografia, apesar de desafiar os interditos da moral cristã, não deixou de estar impregnada dessa mesma moral, e não contestou os seus fundamentos. Integrou-os, inclusive, e partilhou os seus valores. Pelo que a ideologia dos rebeldes assenta sobre os mesmos fantasmas que as fobias dos beatos: o corpo impuro e o sexo sujo denunciam a nossa decadência. Por outro lado, o pornógrafo e o cristão, estavam, ambos, possuídos pela alegria da descensão, o primeiro expõe a queda, exhibe a ignobilidade, enquanto o segundo tenta bloquear a libido, mas, para se mortificar, expõe também a mácula e confessa culposas tentações (Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. p. 158).

⁶⁸³ Flottes Pierre, *L'histoire et l'inconscient*. Les Houches: Editions du Mont Blanc, 1965.

⁶⁸⁴ Jeanneret, *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. p. 114.

⁶⁸⁵ Jeanneret. p. 117.

por ele.⁶⁸⁶ A alma era o alvo preferencial dos poetas, quem sabe se para que nada, na espiritualidade, escapasse ao contágio da carne. Nos versos, a alma gravita em torno das partes vergonhosas, sente o desejo e a concupiscência.⁶⁸⁷

Desculpabilização do prazer, defesa da autenticidade das condutas sexuais condenadas pela Igreja, afirmação de que uma sexualidade livre é compatível e até favorece uma vida honesta. Estas teses estiveram no cerne da nova moralidade, promovida pelos pensadores mais audaciosos das Luzes e baseiam-se na Razão em detrimento da Revelação. A importância da literatura libertina e pornográfica para a elaboração e difusão das ideias foi menosprezada. Muitos textos, clandestinos e massivamente distribuídos, concorrem para a elaboração de uma filosofia narrativa em que se misturam a lascívia das cenas e a energia dos arrazoados metafísicos.

Entre dois amplexos disserta-se sobre os perigos da intolerância religiosa, mostram-se as consequências libertadoras do materialismo ou do ateísmo e das virtudes do espinosismo. Frequentemente ouve-se, pela primeira vez, a voz das mulheres. A literatura clandestina, por escandalosas que sejam as cenas que descreve, como as questões filosóficas que coloca, franqueou caminho aos valores que sustentam as nossas sociedades modernas. As liberdades e a tolerância que não surgiram *per se*, enfrentam, regularmente, vagas regressivas e repressivas.

A literatura obscena é considerável entre as obras que inundam clandestinamente a Europa entre 1770 e 1790. Alguns qualificaram-na de moralmente decadente, outros de hedonista, mas os censores ficaram, invariavelmente, alarmados. Os magistrados associam a obscenidade à Filosofia que dessacraliza a Religião e a Monarquia de Direito Divino.

Michel Porret recorda que o conceito de obscenidade é primeiramente religioso e seguidamente, moral e tem origem nas expressões proféticas (*obscenus*, mau augúrio, sinistro). No século XVI, o vocábulo “obsceno” transita para a linguagem corrente referindo sujeira, imundície ou indecência. A partir do fim do século XVII, o seu sentido moderno indicia a revolta do pudor relativamente ao espetáculo, à imagem e ao texto. O vocábulo obscenidade passa a significar “palavra suja”, contrária ao pudor natural, que pode ofender os ouvidos e sujar a nossa imaginação. O conceito de obscenidade prolonga a problemática teológico-moral da “subversão” dos autores pagãos.⁶⁸⁸ Para os censores cristãos aqueles autores “divinizaram (...) a impudicícia com o nome de Vénus”. O escrito obsceno inculca ao leitor o “amor da volúpia sensual contrária ao pudor e à castidade” e este efeito perverso influencia a imaginação

⁶⁸⁶ Jeanneret. p. 41. Encontrámos inúmeros processos de profanação de Igrejas, na nossa pesquisa de processos da Inquisição, na Torre do Tombo.

⁶⁸⁷ Jeanneret. p. 42. Com Francion, de Sorel (1623), atingiram-se os pináculos da blasfémia. Conscientemente faz-se o mal e desafia-se a autoridade suprema. O deboche ordinário tornou-se uma febre intelectual, já antecipando a dos libertinos filósofos do século XVIII, que fizeram frente à Igreja. Jeanneret. p. 85.

⁶⁸⁸ Porret, “Chapitre 7. Le livre obscène”. pp. 121-133.

e equipara-o ao escrito herético. Se o livro obsceno, quando defende o deboche, aferra o indivíduo na vileza do pecado, já livro herético destrói a fé, exortando à equação de objeções que sabe insolúveis. O Abade Bergier, moralista das Luzes, realça a “fatale expérience [qui] ne prouve que trop les pernicious effets des mauvaises lectures ; c’est par là que se sont corrompus la plupart de ceux qui se sont livrés au libertinage, et qu’ils ont augmenté le penchant vicieux qui les portait.”;⁶⁸⁹ prossegue, defendendo que o livro herético conspurca o cristão enquanto o livro obsceno macula a sua inocência. o “livre obscène” incita a “tentation de la chair”,⁶⁹⁰ valorizando o deboche sexual.

Adotamos a definição de pornografia apresentada por Lynn Hunt que a define como:

“A representação realista, escrita ou visual, de órgãos genitais ou condutas sexuais, que implica transgressão deliberada da moral e dos tabus sociais existentes e amplamente aceites.”⁶⁹¹

Debruçar-nos-emos sobre alguns textos que se nos afiguraram significativos e seguimos Vítor Aguiar e Silva:

“Os mesmos poetas que se atormentam com o espetáculo da efemeridade das coisas e dos seres e que constroem esplendentes e depurados universos poéticos, nos quais a ostentação, a teatralidade e a magnificência decorativa se conjugam com a raridade e o preciosismo dos elementos estilísticos, são também os prolíficos autores de poemas satíricos em que os costumes, os vícios e os defeitos da sociedade contemporânea são censurados e caricaturados, numa linguagem agudamente maliciosa ou brutalmente plebeia, ora num tom chistoso, ora num tom de pilhéria grosseira e até, muitas vezes, obscena.”⁶⁹²

Nos folhetos de cordel cruzavam-se a cultura erudita e a popular. O seu suporte permitia que textos apologéticos cotejassem sátiras burlescas e os únicos limites eram a curiosidade e o interesse do público. Aliás, o transporte de livros proibidos era feito lado a lado com os livros de apologética.⁶⁹³ Se é

⁶⁸⁹ Nicolas-Sylvestre M. Bergier. *Encyclopédie Méthodique, Théologie tome II. Liège: Panckoucke, 1789.* “Impudicité”, p. 287a.

⁶⁹⁰ Bergier, “Livres défendus”, pp. 458-461.

⁶⁹¹ Lynn Hunt. “Introduction: Obscenity and the Origins of Modernity, 1500–1800”. *The Invention of Pornography: Obscenity and the Origins of Modernity, 1500-1800*. New York: Zone Books, 1993. p. 26

⁶⁹² Silva, “Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa”. p. 441

⁶⁹³ Neste sentido, Luiz Carlos Villalta, *Usos Do Livro No Mundo Luso-Brasileiro Sob as Luzes: Reformas, Censura e Contestações*, ed. Coleção História. Fino Traço Editora Ltda, 1999; Maria Teresa Esteves Payan Martins. “A Censura Literária Em Portugal Nos Séculos XVII e XVIII.” Universidade Nova de Lisboa, 2001.

certo que, como refere o Professor Aguiar e Silva, alguns dependiam do aval conferido pelo Estado ou pelas autoridades eclesiásticas, também sabemos que muitos circulavam clandestinamente.⁶⁹⁴

No que toca a versos obscenos, recordamos os ensinamentos de Robert Darnton lembrados, que estamos, de que a obscenidade, na época, era uma manifestação pecaminosa naturalista e ideológica. Na verdade, a pornografia é dificilmente descritível como uma categoria intemporal porque depende, invariavelmente, do seu contexto histórico e sociocultural.⁶⁹⁵

Darnton defende que no século XVI e início do século XVII, durante a Renascença europeia, a licenciosidade que hoje caracterizamos como pornográfica era regular. “Era a religião — e não o sexo — que determinava os limites do lícito e do ilícito.”⁶⁹⁶ Os livros não eram banidos por causa daquela licenciosidade. Sexo e Religião eram inseparáveis nas primeiras obras da pornografia moderna. A Religião e a lascívia eram sempre mescladas.⁶⁹⁷ No pico da pornografia setecentista, o erotismo / pornografia eram usados na luta pela causa iluminista como veículos de crítica social.⁶⁹⁸

⁶⁹⁴ “(...) os folhetos de cordel são delas (cultura erudita e cultura popular) um interessantíssimo lugar de encontro, que se situam com frequência na intersecção dessas duas dimensões da cultura. Porque, na verdade, o que é essencialmente popular nos folhetos de cordel é o objeto físico para que remete a designação. Quanto ao conteúdo, poderá dizer-se que nada estava, à partida, arredado: o suporte permitia — e permitiu — que textos de apologética, autos sacros e compêndios de moral figurassem ao lado de sátiras burlescas, relatos de naufrágios e operetas (e as muitas vezes reimpressas invetivas contra a malícia de mulheres). Os limites impostos eram extrínsecos ao suporte e ao formato: prendiam-se com a apetência do público por esta ou aquela matéria, segundo supunham os editores, e com os ditames dos vários organismos de censura vigentes. É mesmo aspeto importante do circunstancialismo histórico destas publicações o seu estatuto legal, quer dizer, a sua dependência de um aval conferido pelo Estado e/ou pelas autoridades eclesiásticas. Ao longo do período considerado, o controle foi exercido, à vez ou cumulativamente, por organismos como a Inquisição e a Real Mesa Censória, chegando a ser estabelecido um sistema de censura triplice.” (...) “(...) alto grau de permeabilidade da cultura portuguesa ao que vem de França, seja daí originário, seja o francês língua de intermediação. (...) na sua face mais negra, se pode ver a sociedade portuguesa de Setecentos vivendo numa esclerose de medos e vigilâncias, de temores e delações (...)” (Jorge Bastos Da Silva, *Utopias de Cordel e Textos Afins. Uma Antologia* <<http://web.lettras.up.pt/utopia/utopiascordel.pdf>> [acedido 7 maio 2019]. pp. 23-25).

⁶⁹⁵ Wagner, “The Whore’s Story: Women, Pornography, and the British Novel, 1684-1830 (review)”.

⁶⁹⁶ Robert Darnton. “Sexo Dá o Que Pensar.” In *Libertinos Libertários*. São Paulo: Editora Schwarcz, Ltda. 1996. p. 23.

⁶⁹⁷ *Os Ragionamenti* (1536) de Aretino, onde as cenas mais lascivas são ambientadas num convento; *L’École des Filles* (1655) e *L’Académie des Dames* (1680), que adaptam os temas de Aretino ao anticlericalismo francês; e *Vénus Dans le Cloître* (c. 1682), onde o amor livre promove o livre-pensamento. Darnton. p. 23.

⁶⁹⁸ Na maré alta da pornografia setecentista, obras de sucesso, como *Thérèse philosophe* (1748), usavam o erotismo na luta pela causa iluminista. E, às vésperas da Revolução, livros de sexo, como a *Correspondance d’Eulalie* (1784), serviam sobretudo como veículos de crítica social. (Darnton. p. 23.)

Trata-se de compreender que a pornografia tem uma história. Nasce num “*corpus* literário de contornos variáveis, mas de certa coerência: As obras no “inferno”⁶⁹⁹ remetem, constantemente, às mesmas fontes, sobretudo a Aretino e ao antigo culto fálico de Priapo.⁷⁰⁰

Aos olhos dos seus contemporâneos, na época que nos prende, a pornografia pertencia à categoria geral conhecida como “filosófica”. Os editores e livreiros setecentistas denominavam por “livros filosóficos” a sua mercadoria ilegal: tanto a sediciosa ou obscena como a irreligiosa. Por a maioria dos livros proibidos serem ofensivos em vários aspetos, desinteressavam-lhes distinções mais refinadas. Na sua gíria comercial, se livre podia significar “lascivo”, evocava, sobretudo, o libertinismo do século XVII, vide, o livre-pensamento. Cerca de 1750, o libertinismo tinha evoluído tanto no que se refere às questões corporais como às espirituais, tanto à pornografia como à filosofia. Para os leitores, o sexo servia como arma de arremesso contra a Igreja, contra a Coroa e contra toda a espécie de abuso social. Os leitores setecentistas, apesar de reconhecerem um livro de sexo quando com ele se deparavam, esperavam dele um significado e utilidade *engagés*.⁷⁰¹

Assim, no século XVIII, o sexo era o recurso da pornografia para propagar os ideais primordiais do Iluminismo: a Natureza, a Felicidade, a Liberdade e a Igualdade,⁷⁰² já que no Estado de natureza todos os homens são iguais. Numa sociedade profundamente desigual, os leitores da literatura sexual logravam, assim, perceberem a igualdade. Numa perspetiva, no limite, materialista, verificavam que, como nos ensina Darnton, os humanos eram máquinas compostas de partículas e matéria. O prazer, através dos órgãos sensoriais e como sensação que se transmite pelo sistema nervoso, culmina numa ideia que se armazena e recombina no cérebro. “Por trás da mecânica e da hidráulica da sexologia estava uma noção utópica de homens e mulheres copulando e ejaculando infundavelmente, em perfeita

⁶⁹⁹ “Os bibliotecários criaram o “Inferno” entre 1836 e 1844 de forma a contornar a contradição de terem, por um lado de preservar um acervo quase completo de palavra impressa; por outro, de evitar que os leitores fossem corrompidos pelo contacto com livros perniciosos. A solução foi reunir as obras eróticas mais ofensivas de todas as coleções da biblioteca e lacrá-las num único lugar, tornado inacessível aos leitores comuns.

Essa política fez parte do processo de expurgo ocorrido no século XIX. Nesse movimento de silenciamento, bibliotecários de todo o mundo tiraram certo tipo de livros do alcance dos leitores e urdiram códigos para a classificação: “Caixa Reservada” do Museu Britânico, o código “Delta” da Biblioteca do Congresso, o ***** da Biblioteca Pública de Nova York e, na Biblioteca Bodleiana, a letra grega φ (“phi”), que, na pronúncia oxfordiana, soa como “Fie!” [Vergonha!]. Supunha-se que a maior dessas coleções estaria na Biblioteca Nacional, já que Paris — a Paris maliciosa da Regência e do rococó — passava por capital da pornografia. Em baixo, na cavernosa *salle des imprimés*, os leitores de vez em quando deixavam vagar seus pensamentos rumo ao andar de cima, onde, curiosamente, se encontrava o “Inferno”. (Darnton. p. 22.)

⁷⁰⁰ “Mais tarde, Afrodite juntou-se a Dionísio e deu à luz Priapo; uma criança feia com genitais enormes - foi Hera quem lhe deu esta aparência obscena, em desaprovação da promiscuidade de Afrodite. (...) Uma vez, o bêbado Priapo tentou violá-la (Héstia) num banquete rústico em que estavam presentes os deuses, quando todos tinham adormecido de cansaço; mas um asno zurrado alto, Héstia acordou, gritou ao ver que Priapo estava prestes a agarrá-la e mandou-o embora a correr num terror cómico.” (Robert Graves, “The Greek Myths”. p. 69.)

⁷⁰¹ Darnton, “Sexo Dá o Que Pensar”. p. 25.

⁷⁰² Darnton. p. 27.

sincronia”.⁷⁰³ Rejeitam as doutrinas sexuais da Igreja Católica que entendiam ser inventadas pelos homens e que infringiam a essência da Natureza.⁷⁰⁴

A libertação da ignorância, para abrir a mente à luz da razão, é uma temática que costuma aparecer em grande parte da literatura pornográfica da época: neste contexto *déniaiser* é perder a ingenuidade através do conhecimento carnal.⁷⁰⁵

Consequentemente, a base filosófica da libertinagem baseia-se numa rejeição da imposição da moralidade cristã e assenta numa conceção epicurista da Natureza que coloca os autores na pegada da tradição da libertinagem erudita do século XVII.⁷⁰⁶

Iremos destacar alguns versejadores portugueses que compuseram de acordo com o que temos vindo a referir, e seleccionámos, dos seus versos, os que se nos afiguram oportunos.

Através da utilização de palavras obscenas, duras, grosseiras e cruas, alguns mesmo, como Lobo de Carvalho, atingindo os limites do suportável, logram dessacralizar a função reprodutora e o sexo. A Natureza é a nova norma moral.

“Chez les poètes libertins : Saint-Amant, Théophile de Viau, D’Assoucy, les traditions des motifs des images de la fête populaire revêtent un caractère quelque peu différent. Si la valeur de conception du monde des images est préservé, elles reçoivent une nuance épicurienne et individualiste: Ces poètes qui ont aussi fortement subi l’influence directe de Rabelais: L’interprétation épicurienne et individualiste du “bas” matériel et corporel est un phénomène suffisamment caractéristique dans la vie de ces images, au cours des siècles suivants, parallèlement à l’orientation naturaliste qu’elles prendront.”⁷⁰⁷

⁷⁰³ Darnton. p. 27.

⁷⁰⁴ Darnton. p. 28.

⁷⁰⁵ Darnton. p. 32.

⁷⁰⁶ Recordamos as considerações de Goulemot a propósito da associação de pornografia, licenciosidade a irreligiosidades, na França setecentista: “É sabido que, ao longo do século, a Igreja nunca deixou de perseguir o que chamava de “maus livros” com pastorais, condenações, cartas pastorais e advertências públicas. (...) A Igreja via-se como guardiã da ortodoxia, mas também da moral (...). Não raro, os livros licenciosos eram quase exclusivamente atacados por “lisonjearem a imaginação da juventude corrupta, e insinuarem a impureza em favor da volúpia”. O ateu ..., o materialista..., o epicurista..., o libertino (Avertissement du clergé de France, 1770), estão unidos no mesmo movimento reprobatório, e mostra-se como a filosofia materialista tira o maior proveito da glorificação dos prazeres ilegítimos da carne. A impiedade e a impureza fazem parte da mesma batalha: “Oxalá a corrupção dos costumes fosse uma vasta tentação contra a fé!” (Tradução Nossa.) (Goulemot, *Ces Livres Qu’on Ne Lit Que d’une Main. Lecture et Lecteurs de Livres Pornographiques Au XVIIIe Siècle*. pp 18-19.)

⁷⁰⁷ “Entre os poetas libertinos: Saint-Amant, Théophile de Viau, D’Assoucy, as tradições dos motivos das imagens das festas populares assumem um caráter algo diferente. Embora o valor mundano das imagens seja preservado, é-lhes conferido um matiz epicurista e individualista: Estes poetas foram também fortemente influenciados por Rabelais: A interpretação epicurista e individualista dos “baixos” materiais e corporais é um fenómeno suficientemente característico da vida destas imagens ao longo dos séculos seguintes, em paralelo com a orientação naturalista que virão a tomar.” (Bakhtine, *L’œuvre de François Rabelais et La Culture Populaire Au Moyen Âge et Sous La Renaissance*. p. 113.)

2. Caetano José da Silva de Souto Mayor

A “Martinhada”,⁷⁰⁸ extenso poema satírico, épico-obsceno de alto conteúdo erótico, é a paródia de Frei Martinho de Barros, confessor de D. João V, mulherengo impenitente, escrita no primeiro quartel de setecentos. O versejador pretendeu expor a ridículo a lubricidade do frade. O poema circulou em manuscrito durante todo o século XVIII e só foi impresso, em Londres, em 1814, sucedendo-se a partir daí várias edições, frequentemente em conjunto com outros poemas do mesmo género.

Veremos que o autor, nos seus versos, tanto recorre à temática anticlerical, como descreve com crueza pornográfica o ato sexual, destacando o culto de priapo, a qualificação dos órgãos genitais como máquina (um óbvio indício materialista), menciona o Universo (que é ideário dos deístas). Souto Maior menciona recorrentemente prostitutas, faz a referência, muito epicurista, à semente;⁷⁰⁹ critica, como soe neste tipo de versos, os religiosos; alude a doenças venéreas (tópico recorrente, também). Finalmente, o versejador sempre descreve os órgãos sexuais e reprodutores como membros de carne e osso, partes de corpo humano, ou seja, componentes da Natureza.

“(…)
E o reverendo mango dos mangazes,
Que com bruto furor, ânsia pasmosa
Vai fodendo mulheres e rapazes:
O comprimento da extensão nervosa,
Que acompanhando a dois colhões lambazes,
Descobriu novamente desconforme
Rara fodenga em máquina triforme. (máquina)
I.
Eu canto a Porra, e o Varão potente,
Esse que fez dos rins no seminário

⁷⁰⁸ Caetano José da Silva Souto Maior (Oliveira, 1694 – 1739) formou-se em Coimbra em Cânones e desempenhou as funções de Juiz dos Órfãos de Lisboa, Juiz do Crime do Bairro da Mouraria e, a partir de 1737, Corregedor do Bairro do Rossio. Ficou conhecido como o “Camões do Rossio”, dada a facilidade com que versejava. Tinha a confiança do Rei D. João V, que gostava dos seus chistes. É um homem instruído, culto e de elevada posição social.

⁷⁰⁹ É que os preceitos epicuristas são o cerne do pensamento libertino, e recomendam que o homem proceda à inseminação, evitando envolvimento espiritual. Recomendam, inclusivamente, que ao ato sexual se proceda com grande frequência, a fim de evitar a obsessão que gera a espera e a paixão que pode derivar da obtenção do objeto tão desejado. Epicuro, como transmite Lucrecio em *De Rerum Natura*, apregoa a paz de espírito e a ataraxia. Na verdade, a instrumentalização do sexo é também um conceito materialista. Os homens não são senão aglomerados de átomos e em nada diferem dos outros seres animais vegetais ou minerais. É preferível cultivar a Vénus vagabunda, colocar a semente num qualquer objeto do que no ser amado, a fim de evitar a paixão e a sua desordem. Quanto mais cerca se viver da Natureza, melhor se viverá.

A toda a carne humana, guerra ardente,
No excesso do apetite fornicário;
O Martinho, ou carneiro de semente,
Que sobre as putas tem membro arbitrário;
Eclesiástico anfibio de maldade,
Que juntamente foi clérigo e frade.
(...)
Da genital enxúndia dos Priapos;
Que do vaso das moças tira a pele,
E costuma fazer-te a crica em trapos,
(...)
bastará que me assistam do Parnaso
os colhões e a porra do Pegaso.
(...)
Tu, que espalhas semente na Cardiga
(...)
Finalmente, no intenso ardor da sesta,
Quando até de cantar cansa a cigarra,
'Stava Martinho, religiosa besta,
(...)
Foi erguendo a carnal atividade;
Padrão de nervo, que se arrima às ancas,
No estrondoso pespego d'Alvalade;
(...)
Vaso de carne, não, tacho d'arame.
Qual será a mulher viripotente,
(...)
Rompias pela carne palpitante,
(...)
Do carnal movimento pegajoso,
(...)

Onde está o contínuo esquentamento⁷¹⁰
(...) Que de Martinho não consiga a porra?
(...)
Um guindaste de carne sem ter osso;
(..)
Um monstro de carnal actividade,
(...)
Em toda a parte igual, grossa, e carnuda,
Pegada indica a dois colhões rotundos
(...)
No impulso ardente d'um carnal pepino,
(...)
De carne mulheril faminta loba,
(...)
Porqu'inundando-as de semente um lago,
(...)
Corpulento e nervado o carnal maço
(...)
Troca a horrenda fodaz bestialidade
Carmim brilhante em pálido ametiste,
Roubando-te o tesão rijo d'um frade
O doce arrimo desta idade triste:
Ao sucesso cruel desta impiedade
(...)
Bem sei, que no princípio dá mais jeito
Dos afectos suaves a brandura;
E é razão que primeiro sinta o peito
Dos incêndios d'amor doce quentura;
(...)
Que tamanho será, Senhora Antónia,
O marzapo do grão Sofi da Pérsia

⁷¹⁰ As doenças venéreas são um tema constante.

E a porra do Sultão de Babilónia?
O vaso quer tesão, não quer solércia:
O foder nesta terra é cerimónia;
Só m'enche a vastidão imaginária
A porra do grão Kan da Grã-Tartária.
LXII.

Um noivado na corte não faz vasas
Se de fora não vem tudo que enfeita:
A dama manda a França, quando casa;
Porem manda à Turquia, quando arreita.
S'eu no mundo não fora mulher rasa,
Já estava destas cousas satisfeita;
Eu tivera, em lugar de louça fina,
Caralhos de Timor, colhões da China.
LXIII.

Diz Martinho: O trabalho era perdido;
Que à vista deste frade desprezado
D'Irlanda um caralhão louro e comprido,
E dos Cafres um membro assalvajado;
Em Bengala com juncos estendido,
N'Angola sempre d'um jugo estirado;
Pois é o meu porrão, cantado em verso,
Caralhíssimo-mor do Universo.

(...)

Ele sim, tem de carne uma seringa
De côvado, que mete no meu tacho;
Sem que chegue por fora a entornar pinga
Lhe espremo todo o sumo do seu cacho
Assim m'esfrega sempre, e não m'esfola;
Eu o alívio, e ele me consola.

(...)

De carne no estrondoso badameco,

(...)
O resplendor, que é astro, e que é deidade,
Para o Ocaso inclinava o vôo ardente,
Tendo menos da esplêndida metade
Da via d'ouro a esfera reluzente
Mas de cristal na límpida vaidade
(...)
Veio ao mundo de carne esta bisarma,
(...)
Sem idade o marzapó venerando,
Qu'está dotado d'um tesão tremendo.
Mas dizem os mais velhos acenando:
Esta porra é prognóstico estupendo;
Vem primeiro em preságio, e depois disto
Há-de soldar-se ao corpo do Anti-Cristo.”

3. Tomás Pinto Brandão

Versos desaforados, escatológicos, anticlericais e com referências a meretrizes.⁷¹¹ A Escatologia, com tudo o que tem de natural e material, é uma constante nos versos que vimos analisando. Manifestação excelente de naturalismo e materialismo.

“Se me beijares no cú,
Não no digas a ninguém
que não quero que se saiba
o gosto que meu cú tem.
Gloza

⁷¹¹ Tomás Pinto Brandão, *Pinto Renascido, Empennado, e Desempennado: Primeiro Voo... / Composto Por Thomaz Pinto Brandam*, ed. Oficina da Música, 4^a (Lisboa Occidental, 1732). Tomás Pinto Brandão et al. *Poesias*, 1801 <<http://purl.pt/31253/1/html/index.html#/10-11>> [acedido 9 maio 2019]. Tomás Pinto Brandão, nascido no Porto em 1664, falecido em 1743, aos 17 anos mudou-se para Lisboa onde conheceu o poeta baiano Gregório de Matos Guerra (1636-1696). Seguiram juntos para a Bahia em 1680, onde levantaram praça na guarnição local. Ai, foi detido por comportamento devasso e desordeiro. É enviado pelo Governador para Angola. Condenado ao degredo africano, dedicou-se ao comércio de escravos, tendo reunido cerca de 70 “peças” como de sua propriedade. Casou-se com a filha de uma rainha Ginga (c.1583-1663) e neta de Caconda, soberano de uma nação angolana. Movendo-lhe a sogra processo judicial, logrou regressar ao Rio de Janeiro, corrompendo o governador com escravos. Retornou, mais tarde, a Lisboa onde perdeu a fortuna angariada com o comércio de escravos. Novamente casado, voltou a desentender-se com a nova sogra e a incorrer em pena de prisão. Valeu-lhe o apoio de fidalgos que lhe apreciavam as sátiras e passou o fim de vida na pobreza com favores de aristocratas.

Á Torto, á Frade, á Ladrão,
já sey que este mote he teu
e queres, glozando-o eu,
ter comigo introdução:
falemos claro, Simão,
eu sou pobre como tu;
e pois que me apanhas nú,
e eu a ti descalço, digo
que só serey teu amigo
se me beijares no cú. (...)”

Nos versos seguintes a temática licenciosa e escatológica repete-se:

“Ao mesmo Manoel Netto Cortês, fazendo as Cortezias aos Trancos, e às avessas

Soneto 3 2.

(...)

Por mais que em touros corra, eu lhe prometo,
que agarrando se sempre ao cepilho,
enquanto tiver pés, tenha a mãe filho,
e a Camara também ade ter Neto:

Correo nas Cortesias com tal traça,
que inda as não vi fazer com mayor pressa,
nem beja cús de trote, com mais graça;

Galante andou dos pés athe a cabeça,
por que mostrando o cú a toda a Praça,
da Camara assoalhou a milho peça.”⁷¹²

⁷¹² Jair Norberto Rattner, “Verdades pobres de Tomás Pinto Brandão : edição crítica e estudo”, 1993 <<https://run.unl.pt/handle/10362/16353>> [acedido 7 maio 2019]. pp. 142-143.

Nos versos seguintes, do mesmo autor, num diálogo de um macaco com o seu dono, toda a escatologia e sexualidade são invocadas. Fala-se do diabo, de meretrizes com apetite sexual, fala-se de ânus, fala-se de flatulência e referem-se religiosas:

“Diálogo em que falam dous, que não sabem; a saber, Hum macaco, com seu Dono, querendo ir para o rio de Janeiro; Repartindo em duas Jornadas, uma cá, outra para lá.⁷¹³

(...)

Macaco. E da carne, e do Diabo. (despedirem-se)

Dono. Adeus meretrices Vénus,
amantíssimas de Bacos,
húmidas como Neptunos,
e quentes como Vulcões.

Macaco. Adeus acesas bugias,
que vendo a meu dono exausto,
partistes a buscar fogo no
pavio de outro asno;
Andai bugias de cheiro,
que enganastes a meu amo,
dando-lhe a boca ao princípio,
dando-lhe o rabo ao cabo. (...),⁷¹⁴

Dono. (...) daquelle grosso o delgado,
o mimo daquelle momo,
daquelle honesto, o bizarro,
O alto daquelle corpo,
a alma daquelle baixo,
a galla daquelle cú,
e o ar daquelle rabo.

Macaco. (...) aqui para nos é peido;
e assim não lhe gabo o olfato:
ar, de rabo! Deus nos livre;
e mais em freira abafado;

⁷¹³ Rattner. p. 183.

⁷¹⁴ Rattner pp. 194, 195.

isso não me cheira bem. (...)

Macaco. E no palmo o beijo ao cú,
que é remate do espinhaço:
essa freira não tem nome?
ou temos nela outro anjo? (...)

Macaco. Senhor, na venérea fome,
tenho por melhor bocado
(segundo o que ouço, e que vejo)
aquele que cheira, e apalpo. (...)

Macaco. (...) Pontes de enfeitadas bestas,
passa dissos de outros asnos,
arrochos daquelas burras,
que se apertão para machos;
Cabeçadas de fogosos,
ou cabrestos de barbados;
e enfim tirantes de mulas,
em estufas de cavalos. (...)”⁷¹⁵

Por fim, nos versos seguintes, regressamos às referências escatológicas, licenciosas e de escárnio.

“A Fernando Joseph da Gama,
Dando hum relógio ao Autor.
(...)
viemos dar cos narizes
bem no cú da Gabriella;
(...)
Dizes bem, de fêmea é força,
e com tão forte violência,
que hoje atolados nos trouxe,
e à manhã nos trará bestas:
Conheces alguma moça

⁷¹⁵ Rattner .pp. 208–212 e Sílvia La Regina, “Um Poema Inédito de Tomás Pinto Brandão,” in *ANAIS – Filologia, Crítica e Processo de Criação I Congresso Internacional de Estudos Filológicos – CIEF VI Seminário de Estudos Filológicos – SEF Bahia*, 2012. p. 7.

Cá para villa gallega,
que a todo aquele que a acha
faz com que logo se perca? (...)"

4. Nicolau Tolentino de Almeida

António José Saraiva e Óscar Lopes consideram Nicolau Tolentino de Almeida, nascido em Lisboa a 10 de setembro de 1740 e falecido, julga-se, setenta e um anos depois, em 1811, uma personalidade literária proeminente do Século das Luzes português.⁷¹⁶ Nos versos que expomos, alude ao ímpeto sexual de que, depois de aliviado, jura não voltar a ceder.

"A carnal tentação desenfreada
Que ao sangue quente alta justiça pede,
Fez com que eu, embrulhando-me na rede
Subisse de uma puta a infame escada.
Ligeiras pulgas saltam de emboscada
Fartando em mim de sangue humano a sede; (...)
Jurei no altar de Vénus castidade."

5. António Lobo de Carvalho

"Certa mãe, irresoluta sobre o estado da filha, vai consultar o seu médico.

Meu Doutor, que tem esta rapariga,
Que não é como dantes tão andeja!
Cospe, vomita, mil coisas deseja,
Nasce-lhe pano, cresce-lhe a barriga!

⁷¹⁶ "Estes estudiosos atribuem-lhe esse estatuto porque, numa época em que os poemas satíricos convivem com os encomiásticos (memoriais e pedidos em verso), a sátira tolentiniana é o género que concretiza a análise mais profunda da realidade portuguesa das últimas quatro décadas do século XVIII e primeira década do século XIX. Temas permanentes e atuais como o parecer em vez do ser, o tempo, o tédio, o ócio, o amor e a morte, tratados numa linguagem fluida e coloquial, impõem-se ao leitor de Tolentino pela exatidão das sínteses de tipos e defeitos: o nobre enfatulado e ignorante, o clérigo lascivo e supersticioso, o peralta namoradeiro, a mulher seduzida e sedutora, o jogador compulsivo, o médico incompetente, o velho e a velha que insistem em esconder a decadência do corpo, o poeta gongórico e também o neoclássico, o leitor de literatura de cordel, etc." (Queima Essas Sátiras Frias, /Faltas de Siso e Conselho': A Sátira Em Nicolau Tolentino." Universidade de Vigo, 2020.)

Parou-lhe de repente a cópia antiga
Do sangue, que por baixo se despeja;
Faz diligência que ninguém a veja,
E até se esconde da melhor amiga!

Dar-se-á caso que seja do demónio
Algum ardil, alguma trapalhada?
Se assim é, vou levá-la a santo António.

“Não, senhora, a menina não tem nada;
Os efeitos quis ver do matrimónio,
Para não estranhar, sendo casada.”⁷¹⁷

António Lobo de Carvalho (1730-1787)⁷¹⁸ é um caso complexo. Os estudiosos tecem-lhe juízos muito críticos e dedicam-lhe palavras de desafeto. Inocêncio Francisco da Silva refere que “E para sentir que a frase descomposta e os termos obscenos que conspurcam uma grande parte d'estas poesias as tornem incapazes de serem lidas pelas pessoas que se abonam de escrupulosas e modestas”.⁷¹⁹

Carlos Nogueira, referindo que o autor só se dedica à sátira, lê na sua obra “(...) a predação do outro dá-se através da virilidade de um discurso que se insurge contra o que o eu vê como a monstruosidade e a abjeção do corpo e do sexo”. Vislumbra-se na sua sátira “a intensidade dos preconceitos sobre o corpo e sobre os comportamentos sexuais, que aparecem reconstruídos em termos de desregramento e perversão. Cada soneto representa um mundo de marginalidade e excessos”.⁷²⁰

Encontramos, todavia, nos versos de Lobo de Carvalho todas as características da literatura venal libertina. O sexo venal das prostitutas, o sexo considerado desviante dos sodomitas, o sexo dos religiosos ou o sexo clandestino e concupiscente dos adúlteros. Para além das referências frequentes aos livres-pensadores religiosos libertinos já referidas, encontramos, sobretudo, um materialismo óbvio. Todavia,

⁷¹⁷ António Lobo de Carvalho, *Poesias Jovias e Satyricas de Antonio Lobo de Carvalho. Colligidas e Pela Primeira Vez Impressas*. Cadix: s.n. 1852. p. 173.

⁷¹⁸ Natural de Guimarães; nasceu em 1730 e faleceu em Lisboa em 26 de outubro de 1787. As suas composições correram manuscritas por muitos anos. Foram coligidas em 1850 com o título *Poesias Jovias e Satyricas de Antonio Lobo de Carvalho*.

⁷¹⁹ Inocêncio Francisco da Silva, *Dicionário Portugues Bibliográfico 1*, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858. p. 186.

⁷²⁰ Carlos Nogueira, “A poesia portuguesa erótica e satírica do século XVIII: Do Abade de Jazente a Bocage e a Lobo de Carvalho”, *Luso-Brazilian Review*, Vol. 49, N. Luso-Brazilian Review (2012), 172–187. p. 183.

seja, por dissimulação ou instinto de sobrevivência, ou porque realmente não existia no autor tal ideário, não nos deparamos com qualquer crítica religiosa velada. Encontraremos, pelo contrário, como veremos abaixo uma crítica “Aos filósofos de caldo de unto e broa, que saíram da Inquisição em 1778.”.

Raros são os versos de Lobo de Carvalho que não empreguem imagens de crueza e grosseria violenta e ofensiva “De Almeida apodreceu o membro enorme; Parou enfim a máquina triforme (...) A ver o triste funeral correram Mais de mil putas, que ao fatal estrago (...) Para ficar de Nise o cono vago” escreve violando o pudor dos mais empedernidos. Destacamos, ainda assim, as referências típicas do imaginário libertino mecanicista, a menção recorrente das prostitutas, a descrição crua dos órgãos sexuais que remetem para um naturalismo algo abjeto.

“A um figurão mui putanheiro, que em prémio de suas laboriosas proezas teve a pica
decepada

De foder sujos conos já cansado
De Almeida apodreceu o membro enorme;
Parou enfim a máquina triforme,
Que tinha imensas cricas arrombado:

Soou por toda a parte o grosso brado
Do tremendo marzapó ingente, e informe;
Mas (desgraça cruel!) em cinzas dorme,
Por amolados ferros decotado:

A ver o triste funeral correram
Mais de mil putas, que ao fatal estrago
Cobrindo os olhos com as mãos gemeram:

Temei, casadas, o venal afago:
Olhai que vis michelas concorreram
Para ficar de Nise o cono vago.”⁷²¹

⁷²¹ Carvalho, *Poesias Joviais e Satyricas de Antonio Lobo de Carvalho. Colligidas e Pela Primeira Vez Impressas*. p. 172.

Noutros versos usa de deselegante referência a doenças venéreas “De quem será o embrulho verolento”.⁷²²

É essencial mencioná-lo, sobretudo pelo testemunho, troçador, dos acusados da inquisição de Valença.

“Aos filósofos de caldo de unto e broa, que saíram da Inquisição em 1778.”

“Que sectários nutrisse a antiga Roma,
Verdugos capitais da tenra Igreja;
Que enxugue Londres rios de cerveja,
Que venda o bacalhau, que a carne coma:
Que um sepulcro flamante ao seu Mafoma
Façam turcos, e mouros, vá que seja;
Tem Turquia algodão, que lhe sobeja,
Cera a Mourama, que isso não tem soma:
Mas que de Portugal livres-pedreiros,
Que à fé cristã abrissem o jazigo
No sórdido país dos sardinheiros!
É caso raro: cheguem-se ao castigo,
Que a maior pena para os tais broeiros
Era obrigá-los a comerem trigo.”⁷²³

Nos versos seguintes, Lobo de Carvalho relata-nos a tendência epocal de negar a pena da eternidade, tópico epicurista, fulcral ao pensamento libertino como já sobejamente debatemos. Não nos é possível, novamente, definir se se identifica ou não com a ideologia que nos motiva. A atitude quanto aos mesmos parece depreciativa, como nos surge nos versos acima, que relatam a realidade dos filósofos de Valença. Mas a crítica expressa que tece a quem nega a pena da eternidade parece colocá-lo nos antípodas do libertinismo.

“Lamenta o Autor os costumes do seu tempo

⁷²² Carvalho. p. 30.

⁷²³ Carvalho. p. 67. Refere-se à prisão e sentença dos libertinos que, em 1778, foram capturados em Valença do Minho, e conduzidos aos cárceres do Santo Ofício, entre os quais José Anastácio da Cunha.

Acabou de Lisboa a seriedade,
Já não há nas mulheres honra e brio,
Os peraltas com feio desvario
Têm feito escandalosa esta cidade:
Do negócio, faltou a sã verdade;
O recato se vê campo baldio;
A santa religião pende dum fio,
Pois se nega da pena a eternidade:
As praças se vêem hoje frequentadas
De damas, que nas culpas são primeiras,
Pelos braços dos homens enlaçadas:
Para isto se roubam as algibeiras,
E só são qualidades estimadas
Cornos, putas, ladrões, e alcoviteiras.”⁷²⁴

São inúmeros os versos em que critica os religiosos, como era tom na época, neles realçando, sempre, o forte desejo venal, de par com o vernáculo sexual.

“A um frade destes chamados Borrás, que descompôs a sua mãe por lhe não dar o dinheiro que ele queria, para levar à sua menina.”

“Ah que d’el-rei! Não há quem me socorra!
(Certo frade arreitado à mãe dizia)
“Valha-me a rua Suja, ou Cotovia,
Antes que mártir do tesão, eu morra!”
Larga a mãe um tostão ao frade borra,
Mas ele, que acha pouco, assim porfia:
“Veja lá, mãe, se acaso gramaria
Por tão pouco d’argent tão grande porra?
Fica a santa mulher toda aturdida,
Não tendo nunca visto, nem tocado
Porra tão grossa, porra tão comprida.

⁷²⁴ Carvalho. p 75.

Que fará, vendo o filho em tal estado?
Apara papel, toma-lhe a medida,
Vai levar a bitola aos eu prelado.”⁷²⁵

Outros são os versos em que o autor, que tão atrevido se revela, critica a moral da época, recorrendo, paradoxalmente, às mais rudes das expressões.

“Contra o fanchonismo que, invadindo esta corte, ameaça convertê-la em outra nova Sodoma.”

Das tartáreas masmorras o Diabo
Trouxe nos cornos a brutal punheta;
Jurando aniquilar com manha e treta
Delícias feminis, por quem me babo:
Corre Lisboa do principio ao cabo;
Inspira em corja vil que esquive a greta,
Que ao gosto singular da mama e teta
Hoje a mão substitua, a bimba, o rabo:
Lavra o prazer bastardo; eis Madragoa,
Eis Taipas, Cotovia em abandono,
Rara pica nas bordas já se assôa:
E perdeu tanto a voga o pobre cono,
Que até certo taful viu em Lisboa
Um gato sodomita, um cão fanchono!”⁷²⁶

Dos versos que se seguem, chamamos a especial atenção para a alusão ao sémen que é, aliás, tópico recorrente nos versos que analisámos. Já tivemos, oportunamente, ocasião de referir a importância da inseminação no que à teoria epicurista diz respeito. O sémen é, por essência, uma força da Natureza. A matéria que à vida dá origem, cujo destino é ser expelido pelo corpo. Conforme verificámos em vários versos já estudados, também os órgãos reprodutores femininos são retratados com vernáculo cru, numa redução naturalístico-mecanicista.

⁷²⁵ Carvalho. p. 143.

⁷²⁶ Carvalho. p. 152.

“Na ocasião em que se mandaram fechar os teatros, e se degradaram vários cómicos por queixas de certas fidalgas”

“Punhetas vis, que saciando as picas
De fanchonos cruéis desenfreados,
Fizestes sobre enormes mil pecados.
Que de fome estalasses tantas cricas;
Abrir mais não vereis as bolsas ricas,
D'onde sacáveis sempre os bons cruzados,
Nem já vereis com os dedos besuntados
O puro sémen a correr em bicas:
Recta justiça, que a ninguém perdoa,
Vos virou da fortuna a levo roda,
Este o pregão, que na cidade soa:
“Já dos fanchonos se acabou a moda,
Já lá vão os sacanas de Lisboa,
E' mais cara a punheta do que a foda.”⁷²⁷

São versos infindáveis de cruezas, vernáculo, descrições das funções orgânicas e mecânicas sexuais que não nos permitem acreditar que o autor, em momento algum, se possa ter sentido subordinado pela doutrina da Igreja Católica e pelos preceitos eclesiásticos tocantes à sexualidade de mera procriação. Em tudo se aproximam do mecanicismo materialista.

“A certa moça, chamando velho ao autor, que ainda se não tinha por tal.

Não te escondo a guedelha encanecida,
Nem da rugosa fronte a cor já baça:
Conheço que o meu lustre, a minha graça
Foi por duros Janeiros destruída:

Confesso, inda que é já bem conhecida,
Que a idade minha dos cinquenta passa;
Mas juro que inda tenho grossa maça

⁷²⁷ Carvalho. p. 153.

Qual tesó mastaréu a pino erguida:

Se és hidrópica mestra fodedora,
Daquelas, que procuram com trabalho
Lanzuda porra, porra aterradora;
Minhas cães não te sirvam d'espantelho;
Põe à prova o teu cono, e sem demora
Verás então se é velho o meu caralho.”⁷²⁸

A frequência com que o versejador desrespeita a instituição da Igreja e com a boa intenção dos clérigos e freiras é indiciadora de um anticlericalismo forte, apesar de não, necessariamente, indicar um “antirreligiosismo”:

“A uma freira, que se fazia sangrar para lenitivo das comichões que sofria nos antípodas da boca.

Põe-se a toalha, chega-se a bacia,
A lanceta na mão, pé n'água quente,
Assustado o barbeiro, e reverente
Para a freira voltado assim dizia:
“Se dá licença, vossa senhoria...
Pico?... “ – Sim, lhe diz ela, e tão valente
Que parecia só estar doente
Por pica lhe faltar naquele dia!
À sangria o barbeiro então se aplica,
E cuidando ao picar a freira morra,
Ela lhe diz valente: “Pica, pica:
E verás nesse sangue quando corra,
Que me fora melhor no que ele indica,
Se em lugar de lanceta fosse porra!”⁷²⁹

⁷²⁸ Carvalho. p 167.

⁷²⁹ Carvalho. p 170.

Nos versos que se seguem não só o autor reitera o mito de príapo como não priva o destinatário do relato das relações sodomitas e não será, certamente, a sua referência ao inferno que nos convencerá da sua vocação cristã.

“À mesma

Ah! Quem me dera ao menos um milheiro
De porras de gigante para dar-te,
Para ver se podia assim fartar-te
Esse voraz faminto parrameiro!
Porém tu queres porras, e dinheiro,
Senão eu só podia contentar-te;
Diz-me, e pode a tença só chegar-te
Para comprar veludo um ano inteiro?
Dizem, que aos sodomitas lá no Averno
Põem os diabos sobre um alto trono,
Co'um caralho no cu de fogo eterno:
A ti hão-de também pregar-te o mono;
Ficarás nas profundas do inferno
Co'uma piça de riço nesse cono.”⁷³⁰

Seguidamente, de novo, deparamo-nos com o naturalista culto da fertilidade, a apologia do falo e o desprezo pelas instituições da Igreja Católica.

“A outra endiabrada freira do Porto, muito conhecida por suas laboriosas proezas
“Olha, se eu fora a ti, minha Terência,
O meu quarto forrava d'embrechado,
De porras todo, que inda no pintado
Quisera-as ter à minha obediência:
De Martinho esculpira em toda a ardência
Por trás do leito o membro asselvajado,
E no tecto, com vulto desmarcado,
Trinta porras de burro em competência:

⁷³⁰ Carvalho. p 178.

De caralhos meãos, e alguma pica
De rapaz, bastaria obra de um saco
Para algum vão, que no embrechado fica:
E entre os bilros do catre num buraco
Mandava pôr, para coçar a crica,
Um par de caralinhos de macaco.⁷³¹”

Eis que, novamente, nos deparamos com a referência a doenças venéreas:

“A certa Messalina dos nossos tempos, a quem se pode aplicar o que Juvenal dizia da romana: *Lassata viris, nec dum satiata recessit.*”

“Essa altiva mulher, cara de borra,
Alta, magra, amarela, tola e feia,
Casada com um ourives que laureia,
Ténue dote comendo à tripa-forra:
Também ninguém duvida que lhe escorra
Pelas pernas humor de gonorreia;
É tão puta, que diz à boca cheia
Que jamais se acolheu farta de porra:
Se a não fartou do Braga um caralhote
De vinte, nem do Arrobas um caralho
Nem outras porras mil, todas de lote;
Como há-de saciá-la o seu paspalho,
Que tendo uma barriga como um pote,
Tem piça menor que um dente de alho?”⁷³²

Versos anticlericais (quem sabe, anticristãos?) que colocam em dúvida o dogma e ridicularizam a religião cristã.

“Diálogo entre um penitente freirático e um confessor casmurro:
A um fradalhão bojudo e rabugento

⁷³¹ Carvalho. p 179.

⁷³² Carvalho. p. 186.

Seus crimes confessava um desgraçado,
E entre eles dizia ter pecado
Com uma santa freira num convento
Grita o frade: “Não tardam num momento
Raios mil, que subvertam tal malvado;
Que as esposas de Cristo há profanado
No santo asilo seu, sacro aposento!
“Ora diga, infeliz; como ousaria
Tal crime confessar, e acções tão brutas
A Jesus Cristo. lá no extremo dia?...”
“Padre, deixemos pois essas disputas;
Se ele me perguntasse, eu lhe diria:
Quem vos manda. Senhor, casar com putas?”⁷³³

Paródia aos rituais da Igreja católica à semelhança do que faziam os libertinos epicuristas do século XVII:

“Enviando ao mesmo Conde um registo de S. Braz, que este fidalgo lhe pedira.

A estampa do fiel mártir de Cristo
Vai, senhor, no seu dia competente;
Que um fidalgo que tem mesa de gente
Com São Braz deve sempre andar bem quisto:
Mas eu, que vezes mil me tenho visto
Sem ter mais que engolir que o ar ambiente,
Inda quando algum nicho o põe patente,
Nem lhe rezo, nem beijo o seu registo:
Louve-o lá quem quiser, a ação é santa;
Mas quanto a mim, o homem que jejuava
E' o mártir maior que a Igreja canta:

⁷³³ Claude Mapfre, “40 Sonnets (inedits?) de António Lobo de Carvalho”, *Arquivos do Centro Cultural Português, Vol. 10* (Paris, 1976), pp. 543–69
<<https://doi.org/ISSN 0590-966X>>. p 17.

Nem me trate d'herege a voz comum;
Que aquele que não dá uso á garganta,
Que lhe importa São Braz? Cousa nenhuma.”⁷³⁴

Encontramos referência ao epíteto libertino, propriamente dito, nos versos que reportam a dois censores da Real Mesa Censória: Frei Pova e Frei Mocha, que o autor qualifica de libertinos, ateus e “sem religião”, apelando ao seu degredo para Angola.

“Súplica que fazem os Franciscanos, e os Domínicos a el-Rei, contra os seus Provinciais Fr. Pova, e Fr. Mocha.

Por altos, gran' Senhor, santos motivos
Ir devem para Angola desterrados
Essa vil, torpe escoria de prelados,
Que á Igreja, e ao Estado são nocivos.
Um Pova, e Rocha são dons ateus vivos,
Fanchonos, libertinos relaxados,
Charlatães, comedores esfaimados,
De todo o pedantismo dos arquivos.
Contados no abono de censores (*)
Com torpe despotismo governando,
Das monásticas leis são desertores:
O seu santo instituto relaxando,
Vivem sem religião os dois doutores,
Comendo quanto os frades vão ganhando.”⁷³⁵

Nos versos seguintes, surgem-nos expressões óbvias de impiedade numa associação direta a impudores “Faz-lhe estas, e outras porcarias, e chamas-lhe depois ímpia, e cigana;”. Note-se que a referência a “porcarias” carrega, desde logo, uma forte carga de censura cristã.

“Diálogo entre o Soyé, e o Pedrinho, por lhe desaparecer uns dias, em que foi armar dinheiro para lomar ao gagão.

⁷³⁴ Carvalho, *Poesias Joviais e Satyricas de Antonio Lobo de Carvalho. Colligidas e Pela Primeira Vez Impressas*. p. 14.

⁷³⁵ Ambos eram membros do Tribunal da Mesa Censória que o Marquês do Pombal estabeleceu para a censura dos livros.” (Carvalho. p 38.)

Soyé. Por onde andas, Pedrinho, que há três dias
Que anda em busca de ti Dona Joanna?
Mas a culpa ela a tem, cila a magana,
Porque te sofre tantas demasias:
Faz-lhe estas, e outras porcarias,
E chamas-lhe depois impia, e cigana;
Ninguém vê o senhor toda a semana,
E inda ralha, inda diz patifarias!
Pedrinho. Inda digo, e direi, que sem ter pada
Não me lembra mulher: o meu feitiço
E' acertar em cheio uma cartada:
Padre Soyé, dinheiro é que eu cobiço;
Se vosso o não tem, e ela se enfada;
Passe-a a outro, que a mim não me dá d'isso."⁷³⁶

Obsessão pela descentralização da instituição religiosa na crítica feroz às freiras, assim como o faz com os religiosos.

“A uma freira do Porto, com quem leve amores na sua mocidade.

Putá d'um corno, dos diabos freira,
Eu me ausento, por mais não aturar-te;
Tu cá ficas, cá podes esfregar-te
Com quem melhor te apague essa coceira;
Última tu serás, sendo a primeira
Que de mangar em mim se achou com arte;
Mas eu n'isso mijei, que em toda a parte
Bem se sabe quem é Clara-Ribeira:
Vai-te, surrão, injúria das mulheres,
Vai fornicar na praia, e não se diga
Que não achas colhões quantos quiseses:

⁷³⁶ Carvalho. p 124.

Tanta luxuria os ossos te persiga,
Que inda os mesmos bocados que comeres
Se convertam em porras na barriga.”

“À mesma

Que és puta provarei, minha Terência,
Putas, e mais putas do que as mesmas putas;
Tu és freira, e aquelas outras, bem que inuptas,
Sequer voto não tem de continência:
Se elas para mil fudas têm potência,
Tu em cem mil punhetas as comutas;
Tu com frade na grade em seco lutas,
És putíssima tu, por consequência.
Putíssima! Inda mais; muito bem podes
Levar de reputíssima o letreiro;
Replicas? E' melhor que te acomodes.
Elias levam a porra do brejeiro,
Do negro, do lacaio, e tu? — tu fodes
Com o retrato da porra um dia inteiro.”

Nunca olvidando a realidade epocal dos freiráticos, frequentadores de conventos de freiras, simpatizante de freiras em todos os sentidos, dispõe o verzejador:

“Lamentando a desgraça dos freiráticos

Não há maior asneira n'este mundo,
Do que um homem comer uma punheta
D'uma freira, que tem onde se meta
Um caralho bem grosso, e rubicundo:
De que serve estar vendo o cono imundo,
O pentelho que esconde a torpe greta,

E um dedinho, que roça por tal treta,
Que leite faz lançar pouco, e injucundo!
Estar então um basbaque, uma alma bruta
Na pança a dar punhadas com canseira,
Enquanto a porra vê um pouco enxuta:
Ora torno a dizer, é grande asneira;
Pois vale mais foder a mais releis puta,
Do que estar vendo as pernas d'uma freira!(D.)”⁷³⁷

6. João Maldonado

Debrucemo-nos, também, sobre um soneto de João Maldonado,⁷³⁸ homem letrado, magistrado e maçom, que nestes versos recorreu aos vetores da literatura obscena libertina. Acerca deste soneto, as opiniões divergem: frequentemente atribuídos a Bocage, afiançou Inocêncio Francisco da Silva de que a sua autoria é de João Maldonado. Sabendo que era mote libertino *Intus ut libet, foris ut moris est*,⁷³⁹ optámos por elencá-lo sob a autoria deste último, tecendo essa importante ressalva.⁷⁴⁰

“Não lamentos, ó Nise, o teu estado;
Putas tem sido muita gente boa;

⁷³⁷ Carvalho. pp. 177-184.

⁷³⁸ João Vicente Pimentel Maldonado (1773 - 1838) foi escritor, jornalista e maçom português, natural de Lisboa. Bacharel em Leis e Cânones pela Faculdade de Leis e pela Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra, desempenhou, entre outras, as funções de magistrado, Provedor dos Resíduos e de Arquivista da Câmara dos Deputados. Publicou numerosas poesias, algumas reunidas em livro, *Apólogos de 1820*.

Liberal, esteve preso na Setembrada e deportado para os Açores. Com o triunfo da Revolução Liberal do Porto em veio a ser deputado das Cortes Gerais e Extraordinárias da Nação Portuguesa e, subsequentemente, Deputado do Reino pelo Círculo Eleitoral da Estremadura, perseguido pelo Miguelismo, esteve detido durante cinco anos. Maon com o nome simbólico de Cincinnatus.

⁷³⁹ “Em privado pense o que quiser, em público comporte-se conforme os costumes.”

⁷⁴⁰ “O (soneto) de que ora nos ocupamos, tem sido tão constantemente havido como produção de Bocage, é tão popular e conhecido, que não poderíamos dispensar-nos de aqui o reproduzir. Mas pede a verdade que se diga que Manoel Maria foi inteiramente extranho a esta composição. Conforme o testemunho irrefragável dos contemporâneos mais bem instruídos n'estas particularidades, o seu verdadeiro auctor foi João Vicente Pimentel Maldonado. É certo que ainda em vida de Bocage muitos lh'ó attribuíram; porém elle nunca o reconheceu por seu: ao contrario, dizem-nos que consultando-o alguém a este respeito, respondera que lhe não agradava, mas que se o tivesse feito em lugar do verso

O teu cono não passa por honrado,

teria dito

Não passa o cono teu por cono honrado.” (Manuel Maria Barbosa du Bocage, *Poesias Eroticas, Burlescas e Satyricas, Não Comprehendas Na Edição Que Das Obras d'este Poeta Se Publicou Em Lisboa No Anno de MDCCCLIII*, ed. Inocêncio Francisco da Silva (Bruxellas, 1900), <https://archive.org/details/poesiaseroticasb00bocauoft/page/n3/mode/2up>.)

Putíssimas fidalgas tem Lisboa,
Milhões de vezes putas têm reinado:
Dido foi puta, e puta dum soldado;
Cleópatra por puta alcança a coroa;
Tu Lucrecia, com toda a tua proa,
O teu cono não passa por honrado:
Essa da Rússia imperatriz famosa,
Que inda há pouco morreu (diz a Gazeta)
Entre mil porras expirou vaidosa:
Todas no mundo dão a sua greta:
Não fiques, pois, oh Nise, duvidosa
Que isto de virgo e honra é tudo peta.”

7. Clandestinos, anticristãos e obscenos

Verificamos que os versos de obscenidade literária estão de tal modo impregnados de anticlericalismo que, por vezes, neles se evidenciam mais o anticlericalismo e a irreligião do que as obscenidades. Na verdade, tratava-se da forma mais inócua de expressar ideais antirreligiosos que, entre nós, ainda mais dificilmente passariam as malhas da censura. Com a bravata devassa e jocosa, o relato carnal confere matéria infundável. Sob estas vestes, o sexo configura-se para além do tema, sobretudo como um método de franquear as barreiras que impedem não só o livre-pensamento religioso, social, mas também político. É uma forma de às pessoas comuns chegar vestígio do que norteia os filósofos, ajudando, desta forma, a extrair o sentido das coisas.

Na senda do libertinismo erudito do século XVII e dos epicuristas, estes versejadores demonstram como o Homem é Natureza, e que animalidade e inteligência são uma mesma realidade física ou corporal. Derivam de uma filosofia epicurista que ajudou a abrir o caminho para o fim do absolutismo. Sexo e Filosofia acompanham-se, nestes versos. As descrições de cariz sexual sugerem que:

“(…) tudo pode ser reduzido a matéria em movimento, que todo conhecimento deriva dos sentidos, e que todo comportamento deveria ser governado por um cálculo hedonístico: maximize-se o prazer e minimize-se a dor.”⁷⁴¹

⁷⁴¹ Darnton, “Sexo Dá o Que Pensar”. p. 25.

A crítica dos padres e freiras, frequentemente constante dos versos, é um ato de sabotagem dos alicerces que são a Igreja para a Monarquia Absoluta. A perseverante evocação das doenças venéreas, que tanto atingem religiosos como aristocratas ou o mais humilde dos súbditos, são uma evocação da igualdade para a qual a Natureza remete o Homem.

Se nos primórdios da Modernidade os livros obscenos foram banidos pela religião e a batalha era contra este sistema, no decurso do século XVIII colou-se-lhe outro alvo de crítica. Juntou-se-lhe o Absolutismo Monárquico, defendido e sustentado pela religião cristã.

Destacamos o caso de Lobo de Carvalho acerca do qual consideramos que a mera expressão de versos tão crus, de uma pornografia que interpretamos como obscena, poderão ser considerados um desafio ao ascetismo cristão e um desafio à religião. Os versos clandestinos foram uma forma de levar a mensagem à grande massa submersa na superstição e na religião que sustentavam o regime político vigente.

Capítulo VIII – Heterodoxos nos processos da Inquisição

Julgamos essencial reportar a nossa análise dos processos da Inquisição porque através deles vemos a tendência de pensamento das franjas da sociedade que não se deixaram esmagar pelo rolo compressor da censura: os heterodoxos que ousavam refletir e pensar para além dos padrões impostos pela Igreja ou pela Monarquia e, sobretudo, por ambas, numa associação quase indissolúvel. Por vezes, e muito frequentemente, os depoimentos e testemunhos indicam grosseiramente:

“(…) pensamentos, opiniões ou observações pontuais de “filósofos” ímpios ou simples “desabusados”, isto para usar o vocabulário de Pina Manique, “os depoimentos e os testemunhos acerca de outrem exprimem rebeldia ou insubmissão, capacidade de livre exame ou de tolerância, como ainda, em certos casos, pendor racionalista. Ora a rebeldia intelectual pode preludiar a rebeldia política e a assunção da racionalidade pelos revolucionários”.⁷⁴²

Verificaremos que é do contacto com a literatura oriunda das Luzes e de agentes vindos da Europa que se faz o contágio libertino. A mensagem que encaminham enfraquecerá e até corroerá as concepções dominantes acerca do absolutismo católico e acerca do trono aliado à religião dogmática implementada.

1. A Inquisição

A vinda do Tribunal do Santo Ofício para Portugal foi longamente negociada por D. João III. Ao fim de vários anos, a 17 de dezembro 1532, com a bula *Cum ad nihil magis* o Papa Clemente VII anuiu e D. Fr. Diogo da Silva foi o primeiro Inquisidor. Todavia, um ano depois, a 7 de abril de 1533, dada a reação e os protestos dos cristãos-novos, foi revogada a implementação da bula.

Perante a insistência de D. João III, o papa sucessor Paulo III responde, a 17 de março de 1535, com *Inter coetera ad Nostrum* em que recomenda regras da piedade, ao invés de vingança, e reitera o perdão concedido pelo antecessor.

D. João III, no entanto, persevera e, finalmente, a 23 de maio de 1536, Paulo III institui, em Portugal, o Tribunal do Santo Ofício com a bula *Cum ad nihil magis*, dirigida aos bispos de Ceuta, Coimbra

⁷⁴² Oliveira Ramos. “A Irreligião Filosófica Na Província Vista Do Santo Ofício Pelos Fins Do Século XVIII.” Revista Da Faculdade de Letras. Historia, no. 5 (1988). p. 175.

e Lamego, que nomeia seus comissários e inquisidores em Portugal, a fim de procederem contra os cristãos-novos e contra todos os culpados pelo crime de heresia. Em 1539 é, definitivamente, instituída a Inquisição em Portugal. D. Diogo da Silva, no entanto, renuncia ao cargo de inquisidor-mor e D. João III nomeia o irmão, o infante D. Henrique, arcebispo de Braga e futuro cardeal. Paulo III resiste, mas transige e cede a este último os poderes antes dados aos inquisidores.

O Tribunal do Santo Ofício foi uma instância, simultaneamente, régia e eclesiástica, instrumento da política de centralização do poder.⁷⁴³ A sua criação e os seus membros tinham origem na Igreja, mas todo o funcionamento era, superiormente, controlado pelo rei, controle este que abrangia tanto a nomeação dos inquisidores-gerais (que despachavam diretamente com o monarca), como a execução das penas de morte que a Inquisição entregava ao braço secular.⁷⁴⁴

Até à promulgação do Novo Regimento do Santo Ofício em 1774, que marca a consagração definitiva do poder real sobre o Santo Ofício, vigorou o regimento de 1640 em que, segundo Raúl Rego, parca ou nenhuma influência real se verificava. Todavia, D. João V já havia iniciado uma intervenção⁷⁴⁵ e, com as leis pombalinas, o Santo Ofício foi equiparado aos outros tribunais régios e foi abolida a distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos. Retirou-se a censura da alçada do Santo Ofício e, concomitantemente, a sua vitalidade.⁷⁴⁶

Verificou-se, na análise concretizada junto aos arquivos da Torre do Tombo, que existiram laivos de pensamento libertino antes do Edital do Tribunal da Real Mesa Censória, datado de 1770,⁷⁴⁷ que contém a lista das obras interditas e de leitura, venda ou circulação proibidas, sob que forma seja, e do Alvará de 5 de fevereiro 1778 de que resultaram os processos resultantes da devassa contra os libertinos de Valença, conforme afirma Fernando Augusto Machado:⁷⁴⁸

⁷⁴³ Centralização de poder fundamental para a implementação e subsistência da monarquia absoluta que os libertinos desmascaram.

⁷⁴⁴ No prisma organizacional, o Inquisidor Geral atribuía funções ao Inquisidor que, entre outras, tomava contas aos notários que serviam simultaneamente de tesoureiros e de escrivães dos livros de receita e despesa. A ação do Tribunal do Santo Ofício, ao longo de toda a sua existência (1536-1821), exerceu-se em todo o território nacional e em quase todos os territórios submetidos à Coroa portuguesa.

O poder inquisitorial era exercido nas diferentes regiões do Reino e adstrito aos tribunais de Lisboa, de Coimbra e de Évora. Os tribunais de Tomar, Porto e Lamego não perduraram e a jurisdição do tribunal de Lisboa estendia-se às ilhas do Atlântico, Brasil e territórios portugueses da costa ocidental de África. O tribunal de Goa, de que dependiam os casos da Costa oriental africana, foi criado em 1560. (Arquivo Nacional Torre do Tombo, 'Tribunal Do Santo Ofício' <<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2299703>>.)

⁷⁴⁵ Raul Rêgo, *O Último Regimento Da Inquisição Portuguesa*, Editora EX. Lisboa: Edições Excelsior, 1971. p. 18.

⁷⁴⁶ Arquivo Nacional Torre do Tombo, "Tribunal do Santo Ofício".

⁷⁴⁷ "Edital Mesa Censória 1770".

⁷⁴⁸ Fernando Augusto Machado, *Rousseau Em Portugal, Da Clandestinidade à Legalidade Vintista*. Porto: Campo das Letras, 2000. p. 244.

“Como sabemos, em termos de núcleos definidos e localizados que se moviam nos parâmetros do filosofismo genericamente considerado, sobressaem, na altura, (a partir do Marianismo) Valença sob o quadrante militar e Coimbra pela via académica.”⁷⁴⁹

Já em 1721, detido pela Inquisição de Lisboa e julgado por blasfémia, Jorge Antoniotto,⁷⁵⁰ tenente de artilharia, antipapista, natural de Milão e residente em Lisboa revela-se um caso muito interessante e é, possivelmente, libertino. Viajou por toda a Europa onde se deparou com os movimentos existentes na época; confirmou a existência de hereges e conheceu o materialismo. Menciona a disputa, na Alemanha, entre hereges e católicos romanos.

Este processo é sintomático de que a mobilidade dos militares setecentistas era um dos veículos para a difusão, entre nós, dos ideais da Europa ilustrada. O acusado, apesar de não ser herege, refere um dos vetores essenciais para o aprofundamento do pensamento libertino: a crueldade das Guerras de Religião na Europa Central e tem conhecimento dos movimentos eclesiásticos internacionais.

Outro processo que se consultou, de 1733, diz respeito a João Francisco Jorge,⁷⁵¹ réu acusado de bigamia, residente na freguesia da Madalena em Lisboa e filho do Vice-cônsul de França. Neste país leu livros de hereges e menciona alguns dos vetores primordiais do libertinismo: a rejeição do purgatório e a convicção de que a religião é uma invenção política dos padres. Também se refere ao fingimento social de pessoas com quem se terá relacionado em Marselha que, exteriormente, se portavam como católicos romanos, mas interiormente eram hereges.

Já em 1755 inicia-se, também no foro da Inquisição de Lisboa, o processo de Aleixo Escribot,⁷⁵² com a acusação de heresia. Mestre de Latim e Francês, natural de Lanovil, Champagne, o acusado entrega-se a referências sobre a manipulação política das religiões.

Foi no foro da Inquisição de Coimbra que encontrámos o processo de João de Deus,⁷⁵³ que se nos afigura de grande relevância. Religioso capucho da província de Santo António do Curral, frade, sacerdote, confessor e pregador natural em Caminha e residente em Cantanhede do bispado de Braga, foi acusado de heresia em 1720 e morreu nos cárceres. Os seus propósitos são claramente libertinos.

⁷⁴⁹ Machado. p. 243.

⁷⁵⁰ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Lisboa, Processo de Jorge Antoniotto, proc. 269.

⁷⁵¹ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Lisboa, Processo de João Francisco Jorge, proc. 427.

⁷⁵² ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Lisboa, Processo de Aleixo Escribot, proc. 1900.

⁷⁵³ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de João de Deus, proc. 7825.

Na Inquisição de Évora, em 1716, julgaram Alexandre Rodrigues Arnaut,⁷⁵⁴ residente em Montemor, que pensamos não ser senão um blasfemo sem consequências.

Naquele mesmo foro, em 1724, acusou-se João Pereira,⁷⁵⁵ tecelão de linho natural e morador na Vila de Montemor, de onde era natural. O acusado proferia, aparentemente, propósitos de libertinagem, mas não é certo que os seus dizeres advenham de especulações filosóficas. É, todavia, certo que o acórdão do processo dispõe que João Pereira negava o mistério da paixão de Cristo, assim como os milagres dos santos, e não reconhecia os mártires de Marrocos. Trata-se de especulações caracteristicamente libertinas:

“Disse em certa parte por ocasião de ler um livro da vida dos Santos na presença de certas pessoas que admirando-se de se não converterem os infiéis as fé de Cristo, vendo os milagres que os tais Santos fizeram, e martírios que pela fé padeceram que, que não eram senão conversas porque os Santos não faziam milagres, antes que aquele livro, e outros semelhantes era uma palhada; e o mesmo disse da paixão de Cristo estava lendo por um auto, e sendo advertido e repreendido se não desdisse antes afirmou que tudo era falso, e que os santos não faziam milagres, nem os podiam fazer.”⁷⁵⁶

2. A Real Mesa Censória

A criação da Real Mesa Censória, por Alvará de 5 abril de 1768,⁷⁵⁷ projeto regalista, conforme outros projetos políticos de fortalecimento do poder estatal da época na Europa, transferiu para o estado a fiscalização até então acometida ao Tribunal do Santo Ofício, ao Desembargo do Paço e ao Ordinário. Com esta criação, visou-se autonomizar o Estado face à Cúria Romana e atribuir-lhe a função de

⁷⁵⁴ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Évora, Processo de Alexandre Rodrigues Arnaut, proc. 5667.

⁷⁵⁵ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Évora, Processo de João Pereira, proc. 5927.

⁷⁵⁶ Cinco franciscanos enviados pregar em Marrocos por S. Francisco de Assis em 1219. O zelo da sua fé levou-os a exagerar a sua atuação e o Miramolim decidiu expatriá-los, mandando prendê-los, lograram escapar-se e voltaram a pregar. Um dia, cruzaram-se com o Miramolim de Marrocos e, abordando o carro em que seguia, insistiram importunamente com o líder muçulmano para se converter ao Cristianismo. O Miramolim, chefe de Estado, chefe religioso e poder judicial, não cuidou de mais tolerâncias e puniu-os e degolando-os por suas próprias mãos. Os restos mortais foram enviados para Portugal onde foram recebidos com grandes manifestações públicas de luto e de dor. Levados em procissão, foram depois sepultados na Igreja de St. ^a Cruz, em Coimbra. Este incidente trágico teve o efeito de motivar St. ^o António, então cónego regente de St. ^a Agostinho, a fazer-se franciscano e a dedicar-se ao apostolado e à peregrinação. Chamavam-se estes mártires Berardo de Lobio, Pedro de S. Gemianiano, Otão, Adjuto e Acúrsio. São representados vestidos de frades a serem executados pelo Miramolim.

⁷⁵⁷ s.a. *Regimento Da Real Meza Censoria*. Secretaria do Estado. 1768.

fiscalização e censura das obras que se pretendessem publicar ou divulgar no Reino.⁷⁵⁸ Foi, também, entregue à Real Mesa Censória o exclusivo da jurisdição relativa ao exame e a consequente aprovação ou reprovação de livros e papéis que já se encontrassem em circulação no país e daqueles que nele pretendessem entrar.⁷⁵⁹ Oliveira Ramos explica que este regimento, publicado pelo Marquês de Pombal, “seculariza a Inquisição, coloca-a na dependência da Coroa, formula um violento requisitório contra os jesuítas, ataca o sigilismo e testemunha mudanças de vulto no aspeto penal (...).”⁷⁶⁰

Uma das principais premissas seguidas pela Mesa, que consistiu aliás na razão primária da sua criação, era a proibição de obras consideradas atentatórias da segurança do Estado.⁷⁶¹

Pertence, também, à referida Mesa, a concessão de licenças de comercialização, impressão, reimpressão e encadernação de livros ou papéis avulsos e a autorizações para posse e leitura de livros proibidos. Passa, a mesma, também, a reformar e manter atualizado o Índice Expurgatório dos livros.⁷⁶²

Destacamos que Abecasis⁷⁶³ realça que a censura não se idealizava repressora, mas outrossim educadora, mas não logrou cumprir a sua missão e foi, permanentemente, infringida. Defende a autora, e concordámos, que cumpre analisá-la à luz dos valores epocais.

⁷⁵⁸ A este título são de referir os 31 títulos que Maria Teresa Payan Martins elencou na sua tese de doutoramento e as inúmeras gravuras licenciosas que os censores leram e apreciaram a fim de justificarem a respetiva recusa de impressão. (Maria Teresa Esteves Payan Martins, “A Censura Literária Em Portugal Nos Séculos XVII e XVIII” (Universidade Nova de Lisboa, 2001). pp. 163-243).

⁷⁵⁹ s.a. “Real Mesa Censória” <digitarq.arquivos.pt/details?id=4311313> [acedido 20 dezembro 2019].

⁷⁶⁰ Oliveira Ramos, “A Irreligião Filosófica na Província Vista do Santo Ofício Pelos Fins do Século XVIII”. p. 173.

⁷⁶¹ Maria Isabel Braga Abecasis. “A Real Mesa Censória e a Edição Setecentista Portuguesa.” Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2009. p. 13.

⁷⁶² A fim de exercer o controlo dos livros em circulação, a Real Mesa Censória, entre outras medidas prevê no edital de 10 de julho de 1769 que lhe sejam enviadas relações de bibliotecas particulares. Mesa era constituída por um presidente e deputados, estes na sua maioria doutores, lentes e opositores às cadeiras da Universidade de Coimbra, oriundos geralmente do clero. Um deles devia ser inquisidor do Santo Ofício e outro vigário-geral do Patriarcado. Poderiam ser nomeados deputados extraordinários, em número variável. A Mesa dispunha, ainda, de um Secretário que devia ser professor de Letras, bem como de um porteiro e contínuo. De 1771 a 1775 dada a complexidade das suas atribuições Real Mesa Censória cria a Secretaria de Censura, já existente, específica para assuntos relacionados com a censura de livros.

⁷⁶³ Abecasis, “A Real Mesa Censória e a Edição Setecentista Portuguesa”. p. 3.

A mudança transfere para a esfera do Estado a responsabilidade de fiscalizar o que se devia (ou não) ler.⁷⁶⁴ E o Marquês de Pombal assegurou, numa perspetiva de defesa política,⁷⁶⁵ o direito da “soberania temporal” em relação à proibição de determinados “livros e papéis perniciosos”. Consequentemente, com o esvaziamento destas competências que lhe eram próprias, um fator de amortecimento da ação da Inquisição, o Estado chamava a si a responsabilidade em matéria ideológica. Para tal, consagrou um conjunto de regras de atuação exaradas no regimento da mesma Mesa de 18 de maio de 1768.⁷⁶⁶ Representou, no contexto das políticas pombalinas, um passo decisivo para o controlo das obras que se publicavam em Portugal, que já existiam em bibliotecas ou que circulavam, vindas do estrangeiro. Como vimos, a censura, que era instrumento religioso, converteu-se em instrumento político-religioso. Mantiveram-se o tipo de atividade e as funções dos membros, só que passaram das mãos da Igreja para a alçada do governo.

A atitude persecutória contra a heresia dos filósofos é reafirmada pela Real Mesa Censória, no edital de 24 de setembro de 1770, que se insurge contra os filósofos culpados pela inação dos “erros do Ateísmo, Deísmo e do Materialismo” e contém a lista das obras interditas e proibidas de se venderem e de circularem dispõe:

“(…) horrorosos estragos, que neste século, mais que em todos os outros, tem causado na maior parte da Europa o Espírito da Irreligião, e da falsa filosofia, o qual excitando as mais vigorosas providencias, com que uma, e outra Potência, Espiritual e Temporal, tem procurado e procura precaver os funestissimos efeitos desse disfarçado veneno; parece que ele consegue aumentar-se, difundir-se ao mesmo passo por uma inundação monstruosa dos mais ímpios, e

⁷⁶⁴ “O caso das bibliotecas de instituições religiosas regulares é singular pois, por um lado, tinham licença para possuir livros proibidos, mas, por outro lado, deviam cumprir as decisões da RMC. Propomos apresentar neste estudo diversas estratégias que as bibliotecas religiosas desenvolveram face aos livros proibidos e suprimidos pela RMC, não deixando de possuir nos seus fundos, obras de “autores hereges e atrevidos”. Fernanda Maria Guedes De Campos, “Autores ‘ Hereges e Atrevidos ’: Impactos Da Atividade Da Real Mesa Censória Em Bibliotecas Religiosas.” (*Mátria Digital*, no. 8, 2017. p. 88.)

“Os livros que o revisor entendesse poder despachar entregá-los-ia a seu dono, fazendo-se um rol assinado pelo revisor e a pessoa a quem pertenciam os livros (...), o qual devia ser remetido ao conselho Geral.” No caso os livros retidos pertencerem a uma pessoa que tivesse licença para os ler “depois de feito tudo o que estava disposto, se lhe mandaria que apresentasse a licença, e, conforme as cláusulas dela, se lhe entregariam os livros que pela matéria lhe fossem permitidos pela licença”. Sempre que a licença não fosse absoluta no tempo”, o dono dos livros defesos “refaria termo de os entregar passado o mesmo tempo dessa Mesa, ou de mostrar a renovação da mesma licença. (Martins, “A Censura Literária Em Portugal Nos Séculos XVII e XVIII.” p. 644).

⁷⁶⁵ “Real Mesa Censória entende-se quer a atividade deste organismo enquanto Real Mesa Censória propriamente dita, criada no ano de 1768, quer enquanto Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros, surgida no ano de 1787 e extinta no ano de 1794.” Anteriormente vigorava o regime de censura tríplice exercida pelo Ordinário (governo eclesiástico da diocese em que a obra se publicava), pelo Santo Ofício e pelo Tribunal do Desembargo do Paço. (Abecasis, “A Real Mesa Censória e a Edição Setecentista Portuguesa.” p. 7).

⁷⁶⁶ Raúl Rego defende que a Mesa Censória não foi criada contra a Inquisição, funcionando, antes, como um seu instrumento de preservação e defesa. Atente-se, por exemplo, num seu decreto de 12 de dezembro de 1769, no qual se classifica o Tribunal da Inquisição como útil e necessário e se proíbe a posse e leitura, impressão e venda de um conjunto de livros de autores que tinham denegrido a imagem do Santo Ofício. (Raúl Rego. *O Último Regimento Da Inquisição Portuguesa*. Lisboa: Edições Excelsior, 1971. p. 18.)

detestáveis Escritos; para atacar os Princípios mais sagrados da mesma Religião, para invadir os mais sólidos fundamentos do trono, e para romper assim aqueles solidíssimos vínculos, com que mutuamente se sustentam, como aqueles que tão santamente unem os fieis Cristãos à adorável pessoa de Jesus Cristo. E por quanto Me constou, que muitos dos referidos Escritos, abomináveis produções da incredulidade, e da libertinagem de homens tão temerários, e soberbos, que se denominam Espíritos Fortes, e se atribuem o especioso título de Filósofos; depois de terem soçobrado os países mais próximos ao seu nascimento, haviam chegado a penetrar neste Reino por caminhos indiretos, e ocultos; havendo mandado proceder com a mais exata diligência no exame deles, constou pelas censuras conterem uma doutrina ímpia, falsa temerária, blasfema, herética Cismática, sediciosa, ofensiva da paz, e sossego público, e só própria a estabelecer os grosseiros, e deploráveis erros do Ateísmo, Deísmo e do Materialismo, a introduzir a relaxação dos costumes; a tolerar o vício, e a fazer perder a ideia da virtude (...).”⁷⁶⁷

No ano de 1771, é interdita, por carta régia, a celebração pública de autos de fé, a publicação de listas de penitenciados e proibida a sentença de morte sem a chancela do Monarca. A perseguição aos judeus e familiares dos acusados é proscrita pela lei de 25 de maio de 1773. Com a reforma do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, a 1 de setembro de 1774, foi exarado alvará régio de confirmação do novo Regimento do Santo Ofício da Inquisição, revogando-se o Regimento de 1640. Encerra-se a reforma pombalina da Inquisição e marca-se a consagração definitiva do poder real sobre o Santo Ofício.⁷⁶⁸ Doravante, toda a atenção será direcionada para os “heréticos da filosofia”, expressão de Oliveira Ramos que dispõe:

“(...) a Inquisição deixa de ser (a partir de 1 de setembro 1774), como no passado, um tribunal conhecido pelo seu apego à perseguição dos cristãos-novos para, de futuro, actuar, como actuará, contra os heterodoxos, contra os heréticos da filosofia, cujos pecados de opinião sapam os alicerces do regime absoluto. (...)

Primeiro momento do seu consulado, Pombal usou a Inquisição na tência de parâmetros vindos do reinado anterior, num segundo momento “(...) a Inquisição é utilizada para perseguir inimigos e conecções alheias às da realeza.”⁷⁶⁹

⁷⁶⁷ “Edital da Real Meza Censoria : [confisco de livros de indulgências para censura]”.

⁷⁶⁸ Rêgo, *O Último Regimento Da Inquisição Portuguesa*. p. 18.

⁷⁶⁹ Luís A. de Oliveira Ramos, “A Inquisição Pombalina,” *Brotéria* 115, no. Separata n° 2-3-4 (1982): pp. 170–180.

Apesar do novo regimento deslocar o centro do poder do Santo Ofício da Inquisição para a Real Mesa Censória (formada maioritariamente por religiosos), a Inquisição não foi liquidada. Foi, outrossim, convertida num tribunal de Estado, especialmente vocacionado para a defesa da Religião Católica. Na verdade, também os interesses da Igreja estiveram salvaguardados já que o Estado Absolutista se revelava um auxiliar precioso e interessado na luta contra as “heresias racionalistas”.

Os critérios da censura dos livros eram apertados, com referência específica à libertinagem, através de uma interpretação direta da décima quarta regra⁷⁷⁰, ficaram, automaticamente, proibidas as obras Diderot, Voltaire, d’Holbach ou Rousseau, enquadrando-se, imediatamente, na sua letra que faz menção expressa a libertinagem.⁷⁷¹

“Obras dos pervertidos Filósofos destes últimos tempos, que continuamente estão inundando e inficionando o orbe literário com metafísicas tendentes ao Pirronismo, ou incredulidade á impiedade, ou á libertinagem; pretendendo reduzir a Omnipotência Divina e os Seus Mistérios e Prodígios á limitada esfera da compreensão humana”.

À censura⁷⁷² não resistiam obras que pudessem ter características revolucionárias, heréticas ou perniciosas, tais como as dos filósofos setecentistas, que questionavam a conjuntura política e eram

⁷⁷⁰ *Regimento da Real Meza Censoria*, p. 27.

⁷⁷¹ A este propósito, Maria Teresa Esteves Payan Martins esclarece que nas décadas anteriores à criação da Real Mesa Censória, o Tribunal do Santo Ofício obviava à circulação subterrânea de livros de Filósofos das Luzes com a confiscação dos exemplares apreendidos, escudado nas normas gerais de proibição de livros em vigor. O Regimento da Real Mesa Censória, a partir de 1768, consagrou uma regra específica (décima quarta) de condenação (...). D. Maria I em 30 de julho de 1795, reinstalou o sistema de censura triplíce, pela carta-de-lei de 17 de dezembro de 1794, a um alvará onde “declarava e determinava as necessárias providências para melhor e mais segura observância de tudo o que tinha ordenado na carta-de-lei de 17 de dezembro a respeito do exame e censura dos livros”. Aí se redefiniam as “Regras para a censura dos Livros, conforme as do Regimento da Real Mesa Censória, recomendadas na lei de 17 de dezembro de 1794 e acomodadas as novas Providências” e se confirmava a proibição de obras de Filósofos das Luzes. Verificava-se uma alteração significativa no modo como se preceituava a sua proscricção na décima-segunda regra, pelo recurso a uma fórmula mais contida: “Proibem-se os livros que introduzem os paradoxos do pirronismo e as erradas máximas da vã filosofia dos incrédulos que arruinam os mais sólidos fundamentos da tica e do Direito Natural e das Gentes e os que contrariam os sagrados e inalteráveis princípios da Moral revelada ou na lei e nos profetas ou no Evangelho de Jesus Cristo”. Os “pervertidos Filósofos das Luzes”, cientes do caráter heterodoxo dos seus textos, sabiam que a sua publicação normalmente, só podia ocorrer fora do circuito legal de produção, e salvaguardados pelo anonimato, mas corriam os riscos da transgressão. Situamo-nos, assim, no domínio da literatura clandestina, não podendo deixar de ter presente que obras como o *Dictionnaire Philosophique* de Voltaire, o *Emile* de Rousseau ou a *Encycopdie* de Diderot e d’Alembert não eram, para o leitor do século XVIII, obras clássicas, eram outrossim obras transgressoras e sediciosas desrespeitadoras das ortodoxias filosóficas, da religião e do estado e, conseqüentemente, políticas. A receção célere destas obras, em Portugal, relativamente às suas datas de publicação, documenta o interesse com que as ideias iluministas suscitavam entre nós.” (Martins, “A Censura Literária em Portugal nos Séculos XVII e XVIII”. pp. 353-354).

⁷⁷² Na sua obra “A Censura Literária em Portugal nos Séculos XVII e XVIII”, Maria Teresa Payan Martins debruça-se, também, sobre a história do livro proibido e explana que, instrumento de uma atividade ilegal muito lucrativa, o livro proibido é, no seu entender, crucial para a conhecimento da História das ideias da época da sua época. Faz a distinção entre livro contrafeito e livro proibido, qualifica o livro contrafeito como reprodução fraudulenta de um livro autorizado e atribui ao livro proibido três características: A. obra a qual se negou o direito de impressão e circulação; a obra que até determinado momento circulou

rotuladas de grande perigosidade para o sistema político e religioso vigente. A esse respeito António Ferrão plasma que: “Toda a grande literatura filosófica, moral, política e histórica do século XVIII não era aqui permitida”.⁷⁷³ Mas eram lidas pelos censores e existiam em bibliotecas particulares.⁷⁷⁴ A título exemplificativo, tanto as obras de Voltaire como as de Rousseau, que proclamavam as reformas na estrutura política dos governos existentes, desmistificavam o funcionamento da Monarquia Absoluta e foram mentoras da Revolução Francesa.⁷⁷⁵

E, no entanto, conforme clarifica Maria Teresa Esteves Payan Martins, “(...) a barreira repressiva erguida nunca conseguiu obstar à circulação e comercialização subterrâneas de obras suspeitas e vitanda. (...)”⁷⁷⁶

Como dispõe Oliveira Ramos, no sentido do normativo da reforma de 1768 do Regulamento, o Santo Ofício deixa de perseguir cristãos-novos para atuar contra os ímpios, contra os “heréticos da Filosofia” e contra os maçons “(...) cujos pecados de opinião, pensamento e compromisso sapam os alicerces do regime absoluto, ou seja, o trono e o altar. (...)”⁷⁷⁷

A 24 de fevereiro 1777, dá-se a morte de Dom José e Dona Maria sobe ao trono. A 4 de março, a rainha defere o pedido de exoneração do Marquês de Pombal. Apesar do seu grande poderio, o Marquês dependia do apoio do Rei. Logo que este faleceu, D. Maria I retirou-lhe todos os cargos. Nomeia o Visconde de Vila Nova de Cerveira em sua substituição, mas mantém os restantes secretários de estado. A “manutenção da linha reformista josefino-pombalista” é respeitada e o seu início da governação vai fazer-se notar por uma perseguição aos hereges, nomeadamente aos “hereges da filosofia”.⁷⁷⁸

Graça e José da Silva Dias dispõem que a enchente filosófico-deísta era sobretudo oriunda de três origens: os centros militares de forte presença estrangeira (com a vinda de mercenários algo insurrectos

legalmente tornando-se depois ilegal devido a uma mudança de orientação político-religiosa; ou a obra que entrou de imediato no circuito clandestino dada a consciência do autor ou editor de que nunca seria aprovada. (Martins. p. 19.)

⁷⁷³ Abecasis, “A Real Mesa Censória e a Edição Setecentista Portuguesa”. p. 30.

⁷⁷⁴ A censura existira até então, entregue ao Tribunal do Santo Ofício, ao Desembargo do Paço e ao Ordinário. A mudança transfere para a esfera do Estado a responsabilidade de fiscalizar o que se devia (ou não) ler. O caso das bibliotecas de instituições religiosas regulares é singular pois, por um lado, tinham licença para possuir livros proibidos, mas, por outro lado, deviam cumprir as decisões da RMC. Campos, “Autores ‘Hereges e Atrevidos’: Impactos Da Atividade Da Real Mesa Censória Em Bibliotecas Religiosas.” “Gosto (do Cardeal Saraiva) que viria a determinar um pedido à *Real Mesa para o Exame e Censura de Livros*, para ler e possuir livros proibidos, efetuado em 1792 e satisfeito por Dona Maria I” (Antonio M. de Barros Cardoso, “O Cardeal Saraiva e os livros interditos”, *Revista da Faculdade de Letras: História*, 14 (1997), p. 430). (Márcia Carolina Ferreira de Oliveira, “A Bibliofilia Em Portugal No Início Da Época Contemporânea o Exemplo de D. Frei Manuel Do Cenáculo (v.1).” Universidade de Évora, 2012.) (Ana Paula Meyer Velloso, “Bibliotecas Particulares e Dispositivos de Leitura” Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008).

⁷⁷⁵ Abecasis, “A Real Mesa Censória e a Edição Setecentista Portuguesa”. p. 16.

⁷⁷⁶ Martins, “A Censura Literária em Portugal nos Séculos XVII e XVIII”. p. 116.

⁷⁷⁷ Oliveira Ramos, “A Irreligião Filosófica na Província Vista do Santo Ofício Pelos Fins do Século XVIII”. pp. 173-174.

⁷⁷⁸ “As reformas “mariano-joaninas” provam justamente o contrário de um movimento de retorno.” (José Subtil. “O Antigo Regime Vol. IV.” In *História de Portugal*, editado por José Matoso. s.l.: Editorial Estampa, 1998. p. 160.)

para engrossar as fileiras do exército que o Conde de Lippe reorganizava⁷⁷⁹), a Universidade de Coimbra e os círculos intelectuais de Lisboa.⁷⁸⁰ Muitos ouviam as máximas ilustradas das Luzes, mas o núcleo de estudantes de Coimbra foi o grande propagandista dos *ideais* “na universidade como também foi o elo de ligação entre os que em Valença, em Coimbra e em Lisboa se interessavam pela Ilustração”.⁷⁸¹

Oliveira Ramos cauciona, também, que:

“(…) sob o governo de D. Maria I, pela intensidade das leituras, interesses dos componentes, teor dos conceitos debatidos, natureza das fontes utilizadas, possuem inegável alcance o núcleo de soldados e estudantes ilustrados de Valença do Minho, os núcleos de Coimbra, projetores da viva contestação estudantil; os de Lisboa, com relevo para os heterodoxos da casa do risco da Ribeira das naus e para o liderado por José Bonifácio de Andrade e Silva, o de Lamego, onde pontificou um certo professor Agostinho José Freire, que não é o ministro liberal. Só que funcionaram outros cenáculos menos pesquisados e há um bom número de casos individuais, dispersos pela geografia nacional, agrupáveis, ou não, segundo o teor e a densidade das proposições que defendem.”⁷⁸²

No que toca, diretamente, à libertinagem, heresia que minava os fundamentos da autoridade absolutista, não só continua a ser perseguida, como havia previsto o regulamento de 1768, como também é aprofundada. É acentuada a perseguição aos hereges do pensamento, sobretudo jovens instruídos e clérigos “pouco firmes” ou de “costumes debochados”, jovens académicos, eclesiásticos cultos e filhos da nobreza. Tenta-se obstaculizar a irradiação dos ideais revolucionários que influenciariam espíritos com vocação para o livre-pensamento: os racionalistas, os “iluminados”, os apontados como libertinos e perigosos, numa palavra, os sediciosos.

Durante a Viradeira acentua-se a perseguição dos hereges filósofos e da Maçonaria. A perseguição do grupo de Valença é prova do despertar da Inquisição no início do reinado mariano. Os processos contra José Anastácio da Cunha e os outros libertinos de Valença são paradigmáticos.

António Ferro constata, a propósito do processo movido pela Inquisição contra José Anastácio da Cunha em 1778⁷⁸³, que

⁷⁷⁹ João Pedro Ferro, *O Processo de José Anastácio Da Cunha 1778*, Lisboa: Palas Editores, 1987. p. X.

⁷⁸⁰ Dias, “Os Primórdios da Maçonaria em Portugal. Volume I”. p. 245.

⁷⁸¹ “Integravam esse núcleo o valenciano José Maria Teixeira, quintanista de Cânones, o escolar de leis Pereira de Araújo e ainda Jerónimo Francisco Lobo, condiscípulo lisboeta de Teixeira, que na residência deste passara as férias de verão de 1776.” (Oliveira Ramos, “A Irreligião Filosófica na Província Vista do Santo Ofício Pelos Fins do Século XVIII”. p. 180).

⁷⁸² Oliveira Ramos. p. 176.

⁷⁸³ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”.

“(…) durante o governo do Marquês de Pombal, reinou uma certa liberalidade o que, aliado a uma subordinação do poder eclesiástico e a um complexo jogo de proteções, contribuiu para que o grupo heterodoxo de Valença não tivesse tido problemas com a Inquisição. (...), antes da viradeira, José Anastácio da Cunha encontrava-se protegido pelo próprio Marquês de Pombal - que o nomeou para a Universidade de Coimbra (...) pela influente família de Sousa Coutinho e pelo próprio intendente Geral da Polícia, José Inácio Ferreira Souto (...).”⁷⁸⁴

Já Oliveira Ramos é do entendimento, referindo-se à Devassa de Valença de 1777, de que não só os processos, mas também as próprias

“denúncias, mesmo quando falsas ou arquivadas sem mais, revelam pistas sobre ideias e perspetivas, pois se não as conhece o denunciado, sabe-as, de alguma maneira, o denunciante, facto que comprova a difusão dos conteúdos em causa no país.”⁷⁸⁵

Neste âmbito, delata, no processo contra José Anastácio da Cunha, D. Rodrigo da Cunha Manuel Henriques de Melo e Castro

“estavam infecionadas as conversações pela corrupção da época, que admitia tratar-se dos pontos de Disciplina, de Dogma e de matérias tocantes a Religião católica (...)” “conversas havidas.... Sobre matérias de dogma respeitantes à religião católica, conversas tidas (...) se a fornicção simples era pecado, (...) José Anastácio dizia, que era ponto político (...) se tratou de ateísmo (..) João Paulo Bezzerra, um francês chamado Monsieur Vache, José Anastácio seguiam o Sistema dos Deístas e outras mais pessoas que lhe não lembram (...) que na casa do dito José Anastácio, quando se juntavam se fazia uso de Tostas de manteiga, ainda que em dias de jejum (...).”⁷⁸⁶

A reforma pombalina tinha levado para Coimbra livres-pensadores libertinos, como comprova o convite a José Anastácio da Cunha para lecionar. Graça e José da Silva Dias explanam que “No ano letivo 1777-1778 o deísmo e o filosofismo tinham-se tornado moeda corrente nas conversas e disputas entre estudantes de Coimbra.”⁷⁸⁷

⁷⁸⁴ Ferro, *O Processo de José Anastácio Da Cunha 1778*. p. XVII.

⁷⁸⁵ Oliveira Ramos, “A Irreligião Filosófica na Província Vista do Santo Ofício Pelos Fins do Século XVIII”.

⁷⁸⁶ “ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087”.

⁷⁸⁷ Dias, “Os Primórdios da Maçonaria em Portugal. Volume I”. p. 255.

Mas, paradoxalmente, a política pombalina, que se queria iluminada, havia criado e combatido heresias que advinham do pensamento oriundo da Europa iluminista, censurando-as com vista a assegurar o poder absolutista através da Igreja. Ao criar a Mesa Censória logrou, também, senão essencialmente, acentuar a mescla entre as coisas política e religiosa (inseparáveis, dado os poderes dependerem incindivelmente um do outro, a fim de se afirmarem).

Por ofício pontifical, de 5 de junho de 1777, Roma reclamou a restituição do direito de censura sobre as publicações para os membros eclesiásticos. Todavia, o Papa Pio VI resolveu delegar na Real Mesa Censória a jurisdição eclesiástica sobre este assunto. Esta instituição só foi reformada dez anos depois de Dona Maria I chegar ao poder, a 21 de junho de 1787, passando a designar-se "Real Comissão Geral sobre o Exame e Censura de Livros", tendo funcionado, tão-só até 1794, ano em que, a 17 de dezembro, foi abolida. O Regime Mariano devolve à Inquisição a parceria privilegiada da Intendência da Polícia para o combate aos textos, símbolos e ideias revolucionárias.⁷⁸⁸

3. Processos posteriores à criação da Real Mesa Censória

No tocante aos processos posteriores à criação da Mesa Censória, em cumprimento do normativo da reforma de 1768, eis os que nos foi dado ler:

Em 1770, no foro de Lisboa, foi julgado Lourenço José de Medeiros da Silva Carreiro, natural dos Açores, acusado de heresia, não existindo dúvidas de que se trata de um libertino. Médico e morador na Cidade de Ponta Delgada, só pode ter estudado em Coimbra. Foi leitor de Voltaire e Febronius⁷⁸⁹, é detentor de dicionário Francês.

Acusado de discorrer contra os mistérios da fé, faz referência expressa a libertinismo. É acusado de galanteria e de que terá defendido que:

“o pecado original começara depois dos escritos de Santo Agostinho, que antes nem a Escritura Sagrada, nem outro algum Santo Padre falava em semelhante culpa ser transcendente de adão para os mais homens”.

Afirma-se ter tido:

⁷⁸⁸ Moreira, *Filinto Elísio: O Exílio Ou o Regresso Impossível*. pp. 144-149. Oliveira Ramos indica que “Depois do ativismo que caracteriza a sua atividade no início do reinado de D. Maria e das diligencias posteriores que visam pedreiro livres, a Inquisição preocupa-se pouco com o teor das denúncias acerca de ímpios e heréticos, inclusive se o que é enunciado reveste gravidade. casos raros, em que há processos e condenação, culminam com aplicação de penas pouco expressivas.” (Oliveira Ramos, “A Irreligião Filosófica Na Provincia Vista Do Santo Oficio Pelos Fins Do Século XVIII.” pp. 173-174.)

⁷⁸⁹ Angelo Febrônio: escritor italiano do século XVIII.

“proposições menos convenientes sobre alguns pontos da nossa religião”, “sobretudo sobre a autoridade do Papa, a respeito dos Concílios Universais, matéria opinativa em alguma Universidade da Europa, Baseado em Justino Ferbonio e Voltaire”.

Refere que:

“na primitiva Igreja todos tinham a mesma autoridade, que Voltaire seguia (ilegível) dos escritos de Santo Agostinho”.

Terá defendido que:

“O pontífice não tinha mais autoridade que qualquer bispo no seu bispado”.

Já em 1778, após a subida ao poder de D. Maria, inicia-se na Inquisição de Lisboa, o processo n.º 5643, de João Pereira,⁷⁹⁰ antigo estudante da Universidade de Coimbra, que não acabou o curso por falta de meios. É assistente na Ilha da Madeira, em casa do Governador, natural de Rio de Janeiro, acusado por heresia, com testemunho de vários estudantes.

Os seus propósitos, muito interessantes, revelam um ideário libertino, já que refletem “sentimentos errados em pontos de religião”, pois:

“duvidava de alguns pontos de religião pelo que, duvidar de toda ela, e até da existência de Deus, mete em dúvidas da imortalidade da alma que bastava a observância da lei natural, para qualquer homem se salvar”.

Mais ousara referir, conforme declararam testemunhas

“que a fé é natural e que a religião se revelava interiormente, a religião era revelada interiormente e que a alma era mortal, não havendo inferno. Falava com irrisão nos artigos da Nossa santa Fé Católica e seus Dogmas”.

São referenciados os seus três companheiros, João Guerreiro Nunes Leger (?), Diogo José de Morais Callado, Lourenço Justiniano de Morais Callado que, nos anos, passado e presente (1776- 1777), continuaram e aos quais se juntou António Caetano de Freitas em outubro 1776 Davam de forma mútua, frequente e sem reservas a conhecer as práticas que entre si tinham, os seus sentimentos de religião e os erros que seguiam.

⁷⁹⁰ ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de João Pereira, n.º 5643, fl. 1.

“Frequentemente, em conversas, o Réu discorreu sobre “a verdade da nossa religião, comunicando os sentimentos que tinha opostos a ela” E seguir fé puramente natural regozijando todas as verdades da religião revelada era dos mesmos sentimentos.”

Verifica-se, na análise deste processo, a referência a um tópico libertino da maior importância: “a dissimulação (máscara) libertina” que permitiu, no início do século anterior, aos libertinos eruditos franceses, tecerem as suas considerações e, sobre as mesmas, discorrerem, mantendo sempre uma descrição essencial a quem pertencia ao círculo do monarca absoluto.⁷⁹¹ Assim dispõe o réu:

“em outras conversações em que se falava em abono das mesmas verdades, com diversas pessoas, ele mostrava ser muito católico, e tinha a cautela de se não declarar com elas”.⁷⁹²

mais informa, numa manifestação tipicamente libertina da explanação para o grupo de iniciados *deniaisés*, que

“diante de outras pessoas não duvidara declarar os sentimentos que tinha” (...) Diante dos quais se expunha sem cautela.”⁷⁹³

Refere também

“que por mais viagens que se tenham feito, ainda se não descobriu o inferno”

e

“que ele se não devia embaraçar de que qualquer pessoa se servisse da sua mulher, e que devia ter por quimera o que se chama honra.”⁷⁹⁴

E, como se não bastasse, confessa ter

“tido tratos lascivos com uma recolhida do Convento de Celas, com quem se correspondia nas mesmas grades do coro sem que disso tivesse”

E que

⁷⁹¹ Antony McKenna; Pierre François Moreau. “Les Libertins et Le Masque: Simulation et Représentation. 5.” In *Libertinage et Philosophie*, edited by Institut Claude Longeon - Renaissance Âge Classique. Publications de l'Université de Saint-Étienne, 2001.

⁷⁹² Verifica-se uma manifestação da dissimulação/máscara libertina.

⁷⁹³ Além dele réu eram: Lourenço Justiniano, seu irmão Francisco José de Almeida João Laureano Nunes p. 4 verso) ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de João Pereira, n° 5643, fls. 1-8.

⁷⁹⁴ À margem: contra o voto da castidade

“leram ambos um livrinho anónimo intitulado Otimismo, que se dizia ser de Voltaire, que em vários lugares pretendia ridicularizar a religião católica”.

Mais assume que

“Em consequência dos seus erros e de não acreditar nos preceitos eclesiásticos comera por muitas vezes carne em dias nos quais a igreja.”

Em 1779, pela Inquisição de Lisboa, processo 5640,⁷⁹⁵ Francisco de Melo, formado em Medicina, natural da América, é acusado de heresia. O seu propósito advém de um pensamento libertino e faz referência à mortalidade da alma.

É de 1780, da Inquisição de Lisboa, o processo n.º 16335,⁷⁹⁶ o traslado da denúncia que fez Francisco Joaquim Moreira de Sá contra o José de São Bernardino Botelho, reitor da Congregação dos Evangelistas, Francisco da Silva Queirós e José de São Bernardo Botelho,⁷⁹⁷ acusados de materialismo e deísmo no traslado da denúncia de Francisco Joaquim Moreira de Sá contra o Reitor José de São Bernardino Botelho.

Denuncia José de São Bernardo Botelho como libertino, e aos outros clérigos de materialismo e deísmo. Denuncia a leitura de livros proibidos. Delata que o clérigo terá afirmado que a religião é politicamente necessária para sustentar o Estado.

Do mesmo ano de 1780, da Inquisição de Lisboa, é o processo de D. José de Brito,⁷⁹⁸ residente no Funchal e que esteve em Londres. Este processo teve origem numa ordem do Tribunal do Santo Ofício. O seu libertinismo é, expressamente, referido por uma testemunha.

Em 1781 ocorre a delação de um núcleo libertino no Funchal, no processo que corre pela Inquisição de Lisboa.⁷⁹⁹ Trata-se de correspondência de António Nicolau de Sousa e Silva e consiste em testemunhos que delatam “a vida libertina”. É feita referência a vários nomes, entre os quais Carlos Alder, natural do Funchal.⁸⁰⁰

Nesse mesmo ano, 1781, e pelo mesmo foro da Inquisição de Lisboa é acusado Tomás Inácio da Silveira, negociante, natural da Ilha do Faial e residente em Lisboa, com a acusação por heresia.

⁷⁹⁵ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Lisboa, Processo de Francisco de Melo, proc. 5640.

⁷⁹⁶ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Lisboa, Processo, de Francisco da Silva Queirós, proc. 16335.

⁷⁹⁷ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Lisboa, Processo, de Francisco da Silva Queirós, proc. 16335.

⁷⁹⁸ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Lisboa, Processo de D. José de Brito, proc. 12515.

⁷⁹⁹ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Lisboa, Processo de António Nicolau de Sousa e Silva, proc. 14330.

Este processo é um verdadeiro tratado de libertinagem: o réu é incriminado por racionalismo e é leitor de livros franceses, menciona as liberdades que os franceses abraçavam. Mas, além de racionalista, revela-se, também libertino, não só porque ao seu libertinismo é feita referência, mas também porque tece comentários sobre a mortalidade da alma, refere a Lei Natural, explana que as religiões haviam sido instituídas pela política e nega a existência de milagres. Constam deste processo cartas sobre libertinagem e reflexões sobre libertinagem.

O Processo da Inquisição de Lisboa de 1785, em que é delatado João José de Melo, do Regimento do Recife, originado por cartas de delação de João Leitão Figueira contra Francisco António de Melo e outros, oferece-nos um novo caso de libertinagem. Desta feita, a denúncia ocorre no Brasil, Recife, Olinda. Um soldado delata, por carta, um outro, alegando que este profere blasfêmias: é feito um termo de autenticação porque o comandante do Regimento não aceita a denúncia.⁸⁰¹

4. Real Comissão Geral sobre o Exame e Censura de Livros

Após 1787 e a reforma de D. Maria à Real Mesa Censória, sob a alçada da “Real Comissão Geral sobre o Exame e Censura de Livros”, em 1790, processo que corre pela Inquisição de Lisboa, José Manuel da Silva Soares⁸⁰², natural de Rio de Janeiro, é indiciado por heresia, alegando-se que tem comportamentos libertinos.

No ano seguinte, 1791, Gregório Freire Carneiro,⁸⁰³ assistente na Praça do Rocio, denunciado por frequentar a Maçonaria, é acusado de ter comportamentos libertinos. Nas páginas deste processo, muito interessante, existe um autêntico parecer acerca do libertinismo e uma carta com a descrição de todo o rito maçom.

Trata-se de um processo importante porque contém um parecer acerca dos propósitos dos libertinos e referências sobre o prazer carnal:

“à satisfação do apetite carnal”, “ele era fácil não só em comer carne nos dias proibidos pela Igreja, mas também em aconselhar a outras”, “a Glória não podia conter em si hum tal bem que pudesse equiparar-se à satisfação do apetite carnal”, “proferira muitas vezes que a satisfação de um ato lascivo consumado, podendo durar uma eternidade, ele a escolhera julgando certo que a gloria não podia produzir um gosto mais completo”.

⁸⁰¹ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Lisboa, Processo de Lourenço João José de Melo, proc. 16336.

⁸⁰² ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Lisboa, Processo de Lourenço José Manuel da Silva Soares, proc. 2862.

⁸⁰³ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Lisboa, Processo Gregório Freire Carneiro, proc. 3757.

O processo da Inquisição de Lisboa, de João Burgel de Oliveira⁸⁰⁴, natural de Abrantes e soldado Cadete na Praça de Castelo de Vide, datado de 1792 é pela heresia de libertinagem.

Encontrou-se uma referência interessante ao tópico libertino da “população ignorante”, no processo da Inquisição de Lisboa, movido contra Bernardino Henriques de Ornelas e Vasconcelos,⁸⁰⁵ em 1792; o delato é libertino a acusação é por frequência da Maçonaria.

Delata-se, em 1793, pelo processo da Inquisição de Lisboa, Bernardo José Raposo⁸⁰⁶, natural da Covilhã, residente em Lisboa, homem de negócios, judeu; é acusado de blasfémia. Poderá ser um falso testemunho, todavia, garantem as acusações que lhe são tecidas, os propósitos sobre religião e comportamentos que se lhe imputam seriam, se não o forem, indiciadores de um espírito libertino.⁸⁰⁷ É certo que, sendo judeu, é anti-cristão por essência, o que, todavia, em nada se compagina com o anticristianismo que estudamos.

Da Inquisição de Lisboa, em 1793, consta o processo de Vicente Júlio Fernandes,⁸⁰⁸ denunciado por atividades maçónicas. Ainda no mesmo foro da Inquisição de Lisboa, no ano seguinte, em 1794, o processo de Joaquim António de Sena⁸⁰⁹, indiciado por proferir proposições sacrílegas e heréticas, nomeadamente as características do libertinismo, com referência expressa à libertinagem: a inexistência do inferno e a dúvida da imortalidade da alma. Confessa materialismo e alega que o pontífice seria muito amigo de dinheiro.

Em 1770, pela Inquisição de Coimbra, surge o processo de Maria Francisca,⁸¹⁰ indiciada por blasfémia, natural do Bispado de Lamego e residente no Porto. É libertina e o seu processo é interessante, já que é recolhida no Recolhimento de Nossa Senhora do Patrocínio e a racionalidade dos seus argumentos indiciam uma heterodoxia libertina:

“a hóstia não passa de broa”, “não quer adorar imagens”, “se não trabalhasse para o seu sustento não lho haveriam de dar os Santos” “que uns eram de pau outros de pedra, que a ela declarante não fariam milagre algum”.

⁸⁰⁴ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Lisboa, Processo de João Burgel de Oliveira, proc. 2828.

⁸⁰⁵ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Lisboa, Processo de Bernardino Henriques de Ornelas e Vasconcelos, proc. 8615.

⁸⁰⁶ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Lisboa, Processo de Bernardo José Raposo, proc. 2822.

⁸⁰⁷ “(...) As denúncias, mesmo quando falsas ou arquivadas sem mais, revelam pistas sobre ideias e perspetivas, pois se não as conhece o denunciado, sabe-as de alguma maneira, o denunciante, facto que comprova a difusão do conteúdo em causa no país”.(Oliveira Ramos, “A Irreligião Filosófica na Província Vista do Santo Ofício Pelos Fins do Século XVIII”. p. 174)

⁸⁰⁸ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Lisboa, Processo de Vicente Júlio Fernandes, proc. 17569.

⁸⁰⁹ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Lisboa, Processo de Joaquim António de Sena, proc. 5850.

⁸¹⁰ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de Maria Francisca, proc. 9526.

Foi uma denúncia em Braga, perante Comissario do Santo Ofício, que originou o processo dos militares heterodoxos da fortaleza de Valença e dos escolares a eles direta ou indiretamente ligados. Teve forte repercussão e António Lobo de Carvalho dedicou-lhes, mesmo, versos de gracejo: “filósofos de unto e broa”. De grande importância para os nossos propósitos, ou não fosse José Anastácio da Cunha parte do mesmo, este núcleo heterodoxo libertino foi sujeito a devassa secreta em Valença.

“Alguns visados foram perseguidos, condenados e levados a auto de fé, em outubro de 1778; enquanto a outros foram menos gravosas as penas aplicadas.”⁸¹¹

Na sequência dessa ordem deverão estar os processos que consultámos e seguidamente referimos.

5. Processos resultantes da devassa de Valença

Em 1777, ano da tomada do poder de D. Maria, pela Inquisição de Coimbra, dá-se o início do processo de José Maria Teixeira,⁸¹² de que se afere o libertinismo. No mesmo ano, pelo mesmo foro da Inquisição de Coimbra, o processo de Francisco de Paula, estudante de Coimbra, indiciado por heresia.⁸¹³ Deste processo resulta a referência a livros em língua francesa. Destacam-se a Análise do Dicionário de Pedro Bel (Pierre Bayle), livros de Voltaire, o Dicionário de Montesquieu e Rousseau. É feita referência à Real Mesa Censória que os mandou queimar. Menciona-se deísmo. Escreve-se sobre heresia vocal e heresia mental. Mais se menciona a Dedução Cronológica e Analítica.

É de 1778, da mesma Inquisição de Coimbra, o célere e essencial processo de José Anastácio da Cunha,⁸¹⁴ por heresia, sobre o qual já tivemos a oportunidade de nos debruçar. Por sua vez, também em 1778, nesta mesma Inquisição de Coimbra, dá-se o processo de Miguel de Kinselach,⁸¹⁵ indiciado por frequência da Maçonaria e incriminado por libertinagem.

⁸¹¹ “Por torpe denúncia dum estudante medroso, formulada ante o comissário do santo Ofício em Braga, Doutor Manuel Calvo Mondragão, a heterodoxia dos militares da fortaleza de Valença e dos escolares a eles direta ou indiretamente ligados chegou ao conhecimento daquele tribunal. A Inquisição, depois de efetuar uma devassa secreta em Valença, perseguiu-os e condenou-os, levando a auto da fé, em outubro de 1778, os principais membros do grupo, enquanto, aos menos importantes, aplicou somente penas leves.” (Oliveira Ramos, “A Irreligião Filosófica na Provincia Vista do Santo Ofício Pelos Fins do Século XVIII”. pp. 180 – 181)

⁸¹² ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Maria Teixeira, proc. 8084.

⁸¹³ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de Francisco de Paula, proc. 8086

⁸¹⁴ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087.

⁸¹⁵ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de Miguel de Kinselach, proc. 8089.

O estudante do primeiro ano de leis, Joaquim Vicente Pereira de Araújo,⁸¹⁶ é, em 1778, acusado de heresia por esta mesma Inquisição de Coimbra. Confere-se, pela análise dos autos, que é libertino e trata-se um processo importante para a nossa investigação por no mesmo se fazer referência a impiedade libertina. “ímpio libertino” qualifica-se.

Na Inquisição de Coimbra, acusa-se por heresia José de Sousa,⁸¹⁷ em 1778. Trata-se de um soldado de Valença libertino. Nesse mesmo ano, Henrique Leitão de Sousa,⁸¹⁸ filho de Capitão, advogado, cadete do regimento de Artilharia do Porto, aquartelado em Valença, é chamado à Inquisição de Coimbra, sob a acusação de heresia.

Na Inquisição Coimbra, ainda em 1778, ocorre o processo de João Manuel de Abreu,⁸¹⁹ soldado de Valença. Natural de Olivença do Bispado de Elvas, é acusado de heresia. Foi referido por José Pereira Freire de Andrade, neste mesmo foro. Consta do processo que leu Voltaire. Revela-se importante porque há alusão a práticas libertinas e o seu discurso toca todos os pontos que caracterizam o libertinismo. Alude ao pensamento de Newton e à mortalidade da alma: “tratou pontos de *libertinage* contra a disciplina da igreja”, pode-se ler.

Outro soldado aquartelado na Praça de Valença, Manoel do Espírito Santo Limpo⁸²⁰, foi julgado pela Inquisição de Coimbra, em 1778. Fez declarações, inquestionavelmente, libertinas: que a alma racional morria com o corpo, que a religião era civil e não verdadeira, que religião cristã era falsa, não crê em milagres, que a máquina do universo podia não ter o seu princípio em Deus, fala de Newton e Voltaire. Terá alegado que Maria não era pura e, mais, comia carne nos dias de jejum. Existem, no processo, alusões expressas a libertinagem.⁸²¹

Aleixo Vache também é julgado pela Inquisição de Coimbra em 1778.⁸²² É, na mesma Inquisição e no mesmo ano, acusado de heresia e de leitura de livros proibidos, José Leandro Meliani da Cruz⁸²³. O mesmo acontece, a Júlio Henriques Gordilho Cabral⁸²⁴, estudante 5º ano de leis da Universidade de Coimbra no mesmo ano e foro da Inquisição de Coimbra. Libertino, acusado de heresia, é natural do

⁸¹⁶ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de Joaquim Vicente Pereira de Araujo, proc. 8091.

⁸¹⁷ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José de Sousa, proc. 8085.

⁸¹⁸ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de Henrique Leitão de Sousa, proc. 17093.

⁸¹⁹ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de João Manuel de Abreu, proc. 8076.

⁸²⁰ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de Manoel do Espírito Santo Limpo, proc. 8077.

⁸²¹ “ajustaram-se entre eles um para matar o pontífice, outro a hum Rey e outro para arrebatar das mãos de um sacerdote a hóstia depois de consagrada.”

⁸²² ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de Aleixo Vache, proc. 8078.

⁸²³ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Leandro Meliani da Cruz, proc. 8081.

⁸²⁴ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Julio Henriques Gordilho Cabral, proc. 8083.

Patriarcado de Lisboa e residente em Setúbal. É expressamente feita referência a libertinagem no corpo do processo e lê-se a delação de companheiros.

Ainda em 1778, a Inquisição de Coimbra julga José Joaquim Barbosa de Andrade,⁸²⁵ estudante, do 5.º ano de leis na Universidade de Coimbra. Natural de Gondarém, residente em Vila Nova de Cerveira ou na Barca, é acusado de heresia e é um libertino. Como confirmam os seus propósitos sobre a mortalidade da alma, a defesa de que não há inferno nem purgatório e a defesa do direito natural e do primado da razão. Terá recebido a lição de livros franceses. Denuncia vários colegas, entre os quais, José Fernandes Migueis, advogado nos auditórios de Valença.

No ano seguinte, em 1779, pela Inquisição de Coimbra, é julgado José Maria da Fonseca⁸²⁶, natural de Lisboa e residente em Coimbra, estudante do 3.º ano de leis, pelo crime de heresia. Confirma-se ser libertino e especifica-se que o é, também, nos seus costumes.

Ainda em 1779, António Morais da Silva⁸²⁷, nesta Inquisição, é acusado de Maçonaria; o processo afigura-se-nos importante. É pedreiro-livre e libertino, como comprovam as suas afirmações acerca da mortalidade da alma, sobre comer carne nos dias proibidos, sobre a razão, sobre a fornicação simples e a política. O acusado questiona também a religião, fala muito de direito natural, e menciona, mesmo, o pirronismo.

Cessamos aqui a enumeração dos processos⁸²⁸ resultantes da devassa de Valença que nos foi dado investigar.

⁸²⁵ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Joaquim Barbosa de Andrade, proc. 8096.

⁸²⁶ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Maria da Fonseca, proc. 726.

⁸²⁷ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de António Morais da Silva, proc. 8094.

⁸²⁸ Oliveira Ramos, em "A Irreligião Filosófica na Província Vista do Santo Ofício Pelos Fins do Século XVIII". pronuncia-se longamente sobre esta temática com referências expressas a variados processos. Em causa, estão "Ecos voltairianos análogos detetamos em vários processos e denúncias que envolvem gente de muitas regiões, presa a opiniões que os inquisidores dizem "impias e heréticas", poste que expressas declarativamente, sem suporte reflexivo capaz, ou fonte livresca conhecida, anote-se. Esses comentários versam sobre a virgindade de Maria, a inexistência de inferno, a mortalidade da alma, a ineficácia e desnecessidade das bulas da cruzada e também, já o dissemos, acerca dos mistérios e sacramentos da Igreja, pontos, todos eles, combatido pelos literatos das "Luzes", não se esqueça. Há do mesmo modo quem se afirme ateu e quem garanta que os santos não passavam de bocados de pau: Como acontecia em Valença, em Coimbra e em Lisboa, evocando fontes ilustradas, variadíssimos são os que propugnam que a "fornicação simples não é pecado" e os que em nome delas se eximem ao preceito dominical e aos jejuns." (...) "certo denunciado de Torres Vedras, esse proclamava (como alguns ilustrados diziam) que a religião apenas ajudava os governantes a bem reger os povos." (...) "que era impossível que Deus Nosso Senhor tivesse reservado para (os) seu filhos um lugar de tanto horror como diziam era o Inferno, "o inferno vera uma cousa pintada somente para intimidar a gente", os santos" tal como a Virgem, não rogavam nem intercediam por ninguém, os milagres que se lhe atribuíam eram falsos" (...) "também a fornicção simples não constituía pecado. Para mais, anos antes, em Valença, costumava comer carne com os militares ingleses, na Quaresma."

As discussões mais elaboradas têm lugar entre intelectuais e nas tertúlias académicas de Coimbra. O nível desce nos círculos castrenses, varia conforme os intervenientes, assume formas incipientes e grosseiras em vários pontos do país. Nos lugares melhor apetrechados, lêem-se livros ou nacos de livros em folhas volantes. (...) A rebeldia é de pensamento e tem muito a ver com os problemas religiosos que quotidianamente envolvem as populações.

Já de 1783, da Inquisição de Coimbra, consultámos o processo por heresia de Francisco Xavier Borges Pimentel,⁸²⁹ natural de Vila Real, que vivia da sua fazenda: existe referência expressa a espírito herético e libertino. Não aceita os milagres dos santos, seria materialista e defende que a alma não é imortal.

Também de 1783, da mesma Inquisição de Coimbra, o processo de Isabel Arrias,⁸³⁰ acusada de blasfémia. Natural de Castelhedo de Mourisco, Salamanca, Espanha, residente inicialmente em Salamanca, viveu, também, em Almofala, ainda em Espanha, para depois se estabelecer no bispado de Pinhel. Trata-se de uma libertina casada com Pedro André, soldado granadeiro, alegadamente libertino, mas também amancebada com o libertino Manuel Madrugas.

Na década seguinte, em 1792, pela Inquisição de Évora, ocorre o julgamento de Inocêncio José Torrinho⁸³¹, natural de Borba, soldado do Regimento de Artilharia de Elvas.

6. O regresso da Inquisição

Após o regresso da Inquisição, em 1794, abolida que foi a “Real Comissão Geral sobre o Exame e Censura de Livros”, o exame e a censura dos livros voltaram a ser exercidos pelo Santo Ofício, pelo Desembargo do Paço e pela autoridade episcopal.⁸³²

Ocorre, em 1796, o processo pela inquisição de Lisboa de Vito Venâncio Mayer,⁸³³ natural de Santarém, acusado de heresia. Prior na vila de Erra, é denunciado por usar a lição de livros proibidos, referem-se os erros de Voltaire e é expressamente delatado por libertinagem.⁸³⁴

A revisão crítica, a adoção da tolerância e do respeito pela opinião alheia, aliada à formulação de alternativas e ao gosto pelo Progresso constituem sinais de liberdade, põe em causa a prevalência cega da tradição e das dogmáticas próprias da aliança entre o trono e o altar. Para mais da contestação no âmbito religioso alguns passam à crítica ao trono e à formulação de alternativas políticas sob a égide da razão. Uns quedam-se nos limites do reformismo monárquico, outros partem rumo ao liberalismo que assim fica à mercê de uma minoria criativa, ousada, esclarecida.” (Oliveira Ramos.pp. 186-188.)

⁸²⁹ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de Francisco Xavier Borges Pimentel, proc. 8858.

⁸³⁰ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de Isabel Arias, proc. 3956.

⁸³¹ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de Inocêncio José Torrinho, proc. 11520.

⁸³² As funções exercidas não sofreram alteração e os próprios livros de registo foram elaborados sequencialmente.

⁸³³ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Lisboa, Processo de Vito Venâncio Mayer, proc. 403.

⁸³⁴ É por esta altura, um ano depois, que, a sete de agosto, Pina Manique dá ordem de prisão por “desordem nos costumes” a Manuel Maria Barbosa l'Hedois du Bocage, como aprofundámos em sede própria. Detenção no Limoeiro até 14 de novembro de 1797, posteriormente entra no calabouço da Inquisição, no Rossio. Faz seguidamente, breve passagem pelo Convento dos Beneditinos e, entre 17 de fevereiro e 31 dezembro 1798, é internado no Real Hospício das Necessidades, dirigido pelos Padres Oratorianos de São Filipe Neri, (à semelhança do que ocorrera com José Anastácio da Cunha, que foi recebido entre a mesma ordem, quase três décadas e meia antes, em 1762).

Em 1799, pela Inquisição de Lisboa, inicia-se o processo de Joaquim Manuel da Costa Quintela,⁸³⁵ capitão-tenente da Real Marinha, indiciado por heresia. Leu Voltaire, Helvétio e deixou-se influenciar por estes. No âmbito do processo, é feita referência ao ateísmo, ao deísmo e ao indiferentismo. Refere a oposição de Bergier a Rousseau, as *Cartas de uma mãe a seu filho*,⁸³⁶ e os *Pensamentos* de Pascal. É culto e viajado. Há referência, no âmbito do processo, a prazeres libidinosos. Denuncia muita gente.

Ainda neste ano, pela Inquisição de Lisboa, teve lugar o processo de António Fernandes,⁸³⁷ natural de Lisboa, acusado de heresia: Vivia do seu negócio de venda de sua fazenda. O processo tem origem numa carta de denúncia que o acusa de proferir que “não havia inferno e que o inferno era deste mundo”. Trata-se de propósitos libertinos.

Gonçalo de Magalhães Teixeira Pinto,⁸³⁸ na Inquisição de Coimbra, em 1794, é acusado de heresia e apostasia. Trata-se de um processo interessante com referências ao materialismo, naturalismo e “à impostura de Jesus”.⁸³⁹

Em 1798, António José Domingues,⁸⁴⁰ natural em Barcelos e aí residente, soldado miliciano do Regimento da Milícia de Vila do Conde, é indiciado à Inquisição de Coimbra por blasfémia e é referenciado como libertino sem, todavia, existir no processo referência a qualquer filosofia ou dado cultural relevante.

No ano seguinte, em 1798, neste mesmo foro inquisitório de Coimbra dá-se o processo de José Joaquim Fernandes Galhas,⁸⁴¹ sob a acusação de heresia. Parece ser libertino referindo um “espírito de liberdade e irreligião”. Desvenda-se-lhe, também, um ideário regalista, dizendo, inclusivamente, que o Papa é corruptível.

Na Inquisição de Coimbra, em 1799, Manuel Pereira da Graça,⁸⁴² doutor graduado na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, natural de Aveiro, é acusado de heresia. Do seu processo afere-se que é libertino.

Da Inquisição de Coimbra, em 1801, o processo de D. Ana Clementina Ataíde de Meneses e Vasconcelos,⁸⁴³ natural St^a Maria de Oliveira, residente no Convento de Nossa Senhora da Conceição, de Braga, onde é educanda. Lê livros contra a Religião e foi persuadida contra a religião por um religioso:

⁸³⁵ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Lisboa, Processo de Joaquim Manuel da Costa Quintela, proc. 410.

⁸³⁶ "Cartas de uma mãe a seu filho pelas quais lhe prova a verdade da religião cristã" <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=6064552>

⁸³⁷ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Lisboa, Processo de António Fernandes, proc. 14798.

⁸³⁸ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de Gonçalo de Magalhães Teixeira Pinto, proc. 704.

⁸³⁹ A Impostura de Jesus, é um tema recorrente desde a Idade Média .Minois, *Le Traité Des Trois Imposteurs - Histoire d'un Livre Blasphématoire Qui n'existait Pas*.

⁸⁴⁰ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de António José Domingues, proc. 728.

⁸⁴¹ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Joaquim Fernandes Galhas, proc. 715.

⁸⁴² ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de Manuel Pereira da Graça, proc. 4748.

⁸⁴³ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de D. Ana Clementina Ataíde de Meneses e Vasconcelos, proc. 8294.

Manuel de Teixeira de São Francisco. Existem referências a heresia mista e a heresia externa, a impulsos do corpo e a Materialismo. É, concomitantemente, uma libertina.

Também na Inquisição de Coimbra, em 1805, localizámos o processo de António Inácio da Silva.⁸⁴⁴ Segundo os autos, indivíduo de costumes soltos, admitiu ter-se deixado seduzir pela doutrina em questão para poder faltar, sem remorso, aos bons costumes e ao voto de castidade.

“Seguiu o horroroso sistema de irreligião” em que apenas se admitia “existência de um Deus como autor da natureza e negava todos os mistérios e verdades que se contém na Sagrada Escritura e a Igreja Católica propõe, seguindo e admitindo todos os erros e absurdos que resultavam de tão erróneo princípio e comunicado e seus com várias pessoas”

Em 1819, António Joaquim Mendes Moreira,⁸⁴⁵ residente em Penafiel, é acusado de Maçonaria pela Inquisição de Coimbra. Processo importante para os nossos ensejos, expõe propósitos libertinos, tais como os de que o matrimónio é um simples contrato; refere-se à questão da mortalidade da alma, fala na Razão e refere, expressamente, libertinagem.

Também na Inquisição de Évora, datado de 1800, encontramos um processo de suspeito de libertinagem. É o caso de Manuel Joaquim de Sousa,⁸⁴⁶ natural de Vila Meirim, acusado por heresia, residente em Santiago do Cacém. Médico cirurgião, faz referência a liberdade de religião e defende que os preceitos eclesiásticos são criações dos homens, referência explícita a libertino.

Da mesma Inquisição de Évora, apesar da impossibilidade de se aferir a data, encontra-se o processo de Simão de Oliveira,⁸⁴⁷ do Regimento de Artilharia de Elvas, sob a acusação de blasfémia. O mesmo é expressamente referenciado como libertino.

Em 1821, as Cortes Gerais Constituintes decretaram a extinção da Inquisição. É o golpe final dado pelo regime liberal à Inquisição portuguesa.

7. Ideários libertinos e heresias

A análise de processos investigados não tem a pretensão de ser exaustiva, alguns processos já constam, inclusivamente, dos acervos de Silva Dias,⁸⁴⁸ Oliveira Ramos⁸⁴⁹ e Fernando Augusto Machado.⁸⁵⁰

⁸⁴⁴ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de António Inácio da Silva, proc. 15310.

⁸⁴⁵ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de António Joaquim Mendes Moreira, proc. 7788.

⁸⁴⁶ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Évora, Processo de Manuel Joaquim de Sousa, proc. 5307.

⁸⁴⁷ ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de Simão de Oliveira, proc. 11502.

⁸⁴⁸ Dias, *Os Primórdios da Maçonaria em Portugal*. Volume I.

⁸⁴⁹ Oliveira Ramos, “A Irreligião Filosófica na Província Vista do Santo Ofício Pelos Fins do Século XVIII”.

⁸⁵⁰ Machado, *Rousseau Em Portugal, Da Clandestinidade à Legalidade Vintista*.

Resulta claro que a vivência e a difusão de ideários libertinos ocorrem essencialmente por via da entrada de estrangeiros em território nacional, sobretudo militares avançados trazidos pelo Conde de Lippe⁸⁵¹ para reorganizar o exército de D. José. Antes desta ocorrência, já teria havia alguns, mas tímidos, raios das Luzes trazidos para Portugal, pois, apesar da repressão entravam livros proibidos que circulavam em círculos restritos da aristocracia, do clero e da burguesia, pelas mãos de estrangeiros vindos para Portugal, nomeadamente os referidos oficiais militares, professores e algum viajante português que, dos países ilustrados, tenha trazido a nova cultura.

É perceptível que as iniciativas, simultâneas, de repressão do poder dos jesuítas e de controle e mitigação dos ideais iluministas revolucionários, também visavam impedir o desalinhamento dos mecanismos que alicerçavam a Monarquia Absoluta. Estes mecanismos, que o libertinismo qualificava de impostura política das religiões, consistiam na colocação da Igreja ao serviço da Monarquia Absoluta. Nesse sentido, Maria Mercês Monteiro das Eiras expõe que:

“O pacto entre a monarquia absoluta e as correntes de renovação da filosofia das Luzes foi definitivo no século XVIII e a partir de então os governantes fomentaram a aplicação de alguns dos seus princípios como medida de controlar a igreja sobretudo o poder dos jesuítas e fazer reformas.”⁸⁵²

A repressão dos libertinos visou tanto impedir a propagação dos ideais anticristãos, com o esclarecimento libertino que lhes conhecemos, como, também, a divulgação dos ideais revolucionários que o libertinismo ajudou a firmar.

A repressão dos libertinos não aspirava à repressão dos ideários iluministas, propriamente ditos, mas visava, outrossim, a obstrução do esclarecimento que os libertinos propalavam: a manipulação política da religião, que era o fundamento do absolutismo monárquico que o Marquês de Pombal procurou acentuar: e o despotismo esclarecido ou o absolutismo Iluminado.⁸⁵³ Conforme explana Nuno Gonçalo Monteiro, os modelos políticos de Pombal foram retirados da história francesa do século XVII.

⁸⁵¹ Freire, “Um olhar actual sobre a “transformação” do Conde de Lippe”. p. 150.

⁸⁵² Maria Mercês Monteiro Das Eiras, *A Censura e o Impacto Da Filosofia Das Luzes Na Segunda Metade Do Século XVIII* Coimbra: Coimbra Editora, 1989. p. 7

⁸⁵³ “Há muitas décadas; João Lúcio de Azevedo escreveu a propósito de Pombal: “modelos foi-os buscar mais de 100 anos atrás. Em assuntos económicos quis por mestre Sully; em políticos tomou por guia Richelieu” Estas afirmações só em parte se podem reputar de excessivas. Contudo as consequências que delas se pretende retirar apontam, entre outras, para direcções pouco exploradas. Em primeiro lugar, para a ideia de que, num contexto europeu no qual o estatuto “ministerial”, e sobretudo “primo-ministerial”, estavam longe de se encontrar claramente tipificados, o paradigma seiscentista do “valido” se revela essencial para entender a personagem, as suas relações como rei e, por fim, o período histórico que deixou associado ao seu nome. Ora, foram precisamente esses modelos, retirados da história francesa do século XVII, que mais do que quaisquer outros, lhe serviram de referência, como ele próprio afirmou.

A realidade que os libertinos do século XVII e XVIII melhor compreenderam, para proveito do liberalismo, foi a Manipulação Política da Religião.

A partir de 1777, já no âmbito do governo mariano, iniciam-se os processos dos militares de Valença. Os militares terão contribuído, decisivamente, para a entrada das ideias libertinas.

Tal como referem os autores que fomos mencionando, parte destes militares, mercenários, eram insurretos e algo indisciplinados, e influenciaram alguns dos nossos, com maior propensão natural para o livre-pensamento. Destaca-se sobretudo, José Anastácio da Cunha que terá, posteriormente, irradiado as suas lições para Coimbra.

É também, a partir de Coimbra, a única universidade nacional, e por virtude das convivências heterodoxas aí existentes, que se espalham os mesmos ideários, para o resto do país, chegando às ilhas e assim à Inquisição de Lisboa, cujo foro esta abrangia.

Parece-nos claro que se trata de ideais propagados por seres intelectualmente capazes, dados a leitura, reflexão e debate.

Oliveira Ramos refere três núcleos fulcrais do pensamento heterodoxo: Valença, Coimbra e Lisboa. O terceiro, notámos, ocorre duas a três décadas depois dos dois primeiros que estão em correlação.

Não interpretamos como libertinismo o exercício da mera blasfémia. Entendemos que, as raízes do libertinismo, oriundas do início do século XVII francês, emanam de uma erudição que as herdou do pensamento renascentista que, por sua vez, as foi buscar a Lucrécio e Epicuro.

É óbvio que por muito aberto às Luzes que Pombal se quisesse, a sua abertura ao pensamento libertino, na respetiva desmistificação dos alicerces do poder absoluto, corroendo-os, nunca poderia ser de monta, como se verifica na censura aos livros oriundos de além Pirenéus.

Todavia, é o governo mariano que mais eficazmente persegue esse pensamento, iniciando, imediatamente a seguir ao seu começo, a perseguição dos militares de Valença, com destaque para a devassa de Valença e a consequente despromoção e perseguição de José Anastácio da Cunha, que fora convidado para professor de Coimbra, no âmbito das reformas do ensino pombalinas.

Três décadas depois, ao tempo do processo de Bocage, apurámos novas perseguições. Desta feita, oriundas da Intendência Geral de Polícia, com Pina Manique ao leme.⁸⁵⁴ Estamos na viragem do século, a Revolução Francesa ocorrera há mais de duas décadas, mas a portuguesa e o vintismo já espreitam. Até 1820 e à separação dos poderes, subsiste a associação Rei, Religião e Pátria. Perseguem-

Carvalho leu e citou as memórias de Sully, tal como tinha na sua biblioteca o testamento político de Richelieu" (Monteiro, *D. José. Na Sombra de Pombal*, p. 241).

⁸⁵⁴ Moreira, *Filinto Elísio: O Exílio Ou o Regresso Impossível*, p. 302.

se os hereges da filosofia, seguidores das ideias que, supostamente, colocariam em risco o poder soberano do rei.⁸⁵⁵

⁸⁵⁵ Todavia, embora de uma forma mais atenuada e sem as mesmas implicações políticas absolutistas o vínculo entre a monarquia e a religião católica prossegue no liberalismo monárquico (vintista ou cartista). Só os republicanos é que quebraram este vínculo do estado com a religião.

Capítulo IX – Considerações finais

Na filosofia iluminista também se manifesta esta corrente de pensamento que é designada por libertinismo. Existem fortes ligações entre ambas e acreditamos que o libertinismo, ao longo dos séculos, abriu caminho ao filosofismo do século XVIII. A manipulação das massas pela religião e a política são o cerne da reflexão libertina, arrazoado que evolui e encontra o seu auge na era do Iluminismo, desvendando-se, ostentando-se e contribuindo, por fim, para o eclodir da Revolução que mudou o destino da Civilização Ocidental.

Os libertinos que constataram ou analisaram a ordem social e política, prepararam, tacitamente, a Revolução Francesa pela difusão ou mera elucubração das suas ideias subversivas.

Vimos que, apesar de existir a propensão para qualificar de libertinos todos os leitores da literatura das Luzes e até os apoiantes da Revolução, a realidade não é essa. Libertino é tão-só quem reequaciona os fundamentos dos dogmas cristãos, no sentido de compreender a hipocrisia da religião, enquanto suporte da monarquia absoluta. Alargar a crítica libertina ao pensamento anticlerical é excessivo. Assim como restringir o libertinismo ao pensamento pré-revolucionário e liberal também o é. Todavia, o libertinismo foi um movimento fundamental para a génese e desenvolvimento dessas ideologias essenciais para a sedimentação da sociedade ocidental contemporânea.

Num primeiro momento, os libertinos compreenderam a necessidade da manutenção de um estado forte e de uma centralização que protegesse das Guerras de Religião, de má memória, da Renascença e dos seus prolongamentos, em seiscentos, por virtude da revogação do Édito de Nantes. Acresce que a situação de forte conflitualidade social foi agravada pelas *Frondes* entre parlamentares e aristocratas. Todavia, foi esse discernimento de que a religião era um expediente para sujeitar os súbditos à Monarquia Absoluta que, em setecentos, ajudou a derrubar a instituição, culminando na Revolução francesa e no triunfo do Liberalismo.

A postura libertina tanto foi de adesão à política absolutista (caso dos libertinos do início do século XVII francês), como se mostrou crítica da mesma; todavia foi, sempre, *deniasé*.⁸⁵⁶ Começou por ser cética e pirrónica no início da modernidade, para culminar na Razão do Iluminismo.

Tentámos, assim, expor os fundamentos teóricos do libertinismo e as suas reverberações e manifestações. Visámos elucidar acerca da sua receção e importância, entre nós, no século XVIII.

⁸⁵⁶ Isabelle Moreau, Jean-Pierre Cavallé, "Les Déniaisés. Irreligion et libertinage au début de l'époque moderne".

Tivemos como referência a manifestação do libertinismo na França seiscentista e setecentista, onde estes movimentos foram particularmente eloquentes.

Para o efeito, debruçámo-nos sobre a doutrina atual acerca de libertinismo, para concluir que coincidia com o sentido que lhe fora dado nos dicionários e obras teológicas de setecentos, que também analisámos. Apurámos que a menção do movimento era feita relativamente aos libertinos seiscentistas e a Epicuro, comprovando a nossa opinião de que é nessa época que se deve procurar a compreensão deste pensamento.

Expusemos o nosso entendimento deste ideário que não consideramos como o exercício da mera blasfémia porque tem um saber e uma substância que não se comprazem com a futilidade de uma mera manifestação de exibicionismo. As origens do libertinismo, oriundas do início do século XVII francês, provêm de uma sabedoria que as recebeu do ideário renascentista que recuperou Lucrecio e Epicuro, por via dos quais desmistificam a doutrina cristã e criticam a moral da carne. O libertinismo acredita, frequentemente, na identidade de Deus e da Natureza.

Em definitivo, e no cerne do pensamento libertino, encontra-se a noção de que as religiões são obras dos homens e sustentam uma impostura política. Afirmam a identidade da alma e do corpo, defendendo a mortalidade da alma, livram o súbdito da pena ou benesse eternas. Estes conceitos da filosofia libertina heterodoxa baseiam-se em filosofias antigas, com destaque para o Epicurismo, que chegaram ao século em causa por intermédio do Humanismo Renascentista.

Estudámos o libertinismo e delimitámos o seu posicionamento neste universo de ortodoxia católica. Fixámos o pensamento dos Libertinos filósofos face à ordem civil e à ortodoxia.

No sentido de enquadrar o libertinismo no panorama setecentista nacional, fizemos uma pesquisa de fontes primárias que passou pela análise de textos epocais e se estendeu de dicionários e obras teológicas nacionais a textos estrangeiros existentes entre nós.

Procedemos, seguidamente, a uma leitura, tão exaustiva quanto possível, dos versejadores e poetas do mesmo século, no sentido de aferir quem eram os eventuais pensadores libertinos.

Percebemos que o reputado libertino deste século, na realidade, não o foi. Os seus comportamentos poderão ter induzido em erro. Nesse sentido, Francisco Xavier de Oliveira foi um pensador regalista, mas não anticristão. O renome de libertino deste autor, no nosso entender, não se enquadra na concreta aceção teológica, filosófica, cultural e política de libertinismo. O libertino entende que a Religião é uma impostura política, o anticlerical rejeita a organização do Clero. Enquanto, Cavaleiro de Oliveira, embora crítico da Inquisição, não foi anticristão.

Destacamos versos avulso que se nos configuraram relevantes dada a possibilidade de, nos mesmos, podermos identificar algum pensamento libertino e encontrar referências a atividades libertinas. No tocante aos versos de essência libertina, detetámos alguns dignos de menção, de autoria variada: Caetano José da Silva de Souto Mayor, Tomás Pinto Brandão, Nicolau Tolentino de Almeida, Paulino Cabral, Abade de Jazente, António Lobo de Carvalho e João Maldonado.

Considerámos, também, versos avulsos de autores oitocentistas, que exteriorizam laivos libertinos, mas cuja obra não é dotada de densidade suficiente para nos pronunciarmos acerca de algum pensamento libertino coerente e definitivo.

Acentuámos o estudo de fontes primárias, pesquisando os Arquivos da Inquisição num estudo prolongado de arquivos, junto à Torre do Tombo, analisando processos das Inquisições de Coimbra, Lisboa e Évora do século XVIII. Analisámos, também, processos da Real Mesa Censória e da Real Comissão Geral sobre o Exame e Censura de Livros.

A análise dos processos da Inquisição permitiu-nos compreender quais os períodos em que mais se manifestou o pensamento libertino. Permitiu-nos, também, compreender o grau de repressão e censura ao longo do século.

Permitiu, ainda, perceber que se, num primeiro momento, a heresia que se perseguia era verdadeiramente religiosa, num segundo e terceiro, era, essencialmente, filosófica. Esta heresia era de monta, a minar os alicerces da Monarquia absoluta, conforme os ventos da Revolução Francesa.

Confirmámos a importância do pensamento libertino⁸⁵⁷ para o advento do Liberalismo, já que o que, inicialmente, foi um livre-pensamento, de espírito livre religioso, ciente da utilização que a política fazia dos preceitos, dogmas e interditos religiosos, culminou, no último quartel do século XVIII, numa liberdade de opinião política e clerical.

Vimos que a liberdade libertina se manifestou, muito frequentemente, com vestes de hedonismo. É a sua forma mais vulgarizada, mas não é isenta de sentido. É a manifestação de um ato conforme com as leis da Natureza e é uma reação ao normativo cristão de castidade. É, por outro lado, uma rejeição do dogma da imortalidade da alma, uma imortalidade em que os cumpridores e castos gozariam o bem-estar eterno e os lascivos concupiscentes seriam, eternamente, castigados.

Francis Fukuyama, dá como início do liberalismo um momento quase coincidente com o que os estudiosos do libertinismo atribuem ao começo deste ideário:

⁸⁵⁷ Pintard, *Le Libertinage Érudit Dans La Première Moitié Du XVIIe Siècle*.

“A doutrina apareceu em meados do século XVII, perto do final das guerras religiosas na Europa, um período de 150 anos quase ininterruptos de violência desencadeada pela reforma Protestante.”⁸⁵⁸

Nesse sentido, poderíamos, então, defender que o libertinismo participa da construção do Liberalismo, que compreendia, na sua génese, a necessidade de sujeitar as massas à Religião, como forma de controle político, mas não se confunde, uma vez que contrariamente ao pragmatismo do libertinismo:

“A interpretação do liberalismo enquanto meio de proteger a dignidade humana básica, tal como surgiu na Europa no tempo da Revolução Francesa, encontra-se hoje plasmada em inúmeras Constituições de democracias liberais por todo o mundo, sob a “forma de direito à dignidade (...).”⁸⁵⁹

Todavia, é verdade que a sua visão desobstrui o futuro cidadão do peso do dogma cristão e suas limitações.

Quando encetámos este projeto, partimos do princípio de que alguma receção haveria deste pensamento em território luso e verificámos, efetivamente, que alguns espíritos se revelaram temerários o suficiente para expressarem convicções que só poderiam ofender a dupla Igreja Cristã /Monarquia Absoluta tão presente e premente no setecentos nacional.

O libertinismo não parece ter tido impacto justificável, entre nós, no século XVIII. A periferia geográfica e a forte censura obstaram a uma disseminação massiva do ideário. Mas germinaram, todavia, alguns frutos de livre-pensamento libertino.

Duas vozes, raras e profundamente livres, José Anastácio da Cunha e Bocage, ousaram expressar-se e viverem em função dos seus ideais, tendo sofrido as graves consequências. Pelo que, neles focámos prolongadamente as nossas reflexões. A “Epístola a Marília ou Pavorosa Ilusão da Eternidade” é um verdadeiro tratado de libertinismo, assim como o é “A Voz da Razão” que acreditamos ser de José Anastácio da Cunha.

⁸⁵⁸ Ao longo dos séculos, tem havido três justificações fundamentais a favor das sociedades liberais. A primeira é uma lógica pragmática: o liberalismo é uma forma de regular a violência que permite que populações diversas convivam pacificamente. A segunda é de ordem moral: o liberalismo protege a dignidade humana básica e, particularmente, a autonomia humana – a capacidade de escolha de cada indivíduo. A Terceira justificação é económica: o liberalismo promove o crescimento económico e todas as vantagens que advêm do crescimento, ao proteger os direitos de propriedade e a liberdade comercial. (Fukuyama, *Liberalismo e Seus Descontentes*. p. 21).

⁸⁵⁹ Fukuyama. p. 25.

A receção, divulgação e difusão setecentistas do libertinismo, em Portugal, ocorreu, sobretudo, através de soldados oriundos da Europa para combater no exército português. Ter-se-á divulgado, também, através da leitura de obras proibidas de autores estrangeiros que, apesar de censuradas, trespassavam a malha.

Predominou na Universidade de Coimbra, conforme se afere pelos processos da inquisição, nos cenáculos, tendo, inclusivamente, a maçonaria protegido e ajudado à divulgação da obra de Bocage, nos círculos militares, conforme verificámos com o (...) de Valença, as tertúlias que frequentaram tanto José Anastácio da Cunha como Bocage

Sondar a globalidade do pensamento libertino, embora só no nosso território, ao longo de todo um século foi uma tarefa complicada e não isenta de percalços.

É do carácter polimórfico do libertinismo/libertinagem que decorre uma das dificuldades da sua investigação. Existe, obviamente, a tendência para qualificar de libertinos todos os leitores da literatura das Luzes e todos os apoiantes da revolução francesa; mas entendemos que Libertinos são só os sujeitos com as características que temos vindo a descrever. São os que compreendem a essência da manipulação política das religiões, são os que percebem que o dogma da imortalidade da alma é um instrumento útil à submissão dos sujeitos, são os que acreditam na Lei Natural, são os que logram ver além do óbvio e imposto pelos governantes e legisladores; são os que perceberam a bondade do Epicurismo. Não podemos confundir a crítica libertina com o pensamento anticlerical, nem com o regalismo.

Os libertinos, críticos do Absolutismo Monárquico ou não, compreenderam a importância da religião cristã para a manutenção e cristalização da Monarquia, para o controle das massas. O Libertino é, sempre, *deniaisé*, “isento de preconceito”, “livre da burrice”. A sua análise começou por ser cética e até pirrónica, no início da modernidade, para culminar, nos fins do século XVIII, no Racionalismo. O Libertino não é, necessariamente, um filósofo das Luzes, nem o Filósofo das Luzes é, necessariamente, libertino. O Libertino não é, necessariamente, lascivo, nem a lascívia epocal é, necessariamente, libertina. Há que enquadrar o pensamento naturalista, a apologia do ato sexual como um ato inserido no contexto da Natureza. Frequentemente, esse ato sexual também é uma rebeldia contra o ascetismo cristão. Acontece que, na época que estudámos, e em que poucos escreviam e liam, é natural que a redação de textos lascivos como os que analisámos venha a par com algum grau de instrução e de leituras.

Referimos, aliás, que culturas erudita e popular se cotejavam nos folhetos de cordel, tal como os livros proibidos eram transportados conjuntamente com os livros de apologética. A curiosidade e o

interesse do público eram a sua razão de ser e a sua ideia, o que permitia que, no mesmo suporte, se encontrassem textos apologéticos e sátiras.

É verdade que o pensamento libertino, fruto das circunstâncias histórico-políticas, da geografia periférica, do muito eficaz policiamento e censura, não foi, entre nós, um pensamento nem uma manifestação prolífera. Não se nos afigura ter sido suficiente para ser motor de mutações políticas. Todavia, manifestou-se, também entre nós e sobreviveu, tendo só deixado de fazer sentido com o desaparecimento do Estado Monárquico Absolutista, o que apenas ocorrerá com a criação das cortes, no Vintismo.

Porém consideramos que se trata de um questionamento importante na contemporaneidade perante a realidade de recrudescimento de ortodoxias religiosas e verdadeiros fanatismos, em várias partes do globo. Existem culturas em que todo o comportamento humano é gerido por dogmas e regras religiosas que subjugam parte da população.

Por fim, constatamos que, num mundo ocidental, em que a sujeição a dogmas religiosos parecia ter sido ultrapassada, emergem movimentos vários que imprimem um retrocesso cultural, até há poucos anos imaginável.

Bibliografia

1 Fontes

1.1 Fontes Manuscritas

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de Aleixo Vache, proc. 8078.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de D. Ana Clementina Ataíde de Meneses e Vasconcelos, proc. 8294.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de António Inácio da Silva, proc. 15310.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de António Joaquim Mendes Moreira, proc. 7788.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de António José Domingues, proc. 728.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de António Morais da Silva, proc. 8094.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de Francisco de Paula, proc. 8086.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de Francisco Xavier Borges Pimentel, proc. 8858.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de Gonçalo de Magalhães Teixeira Pinto, proc. 704.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de Henrique Leitão de Sousa, proc. 17093.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de Inocêncio José Torrinho, proc. 11520.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de Isabel Arias, proc. 3956.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de João de Deus, proc. 7825.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de João Manuel de Abreu, proc. 8076.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquirição de Coimbra, Processo de Joaquim Vicente Pereira de Araujo, proc. 8091.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Anastácio da Cunha, proc. 8087.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José de Sousa, proc. 8085.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Joaquim Barbosa de Andrade, proc. 8096.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Joaquim Fernandes Galhas, proc. 715.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Júlio Henriques Gordilho Cabral, proc. 8083.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Leandro Meliani da Cruz, proc. 8081.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Maria da Fonseca, proc. 726.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de José Maria Teixeira, proc. 8084.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de Manoel do Espírito Santo Limpo, proc. 8077.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de Manuel Pereira da Graça, proc. 4748.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de Maria Francisca, proc. 9526.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de Miguel de Kinselach, proc. 8089.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Coimbra, Processo de Simão de Oliveira, proc. 11502.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Évora, Processo de Alexandre Rodrigues Arnaut, proc. 5667

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Évora, Processo de João Pereira, proc. 5927.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício - Inquisição de Évora, Processo de Manuel Joaquim de Sousa, proc. 5307.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de Aleixo Escrito, proc. 1900.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de Antonio Fernandes, proc. 14798

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de António Nicolau de Sousa e Silva, proc. 14330.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de Bernardino Henriques de Ornelas e Vasconcelos, proc. 8615.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de Bernardo José Raposo, proc. 2822.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de Francisco da Silva Queirós, proc. 16335.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de Francisco de Melo, proc. 5640.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de Gregório Freire Carneiro, proc. 3757.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de João Burgel de Oliveira, proc. 2828.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de João Francisco Jorge, proc. 427.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de João Pereira, nº 5643.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de Joaquim António de Sena, proc. 5850.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de Joaquim Manuel da Costa Quintela, proc. 410.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de Jorge Antoniotto, proc. 269.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de D. José de Brito, proc. 12515.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de Lourenço João José de Melo, proc. 16336.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de Lourenço José Manuel da Silva Soares, proc. 2862.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de Vicente Júlio Fernandes, proc. 17569.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Processo de Vito Venâncio Mayer, proc. 403.

1.2 Fontes Impressas

AA.VV. “História e Memórias Da Academia Real Das Ciências de Lisboa Tomo IV. Parte II.” Lisboa: Typografia da Académia Real das Ciências de Lisboa, 1816.

- . *Le Parnasse Libertin, Ou Recueil de Poésies Libres*. Amsterdam: Cazals & Ferrand, Libraires, 1769.
- ALEMBERT, Jean le Rond de Diderot, Denis. "Libertinage." In *Encyclopédie, Ou Dictionnaire Raisonné Des Sciences, Des Arts et Des Métiers*. T 9, 476. Vincent Giuntini imprimeur, 1773.
- ARANTES, Francisco de. *Refutação Da Voz Da Razão Do Doutor José Anastásio Da Cunha. Lente de Mathemáticas Da Universidade de Coimbra: Ou Verdadeira Voz Da Razão Por Francisco de Arantes, Lente de Theologia Da Mesma Universidade*. Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1824. Acesso em: março 2, 2023.
https://play.google.com/books/reader?id=jN11RuREQyUC&hl=pt_PT&pg=GBS.PA1.
- AUBANEL, Antoine. *Dictionnaire Anti-Philosophique*, dois Tomos. À Avignon: Veuve Girard & François Seguin, 1774.
- BARBIER, Antoine-Alexandre. *Dictionnaires Des Ouvrages Anonymes et Pseudonymes, Composés, Traduits Ou Publiés En Français et En Latin, Avec Les Noms Des Auteurs, Traducteurs et Éditeurs; Accompagné de Notes Historiques et Critiques*. Seconde Edition, Tome Premier. Paris: Chez Barrois L'Ainé, Libraire, 1822.
- BAYLE, Pierre. *Oeuvres Diverses de M. Pierre Bayle*. Edição de Pierre Des Maizeaux, Vol. III. La Haye: Compagnie des Libraires, 1737. Acesso em: março 2, 2023.
<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k116985h/f6.item#>.
- BERGIER, L'Abbé. *Dictionnaire de Théologie*. Tome Quatrième. Besançon: Chalandre Fils, 1826.
- BERGIER, Nicolas-Sylvestre. *Apologie de La Religion Chrétienne, Contre l'Auteur Du Christianisme Dévoilé, et Contre Quelques Autres Critiques*. Nouvelle Edition, Revue, Corrigée et Augmentée. Tome Premier. Lion, Paris: Librairie Catholique de Perisse Frères, 1842.
- . *Diccionario de Teologia; Edicion Precedida Del Elogio Histórico Del Autor Por El Baron de Sainte-Croix, y Del Plan de La Teologia... Com Notas... Por Mñor Doney. - Nueva Edicion*. Paris: Garnier Hermanos, 1854.
- . *Dictionnaire de Théologie Dogmatique*. Paris: Petit-Montrouge, J.P. Migne ed, 1851.
- . *Dictionnaire de Théologie*, Anot. Mgr. Giusset; Ver... Mgr. Doney. Paris: Jouby... [Corbeil: Typ. Crété], 1863.
- . *Dictionnaire de Théologie*, Edition Precedée de L'Eloge Historique Ce L'Auteur, Par Le Baron de Saint-Croix, Du Plan de La Theologie. Lille: Libr. E Imp de L. Lefort, 1852.
- . *Dictionnaire de Théologie*, Nouvelle Edition, Oito Volumes. Besancon: Imp-Libr. Chalondré Fils, s.d.

- . *Dictionnaire de Théologie*. Paris: J. Leroux et Jouby: Gaume Frères, 1854.
- . *Encyclopédie Méthodique, Théologie* tome II. Liège: Panckoucke, 1789.
- . *Encyclopédie Théologique, Ou Première Série de Dictionnaires Sur Toutes Les Parties de La Science Religieuse*. 1863: J.P. Migne, 1863.
- . *O Deísmo Refutado Por Si Mesmo, Ou Exame Dos Princípios de Incredulidade, Espalhadas Nas Diferentes Obras de João Jacques Rosseau Em Forma de Cartas*. Tradução de Francisco Coelho Da Silva. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1787. Acesso em: março 2, 2023.
<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=njp.32101071964330&seq=43>.
- BERGIER, Nicolas-Sylvestre; Cardeal GOUSSET. *Dictionnaire de Théologie*, Edition... Por Mgr. Gousset. Besancon: Onthenin Chalandre fils, 1846.
- BLUTEAU, Rafael. *Supplemento ao Vocabulario Portuguez e Latino*. In IX. Lisboa: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1727.
- . *Vocabulario Portuguez e Latino , Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, Etymologico, Economico, Florifero, Forense, Fructifero...* In V. Lisboa: Coimbra : Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1716.
- BLUTEAU, D. Rafael; SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa Composto pelo Padre D. Rafael Bluteau. Reformado, e Acrescentado por Antonio de Moraes Silva Natural do Rio de Janeiro*. Tomo Segundo L=Z. Edição de Antonio de Moraes Silva (1789).
- BOCAGE, José Maria Manuel Barbosa du. *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*. (Organização, Fixação Do Texto e Notas Daniel Pires).” In *Obras Completas de Bocage*, edição de Daniel Pires. Lisboa: INCM, 2017.
- . *Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas, Idílios, Apólogos, Cantatas, e Elegias*. Tomo I (Organização, Fixação Do Texto e Notas Daniel Pires). in *Obras Completas de Bocage*, edição de Daniel Pires. Lisboa: INCM, 2018.
- . *Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas, Idílios, Apólogos, Cantatas e Elegias*. Tomo II (Organização, Fixação Do Texto e Notas Daniel Pires).” In *Obras Completas de Bocage*, edição de Daniel Pires. Lisboa: IMDB, 2018.
- . *Obras Completas de Bocage - Traduções*. Edição de Daniel Pires. Lisboa: INCM, 2018.
- . *Poesias Eroticas, Burlescas e Satyricas, Não Compreendidas Na Edição Que Das Obras d’este Poeta Se Publicou Em Lisboa No Anno de MDCCCLIII*. Edição de Inocêncio Francisco da Silva.

- Bruxellas, 1900. Acesso em: março 2, 2023.
<https://archive.org/details/poesiaseroticasb00bocauoft/page/n3/mode/2up>.
- BRANDÃO, Tomás Pinto. *Pinto Renascido, Empennado, e Desempennado: Primeiro Voo... / Composto Por Thomaz Pinto Brandam*. Edição de Oficina da Música. 4a. Lisboa Occidental, 1732.
- BRANDÃO, Tomás Pinto; LIMA, Alexandre António de; CHAGAS, António das; CARVALHO, Luis Borges de; MATOS, Gregório de; FREIRE, Félix da Silva. *Poesias*, 1801.
<http://purl.pt/31253/1/html/index.html#/10-11>.
- BREZILLAC, Jean François; DEHANSY, Honoré-Clément. *Dictionnaire Ecclesiastique et Canonique - Portatif Ou Abregé Méthodique*, 2 Tomes. Paris: Chez Dehansy, 1765.
- CARVALHO, António Lobo de. *Poesias Joviaes e Satyricas de Antonio Lobo de Carvalho. Colligidas e Pela Primeira Vez Impressas*. Cadix: s.n. 1852.
- CHARRON, Pierre. *De La Sagesse*. Paris: D. Douceur, 1604.
- CICERO, Marcus Tullius. *Oeuvres Complètes de Cicéron - Des Lois - Discours Au Peuple*. Paris: C.L.F. Panckouckre, 1835.
- CUNHA, José Anastácio da. *A Obra Poética Do Dr. José Anastácio Da Cunha, Com Um Estudo Sôbre o Anglo-Germanismo Nos Proto-Românticos Portugueses, Por Hernani Cidade*. Edição de Hernani Cidade. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1933.
- . *Carta Físico-Mathematica Sobre a Theorica Da Polvora Em Geral e a Determinação Do Melhor Comprimento Das Peças Em Particular*. Porto: Typographia Commercial Portuense, 1838.
- . José Anastácio Da Cunha. *Obra Literária*. Volume I, Poesia. (Com Inéditos Do Autor). edição de Maria Luisa Malato Borralho e Cristina Alexandra de Marinho. Porto: Campo das Letras, 2001.
- . José Anastácio Da Cunha. *Obra Literária*. Volume II (Com Inéditos Do Autor). Edição de Cristina Alexandra de Borralho e Marinho, Maria Luísa Malato. Porto: Campo das Letras, 2006.
- . *Notícias Literárias de Portugal 1780*. Edição Joel Serrão. Lisboa: Seara Nova - Colecção Paralelos, 1971.
- . *Principios Mathematicos Para Instrucção Dos Alumnos Do Collegio de São Lucas, Da Real Casa Pia Do Castello de São Jorge*. Lisboa: offic. de Antonio Rodrigues Galhardo, 1790.
- . *A Voz Da Razão*. Paris: P.N. Rougeron, 1832. Acesso em: março 2, 2023.
<https://purl.pt/26493>.
- DIDEROT, Denis. *De La Suffisance de La Religion Naturelle*, 1875. Acesso em: março 2, 2023.
https://fr.wikisource.org/wiki/De_la_suffisance_de_la_religion_naturelle.
- . *Suite de l'Apologie de m. l'Abbé de Prades*. s.l.: Ligarán, 2015.

- FONSECA, Pedro José da. *Diccionario Portuguez, e Latino*, Impresso por Ordem Del Rei Fidelissimo Dom José I. Nosso Senhor Para Uso Das Escolas de Todos Os Seus Reinos, e Senhorios. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1771.
- . *Diccionario Portuguez, e Latino*; Impresso por Ordem Del Rei Fidelissimo Dom José I. de Gloriosa Memoria Para Uso Das Escolas De Todos Os Reinos, E Senhorios De Portugal. 2a. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1791.
- FONSECA, Petri Josephi A. Petri Josephi A Fonseca *Olisoponensis Rhetoroices Atque Poetices Professoris Regii Parvum Lexicon Latinum; Lusitana Interpretatione Adjecta As Usum Lusitanorum Adolescentium in Lucem* Editum Jussu Josephi I. Regis Fidelissimi. Olisopone: Typographia Regalis Academiae Scientiarum Olisiponensis, 1788.
- . Petri Josephi A Fonseca *Olisoponensis Rhetoroices Atque Poetices Professoris Regii Parvum Lexicon Latinum; Lusitana Interpretatione Adjecta As Usum Lusitanorum Adolescentium in Lucem* Editum Jussu Josephi I. Regis Fidelissimi. Olisopone: Michaelis Le Bourdieu ex Typografia Rollandiana, 1819.
- GARASSE, François. *La Doctrine Curieuse Des Beaux Esprits de Ce Temps Ou Prétendus Tels Contenant Plusieurs Maximes Pernicieuses à La Religion, à l'Etat, & Aux Bonnes Moeurs, Combattue et Renversée Par Le P. François Garassus*. Paris: Chez Sebastien..., 1624. Acesso em: março 2, 2023. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k109743b.image>.
- . *Les Recherches Des Recherches et Autres Oeuvres de Me. Estienne Pasquier Pour La Defense de Nos Roys, Contre Les Outrages, Calomnies et Autres Impertinences Dudit Auteur*. Volume 3. Paris: Sebastien Chappelet, 1622. Acesso em: março 2, 2023. https://play.google.com/books/reader?id=ICxeAAAAcAAJ&pg=GBS.PA681&hl=pt_PT.
- LUCRÉCIO. *Da Natureza Das Coisas*. Edição de Luís Manuel Gaspar Cerqueira. Lisboa: Relógio d'Água, 2015.
- MACEDO, José Agostinho de. *Cartas Filosóficas a Attico*. Lisboa: Na Impressão Regia, 1815.
- . *Sermão Contra o Filosofismo Do Século XIX. Pregado Na Igreja de S. Julião de Lisboa*, Na Quinta Dominga Da Quaresma No Ano de M.DCCC.XI. Lisboa: Impressão Regia, 1811.
- MALHERBE, François de. *Oeuvres de Malherbe*. Recueillies et Annotées Par M. L. Lalanne. In 4, edição de M.L. Lalanne. Paris: Hachette et Cie, 1862.
- MAPFRE, Claude. *40 Sonnets (Inédits?) De António Lobo de Carvalho*. Arquivos Do Centro Cultural Português, Vol. 10. Paris, 1976. Acesso em: março 2, 2023. <https://doi.org/ISSN 0590-966X>.

- MELLO, Francisco de Pina e de. *Triumpho Da Religião. Poema Epico-Polemico; Que a' Santidade o Papa Benedicto XIV. Dedica Francisco de Pina e de Mello*. Coimbra: Na Officina de A. S. Ferreira, impressor da Universidade. 1756. Acesso em: março 2, 2023.
<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015062930626&view=1up&seq=5>.
- MERSENNE, Marin. *L'Impiété Des Deistes, Athees, et Libertins de Ce Temps, Combatuë, et Renversee de Point En Point Par Raisons Tirees de La Philosophie, & de La Theologie. Ensemble La Refutation Du Poëme Des Deistes...* Paris: Pierre Bilaine, 1624. Acesso em: março 2, 2023.
https://play.google.com/books/reader?id=3glcAAAAQAAJ&pg=GBS.PP6&hl=pt_PT.
- MONTAIGNE, Michel Eyquem de. *Essais I*. Edição de Maurice Rat. Paris: Garnier Frères, 1962.
 ——. *Essais II*. Edição de Marice Rat. Paris: Garnier Frères, 1962.
- NAUDÉ, Gabriel. *Considerations Politiques Sur Les Coups d'Etat. Précedé de Pour Une Théorie Baroque de l'action Politique Par Louis Marin*. Edição de Éditions de Paris. Paris, 1989.
- NONNOTTE, Claude François. *Erreurs de Voltaire: L'Esprit de Voltaire Dans Ses Ecrits*. Tome 3. Besançon: Chez Gauthier Frères et C.o Libraires, 1823.
- NONNOTTE, Claude-François; CHAUDON. *Dictionnaire d'Antiphilosophisme, Ou Réfutation Des Erreurs Du 18o Siecle, d'après Nonnotte et Chaudon*. In *Troisième et Dernière Encyclopédie Théologique*, 18. Editeur aux ateliers Catholiques M. l'abbé Migne. Paris: M. J.-P. MIGNE, ÉDITEUR, 1856.
- OLIVEIRA, Cavaleiro de. *Recreação Periodica I*. Lisboa: Publicações da Biblioteca Nacional, 1922.
 ——. *Recreação Periodica II*. Lisboa: Publicações da Biblioteca Nacional, 1922.
 ——. *Reflexoens de Felix Vieyra Corvina de Arcos... Sobre a Tentativa Theologica Composta Pello Reverendo e Douto Padre António Pereyra, Da Congregaçam Do Oratorio de Lisboa*. Londres: Officina de Jacob Lister, 1767.
- OLIVEIRA, Francisco José de. *Cartas Familiares, Históricas, Politicas, e Criticas. Discursos Serios e Jocosos. Dedicados à Excelentissima Senhora Condessa de Vimioso*. Tomo I. Lisboa: Typografia de Silva, 1855.
- OLIVEIRA, Francisco Xavier de. *Discours Pathétique Au Sujet Des Calamités Présentes, Arrivées En Portugal*. Biblioteca. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922.
- PAULIAN. *Dictionnaire Philosopho-Théologique Portatif*. Nîmes: Gaude, 1770.
- REAL MEZA CENSÓRIA. "Edital Da Real Meza Censoria : [Confisco de Livros de Indulgências Para Censura]." Lisboa: Régia Officina Typográfica, 1770.

- ROQUETTE, J.-I. *Diccionario Da Lingua Portugueza; de Fonseca, Feito Inteiramente de Novo, e Consideravelmente Augmentado*. Paris: J.-P. Aillaud, Quai Voltaire, No 11, 1848.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Émile Ou l'Éducation*. Tome Troisième. Amsterdam: Jean Neaulme, 1762. Acesso em: março 2, 2023. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8614596p>.
- S.A. *Dictionnaire François, & Portugais, Plus Complet Que Tous Ceux Qui Ont Paru Jusqu'a Present Pour L'instruction de La Jeunesse Portugaise*. Editado por Georges Rey, et Compagnie. Lisboa: l'Imprimerie de Michel Manescal da Costa, Imprimeur du S.t Office, 1769.
- . *Dictionnaire Théologique Portatif: Contenant L'Exposition Et Les Preuves De La Révélation: De Tous Les Dogmes De La Foi Et De La Morale: Les Points De Controverse, Les Hérésies Les Plus Célebres...* T1. Paris: Damonville, Didot, Nyon, Savoye, 1771.
- . *Regimento Da Real Meza Censoria*. Lisboa: Secretaria do Estado, 1768. Acesso em: março 3, 2023. <https://purl.pt/38744/1/html/index.html#/1>
- SÁ, Joaquim José da Costa e. *Diccionario Italiano, e Portuguez; Extrahido Dos Melhores Lexicógrafos, Como de Antonini, de Veneroni, de Facciolati, de Franciosini, Do Diccionario Da Crusca, e Do Da Universidade de Turim, e Dividido Em Duas Partes*. In Tomo Primeiro. Lisboa: Regia Officina Typografica; 1773.
- . Joaquim José Da Costa e. *Diccionario Portuguez-Francez-e-Latino; Novamente Compilado Que À Augustissima Senhora D. Carlota Joaquina, Princeza Do Brasil, Offerece, e Consagra Joaquim José Da Costa e Sá*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1794.
- VOLTAIRE, François Marie Arouet de. *Dictionnaire Philosophique*. Editado por René Pomeau. Paris: GF Flammarion, 1964.
- . *Lettres Philosophiques*. s.l.: Les Échos du Maquis, 2011. <https://philosophie.cegeptr.qc.ca/wp-content/documents/Lettres-philosophiques-1734.pdf>.
- . “Tome Vingt-Septieme.” In *Oeuvres Complètes de Voltaire*. Gotha: Charles-Guillaume Ettinger, 1785. Acesso em: março 2, 2023. https://play.google.com/books/reader?id=0Am8u-3dwuoC&pg=GBS.PR16&hl=pt_PT.
- . *Traité Sur La Tolérance*. Tome 25. In *Œuvres Complètes*, Édition Ga., 13–18, 1879. Acesso em: março 2, 2023. https://fr.wikisource.org/wiki/Traité_sur_la_tolérance/Édition_Garnier_1879/Avertissement.

2 Bibliografia Passiva

- AA.VV. *Critique - Les Classiques Découffés*. Revue Générale Des Publications Françaises et Étrangères. 615-616. Paris: Revue Générale des Publ. Françaises et Étrangères, 1998.
- . *La Lettre Clandestine n° 11 - Le Clandestin et l'Inédit à L'Âge Classique*. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2002.
- . *La Lettre Clandestine N° 5 - Tendances Actuelles Dans La Recherche Sur Les Clandestins à L'âge Classique*. Editado por BLOCH, Olivier; MCKENNA, Antony; MOTHU, Alain. Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1996.
- . *La Lettre Clandestine n° 8 - Anonymat et Clandestinité aux XVII et XVIII.* Editado por MCKENNA, Antony; ARTIGAS-MENANT, Geneviève. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2000.
- . *Lumières et Religions*. Les Cahiers de Fontenay. Fontenay/Saint-Cloud: ENS Fontenay/Saint-Cloud, 1993.
- . *The Widening Circle Essays on the Circulation of Literature in Eighteenth-Century Europe*. Editado por Robert Darnton, Bernhard Fabian, and Roy McKen Wiles. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1976.
- . *Un Siècle De Deux Cents Ans ? - Les XVIIe et XVIIIe Siècles : Continuités Et Discontinuités*. Editado por Jean Dagen and Philippe Roger. Paris: Éditions Desjonquères, 2004.
- . *XVIIe Siècle. Littérature, Libertinage et Philosophie Au XVIIe Siècle*. No 149 - 37e Année, No 4. Paris: Société d'Étude du XVIIe Siècle, 1985.
- . *The Invention of Pornography : Obscenity and the Origins of Modernity, 1500-1800*. Lynn Hunt. New York: Zone Books, 1993.
- ABECASIS, Maria Isabel Braga. "A Real Mesa Censória e a Edição Setecentista Portuguesa." Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Uiversidade Nova de Lisboa, 2009.
- ABIRACHED, Robert. "Libertins." In *Encyclopædia Universalis* [En Ligne]. Acesso em: janeiro 9, 2008. <https://www.universalis.fr/encyclopedie/libertins/>.
- ADAM, Antoine. *Les Libertins Au XVII Siècle*. Paris: Editions Buchet/Chastel, s.d.
- ANDERSON, Abraham. "L'abolition Du Jardin : Le Statut Du Philosophe Comme Homme Caché Dans Le Traité Des Trois Imposteurs." *Dix-Huitième Siècle* 35, no. 1 (2003): 297–308. Acesso em: março 2, 2023. <https://doi.org/10.3406/dhs.2003.2550>.
- ARAÚJO, Ana Cristina. *A Cultura Das Luzes Em Portugal, Temas e Problemas*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

- ARMOGATHE, Jean-Robert. “Holbach Paulo Henri Dietrich Baron d’ (1723- 1789).” In *Encyclopædia Universalis* [En Ligne]. Acesso em: março 2, 2023. <https://www.universalis.fr/encyclopedie/paul-henri-holbach/>
- . “La Mettrie Julien Ofroy de (1709-1751).” In *Encyclopædia Universalis* [En Ligne], 1:623–32, 1937. Acesso em: março 2, 2023. <https://www.universalis.fr/encyclopedie/la-mettrie-julien-offroy-de/>
- ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO. “Tribunal Do Santo Ofício,” s.d. Acesso em: março 2, 2023. <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2299703>.
- ASSUNÇÃO, José Eduardo Franco Paulo de. *As Metamorfoses de Um Polvo. Religião e Política Nos Regimentos Da Inquisição Portuguesa (Séc. XVI - XIX)*. Lisboa: Prefácio, 2004.
- BAKHTINE, Mikhail. *L’œuvre de François Rabelais et La Culture Populaire Au Moyen Âge et Sous La Renaissance*. Paris: Gallimard, 1970.
- BASTOS, José Timóteo da Silva. *História Da Censura Intelectual Em Portugal*. 2a. Lisboa: Moraes Editores, 1983.
- BAUMER, Franklin L. *O Pensamento Europeu Moderno*. Vol. I. Séculos XVII e XVIII. Lisboa: Edições 70, s.d.
- BELLIS, Delphine. “Comment Penser l’âme Humaine et Dieu ? Gassendi et La Redéfinition de La Métaphysique.” In *Libertinage et Philosophie à l’époque Classique. (XVIe-XVIIIe Siècle). L’usage de La Métaphysique Chez Les Matérialistes Des XVI, XVII et XVIII Siècles*, Vol. 18. Classiques Garnier, 2021.
- BILAC, Olavo. “Bocage. Conferência Realizada No Teatro Municipal de S. Paulo Em 19 de Março de 1917”. Edição de Paulo Franchetti. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos, 2001.
- BLOCH, Olivier. “L’Heritage Moderne de l’Épicurisme Antique.” In *Lire Epicure et Les Épicuriens*, edição de Alain Gigandet e Pierre-Marie Morel. Paris: PUF, 2007.
- BLUCHE, François. *Le Despotisme Éclairé*. Paris: Fayard, 1969.
- BORGES, Anselmo. “Os Prazeres Da Comida e Do Sexo : " Divinos ".” *Diário de Notícias*, 2020.
- BOTO, Carlota. “O Enciclopedismo de Ribeiro Sanches : Pedagogia e Medicina Na Confecção Do Estado.” *Revista Da História Da Educação*, no. 4 (1998): 107–17. Acesso em: março 2, 2023. <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30692>.
- BOURDIN, Jean-Claude. *Les Matérialistes Au XVIIIe Siècle*. Textes Choisis et Présentés Par Jean-Bourdin, edição de Petite Bibliothèque Payot. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1996.
- BOURGUINAT, Élisabeth. *Le Siècle Du Persiflage, 1734-1789*. Paris: Presses Universitaires de France,

- 1998.
- BRAGA, Theophilo. *História Da Universidade de Coimbra nas Suas Relações com a Instrução Publica Portuguesa*. Tomo III. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias, 1898.
- BRUNOT, Ferdinand. *Histoire de La Langue Française Des Origines à 1900*. 6, 1-2, *Le XVIIIe Siècle*. Paris: A. Colin, 1930.
- CAMPOS, Fernanda Maria Guedes De. “Autores ‘Hereges e Atrevidos ’: Impactos Da Atividade Da Real Mesa Censória Em Bibliotecas Religiosas.” *Mátria Digital*, no. 8 (2017).
- CARDOSO, António M. de Barros. “O Cardeal Saraiva e Os Livros Interditos.” *Revista Da Faculdade de Letras : História* 14 (1997): 429–64.
- CARREIRA, Laureano. *O Teatro e a Censura Em Portugal na Segunda Metade do Século XVIII*. s.l.: INCM, 1988.
- CASTRO, Zília Osório de. *Ideias Políticas (Séculos XVII-XIX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.
- CAVAILLE, Jean-Pierre. *Dis/Simulations. - Jules-César Vanini, François La Mothe Le Vayer, Gabriel Naudé, Louis Machon et Torquato Accetto : Religion, Morale et Politique Au XVIIe Siècle*. Paris: Honoré Champion, 2002.
- . “La Polémique Anti-Libertine et Anti-Libertaire Contemporaine : Catholiques, Libéraux, Libertariens.” *Les Dossiers de Jean-Pierre Cavaille Libertinage, Athéisme, Irréligion. Essais et Bibliographie IV*. Acesso em: outubro 11, 2022. <https://journals.openedition.org/dossiersgrihl/3495>.
- . *Les Déniaisés. Irreligion et Libertinage Au Début de l'époque Moderne*. Paris: Classiques Garnier, 2013.
- . “Libérer Le Libertinage. Une Catégorie à l'épreuve Des Sources.” *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. Aubervilliers: Éditions de l'EHESS, 2009.
- . “Imposture Politique des Religions et Sagesse Libertine.” *Littératures Classiques*, Malakoff: Armand Colin, 2004. Acesso em: março 2, 2023. <https://www.cairn.info/revue-litteratures-classiques1-2004-3-page-27.htm>.
- CHARLES-DAUBERT, Françoise. “La Critique Anti-Théologique Dans Les Dialogues De Vanini Et Le Libertinage Érudit.” In *Kairos, Revue de La Faculté de Philosophie de l'Université de Toulouse Le Mirail*, N.o 12, Vanini, edição de Didier Foucauld e Jean-Pierre Cavaille, Vol. 12 Vanini. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1998.

- . “Le ‘Libertinage Erudit’ et Le Problème Du Conservatisme Politique.” In *L’État Baroque, Regards Sur La Pensée Politique de La France Du Premier XVIIe Siècle*, Centre Nat. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1985.
- . *Les Libertins Érudits En France Au XVII Siècle*. Paris: PUF, 1998.
- . “Spinoza et Les Libertins - Le Traité Des Trois Imposteurs Ou L’Esprit de Spinoza.” Edição de Renée Bouveresse. *Spinoza, Science et Religion: De la Méthode Géométrique a l’Interprétation de l’Ecriture Sainte : Actes du Colloque*. Paris: Vrin, 1989.
- <http://hyperspinoza.caute.lautre.net/Spinoza-et-les-libertins-par-Francoise-Charles-Daubert>.
- COSTA, J. Almeida; MELO, A. Sampaio e. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 6a edição. Porto: Porto Editora, Lda, 1990.
- CROQUETTE, Bernard. “Lenclos Anne Dite Ninon de - (1616-1706).” In *Encyclopædia Universalis* [En Ligne]. Acesso em: março 2, 2023. <https://www.universalis.fr/encyclopedie/lenclos-anne-dite-ninon-de/>
- CUSATIS, Brunello de. “A Tradução Literária: Uma Arte Conflitual”. In *Cadernos de Tradução* v. 2 n. 22. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2008. Acesso em: março 2, 2023. <https://doi.org/https://doi.org/10.5007/2175-7968.2008v2n22p9>.
- DAMME, Stéphane Van. *L’Epreuve Libertine Morale, Soupçon et Pouvoirs Dans La France Baroque*. Paris - Oxford: CNRS éditions, 2008.
- DANDREY, Patrick. “Athéisme et Libertinage : La Postérité de Lucrèce Au XVII^e Siècle - Ép. 4/4 - Lucrèce, Le Poète Philosophe.” *Les Chemins de La Philosophie* par Adèle Van Reeth. Acesso em: maio 28, 2021. <https://www.franceculture.fr/emissions/les-nouveaux-chemins-de-la-connaissance/lucrece-le-poete-philosophe-44-atheisme-et>.
- DARNTON, Robert. “Sexo Dá o Que Pensar.” In *Libertinos Libertários*. São Paulo: Editora Schwarcz, Ltda., 1996.
- . *Édition et Sédition. L’Univers de La Littérature Clandestine Au XVIIIe Siècle*. Paris: Éditions Gallimard, 1991.
- DIAS, Graça Silva; DIAS, Joaquim Silva. *Os Primórdios Da Maçonaria Em Portugal*. Volume I. In Tomo I, edição de Instituto Nacional de Investigação Científica, 2a. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986.
- DIAS, José Sebastião da Silva. *Portugal e a Cultura Europeia (Sécs. XVI a XVIII)*. Porto: Campo das Letras, 2006.

- DOEUFF, Michèle le. “Bacon Chancelier Francis (1560 Ou 1561-1626).” In *Encyclopædia Universalis* [En Ligne]. Acesso em: setembro 30, 2022. <https://www.universalis.fr/encyclopedie/bacon-chancelier-francis/>.
- DONVILLE, Louise Godard de. “Le Libertin Des Origines à 1665: Un Produit Des Apologètes.” In *Papers on French Seventeenth Century Literature*. Seattle, 1989.
- DUFLO, Colas. “Aspects Philosophiques Du Roman Libertin. Thérèse Philosophe.” *Archives de Philosophie* 78, no. 3 (2015): 433–50. Acesso em: março 2, 2023. <https://doi.org/10.3917/aphi.783.0433>.
- EIRAS, Maria Mercês Monteiro Das. *A Censura e o Impacto Da Filosofia Das Luzes Na Segunda Metade Do Século XVIII*. Coimbra: Coimbra Editora, 1989.
- FARINHA, Maria do Carmo Jasmins Dias. *Os Arquivos da Inquisição*. Lisboa: Arquivo Nacional Torre do Tombo, 1990.
- FERRAZ, Maria de Lurdes, et al. *Anastácio Da Cunha 1744-1787, o Matemático e o Poeta*. Lisboa: INCM, 1990.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Da Língua Portuguesa*. 2a edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1996.
- FERREIRA, Silvestre Pinheiro. *Notas Ao Ensayo Sobre Os Principios de Mechanica*. Amsterdam: Officina de Belifante e Comp., 1808.
- FÉRRER, Francisco Adegildo. “O Regalismo Pombalino.” *Educação Em Debate* 37 (1999): 88–95.
- FERRO, João Pedro. “José Anastácio da Cunha” *Rebeldia 1* (1988). http://members.tripod.com/~gremio_fenix/trabalhos/trab_reb020288.html.
- . *O Processo de José Anastácio Da Cunha 1778*. Lisboa: Palas Editores, 1987.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. *História Da Literatura Clássica*. 2a Época (158-1756). Vol. 2. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1921.
- FIOLHAIS, Carlos. “De Rerum Natura: ‘da Cunha, Matemático, Poeta y Herege,’” Acesso em: junho 16, 2008. <https://dererummundi.blogspot.com/2008/06/da-cunha-matemtico-poeta-y-hereje.html>.
- FISCHER, Caroline. “Aspects Philosophiques de La Littérature Érotique.” In *La Philosophie Clandestine à L’âge Classique*, edição de Voltaire Foundation. Oxford: Voltaire foundation, 1997.
- FLOTTE, Pierre. *L’histoire et l’Inconscient*. Editions du Mont Blanc, 1965.
- FONTENELLE, Bernard Le Bouye de. *Oeuvres de Fontenelle : Études Sur Sa Vie et Son Esprit*. edição de Voltaire, la marquise de Lambert, Grimm, Garat, Sainte-Beuve, e Arsène Houssaye. Paris: Eugène Didier, Éditeur, 1852.

- FOUCAULT, Didier. “Le Libertinage de La Renaissance à l’Âge Classique : Un Territoire Pour l’historien ?” *Les Dossiers Du Grihl* [En Ligne], no. Hors-série no 3 (2022). Acesso em: 3 março, 2023. <https://journals.openedition.org/dossiersgrihl/293>.
- . *Histoire Du Libertinage*. s.l.: Perrin, 2007.
- FRANCO, José Eduardo. *Dicionário Dos Artistas A Cultura Portuguesa Em Negativo - Volumes 1 e 2*. INCM, 2018.
- FREI, Peter. *François Rabelais Le Scandale de La Modernité. Pour Une Herméneutique de l’Obscène Renaissant*. Genève: DROZ, 2015.
- FREIRE, Miguel. “Um Olhar Actual Sobre a ‘Transformação’ Do Conde de Lippe.” *Nação e Defesa*, no. 112 (2005): 137–166.
- FUKUYAMA, Francis. *Liberalismo e Seus Descontentes*. Alfragide: Dom Quixote, 2022.
- GARRET, Almeida. *O Roubo Das Sabinas* Livro 1. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.
- GARRETT, Aaron. “Materialism.” *In The Routledge Companion to Eighteenth Century Philosophy*. Abingdon: Routledge, 2014. Acesso em: março 2, 2023. <https://doi.org/10.4324/9781315815558>.
- GARTON, Stephen. *História Da Sexualidade Da Antiguidade à Revolução Sexual*. Lisboa: Editorial Estampa, 2009.
- GAY, Peter. *The Enlightenment: An Interpretation. The Rise of Modern Paganism*. London: Wildwood House, 1973.
- GIOCANTI, Sylvia. “Commentaire de Sylvia Giocanti à La Note Critique de J.-P. Cavallé.” *Les Dossiers du Grihl*. Open Edition. Acesso em: junho 28, 2007. <https://doi.org/10.4000/DOSSIERSGRIHL.447>.
- GORCEIX, Bernard. “Paracelse (1493-1541).” *In Encyclopædia Universalis* [En Ligne]. Acesso em: Novembro 14, 2022. <https://www.universalis.fr/encyclopedie/paracelse/>.
- GOULEMOT, Jean Marie. *Ces Livres Qu’on Ne Lit Que d’une Main. Lecture et Lecteurs de Livres Pornographiques Au XVIIIe Siècle*. Aix-en- Provence: Alinea, 1991.
- GRAVES, Robert. *The Greek Myths 1*. London: Penguin Books, 1960.
- GREENBLATT, Stephen. *The Swerve: How the World Became Modern*. New York: WW Norton & Co, 2011.
- GREGG, Samuel. *The Essential Natural Law*. Vancouver: Fraser Institute, 2021.

- GREGORY, Tullio. "Libertinisme Érudit in Seventeenth-Century France and Italy: The Critique of Ethics and Religion." In *British Journal for the History of Philosophy*, Vol. 6, Number 3. Stafford s. London: Routledge, 1998.
- GUIMARÃES, Fernando. *Linguagem e Ideologia*. Porto: Editorial Inova, 1972.
- GIGANDET, Alain; MOREL Pierre-Marie. *Lire Épicure et Les Épicuriens*. Paris: PUF, 2007.
- GIRERD, Christophe. *La Sagesse Libertine*. s.l.: Grasset, 2007.
- GREGORY, Tullio. *Genèse de La Raison Classique de Charron à Descartes*. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.
- HADOT, Pierre. "Patristique." In *Encyclopædia Universalis* [En Ligne]. Acesso em: setembro 3, 2022. <https://www.universalis.fr/encyclopedie/patristique/>.
- HÄSELER, Jens. "'Liberté de Pensée'. Éléments d'histoire et Rayonnement d'un Concept'." In *La Philosophie Clandestine à l'Âge Classique. Actes Du Colloque de l'Université Jean Monnet Saint-Étienne Du 29 Septembre Au 2 Octobre 1993*, edição de Antony McKenna e Alain Mothu, 495–507. Paris-Oxford: Universitas et Voltaire Foundation, 1997.
- HOLLEY, Jared. "Rousseau's Reception as an Epicurean: from Atheism to Aesthetics." *History of European Ideas* 45, no. 4 (2019): 553–71. Acesso em: março 2, 2023. <https://doi.org/10.1080/01916599.2018.1563965>.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss Da Língua Portuguesa*, Tomo II D-MRE. Lisboa: Temas e Debates, 2003.
- HUME, David. *Essays on Suicide, and the Immortality of the Soul*. New. Basileia: James Decker, 1799. Acesso em: março, 3 2023. <https://play.google.com/books/reader?id=uBGWba9t9zUC&pg=GBS.PA10&hl=pt-PT>.
- ISRAEL, Jonathan I. "Radical Enlightenment and the Making of the French Revolution (1750-1800)." Acesso em: maio 5, 2022. <https://www.youtube.com/watch?v=WBcP7TAVkNQ>.
- . *Radical Enlightenment: Philosophy and the Making of Modernity 1650-1750*. 1a. Oxford University Press, 2002.
- JEANNERET, Michel. *Éros Rebelle. Littérature et Dissidence à l'Âge Classique*. Paris: Éditions du Seuil, 2003.
- JORGE, Carlos J.F. "Sade Ou a Vertigem Da Natureza." In *O Verosímil e o Labirinto*. Évora: Universidade de Évora - Departamento de Linguística e Literaturas, Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência, 1994.
- KLOSSOWSKI, Pierre. *Sade, Meu Próximo*. s.l: Moraes editores, 1968.

- KOCHAKOWICZ, Leszek. "Libertino." In *Mytos/Logos Sagrado/Profano Vol.12 EINAUDI*. INCM, 1987.
- LABROUSSE, Elisabeth. *Pierre Bayle*. Paris: Éditions Albin Michel, 1996.
- LAGREE, Jacqueline. *La Religion Naturelle*. Paris: PUF, 1991.
- LANE, William C. "Living God Pandeism: Evidential Support." *Zygon* 56, no. 3 (2021): 566–90. Acesso em: março 2, 2023. <https://doi.org/10.1111/zygo.12704>.
- LARIVAILLE, Paul. "L' Arétin (1492-1556)." In *Encyclopædia Universalis* [En Ligne]. Acesso em: março, 3 2023. <https://www.universalis.fr/encyclopedie/l-aretin/>.
- LEIBACHER-OUVRARD, Lise. *Libertinage et Utopies Sous Le Règne de Louis XIV*. Edição de Droz. Genève - Paris: Librairie Droz, 1989.
- LENOBLE, Robert. *Histoire de l'Idée de Nature*. Albin Michel, 1969.
- . *Mersenne ou La Naissance Du Mécanisme*. Paris: J. Vrin, 1943.
- MACHADO, Fernando Augusto. *Rousseau Em Portugal, Da Clandestinidade à Legalidade Vintista*. Porto: Campo das Letras, 2000.
- MACHADO, Maria Constantino Meireles de Sousa. "La Mort d'Agrippine, de Cyrano de Bergerac : Uma Tragédia Sem Eternidade." Universidade do Porto, 2002. Acesso em: novembro 14, 2022. http://aleph.letras.up.pt/F?func=find-b&find_code=SYS&request=000135721.
- MARGOLIN, Jean-Claude. "Cardan Jérôme - (1501-1576)." In *Encyclopædia Universalis* [En Ligne]. Acesso em: novembro 14, 2022. <https://www.universalis.fr/encyclopedie/je-rome-cardan/%0ABIBLIOGRAPHIE>.
- MARTINS, Maria Teresa Esteves Payan. "A Censura Literária Em Portugal Nos Séculos XVII e XVIII." Universidade Nova de Lisboa, 2001.
- MAUZI, Robert. *L'Idée Du Bonheur Dans La Littérature et La Pensée Françaises Au XVIIIe Siècle*. Reprint. Slatkine Reprints, 1979.
- MECHOULAN, Henry; LADURIE, Emmanuel le Roy; ROBINET, André. *L'Etat Baroque, Regards Sur La Pensée Politique de La France Du Premier XVIIe Siècle*. Edited by Centre National de la Recherche Scientifique. Paris: J. Vrin, 1985.
- MCKENNA, Antony. *Entre Descartes de Gassendi. La Première Édition Des Pensées de Pascal*. Oxford: Voltaire Foundation, 1993.
- . *Molière, Dramaturge Libertin*. Paris: Champion Classiques Essais, 2005.
- MCKENNA, Antony; MOREAU, Pierre François. "Les Libertins et Le Masque: Simulation et Représentation. 5." In *Libertinage et Philosophie*. Editado por Institut Claude Longeon - Renaissance Âge Classique. Publications de l'Université de Saint-Étienne, 2001.

- McKENNA, Antony; MOTHU, Alain. *La Philosophie Clandestine à l'Age Classique*. Actes Du Colloque de l'Université Jean Monnet Saint-Etienne Du 29 Septembre Au 2 Octobre 1993. Organizado por Antony McKenna. Paris - Oxford: Universitas, Oxford, 1997.
- MINOIS, Georges. *Le Traité Des Trois Imposteurs - Histoire d'un Livre Blasphématoire Qui n'existait Pas*. s.l.: Albin Michel, 2009.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalves. *D. José. Na Sombra de Pombal*. Mem Martins: Círculo de Leitores, 2006.
- MOREAU, Isabelle. "Jean-Pierre Cavaillé, Les Déniaisés. Irreligion et Libertinage Au Début de l'époque Moderne" 4 (2016). Acesso em: março, 2 2023. <https://journals.openedition.org/rhr/8521>.
- MOREIRA, Fernando Alberto Torres. *Filinto Elísio: O Exílio Ou o Regresso Impossível*. Braga: Edições APPACDM de Braga, s.d.
- . *Processo Inquisitorial de Filinto Elísio*. Braga: Edições APPACDM de Braga, 2000.
- MORAIS, Jorge. *Bocage Maçon*. s.l.: Occidentalis, 2007.
- MOREAU, François. "Libertinage." In *Encyclopédie Philosophique Universelle*. Vol. II: *Les Notions Philosophiques*. t. 1. Paris: PUF, 1990.
- MOTHU, Alain. "L'Antibigot Ou Les "Quatrains Du Déiste." In *La Lettre Clandestine. Déismes et Déistes à l'âge Classique*, Vol. 21. Classiques Garnier, 2013.
- MOUREAU, François. "Libertinage." In *Encyclopédie Philosophique Universelle*. Vol. II: "Les Notions Philosophiques". t. 1. Paris: PUF, 1990.
- NAGY, Peter. *Libertinage et Révolution*. s.l.: Gallimard, 1975.
- NOGUEIRA, Carlos. "A Poesia Portuguesa Erótica e Satírica Do Século XVIII : Do Abade de Jazente a Bocage e a Lobo de Carvalho." *Luso-Brazilian Review* Vol. 49, N, no. *Luso-Braz. Rev.* (2012): 172–87.
- . "'Queima Essas Sátiras Frias, / Faltas de Siso e Conselho': A Sátira Em Nicolau Tolentino,". Cincinnati: *Cincinnati Romance Review* 51 (Fall 2021).
- NUNES, Rossana Agostinho. "Nas Sombras Da Libertinagem: Francisco De Mello Franco (1757-1822) Entre Luzes E Censura No Mundo Luso-Brasileiro." Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2011.
- . "O Cotidiano Da Libertinagem: Discursos e Práticas Sobre a Religião No Mundo Luso-Brasileiro No Final Do Século XVIII." Universidade do Estado do Rio de Janeiro Centro, 2017.
- OLIVEIRA, Márcia Carolina Ferreira de. "A Bibliofilia Em Portugal No Início Da Época Contemporânea o Exemplo de D. Frei Manuel Do Cenáculo." Universidade de Évora, 2012.

- OSTROWIECKI, Hélène. “Entre Nature Stoïque et Nature Sceptique: La Place Des Passions Dans Le Theophrastus Redivivus.” In *Libertinage et Philosophie Au XVIIe Siècle 4, “Gassendi et Les Gassendistes” et “Les Passions Libertines,”* edição de Antony McKenna e Jean François Moreau. Saint-Étienne: Publications de l’Université de Saint-Étienne, 2000.
- PAGANINI, Gianni. “Gianni Paganini. Le Theophrastus Redivivus et Vanini: Une Lecture Selective.” in *Kairos Revue de La Faculté de Philosophie de L’Université de Toulouse-Le Mirail*, edição de Jean Pierre Cavaillé e Didier Foucault, Vol. 12 Vanini. Presses Universitaires du Mirail, 1998.
- . “Le Tournant Du Siècle.” In *Les Philosophies Clandestines à l’âge Classique*, edição de Gianni Paganini. Paris: Presses Universitaires de France, 2005.
- PERRIN, Jean-François, and Philip Stewart. *Du Genre Libertin Au XVIIIe Siècle*. Paris: Desjonquères, 2004.
- PINTARD, René. *Le Libertinage Érudit Dans La Première Moitié Du XVIIe Siècle*. Genève: Éditions Slatkine, 2000.
- PIRES, Daniel. *Bocage Ou o Elogio Da Inquietude*. Lisboa: INCM, 2019.
- PIRES, José Cardoso. *Cartilha Do Marialva Ou Das Negações Libertinas*. Amadora: Dom Quixote, 1999.
- PORRET, Michel. “Chapitre 7. Le Livre Obscène.” In *Sur La Scène Du Crime*. Montréal: Presses de l’Université de Montréal, 2008.
- PORTELA, Artur. *Cavaleiro de Oliveira: Aventureiro Do Século XVIII*. Maia: INCM, 1982.
- QUEIRÓ, João Filipe. “Jose Anastácio da Cunha : Um Matematico a Recordar, 200 Anos Depois.” *Boletim Da Sociedade Portuguesa de Matemática* 14, no. setembro, 1994 (1994): 1–18.
- QUÉVAL, Marie-Hélène. *Orthodoxie et Hétérodoxie : Libertinage et Religion en Europe au Temps des Lumières*. Editado por Institut Claude Longeon - Renaissance et Âge Classique. Saint-Étienne: Publications de l’Université de Saint-Étienne, 2010.
- RABINEAU, Isabelle. *Modernes Libertins - Un Art de La Résistance*. Montreuil: Le Castor Astral, 1994.
- RAMOS, Luís A. de Oliveira. “A Inquisição Pombalina.” *Brotéria* 115, no. Separata n° 2-3-4 (1982): 170–80.
- . “A Irreligião Filosófica Na Província Vista do Santo Ofício Pelos Fins Do Século XVIII.” *Revista Da Faculdade de Letras. Historia*. Queiró no. 5 (1988).
- . *Sob o Signo Das “Luzes”*. s.l.: INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1988.
- RATTNER, Jair Norberto. “Verdades Pobres de Tomás Pinto Brandão : Edição Crítica e Estudo,” 1993. Acesso em: março 3, 2023. <https://run.unl.pt/handle/10362/16353>.

- REGINA, Sílvia La. “Um Poema Inédito de Tomás Pinto Brandão.” In *ANAIS – Filologia, Crítica e Processo de Criação I Congresso Internacional de Estudos Filológicos – CIEF VI Seminário de Estudos Filológicos – SEF*. Bahia, 2012.
- RÊGO, Raul. *O Último Regimento Da Inquisição Portuguesa*. Editora EX. Lisboa: Edições Excelsior, 1971.
- REICHLER, Claude. *L'âge Libertin*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1987.
- RIBEIRO, Aquilino. *Anastácio Da Cunha - O Lente Penitenciado*. 2ª ed. Lisboa: Bertrand, s.d.
- . *Cavaleiro de Oliveira O Galante Século XVIII*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1900.
- S.A. “Cavaleiro de Oliveira Libertino.” Acesso em: março 14, 2023.
https://www.google.com/search?q=cavaleiro+de+oliveira+libertino&ei=QD0QZNubEoSMIQeAvZeYBw&ved=0ahUKewjbu_nUjNv9AhUERuUKHYDeBXMQ4dUDCA8&uact=5&oq=cavaleiro+de+oliveira+libertino&gs_lcp=Cgxnd3Mtd2l6LXNlcnAQAzIFCCEQoAEyBQghEKABOhAILhCxAxCDARDHARDRAxBDOgolABC
- . “Libertinismo.” *Dicionário informal*. Acesso em: outubro 26, 2022.
<https://www.dicionarioinformal.com.br/libertinismo/>.
- . “Real Mesa Censória.” Acesso em: dezembro 20, 2019.
digitarq.arquivos.pt/details?id=4311313.
- . *Dicionário de Sinónimos*. 2ª edição. Porto: Porto Editora, s.d.
- . *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 12o. 6a edição. Lisboa: Editorial Verbo, 1990.
- . *Grande Dicionário Da Língua Portuguesa*, coordenação José Pedro Machado, Vol. III EXAN . MALV Sociedade Da Língua Portuguesa. Edição para o Círculo de Leitores. Lisboa: Publicações Alfa, s.d.
- . *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Volume XV. Lisboa- Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada, s.d.
- . *L'Esprit de Spinoza. Traité Des Trois Imposteurs*, Moise, Jésus, Mahomet. Paris: Max Milo Editions, 2002.
- . *O Instituto: Jornal Científico e Litterario*. - Vol. 38. Acesso em: março 9, 2022.
<https://digitalis.uc.pt/?q=node/73952>.
- . *Dicionário Da Língua Portuguesa Contemporânea Da Academia Das Ciências de Lisboa*. II Volume G-Z. s.l.: Verbo, s.d.
- . *LEXILELLO, Novo Dicionário de Língua Portuguesa (...)*, Volume III F-MENEÁVEL. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1992.

- SANTOS, Ana Clara. “Réception de La Comédie Française Au Portugal.” *Anales de Filologia Francesa*, No 21, 2013, 365–83.
- SANTOS, Ângela Maria dos; LIMA, Gabriel Loureiro de; RALHA, M Elfrida. “José Anastácio Da Cunha (1744-1787): Professor de Matemática José Anastácio Da Cunha (1744-1787): Teacher of Mathematics.” *Revista de Matemática, Ensino e Cultura - REMATEC* 27 (2018).
- SCHINO, Anna Lisa. “La Critique Libertine de La Religion : Mécanismes de Formation Des Croyances et Psychologie Des Masses.” *ThéoRèmes - Penser le Religieux*, 2016. Acesso em: março 2, 2023. <https://doi.org/10.4000/theoremes.880>.
- SECRETAN, Catherine; DAGRON, Tristan; BOVE, Laurent. *Qu’Est-Ce Que Les Lumières Radicales? Libertinage, Ethéisme Et Spinozisme Dans Le Tournant Philosophique De L’Âge Classique*. Paris: Éditions Amsterdam, 2007.
- SEGUIN, Maria Susana. “Introduction.” *La Lettre Clandestine* 29, no. *L’Imposture et la littérature philosophique* (2021) 21–24. Acesso em: março 3, 2023. <https://doi.org/10.48611/isbn.978-2-406-11884-8.p.0021>.
- SFORZINI, Arianna. “L’autre Modernité Du Sujet. Foucault et La Confession de La Chair : Les Pratiques de Subjectivation à l’âge Des Réformes.” *Revue de l’Histoire des Religions*, no. 235 (2018): 485–505.
- SILVA, António de Morais. *Novo Dicionário Compacto Da Língua Portuguesa*, Edição Compacta Do Texto Fundamental Do Grande Dicionário Da Língua Portuguesa. António de Morais Silva. Volume III (F a MONACANTO). 8o. Editorial Confluência, Lda, 1994.
- SILVA, Carvalho e. “Jaime Vicente Gonçalves e a História Da Matemática Em Portugal.” *Boletim Da SPM*, 37, 1997.
- SILVA, Innocencio Francisco da. “Dicionário Bibliográfico Português, Vol. IV.” In *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860. Acesso em: março 2, 2023. https://play.google.com/books/reader?id=zD4ENhJ_wVIC&pg=GBS.PA220&hl=pt_PT.
- . *Dicionário Português Bibliográfico* 1. Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.
- SILVA, Jorge Bastos da. *Utopias de Cordel e Textos Afins. Uma Antologia*. Acesso em: maio 7, 2019. <http://web.lettras.up.pt/utopia/utopiascordel.pdf>.
- SILVA, Vítor Manuel Pires de Aguiar e. *Maneirismo e Barroco Na Poesia Lírica Portuguesa*. Edição de Centro de Estudos Românicos. Coimbra: Alântida, 1971.
- SISMONDI, J.C.L. *Simonde de. De La Littérature Du Midi de l’Europe*. Tome IV. Paris: Trettel et Wurtz, 1813.

- SOUSA, Rui Daniel do Nascimento e. “Libertino: Revisões de Um Conceito Através Do Caso de Luiz Pacheco.” Universidade de Lisboa, 2019.
- STAQUET, Anne. “‘Internet et La Formation Des Réseaux Libertins’ no site do Coloquio *La Pensée, Les Réseaux et l’Ordinateur* organizado Pelo Grupo ‘Réseau-Raison’ No Quebec Em 29 e 30 Setembro 2005.” Acesso em: janeiro 10, 2008.
http://www.fp.ulaval.ca/rr/colloque2005_libertins.htm.
- SUBTIL, José. “O Antigo Regime Vol. IV.” Em *História de Portugal*, edição de José Matoso. s.l.: Editorial Estampa, 1998.
- TALADOIRE, Barthélemy A. “Lucrece (Env. 98-55 Av. J.-C.)” In *Encyclopædia Universalis* [En Ligne]. Acesso em: outubro 11, 2022. <https://www.universalis.fr/encyclopedie/lucrece/>.
- TAPIE, Victor-Lucien. “Fronde” In *Encyclopædia Universalis* [En Ligne]. Acesso em: março 2, 2023. <https://www.universalis.fr/recherche/Fronde/article/1/>
- TESTARD, Maurice. “Les Idées Religieuses de Lucrece.” Bulletin de l’Association Guillaume Budé 1, no. 3 (1976).
- TRICOCHE-RAULINE, Laurence. “Les Libertins Érudits Ou La Morale Des Corrompus.” Études de lettres [En ligne], 2015. Acesso em: março 2, 2023. <https://doi.org/https://doi.org/10.4000/edl.921>.
- VAZ, H C Lima. “Religião e Sociedade nos Últimos Vinte Anos.” *Síntese* 42 (1988): 27–47.
- VELLOSO, Ana Paula Meyer. “Bibliotecas Particulares e Dispositivos de Leitura.” Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.
- VIARRE, Simone. “Ovide (43 Av. J.-C. 17 Apr. J.-C.)” In *Encyclopædia Universalis* [En Ligne]. Acesso em: março 2, 2023. <https://www.universalis.fr/encyclopedie/ovide/>.
- VIDAL, Daniel. “Pierre Bayle, Les Éclaircissements. Édition Des Éclaircissements Du Dictionnaire Historique.” *Archives de Sciences Sociales Des Religions*, no. 152 (2010): 9–242. Acesso em: março 2, 2023. <https://doi.org/10.4000/assr.22631>.
- VILLALTA, Luiz Carlos. *Usos Do Livro No Mundo Luso-Brasileiro Sob as Luzes: Reformas, Censura e Contestações*. Edição de Coleção História. Fino Traço Editora Ltda, 1999.
- WAGNER, Peter. “The Whore’s Story: Women, Pornography, and the British Novel, 1684-1830 (Review)” 15, no. 1 (2002): 139–43.
- WOLFE, Charles T. “Diderot et l’approche Déterministe de l’esprit : Un Autre Déterminisme ?” *Dix-Huitième Siècle* 46 (2014): 132–46. Acesso em: março 2, 2023. <https://hal.science/hal-01232652>